

Marion Zimmer Bradley

OS
CORVOS
DE AVALON

Diana L. Paxson

DIFEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PRÓLOGO

Lhiannon fala:

No Samaine abrimos as portas aos espíritos daqueles que já partiram. Hoje em dia me é mais fácil recordar os mortos do que os vivos. Lembro-me dos pormenores mais insignificantes dos vestidos e hábitos das mulheres que eram sacerdotisas quando eu era jovem e tenho dificuldade em recordar os nomes das raparigas que me servem agora. Mesmo nesta estação de ventos gelados e de folhas caídas, a casa que me construíram sob as árvores de Vernemeton é confortável, mas quando me lembro do nosso santuário na Ilha de

Mona, tudo se transforma numa tarde dourada, pois Oakhalls era um local de magia.

Estas raparigas cresceram sob a sombra de Roma. Como lhes poderei mostrar a glória do mundo em que vivíamos antes da chegada das Legiões? Suponho que não era mais perfeita do que qualquer outra sociedade humana, mas era a nossa. Os druidas de Oakhalls preservaram uma nobre tradição que apenas podemos praticar aqui numa imitação pálida.

Ardanos diz que para sobreviver temos de curvar as cabeças e dissimular os nossos poderes, ceder. Não o contradigo... de que serviria? Mas às vezes desejo poder fazer os jovens compreenderem as razões que nos levaram a combater pela liberdade. Dizem que a Sociedade dos Corvos está a organizar-se novamente. Chamarão a Senhora dos Corvos para liderá-los? Boudica chamou-a e quase fez ajoelhar Roma.

Nesses tempos amávamos intensamente e tínhamos grande coragem. Agora limitamo-nos a agüentar. É a vez de Eilan, a neta de Ardanos vir servir-me. Talvez esta noite, enquanto esperarmos que a procissão dos espíritos chegue à minha porta eu tente contar-lhe a minha história...

UM

Tinham chegado à Ilha dos druidas mesmo antes do pôr do Sol, Boudica sentada muito direita na sela para que ninguém reparasse que estava com medo. Afastou as recordações das águas azuis cobertas e nubladas de magia e dos telhados cônicos recortados contra o céu que escurecia, da multidão de homens barbudos de túnicas brancas e das mulheres veladas com os olhos cheios de segredos e do pequeno choque que sentira quando tinham passado os portões esculpidos e pintados que guardavam Oakhalls.

Tinham-na levado para a Casa das Donzelas. Não sabia se tremia devido à exaustão se por efeito da magia.

— Aqui está sempre frio? — perguntou Boudica. Oito raparigas de tamanhos variados ficaram a olhar para ela.

— Frio? — respondeu uma rapariga de cabelos escuros que lhe fora apresentada como Brenna. — No Inverno sim, mas agora é Primavera! — Estava vestida com a túnica simples, de linho cru e sem mangas que todas vestiam, presa num ombro por um pregador de bronze e um cinto verde.

— Vais aprender a manter aceso o teu fogo interior para não teres frio — continuou Brenna. — Mas por agora vamos ver se conseguimos tornar o ambiente mais quente... — Franziu a testa, concentrando-se, depois fez um gesto e as madeiras na lareira central incendiaram-se subitamente. Pelo seu sorriso, Boudica deduziu que Brenna aprendera recentemente aquela técnica.

Retribuiu-lhe o sorriso, tentando não deixar transparecer o quanto aquele truque a tinha impressionado.

Tinha plena consciência de que não mudara a túnica de lã e as calças durante o mês inteiro de viagem, mas as roupas simples que as outras raparigas tinham vestidas não lhe pareciam grande alternativa. Quanto a tomar banho.... Provavelmente os druidas banhavam-se nas águas geladas do ribeiro. Endireitou e afagou a pele de raposa que debruava a sua capa e que era quase da mesma cor do seu cabelo. Era preferível acharem-na vaidosa a acharem-na fraca. Chorara nas primeiras noites da sua viagem através da Britânia, embrulhada na capa e em cobertores, deitada no chão duro, mas agora não o faria.

— Vens das terras dos Icenos, não é? Deixa-me apresentar-te o resto do grupo. Esta é a Coventa... — Brenna pôs um braço por cima de uma menininha pequena e loira. — Vem, como eu, das terras dos Brigantes. E esta é a Mandua, dos Atrébates... — apontou para uma rapariga mais velha com um ar pouco satisfeito. À medida que os nomes iam sendo pronunciados, Boudica apercebia-se dos olhares curiosos e avaliadores.

Dado estarem todas vestidas da mesma maneira, não conseguia distinguir quais as raparigas que eram filhas de chefes tribais das que eram filhas de camponeses. Esse era provavelmente o objetivo das roupas iguais. Era tradição fazer com que os filhos das boas famílias passassem uma ou duas estações com os druidas para que obtivessem instrução numa filosofia mais profunda do que as superstições das pessoas comuns. Mas os filhos dos camponeses, escolhidos pelos sacerdotes devido ao seu talento, podiam muito bem olhar com desdém para aqueles cuja única qualificação para ali

estarem era o seu nascimento. Boudica já jurara a si própria que não teriam razões para olharem com desdém para *ela*.

— Mas a ilha de Mona não pertence a tribo nenhuma — terminou Brenna. — Foi por essa razão que a Escola dos Mistérios foi estabelecida aqui em Oakhalls.

— De verdade? — perguntou Mandua. — Pensei que nos tínhamos instalado aqui no fim do mundo para ficarmos fora do alcance de Roma.

Boudica sentou-se na cama recordando as montanhas enormes e imponentes por que tinham passado. E, no entanto, o caminho, ainda que penoso, levava-a até ali. Na casa de Cunobelin, em Camulodunon, parecera que nada estava fora do alcance de Roma. Mas aqui, tão longe de tudo quanto conhecera, não se sentia tão certa disso. Conseguiu sorrir alegremente para benefício das outras raparigas.

— Abenção a hora do nosso encontro. Tenho a certeza de que todas vocês terão muito para me contar...

— É à Lhiannon que tens que dar ouvidos — disse a pequena Coventa com uma gargalhada. — A Helve tem o título de Senhora da Casa das Donzelas, mas a Lhiannon é quem faz o trabalho... — Calou-se ao ver o cenho franzido de Brenna. — Ora, é *verdade*, e não é a Verdade o que procuramos aqui?

Boudica ergueu uma sobrancelha. — Se é, então os druidas são diferentes de todas as outras pessoas que já conheci — disse secamente.

— Achas que sabes tudo por teres sido criada no forte de um rei? — argumentou Brenna. — Nós aqui servimos os deuses!

— Mas vocês ainda não são deuses. — Boudica encolheu os ombros. — Os druidas que serviam o rei Cunobelin estavam tão ávidos de poder como qualquer um dos seus chefes tribais.

Coventa franziu o sobrolho. — Talvez viver no mundo os tenha corrompido.

— Bem, não vamos discutir na tua primeira noite entre nós disse Brenna em tom apaziguador. — Como é que era em Camulodunon? O forte de Cunobelin tem mesmo tetos de ouro e paredes de mármore?

Boudica riu-se.

— Só o dourado da palha, mas esta é posta por camadas com diversos padrões e os muros exteriores são caiados e pintados com espirais coloridas.

— Parece um palácio dos deuses — suspirou Brenna.

— E era... — ofegou Boudica com os olhos a arder devido a uma súbita saudade do local que fora a sua casa desde os sete anos. Mas o grande rei estava morto, a sua casa dispersa e o seu pai enviara-a para ali para o fim do mundo.

— Aqui não somos deuses mas não te deixaremos morrer à fome... — disse uma voz vinda da porta.

Erguendo os olhos Boudica viu uma jovem esbelta, com a túnica azul das sacerdotisas ordenadas e o cabelo loiro caído até meio das costas por baixo de um véu escuro. Quando ela entrou na cabana as raparigas levantaram-se e fizeram uma vênia.

Boudica lançou-lhe um olhar dissimulado tentando perceber o que ela ouvira. Se aquela mulher tinha poder ali, então teria de ser tratada com cuidado. Olhou novamente para ela e encontrou uns olhos de um azul tão claro que pareciam luminosos. O crescente azul da Deusa estava tatuado entre as sobrancelhas claras.

— Chamo-me Lhiannon... — disse então a mulher. Quando sorriu, as pestanas velaram o olhar azul e Boudica conseguiu desviar os olhos. — Vou ser a tua mestra.

*

O ribeiro corria rápido e forte. No céu três corvos crocitavam enquanto dançavam ao vento.

Boudica estava satisfeita por ter uma pausa nas lições, mas lutar contra as águas não era a sua ideia de divertimento. Avançou cuidadosamente até ao meio da corrente onde as águas acastanhadas borbulhavam em torno de um emaranhado de ramos. Dizia-se que o ribeiro era sagrado para a deusa Brigantia mas, se tal era verdade, então a deusa estava muito zangada.

Os sacerdotes tinham mandado todos os jovens limpar o curso do ribeiro que passava por trás de Oakhalls e que corria agora inchado pelas águas das chuvas da Primavera. As cheias tinham arrastado uma quantidade de destroços que obstruíam o curso do ribeiro ameaçando provocar a inundação das cabanas, e a vala que impedia que o gado entrasse na aldeia não era suficientemente profunda para dar vazão à água. Como Lhiannon dissera, precisavam sempre de lenha. Teria sido uma ingratidão desperdiçar aquela oferenda.

O jovem sacerdote Ardanos que, segundo as raparigas, andava a fazer a corte a Lhiannon, dissera-lhes que limpar o ribeiro seria prestar um serviço ao espírito que ali vivia. Boudica esperava que assim fosse. Agarrou firmemente o ramo mais próximo e começou a puxar, praguejou quando os dedos escorregaram na madeira molhada e puxou novamente. Qualquer coisa cedeu e depois ficou presa. Um ramo enredara-se noutra tronco e mantinha-se imóvel. Era evidente que, para aquela tarefa, eram necessárias mais mãos. Virou-se, semicerrando os olhos, à procura das outras. Acumulavam-

se nuvens no céu. A costa rochosa fronteira ao mar de Eriu apanharia com a pior parte da tempestade, mas a chuva atravessaria toda a ilha.

— Mandua! — Chamou reconhecendo a trança castanha da rapariga. — Mandua... puxa aí esse ramo para eu conseguir libertar este! — A outra rapariga virou-se surpreendida, atirou o ramo que tinha na mão para a margem e começou a descer o ribeiro.

Fora uma boa ideia, pensou Boudica quando conseguiu soltar o ramo. Um tronco daquele tamanho arderia durante horas. E aquela pilha estava cheia de outros troncos do mesmo tamanho. Achou que seria uma pena perder tempo a arrastar o tronco até à margem. Olhou para as outras formas enlameadas.

— Senora! Coventa! Venham cá. Podemos transportar esta madeira muito mais depressa se a passarmos de mão em mão! Os rapazes não vão conseguir apanhar nada que se pareça. — Quando elas a olharam com ar duvidoso, apontou para mais abaixo onde os rapazes estavam a trabalhar. — Prometeram-nos que quem conseguisse fazer a maior pilha de lenha teria bolos de mel esta noite.

Em poucos minutos conseguiu pôr Brenna e Kea a tratar do monte de madeira seguinte com as raparigas menores a ajudá-las. Boudica puxou a madeira molhada com os lábios arreganhados num esgar feroz. Já não lhe importava que aquele não fosse um trabalho digno de uma mulher icena de sangue real. Muitos dos costumes dos druidas eram de tal forma estranhos, que era um alívio poder dedicar-se a qualquer coisa que conseguisse *fazer* realmente!

Perdida no ritmo do trabalho não prestava atenção a mais nada senão aos montes de ramos na sua frente. Foi só quando não apareceram mãos para receber o tronco seguinte que voltou a prestar atenção ao que a rodeava.

— Não consigo agarrá-lo Boudica... tenho as mãos dormentes!
— Senora ergueu as mãos.

— Troca de lugar com a Coventa e enfia as mãos debaixo dos braços enquanto esperas que ela te passe o seguinte — ordenou. —

Vá lá Coventa... não, não é demasiado fundo. Vá, agarra nesta ponta do pau e passa-o.

Coventa estava com um ar quase tão pálido como a Senora mas obedeceu. As outras também já começavam a queixar-se. Boudica também estava molhada e com frio, mas não deixava que isso interferisse com o seu trabalho. Estavam a progredir a bom ritmo. A água castanha corria célere nos locais onde tinham limpo o leito do ribeiro e a pilha de madeira na margem já era mais alta do que Coventa.

— Não fizemos já o suficiente? — perguntou Mandua gritando para se fazer ouvir por cima do barulho das águas. — Já nem sinto os pés!

— Não até termos *terminado!* — gritou Boudica. — Olha, só falta mais um monte e a nossa parte do ribeiro fica limpa.

A luz estava a ficar mais fraca mas conseguia ver onde tinha que agarrar o pedaço de madeira seguinte. Avançou lentamente na sua

direção, resistindo à corrente que fora ficando mais forte à medida que os detritos iam sendo removidos. Quando tocou no ramo ouviu um grito.

— A Coventa! A Coventa caiu! — Senora esbracejava desesperadamente apontando para baixo, para a corrente.

Boudica avistou um pedaço de tecido pálido que passava perto e atirou-se num mergulho. As suas mãos, mais frias do que quisera admitir, tentaram agarrar o tecido e falharam. Mergulhou, fez força com os pés no chão, atirou-se e apanhou a outra rapariga por um braço. A pele fria de Coventa estava escorregadia, mas Boudica agarrou-se a ela. Ficaram ambas debaixo de água. Seria o ramo de um tronco afundado que a prendia ou eram mãos que a tentavam manter debaixo de água? Debateu-se mais uma vez para se pôr de pé, abraçada ao corpo de Coventa. Brenna caminhava na sua direção por dentro de água com as outras no seu encalço. Passaram a rapariga de mão em mão até à margem e depois Brenna ajudou Boudica a chegar a terra, onde esta se sentou a bater os dentes de frio e de choque.

Ardanos ajudou-a a levantar-se e levaram-na para a Casa das Donzelas. Coventa fora levada para os curandeiros, mas ninguém parecia muito interessado no fato de ela própria estar molhada e

gelada até aos ossos. Secou-se o melhor que pode e enfiou uma túnica de lã e a capa debruada com pele de raposa e depois sentou-se junto à lareira, tendo por única companhia a cabeça de pedra no nicho junto à porta do espírito guardião da casa.

Iriam mandá-la de volta para casa? Boudica não sabia se deveria ter esperança ou receio de que tal acontecesse. Regressar a casa derrotada vexar-lhe-ia a alma. Preferia ficar o ano inteiro e depois, quando os homens da tribo viessem trazer as oferendas do próximo ano, iria com eles

O seu cabelo secara e passara do vermelho-escuro para os habituais caracóis vermelho-dourados quando a pele que cobria a porta foi afastada e Boudica ergueu os olhos reconhecendo a silhueta esbelta de Lhiannon recortada na escuridão.

— Porque estás aí sentada? O jantar está pronto e vi que não estavas lá. Não tens fome?

Boudica assentiu. — Ninguém me veio ver. Pensei que estava a ser castigada

— Ah... — Lhiannon remexeu nos carvões e uma chama refletiu-se nos seus cabelos claros. Com um suspiro sentou-se do outro lado da lareira. — E achas que merecias sê-lo?

— Não! — A resposta explodiu. — Foi um acidente! O rio vinha com muita força... qualquer um podia ter caído! E... acho que o espírito do rio quer um sacrifício.

— Já tratamos disso — respondeu Lhiannon. Esperou, fixando os olhos azuis e calmos na rapariga até esta recuperar novamente o controle da respiração.

— A Coventa está bem? — Boudica engoliu em seco lembrando-se do corpo inerte da rapariga nos seus braços.

— Bem — disse Lhiannon —, ainda que não tenha sido a primeira coisa que disseste, pelo menos perguntaste... Achamos que a Coventa bateu com a cabeça numa pedra quando caiu. Mas já está acordada e a querer comer. Os curandeiros vão ficar com ela algum tempo para se certificarem de que a água que engoliu não lhe fez mal, mas acham que ela vai recuperar bem

— Fico feliz — murmurou ela. Recostou-se, aliviada pela descarga do medo que não soubera que sentira e que lhe enviou uma onda de calor pelas veias.

— E deves mesmo ficar. Portanto vou perguntar novamente: achas que te devíamos castigar?

Boudica encolheu os ombros. — As pessoas procuram sempre um culpado quando qualquer coisa corre mal. — Vira isso acontecer a toda a hora no salão do Rei Cunobelin.

— Vejamos as coisas de outro ponto de vista — disse então Lhiannon. — Se a Coventa tivesse morrido, ficarias a dever uma compensação pela sua morte?

Boudica olhou para ela, percebendo que aquela era uma pergunta diferente. — Estás a perguntar se o que aconteceu foi responsabilidade minha?

Lhiannon olhou-a com os olhos pálidos a brilhar ligeiramente. — Porque é que a Coventa estava dentro de água?

— Porque tu nos mandaste tirar a madeira que estava a bloquear a corrente! — ripostou Boudica.

— É verdade e não devias ficar surpreendida ao descobrir que a alta sacerdotisa e eu já tivemos a mesma conversa que estás a ter comigo agora. O fato de vocês estarem na água é responsabilidade minha e eu deveria lá ter ficado para vos vigiar.

— Mas nós estávamos a ir muito bem...

— Era um bom plano — concordou Lhiannon —, mas até mesmo o melhor dos guerreiros não consegue lutar bem com uma espada fraca.

Boudica franziu o sobrolho, visualizando o corpo franzino da rapariga mais nova. — Ela era demasiado pequena... — disse finalmente.

— Não estava à altura da tarefa que lhe atribuíste e todas vós tiveram de trabalhar duramente e durante demasiado tempo. Parece-me bem que nunca passaste muito tempo com outras crianças... não é verdade? — Como Boudica assentisse, ela continuou: — És da raça dos Belgas, um povo alto e vigoroso e tu própria és mais forte do que a maioria das raparigas da tua idade. Tens que aprender a ver os outros como eles são e não como desejadas que eles fossem. Assumiste a liderança e, portanto, elas eram uma responsabilidade tua.

— O Rei Cunobelin tinha um dom especial para isso... — disse Boudica. — Até mesmo quando os homens tentavam traí-lo serviam os seus objetivos, pois ele punha-os em posições onde as suas inclinações naturais os levavam a trabalhar em seu favor. Mas eu sou só uma menina... nunca pensei...

— Pensas que por seres mulher não tens poder? Dizem que entre os Romanos as coisas são diferentes, mas nós, os druidas, sabemos que a Deusa é a fonte da soberania e que é através das rainhas e das sacerdotisas que esta é concedida aos homens. E tu descendes de várias gerações de chefes tribais. Não me surpreende que as outras raparigas te tenham obedecido.

A rapariga sobressaltou-se com o tom da sua voz. Que sabia aquela mulher dos costumes dos reis? Mas tinha razão num ponto: Boudica sempre estivera sujeita a alguém. Nunca lhe ocorrera que pudesse ter poder.

— Estou a perceber — disse lentamente.

— Bem. Se percebes então este dia já nos deu qualquer coisa de útil! — disse Lhiannon bruscamente. — Vem comigo agora para encheres a barriga com comida quente e depois, se quiseres, podemos fazer uma visita à Coventa para te certificares de que ela está bem.

*

Na semana após o quase afogamento de Coventa, uma última tempestade fez com que as águas descessem ruidosamente pelo leito desimpedido do ribeiro. Depois o tempo aqueceu como se o espírito do ribeiro, tendo sido aplacado, tivesse trazido a Primavera.

Foi só na noite da Lua Nova que Lhiannon teve oportunidade de falar com Ardanos.

Quando atravessavam o bosque em direção ao pomar ele abrandou a passada habitualmente larga para acompanhar o ritmo dela. Era pouco mais alto do que ela e o seu corpo era seco e rijo mas, não sendo musculoso, era senhor de uma autoridade natural e os outros homens respeitavam-no. Ia a assobiar baixinho. Ela corou ao aperceber-se de que era a canção que escrevera para ela:

A minha amada é uma rapariga com cabelos de linho dourado,

Olhos da cor do céu de Verão,

Os juncos curvam-se de inveja perante os seus passos,

Os salgueiros balançam e suspiram...

Apercebendo-se da sua reação ele riu-se. — E como se está a adaptar a nossa princesa dos Icenos? — perguntou.

— Temo que esteja demasiado consciente do fato de que é uma princesa — respondeu Lhiannon. Baixou a voz quando um grupo de jovens sacerdotisas passou por eles, os seus mantos uma mancha pálida à luz do crepúsculo. — Mas é uma líder inata. É capaz de chegar a sacerdotisa se conseguir aprender a ser humilde.

— Ah, bem, não seria a primeira a ter esse problema... — respondeu Ardanos.

Lhiannon seguiu-lhe o olhar. Havia muito tempo que aquela parte da floresta fora plantada num triplo círculo de carvalhos cujas folhas denteadas murmuravam suavemente na brisa noturna. A Lua brilhava como uma pérola redonda do rio apanhada numa rede de ramos. As capas das sacerdotisas eram um borrão escuro sob as árvores.

Ardanos referia-se a Helve, mas não era ele quem tinha que trabalhar com a mulher, pensou ela. Apertou-lhe a mão em concordância antes de atravessar o relvado para se juntar às outras mulheres.

— Lhiannon, é muita amabilidade tua juntares-te a nós... — disse Helve. Era uma sacerdotisa importante e quase tão talentosa como acreditava ser. Lhiannon não percebeu bem se ela estava a ser irônica. — Foi difícil pôr as raparigas a dormir?

Se lá tivesses ido, pensou, não terias que perguntar.

— A nova, a rapariga dos Icenos, vale a pena ser observada... talvez eu devesse ficar com ela para a formação especial — disse Helve.

— És a Senhora da Casa das Donzelas — disse Lhiannon calmamente, mas estava a pensar: *Se queres ensinar a Boudica, sugiro que comeces por saber qual o seu nome!*

Não tinha a certeza se devia desejar que Helve a livrasse da rapariga ou se o deveria rezear. Boudica era tão orgulhosa como a sacerdotisa e era capaz de ainda ser mais teimosa. Ou, pior ainda, iria Helve encorajar a sua arrogância em vez de lhe ensinar a humildade?

Um tinido de campainhas ecoou por todo o círculo. Escoltada pelas suas aias, a alta sacerdotisa emergia de entre as árvores. Movendo-se ao ritmo ritual, a figura robusta de Mearan tinha uma graciosidade equilibrada. Embora toda a comunidade celebrasse em conjunto, os ritos da Lua pertenciam às sacerdotisas, enquanto que os sacerdotes eram responsáveis pelos rituais solares e esta era a hora da Senhora.

— Olhai, oh minhas filhas, como a Senhora Lua brilha sobre nós. — A voz da alta sacerdotisa ecoou pelo círculo. — Ela levanta-se cedo e cedo procura a sua cama... jovem e cheia de promessas, tal como as crianças que nos procuram para que as ensinemos. Conosco aprenderão as nossas tradições tão antigas. Mas que aprenderemos nós com elas? Esta noite pedimos à Deusa que abra

os nossos corações e as nossas mentes. Pois apesar de a sabedoria dos mais velhos permanecer, o mundo está em permanente mudança e o significado da sabedoria muda também. Não nos servirá de nada permanecermos na segurança da nossa ilha se nos afastarmos tanto daqueles que estamos aqui para servir que eles acabem por não conseguir entender as nossas palavras.

O círculo estava em silêncio. No bosque de carvalhos, um pássaro piou e depois ficou silencioso. Concentrando-se nas suas ligações à terra, Lhiannon tentou livrar-se de todas as tensões. O silêncio tornou-se mais profundo quando as outras mulheres fizeram o mesmo e a atmosfera do círculo ficou carregada de energia.

A alta sacerdotisa aproximou-se da pedra que se erguia no centro. — A Ti, amada Senhora, trazemos estas oferendas. — Uma a uma as suas aias depositaram as flores primaveris que traziam em cima da pedra e Lhiannon e as outras sacerdotisas avançaram, rodeando-as.

— Deusa sagrada, Deusa sagrada... — As vozes das mulheres cresceram, invocando o nome sagrado em harmonias entretecidas.

«Sob estas velhas árvores sagradas Lança agora a Tua bela luz prateada; Desvenda a Tua face para que a vejamos Desvelada, brilhando na noite...»

Mearan estava de pé perante o altar com as mãos erguidas em adoração. À medida que a canção continuava, o luar parecia concentrar-se nela, enquanto, doce e suavemente, a Deusa entrava. A sua figura robusta tornou-se mais alta, o seu rosto radiante; resplandecia de poder. Naquele momento estava esquecida a expressão colérica que a Deusa exibia quando os homens lhe chamavam Corvo da Batalha. Era a doce Senhora da Roda Prateada quem lhes aparecera ali.

— Deusa sagrada, Deusa sagrada... — Os homens cantavam como se a terra sólida tivesse encontrado voz para responder.

«Brilha sobre a terra fértil,

Brilha resplandecente sobre o mar fragoroso;

Envia a Tua terna luz para abençoar

Todos os seres vivos que Te invocam.»

A Deusa virou-se com as mãos abertas numa bênção. No Seu olhar profundo encontravam perdão, compreensão, amor.

Lhiannon suspirou, deixando escapar o último dos seus ressentimentos. Como se aquela fosse a oferenda aguardada, sentiu a alma encher-se das alvuras da paz. *Ah Boudica, é isto que temos para te oferecer* — o pensamento vagabundo ocorreu-lhe. *Espero que um dia o compreendas...* Depois também aquela ideia desapareceu e ficou apenas a luz.

*

Foi só depois da chegada do Outono que Boudica foi chamada para o serviço da Senhora Mearan. A alta sacerdotisa ocupava uma cabana grande na orla do bosque sagrado. A cada mudança de Lua duas donzelas e uma das sacerdotisas mais jovens iam viver com ela.

Boudica disse a si própria que não havia razão para se sentir nervosa. Servira no forte de um grande rei. Mas os reis emanavam apenas um poder físico. A vida entre os druidas não era repleta de sinais e maravilhas, mas até mesmo naqueles poucos meses já vislumbrara o número suficiente de coisas estranhas para saber que ali havia poder. E, no entanto, na vida quotidiana, a alta sacerdotisa não parecia muito diferente de qualquer outra mulher da sua idade. Enfiava os braços nas mangas da túnica um de cada vez, e ficava

com os membros presos se as aias não dobravam corretamente a roupa. Mas Boudica sabia sempre se a alta sacerdotisa estava a olhar para ela.

Na casa da alta sacerdotisa os odores doces das ervas a secar misturavam-se com o fumo da lareira e havia sempre um recipiente de cobre com água pendurado por cima do lume. Os únicos sons eram os das vozes das mulheres, o crepitar do lume e o murmúrio da chuva a cair.

Numa dessas noites, em que o crepúsculo chegou cedo, Boudica deu por si a sós com a alta sacerdotisa quanto as outras iam buscar comida para a refeição da noite. Ficou tensa quando a mulher mais velha a mandou sentar-se perto dela.

— Então, sentes-te feliz aqui conosco? — perguntou Mearan.

A rapariga arriscou um olhar rápido na direção da sacerdotisa. A idade amolecera a carne que cobria os ossos fortes, mas os olhos

escuros da mulher eram como um lago profundo nos quais as desculpas ou prevaricações se limitariam a desaparecer.

— Eu gosto de Oakhills — disse Boudica abruptamente. — Mas não tenho talento para as coisas que vocês aqui fazem e não gosto que me tratem como se fosse um bebê por não as conseguir fazer...

— Ver o que tem que ser feito e levar os outros a fazê-lo também é um dom — disse a sacerdotisa. — Não tenhas tanta certeza das coisas que consegues e não consegues fazer...

Boudica estava a tentar encontrar as palavras adequadas para pedir à sacerdotisa que se explicasse melhor quando ouviu vozes junto à porta.

Mandua afastou a cortina com o ombro e foi seguida por Lhiannon e por Coventa, todas carregadas com a comida. Foram seguidas por uma rajada de chuva gelada.

— Isto tem um ótimo aspecto — disse a alta sacerdotisa. — E a água da minha panela está quase a ferver e em breve teremos uma tisana.

— E pão de aveia? — perguntou Coventa esperançada.

—Assim que a pedra estiver quente... — respondeu Boudica juntando um pouco de gordura à tigela de farinha de aveia. Era agradável ouvir a chuva a bater nas árvores lá fora, sentada com as amigas ao pé de um bom fogo. Despejou leite azedo na mistura, moldando tudo até formar uma pasta, salpicou uma tábua com aveia e passou a massa pelos grãos, sujando os dedos com farinha antes de começar a amassar. A luz rosada coloria as pregas dos mantos pendurados e tocava de magia as formas de sacos e caixas menos identificáveis. Provavelmente, pensou ela, eram *mesmo* mágicos: ervas e pedras e pedaços disto e daquilo, as coisas de que os druidas necessitavam para os seus feitiços.

Coventa despejou uma gota do chá de ervas sobre a pedra de ardósia que tinham posto por cima dos carvões. Ouvindo-a fervilhar, Boudica fez um círculo com a massa e dividiu-a rapidamente em quatro. Pôs um pouco de gordura em cima da pedra e esta ficou pronta para fazer os pães. Passados instantes o cheiro quente da aveia a cozer misturou-se com os outros odores na sala.

— Ouçam o vento! — disse Mandua estremeçando.

— Murmura histórias de todos os locais onde já estive — concordou Coventa.

— Ou grita-as — corrigiu-a Boudica, ouvindo o barulho que o vento fazia na estrutura de ramos que suportava o telhado cônico de colmo quando esta estremeceu sob o impacto de uma nova rajada. Lhiannon sorriu. — Quando as noites estão assim penso sempre naqueles que venceram as tempestades para chegar a esta ilha. Dizem que os primeiros sábios que viveram em Avalon chegaram ali vindos de uma grande ilha que foi submersa pelo mar.

— Mas como é que os druidas vieram para aqui? — perguntou Coventa passando os pães fumegantes da pedra para um cesto.

— Parece ser uma noite apropriada para contar histórias... — A sacerdotisa pôs um pouco de mel no seu pão e deu uma dentada com um suspiro de satisfação. — Os primeiros sacerdotes do Carvalho devem ter achado o oceano assustador quando aqui chegaram, seguindo os primeiros chefes guerreiros celtas, e viram esta terra. O seu povo crescera muito e os seus clãs tinham-se espalhado em todas as direções. Alguns partiram para norte para se instalarem na Gália e, de lá, aventuraram-se para estas ilhas.

— Os Atrébates pertencem às tribos belgas e foram os últimos a vir para aqui, e os príncipes que reinam nas terras dos Icenos... — acrescentou Lhiannon. — Apesar de haver sangue mais antigo entre o povo que governam. — Virou-se para a alta sacerdotisa. — Qual foi o primeiro da nossa Ordem a vir para Avalon?

— O primeiro? — Mearan sorriu. — Segundo a tradição, não foi um sacerdote o primeiro a chegar a Avalon, mas sim uma sacerdotisa fugida da destruição do seu forte numa das primeiras guerras. Chamava-se Rhian. As tempestades de Inverno tinham sido violentas, fazendo com que Avalon se tornasse mesmo numa ilha. Com esse tempo, quando as brumas cobrem os pântanos, é fácil

perdermo-nos. Rhian vagueou por entre as brumas, encharcada e a tremer, até que chegou... — Mearan fez uma pausa para dar um golo no chá.

— A Avalon? — perguntou Coventa ansiosa.

A sacerdotisa abanou a cabeça. — Chegou a um sítio sem sol nem lua, onde as árvores estão sempre em flor e carregadas de frutos. E a rainha do seu povo, que está aqui a mais tempo do que qualquer habitante humano destas ilhas recebeu-a. E ela ali ficou durante um tempo fora do tempo e, quando ficou curada, atravessou novamente as brumas. Foi assim que chegou a Avalon.

— Viviam lá sacerdotisas? — perguntou Boudica.

— Sacerdotisas e sacerdotes — replicou Mearan. — Descendentes dos primeiros habitantes destas ilhas e mestres de uma alta magia que viera das Terras Alagadas. Mas havia uma diferença: enquanto que entre esses primeiros druidas as sacerdotisas existiam apenas para servir os sacerdotes durante os

rituais, em Avalon sacerdote e sacerdotisa trabalhavam em conjunto e era a senhora de Avalon quem possuía o maior poder.

— E essa continua a ser a diferença entre a nossa Ordem aqui e a forma como é, ou era, na Gália — acrescentou Lhiannon.

— As mulheres sábias de Avalon ensinaram Rhian e enviaram-na de volta para fazer a paz entre o seu povo e os homens da raça antiga e, embora as guerras e as sortidas tenham continuado, deixaram de ser tão ferozes como no passado e, por fim, tornamos no povo único que somos hoje.

— E todos os homens honram as nossas sacerdotisas — acrescentou Coventa toda satisfeita

— Temos de zelar para merecer essa reverência — disse Lhiannon.

DOIS

— Um é para a Fonte, a Origem Divina, inominável, desconhecida, para além da percepção... — entoavam os rapazes e as raparigas sentados por baixo da árvore.

Pela primeira vez, em semanas, as nuvens tinham deixado passar um pouco de luz do Sol e os mestres tinham levado os alunos para a rua para que a gozassem. Ardanos deixara os aprendizes de bardo a praticar no bosque. Até mesmo os seus erros pareciam doces no ar primaveril.

A verdade pode muito bem ser só Uma, pensou Lhiannon, mas as suas manifestações no mundo estão a mudar constantemente. A ideia fê-la estremecer.

— Dois é para o Deus e a Deusa, macho e fêmea, luz e trevas, todos os opostos que se encontram e se separam e se juntam novamente — proferiu as palavras sem pensar e depois calou-se.

Dentro de uma semana acenderiam as fogueiras de Beltane. Nos festivais em que homens e mulheres se deitavam juntos para trazer o poder do Senhor e da Senhora ao mundo, só as sacerdotisas com votos de celibato para preservação de poderes mágicos superiores ficavam à parte. Lançou um olhar rápido a Ardanos que estava sentado do outro lado do círculo e sentiu o sangue quente enrubescer-lhe as faces.

Mesmo sentado do outro lado do círculo conseguia sentir o seu desejo por ela. Quando o Inverno gelava todos os fogos era fácil negar as exigências do corpo, mas quando o Sol despertava novas vidas em cada folha e em cada erva, lembrava-se de que era jovem e estava apaixonada.

— Três é para a criança Divina que nasce da sua união, e três são os rostos da Deusa que dá vida ao mundo. — O sol primaveril passava filtrado pelas folhas jovens, coroando os estudantes de luz. O cabelo loiro de Coventa brilhava, prateado e por trás dela avistou uma cabeça curvada que parecia incendiada de fogo e que só podia pertencer a Boudica.

Seriam aquelas as únicas filhas que Lhiannon alguma vez teria? Olhou novamente para Ardanos. Podia sonhar em dar-lhe uma criança, mas nunca se interessara muito por bebês. Que outros criassem corpos... ali em Mona, ela e Ardanos formavam mentes e almas.

E todavia... queria sentar-se no lugar da profecia e atravessar os céus, mas também desejava a força dos braços magros dele em volta do seu corpo. Os druidas mais velhos ensinavam que tinha que se escolher entre o corpo e a alma. Os lábios de Lhiannon continuavam a mover-se ao ritmo do cântico, mas a sua mente estava muito longe.

Enquanto os mais jovens regressavam em tropel a Oakhalls, Lhiannon ouvia-os a especular sobre o que tinham ouvido. Boudica, em particular, parecia estar pensativa. Já não era sem tempo. Passado pouco mais de um ano de ali estar a rapariga por vezes

ainda se comportava como... como um Romano de visita aos bárbaros. Mas esqueceu Boudica quando sentiu um calor a seu lado e se virou e viu Ardanos. Todo o seu corpo se arrepiou quando ele lhe pegou na mão.

— Quando leio os céus estes dizem-me que Beltane se aproxima. .. — disse ele suavemente. — Queres dançar comigo quando acenderem a primeira fogueira da festa?

Deitas-te comigo? Não precisava de pronunciar as palavras em voz alta.

Os sacerdotes diziam que o fluxo de energia no corpo se alterava quando uma mulher se deitava com um homem, bloqueando os canais através dos quais as profecias fluíam. Mas que possibilidades tinha Lhiannon de se vir a sentar no banco do oráculo enquanto Helve fosse a preferida dos sacerdotes? A energia que fluía entre homem e mulher despoletava outro tipo de poder. Seria ela suficientemente idiota para recusar o êxtase em troca de uma oportunidade que poderia nunca surgir?

Não conseguia falar, mas apertou a mão dele com força e percebeu que o seu corpo lhe tinha respondido.

*

— Mas as raparigas não jogam *hurley*¹! Boudica, eles nunca te vão deixar entrar no campo! — gritou Coventa agarrando-a por uma manga. No campo soaram gritos quando um dos jogadores apanhou a bola de couro e a lançou na direção da baliza com o *stick*.

Boudica resistiu ao impulso de continuar a andar arrastando a menininha atrás de si. Com quinze anos já atingira praticamente a sua altura máxima.

— É um jogo de treino para os guerreiros — disse Coventa quando recuperou o fôlego. — Nos velhos tempos não era uma bola o que eles lançavam com os *sticks*, mas sim a cabeça de um inimigo.

— Eu sei! — retorquiu Boudica. — Na minha tribo também jogam o mesmo jogo. Mas os druidas não combatem, portanto porque é que eles estão a jogar? De qualquer maneira em Eriu as mulheres continuam a ir à guerra.

Coventa pestanejou, tentando perceber a lógica daquele raciocínio, e Boudica avançou novamente. Os druidas sabiam que uma mente sã funcionava melhor num corpo sã e um grande prado próximo de Oakhalls fora transformado em campo de jogos.

Quando trinta rapazes perseguem uma bola usando os joelhos, cotovelos e paus de madeira com um metro de comprimento, o jogo

pode tornar-se quase tão perigoso como um campo de batalha. Era apenas uma questão de tempo até alguém ficar fora do jogo.

— Ora, está bem... — Coventa sentou-se na relva. — De qualquer maneira, tu fazes sempre o que queres.

Um grito de Ardanos separara os combatentes que se reagruparam nas suas equipas, de frente para as suas balizas, na linha divisória. O jovem sacerdote lançou a bola ao ar e recuou apressadamente quando os dois lados se lançaram novamente na sua direção.

Para lá do estreito, Boudica via as formas enormes das montanhas que pareciam formar uma muralha no horizonte. Seria uma proteção ou o muro de uma prisão? Ser dada a um marido seria passar de um cativo para outro. Mas queria ficar ali como professora, ou ir para o clã de um qualquer chefe tribal ou, talvez, para os pântanos do País do Verão para servir a Deusa na ilha de Avalon?

Estremeceu quando a bola foi lançada na sua direção e para longe do centro da massa ofegante de rapazes e paus. O discípulo de Ardanos, Bendeigid, lançou a bola na direção de um rapaz trinovante de cabelos escuros, chamado Rianor, que saltou no seu encaço brandindo o *stick*. Falhou a primeira pancada, mas a segunda enviou a bola na direção das duas árvores sagradas que flanqueavam a baliza.

Ainda bem que a bola não se defende..., pensou Boudica. Se aquilo fosse um inimigo com uma espada ele estaria morto antes de conseguir desferir a segunda pancada.

Tentou perceber o padrão do jogo, mas se alguma das equipas tinha um plano, este não era perceptível. Também nisso o jogo se assemelhava à forma como o seu povo guerreava. O jogo ficou cada vez mais desesperado até que alguém gritou. Ardanos mandou parar tudo e os jogadores ofegantes rodearam a figura que se contorcia no chão.

O jogador tentou sentar-se, o rosto muito pálido por baixo das sardas, agarrando a perna com ambas as mãos. Chamava-se Beli e fazia parte da equipe de Rianor. Boudica levantou-se com o coração aos saltos no peito.

— Levem-no aos curandeiros — disse Ardanos com um suspiro.
— E, a não ser que tenham reforços escondidos em algum lugar, o jogo acaba aqui.

Ouviram-se protestos dos rapazes e um gemido de desapontamento do público. Os jogos habitualmente duravam até uma das equipas ter marcado dez golos ou até ao pôr do Sol. Nove lenços coloridos estavam pendurados na árvore da baliza da outra equipa e nove na de Rianor. Boudica arregaçou as saias e avançou para o campo.

— Eu jogo no lugar dele... — disse em voz alta. Fez-se silêncio. Ficou toda a gente a olhar para *ela*.

— Mas tu és uma rapariga — disse Rianor por fim. Alguém soltou uma risadinha e foi mandado calar. Boudica encolheu os ombros. — Sou maior do que a maior parte dos teus rapazes. E claro que, se quiseres jogar pelo seguro, podes atirar as culpas da derrota para o acidente. Mas, se tens coragem, experimenta-me! —

Agüentou a intensidade dos seus olhos escuros e viu a luz da batalha incendiá-los de súbito.

— Porque não... — sorriu ele, erguendo a mão como se estivesse a lançar os dados.

Ardanos olhou para Cloto, um rapaz robusto que era o líder da equipa adversária.

— Por mim tudo bem... — zombou ele. — Agora tenho a certeza de que venceremos!

— Está tratado, então... — disse Ardanos franzindo o cenho para impedir a resposta exaltada de Rianor. Com um derradeiro olhar irado para Cloto, o rapaz fechou a boca e estendeu o *stick* a Ardanos que o entregou a Boudica. — Juras que não trazes para o campo nenhum feitiço nem encantamento e que jogarás com franqueza e lealdade sem qualquer ajuda que não a força do teu corpo?

Era uma pergunta necessária numa escola onde alguns dos alunos conseguiam que a bola se movesse unicamente através da força da sua vontade, pensou Boudica enquanto agarrava no *stick* e fazia o juramento.

— A posição do Beli era ali... — Rianor apontou para um ponto a meio de um dos lados do campo.

Ela ocupou o lugar tomando nota das posições dos outros jogadores. Já se passara muito tempo desde o seu último jogo, mas lembrava-se das linhas diretrizes que serviam de regras naquele jogo. Viu Ardanos aproximar-se do meio com a bola e ergueu o *stick*. A ideia nunca lhe ocorrera, mas a ponta larga fazia-o parecer-se mais com uma daquelas grandes colheres de pau que as cozinheiras usavam para mexer os guisados nos caldeirões, do que com uma espada. De repente sorriu. Porque não havia uma rapariga de jogar aquele jogo? Afinal eles usavam uma arma de mulher!

Viu a bola subir e alguém da outra equipa bateu-lhe e atirou-a na direção da baliza da sua própria equipa. Com o *stick* preparado, correu para a interceptar, evitando o molho de rapazes que corriam com o mesmo objetivo. Ouviu o barulho do cabedal a bater na madeira quando alguém acertou na bola. A multidão de jogadores correu atrás dela numa massa confusa, atirando rapazes por todos os lados. Viu Cloto a passar disparado, viu-o virar-se e correr na direção dela, enfiando deliberadamente o ombro no seu peito. Enquanto caía ouviu as suas gargalhadas. Indignada, abriu a boca para o amaldiçoar: o *hurley* era um jogo duro e a placagem com o ombro era permitida, mas apenas para impedir um adversário de chegar à bola... mas a dor, quando o seu corpo reagiu à pancada, tirou-lhe a respiração.

Vou enfiar-lhe os tomates nas orelhas! Por instantes não conseguiu mexer-se, enrolada de dor com a raiva a turvar-lhe a visão de negro, clamando por vingança. Quando se levantou a cambalear, ainda curvada, viu Ardanos a correr na sua direção e fez-lhe sinal para que se afastasse. A batalha estava demasiado próxima da baliza da sua equipa. Por trás dela avistou mantos azuis e mantos brancos entre os espectadores, mas já não queria saber se os druidas estavam a ver. Com uma das mãos a proteger o peito dorido, observou a multidão ofegante tentando encontrar Cloto, mas o que viu foi a bola a vir na sua direção.

A pressão que sentia nos olhos abrandou. Vencer seria uma vingança ainda melhor.

Saltou para um dos lados e bateu, lançando a pequena esfera na direção da baliza do inimigo. Alguém gritou nas suas costas, mas ela já estava em movimento, com a trança a bater-lhe nas costas enquanto galopava pelo campo. A defesa contrária apercebera-se do perigo. Um dos seus elementos apanhou a bola e lançou-a a assobiar junto a Bendeigid, que conseguiu dar-lhe uma pancada de lado com a mão esquerda, desequilibrou-se com o impacto e caiu com força na relva. Um dos rapazes de Cloto brandiu o *stick* para parar a bola e esta ressaltou na direção de Boudica.

Nesse momento pareceu-lhe que tinha todo o tempo do mundo para ficar a ver a bola girar na sua direção. Fincou os pés, agarrando o *stick* com as duas mãos como se este fosse uma espada, flectiu os ombros quando desferiu a pancada, os lábios arreganhados para soltar a raiva num grito de guerra iceno.

O impacto do choque entre a bola e o *stick* repercutiu-se pelo seu corpo e, subitamente, passou a fazer novamente parte do mundo, ainda tonta com a reação da pancada na bola enquanto esta passava disparada por cima das cabeças dos defesas e do guarda-redes.

Todos os olhos estavam fixos na trajetória da bola. O pé ergueu-se quando esta bateu no chão entre as árvores sagradas. E, naquele momento de espanto, quando se aperceberam de que o jogo tinha terminado, Coventa gritou.

Boudica correu na direção da amiga que estava sentada muito direita com os olhos esbugalhados. Coventa agarrou-a pelos braços.

— A Rainha Vermelha! Sangue nos campos e cidades em chamas, o sangue a correr por toda a parte... — Coventa susteve a respiração e deu um soluço. As suas mãos afrouxaram e Boudica amparou-a. Por instantes o seu olhar desfocado concentrou-se no rosto de Boudica. — Eras tu! Brandias uma espada...

— Era só um *stick* de *hurley* — protestou Boudica, mas os olhos de Coventa tinham desaparecido, revirados no interior das pálpebras.

— Larga-a, rapariga... eu tomo conta dela...

Boudica ergueu os olhos e reconheceu Helve, com o cabelo escuro apanhado em torno da cabeça em tranças muito bem feitas. — Posso levantá-la... — disse, mas a sacerdotisa empurrou-a para um dos lados procurando o pulso de Coventa e fazendo sinal a um dos sacerdotes para que pegasse na rapariga ao colo. Só então olhou para Boudica.

— Ela tem ataques destes com frequência?

Boudica encolheu os ombros. — Tem pesadelos, mas esta é a primeira vez que isso acontece com ela acordada. Não ficou muito forte depois da febre que teve após o... acidente... no ano passado. — Corou envergonhada.

Mas se Helve se recordava do papel que Boudica desempenhara nesse acidente parecia não se importar. Ficou a olhar enquanto o jovem druida levava Coventa, a especulação estampada no olhar.

— Ela tocou o Outro Mundo. Às vezes isso basta. Veremos o que o treino poderá conseguir...

Mas e se a Coventa não quiser ser um oráculo? Boudica abriu a boca, mas Helve não estivera a falar com ela. A rapariga pôs-se de cócoras, com o olhar fixo, enquanto a sacerdotisa se afastava.

*

Durante meses, os céus tinham alternado entre as nuvens tempestuosas e um sol aguado, como uma donzela tímida indecisa entre encorajar um pretendente ou rejeitá-lo. *Como eu*, pensou Lhiannon fechando os olhos e virando o rosto para o Sol que brilhava no céu azul. Mas agora, tudo — as flores brancas dos pirliteiros nas sebes e as primulas de cor creme no chão, as folhas verdes e eretas da erva que crescia e as folhas enroladas e macias que cresciam de novo nos carvalhos — parecia iluminado por dentro. *Esta noite os fogos de Beltane brilharão e eu também.*

Fora aos vendedores de ervas para comprar mais sementes de papoula para a poção que a sacerdotisa bebia antes do ritual. Os campos abertos que rodeavam Oakhalls tinham-se enchido com as bancas, tendas, carroças e vendas dos comerciantes. Não apenas os druidas, como também todos os camponeses que tinham jurado servir a comunidade dos druidas estavam presentes, juntamente com algumas famílias do continente. Lhiannon não era a única que sonhava encontrar um amante nas fogueiras de Beltane. Os jovens das aldeias, que conheciam toda a gente da sua idade desde bebê, tinham vindo ali em busca de caras novas e de sangue fresco para os seus clãs. Depois daquela noite não faltariam cerimônias de entrelaçar de mãos seguidas de casamentos.

Mas antes de ir para as fogueiras, Lhiannon tinha que ajudar no ritual do Oráculo. Quando cantassem o cântico sagrado saberia se o seu chamamento era mais forte do que aquele que lhe era enviado pelo seu próprio corpo.

Quando se aproximou do recinto ouviu Helve, com os seus habituais modos autoritários: foi com choque que Lhiannon se apercebeu de que as ordens que a mulher dava não se destinavam ao conforto de Mearan mas sim ao seu próprio conforto. Lhiannon afastou a cortina que tapava a porta.

— Onde está a alta sacerdotisa? — perguntou num murmúrio a Belina, uma das sacerdotisas mais velhas. Helve estava nua em frente do fogo, esticando os membros pálidos para que as outras os pudessem lavar com água da fonte perfumada com ervas.

— Não se está a sentir bem — respondeu a outra mulher erguendo uma sobrancelha. — Será Helve quem ocupará o lugar principal nesta noite de Beltane.

— Que a Senhora lhe traga inspiração — disse Lhiannon secamente e Belina suspirou. Lhiannon dirigiu-se ao canto onde a velha Elin estava a esmagar ervas num almofariz de madeira e entregou-lhe as sementes de papoula. Quando se virou viu Coventa a entrar na sala. O seu sorriso desvaneceu-se quando se apercebeu de que a rapariga estava envolta nas mesmas vestes azuis escuras que as outras sacerdotisas, a testa envolta, tal com as delas, por uma coroa de flores primaveris e ervas aromáticas.

— Helve, o que é isto? — exclamou. — Esta criança não tem formação. Não podes estar a pensar pô-la a assistir-te na cerimônia!

Os olhos pálidos de Helve brilharam de irritação, mas a sua voz, como sempre, soou doce e baixa. — Sem ela o número de assistentes a escoltar-me, seria um número ímpar e eu tenho andado a ensiná-la — sorriu a Coventa. — Não é verdade pequenina? Vais sair-te muito bem.

Vai parecer uma criança vestida com a roupa da mãe, pensou Lhiannon, mas Coventa estava radiante de prazer. Olhou para as outras sacerdotisas em busca de apoio mas estas evitaram cuidadosamente o seu olhar. Durante alguns instantes os únicos sons foram os da água a pingar enquanto as sacerdotisas

mergulhavam os panos na água aromatizada com ervas e o ruído de Elin a esmagar as sementes de papoula.

Lhiannon suspirou e tirou o véu. Se Helve estava nervosa tinha razões para isso. Aquela não seria a sua primeira vez no lugar principal, mas não servia freqüentemente como oráculo e, se a indisposição de Mearan fora repentina, não teria tido muito tempo para se preparar. Pela primeira vez ocorreu-lhe que o talento natural de Helve para a autocracia devia tornar especialmente difícil submeter a sua vontade mesmo à meiga autoridade de Lugovalus.

Seria mais fácil para mim, pensou amargamente. Não consigo sequer afirmar-me o suficiente para defender a Coventa. Mas ao menos poderia manter a criança debaixo de olho durante o ritual.

Por cima da lareira um pequeno caldeirão borbulhava. Elin deitou-lhe um punhado de sementes de papoula para que fervessem junto às bagas de azevinho, aos cogumelos e restantes ervas, depois pôs-se a mexer a mistura cantarolando baixinho.

Helve continuou a tagarelar enquanto a vestiam com os mantos compridos do oráculo. Quando Lhiannon se aproximou dela, com uma grinalda de brincos de princesa entretecidos com flores primaveris, viu o brilho de triunfo nos olhos da outra mulher.

A Helve nunca me deixará ser o Oráculo. Porque me privei durante tanto tempo? Pensou então Lhiannon. Controlando um assomo de ódio pôs a grinalda na cabeça de Helve e a outra mulher calou-se, finalmente. Elin deitou um pouco da poção na taça antiga e pô-la a arrefecer. A cortina da porta moveu-se e o druida-chefe entrou apoiado no bastão. A sua barba prateada brilhava em contraste com a lã creme da túnica.

— Está na hora, minha filha — disse Lugovalus suavemente e Elin pôs a taça negra nas mãos de Helve. Esta respirou fundo e bebeu, estremeceu uma única vez e engoliu tudo até ao fim. Elin e Belina seguraram-na pelos cotovelos e escoltaram-na até à padiola que aguardava no exterior. Quando Lhiannon começou a segui-los sentiu a vibração dos tambores através da planta dos pés, como se o coração da terra marcasse o ritmo do festival.

Para ocidente o céu estava de um azul translúcido, enquanto que por cima deles tinha o mesmo tom azul-escuro dos mantos das sacerdotisas. Uma grande multidão reunira-se em frente do bosque

sagrado. Helve cambaleou quando a sentaram no banco de três pés e, por um instante, Lhiannon receou que ela tombasse, mas antes que alguém se chegasse ao pé, ela endireitou-se parecendo ficar mais alta. Lhiannon sentiu uma brisa quente com um aroma de flores que nenhum jardim terreno poderia produzir e percebeu que a Deusa estava presente.

Aliviada, puxou Coventa para trás, para junto das outras e descontraíu-se enquanto se juntavam aos ritmos familiares do ritual. Tinha de reconhecer que Helve era uma vidente poderosa.

Do seu lugar, por trás do assento principal, conseguia sentir a aura da mulher a expandir-se enquanto esta mergulhava mais profundamente no transe e erguia as suas próprias barreiras para se proteger a si própria.

A primeira pergunta foi feita por Lugoalus e era, tal como seria de esperar, sobre as perspectivas de uma boa colheita. Ouviu-se um murmúrio de satisfação quando a vidente falou de céus solarengos e de campos dourados de grãos maduros. O ar em torno dela começava a brilhar. Lhiannon sorriu. Mona era um dos celeiros da Britânia — seria muito mau se a colheita estivesse ameaçada. A seu lado Coventa cambaleou, cantarolando baixinho e Lhiannon apertou-lhe a mão com força.

— Agarra-te à terra, filha — murmurou enfaticamente. — Só a vidente é que deve atravessar o portão da profecia. — Coventa deu um soluço e ficou quieta, mas manteve-se instável enquanto Lugoalus falava novamente.

— Na Gália as Legiões de Roma pusera um jugo de ferro no pescoço do nosso povo e agora o imperador deles banuiu a Ordem dos druidas das suas terras. Diz-nos então, vidente, o que o futuro nos reserva aqui na Britânia?

Fez-se silêncio como se não apenas o Druida Chefe, mas toda a Britânia, aguardasse a resposta.

As flores na grinalda de Helve começaram a tremer e Lhiannon sentiu Coventa estremecer por contágio. Uma vez mais amaldiçoou o orgulho de Helve. A criança estava a ser apanhada na visão e não tinha quaisquer defesas contra ela.

— Vejo remos que se erguem e mergulham como asas nas águas... — murmurou Helve. — Quando os gansos partem para Norte, chegam na Primavera... três grandes bandos de navios alados atravessando o mar...

— Quando é que eles virão, oh sábia? — perguntou Lugoalus ansiosamente. — E onde?

— Onde os penhascos brancos se erguem e as areias brancas brilham — foi a resposta —, quando o pirliteiro estiver branco de flores.

Era sabido que o tempo era algo muito difícil de circunscrever na profecia, pensou Lhiannon quando se ergueu um murmúrio apreensivo entre a multidão. Mas o mais cedo que tal poderia acontecer seria no ano seguinte. Reunir um tal exército levaria tempo e, apesar de os druidas terem sido expulsos da Gália, a Ordem tinha muitos agentes do outro lado do mar. Certamente que quando a invasão estivesse a ser planeada eles saberiam. Pôs um

braço por cima de Coventa puxando-a contra si e rezando para que Helve terminasse rapidamente. Mas o Druida-Chefe queria saber mais.

— E depois o que acontece? Onde estão os nossos exércitos? — perguntou.

— Os Cristas Vermelhas marcham para ocidente e ninguém se lhes opõe. Vejo um rio... — O gemido de Helve foi ecoado por um vago gemido de Coventa. O brilho em torno dela adensou-se, transformando-se numa aura brilhante. Lhiannon abanou a cabeça quando uma visão ameaçou a sua consciência, exércitos envolvidos em combate e cadáveres descendo o rio.

— O rio fica vermelho... vermelho... transforma-se num rio de sangue que cobre toda a terra! — O grito de Helve foi o crocitar de um corvo. O grito fraco de Coventa juntou-se-lhe numa harmonia assustadora. Concentrados em Helve, os sacerdotes pareceram não reparar, mas as sacerdotisas viraram-se alarmadas.

— Leva-a daqui para fora! — disse Belina ao ouvido de Lhiannon.

Os membros de Coventa estremeciam. Com a força do desespero Lhiannon ergueu a rapariga e foi, aos tropeções, para o outro lado das árvores. Atrás de si conseguia ouvir os uivos de Helve e os murmúrios de Lugovalus enquanto este tentava controlar a torrente de visões. Os druidas teriam mais perguntas sobre os Romanos, mas Lhiannon não precisava de entrar em transe para prever que não as fariam num festival público.

Ofegante, encostou-se a uma árvore. Ficou tensa quando uma sombra apareceu a seu lado e depois descontraíu-se ao reconhecer

Boudica. Coventa ficara inerte, ainda a murmurar. Juntas levaram-na através do arvoredos de regresso à Casa dos Curandeiros.

*

— Ela vai ficar bem? — Boudica desviou os olhos do rosto imóvel da amiga para as feições tensa da sacerdotisa, alternadamente iluminadas e ensombradas pelas chamas tremeluzentes da pequena fogueira. Coventa acalmara-se assim que a tinham afastado do bosque e agora jazia como alguém mergulhado num sono profundo. Inclinou-se para a frente pensando em que sonho vaguearia agora Coventa. — Achas que devíamos acordá-la?

— E melhor não — respondeu Lhiannon. — E frequente as pessoas recearem perderem-se no transe, mas se não se consegue recuperar a consciência então o melhor é cair num sono normal. A mente de Coventa reorganizar-se-á antes de ela voltar a acordar. Nós só podemos ficar a vigiá-la. Se ela acordar demasiado cedo uma

parte do seu espírito pode ficar perdida nos sonhos e será muito difícil recuperá-lo novamente.

— Mas tu fá-lo-ias, não é... — Não era bem uma pergunta. — Ou a Helve? — Os sons do festival eram como vagas distantes nas praias... podiam muito bem estar sozinhas no mundo.

Lhiannon olhou-a surpreendida e Boudica não desviou o olhar. Com a exceção de Coventa, durante um ano recusara todas as amizades, especialmente a de Lhiannon, receando a sua condescendência ou, pior ainda, a sua piedade. Lhiannon era tão bela, que poderia ela querer de uma rapariga desajeitada e cega de espírito? Mas naquela noite estavam unidas por uma necessidade comum e por um medo comum. Fora Boudica quem reparara que Coventa estava em dificuldades. Naquela noite podia encarar a professora de igual para igual e atrever-se a interrogar-se sobre o que estaria por detrás da expressão serena que a sacerdotisa exibia perante o mundo.

— Oh, sim. Não debes subestimar as suas capacidades. E muito provável que suceda a Mearan como alta sacerdotisa. —

Vindos do exterior ouviram os gritos de alegria que saudavam o acender das fogueiras de Beltane.

— Tenho dificuldade em gostar dela... — disse Boudica. Lhiannon não disse nada, mas apertou os lábios e a rapariga percebeu o que a sacerdotisa era demasiado leal para dizer. — Ela seduz todos os homens que encontra, mas não dá o seu amor a nenhum.

— Ela tem que se manter pura para servir o Oráculo — disse Lhiannon num tom neutro. — Quando a Mearan adoeceu foi uma sorte ter outra sacerdotisa apta para fazê-lo.

— Tu podias fazê-lo... — disse Boudica acaloradamente e reparou no rubor comprometedor que cobriu as faces de Lhiannon. — E por isso que estás aqui em vez de andares a dançar à volta da fogueira? — reparara na forma como Lhiannon e Ardanos se olhavam quando pensavam que ninguém os estava a ver.

— Estou aqui porque a Coventa precisa de mim! — ripostou a sacerdotisa e, daquela vez, a sua resposta foi suficientemente brusca para avisar Boudica de que era melhor calar-se.

— Não compreendo toda essa ênfase na virgindade — disse ela por fim.

— Para te dizer a verdade — disse Lhiannon secamente —, neste momento eu também não!

Boudica sorriu, descobrindo que era surpreendentemente agradável perceber que tinha sido perdoada. — Não gosto da ideia de andar às ordens de um marido, mas gostava de ter filhos. A Mearan sempre pareceu como uma mãe para esta comunidade. Estranho que não tenha filhos.

— No passado era frequente a alta sacerdotisa ter filhos e outra mulher servir como oráculo — respondeu Lhiannon.

— Mas isso é assim tão importante? — perguntou Boudica. — Como é que eles se arranjam em Roma?

— Os Romanos não têm videntes — respondeu Lhiannon obviamente aliviada por a conversa ter passado para assuntos mais neutros. — Visitam os oráculos de Hellas, mas quando a Sibilia Ciméria ofereceu os livros da profecia ao seu último rei, este recusou duas vezes e ela queimou os seis livros antes de os anciãos tribais insistirem para que ele comprasse os últimos três... pelo mesmo preço que ela pedira originalmente pelos nove! — Ambas as mulheres se riram. — Agora consultam presságios ou estudam as poucas linhas que restaram, ou fazem peregrinações a oráculos doutras terras.

— Ouvi dizer que há um Oráculo em Delfos. E uma virgem?

— E o que se diz. A pitonisa é uma donzela inexperiente, embora conste que noutros tempos escolhiam mulheres mais velhas que tinham criado as suas famílias.

— Mas nenhuma que tenha marido ou amante... — observou Boudica.

Lhiannon suspirou. — Existem outros tipos de adivinhação que estão ao alcance de uma mulher casada. Ler profecias não requer o mesmo tipo de transe. Ou até profetizar de improviso ou em resposta a uma pergunta repentina, como fazem em Eriu. Mas o rito do sono-do-boi, em que o druida adivinha o nome do rei legítimo, requer que o sacerdote se prepare com orações e jejuns e, para se sentar no banco de três pés, é necessário um abandono ainda mais profundo para o qual todos os canais têm que estar desimpedidos. — Suspirou.

— E tu queres fazê-lo... — disse então Boudica.

— Sim. As visões chamam-me tal como chamam a Coventa, mas eu sei como resistir-lhes.

Sobre o crepitar do fogo conseguiam ouvir as flautas e o grito repentino quando um par afortunado saltava por cima das chamas. Lhiannon virou-se, os olhos transbordantes de lágrimas contidas.

— Tenho de lhes resistir... — disse então. — A Helve é a preferida dos sacerdotes e eu nunca me sentarei naquela cadeira enquanto ela cá estiver.

— Então procura aquilo que *podes* ter... — disse-lhe Boudica. — A Coventa só precisa de uma guardiã. Se alguém está à tua espera — disse com muito tato —, vai para as fogueiras. Eu fico aqui de vigia.

— Havia alguém, mas suponho que já não deve estar à minha espera — disse a sacerdotisa baixinho, com a cabeça curvada e o rosto oculto por uma cortina de cabelos pálidos. — Em tempos pensei que a Deusa me tinha chamado para servir como oráculo, mas agora essa via parece estar bloqueada. Estou impedida de avançar, vire-me eu para que lado me virar!

Boudica ficou a olhar para ela, abalada, ao ver que até mesmo uma sacerdotisa com votos podia ser atormentada pela dúvida como ela própria fora.

— Como é que conheces a vontade da Senhora? — exclamou. — Ela fala contigo?

Lhiannon ergueu os olhos com um grande suspiro. — Às vezes... embora habitualmente eu esteja demasiado concentrada no meu próprio sofrimento para a ouvir nas ocasiões em que mais desejava ouvi-La.

Como agora... pensou Boudica.

— As vezes Ela fala comigo através dos lábios de terceiros... — Lhiannon conseguiu um sorriso triste —, como me parece que está a

falar através de ti agora. Uma ou duas vezes falou comigo em voz alta, quando se apoderou do corpo da Senhora Mearan durante um ritual e por vezes já A ouvi falar no silêncio da minha alma. As vezes só sabemos quais são as nossas escolhas depois de as fazermos. Pensei que para obter o amor teria que abdicar do poder, mas em vez disso parece-me que troquei o amor pelo dever.

— Ou talvez pela amizade? — perguntou Boudica apercebendo-se finalmente, agora que dava por si a baixar as barreiras que a tinham mantido solitária naquele lugar, do quão sozinha se sentira.

— Sim, irmãzinha... talvez tenha sido isso o que fiz. — Lhiannon conseguiu sorrir.

TRÊS

Numa tarde quente imediatamente antes do festival de Lugos,

O som da *carynx*² de bronze ecoou pelos campos. Os reis, que o druida-chefe convocara para aconselhar relativamente ao destino da Britânia, estavam finalmente a chegar. Boudica correu para a Casa das Donzelas para mudar de roupa. Havia mais de um ano que o seu mundo se limitava à comunidade da ilha. Que lhes podia dizer? Alguns dos que conhecera em Camulodunon se lembraria dela?

O seu segundo Verão na Ilha dos druidas fora tão abundante como Helve prometera. A meio do Verão as hastes da cevada já se curvavam ao peso dos grãos e os carneiros estavam gordos graças aos pastos verdejantes. Mas para aqueles que tinham ouvido as

previsões do oráculo as bênçãos da estação eram um mau presságio, pois se Helve acertara nas previsões das colheitas, era capaz de também ter razão no que dizia respeito à invasão romana.

Boudica enfiou rapidamente a túnica branca pela cabeça e passou o pente pelos cabelos espessos. Brenna e Morfad já estavam a pôr nas cabeças as coroas de margaridas. Agarrou na sua coroa e apressou-se no encalço das outras pela estrada abaixo que levava de Oakhalls até à praia.

Enquanto o coro de mancebos e donzelas se formava atrás dos druidas mais velhos e das sacerdotisas, uma barca avançava na direção da ilha sobre as ondas azuis. Na parte mais estreita do canal os penhascos erguiam-se, abruptos, de ambos os lados. Os barcos atracavam mais abaixo no local onde havia uma pequena praia estreita entre os penhascos e os bancos de areia. A água estava coberta por bruma e na barca só conseguia distinguir as cores vivas da roupa e o brilho do ouro. Seguiu-se outra embarcação; avistou as formas de cavalos. Sem dúvida que o resto da comitiva tinha sido deixado no acampamento na outra margem.

O druida-chefe enviara a convocatória a todas as tribos do Sul. Obedeceriam? Ninguém em Oakhalls parecia duvidar disso, mas se Cunobelin, com toda a sua capacidade artilosa, só conseguira

submeter os Trinovantes e os Catuvelannis, seria o próprio Lugovalus capaz de impor a unidade a tribos que eram inimigas desde os tempos em que os seus antepassados tinham vindo para aquelas terras?

Quando a barca alcançou o meio do rio pareceu perder o impulso como se tivesse encontrado uma qualquer barreira. Boudica recordava-se daquele momento na sua própria viagem quando, apesar de exausta e ignorante, sentira a pressão da parede invisível que protegia Mona.

— Quem se aproxima da ilha sagrada? — A voz de Lugovalus ecoou através das águas.

— Os reis da Britânia vieram aconselhar-se com o Sábio — veio a resposta abafada por algo mais do que a distância.

— Passem, então, de acordo com a vontade dos deuses poderosos. .. — gritou o druida-chefe e os sacerdotes e as sacerdotisas começaram a cantar por trás dele. Não houvera um

coro de druidas para dar as boas vindas à caravana que trouxera Boudica, apenas dois sacerdotes e uma sacerdotisa. Mas tinha sentido um arrepio esquisito quando as suas vozes tinham entoado feitiço. Agora estavam presentes doze sacerdotes e sacerdotisas e o druida-chefe era o décimo terceiro na sua frente. O canto vibrou através dos seus ossos.

Os druidas estavam a dar uma nova forma à relação entre o céu e o mar. Por um instante essa vibração juntou-se à sua; Boudica viu o brilho de cada partícula e compreendeu a que é que os seus professores se referiam quando falavam na harmonia de todas as coisas. Quando conseguiu concentrar-se novamente viu claramente as duas barcas e os passageiros. Mas a outra margem, por trás deles, continuava oculta por uma névoa dourada. Os convidados tinham passado essa barreira.

Boudica reconheceu imediatamente os dois filhos de Cunobelin: Caratac, magro e de cabelos vermelhos, que assumira o controlo do reino Cantiaci e Togodumnos, mais majestoso desde que assumira a posição do seu pai, e viu também dois outros homens que não conhecia. Vislumbrou um outro homem por trás de Togodumnos, alto e de cabelos claros e bigode. Ergueu uma sobrancelha quando se apercebeu de que era Prasutagos, irmão do rei iceno do Norte.

À medida que a barca se aproximava de terra, os mancebos e as donzelas começaram a cantar.

Foi à terra dos homens dotados que viestes, Foi à terra das mulheres sábias que viestes, Foi à terra das belas colheitas que viestes, E à terra da canção,

Vós que vos sentais no assento dos heróis, Vós que vos sentais no assento do rei, Vós que dais ouvidos aos bons conselhos, Sede bem-vindos aqui...

*

— Se tanto Helve como a Senhora Mearan previram a vitória romana, então para que nos chamastes aqui? — perguntou o rei Togodumnos. Usava uma barba curta o que era pouco usual entre os mais jovens. — Estais a aconselhar-nos a oferecer as nossas gargantas ao lobo romano sem resistir?

Ouviu-se um rugido entre os outros chefes e Boudica, que estava a encher a taça dourada, deteve-se com esta na mão. Os reis já tinham passado meio-dia a discutir se se devia dar crédito às visões. Por aquele andar, decidir o que fazer relativamente ao que estas previam, eram capaz de levar até à lua cheia seguinte.

— Estou disposto a morrer em combate — acrescentou Caratac —, mas preferia não saber que estou condenado mesmo antes de ter começado! —Ao inclinar-se para diante o fogo acendeu mais uma labareda no seu cabelo vermelho. Não tinha uma figura tão majestosa como a do irmão mas, embora falasse sempre respeitosamente de Togodumnos e se lhe dirigisse também com respeito, Boudica era de opinião que, dos dois, era ele quem tinha, senão mais inteligência, pelo menos mais energia.

Para alojar os convidados os druidas tinham reparado as cabanas do prado onde costumavam fazer os festivais e tinham removido as proteções laterais, feitas com ramos, do comprido salão de festas de forma a deixar entrar luz e ar durante as deliberações. Na cova central estava acesa uma fogueira, fornecendo luz e calor bem como testemunho aos juramentos. Havia também vários recipientes de madeira com aros de bronze cheios de cerveja para lubrificar os debates. Boudica, que vivera numa casa real, era uma escolha óbvia para passar a taça entre os presentes. Não tinha a certeza se deveria considerar aquilo um privilégio, mas pelo menos os deveres eram claros.

— Se a condenação fosse certa acham que os teria chamado aqui? — respondeu o druida-chefe. — O que prevemos é aquilo que pode vir a acontecer se as coisas continuarem a decorrer da forma inicial. Mas o destino é como um rio, muda constantemente. A adição de um novo afluente pode originar uma cheia; um seixo, ou seis... — olhou para os homens na sua frente com um sorriso irônico — podem alterar o curso das águas. Não estamos condenados à partida, estamos, isso sim, avisados.

— A forma mais fácil de evitar o derramamento de sangue seria receber bem os Romanos quando estes vierem... — observou Maglorios dos Durotriges. As suas terras, recordou Boudica, incluíam o País do Verão e a Ilha de Avalon.

— Se fizermos tratados — continuou ele —, eles não terão de nos conquistar. Deixem que o imperador nos chame reis-clientes. Ele estará em Roma e nós estaremos aqui, gozando os benefícios do comércio romano.

— E a pagar impostos romanos e a enviar os nossos guerreiros para os confins da terra para travar as suas batalhas — ripostou Caratac.

— O comércio romano pode constituir uma ameaça tão perigosa como os exércitos romanos — disse lentamente o rei Togodumnos. — O meu pai conservou a sua liberdade mas, quando morreu, em muitas coisas já era mais Romano do que Catuvellauni. Eu cresci habituado aos seus luxos, mas começo a temê-los. Se continuarmos a comerciar com eles, ainda assim mudaremos, mas lentamente. Se eles nos governarem, a próxima geração de Bretões falará Latim e sacrificará aos deuses romanos.

E os druidas e a sua sabedoria desaparecerão desta terra...
pensou Boudica.

— Se decidirmos lutar, achais mesmo que poderemos vencer? — perguntou então o rei Maglorios dos Belgas. Era um homem mais velho, a ficar careca mas ainda forte, cujas terras ficavam entre as dos Durotriges e as dos Atrébates. Acenou e Boudica aproximou-se dele com a taça de cerveja com a elegância que adquirira no salão de Cunobelin. Ele lançou-lhe um olhar apreciativo e ela esquivou-se a uma palmadinha mais do que afetuosa e foi encher novamente a taça.

— Se vos juntardes — respondeu a alta sacerdotisa —, acredito que podereis fazê-los retirar, tal como aconteceu com César há cem anos, por mais que ele se tenha vangloriado das suas conquistas. — Estava com um ar cansado. Boudica ouvira dizer que, na sua visão, Mearan previra ainda mais derramamento de sangue do que Helve.

— Ficarei muito satisfeito por dar as mãos a todos os que aqui estão — disse Tancoric —, mas então e os que não estão? Já reparei que os Regni recusaram o convite.

— Pode haver mais do que uma razão para isso ter acontecido..
. — disse Mearan.

— Talvez tenham ouvido dizer que os filhos de Cunobelin estariam aqui... — disse Maglorios e os outros riram-se. As terras dos Regni faziam fronteira, a norte, com os territórios governados por Togodumnos e, a leste, com as terras dos Cantiaci de que Caratac era agora rei.

— E talvez os Atrébates tenham ouvido dizer que *tu* estarias aqui! — retorquiu Togodumnos. — Afinal são teus vizinhos.

O druida-chefe abanou a cabeça. — Não os convidei. O rei Veric tem um tratado com os Romanos. Enviou o neto, Cigidumnus, para ser criado em casa do Imperador e não se atreveria a virar-se contra eles mesmo que o desejasse.

— A ilha de Vectis tem um porto muito tentador. Os Romanos poderiam marchar direitinhos ao meio da Britânia através das terras dos Atrébates. Teremos que fazer alguma coisa relativamente ao Veric... — disse Caratac lentamente. Olhou para o irmão e Boudica estremeceu.

Os filhos de Cunobelin tinham herdado a ambição do pai de unificar a Britânia. A ameaça da conquista romana podia muito bem ser aquilo de que precisavam para ter sucesso.

— E os homens da arte combaterão a nosso lado? — ouviu-se uma nova voz. Os outros viraram-se quando o príncipe Prasutagos se inclinou para a frente. Não falava com frequência no conselho mas, quando o fazia, os homens escutavam as suas palavras.

— Certamente... — disse o druida-chefe com um sorriso sombrio. — Os Romanos não nos darão a alternativa da rendição.

A nossa magia não é talvez tão potente como as lendas a fazem, mas temos algum poder sobre os ventos e o clima e a leitura de

presságios. Enviaremos os nossos sacerdotes e sacerdotisas mais talentosas para marchar convosco quando chegar a hora da batalha.

O príncipe assentiu e Boudica aproximou-se para lhe oferecer a taça. Quando ergueu os olhos para a aceitar o seu sorriso era triste. O servo do Rei Caratac dissera-lhe que o príncipe perdera a mulher num parto. Era uma pena. Ele tinha um rosto agradável e ela achava que ele teria dado um pai bondoso para os pequenos.

— Então espero que as vossas videntes nos possam dizer quando será a invasão. Será difícil reunir um exército e mais difícil ainda mantê-lo unido... — disse o Rei Maglorios.

Boudica passou a taça em torno do círculo e a discussão sobre guerreiros e abastecimentos e estratégias continuou.

*

Por muito que Lhiannon gostasse de Oakhalls, às vezes a sua atmosfera de dedicação concentrada podia tornar-se opressiva, especialmente agora que a presença de estranhos de sangue real lhe recordava de forma tão intensa a existência de um outro mundo para lá da ilha dos druidas. Recebera a honra de ser escolhida para acompanhar os reis quando estes fizessem os seus sacrifícios no Lago Negro, se bem que não tivesse a certeza se Mearan queria a sua ajuda como sacerdotisa ou como *chaperon* para Boudica, que caminhava na sua frente.

Tinham partido naquela manhã, atravessando pequenos bosques e campos ceifados onde os corvos procuravam grãos caídos por entre a palha e levantavam voo num alarme ruidoso. Fora mesmo uma colheita abundante e, nas estações seguintes, o grão agora armazenado nos subterrâneos era capaz de ser necessário para alimentar gentes cujos campos fossem destruídos pela guerra.

Mas os campos de Mona, se bem que férteis, não cobriam toda a ilha. A algumas milhas para o interior as terras férteis do lado leste davam lugar a uma área pantanosa que partia da costa sul e se estendia até meio da ilha. Quando Lhiannon inspirou profundamente o ar cheiroso a vegetação e com vestígios do sal marinho, o voo de uma gaivota atraiu-lhe o olhar para o outro lado dos pântanos. Havia qualquer coisa a mexer-se no meio dos juncos. Reconheceu o andar imponente de uma garça, as penas cinzentas tingidas de azul à luz do Sol. Um bando de patos e de andorinhas-do-mar apareceu nas águas desimpedidas e brilhava ao fundo, as penas despenteadas apontando para o céu enquanto mergulhavam. Os humanos não eram os únicos a encontrar ali boas colheitas. O vento puxou-lhe o véu quando o soltou, deixando que os bonitos cabelos esvoaçassem livres como os de Boudica. Naquela noite ambas teriam o cabelo todo embaraçado, mas poderiam ajudar-se mutuamente a penteá-los.

Lá da frente, de onde os reis caminhavam juntos, vinham os sons cavos das gargalhadas masculinas. Atrás deles ia o druida-chefe, flanqueado por Ardanos e por Cunitor, e o jovem Bendeigid conduzia a égua mansa que transportava Mearan. A alta sacerdotisa era a única a cavalo. Naqueles tempos a dor na anca dificultava-lhe o caminhar. Lhiannon suspeitava de outras maleitas que a mulher mais velha escondia, mas nenhuma delas se atrevia a questioná-la.

Sob o olhar de Lhiannon, Ardanos ficou para trás para falar com Mearan. Esta abanou a cabeça e ele olhou para cima com uma expressão preocupada que partiu o coração a Lhiannon. *Oh meu querido, é claro que ela está com dores, mas nunca o admitirá perante ti...* Mas amou-o por ter tentado. Desde o encontro falhado nas fogueiras de Beltane que havia tensão entre eles. Ele dissera que compreendia as razões que a tinham levado a não aparecer, mas ela vira a mágoa nos seus olhos e não se atrevia a tentar consolá-lo até ter a certeza daquilo que a Deusa queria dela.

Atrás de si ouviu as pancadas irregulares dos cascos e o tilintar dos arreios dos cavalos que transportavam as oferendas. A ilha tinha poucas estradas capazes de serem percorridas por carroças e havia locais que nem sequer podiam ser atravessadas por cavalos carregados. O caminho que os levava ao lago sacrificial era comprido, mas num dia solarengo e bonito como aquele, Lhiannon não se importava nada.

Passava pouco do meio-dia quando atravessaram o ribeiro que alimentava os pântanos e viraram para ocidente. As florestas espessas foram desaparecendo e dando lugar a arbustos agarrados a rochedos cinzentos dispersos e a riachos ladeados por juncos que secavam as terras. Com o avançar do dia, Lhiannon desejou ter-se dedicado mais a atividades físicas e menos à meditação. Olhou para Boudica, invejando a passada ágil e fácil da rapariga. Tinha dores nas costas e os pés feridos.

Quando o Sol começou a pôr-se, detiveram-se finalmente numa gruta num local onde uma pedra alta marcava um caminho estreito que partia da estrada. O Sol estava a desaparecer por trás da montanha sagrada na sua frente, mas para a esquerda a terra descia em direção ao mar. Ainda mais próximo um pequeno lago refletia o céu translúcido.

— Senta-te filha — disse Lhiannon encostando-se a um rochedo e esticando as pernas com um suspiro. — Cansa-me olhar para ti. — Lhiannon fez sinal a Boudica que subira ao rochedo para ter uma vista melhor e a rapariga desceu novamente.

— Aquela é o lago sagrado? — perguntou, apontando para o sopé da colina.

— Aquele é o lago a que chamamos Mãe — respondeu Lhiannon. — A Filha fica mais abaixo, na encosta protegida de olhares casuais. Procurá-la-emos, em jejum, de madrugada.

— Mas esta noite comemos, não comemos? — perguntou Bendi que se aproximara delas. Ardanos e Cunitor estavam a ajudar Mearan a descer do cavalo e a sentar-se num local coberto com as capas dobradas. Apesar de ter sorrido em agradecimento ela estava pálida.

— Por vontade de Lugovalus não comeríamos — respondeu Lhiannon. — Mas até mesmo o druida-chefe não vai exigir um tal sacrifício aos reis. Consolem-se com a ideia da carne com que nos banquetearmos amanhã. Mas se vamos mesmo jantar hoje, então o melhor é deitarmos mãos à obra. — Pôs-se de pé e coxeou até à fogueira.

Alguns dos homens já tinham montado os pés de ferro forjado onde seria suspenso o caldeirão de bronze martelado e acendido o lume por baixo deste. Lhiannon ficou junto ao caldeirão esperando que o vapor se soltasse da água. Quando viu as nuvens de vapor deitou lá para dentro um saco de cevada. Boudica equilibrou uma tábua entre duas pedras e começou a cortar vegetais.

O longo dia de Verão estava a chegar ao crepúsculo projetando sombras delicadas de rosa e ouro. O fervilhar do caldeirão misturava-se nos murmúrios de fim de tarde, que abafavam até mesmo as vozes dos homens. Três corvos apareceram a voar vindos da direção da ilha sagrada, as silhuetas elegantes claramente recortadas contra o céu luminoso.

— Perdoem irmãos... desta vez não temos nada para vos dar...
— gritou o Rei Tancoric. — Venham amanhã e alimentar-vos-emos bem.

— E quando os Romanos vierem far-vos-emos uma oferenda verdadeiramente valiosa... — acrescentou Caratac. As suas palavras foram sublinhadas pelas gargalhadas dos homens.

Os corvos voavam em círculo sobre o acampamento como se estivessem a escutá-los. Lhiannon estremeceu quando, com um último grito estridente eles se afastaram velozes.

— Estás com frio? Posso ir buscar uma capa... — disse Boudica.

A sacerdotisa abanou a cabeça e mexeu o caldeirão mais uma vez. — Foram os pássaros — explicou. — Pedimos bênçãos aos deuses, mas eles podem ser terríveis, especialmente Cathubodva, o Corvo da Batalha, cujos pássaros...

— O que é que ele quis dizer com oferenda verdadeiramente valiosa? — perguntou Bendi.

— Referia-se aos cadáveres — disse Ardanos juntando-se a elas. — Após as batalhas os lobos e os corvos banqueteiavam-se com os mortos. Sabes como ficam os bosques de carvalhos no Outono, quando as bolotas cobrem o chão? As bolotas são os frutos que os porcos comem, mas dizem que, no campo de batalha, as cabeças cortadas dos homens caídos em combate se parecem com bolotas e chamam-lhes os "frutos de Morrigan", a Grande Rainha a quem também chamamos Cathubodva...

Virou-se para Lhiannon. — A alta sacerdotisa está gelada. Tens alguma coisa que eu lhe possa dar?

— Passa-me essa taça... a cevada ainda não está cozida, mas a água já tem o suficiente da sua essência para lhe fazer algum bem. — Lhiannon despejou caldo na taça e adicionou-lhe uma pitada de sal. — Toma Bendi... — virou-se para o rapaz. — Estás a aprender para ser curandeiro. As vezes a comida também é um remédio. Leva isto à Senhora e, quando ela terminar, pergunta-lhe se quer mais.

— Morrigan *gosta* do derramamento de sangue? — perguntou Boudica depois de ele se afastar.

— Ela chora... — disse Lhiannon baixinho. — Na noite antes da batalha, percorre o campo e grita de desespero. Aguarda na parte menos funda do rio e lava as roupas dos condenados. Implora-lhes que voltem para trás, mas eles nunca o fazem.

— E depois, quando a batalha se inicia — disse Ardanos sombriamente —, concede a loucura que dá aos guerreiros a força dos heróis e permite-lhes que cometam atos de que nenhum homem

seria capaz a sangue-frio. E por isso que os reis lhe fazem sacrifícios e pedem a vitória.

— Ela é boa ou má? — perguntou Boudica.

— As duas coisas — disse Lhiannon tentando sorrir. — Quando faz amor com o Deus Bom junto ao rio traz a vida à terra. Ele compensa a sua destruição e fá-la sorrir de novo.

— Vê as coisas desta maneira — disse Ardanos. — Uma tempestade é boa ou má?

— Acho que é boa quando traz a chuva de que precisamos e má quando provoca cheias que nos arrastam as casas.

— Nem sempre sabemos porque é que a chuva cai — acrescentou Ardanos —, ou qual a razão de os deuses agirem como agem. As pessoas chamam sábios aos druidas, mas já deves ter percebido que nos deviam chamar aqueles que procuram a sabedoria. Estudamos o mundo visível à nossa volta e tentamos alcançar o nosso mundo interior. Quando os compreendermos verdadeiramente seremos como deuses, capazes de comandar os seus poderes, pois mover-nos-emos no interior da sua harmonia.

E isto que eu amo nele, pensou Lhiannon, não apenas do toque da sua mão mas também do toque da sua alma.

E, como se tivesse sentido o toque dela, Ardanos olhou-a e a ferida que os separava sarou.

*

Era a hora cinzenta imediatamente antes do amanhecer. Levantaram-se em silêncio, os mantos brancos dos druidas fantasmagóricos àquela luz. Até mesmo os reis se moviam em silêncio enquanto carregavam as oferendas nos cavalos. Boudica esfregou os olhos para espantar o sono e apertou mais a capa aos ombros, encolhendo-se quando o movimento contraiu músculos que ela não sabia que estavam doridos. O druida-chefe ia à frente pelo caminho abaixo. O seu toucado de penas de ganso e as pregas rígidas da capa de pele de cavalo faziam-no parecer tão contorcido como os penedos que se erguiam, como guardiães monstruosos, contra o céu que se ia iluminando. Uma tocha brilhava na sua mão.

Atrás dele ia a alta sacerdotisa, apoiada em Ardanos e em Lhiannon, a figura frágil envolta em vestes escuras onde brilhava, ocasionalmente, a prata. Acompanhando cada movimento, ouvia-se o som ténue das campainhas de prata atadas ao ramo na sua mão.

Quando iam a sair do acampamento um grito agudo rompeu o silêncio. Os corvos estavam novamente de volta, volteando no céu cada vez mais luminoso.

Lembram-se do banquete que os reis lhes prometeram, pensou Boudica. Subitamente as formas dos rochedos e das árvores pareceram insubstanciais, como se não passassem de um véu que, a qualquer instante, poderia ser aberto para revelar uma realidade mais luminosa e ela percebeu a razão de o sacrifício ser feito obrigatoriamente naquele limiar temporal entre a noite e o dia.

A meio da encosta o terreno tornava-se mais plano. Não conseguia ver mais para a frente. Os reis descarregaram os cavalos e levaram-nos de regresso ao topo da colina com exceção de um, um garanhão cinzento que não transportara qualquer fardo para além do seu pelo brilhante. Ataram-no à árvore espinhosa que crescia junto ao parapeito. Naquela luz incerta, mal conseguia distinguir três formas escuras entre os ramos. Os corvos. A espera...

A alta sacerdotisa e Lhiannon avançaram e ficaram de frente para o druida-chefe que estava à beira do penhasco. Lá em baixo as águas brilhavam negras e tão imóveis que as ondas provocadas pelas gaivotas a nadar formavam pequenas espirais à superfície.

— Pelos céus que nos dão a vida e o ar — cantou Mearan. — Pelas águas em cujo movimento todas as coisas crescem e mudam; pela terra sólida sobre a qual nos firmamos... oh espíritos que habitais este local, pedimos a vossa bênção.

— Pelo fogo que ilumina o espírito; pelo lago em que buscamos o poder, pela árvore que liga a terra aos céus... — Lugovalus ergueu bem alto a sua tocha —, invocamos o testemunho dos Seres Brilhantes.

Lhiannon avançou — Por todas as esperanças levadas pelo vento; por todas as memórias que jazem no fundo do lago; pelo saber atual nos campos que conhecemos; invocamos a sabedoria dos nossos pais e das nossas mães que vieram antes de nós.

— Escutai-nos! Abençoai-nos! Sede conosco agora! — gritaram em uníssono. O garanhão puxou nervosamente a corda e as gaivotas, assustadas, irromperam pelos ares.

O céu iluminara-se e ficara de um azul translúcido e pálido. O Sol continuava escondido por trás das montanhas no continente, mas a sua chegada era proclamada por uma radiância crescente. Togodumnos empunhou uma espada comprida e a luz cada vez mais intensa refletiu-se na sua lâmina. Os druidas ensinavam que havia dois tipos de sacrifício, aqueles que eram partilhados para unir os homens e os deuses numa única comunidade e aqueles que eram quebrados e inutilizados pela humanidade.

— Conquistamos estas armas aos nossos inimigos nas guerras entre as tribos. Ao destruir esta lâmina — assentou o calcanhar sobre a ponta da espada, fez força e o metal gemeu e cedeu —, termino com a inimizade entre nós. Deuses do nosso povo aceitai este sacrifício! — A espada rodopiou no ar quando ele a lançou, a curva distorcida recortando-se nitidamente contra o céu pálido, e desapareceu ruidosamente nas águas em baixo.

Caratac agarrou na haste de uma lança e quebrou a sua ponta contra a pedra. — Não mais esta lança beberá sangue celta! Que a Senhora dos Corvos possa aceitar este sacrifício!

Se ao menos, pensou Boudica, os ódios entre as tribos pudessem ser extintos tão facilmente! Mas talvez a ameaça romana os assustasse o suficiente para que pusessem de lado velhas inimizades. Um a um os reis avançaram com espadas e lanças, escudos com ornamentos de bronze esculpido em graciosas espirais triplas, pedaços de arreios de cavalos e aparelhagens para os carros de junco que eram a mais temível arma das tribos. Eram obras de arte, não apenas utensílios, um tesouro que poderia suscitar apoios entre as gentes, mas poderia não haver gentes se não tivessem os favores dos deuses. À medida que a pilha ia diminuindo, Boudica apalpou o punhal pensando se deveria atirá-lo também. Mas, embora fosse de sangue real, ela própria não tinha nem posição nem poder. Porque haveria de estar a incomodar os deuses, especialmente neste ritual?

— *Seres Sagrados* — pensou então —, *se me disserdes o que Vos agradaria, farei o que puder para celebrar o sacrifício.* Teve uma súbita sensação de vertigem, como se a terra se tivesse movido sob os seus pés. Por instantes sentiu dificuldade em respirar. Boudica sempre *acreditara* que os deuses ouviam, mas subitamente *soube* que fora ouvida e estremeceu, pensando se teria sido sensato fazer uma promessa tão arrojada.

Entretanto as ondas provocadas pelo lançamento do último escudo amolgado desapareceram. Uma brisa trouxe o odor da fogueira de que Bendigeid ficara a cuidar. O céu já estava brilhante e

as arestas irregulares do horizonte, a leste, debruadas de ouro. Ardanos e Cunitor despiram os mantos brancos e pousaram-nos no chão, depois foram até à árvore espinhosa e desataram o garanhão.

Os Icenos eram grandes amantes de cavalos. Ela sentira a falta dos bichos durante os últimos três anos. Aquele era um belo animal, cujo pelo e olhos brilhantes revelavam a excelente saúde. Mas quando olhou para o cavalo sentiu algo mais. Já vira muitas vezes animais a serem abatidos para servirem de alimento ou sacrificados como oferendas, mas naquele momento tudo — o animal, os humanos, as águas escuras por baixo do penhasco — pareceu subitamente mais *real*. *Não* — pensou então —, *o sacrifício torna tudo mais sagrado...*

O animal bateu nervosamente os cascos quando um dos corvos soltou um grito rouco. Desta vez ninguém disse uma piada. Sentiam todos que não só os pássaros, como os próprios deuses, estavam ansiosos pela oferenda.

Enquanto os dois jovens druidas seguravam o cavalo, Mearan andou lentamente à sua volta, moldando o ar em torno do seu corpo com o molho de campainhas de prata. As orelhas do garanhão dobravam-se nervosamente, seguindo o som.

— A cabeça deste cavalo é a madrugada! O seu olho é o Sol e o seu hálito é o vento — cantou Lugovalus. — As suas costas são tão largas como a taça dos céus. O Sol ergue-se na sua testa e põe-se na tenda entre os seus quartos traseiros.

O ribombar grave da voz do druida-chefe parecia fazer vibrar a própria terra. Seriam as suas palavras ou a bênção das campainhas que faziam com que o ar em torno dele brilhasse? Era uma canção de transformação, a parte transformando-se no todo, a palavra da carne oferecida ao mundo dos espíritos.

O garanhão sobressaltou-se quando a brisa espevitou a chama da tocha. — Este cavalo é a terra e as estrelas do céu. Este animal é o cavalo que viaja entre os mundos. Este cavalo é a oferenda.

Bendigeid estendeu a Ardanos a lâmina sacrificial. O metal brilhou quando este esticou o braço para cortar a garganta do bicho e o garanhão relinchou e ergueu-se nas patas traseiras, escoiceando o ar. Um dos cascos apanhou Ardanos nas costelas e a faca saiu-lhe,

brilhante, das mãos e afundou-se no lago. Lhiannon gritou e correu para Ardanos quando este tombou.

Os reis saltaram para o lado enquanto o cavalo levava Cunitor de rastos pelo chão, mas Prasutagos esquivou-se aos cascos e saltou para diante, agarrando a rédea, usando o seu peso enorme para imobilizar o animal.

— Ele ficou sem fôlego — disse Lhiannon enquanto Ardanos tentava respirar. Apalpou-lhe suavemente o tronco, mas quando chegou às costelas o homem gritou. — E ficou com algumas costelas partidas — acrescentou. — Fica quieto, meu querido. Temos que te ligar antes de te poderes mexer.

O garanhão parou de se debater enquanto Prasutagos lhe falava, numa voz suave e constante como o murmúrio do vento. Só então, olhando para os outros, é que Boudica se apercebeu de quão terrível devia ser aquele presságio.

Sacou da faca e rasgou a parte de baixo da túnica, de dentes cerrados, até o linho forte ceder e conseguir rasgar uma tira junto à bainha. — Usa isto... — ofereceu a Lhiannon.

— Cunitor, traz cá o cavalo... — disse Lugovalus. — Temos de acabar o ritual.

— Eu levo-o — disse Prasutagos. — Ele sente o medo do teu druida.

Bem, não era para admirar, pensou Boudica, depois de terem visto o que acontecera Ardanos. Mas não conseguiu evitar um impulso de orgulho. Os Icenos tinham fama, tanto pelo treino como pela criação de cavalos, e era evidente que Prasutagos era um mestre dessa arte.

O príncipe conduziu o animal novamente para junto do penhasco. Afagou o pescoço tenso, murmurando na orelha levantada até a cabeça nobre se baixar e o cavalo ficar imóvel. Ainda

a murmurar, inclinou-se sobre o pescoço forte e tocou nos joelhos do animal até este ajoelhar e deitar-se.

Lugovalus tirou o toucado de penas e a rígida capa de pele de cavalo e pousou-os no chão.

— Toma o meu punhal — Caratac estendeu-lhe uma lâmina brilhante. — Foi afiado recentemente.

— Este cavalo é a oferenda... — disse o druida-chefe numa voz baixa. Movendo-se lentamente deu a volta ao animal e ajoelhou, mantendo a faca junto ao corpo até ao último momento e então, num movimento rápido e ágil, cortou-lhe a garganta.

O sangue jorrou num riacho brilhante. Por um instante o cavalo pareceu não perceber o que acontecera. Depois sobressaltou-se, mas Prasutagos mantinha todo o seu peso sobre o pescoço do animal, ainda a murmurar-lhe ao ouvido e a grande cabeça desfaleceu e o príncipe pousou-a, suavemente, no chão.

A luz repentina do Sol que se erguia, o mundo pareceu ficar escarlate enquanto o sangue formava uma poça por baixo do corpo branco e corria num ribeiro vermelho para a beira do penhasco. Boudica pestanejou, vendo o brilho da energia que rodeara o garanhão acompanhar o sangue na direção do lago. Mas pareceu passar muito tempo antes de a força da vida se esvaír por completo e ficar ali, jacente, uma carcaça apenas.

Em silêncio, Cunitor e os outros homens desmancharam o animal, retirando o coração e o fígado e cortando grandes porções de carne dos quartos traseiros. Boudica ajudou a enfiar pedaços de carne em espetos de ferro e a suspendê-los por cima do fogo. A cabeça e as pernas foram deixadas ligadas à pele, que foi descida para junto da água e suspensa de um poste que, era evidente, já fora usado anteriormente para o mesmo fim. Quando acabaram, as entranhas estavam amontoadas junto à árvore espinhosa e o resto da carcaça foi lançado à água.

A calma da manhã foi estilhaçada pelos gritos triunfantes dos corvos que desciam para se apoderarem do seu quinhão do banquete. A bainha do manto do druida-chefe estava ensangüentada, e a parte da frente da túnica de Prasutagos, onde este aninhara a cabeça do cavalo moribundo, estava carmim de

sangue. A náusea competia com a fome sob o efeito do odor da carne de cavalo assada que se erguia no ar.

Tudo é alimento para alguma coisa... pensou Boudica. — *Que a minha morte possa ser igualmente valiosa quando o meu momento chegar.* Mas estava absolutamente consciente de que todos quantos partilhavam o festim não só tinham feito o sacrifício como eram parte dele.

QUATRO

— A Helve não queria que me sentasse ao pé de ti... — disse Coventá. As dobras da capa debruada a pele de Boudica eram suficientemente amplas para cobrir ambas enquanto esperavam pela chegada do banquete do meio do Inverno. — Mas não me importa que ela me ponha as orelhas quentes amanhã se esta noite me mantiveres quente!

O Verão glorioso dera lugar a um Inverno mais frio e chuvoso do que qualquer um desde a chegada de Boudica àquela terra, ou talvez parecesse apenas sê-lo por as notícias serem más. Por cada tribo que concordara em juntar-se à aliança houvera uma que recusara.

O som da música fez virar a cabeça de Boudica. Ao fundo da lareira, biombos feitos com peles davam mais proteção aos assentos e mesas de jantar onde reinavam os druidas mais importantes. O homem novo, Brangenos, entrara e estava a ajustar as cordas da harpa em forma de crescente. Fora um bardo da Ordem Druida da Gália que, apenas recentemente, alcançara o refúgio da ilha. Era alto e quase esquelético, de tão magro, com madeixas brancas nos cabelos negros. Era também um harpista muito melhor do que Ardanos, que fora o melhor dos bardos da ilha até à sua chegada. Mas, mesmo quando sorria, se via a tristeza estampada nos seus olhos.

Quando estava a terminar a afinação houve movimento junto à porta. Era o druida-chefe que entrava. Em honra do festival usava uma manta tecida com sete cores e com franjas por cima da túnica branca. Atrás dele vinham os druidas mais importantes, seguidos por Ardanos e por Cunitor, e pelos restantes sacerdotes mais jovens. Onde, pensou ela enquanto eles se acomodavam no topo, estariam as sacerdotisas?

A um sinal de Lugoalus, Brangenos levantou-se com a harpa aninhada na curva do braço.

O povo saudou o chefe dos grupos de guerreiros

O rei dos homens que marchavam chamava as tribos

para a guerra

Agora todos os gritos estão silenciados e o vento toca as harpas de ossos.

A harpa soltou acordes sonoros quando o druida passou os dedos pelas cordas. *Ele vem da terra de Vercingetorix, lembrou-se Boudica. Pelo menos o único Gaulês que venceu César em batalha é recordado aqui.*

Em toda a parte, nas terras celtas, era conhecida a história de Vercingetorix e de como este unira as tribos gaulesas, usando os fortes das colinas e as próprias colinas como bases para atacar as

legiões de César. Mas no fim o imperador romano encurralara-o na Alésia e submetera-o pela fome.

O grande rei foi ter com o senhor das águias

Depôs as armas para salvar os seus guerreiros

O seu túmulo não tem nome e o vento toca a harpa de ossos.

Mais uma vez o som suspirou nas cordas. Depois a harpa ficou silenciosa. O rei gaulês fora arrastado pelas ruas de Roma no triunfo de César e aprisionado, durante anos, num buraco na terra. Ninguém sabia como acabara por morrer. Aquela não era, definitivamente, uma canção muito alegre para o solstício. Porque seriam os derrotados a ter sempre as melhores canções?

Enquanto o bardo tocava, Mearan aparecera. Por um instante Boudica sentiu-se desapontada por ter perdido a sua entrada, pois a alta sacerdotisa tomava habitualmente as refeições na sua própria casa e a sua participação nos festivais mais importantes estava rodeada de alguma cerimônia. Mas nem mesmo a luz incerta da fogueira conseguia disfarçar a sua palidez. Talvez ela tivesse aproveitado a distração para tornar menos notado o fato de precisar de ajuda para se sentar.

Helve, pelo contrário, estava magnífica. A sacerdotisa sempre fora simpática para Boudica, mas isso devia-se mais ao fato de saber que esta era bem nascida do que a quaisquer sentimentos pessoais. A rapariga já vira aquele mesmo ar em filhos de reis ansiosos por herdar as honrarias dos seus pais. E vira-os depois, por vezes, quando a escolha para chefe recaía sobre outro dos membros da família real. Não lhe parecia que Helve conseguisse lidar bem com o desapontamento, mas perguntava-se como as restantes iriam lidar com Helve se as suas expectativas fossem satisfeitas.

As peles que cobriam a entrada foram mais uma vez afastadas e o cheiro maravilhoso de javali assado encheu a sala. Coroada com hera em honra da estação, a velha Elin abria a procissão. Havia taças de papas de aveia com frutos secos, travessas com tubérculos e cestos com salsichas e queijo. Dois dos rapazes mais velhos carregavam entre ambos uma prancha com pedaços de carne de porco que soltavam no ar espirais de vapor. As bocas encheram-se de água quando o druida-chefe ergueu as mãos e começou a entoar uma bênção sobre a comida.

*

Boudica despejou o copo de madeira cheio de cerveja e recostou-se com um suspiro. — Estava muito bom. E a primeira vez, em muitos dias, que me sinto quente por dentro e por fora.

— Tens a faces coradas por causa da cerveja... — comentou Coventa — ou é por causa do Rianor estar a olhar para ti?

— Não está nada... — Boudica ergueu os olhos e viu que o rapaz interpretara o seu olhar como um convite e que vinha na direção delas com dois dos seus amigos.

—Acho que ele gosta de ti... — Coventa riu-se e gritou quando Boudica lhe deu um beliscão.

Apercebeu-se subitamente de que Rianor já não era um rapaz. Crescera muito durante os últimos meses e no seu queixo via-se a sombra de uma barba escura. Só quando comparado com guerreiros como aqueles que os tinham visitado no último Verão é que continuava a parecer uma criança.

— Cheguem-se para lá meninas — disse com um sorriso. — Ou comeram tanto que já nem há espaço no banco? Não é justo estarem a tapar todo o calor que vem do fogo.

— Estás a dizer que eu estou gorda? — protestou Boudica, mas já estava a chegar-se para o lado para que Rianor conseguisse sentar-se. Corou um pouco quando ele pôs o braço por cima dos seus ombros. O amigo dele, Albi, tentou fazer a mesma coisa e falhou, aterrando na palha aos seus pés onde os outros rapazes se lhe juntaram, brigando na brincadeira como os cães do seu pai costumavam fazer antes de se deitarem em frente ao fogo.

Na matilha havia uma hierarquia — e na matilha dos rapazes também. Rianor era um líder. Cloto também o era, mas desde a visita dos reis que muitos dos seus antigos seguidores o evitavam.

— O que achas do nosso novo bardo? — perguntou Rianor.

— Tem uns olhos tão tristes... — observou Coventa com um suspiro.

— Bem, a canção dele foi bastante triste — concordou Albi.

— E devíamos aprender com ela — disse Cloto bruscamente. — Não podemos combater Roma. Vercingetorix tentou e morreu e todos aqueles reis orgulhosos que cá vieram morrerão também.

— César conquistou Vercingetorix e César está morto — objetou Rianor. — Este imperador que eles agora têm não é um guerreiro.

— Nem tem de ser — disse Cloto sombriamente. — Tem generais que farão o trabalho por ele.

— Achas então que devíamos cair por terra e deixá-los fazer o que entenderem? — exclamou Albi. A medida que as vozes se erguiam começaram a atrair a atenção dos outros. Boudica fez um gesto para que falassem mais baixo e, por instantes, calaram-se todos. Quando Cloto voltou a falar a sua voz soou intensa mas baixa.

— Devíamos dar-lhes as boas-vindas e fazer tratados. Terão de nos tratar com justiça se estivermos sob a proteção das suas leis.

— Como Veric... — disse Boudica. Cloto encolheu os ombros. Toda a gente sabia que ele era primo do rei Atrébate. Claro que tinha de estar de acordo com ele.

— E, quando estivermos todos tão domados como as tribos da Gália, o que acontecerá? — murmurou Rianor. — Os nossos filhos crescerão a falar Latim e esquecerão os nossos deuses.

— Acho que isso não é justo — disse Albi lentamente.

— Ouvi dizer que todos os povos do Império são livres de adorar os seus próprios deuses desde que honrem também os deuses de Roma.

— Todos exceto os druidas... — disse Coventa subitamente. Os seus olhos estavam desfocados e começara a tremer.

— Os druidas da Gália que não fugiram foram mortos. Boudica agarrou-a pelos braços e abanou-a ao de leve, fazendo-a concentrar-se no aqui e agora. Se ela tivesse um dos seus ataques teriam os sacerdotes em cima deles de certeza absoluta. Por instantes a rapariga ficou rígida nas suas mãos e depois descontraíu-se com um suspiro.

— É verdade — disse então Rianor. — Nós, os druidas, não temos alternativa. Se os Romanos governarem a Britânia o povo poderá sobreviver, mas não serão mais Atrébates ou Brigantes ou Regni. — A sua voz ergueu-se. — Pelos deuses, nós, as tribos, amamos tanto a nossa liberdade que nem sequer nos unimos como Bretões sob um único rei! Como é que achas que seria melhor sermos engolidos por Roma? — Olhou agressivamente para Cloto e o rapaz pôs-se de pé, com um salto, de punhos cerrados e a postos.

Quando Rianor se erguia rapidamente para o enfrentar, Ardanos apareceu repentinamente por trás deles agarrando os ombros dos rapazes com mãos fortes.

— No que é que estão a pensar? — sussurrou ele com o cabelo ruivo a ficar em pé. — As vossas disputas profanam o festival! Graças à Deusa que a alta sacerdotisa e o druida-chefe já se foram embora.

Ficaram a olhar para ele de boca aberta. Que parte da discussão teria Ardanos ouvido? Boudica sabia que os druidas tinham as mesmas discussões que os seus jovens educandos. Mas não, tinha que o admitir, em frente de toda a comunidade durante um festival.

Ardanos soltou os rapazes. — Se podem lutar também podem trabalhar. O banquete já terminou. Despachem-se a limpar o salão.

*

— Os deuses são muitos ou são só dois ou um? — Lugovalus inclinou-se para a frente com a barba branca a brilhar à luz do dia primaveril. Boudica esfregou os olhos e tentou prestar atenção. Preferiria andar atrás dos carneiros ou a colher verduras para a panela ou qualquer outro trabalho desde que se pudesse *mexer*.

— A Lhiannon ensinou-nos que tudo isso é verdade... — disse Brenna dirigindo um sorriso ao mentor. — A todas as deusas, todas as que vemos como divinas e femininas, chamamos Deusa. Mas quando rezamos, Ela tem um ou outro rosto... Donzela ou Mãe ou Sábia ou Brigantia ou Cathubodva.

E nenhuma delas, pensou Boudica, parece querer falar comigo.

— A tudo o que é divino e masculino chamamos Deus. Invocamo-los como Senhor e Senhora no Beltane... — Brenna corou.

Tinha acabado de regressar das cerimônias que faziam dela uma mulher adulta, na ilha de Avalon, e estava a certificar-se de que toda a gente ficava ciente de que planeava encontrar um amante nas fogueiras de Beltane.

— A vossa professora ensinou-vos bem — disse o druida-chefe. Lhiannon inclinou a cabeça, mas pareceu não ficar muito feliz com o elogio. Ou talvez fosse por causa da referência a Beltane. Tentaria encontrar Ardanos naquele ano?

— Então... — disse Lugovalus —, compreendem que os deuses são simultaneamente um e muitos. Honramos o Único, mas há na realidade uns quantos que podem ter um toque desse poder. Fez uma pausa momentânea, com o rosto iluminado e Boudica sentiu-se

abruptamente certa de que ele estivera na presença da Fonte de Tudo. Depois sorriu e virou-se novamente para eles.

— Talvez saibamos mais quando estamos entre vidas, mas enquanto habitamos os corpos humanos e temos sentidos humanos, é aos muitos que rezamos e fazemos as nossas oferendas.

Rianor ergueu uma mão. — Meu senhor, a que deus deveremos rezar agora, que enfrentamos a guerra?

— Que nome dás a esse poder na tua terra?

— Os Trinovantes sacrificam a Camulos... — foi a resposta orgulhosa. — Camulodunon é o forte do deus da guerra.

Boudica assentiu, recordando o imponente círculo de carvalhos no campo que ficava a norte do forte e do santuário. No seu interior erguia-se uma pedra onde o deus fora esculpido, de pé entre duas árvores, com um toucado de folhas de carvalho.

Os outros alunos estavam a dizer outros nomes: Cocidios Vermelho no norte, Teutates entre os Catuvellauni e Lenos para os Silures. Os Belgas sacrificavam a Olloudios e os Brigantes a Belutacadros. Entre o seu próprio povo invocavam Coroticos quando partiam para a guerra, mas como acontecia com muitas tribos, era uma deusa, Andraste, a quem rezavam pedindo o fervor da batalha que lhes traria a vitória.

— Quando as tribos se juntarem, que deus ou deusa as guiará?
— perguntou Bendeigid.

— Vou fazer-te uma pergunta — replicou o druida-chefe. — Qual é a diferença entre um exército e um guerreiro?

— Um guerreiro é um homem e um exército são muitos homens
— respondeu o rapaz. Não era o único a parecer confuso.

— Mas o exército é mais do que uma soma de combatentes. Quando dizes “um druida”, podias estar a referir-te a mim ou a Cunitor ou a Mearan. Mas quando dizes “os druidas” estás a referir-te a uma entidade maior que engloba todos os nossos poderes e tradições.

— As pessoas também são assim — disse Coventa de repente.
— Uma mulher pode ser filha e mãe e sacerdotisa, mas as pessoas falam com ela como se só fosse uma dessas coisas de cada vez.

O druida-chefe assentiu. — Um exército também é mais do que a soma dos seus guerreiros. Tem um espírito, uma mente própria. E o mesmo se passa com os deuses. Quando os combatentes de um exército invocam o deus da guerra usando nomes diferentes, invocam algo de maior que os inclui a todos e que passa a existir.

— Nem todos... — disse alguém calmamente. Ardanos estava de pé na parte de fora do círculo com um ar grave. — O deus dos Atrébates não lutará conosco. Caratac expulsou Veric das suas terras.

Por um instante ficaram todos silenciosos. A notícia não era inesperada, mas ouvi-la assim de repente, e naquele contexto, era inquietante, como se ao falarem no deus da guerra o tivessem invocado. Boudica viu o choque dessa consciência nos rostos à sua volta.

— Que se danem todos! — Cloto pôs-se de pé de um salto olhando furioso em redor. — E tu mais que todos! — cuspiu para os pés do druida-chefe. — Os Caruvellauni sempre cobiçaram as nossas terras mas, sem apoios, não se teriam atrevido a tomá-las!

Cunitor pôs uma mão no braço do rapaz. — Vá lá Cloto, aqui já não somos Atrébates ou Trinovantes, somos druidas. Lugovalus fez aquilo que achou melhor para toda a Britânia.

— Ele trouxe ruína ao nosso povo! — Cloto arrancou o braço das mãos de Cunitor e ficou de punhos cerrados desafiando-os a todos. Lugoalus poderia tê-lo imobilizado com uma palavra, mas o druida-chefe limitou-se a olhar para o rapaz com a pena estampada nos olhos.

— Pensas que és tão sábio! — cuspiu Cloto. — Não vêes que farás cair sobre nós aquilo que mais temes? Caratac empurrou Veric para os braços dos Romanos. O tratado que fizeram exige que ele os ajude e este será o pretexto de que necessita!

— Mas Helve *viu-os* a invadir... — disse Coventa erguendo as mãos num apelo. — Não compreendes que unirmo-nos contra eles é a nossa única esperança de sobreviver?!

Por instantes ficaram com os olhares presos um no outro, o rapaz furioso e a menininha vidente. Quem teria razão? Estaria o destino traçado como estivera nas histórias que o velho escravo grego de Cunobelin costumava contar?

— Maldita sejas! Amaldição a todos! — gritou Cloto. — Quando esta ilha estiver afogada em sangue lembrar-se-ão e desejarão ter ou...

Foi então que, por fim, Lugovalus ergueu a mão e, embora os lábios do rapaz continuassem a mover-se, não produziam qualquer som. No silêncio súbito alguém soltou uma risadinha nervosa, depois engoliu em seco e calou-se.

— Chega... — disse então o druida-chefe. — Se não vais ficar do nosso lado, não mais pertences a nós. Vai juntar as tuas coisas e dirige-te ao local de embarque. Um barco esperará lá por ti.

Mudos, viram Cloto afastar-se. Lugovalus silenciara-o, mas nem mesmo o druida-chefe conseguia apagar aquelas palavras das memórias de todos. E se Cloto tivesse razão? Seria melhor lutar pelas razões certas, mesmo que se falhasse, ou rendermo-nos a bem da segurança? Os druidas não tinham escolha. E, se estivessem condenados, ao menos os bardos poderiam cantar como se tinham batido com valentia.

*

Quando Lhiannon subiu o caminho para a cabana onde vivia a alta sacerdotisa, viu Boudica a afastar a manta que cobria a porta com uma bacia de madeira nos braços.

— Como está ela?

— A Senhora não agüentou nada no estômago hoje... — exclamou Boudica. — Ela está tão magra, Lhiannon! Acho que se

mantém viva graças apenas à força do seu espírito!

— Ela sempre teve coragem — murmurou a sacerdotisa.

— Vi morrer o Rei Cunobelin. Alternava entre a vigília e o sono até que, por fim, não acordou mais. Mas Mearan está acordada. Não há nada que possas fazer por ela, Lhiannon?

— Se ela não consegue beber as infusões não a podemos ajudar com remédios, mas posso ajudá-la a afastar o espírito das dores do corpo.

Boudica assentiu e afastou-se para despejar a bacia. Lhiannon inspirou mais uma vez o ar doce do Verão e entrou. Quando viu a palidez cerosa da pele de Mearan, pensou com desalento que a batalha que ali estava a ser travada iria ser perdida.

— Minha senhora, como vos sentis? Tendes dores? — perguntou baixinho ajoelhando ao lado de Coventa.

Lentamente as pálpebras arroxeadas ergueram-se. — Agora não. Sinto-me... leve...

E era caso para isso, pensou Lhiannon. Parecia-lhe que os ossos fortes da mulher mais velha irrompiam ainda mais da pele do que no dia anterior.

— Acho que em breve flutuarei para longe. — Mearan fez uma pausa e depois inspirou novamente. — Não é por vontade minha que vos deixo, mas é capaz de daqui vir algum bem. Entre os mundos consigo *ver...*

— Não deveis fatigar-vos... — Lhiannon ouviu-se a pronunciar as palavras de negação ainda que soubesse que Mearan tinha razão. Dizia-se que a visão final de um iniciado tinha grande poder.

— Não *deves* iludir-te... — A alta sacerdotisa disse secamente. — Sei que estou a morrer.

Lhiannon sentou-se sobre os calcanhares quando Boudica entrou com a taça vazia e um jarro.

— Minha senhora, aqui está água fresca da nascente — disse a rapariga. — Far-vos-á bem. — Lhiannon ajudou a mulher doente a erguer-se para que pudesse beber e depois recostou-a novamente nas almofadas.

— Obrigada... — Mearan fechou os olhos. Durante algum tempo só se ouviu a sua respiração difícil. — Escutem-me. Esta manhã sonhei acordada... — disse então.

Lhiannon endireitou-se, com a concentração a ajustar-se de um modo que lhe permitiria recordar tudo o que ouvisse, tal como fora treinada para fazer.

— E vi-te Lhiannon... só que eras velha. — Mais velha, acho, do que eu alguma vez serei.

— Então era ela! — exclamou Coventa. Corou quando viu o olhar reprovador de Lhiannon. — Eu sei que não devia, mestra, mas de verdade que não consegui evitá-lo. Eu estava meio a dormir e sentada aqui mesmo ao lado dela e vi...

Lhiannon suspirou. Se a criança apanhava as visões da vidente no assento da profecia, não era para admirar que partilhasse agora as visões de Mearan. Para seu próprio bem, Coventa deveria ter outras tarefas atribuídas, mas se Lhiannon o sugerisse sem dúvida que Helve discordaria.

— Não faz mal filha... — murmurou. — Senhora... que mais vistes?

— Estavas numa casa rodeada por uma floresta, um local onde nunca estive. Tinhas as insígnias da alta sacerdotisa... — Com os olhos ainda fechados sorriu.

Lhiannon ficou hirta com o choque, olhando para as duas raparigas para ver se tinham ouvido. — Mearan... — murmurou —, que quereis dizer? Serei a alta sacerdotisa depois de vós? — Era privilégio da alta sacerdotisa escolher a sua sucessora, apesar de os druidas terem uma palavra a dizer na aceitação da escolha. E Helve estivera tão segura...

— Alta sacerdotisa... — a voz da mulher doente ficou mais forte. — Sim... sê-lo-ás, mas não para já, minha filha. E não aqui... — Tossiu. — Entre esse momento e o agora há um vazio. Há ali qualquer coisa... fogo... sangue... — a sua cabeça girou, temerosa, sobre a almofada. — Não consigo ver... — gemeu. — Tenho que ver! — As palavras foram interrompidas quando vomitou para dentro da bacia que Boudica segurava.

— Mearan! Bebei isto! Não tenteis falar, querida... não preciso de saber!

— Saber... — A mulher doente arfou. Durante alguns minutos a sua respiração difícil foi o único ruído na sala. — Aqui não... — murmurou ela finalmente. — Leva-me para o Bosque Sagrado. Lá... verei. — Lhiannon recostou a sacerdotisa nas almofadas onde esta ficou de olhos fechados a respirar cuidadosamente. Não voltou a falar.

*

A Primavera estava próxima, mas quando a escuridão caía o vento que agitava as chamas das tochas parecia vindo diretamente dos picos das montanhas do outro lado do estreito que ainda estavam nevados. Helve estava diante do altar como alta sacerdotisa, as vestes negras caindo-lhe dos braços como asas pretas. Nos seus pulsos os braceletes de ouro brilhavam à luz das tochas; um torque ³de ouro envolvia-lhe o pescoço. Aqueles ornamentos teriam pertencido a Mearan? Boudica não se recordava se vira a alta sacerdotisa a usá-los. Quando Mearan presidia aos rituais lembrávamo-nos do que ela *era* e não daquilo que usava...

As sombras ondularam ao longo da fila de sacerdotisas enquanto estas ecoavam a saudação de Helve. Boudica respirou fundo e preparou-se para cantar. Porque não teria Lhiannon sido escolhida? Boudica lembrava-se demasiado bem do murmúrio rouco de Mearan quando esta dissera que tinha *visto* Lhiannon com as insígnias de alta sacerdotisa na testa. Nenhuma das estudantes estivera presente no ritual final de Mearan, mas corriam boatos loucos sobre as palavras da moribunda. Teria ela mudado de ideias ou teriam os druidas mais velhos recusado a sua escolha por motivos só deles conhecidos?

A nova alta sacerdotisa assumira o seu novo papel causando menos perturbação do que alguns esperavam, mas talvez isso se devesse ao fato de passar tanto tempo a conferenciar com os druidas mais importantes que mal a viam. Mas ela era como uma égua de boa linhagem que o seu pai possuía em tempos, forte e bela e tão inclinada a morder-nos como a transportar-nos.

A Lhiannon fora conferido o título de Senhora da Casa das Donzelas e agora, como se até mesmo aquele reconhecimento fosse uma ameaça para ela, Helve tinha mandado a sua rival acompanhar Ardanos e os outros druidas que iam ser enviados para apoiar Caratac com magia de guerra se os Romanos viessem.

E eles viriam. O rei Veric escapara a Caratac e correria para o seu patrono, o Imperador. Na costa norte da Gália os Romanos estavam a juntar mantimentos e homens. Caratac estava a reunir as tribos para os enfrentar, mas se os druidas possuíam alguma magia que pudesse deter a invasão, então aquele era o momento para a usar.

Boudica regressou à realidade com um sobressalto quando o murmúrio da invocação terminou e um arrepio percorreu-lhe a espinha num misto de antecipação e de apreensão. No Equinócio o mundo ficava em equilíbrio entre a velha e a nova estação.

O que fosse feito naquele momento faria pender a sorte da nova estação num ou noutro sentido. Mas quereriam mesmo envolver os

deuses naquilo? Uma coisa era discutir a Senhora dos Corvos num círculo de estudantes a meio do dia, outra coisa completamente diferente era invocá-la quando a escuridão varria a terra.

O druida-chefe chegou uma das tochas à lenha seca que estava a postos junto ao altar e esta explodiu em chamas.

— Corvo da Batalha... — gritou a alta sacerdotisa e as sacerdotisas responderam num eco: — Escutai-nos!

Virgem, feiticeira e amante...

Senhora da boca torcida...

Senhora das coxas abertas...

Bruxa dos ossos, noiva das sombras...

Contadora de verdades, passageira de Pesadelos...

Grande rainha que concede a vitória...

Grande rainha que dá a morte...

— Cathubodva! Grande Rainha! Escutai-nos! — A resposta foi ainda mais alta, os coros masculinos e femininos entrecrocando-se à medida que se conduziam a uma intensidade crescente.

— O vosso alimento é a morte, a vossa bebida o sangue da vida! Aqui está o alimento para os vossos corvos, Senhora... recebei a nossa oferenda!

Dois dos druidas mais novos avançaram, transportando uma pequena criatura peluda que se debatia nas suas mãos — uma lebre — e Boudica reprimiu um estremelecimento de terror supersticioso. A lebre, que se erguia renascida debaixo da foice, era sagrada. A lebre nunca era morta nem comida... este sacrifício não seria partilhado, antes levado a um local solitário e oferecido inteiro à Deusa.

Um dos homens agarrou a criatura pelas orelhas compridas mantendo-a esticada. O metal brilhou vermelho à luz do fogo quando Helve abriu a garganta da lebre. Um carmim mais escuro tingiu-lhe as mãos enquanto o sangue jorrava e assobiava sobre as chamas. O ar por cima das labaredas estremeceu — devido ao fumo ou estaria a ver a força vital do animal? As narinas de Boudica estremeeceram com o cheiro da carne queimada e o corpo exangue foi posto de lado.

— Tirareis aos nossos inimigos o sangue dos seus corações e os rins da sua coragem! — Nuvens mais pungentes ergueram-se quando a alta sacerdotisa lançou ao fogo um punhado de ervas. — Sobre os nossos inimigos lançareis a sombra do medo e da

abominação, a sombra no oceano, a sombra na floresta, a sombra no espírito... Quando se virarem para a Britânia, todos os terrores da noite, todos os medos diurnos contidos nos seus corações se erguerão para os assombrar!

Helve virou-se com os braços abertos, mas ninguém se moveu. Não eram os seus corpos que ela chamava mas sim as suas almas. Duas dúzias de gargantas soltaram um grito que transportava o poder dos que gritavam e a sacerdotisa ligou-o à energia que pairava sobre o fogo.

Por cima do círculo o fumo assumia formas alternadamente sedutoras e monstruosas. Uma das sacerdotisas desmaiara e Boudica viu uma mancha branca no local onde um sacerdote apertava a erva, aterrorizado, mas os outros, pálidos como ela própria sabia estar, continuavam a cantar. Os olhos de Helve estavam orlados de branco e os lábios repuxados sobre os dentes num sorriso de êxtase.

— Sou eu Helve, quem vos conjura, quem vos comanda! Obedecei à minha vontade!

Ela devia dizer aquilo? Certamente que a um mortal cabia convencer e não ordenar... Por um instante Boudica sentiu um tipo diferente de medo.

— Gritai aos Romanos que não deverão vir contra nós! Esmagai-lhes a coragem! Não virão!

Uma vez mais os seus braços se ergueram e ela gritou. Boudica encolheu-se sob o impacto dos olhos tão negros como uma noite sem estrelas.

Sou a fúria... disse uma voz na sua alma. — Sou o medo... qual deles escolherás? Um carvalho abriu-se ao meio quando o poder desceu e os pássaros adormecidos explodiram em bandos de gritos sobre o bosque. Com o sangue me chamaste e o sangue correrá até que eu fique satisfeita!

Boudica gritou... gritavam todos enquanto a sombra os cobria e era levada, a girar, para sul e para leste, com uma onda de som.

*

E através da Britânia voou, num vento de pesadelo que fez com que os cães ladrassem, e os bebês chorassem enquanto galopava pelos sonhos dos homens. Sobre a Britânia e sobre as ondas cinzentas alterosas atravessou o mar estreito até a um local chamado Gesoriacum, na costa da Gália. Atingiu as tendas de cabedal agrupadas em fileiras cerradas como um milho de fúrias, arrancando as espigas e lançando os postes pelo ar. E os homens das legiões acordaram a tartamudear de medo.

E de manhã, ao olharem para o mar, viram em cada onda uma máscara de terror e viraram-se nas fileiras para enfrentar os oficiais e disseram: — Não iremos...

CINCO

Lhiannon estremeceu quando o martelo do ferreiro bateu no ferro em brasa. Um mês depois de ter chegado a Durovernon já estava acostumada ao barulho, mas cada pancada parecia repercutir-se na sua espinha. Olhou para a pilha de espadas de ferro e pontas de lança, peitorais e capacetes de bronze e ornamentos para os escudos e lembrou-se das oferendas que os príncipes tinham feito no lago sagrado. Quantas das armas que os ferreiros estavam a moldar acabariam nas águas e quem as atiraria para lá?

Tinham-se passado três semanas depois do equinócio. Os Romanos não tinham vindo, mas era evidente que o mar estreito, que tinha tornado tão arriscadas as travessias de César, era mais clemente para com os comerciantes que andavam para trás e para a frente entre as tribos celtas da Gália e a Britânia, pois pelo portão do forte vinha a entrar uma carroça conduzida por um Grego moreno e carregada com luxos do Sul. Quando o comerciante começou a descarregar a carroça os homens juntaram-se à sua volta. Lhiannon

aproximou-se, seguida pelos outros druidas e com Bendeigid no encalço. Instantes depois Caratac e alguns dos seus chefes tribais juntaram-se ao grupo.

— Vocês, guerreiros, podem ir para casa agora — os dentes brancos brilhavam entre a barba preta quando o comerciante sorriu. — Aqueles Romanos estão todos com medo! Chamam ao Mar do Meio o “Mar Nosso”, mas estas ondas — fez um gesto para leste —, aquilo é o *Oceano* cheio de monstros para os comer se eles lá passarem. E aqui — fez um gesto vago em torno de si —, isto é o fim do mundo.

— Eles amotinaram-se? — perguntou Caratac com brusquidão.

— Sem dúvida... mesmo depois do equinócio! — O comerciante sorriu novamente. — Acordaram todos aos gritos. Quando os oficiais os fizeram alinhar na formatura, disseram que a Britânia não era um lugar para homens civilizados e recusaram-se a partir!

Um dos homens soltou um grito triunfante e um outro saiu a correr para espalhar as notícias.

— Na viragem da Primavera... — disse Ardanos. — Fizeram-na, então... a Invocação... — Antes da partida de Lhiannon e do seu grupo de Mona, tinha havido muitos debates sobre o papel que a magia druida poderia desempenhar no combate que se aproximava e que tipo de magia serviria melhor a causa. O olhar que trocou com Lhiannon transmitia aquilo que não podia ser dito naquela companhia — *Então afinal a Helve sempre serve para alguma coisa...*

— Mas nós já o sabíamos — disse Lhiannon baixinho. — Na noite do equinócio sentimos a passagem do poder.

— E agora sabemos que resultou! — disse Cunitor. — Que possa funcionar de acordo com a nossa vontade!

Caratac ergueu as sobrancelhas. — Aquela noite de terror foi obra dos druidas? Quem me dera que nos tivessem dito na altura...

Cunitor teve a elegância de parecer envergonhado, mas a verdade é que não ocorrera a nenhum deles partilhar o que sabiam com quem não tinha os votos druidas nem era iniciado.

— Era a Senhora dos Corvos que gritava através dos nossos sonhos... — explicou Ardanos.

E ela é uma força que, depois de invocada, pode ser difícil de adormecer novamente, pensou Lhiannon, mas isso era algo que Caratac não precisava de saber.

Belina inclinou-se para sussurrar ao ouvido de Lhiannon. — Achas mesmo que a Helve escolheria algo de menor quando podia invocar um poder tão espetacular? — Lhiannon assentiu mas não disse nada. Belina, que nunca fora candidata ao lugar de alta sacerdotisa, podia dar-se ao luxo de se expressar assim sem suscitar suspeitas de ciúme.

— Bem, seja lá o que for que tenham conseguido, os meus guerreiros parecem estar convencidos de que fizeram um milagre. O que é bom para a vossa reputação, mas não tão bom se eu quiser manter um exército. — Caratac apontou para o acampamento que surgira ao lado do forte e que zumbia agora como uma colmeia sobrelotada. Já havia alguns a empacotar as suas coisas.

Bendeigid observava-os pensativamente. Durante o último ano ficara muito alto e magro devido à aproximação da maturidade. Desde a chegada a Durovernon que passara a maior parte do tempo a importunar os guerreiros para que o ensinassem a manejar a espada e o escudo. Houvera ocasiões em que as dificuldades da viagem tinham feito com que Lhiannon ficasse dolorosamente consciente do quão fácil a sua vida tinha sido em Oakhalls. Mas os pés magoados e os músculos doridos eram um pequeno preço a pagar para poder estar com Ardanos em vez de ficar a pensar como estaria.

— Quantos pensas que ficarão? — perguntava Ardanos.

— Metade da Britânia já pensa que esta reunião é um embuste para fazer de Togodumnos Rei supremo de todas as tribos... — disse Caratac amargamente. — E aqueles que responderam à minha chamada em breve quererão ir para casa a tempo de lavrar os campos.

Os druidas assentiram. Todos os homens sabiam que o tempo de combater era no Verão, entre as sementeiras e as colheitas. Só os Romanos é que tinham transformado a guerra num modo de vida e podiam dispor de um exército em qualquer altura do ano.

— A questão é saber se os Romanos estão verdadeiramente desencorajados ou meramente à espera... — observou Cunitor. — Não se devem ter esquecido de como os barcos de César foram arrasados pelas nossas tempestades. Certamente que não embarcarão antes do Verão, se chegarem a vir.

— Eu preferia que viessem já enquanto ainda tenho um exército — resmungou Caratac. Franzindo o sobrolho virou-se para Lhiannon. — Sei que na vossa ordem há algumas que são treinadas como oráculos. Senhora, se sois uma delas podereis tentar ver o que se passa? Certamente que compreendeis porque quero saber!

— Todos nós queremos... — murmurou Lhiannon. — Eu...

— Ela tentará, mas não antes da véspera de Beltane — as palavras de Ardanos sobrepuaram-se às dela. — Nessa altura, as energias estarão mais fortes e ela precisa de tempo para se preparar.

Havia uma aspereza nas palavras dele que só Lhiannon podia perceber. A promoção de Helve a alta sacerdotisa mudara muitas coisas na relação de Lhiannon com a comunidade de Mona. Ainda não era claro se a relação com Ardanos também mudara. Durante a noite, na viagem para ali, estivera agudamente consciente do fato de que ele dormia do outro lado da fogueira. Como seria dormir ao *lado* dele, com o seu corpo aninhado no dela, com as pequenas ressonadelas que soltava durante o sono a fazerem-lhe cócegas na orelha? As vezes ele acordava e ela sentia o seu olhar tocar-lhe na alma e sabia que ele estava a pensar no mesmo.

Mas a viagem, que poderia ter fornecido muitas oportunidades, privara-os no entanto da privacidade necessária para as aproveitarem. E, se era precisa para servir Caratac como vidente, então sempre havia uma razão para preservar a sua virgindade. Helve provavelmente preferiria ser a única a servir como oráculo, mas não fora aquela uma das competências druidas que tinham sido enviados para fornecer a Caratac?

Ardanos estava a olhar para ela e Lhiannon percebeu tanto a dor como a resolução estampadas nos seus olhos. *Ele sabe que isto significa que não se deitará comigo neste Beltane...e tomaríamos novamente a mesma decisão.* Sentiu uma dor estranha, em algum lugar na vizinhança do coração, e percebeu que escolheriam sempre o dever em detrimento dos seus desejos.

*

Nos dias que se seguiram ao Beltane ocorreu a Lhiannon que a maioria das pessoas, quando pensava nos oráculos, fazia-o da forma errada. Ter visões era fácil. Aparte difícil era compreender o que se vira. Para o ritual tinham ido até uma das elevações que os antigos tinham construído para sepultar os mortos. Tinha visto uma águia a lutar com um corvo e uma flor branca de narciso que se erguia acima de tudo. E a águia transformou-se em três bandos que voaram na direção da Britânia.

Mas não ficaram muito tempo à espera de saber o que a visão poderia significar. Antes de se ter passado uma semana um barco ligeiro voou sobre as ondas, vindo da Gália, para lhes trazer as notícias.

O motim terminara. Um dos secretários do imperador, um liberto chamado Narciso, pusera-lhe fim arengando às tropas de cima do púlpito do general e, passado o primeiro choque, fazendo apelo ao sentido de humor que ninguém suspeitaria ser uma característica dos legionários. E agora a frota, que esperara durante tanto tempo, estava a ser carregada com os mantimentos e com os homens. Havia três frotas, tal como Lhiannon vira: uma para devolver Veric ao seu país e duas outras para seguirem o rastro de César através das terras dos Cantiaci.

Os druidas uniram as suas energias para enviarem um aviso psíquico a todos quantos fossem capazes de o ouvir. Aqueles que, pertencendo à Ordem, serviam como sacerdotes nas aldeias, alertariam os guerreiros... se alguém acreditasse nas suas palavras. E Caratac enviara corretores para convocar aqueles que, tão recentemente, tinham regressado a casa e que estavam agora no meio dos trabalhos no campo ou com as manadas. Eles vieram, mas lentamente, e o rei reunira apenas metade da sua força quando o general romano, Aulo Pláucio, pôs as patas em solo britânico.

Os Romanos tinham desembarcado na costa a leste de Durovemon onde o rio desaguava no mar. Barcos negros às centenas estavam encalhados, em filas, mas areias como uma migração de aves marinhas fora da estação. Os batedores que Caratac enviara para os observar relataram que os invasores tinham feito uma curta incursão para o interior e tinham erguido defesas simples numa colina pouco alta. Deviam perguntar-se porque razão não encontravam ninguém, mas as ordens do rei tinham ditado que até mesmo os camponeses fugissem do seu caminho.

Em breve a horda romana marchava já para ocidente, acossada por todos quantos podiam lançar uma lança ou disparar um arco. Mas Caratac continuava à espera, enquanto um a um, ou aos pares

e às dezenas, os homens dos Cantiaci e guerreiros dos Trinovantes, do outro lado do Tamesa, iam chegando até que, nos últimos dias do mês de Beltane, os Romanos se aproximaram de Durovernon e Caratac teve que escolher entre entregar o forte ou tomar posição.

*

— Sente a terra a tremer... — disse Cunitor. — Uma vez senti um tremor assim nas montanhas, quando era rapaz.

Lhiannon pousou a palma da mão no solo. Do bosque, no topo da colina onde os druidas tinham sido colocados, não podiam ver

muita coisa, mas um tremor regular vibrava sob a sua mão. Para criar um ritmo daqueles era preciso uma grande quantidade de pés a calcarem a terra, e que tipo de disciplina os manteria assim em uníssono? Pela primeira vez teve noção da magnitude da força que os enfrentava.

— É o bater de um tambor e não um tremor de terra — disse Belina calmamente. — O tambor da guerra. — Um raio de sol fez brilhar novos fios prateados no seu cabelo castanho.

— Eles vêm aí? — perguntou Ambios. Era o druida de Caratac, um homem mais velho, que engordara devido à vida confortável que levava e que não sabia se havia de se sentir satisfeito ou ressentido com os reforços que tinham chegado da ilha dos druidas. Mas com a aproximação do inimigo parecia aliviado por ter companhia.

Lhiannon levantou-se e ergueu um ramo para espreitar. A encosta descia num misto de bosques e prados até alcançar o brilho azul e serpenteante do rio. Para montante, junto ao vau, os telhados de colmo das casas do forte brilhavam ao sol. Mais a baixo as forças de Caratac pareciam uma manta decorada com o brilho do ferro, do bronze e do ouro. Mas para leste erguia-se uma nuvem de pó, interrompida pelo brilho cruel do metal. Sentiu um calor que era

tanto do espírito como da carne quando Ardanos se pôs ao lado dela.

— Eles vêm aí... — murmurou ela. Instintivamente estendeu o braço e ele deu-lhe a mão.

Sob os seus olhos o pó começou a definir-se em quatro divisões de homens que marchavam divididos em dúzias de pequenos quadrados, seguindo o mesmo caminho que as legiões de César tinham aberto. Os oficiais a cavalo moviam-se entre eles e a cavalaria trotava de ambos os lados.

Agora os outros druidas também já estavam de pé a espreitar por entre as folhas. Ergueu os olhos quando uma sombra se moveu entre si e o Sol. Uma asa de corvo brilhou, branca, ao captar a luz e depois novamente negra enquanto o pássaro voou em círculos antes de se instalar num ramo. Gritou e outros lhe responderam.

Podes dar-te ao luxo de ser paciente, pensou Lhiannon amargamente. *Quem quer que seja o vencedor desta batalha terá a*

tua recompensa. Pela primeira vez perguntou-se se a própria Senhora dos Corvos queria saber qual dos lados saía vencedor.

Ardanos fez sinal a Bendeigid que ergueu o corno que transportava e fez soar uma nota longa. Uma onda de movimento passou pelos Bretões reunidos lá em baixo enquanto as suas trombetas esculpidas com a forma de cabeças de javali soavam em desafio e as trombetas romanas respondiam, num clangor metálico.

— Espera por eles — murmurou Ardanos. — Caratac, tens a vantagem do terreno... espera que cheguem perto!

E em frente marchavam as legiões, inexoráveis como as marés, as sandálias ferradas a esmagarem os jovens grãos. O forte fora esvaziado, mas o inimigo passou por ele como se a capital bárbara não constituísse qualquer tentação. E o rio não constituía naquele ponto, baixo e largo, um obstáculo. Mas a formação ordeira estava finalmente a quebrar-se... não, estava a mudar, num movimento tão disciplinado como se de uma dança se tratasse, uma legião avançando enquanto as outras se espalhavam para lhe dar apoio, uma ponta de lança apontada à massa multicolorida dos Celtas na colina.

Das linhas celtas saía um guerreiro nu e depois outro, gritando insultos aos inimigos, mas Caratac continuava a ter os homens sob controlo. Por trás dos campeões aguardavam os carros de combate e, por trás destes, uma massa de guerreiros ululantes. O ar vibrava, oco, quando as espadas compridas embatiam nos escudos.

Lhiannon tremeu à vista daquela beleza mortífera, mas o tempo para a contemplação já passara. Os outros estavam a dar as mãos, enterrando firmemente os pés no terreno arenoso e ganhando alento para a parte que teriam que desempenhar naquele embate.

— Oh mortos poderosos, eu vos conjuro! — gritou Ardanos. — Vós que combatestes os pais destes inimigos, escutai-nos agora. Erguei-vos para nos ajudar, vós cujo sangue da vida alimentou estes campos quando César conduziu aqui as suas legiões, pois o velho inimigo ataca-nos de novo. Erguei-vos com ira, erguei-vos com fúria, erguei-vos para enviar a horda romana aos gritos de regresso sobre o mar!

De lá de baixo veio a resposta clamorosa quando os guerreiros celtas, finalmente autorizados, se lançaram para diante numa multidão ululante.

— *Boud! Boud!* — gritavam. — Vitória!

Os carros de combate aceleraram na direção do inimigo, os condutores fazendo os ágeis cavalos contornar os obstáculos com o carro aos saltos atrás de si, os guerreiros mantendo miraculosamente o equilíbrio enquanto lançavam os seus dardos. Aproximavam-se a toda a velocidade; agora viravam. Os Romanos tombavam enquanto os dardos cruzavam os ares.

Mas o pesado *pillum*⁴ romano, apesar de ter um alcance mais curto, era igualmente letal. Quando um dos carros se aproximou demasiado Lhiannon viu um míssil enfiar-se na estrutura. O peso da haste fez com que a lança se dobrasse até ficar presa nas rodas e, em segundos, o frágil carro ficou feito em pedaços. Lanceiro e condutor conseguiram saltar incólumes e os cavalos fugiram impetuosamente, espalhando o pânico entre amigos e inimigos.

Na colina um estremeamento que não fora provocado pelo vento passou pelas folhas. O arrepio que acometeu a pele de Lhiannon não se devia ao frio. Não sabia se tinha sido a invocação de Ardanos ou os gritos de guerra celtas que os tinham despertado, mas os espíritos estavam presentes.

Com dupla visão observava as massas dos vivos debatendo-se lá em baixo, nos campos, e os seus correspondentes fantasmagóricos em cima, empenhados num combate mortal como tinha acontecido quase um século antes. Por trás deles vislumbrava outras figuras, de tal forma imensas que só conseguia apreender fragmentos de um elmo emplumado ou de uma lança que golpeava como um relâmpago, uma capa de asas de corvo que cobria uma entidade que lutava com Alguém, com cabeça de águia, cujo bico maléfico rasgava o Seu adversário.

Sentiu que a garganta se abria para soltar um grito, duplicado, quadruplicado quando os outros se lhe juntaram num uivo de fúria que ressoou em ambos os mundos. Não era o grito de Morrigan, mas era o suficiente para fazer vacilar a primeira linha de legionários. Por um momento os druidas saborearam o triunfo, depois as trombetas romanas soaram novamente e o inimigo lançou-se para diante com energia redobrada.

Os punhos de Lhiannon cerram-se com fúria. Se ao menos ela pudesse estar lá, golpeando o inimigo! De uma árvore mais abaixo um corvo gritou, mas o que Lhiannon ouviu foram palavras: — *E podes, e podes, voa livre nas minhas asas, voa livre...* — A visão desfocou-se; entontecida vacilou. Ouviu alguém praguejar enquanto caía, mas isso não fazia sentido... estava a erguer-se, abandonando a carne fraca para se erguer por cima do campo de batalha.

Dentro de instantes sentiu outro corvo que voava a seu lado e a parte da sua mente que conservava a memória reconheceu Belina. Mas estava concentrada nos homens que se batiam lá em baixo, o brilho das espadas e o sangue vertido quando o metal entrava na carne. Onde ela voava rasando, uivando, os homens hesitavam e caíam, mas vinham sempre mais. A consciência fugiu-lhe no redemoinho de uma maré vermelha de fúria e de êxtase.

*

A terra tremia, cada tremor uma pancada que lhe ecoava no crânio. Lhiannon gemeu e sentiu um braço forte a erguê-la, a água tocou-lhe nos lábios e ela bebeu e bebeu de novo. A dor diminuiu um pouco e esforçou-se por ver. Agora eram as árvores que se moviam. Fechou novamente os olhos.

— Lhiannon... consegues ouvir-me?

Era a voz de Ardanos. Ninguém gritava. Em vez dos gritos escutou o ranger da lã e o bater dos cascos. Lentamente apercebeu-se de que estava numa carroça, aos solavancos por uma estrada esburacada em algum lugar num local que não era o campo de batalha.

— Ardanos... — murmurou. Os seus dedos encontraram a mão dele.

— Graças aos deuses! — A dor que ele lhe provocou ao apertar-lhe os dedos era uma distração da dor de cabeça.

— As sandálias romanas... — disse ela então — estão a marchar no meu crânio...

— Isso não me surpreende — grunhiu ele. — Eles perseguiram-nos por todas as terras dos Cantiaci.

— Perdemos... — Não era uma pergunta.

— Continuamos vivos... — respondeu Ardanos numa tentativa de os alegrar. — Se considerarmos bem as coisas isso já é uma vitória. Mas deixamos metade dos nossos guerreiros no campo de batalha. Bateram-se com bravura, mas os Romanos tinham os números a seu favor... e a disciplina —, acrescentou com amargura.

— Estamos em retirada. Não teríamos sequer chegado aqui se o general Plauto não tivesse parado para saquear e incendiar Durovernon e fazer ali uma fortificação qualquer. Caratac perdeu metade do exército, mas já se juntaram a ele mais homens desde a batalha. Ele pretende dar batalha do outro lado do Rio do Meio. Graças aos deuses estamos quase lá e graças aos deuses por teres acordado. Não me apetecia nada ter de te carregar ao ombro até à outra margem do rio como se fosses uma saca de farinha.

— Durante quanto tempo é que estive inconsciente?

— Estiveste para aí deitada a gemer durante três dias que pareceram uma eternidade! Raios, mulher, que é que te possuiu para voares daquela maneira? Tive medo... —Ardanos engoliu em seco e acrescentou tão baixinho que ela quase não ouviu: — Não sabia se irias voltar para mim...

Lhiannon conseguiu abrir os olhos e sentiu o coração sobressaltar-se quando viu a expressão nos olhos dele. No instante seguinte ele desviou o olhar, mas ela sentiu um calor dentro de si que lhe aliviou a dor.

— Possuiu... sim. Eu era um corvo... Odiei-os tanto... era a única coisa que podia fazer.

— Bem, não voltes a fazê-lo — grunhiu ele. — Estou certo de que deste conta de alguns dos inimigos, mas contra tantos? — Abanou a cabeça. — Podes ser mais útil se te mantiveres consciente.

Ela encolheu-se quando, à distância, ouviu o chamamento de um corvo. — Tentarei não voltar a fazer o mesmo — concordou. — Acho que já não gosto muito dos corvos.

Ardanos suspirou e aninhou-a mais confortavelmente contra o peito. — Os corvos são os verdadeiros vencedores. Não querem saber de quem é a carne que comem.

*

— Retirem! Os Batávios atravessaram o rio... retirem! Sobre o clamor generalizado Lhiannon mal conseguia ouvir os gritos. Olhava para a grande torrente cinzenta do Tamesa tentando ver.

— Malditos sejam! Outra vez não! — praguejou Cunitor.

Duas semanas antes as tropas batávicas, auxiliares dos Romanos — homens do delta do Reno que se moviam na água como rãs — tinham atravessado a vau o Rio do Meio e apanhando Caratac de surpresa. Restava-lhes esperar que os Durotriges e os Belgas, comandados por Tancoric e por Manglorios, se tivessem saído

melhor contra as forças que os Romanos tinham desembarcado nas terras de Veric.

Mas o Rio do Meio era um rio pequeno. O Tamesa era tão largo como uma pastagem, uma fita de chumbo lenta e serpenteante sob o céu cinzento. Ninguém pensara que os Batávios conseguissem nadar aquela distância. Era como um daqueles pesadelos que se repetem infinitamente.

— Metam os mantimentos novamente na carroça! — disse Ardanos. — Eles irão trazer os feridos para a retaguarda, onde quer que isso seja!

A estratégia que traíra Caratac no Rio do Meio deveria ter funcionado a seu favor, e a favor de Togodumnos, no Tamesa. Para atravessar o rio, os Romanos teriam que usar jangadas grandes e lentas e barcas e seriam fáceis de atacar quando chapinhassem na direção das margens. Enquanto Lhiannon agarrava nas pilhas de ligaduras que tinha preparado, pôde ver as barcas a começarem a ser lançadas à água, reduzidas pela distância à dimensão de travessas de comida, brilhantes de homens armados.

Mas a força combinada de Trinovantes, Catuvellauni e Cantiaci sobreviventes, não as podia atacar se o seu flanco já tivesse sido assolado pelos Germânicos, combatentes ferozes cujas tribos eram parentes próximas dos Belgas. Mas isso não devia constituir qualquer surpresa: naquela época os nativos italianos eram uma minoria no exército romano. A maior parte dos homens que vinham naqueles barcos eram filhos de povos conquistados. Se os Bretões fossem derrotados, um dia os seus próprios filhos poderiam vir a envergar aqueles uniformes odiados.

Lhiannon atirou o saco de ligaduras para dentro de uma carroça e enfiou os potes com pomadas noutra, satisfeita por terem persuadido Bendeigid a ficar para trás com os mantimentos. A sua volta as tribos e os clãs estavam numa grande confusão enquanto tentavam reagrupar para enfrentar o inimigo. A primeira das barcas romanas estava a ficar ao seu alcance. As flechas silvavam pelo ar, disparadas pelos arqueiros que Togodumnos colocara no local onde o terreno começava a elevar-se. Um legionário tombou da amurada de uma das barcas e foi arrastado para o fundo pelo peso da armadura. O seu escudo vermelho, pintado com um par de asas de cada lado de relevo central e com setas ondulantes e alongadas pintadas a ouro, flutuou corrente abaixo.

As orelhas do cavalo estremeciam nervosamente à medida que o tumulto crescia. Belina agarrou nas rédeas e pôs o animal em

movimento, murmurando numa língua conhecida dos cavalos. Agarrando no último saco, Lhiannon correu atrás da carroça.

O clamor cresceu num rugido quando os Batávios atacaram o flanco. Os homens das fundas tiveram tempo para um disparo, as bolas de barro endurecido no fogo voando, sibilantes como abelhas enlouquecidas, antes que amigos e inimigos se misturassem numa massa confusa. Assistir a uma batalha de cima e à distância fora horrível; estar no meio da batalha era um puro terror, que só uma vida inteira de disciplina mental lhe permitiu suportar.

As expressões dos homens que passavam por ela a correr estavam fixas num rito raivoso. Lhiannon podia sentir a Senhora dos Corvos a tomar forma sobre o campo de batalha, conjurada pela fúria que batia, como asas negras, na sua própria alma. Mas a promessa que fizera a Ardanos manteve-a sob controlo. Resguardando o espírito, agarrou-se ao lado da carroça e não o largou enquanto esta subia clamorosamente colina acima.

Para ocidente, os Dobunni do sul estavam a dar combate aos Batávios. Os clãs do norte deveriam estar a combater ao seu lado, mas o Rei Boduoc revelara-se um traidor tendo-se aliado aos Romanos antes da Batalha do Rio do Meio. As primeiras barcas começavam a deslizar pelas margens enlameadas do rio. Uma

saraivada de *pillums* atravessou carne celta e enfiou-se nos escudos, abrindo espaço para a primeira fileira de Romanos saltarem para a margem onde juntaram os escudos para formar uma linha por trás da qual os seus companheiros poderiam desembarcar em segurança.

Mais barcos foram chegando, vomitando ainda mais legionários para reforçar a linha de aço. A cada instante esta tornava-se mais longa e mais espessa, empurrando para diante, como uma paliçada em movimento, contra a qual as lanças compridas e as lâminas afiadas dos homens das tribos batiam em vão. Mas um movimento mais ordeiro estava a formar-se na colina quando o som rouco e peculiar das trombetas do rei convocou a guarda a cavalo.

Os homens começaram a desviar-se à medida que o remoinho de movimento se ia definindo em fileira após fileira de guerreiros.

Lá em cima as nuvens abriam-se como que para escapar ao clamor na terra. O sol incidia repentinamente em torques e braceletes de ouro, em cabeleiras de cabelos empastados pintados com cores mais vivas do que o ruivo ou loiro originais e na pele leitosa dos corpos esbeltos e musculados que se descobriam apenas para fazer amor ou guerra.

Alheia à confusão à sua volta, Lhiannon ficou a olhar. Certamente que aquele seria o aspecto que o exército dos deuses tivera quando marchara com o Lugos da lança brilhante para confrontar os exércitos das trevas. Por cima das suas cabeças conseguia ver o próprio rei, equilibrando-se com facilidade na frágil plataforma de junco do seu carro de guerra, com o condutor acorçado aos seus pés, os braços agarrados aos lados curvos.

Quando os campeões se desviaram para os lados, Togodumnos ficou completamente à vista. A capa que lhe tombava dos ombros fora tecida com os azuis e verdes preferidos dos Catuvellauni. Placas de ouro brilhavam no seu cinto e no colete de cabedal que lhe envolvia o tronco largo, ao pescoço trazia um torque de cordões de ouro entrelaçados, grossos como a haste de uma lança, e o cabelo, que começava a rarear, estava coberto por um elmo de bronze prateado esmaltado, encimado pela figura de um pássaro de asas dobradas.

Caratac seguia-o de perto, a sua armadura esfolada num contraste ominoso com a majestade do seu irmão. Mas quaisquer deficiências do seu equipamento eram largamente compensadas pela fúria que reluzia em seu redor. Seguiram-se outros carros de guerra e, se mais nenhum exibia tanto esplendor, ainda assim o

olhar ficava ofuscado por capas com riscas e padrões de xadrez em vermelho e púrpura e em verde e dourado.

Mais guerreiros se juntaram de ambos os lados, só com as calças justas ou sem qualquer roupa para terem os movimentos mais soltos, com símbolos mágicos pintados na pele pálida do tronco e das costas. Por tribo e clã os guerreiros dos Trinovantes e dos Catuvellauni, juntamente com os sobreviventes Cantiaci, espalharam-se entre eles, apressando-se a caminho da morte ou da glória. Como uma lança no coração, sentiu a certeza de que, ganhassem ou perdessem, o mundo que ela conhecera estava a mudar. Nunca mais veriam uma coisa igual àquela.

Como uma manada de pôneis selvagens à desfilada em direção à água, passaram por ela; ouviu o rugido quando embateram nas fileiras romanas. Agora só conseguia ver uma confusão de lanças erguidas. Os carros de guerra abriram caminho até à retaguarda. O combate agora seria a pé, sobre a lama e o sangue que ensopavam as margens. O som batia-lhes nos ouvidos em simultâneo com as emoções dos combatentes que lhe golpeavam o espírito; o ruído de lâmina contra lâmina marcava o ritmo para a música dos uivos e gritos de guerra.

Os feridos começavam a chegar até eles, transportados pelos camaradas ou apoiados em lanças partidas. Os druidas mantiveram-se ocupados a coser e a ligar feridas. Alguns ficavam apenas o tempo suficiente para beber um pouco de água e depois coxeavam de regresso à peleja. A alguns deitavam na carroça ou mandavam retirar do campo de batalha. A outros a única coisa que podiam fazer era aliviar a dor enquanto o sangue da vida se esvaía para o chão.

Lhiannon prometera manter o espírito sob controlo, mas nada podia evitar que fosse buscar poder à terra e o projetasse para a frente, para dar alento aos homens que combatiam. Apercebeu-se de que a batalha estava a mudar, que o olho do furacão de espadas subia lentamente pela colina acima. O bater de pés desfazia o solo seco em nuvens de pó através do qual voavam bandos de corvos aos gritos. Pensou se Togodumnos teria cometido um erro ao planear apanhar os Romanos entre o seu exército e a água. Ouvira um velho guerreiro dizer que era um erro não deixar uma via de fuga ao inimigo. Uma vez desembarcados, aos Romanos só restava lutar para abrir caminho através dos inimigos.

Estava a virar-se para perguntar a Ardanos se não seria melhor levar a carroça dos curandeiros para mais longe quando, subitamente, um novelo de homens a combater aproximou-se deles velozmente. Um dardo passou a toda a velocidade e ficou cravado, a vibrar, na madeira da carroça. Ardanos agarrou num punhado de pó e lançou-o para diante proferindo um feitiço com voz abafada.

Subitamente o ar em torno deles ficou escuro e o rugido da batalha parecia o de uma tempestade distante.

Apenas um homem atravessou a barreira. Quando o Romano se pôs de pé, brandindo a espada, Lhiannon agarrou no dardo e bateu-lhe ferozmente, desequilibrando-o. Um dos feridos, que ela julgara moribundo, agarrou-lhe um tornozelo e enterrou-lhe uma faca na garganta quando o homem caiu. O Romano gorgolejou horrivelmente quando o sangue lhe jorrou da jugular, com os olhos escancarados e com a mesma expressão de incredulidade que testemunhara nos seus próprios guerreiros ao morrer. O fedor, quando o seu esfíncter se relaxou, misturou-se com o cheiro ferruginoso do sangue. O Celta que o matara morreria também, mas os seus lábios estavam arreganhados num sorriso feroz.

— Deixa-os! — disse Belina. — Temos de sair daqui para fora!

Muda, assentiu, enfiando provisões no véu. Em breve ficariam sem ligaduras. Com Cunitor e Ardanos a proteger a retaguarda, Belina segurou a cabeça do cavalo e avançaram numa direção que esperavam não ser a do campo de batalha. Homens com cavalos pela rédea e com carros de combate passavam por eles a correr prontos para, na vitória ou na derrota, levarem para longe dali os seus senhores.

Na sua frente o terreno descia numa encosta suave para leste, onde as pastagens eram salpicadas por matas em torno das quais a batalha girava como as águas das cheias se dividem em ribeiros em torno dos destroços. Os curandeiros instalaram o seu novo acampamento à sombra das árvores e pouco tempo depois já estavam novamente a trabalhar arduamente. Ficaram sem água e os habitantes locais, que tinham vindo ajudá-los, disseram-lhes que as embarcações romanas estavam alinhadas na praia ao longo de mais de um milha. Uma confusão de corpos empilhados e espalhados assinalava o curso da batalha. Havia mais corpos celtas do que romanos, diziam eles. Lhiannon abraçou-se a si própria, sentindo-se subitamente cheia de frio.

O Sol a pôr-se começava a lançar sombras compridas pelos campos e tinham acendido uma tocha, para que os feridos pudessem encontrá-los, quando a multidão em combate se lançou novamente na sua direção. Passados instantes aperceberam-se de que todos os guerreiros que se aproximavam eram Bretões.

— Eles não estão a combater... — murmurou Cunitor incrédulo.
— Isto é uma debandada. Perdemos... — Tinha a cara suja de pó e de sangue e os seus cabelos claros estavam em pé. Os druidas

tinham quase tão mau aspecto como os homens que tinham socorrido.

Não pode ser verdade, pensou ela, dormente. — *Esforçamo-nos tanto. Não podemos perder agora!* Sobressaltou-se quando Ardanos lhe agarrou o braço. Os Romanos estavam a aproximar-se? Ele estava a apontar para um carro de combate que vinha disparado na sua direção, tão depressa quanto o condutor conseguia fazer correr os cavalos estafados. Passado um momento reconheceu os arreios dourados e os pôneis negros, ainda que sem essa ajuda nunca tivesse reconhecido na meia dúzia de homens exaustos, que cambaleavam ao lado dos cavalos, os guerreiros esplêndidos que tinham seguido o seu rei para a batalha umas poucas horas antes.

Lhiannon reconheceu o condutor — vira Caratac naquele estado duas semanas antes. Só que agora a emoção que lhe contorcia as feições não era a fúria mas sim o desespero.

— Caratac... — disse Ardanos. — Estás...? — A pergunta morreu-lhe nos lábios quando Caratac se endireitou e ele viu o corpo de Togodumnos estendido a seu lado. Ardanos procurou a pulsação no pescoço do rei e depois passou as mãos pelo seu corpo, em busca de qualquer sensação de energia. Lentamente endireitou-se

com as mãos caídas, derrotadas. — Meu senhor — disse mais formalmente —, o rei supremo está morto.

Um dos guerreiros caiu de joelhos. Belina tentou calá-lo quando começou a uivar em pranto.

— Deixem-no... — disse Caratac fatigado. — Nenhum inimigo o ouvirá. Demos-lhes uma boa coca, mas os Romanos controlam o campo de batalha. Porque haveriam de se arriscar a perder mais homens a perseguir-nos em terreno desconhecido e no meio da escuridão?

Mais homens reuniam-se em volta deles. Um a um começaram a ajoelhar. — Sois o mais velho dos filhos vivos de Cunobelin — disse um deles. — Agora somos os vossos homens.

— Onde deveremos enterrá-lo?

— Ides dar batalha em Camuludunon? — Veio outra pergunta do meio da escuridão.

— Levem-no para casa... — respondeu Caratac finalmente. — Construam-lhe uma sepultura perto do local onde jaz o nosso pai.

— Não choreis, Togodumnos banqueteia-se agora com os seus antepassados nas Ilhas Abençoadas... — disse Ardanos, mas a sua voz soou tensa e fina.

Por um instante Caratac limitou-se a olhá-lo. — Pensaste que eu estava a chorar o meu irmão? — disse ele sombriamente. — Hoje, os afortunados são os mortos. Choro pelos vivos, por todos nós, que teremos que continuar a combater nesta guerra!

Dobrou-se e beijou a testa do irmão, depois agarrou o pesado torque de ouro, torceu-o e tirou-o do pescoço do irmão. A luz da

tocha brilhou no rosto do rei e, sob o sangue e o pó, Lhiannon viu o rasto brilhante das lágrimas.

— Camulodunon não pode ser defendida — disse numa voz rouca. — Não de gente como esta...

— Temos de ir para ocidente — ouviu-se Lhiannon dizer, a fadiga e a mágoa deixando-a subitamente vulnerável às visões. — Nas terras dos Durotriges há colinas fortificadas onde podereis refugiar-vos. Enquanto as tribos combaterem os Romanos isoladamente serão derrotadas. Se nos unirmos contra eles, os Romanos não conseguirão defender aquilo que já conquistaram.

Caratac assentiu. Curvou a cabeça como se o peso do ouro já o tivesse vergado e enfiou o torque que tirara do pescoço de Togodumnos no seu próprio pescoço.

SEIS

— Boudica, graças aos deuses estás de volta! — gritou Brenna.
— A Coventa teve outro dos seus ataques e não conseguimos despertá-la!

Boudica deixou cair o saco de ervas que colhera e entrou pela porta da Casa das Donzelas. Coventa debatia-se na cama com Kea a tentar imobilizá-la.

— Coventa! — Boudica ajoelhou-se junto à cama e agarrou os ombros magros, sentindo os ossos frágeis dobrarem-se nas suas mãos como os de um passarinho aprisionado. — Coventa, regressa minha querida. Sou eu, a Boudica! Preciso de ti, Coventa, fala comigo! — Lhiannon poderia ter viajado até ao mundo dos espíritos

para encontrá-la; Boudica podia apenas tentar trazê-la de regresso ao mundo dos humanos.

Coventa respirou com esforço. — Sangue.... — murmurava. — Tanto sangue...

— Não te rales com isso... não é o teu sangue. — Boudica tentou recordar as palavras que Lhiannon costumava usar para fazer as pessoas saírem do transe. Pegou na mão de Coventa e esfregou-a contra o cobertor. — Sente a cama por baixo de ti, sente a lã áspera. É a realidade! — Sentiu um assomo de esperança quando os dedos da rapariga se moveram. Que mais daria resultado? A Lhiannon dizia que o olfato era o sentido mais antigo e mais aguçado. Respirou fundo tentando identificar os odores que pairavam no ar.

— Agora respira Coventa. Cheira o fumo da lenha na fogueira. Nos campos, o feno está quase bom para a ceifa. Inspira... e expira — mantinha a voz baixa. — Cheira a erva verde ainda quente do sol. Estás aqui, em Mona, está segura ao pé de mim! — acrescentou quando a respiração da rapariga ficou mais calma. Sentia os músculos tensos começarem a relaxar sob as suas mãos.

— E comigo... — Uma outra voz proferiu calmamente. Boudica ergueu a cabeça estreitando os olhos quando avistou a figura alta de Helve junto à porta, recortada contra o céu que escurecia. Uma das suas tranças ainda não estava presa. As madeixas caíam-lhe pelas costas como rolos de serpentina, como a senhora com cabelos de cobra das histórias do escravo grego de Cunobelin.

— Podes ir... — disse a sacerdotisa numa voz mais baixa. — Eu tomo conta dela agora...

— Já quase que a consegui acalmar... — começou Boudica a dizer, mas a autoridade dos gestos de Helve fê-la levantar-se antes de pensar sequer em resistir. Recuou enquanto Helve se ajoelhava junto à cama e pousava a mão branca na testa da rapariga.

— Coventa, filha de Vindomor, chamo-te!

Boudica avançou embora a sacerdotisa não estivesse a falar com ela.

A rapariga deitada na cama respirou com dificuldade. — Senhora, estou a ouvir...

— Estás a ouvir a minha voz, ouves as minhas palavras, farás como te digo e verás o que eu mandar...

— Ouço e obedeco — foi a resposta em voz fraca. Boudica ficou rígida. Era então assim que Helve estivera a ensinar a sua acólita? Coventa nunca dizia muito sobre o que se passava no seu trabalho com a alta sacerdotisa. Ocorria-lhe agora que talvez isso se devesse ao fato de a rapariga não se lembrar.

— Procura a ocidente onde marcham os Romanos. O que vês? Que estava ela a fazer? Iria obrigar Coventa a suportar aquele horror todo novamente? Boudica mordeu o lábio, usando a dor para se controlar.

— Sangue e fogo! — Coventa susteve a respiração. — Corpos...

— Deixai-a! — interrompeu Boudica. — Não vedes como ela está a sofrer? Ela...

— Cala-te! — Usou o mesmo tipo de poder que Lugovalus usara para silenciar Cloto e, tal como ele, quando tentara protestar, Boudica descobriu que não conseguia falar.

— Já reparei, Boudica, que tens um forte instinto protetor em relação às tuas amigas. Isso não é uma coisa má, mas tens que escolher sensatamente as tuas amizades. Há alguns poderes aos quais não te podes opor e acabarás por te magoares se tentares fazê-lo. Eu sou um deles.

Helve olhou para Coventa com a expressão, pensou Boudica, que um camponês usaria para avaliar uma boa ovelha.

— Não te deves meter com aquilo que não podes compreender. Quando é permitido à visão que se desenrole normalmente, esta passa e deixa a vidente em paz. Mas se tentares suprimi-la, o horror permanecerá na sua alma e regressará para a atormentar. A criança não sofrerá. — Helve ergueu uma sobrancelha requintadamente arqueada. — Na realidade, será que ela alguma vez se queixou do trabalho que faz comigo?

Boudica abanou a cabeça. Agora, que pensava no assunto, apercebia-se de que, quando estavam juntas, Coventa mal falava sequer na professora, mas se tal se devia a respeito, a aversão ou ao fato de Helve ter eliminado a sua memória, não sabia dizer.

Os lábios de Helve retorceram-se de desprezo. Depois, sentindo-se de tal forma segura do seu poder que nem sequer pensou em mandar retirar Boudica, virou-se novamente para Coventa.

— Coventa, filha, ergue-te sobre o campo de batalha. És um pássaro sobrevoando a cena que nada tem a ver contigo. Voa mais alto minha querida, e diz-me o que o pássaro vê...

A rapariga deitada na cama soltou um suspiro longo e entre-cortado. — Cai a noite. As mulheres vagueiam pelo campo de batalha procurando aqueles que amam. Os homens arrastam troncos para construir piras e os corvos reúnem-se para se banquetear com o massacre.

A Boudica parecia que aqueles pássaros negros estavam presos no seu interior. As asas negras embatiam contra o seu espírito.

— Então os reis perderam a batalha... — disse Helve sombriamente. — Agora tens que procurar Ardanos e os seus companheiros.

— Vejo os druidas. Estão a deslocar-se para norte do grande rio. Na carroça que seguem jaz o corpo de um homem com cabelos grisalhos.

— Togodumnos... — suspirou Helve.

Controlada pelo feitiço, Boudica tremeu dos pés à cabeça. Não podendo exteriorizar os seus sentimentos, a sua raiva explodiu dentro de si. Faltava pouco para que quebrasse a barreira que protegia a sua identidade. Mas já não se tratava simplesmente de uma emoção... sentia-a a tomar forma, aglutinando-se num ser capaz de rir do feitiço da sacerdotisa. *Sou uma fúria...* murmurava. *Sou poder. Liberta-me!*

— E os Romanos? — perguntou Helve.

— Estão a construir uma ponte... — murmurou Coventa. — Construíram um acampamento com uma paliçada quadrada e mantêm-se no seu interior. Não vejo mais nada. — Coventa mudou de posição com um suspiro e a descontração do sono substituiu a intensidade do transe.

A sacerdotisa recostou-se, de cenho franzido. Com a pequena parte da sua mente que se mantinha fiel a si própria, Boudica viu-se a erguer o braço e soube que no instante seguinte derrubaria a mulher. Agora o seu próprio terror debatia-se com a Outra que nascera da sua raiva: ou teria Ela estado sempre presente, aguardando apenas o momento em que a tensão quebraria as barreiras que a mantinham presa no seu interior? Os seus lábios abriram-se num som estrangulado e Helve virou-se.

Por um momento os seus olhos esbugalharam-se. Depois endireitou-se enfrentando Boudica como se fosse um guerreiro a enfrentar o inimigo. Mas também nunca ninguém duvidara da coragem da mulher.

— Fala! — O tom era o mesmo que imobilizara a língua de Boudica. — Quem és tu? Eu não te chamei aqui!

A resposta foi uma gargalhada. Uma gargalhada de mulher, carregada de zombaria que, para alívio de Boudica, se começou a

transformar em raiva.

— Não chamaste? Já te esqueceste do ritual através do qual Me chamaste na Viragem da Primavera?

A expressão de reconhecimento horrorizado que se estampou no rosto de Helve contribuiu em muito para reconciliar Boudica com aquela violação.

— Grande Rainha... — murmurou ela com uma inclinação de cabeça que poderia ter passado mesmo por uma vênia.

— Mas que égua forte domaste para mim — disse a Outra. Cathubodva, pensou Boudica, tão espantada como Helve ao aperceber-se de quem governava agora o seu corpo. A deusa ergueu-se um pouco nas pontas dos pés de Boudica e esticou os braços, como se tentasse expandir o corpo da rapariga o suficiente para se sentir confortável no seu interior.

— Mas vejo que não era essa a tua intenção. Na verdade, muito pouca coisa daquilo que vocês, os druidas, fizeram neste último ano teve os resultados esperados. Não é verdade?

Boudica vira Mearan falar com a Voz da Deusa nos festivais, mas ser possuído pelos deuses era algo feito apenas pelos druidas mais experientes e apenas dentro dos limites estritos do ritual. E, mesmo para eles, não era evidente se tal deveria ser encarado como um privilégio se como um fardo.

— Falais verdade — disse Helve.

— Sempre... — replicou a deusa —, quando mo pedem. Mas tu não pediste, pois não? Não procuraste a Minha sabedoria. Invocaste o meu ódio, que explode como um incêndio e queima tudo à sua passagem.

— Mas funcionou! Aterrorizastes os Romanos e eles amotinaram-se!

— Até recuperarem novamente a coragem — concordou Cathubodva —, e fiquem ainda mais fortes depois de terem conquistado o medo.

Boudica sentiu o corpo a relaxar à medida que a deusa se instalava nele e se dirigia a um banco, encostado à parede, para se sentar com uma perna dobrada e a outra esticada.

— Mas que mais poderíamos ter feito? Que mais podemos fazer agora? — uivou Helve.

— O que não podem fazer é manter as coisas como estão. Todas as coisas se alteram, transformando-se noutras até o próprio mundo se transformar. E torcer ou quebrar... Isso é lá convosco. — Mais uma vez Cathubodva riu-se.

Do canto onde se refugiara a sua consciência, Boudica escutava, fascinada. Seria verdadeiramente a deusa a falar ou os seus desejos reprimidos? Era verdade que algumas daquelas ideias lhe tinham cruzado o espírito, mas achava que não teria conseguido expressá-las ou, pelo menos, tê-lo feito com tanta segurança e poder.

— Muito bem — disse Helve contra vontade. — Estou a ouvir.

— Quanta obediência! Quanto deslumbramento! — A deusa riu-se. — Não baixas a cabeça facilmente, sacerdotisa, e hoje em dia não são muitos os que conseguem que o faças. Esta criança cujo corpo possuí é mais parecida contigo do que qualquer uma de vós está disposta a admitir, até mesmo os anos que vos estão destinados são os mesmos.

— Passá-los-ei então a lutar pela preservação dos nossos saberes e da nossa tradição — respondeu Helve.

— E não a lutar pela tua própria posição e poder?

A sacerdotisa ficou completamente imóvel. — O prestígio da alta sacerdotisa serve a nossa causa. Será errado tê-lo?

— Se te lembrares de que é à alta sacerdotisa, e não a Helve, que as honras são devidas — replicou Cathubodva num tom mais suave do que usara até ali.

— Não terá qualquer importância se me recordo disso ou não se os Romanos nos destruírem a todos.

— Achas que és a primeira a rezar pela ajuda dos deuses quando um invasor pôs os pés nestas praias? — Já não se ria. — Em tempos foi o teu povo o inimigo. Um dia os Romanos enfrentarão

um inimigo que não conseguirão vencer. E essa a natureza do mundo.

— E vós sereis esquecida! — disse Helve com desdém. — Se não nos ajudardes pelo nosso bem, não o fareis pelo vosso próprio bem?

— Esquecida? — A deusa abanou a cabeça. — Os nomes mudam, mas enquanto os guerreiros odiarem e as mulheres chorarem, eu estarei aqui. — A sua voz ficou mais grave. — Não compreendeste ainda? Em face do perigo a vida arde com mais fulgor e a tumba é o ventre onde a vida rebenta de novo. Eu sou o Caldeirão do Bom Deus. A única verdadeira morte é a imobilidade.

Helve empalideceu e, naquele lugar que não era um lugar, Boudica ficou tão imóvel como o rato que sabe que está sob o olhar do falcão. Por alguns instantes só se ouviu a respiração regular de Coventa.

Depois alguém chamou o nome de Helve no exterior. A sacerdotisa pestanejou, o rosto assumindo a sua costumeira altivez calma e levantou-se.

— Grande Rainha, agradeço os vossos conselhos, mas chegou o momento de regressardes ao Outro Mundo.

Morrigan ergueu uma sobrancelha e a sensação de algo demasiado vasto para a compreensão humana esmoreceu. — Nem sequer me ofereces uma bebida? — disse secamente. — Vim sem ser convidada, mas estou certa de que não queres que diga que a tua hospitalidade deixa a desejar...

Mantendo a convidada debaixo de olho, Helve dirigiu-se à porta da cabana, disse qualquer coisa e regressou com um jarro de louça cheio da cerveja escura e espumosa que era a especialidade da velha Elin. Boudica sentiu o prazer que a bebida pungente e gasosa dava a Cathubodva quando esta a bebeu de um só trago. Teve tempo para se espantar com o fato de uma imortal poder gozar um prazer tão simples, mas quaisquer que fossem os prazeres no Outro Mundo, pensou que talvez até mesmo os deuses dependessem dos sentidos humanos para apreciarem o gosto da cerveja.

Depois a caneca escorregou de uma mão subitamente inerte. Tombou como um odre subitamente esvaziado quando a deusa saiu de si, a consciência escapando-se numa vertigem negra enquanto caía por terra.

*

Boudica recuperou os sentidos, ofegante. Helve estava na sua frente com um balde de água nas mãos. Coventa estava sentada na cama, olhando-a com os olhos muito abertos.

— Boudica, que foi que te aconteceu?

Boudica engoliu em seco, sentiu o sabor da cerveja e estremeceu perante o olhar calculista de Helve. — Desmaiei? — perguntou numa voz fraca. A Coventa parecia nunca se lembrar do que acontecia durante os seus tranSES. Se ela própria deveria lembrar-se do que se passara não tinha a certeza, mas era evidente que seria melhor para ela se Helve não se apercebesse do que ela sabia.

*

Boudica correu sobre a erva verde do Verão com o *stick* na mão para manter a bola em jogo. Mas não havia público para a aplaudir nem adversário a tentar detê-la. Durante as últimas semanas tinham sido tantos os estudantes a deixar a escola e a regressar às suas tribos, que já não havia estudantes em número suficiente para constituir as equipas. Mas o exercício aliviava alguma da inquietação que, durante os últimos dias, a impedira de dormir bem à noite, mesmo que tivesse que jogar sozinha.

Ajudava-a imaginar que era uma cabeça romana o que mandava a rolar sobre a erva. Compreendia o que levava os rapazes a partir. Compreendia até a razão porque Helve insistira para que Coventa contasse toda a sua visão. De que outra forma poderiam saber o que se estava a passar, encurraladas ali no fim do mundo? Lhiannon andava em algum lugar, no exterior. Ela e Ardanos corriam perigo — Helve provavelmente enviara-os para ajudar Caratac *devido* ao perigo. Certamente que a alta sacerdotisa ficara satisfeita por se ver livre dos dois mais prováveis opositores da sua vontade, enquanto o druida-chefe estava também ausente tentando persuadir os chefes hesitantes de que os Romanos podiam ser combatidos.

Sem dúvida que a Helve também gostaria de me ver pelas costas, pensou dando uma pancada malévolamente na bola. Ou talvez não.

Ela olha para mim como se não tivesse a certeza se deseja que Morrigan me faça outra visita ou se o receia... Boudica passara a maior parte das suas meditações a fortalecer o espírito contra outra dessas violações, mas gostava bastante de manter Helve na dúvida.

Quando rematou a bola à baliza ouviu Coventa a chamar pelo seu nome.

— Boudica, tens que vir! — A rapariga parou para recuperar o fôlego. — A Senhora Helve quer falar contigo. Chegou um mensageiro!

A Lhiannon foi ferida! Pensou, mas as notícias da sacerdotisa seriam dadas em primeiro lugar aos druidas mais importantes. Teria acontecido alguma coisa ao pai? Teria ele participado nas batalhas? Mas já corria à disparada, seguida por uma Coventa ofegante.

O dia estava quente e Boudica encontrou Helve sentada por baixo do carvalho cujos ramos abraçavam o telhado cônico da sua

cabana. Travou, deslizou e parou e depois endireitou-se, aguardando.

— Chegou um mensageiro... um homem chamado Leucu. Conhece-o?

Boudica assentiu. — Serve o meu pai desde que eu nasci. — O seu coração batera devido ao exercício: agora batia de ansiedade. Mas recusava-se a dar a Helve a satisfação de suplicar pelas novidades.

— O teu pai manda-te regressar a casa.

Boudica assentiu não revelando nada. Achava que Leucu seria o acompanhante perfeito — conhecia toda a ilha e era demasiado velho para ameaçar a virtude de uma princesa. *Demasiado velho para se juntar aos guerreiros*, pensou sombriamente não desviando os seus dos olhos pálidos de Helve. Surpreendentemente, foi a sacerdotisa quem falou primeiro.

— Ele disse-me que os Romanos estão a marchar sobre Camulodunon. Parece que a Coventa... viu a verdade — disse a sacerdotisa numa voz tensa. — Os Icenos decidiram submeter-se.

— Certamente que ele não precisa de mim para isso! — explodiu Boudica apesar do seu controlo. A não ser que houvesse alguém com quem a desejasse casar. Respirou fundo. — Tenho alguma escolha?

Helve suspirou. — Tens — respondeu algo relutante. — De qualquer forma terias que decidir dentro de pouco tempo se desejas ficar conosco ou regressar a casa. Digo-te desde já que não vejo em ti o potencial de uma sacerdotisa, mas tens alguns talentos que poderão ser úteis — disse evasivamente e Boudica reprimiu um sorriso. — Se quiseres ficar, serás bem-vinda.

— De quanto tempo disponho para tomar a decisão?

— Podes decidir já que vais para casa com Leucu, mas tenho também outra mensagem — acrescentou Helve contra vontade, — de Lhiannon.

Ela estava sã e salva! Boudica tentou não deixar transparecer a sua alegria perante tal notícia.

— Como sabes, é costume enviarmos as nossas donzelas para um retiro em Avalon antes de assumirem o seu lugar como mulheres na nossa comunidade. A Lhiannon pede que vás ter com ela ao País do Verão. Normalmente irias acompanhada por um grupo de sacerdotisas, mas nos tempos que correm não posso dispensar ninguém. A Lhiannon saberá o que deve ser feito.

Eu não me queixo... a Lhiannon é, de entre todas vós, a que eu escolheria para este ritual, pensou então Boudica.

— Depois irás para Camulodunon. Quando tiveres visto os dois sítios, com olhos de mulher e não de criança, decidirás.

À medida que Helve falava, a sua voz tornava-se mais ressonante — por instantes quase parecia a própria Senhora Mearan — e Boudica percebeu então que Helve falava com verdade enquanto alta sacerdotisa, apesar do que pudessem ser os seus sentimentos pessoais. E foi à sacerdotisa, não à mulher, que ela fez uma vênia.

— Senhora, agradeço-vos. Irei para Avalon.

*

Em vez da viagem entediante a cavalo que esperara, os druidas tinham encontrado um navio mercante que ia para sul e cujo capitão estava disposto a levar Boudica e Leucu pela costa ocidental da Britânia até ao grande estuário onde o Sabrina entrava no mar. Ainda assim o sofrimento físico do enjoo atenuou a mágoa de deixar o local a que durante quatro anos chamara lar e, quando se acostumou aos movimentos do barco, as terras e os seus habitantes já lhe eram desconhecidos e estranhos.

O barco virou para leste ao longo da costa onde as montanhas os protegiam da forte nortada. A partir dali era uma viagem de dois dias por um canal do Sabrina até uma costa coberta de juncos e de pântanos através dos quais as calmas águas castanhas corriam para o mar.

Boudica respirou fundo quando o vento trouxe de terra o cheiro forte e fértil dos pântanos mais abaixo.

— É, fede mesmo, senhora — disse o capitão interpretando mal a sua reação. — Ficarei satisfeito por regressar aos ventos limpos do mar.

Boudica riu-se. — Eu não me importo — disse. — Eu sou da terra dos Icenos. Faz-me lembrar os baixios perto da minha casa.

— Ainda bem, pois vai ter de viajar nessa direção para chegar à ilha sagrada... — apontou vagamente para leste. Entre os pântanos e o mar viu um aglomerado de cabanas construídas sobre estacas. A bruma cobria o que quer que estivesse para lá das árvores entrelaçadas. — Vai encontrar um barqueiro naquela aldeia. Esta gente daqui é estranha, uma gente pequenina e escura que está aqui desde a criação da terra, mas conhecem os caminhos dos pântanos e são leais aos santos de Avalon.

Boudica continuou a olhar enquanto avançavam lentamente para terra, tentando decidir se a sombra pontiaguda que pensava ver seria mesmo o Tor sobre o qual tinha ouvido falar tanto e pensando no que poderia lá encontrar.

SETE

A criança cresceu!, pensou Lhiannon vendo Boudica subir o caminho e detendo-se para olhar para o cone pontiagudo do Tor. Nas suas costas os juncos e o mato pontilhavam a vastidão brilhante dos pântanos, salpicados de colinas verdejantes e perdendo-se no brilho prateado do mar.

Ou talvez se tivesse apenas esquecido de como podia ser impressionante a passada das longas pernas de Boudica bem como o seu cabelo flamejante. Movia-se como uma jovem deusa a subir a colina. A rapariga era uma visão bem-vinda depois de todos os horrores a que assistira. Lhiannon tivera a esperança de que as duas semanas passadas no Tor a curassem, mas os seus nervos ainda estremeciam com qualquer som inesperado. Talvez a alegria robusta de Boudica fosse um bom remédio.

Lhiannon saiu das sombras das macieiras silvestres que formavam um pomar natural na encosta da colina. Um grande sorriso iluminou o rosto de Boudica, cheio de sardas devido à viagem por mar, quando viu a sacerdotisa que a aguardava.

Lhiannon deu-lhe um abraço rápido.

— Anda, depois de dois dias nos pântanos deves estar com fome... espero que o barqueiro te tenha dado qualquer coisa melhor do que enguias fumadas e raízes dos pântanos.

— Comemos *qualquer coisa* fumada — respondeu Boudica. — Mas o que era não quis perguntar...

A sacerdotisa riu-se.

— O barqueiro levou o criado do teu pai para esperar por ti na aldeia? Será hóspede deles até nós terminarmos o que temos a fazer, se bem que não me possa responsabilizar por aquilo que ele vai comer. Tens hortaliças e bolos de aveia e um pouco de pato assado para o jantar. As cabanas onde dormimos são simples, mas com este clima precisamos de pouco...

— Lhiannon, estás a tagarelar — disse Boudica olhando para ela. — E não estás com bom aspecto... Sei que estiveste nas batalhas. Sofreste algum ferimento?

— Só no espírito... — Lhiannon sentiu a boca retorcer-se de dor e fez menção de se desviar, mas depois olhou-a novamente. Como poderia ensinar o autoconhecimento a Boudica se escondesse a sua própria dor?

Mas foi só depois de terem acabado de comer que lhe pareceu apropriado conversar. Lhiannon cozinhou a refeição simples numa fogueira, no exterior de um grupo de casas junto à fonte sagrada, onde ficavam as sacerdotisas quando visitavam Avalon. Uma colina suave escondia parcialmente o Tor mais adiante, mas a consciência da sua presença era constante. Os únicos residentes permanentes

eram uns quantos druidas idosos que passavam o tempo em contemplação em cabanas dispersas no lado norte da ilha.

Embalada pelo marulhar da água que jorrava continuamente da Fonte do Sangue, sentaram-se a ver a noite cair ao seu redor. As brumas erguiam-se sobre os pântanos, envolvendo-as em mistério, mas o céu por cima do Tor brilhava estrelado. Quando o fogo esmoreceu Lhiannon começou a falar e, revivendo o sangue e a angústia, sentiu que conseguia finalmente libertar-se.

— Então o Rei Togodumnos está morto? — perguntou Boudica.

Lhiannon assentiu. — Teve a morte de um herói. Agora festeja nas Ilhas Abençoadas. Os melhores de entre os Trinovantes estão lá com ele e demasiados Catuvellauni e Cantiaci também. Caratac tenciona ir ter com o Rei Tancoric nas terras do ocidente para fazer uma aliança com ele.

— Tu e Ardanos enterraram o rei em Camulodunon? — perguntou Boudica baixinho passado alguns minutos.

Lhiannon assentiu. — Por fim. Aquela primeira noite foi de terror, fugindo e escondendo-nos e fugindo novamente, pensando quando seria que os batedores romanos nos iriam encontrar. Foi só no terceiro dia que nos atrevemos a parar o tempo suficiente para cremar o corpo. Levamos as cinzas para os campos funerários, mesmo no exterior dos diques de Camulodunon, e sepultamo-las junto às do seu pai. Foi um funeral pobre, sem oferendas na sepultura, mas deixamos-lhe a lança e o escudo. — Ergueu os olhos com um suspiro. — Como é que sabias?

— A Coventa viu-vos... — Boudica interrompeu-se como se houvesse mais que não devia ser dito. Em algum lugar um mocho piou três vezes e calou-se.

— Essa pobre criança... A Helve usa-a sem piedade, como suponho eu também faria se a escolha tivesse recaído sobre mim. — Inclinou-se para espreitar o fogo. — Nos dias que se aproximam precisaremos de todas as vantagens.

— E que estão os Romanos a fazer agora?

— Esperam... — Lhiannon soltou uma gargalhada triste. — O general romano construiu uma ponte sobre o Tamesa e dizem que está à espera que o seu imperador a atravesse para terminar a nossa conquista.

— E ele pode fazê-lo? — Um raio solitário de luz brilhou no cabelo de Boudica.

— Minha querida, a sudoeste não resta ninguém para se lhes opor. Se *permaneceremos* conquistados já é outra questão.

Afinal Júlio César viera, proclamara-se conquistador e partira, e a Britânia fora deixada em paz durante um século depois disso. O vento murmurava na copa das árvores mas, se estava a tentar responder-lhe, não conseguia compreender as palavras.

— Está a ficar tarde — Lhiannon levantou-se subitamente e dirigiu-se à cabana. — Temos de dormir. Amanhã mostro-te a ilha e, quando for Lua Nova, no dia seguinte, faremos a tua iniciação na Fonte do Sangue.

Se Boudica ficou surpreendida pela sua brusquidão teve a gentileza de não fazer comentários e seguiu-a para dentro de casa.

*

Na hora cinzenta que antecede a madrugada o ar era tão gelado que chegava aos ossos. Boudica pensou que já deveria estar à espera, tendo-se acostumado à cerimônia do nascer do Sol na ilha dos druidas, mas partira do princípio de que, sendo mais a sul, Avalon não seria tão fria. A luz do Sol da tarde a ilha sagrada parecera um local de beleza e poder. Mas enquanto seguia atrás da forma encapuzada de Lhiannon até ao local entre o pomar da colina e o Tor onde brotava a Fonte do Sangue, as formas pouco nítidas das árvores e das pedras mudavam em torno dela com uma diversidade ambígua e não conseguia dizer se as novas formas eram maravilhosas ou terríveis.

Suponho que esta é a primeira lição... pensou enquanto pousava cuidadosamente os pés ao longo do caminho. — Todos nós temos potencial para o bem e para o mal e, sabendo isso, temos de escolher...

Detiveram-se perante uma sebe de arbustos. A luz fraca conseguiu distinguir uma abertura na base. Virou-se para perguntar se era a entrada, mas a outra mulher desaparecera.

— Boudica, filha de Anaveistl, o que te trouxe até aqui? — Ouviu-se uma voz do outro lado da sebe. Boudica pestanejou. Em todas as ocasiões anteriores fora conhecida como filha do seu pai,

mas ali tratavam-se dos assuntos das mulheres. Pela primeira vez pensou em como se teria a mãe sentido ao tornar-se mulher. Não tivera uma cerimônia *assim*, mas a passagem de menina a mulher sempre fora honrada entre as tribos.

— Fui uma criança... serei mulher. Fui ignorante... procurarei a sabedoria.

— Tira as roupas. Vieste ao mundo nua. Será nua que farás esta passagem para renascer... — Sabia que quem falava era Lhiannon, mas soava... estranha.

— Vem!

A tremer, Boudica largou a capa no chão. As pedras arranhavam-lhe os joelhos e as folhas aguçadas dos arbustos raspavam-lhe as costas quando rastejou pela abertura. Baixou-se mais para não ficar toda arranhada.

O Sol continuava escondido por trás da colina mas, quando emergiu, descobriu que conseguia ver. A sebe estendia-se para a esquerda e para a direita até ao sopé da colina do pomar. A fonte sagrada corria de em algum lugar mais acima, a sua água escorrendo para dentro de um grande lago cercado por pedras vermelhas de ferrugem devido ao ferro que vinha com a água.

Do outro lado, envolta numa capa, estava uma figura que — assim o esperava — tinha de ser Lhiannon. Pensou em como seria aquele ritual quando era celebrado por uma série de sacerdotisas e não conseguiu decidir se se sentia desapontada ou satisfeita pelo fato de receber aquela iniciação unicamente de Lhiannon, que era em quem ela mais confiava.

— Entraste no templo da Grande Deusa que, embora use muitas formas, não tem forma nem nome, embora lhe chamem muitos nomes. Ela é Donzela, para sempre intocada e pura. É Mãe, a Fonte de Tudo. É a Senhora da Sabedoria que perdura para além do túmulo. E Ela responde a todos os nomes que Lhe deram todas as tribos da humanidade. A Deusa está em todas as mulheres e todas as mulheres são rostos da Deusa. Tudo o que Ela é, tu serás. Criando e destruindo, Ela faz nascer todas as transformações. Estás disposta a aceitá-La em todas as Suas formas?

Boudica pigarreou. — Estou...

— Contempla o Caldeirão dos Poderosos. — A sacerdotisa indicou o lago. — Todos quantos entrarem nele sem ser merecedores perecerão; os mortos nele depositados reviverão. Atreves-te a enfrentar o Mistério?

O céu já estava mais claro. Boudica pensou se a água ligeiramente brilhante que este lhe mostrava estaria tão fria como parecia, mas a sua voz soou segura quando respondeu: — Sim...

— Desce então para o lago.

Quando pôs o pé dentro da água a sua temperatura gelada provocou-lhe um choque em todo o corpo. Tremeu com o esforço que fez para não desatar aos saltos e aos gritos. Mas apesar de

Helve poder fazer pouco das suas aptidões, Boudica tornara-se competente em algumas das disciplinas druidas. Respirou fundo procurando o fogo no seu interior. Conseguia senti-lo por baixo do esterno, pulsando como um pequeno sol. Respirando novamente ordenou-lhe que se estendesse a cada membro.

Avançou sem hesitar, a pele arrepiada à medida que o gelo exterior encontrava o fogo interior e, erguendo os olhos, viu outra figura a descer os degraus do lado oposto, os seus gestos um espelho dos seus próprios gestos. Era Lhiannon, disse a si própria, mas contra o céu cada vez mais brilhante distinguia apenas uma silhueta. Na sua postura reconhecia algo de Mearan, na elegância algo da sua própria mãe e a posição da cabeça era a mesma que já vira em si própria, no reflexo quando se debruçava sobre águas espelhadas.

A ondulação quebrou os seus reflexos em mais um milhar de imagens quando mergulharam na água até ao peito. Ruiva e loira, musculada e esguia, moveram-se na direção uma da outra dentro da piscina.

— Pela água que é o sangue da Senhora, possas ser purificada... — murmurou a Outra que era e não era Lhiannon. — Que deste ventre possas renascer... — Os seios de ambas tocaram-

se quando Lhiannon se aproximou, depois pousou as mãos nos ombros de Boudica e fez força para baixo.

Quando as águas se fecharam sobre Boudica, as feridas onde a sebe a arranhara arderam tremendamente e depois a rapariga começou a sentir uma comichão que se espalhou por todo o corpo, como se estivesse realmente a ser criada de novo. Sentia as mãos de todas quantas tinham sido iniciadas na piscina antes dela a abençoá-la. A pulsação do sangue nos seus ouvidos era como o bater de asas poderosas; banhava-se na luz e não sabia se esta vinha de fora ou de dentro de si.

Filha amada... das profundezas da consciência surgiu uma voz. A princípio pensou que era a voz de Morrigan, mas esta era muito mais poderosa: ressoava-lhe nos ossos. No sangue e no espírito és verdadeiramente Minha filha. Ofereço-te ao mundo e o mundo a ti. Aconteça o que acontecer nunca estarei longe de ti se procurares no teu interior. Vai em frente e vivei

Depois mãos fortes puxaram-na para cima. A sua pele deslizou suavemente contra outra pele quando emergiu nos braços de Lhiannon. Na luz da água brilhavam e giravam em torno delas uma multidão de espíritos alegres que celebravam. Durante aqueles

poucos momentos em que estivera debaixo de água o Sol levantara-se e estavam no meio de um lago de fogo.

*

— O teu ritual de passagem a mulher também foi assim? Perante a pergunta desafiadora de Boudica, Lhiannon acabou de atar os atacadores dos sapatos e olhou para cima. Tinham passado dois dias desde a iniciação. A noite anterior estivera nublada, mas as brumas estavam a dissipar-se nos pântanos e, por trás das macieiras, o Tor erguia-se, elegante e verde contra o céu alegre.

— É sempre igual e sempre diferente... — disse ela com um sorriso. — A estrutura do ritual não sofreu muitas alterações, acho eu, desde que o Povo da Sabedoria iniciou as suas filhas pela primeira vez neste lago. Mas o poder que invoca, a transformação interna que provoca, é necessariamente diferente para cada donzela que abençoa.

Recordava a sua própria iniciação como um lento desabrochar da consciência, camada após camada, como uma flor a abrir-se, até que no fim vira o núcleo de luz. Uma vida inteira, pensou, poderia não ser suficiente para compreender aquilo que tocara quando mergulhara no lago.

Achava que Boudica não tivera a mesma experiência, mas era evidente que algo acontecera à rapariga. E, como acontecia sempre no ritual, quem dava era tão abençoado como quem recebia.

Lhiannon continuava a chorar os guerreiros mortos da Britânia, mas fora recordada de que a Grande Mãe, que chora pelos seus filhos, também os faz renascer.

— Ainda estou a tentar digerir todas as palavras sensatas que me disseste depois, quando estávamos a quebrar o jejum junto ao lago — disse Boudica.

Lhiannon franziu o sobrolho. Na euforia que se seguira à bênção, com os corpos nus ainda quentes do fogo sagrado, dera por si a dizer a Boudica coisas que mal admitira perante si própria. Nem mesmo quando passeava com Ardanos conseguia partilhar os seus pensamentos com tanta intimidade. As suas almas estavam tão despidas como os seus corpos, não eram já professora e aluna, mas duas mulheres juntas numa intimidade espiritual que teria sido impossível se não estivessem sozinhas. Agora começava a suspeitar que se forjara entre ambas um laço que não tencionara formar.

Esta rapariga tem um potencial de que, nos quatro anos que passou com os druidas, nem sequer suspeitamos, pensou melancolicamente. Mas, se ela decidir regressar ao seu povo, não será esse potencial perdido que me causará mágoa, mas sim a perda da primeira alma que conheci que se poderia tornar numa verdadeira amiga.

— Se já tivesses compreendido tudo, então não teria sido uma verdadeira iniciação — respondeu Lhiannon tentando disfarçar as emoções. — Isto é o começo. Terás o resto da tua vida para compreenderes o seu significado.

— Suponho que sim... Tenho de decidir hoje se quero ficar com os druidas?

Lhiannon respirou fundo. *Não, graças aos deuses...* Em voz alta disse: — Temos ainda alguns dias até que tenhas de decidir. Permite que cada dia te traga a sua lição. Hoje proponho-te que subamos ao Tor. — Agarrou no bastão.

Via que Boudica estava a engolir outra pergunta e sorriu. Poderiam falar mais depois. Ainda tinham tempo.

O caminho seguia em torno da base da colina do pomar e passava pela sebe de arbustos que escondia o lago sagrado. Por trás deste as águas da Fonte de Leite escorriam, juntando-se à lagoa, deixando a sua própria marca leitosa sobre as pedras. Vermelho e

branco, sangue e leite, alimentavam a terra. As mulheres pararam para encher os cantis. Depois do sabor pungente da Fonte de Sangue, as águas da Fonte de Leite sabiam a pedra.

Em torno da base do Tor as árvores agrupavam-se cerradas, mas numa época anterior tinham sido arrancadas das encostas e as ovelhas tinham impedido que voltassem a crescer no monte. Quando as mulheres saíram de entre as árvores, a longa espinha do Tor erguia-se na sua frente.

— Vamos subir a direito até lá acima? — perguntou Boudica. Dali a primeira encosta íngreme ocultava a inclinação mais suave que se lhe seguia e não se via o círculo de pedras no topo.

— Podíamos fazê-lo... ou podíamos dar a volta até ao outro lado e seguir por um caminho mais curto e ainda mais íngreme... se quiséssemos apenas chegar ao topo e gozar a vista...

Aguardou, observando Boudica a avaliar a erva ondulante que tinha pela frente. A base do Tor era mais ou menos oval, apoiada

sobre um eixo nordeste-sudueste. Ao longe, parecia um cone perfeito, mas o cume ficava no extremo norte. A distância parecia também muito liso, mas dali via-se claramente que era sulcado por numerosos caminhos em socalcos.

— Não são naturais, pois não? — Boudica apontou. — Isto é um dos mistérios dos druidas?

Lhiannon abanou a cabeça. — Já aqui estavam quando a nossa gente chegou às ilhas da primeira vez. Quem os construiu foi o Povo da Sabedoria. Não são anéis, mas sim um labirinto. Caminha-se em silêncio, como na meditação, até atingir o topo.

Boudica olhou para o caminho que estava na sua frente, o início marcado por uma pedra antiga. — E quando chegarmos ao outro lado do labirinto — perguntou cuidadosamente —, teremos chegado onde?

Inesperadamente, Lhiannon deu uma gargalhada. — Ao cume do Tor... em geral. Mas por vezes, dizem, o caminho conduz para

dentro até ao Outro Mundo.

Por baixo do chapéu de palha de abas largas o rosto de Boudica iluminou-se com um sorriso e ela respondeu: — Acho que é mais provável tu encontrares esse caminho do que eu. Mas certifica-te de que te lembras do caminho de regresso.

— Não chegaremos a sítio nenhum se não começarmos —
Lhiannon passou pela pedra e começou a escalar o monte.

Durante o primeiro circuito estava plenamente consciente de Boudica atrás de si. O caminho seguia pelo meio da encosta norte do Tor, no sentido do movimento do Sol, em torno da encosta sul até se aproximarem da pedra e depois mergulhava e virava para trás, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, em toda a volta, dava mais uma volta para baixo e rasava a base do Tor. Ali o percurso era fácil. Continuou a caminhar, gozando o sol que lhe batia nas costas e a forma como o vento agitava as dobras da sua túnica. Já ali estivera antes e o exercício era bem-vindo num dia lindo de Verão como aquele.

Só quando o caminho se abeirava novamente da entrada é que regressava à espinha da colina em voltas apertadas e em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, invertendo o sentido a meio da encosta e subindo para cima na direção das pedras eretas. Foi aí que Lhiannon começou a suspeitar que daquela vez poderia ser diferente. A luz parecia mais pálida apesar de nenhuma nuvem tapar o Sol. Cada passo parecia mais deliberado. Não se sentia mais pesada, mas antes como se uma qualquer força a puxasse para o Tor.

Lhiannon olhou para trás, para o caminho. Via Boudica lá atrás, a meio da encosta, movendo-se lentamente e parando de vez em quando para olhar para a cordilheira de montanhas a norte e para o mar distante. O vale de Avalon estava situado entre duas cordilheiras, uma terra abrigada com o Tor como seu coração secreto. A rapariga — não, a jovem mulher — ficaria bem. Com um suspiro de alívio Lhiannon regressou ao caminho.

Já via as pedras sagradas lá em cima. O ar por cima de si tremeluzia. Fez um desvio por trás delas, avançou uma vez mais, chegou tão perto que lhes poderia tocar, mas agora já não precisava de ver o caminho. Um fluxo de energia transportou-a como se fosse levada pela corrente de um ribeiro. O caminho dobrava-se sobre si próprio e para baixo, descrevia um grande arco para trás e outro mais comprido para a frente, afastando-a do cume. Mas agora já não projetava qualquer sombra, pois o Sol desaparecera. Caminhou

através de um crepúsculo luminoso enquanto avançava e andava à volta e subia de novo, finalmente, até ao ponto de poder no interior do círculo de pedras. A terra descia em todas as direções tal como vira enquanto subia e, no entanto, não o fazia da mesma forma, pois agora todas as árvores cintilavam e todos os juncos brilhavam, as pequenas ilhotas elevadas eram pequenos pontos brilhantes que marcavam o fluxo de energia através da terra.

Lhiannon ficou de pé, com a pele arrepiada como acontecera no lago sagrado. Todos os sacerdotes e sacerdotisas druidas tinham feito aquela subida e nem um em cada cem encontrara o caminho entre os mundos. A quantos teria passado despercebido o momento de potencial transformação? Quantos o tinham pressentido e recuado, temerosos? Pensou por que razão lhe teria sido concedido aquele dom e desejou poder partilhá-lo com Boudica.

— Só quando a alma está pronta é que pode encontrar o caminho.

Levou um instante a aperceber-se de que quem falava não era o seu espírito. Virou-se com o coração aos pulos.

A princípio pensou que via a Senhora Mearan ali, de pé, mas quando já se achava cheia de contentamento apercebeu-se de que aquela mulher era tão pequena como as mulheres da Aldeia do Lago, vestia roupas de pele de veado e usava uma grinalda de flores estivais. E, no entanto, o contentamento manteve-se, pois a sabedoria e o poder que via no rosto da mulher eram os mesmos. Instintivamente, curvou-se como se teria curvado perante uma alta sacerdotisa do seu próprio povo, pois sem dúvida que a rainha do povo das fadas era de igual categoria. E era muito mais antiga.

— Os sacerdotes do Carvalho ensinaram-te bem... — disse a mulher a sorrir. — Mas a tua gente não me vem visitar com tanta frequência como em tempos passados. Vieste em busca de refúgio, agora que o teu povo está em guerra?

— É verdade que um povo estrangeiro nos invadiu, mas a maior parte dos nossos sábios está a salvo na ilha de Mona. Não me parece que eles cheguem a lá ir — respondeu Lhiannon com um assomo de orgulho.

— O tempo aqui corre de uma forma diferente e já vi muitos povos chegarem e partirem a esta terra. Mas tu, pelo menos, podes

ficar em segurança... — a fada fez um gesto e Lhiannon viu que um pano tinha sido estendido sobre a erva no interior do círculo e, em cima deste, havia comida e bebida. O seu estômago rugiu perante a visão dos bonitos pães brancos, das aves assadas e das taças com frutos e nozes de todos os tipos. Já passara muito tempo desde a refeição da manhã.

Quando pensou nisso recordou-se subitamente de Boudica a mexer as papas de aveia com a luz da manhã a incendiar-lhe os cabelos. Lhiannon soubera que a mulher mais nova estava posta perante uma escolha, mas não soubera que a ela própria também seria dado escolher.

— Senhora, não quero insultar a vossa hospitalidade, mas não posso abandonar a minha amiga.

A mulher olhou-a, pensativamente. — A amizade é uma das grandes virtudes da tua espécie. Mas ela ainda não está pronta para compreender. Se a vossa amizade perdurar, talvez chegue o dia em que ela e tu poderão regressar para mim...

— Conseguis então ver o futuro? — perguntou Lhiannon ansiosamente. Conseguiremos expulsar estes Romanos da Britânia?

Durante alguns momentos a mulher limitou-se a olhar para ela. — Esqueço-me de quão jovem és... A vossa vida humana é um rio e vocês fazem todos parte dele, como os ribeiros e as nuvens e a chuva, cada um movendo-se de acordo com a sua própria natureza, uma corrente correndo mais forte e depois acabando por ceder a uma outra. Os Romanos são muito fortes, mas é só aqui que posso prever o futuro, pois apenas o meu reino está imune à mudança.

— Quereis dizer que é inútil resistir aos Romanos? — Lhiannon fixava-se na única parte que conseguia compreender.

— Inútil? Nenhuma ação de um coração corajoso é perdida. Se os vossos reis vos falharem, procurem as vossas rainhas. O vosso amor e a vossa coragem serão uma corrente poderosa nesse rio. Mas conhecerão a dor e um dia morrerão.

— Mas crescerei — disse Lhiannon lentamente —, e aqui nunca poderia ser maior do que sou neste momento.

— Talvez não sejas, afinal, uma criança — disse então a fada. — Vai agora com a minha bênção. A luz do dia já se desvanece no mundo dos homens.

— Obrigada... — disse Lhiannon, mas tanto a mulher como a comida das fadas já tinham desaparecido. Ainda a pensar deu o primeiro passo e deu por si novamente no mundo dos humanos.

*

Apesar de os céus sobre o vale permanecerem limpos, ao largo, sobre o mar, estava a formar-se uma tempestade. O Sol que se punha acendia, nas nuvens distantes, estandartes de chamas. Boudica bebeu o resto da água do cantil e pensou em descer o monte.

Sem dúvida que Lhiannon já estava de regresso à cabana a preparar a jantar e a pensar quando é que Boudica chegaria. A outra mulher não passara por ela na descida, mas tinha que ter descido, talvez quando Boudica estava no arco comprido do outro lado da colina. Quando chegara ao topo olhara em todas as direções e Lhiannon não estava em parte alguma. Ficou um pouco surpreendida — não, na realidade ficara um pouco magoada — por a companheira não se ter dado ao trabalho de lhe dizer que se ia embora. Pareciam ter ficado tão chegadas, depois daquela manhã na lagoa. Mas Lhiannon dissera que aquela subida deveria ser uma meditação solitária. Talvez tivesse deixado Boudica sozinha para que ela conseguisse decidir-se.

— Eu não quero decidir! — disse com rebeldia.

— O que é que queres?

Boudica ficou a olhar. Um momento antes estivera a olhar para as pedras do outro lado do círculo e gora via Lhiannon na sua frente. Se é que *era* Lhiannon. A sacerdotisa sempre fora loira, mas agora o seu rosto resplandecia.

— Onde estiveste? — Boudica deu por si de pé sem ter dado por se levantar.

— Encontrei o outro caminho... Encontrei o caminho interior. — Disse a sacerdotisa lentamente. — Encontrei o caminho para o país das fadas... — Olhou em torno de si com um misto de desapontamento e de espanto e Boudica acreditou nela. — Mais ou menos a meio, o labirinto começou a mudar. Não viste nada? Tive a esperança de que me seguisses...

— Não vi nada a não ser a terra verde e o céu lá em cima. A luz do Outro Mundo ainda brilhava nos olhos de Lhiannon e Boudica apercebeu-se da distância que as separava. Mas não sentia inveja. De alguma forma, naquele instante de conscientização, encontrara a resposta para a sua pergunta.

— Eu não sou sacerdotisa. Este mundo chega-me.

Os seus olhos encontraram-se e, nos de Lhiannon, viu a mágoa que se transformou lentamente em aceitação e em algo mais que só conseguia identificar como amor.

— Então fico satisfeita por ainda fazer parte dele... — disse a sacerdotisa e sorriu.

OITO

— Em nome de todos os poderes da terra, céu e mar, o que é *aquilo?*

Boudica virou-se ao ouvir a exclamação de Lhiannon, abrindo muito os olhos ao ver o que aparentava ser uma meda de feno a atravessar lentamente o campo sobre quatro patas curtas e cinzentas. Enquanto observavam, um apêndice semelhante a uma cobra subiu e arrancou algumas das palhas.

— Acho... acho que é uma espécie de animal. — Protegeu os olhos com uma das mãos para ver melhor.

O vento mudou de direção e os cavalos começaram a escoicear e a relinchar. — E sem dúvida um animal — concordou Lhiannon numa voz insegura. — Deve ser uma daquelas criaturas estranhas de que ouvimos falar na noite passada — os *elephanti* que os Romanos trouxeram do outro lado do mar.

Calcularam que o animal tinha pelo menos duas vezes a altura de um homem alto. Os aros de latão nas presas de marfim brilhavam ao Sol da tarde quando o bicho se movia. A sua mente espantava-se com a ideia de que um tal ser pudesse ser transportado em qualquer tipo de navio capaz de navegar nos oceanos. Sem dúvida que o imperador trouxera os animais para aterrorizar os nativos — estava mesmo a assustar os cavalos, mas a total estranheza da criatura dava a Boudica vontade de rir.

— E um assunto que não te diz respeito... — grunhiu Leucu. — Se queremos chegar à tenda do teu pai antes da hora do jantar temos de nos apressar.

Puxou a cabeça do cavalo para um dos lados e impeliu-o para a frente no caminho que levava ao que fora, em tempos, o forte de Cunobelin. Os Romanos tinham queimado os edifícios de que o velho rei tanto se orgulhara — depois de os saquearem primeiro, naturalmente. Os chefes tribais que tinham vindo para fazer a paz com o imperador estavam acampados nos campos de Camulodunon.

Sem dúvida que Leucu ficaria satisfeito por se livrar da responsabilidade da guarda da filha do seu chefe. Passara a maior parte das três semanas de viagem através da Britânia num estado de nervos que lhe tirara o sono e o pusera com mau feitio. Mas fora só nos últimos dias que tinham encontrado patrulhas romanas, a última das quais numa abertura das muralhas que não tinham, afinal, protegido Camulodunon. Duas mulheres e um velho pareciam uma ameaça pouco provável para as legiões que rodeavam o imperador e tinham-lhes dado passagem.

— Continuo a não gostar disto... — disse Boudica enquanto atravessavam as pastagens.

— Porquê? Tens medo dos elefantes? — perguntou Lhiannon.

Boudica grunhiu.

— Não... mas pensava que estava a regressar a casa! — Quando viajavam pela Britânia e os seus membros recordaram o prazer de montar, começara a sonhar com as pastagens ondulantes onde os Icenos criavam os seus cavalos. — Mas é um péssimo regresso a casa chegar mesmo a tempo de ver o meu pai a oferecer a garganta a Roma!

As tropas romanas em Camulodunon eram uma lança apontada ao coração de todas as terras que tinham estado, em tempos, sob o domínio de Cunobelin. Mas contentar-se-iam os Romanos com a submissão ou ver-se-ia em breve acorrentada e dentro de um navio com destino a Roma? Por mais limitada que tivesse sido a vida com os druidas, ao menos fora livre. Tentara convencer a sacerdotisa a deixá-los, mas Lhiannon parecera serenamente confiante. Ou talvez estivesse tão determinada em ir a Camulodunon por os guerreiros terem dito que Ardanos continuava lá.

Atravessaram a pastagem e meteram pelo caminho que passava por entre os campos. O trigo meio crescido jazia, espezinhado, com apenas algumas espigas prontas a serem colhidas pelos pássaros. O

gado também desaparecera. Sem dúvida que tinha servido para o banquete dos soldados na celebração da vitória.

Outra vala, com as paredes coroadas por pirliteiros, rodeava o forte, mas as cabanas cujos telhados pontiagudos deveriam ser visíveis por cima da sebe, tinham desaparecido. Passara um mês desde que os Romanos os tinham incendiado, mas o cheiro ácido do fumo continuava a pairar no ar. E, no entanto, a pastagem por trás do forte exibia uma colheita colorida de tendas, como se fosse um festival de Lugos fora de época. Os chefes que não tinham chegado a tempo de defender Camulodunon tinham vindo submeter-se aos seus conquistadores.

Quando entraram no acampamento as pessoas saíam das tendas para ver quem chegara. Subitamente, Boudica teve consciência do aspecto que devia ter aos olhos deles: uma mulher nova, de pernas compridas, sardenta e de cabeleira raiva, vestida com uma túnica de linho cru, enxovalhada por semanas de caminho e esfarrapada na bainha. O aspecto maltrapilho fora conveniente para a viajante, mas aqui não o era tanto, pois os homens julgavam quem a pessoa era pelas roupas que envergava.

Os grupos de tendas estavam marcados por mastros com estandartes. Olhou para as bandeiras, procurando o castanho

avermelhado com a lebre saltitante que era o estandarte do seu próprio clã. *Talvez os meus pais não me reconheçam*, pensou sombriamente. *Aí não terei alternativa senão regressar a Mona com a Lhiannon...* Rodeada por tanta gente envolta em vestes brilhantes, teve que reprimir o impulso de dar imediatamente meia volta de regresso a onde viera.

Lhiannon viu-a pôr as mãos nos ouvidos e abanou a cabeça.

— Não podes viver a vida assim, filha... inventa para ti própria um véu que só possa ser atravessado pelos sons que desejas ouvir.

Boudica fechou os olhos por uns instantes e foi recompensada por uma diminuição do ruído. Quando os abriu novamente percebeu que tal se devia ao fato de o pai ter saído da tenda para vir ao seu encontro, com a mãe a correr atrás para o acompanhar, como de costume. Tinha um aspecto ainda mais austero do que recordava e havia demasiados cabelos grisalhos na sua cabeça. A sua mãe também já estava grisalha. Quando é que os seus pais tinham ficado *tão* velhos?

— Então chegaste finalmente. Parece que não tiveste pressa...
— Olhou para a filha dos pés à cabeça mas a sua expressão não se alterou.

Boudica mordeu o lábio. Certamente que o tempo perdido em Avalon tinha sido compensado por uma parte da viagem que fora feita de barco. Mas Leucu estava a tartamudear qualquer coisa sobre demoras necessárias para evitar os Romanos e ela descontraíu-se novamente.

— Não te rales homem — disse Dubrac por fim. — Vai descansar. Tenho a certeza de que o mereces. Pelo menos trouxeste-a até aqui... — Virou-se para a mulher: — Faz com que se lave, Ana. A hora do jantar tem que estar em condições de ser vista pelos príncipes. — Afastou-se.

— Vou a um banquete ou a uma feira de gado? — resmungou Boudica enquanto passava a perna por cima do lombo do cavalo, se virava para ficar sentada de lado e escorregava para o chão.

Lançou um olhar implorante a Lhiannon mas a sacerdotisa limitou-se a sorrir.

Depois a mãe abraçou-a, recuando para lhe ver o rosto e abraçou-a novamente.

— Oh minha querida, como crescestes! Mas estás castanha como uma bolota, filha, ou é do pó da estrada? Não interessa, não interessa... oh, que saudades tive! Sonhei com este dia.

Eu não, apercebeu-se Boudica com uma guinada de culpa. Mas era estranhamente reconfortante ser mimada como se tivesse oito e não dezoito anos e, apesar de fazer muitas perguntas, a mãe não parecia esperar grandes respostas.

— E para vós, minha senhora, toda a gratidão pelos cuidados...
— Ana virou-se quando Lhiannon desmontou também, baixando a cabeça numa espécie de vênica. A túnica azul da sacerdotisa estava

um tanto empoeirada, mas parecia não ter sido tocada por mais nenhuma das dificuldades da viagem.

E como se, pensou Boudica com o habitual espanto exasperado, ela tivesse usado uma magia druida qualquer e desviado toda a sujidade para cima de mim!

— As minhas mulheres prepararam-vos um quarto — fez um gesto vago na direção das outras tendas quando uma criada se aproximou. — Se precisardes de alguma coisa para vosso conforto basta pedirdes...

Boudica mal teve tempo para um aceno de despedida quando a mãe a puxou para dentro de uma das tendas, um espaço amplo criado por panos de lã oleada estendida por cima de paredes de junco. Suspirando, deixou que Ana lhe desse bolos de aveia e chá de menta, que se alarmasse com o estado do seu cabelo e da sua pele e que discutisse a roupa que deveria vestir. Fora assim, lembrava-se, quando era pequena. Dado o marido se encarregar da formação de todos os filhos rapazes, os instintos maternos de Ana tinham-se concentrado na sua única filha viva que, por seu lado, quisera provar ser melhor do que qualquer rapaz ou qualquer um dos seus irmãos. Mas Boudica percebeu que, entre outras coisas, a sua estadia com os druidas lhe ensinara que havia mais de uma maneira de se ser

mulher mais maneiras do que uma para se ser uma mulher poderosa.

*

Lhiannon, tendo deixado Boudica entregue ao seu destino, foi à procura de Ardanos. Umas quantas perguntas discretas acabaram por a conduzir a um grupo de tendas sobre o qual pairava o estandarte com o javali dos Icenos do sul.

Encontrou-o, sentado de pernas cruzadas, a esculpir e deteve-se para saborear o prazer de o ver ali, vivo e bem de saúde. Em

rapazinho ele gostara de esculpir. Seria um sinal do seu contentamento, estar a fazê-lo agora, ou estaria ele de tal modo frustrado com a situação que não conseguia pensar em mais nada para fazer? Provavelmente era frustração, pensou ela chegando mais perto. Estava a esculpir pássaros.

— E quando os tiveres acabado, levantarão voo? — perguntou ela suavemente.

Por um momento ele ficou mudo, mas viu que os nós dos seus dedos empalideciam sobre o cabo da faca. Cuidadosamente, descontraíu os dedos e pousou a faca. Só então olhou para ela.

E o que foi, meu querido, que não quiseste que eu visse nos teus olhos?, pensou ela. Estes estavam cheios de lágrimas que ele era demasiado orgulhoso para limpar. Ajoelhou ao seu lado e agarrou num dos pássaros.

— O Rei Antedios tem uma filha pequena — disse ele numa voz quase firme. — Estas são aves marinhas e ela pô-las-á a flutuar no

ribeiro...

— E elas irão pelo ribeiro até ao rio e daí flutuarão até ao mar e daí poderão, enfim, chegar às Ilhas Abençoadas. Compreendo.

— Correu tudo bem? — Estendeu a mão para tirar uma folha que se agarrara ao véu dela; o toque transformou-se numa carícia que lhe afastou uma madeixa de cabelos da testa e se demorou por lá.

— Muito bem. Tanto para a Boudica como para mim, ainda que — talvez por isso — estivéssemos sozinhas. Ardanos, desta vez, quando subi ao Tor, fui para dentro! Tenho de te contar...

— Aqui não — disse ele bruscamente. — Profanaria a recordação. Quando estivermos na estrada. Agora que já chegaste podemos sair daqui para fora.

— Ardanos! — exclamou ela com um misto de aborrecimento e de riso. — Há três semanas que viajo a cavalo. A Boudica nasceu em cima de um cavalo, acho eu, e recuperou toda a sua antiga perícia, mas eu não nasci e, nem mesmo por ti, estou disposta a sentar-me outra vez numa sela até ter curado as feridas no traseiro. Além disso tenho de esperar que a Boudica...

— Que se dane a Boudica! Quero pôr-te a salvo daqui para fora! — abanou a cabeça. — Ao menos, usa uma fita na cabeça que esconda esse crescente azul enquanto aqui estiveres!

Lhiannon franziu o sobrolho. — Esta marca só é usada pelos membros da nossa Ordem que foram iniciados em Avalon. Os Romanos não saberão qual o seu significado.

— A não ser que alguém lhes explique... — A sua expressão era sombria. — Há por aqui muita gente que não se importaria de ganhar a simpatia daqueles que distribuem os luxos de Roma. Usa uma fita na cabeça ou um véu.

— E então tu? — disse ela ironicamente. — E certo que saberão que és um druida ao verem essa testa rapada.

— Toda a gente já sabe quem eu sou — disse ele encolhendo os ombros. — Quando há Romanos nas proximidades uso um barrete.

— Então certifica-te de que o usas. — Sentou-se ao lado dele. — E, já que tenho de aqui ficar durante algum tempo, o melhor era contares-me quem é que veio para este desastre e o que achas que acontecerá agora.

*

O festival de Lugos sempre incluía uma feira de gado onde as pessoas vendiam os animais supérfluos e compravam bestas para cruzar e melhorar as suas manadas. A Boudica, sentada no meio da tenda dos pais enquanto a mãe dava ordens a um bando de criadas tagarelas para que a esfregassem, oleassem, penteassem e adornassem, a comparação parecia desconfortavelmente apropriada. O que a impedia de fugir dali era saber que se decidisse ir para Mona, Lhiannon e Ardanos eram muito capazes de a tirarem dali.

— Pronto, minha querida... — A mãe recuou, inspecionando-a. — Agora já pareces uma mulher da família real. — Estendeu-lhe um espelho de bronze, com a parte de trás gravada com cornucópias graciosas e espirais, para que Boudica se pudesse mirar.

Era verdade que o que havia de mais semelhante a um espelho em Mona era uma lagoa parada, mas o rosto que a olhava não era de ninguém seu conhecido. Tinham-lhe entrançado o cabelo, afastando-o do rosto, prendendo-o com fitas escarlates e deixando o resto da cabeleira cair-lhe pelas costas em ondas de cobre e ouro. Uma aplicação competente de cosméticos romanos avermelhara-lhe os lábios e definira-lhe as sobrancelhas.

A túnica era de um linho fino que se adaptava às curvas do seu corpo e caía em pregas elegantes, presa com alfinetes e uma cinta de ouro e tingido do vermelho mais escuro que as plantas permitiam. Brincos de ouro e um colar de ouro entrelaçado completavam o conjunto, juntamente com uma capa tecida com os vermelhos, castanhos e amarelos da sua tribo.

— Vai estar demasiado calor para isto... — Tentou devolver-lhes a capa de lã.

— Podes sentar-te em cima dela quando não andares a passar o jarro com o vinho — respondeu a mãe bruscamente.

— Sinto-me honrada — disse Boudica secamente, lembrando-se imediatamente da última vez em que servira os reis. Dos governantes que tinham vindo para planear a defesa da Britânia em resposta ao chamamento do druida-chefe, Togodumnos estava morto e Caratac andava a monte e os reis dos Durotriges e dos Belgas aguardavam para ver onde a águia romana atacaria em

seguida. De entre aqueles cujas taças encheria naquela noite, só Prasutagos, que com a morte do irmão se tornara rei dos Icenos do Norte, se lembraria.

— Bem e tens razão para estares — disse a mãe com brusquidão. — A maior parte deles já tem rainha, evidentemente, mas têm filhos e irmãos... não tenho dúvidas de que te arranjaremos uma boa posição.

Boudica respirou fundo, grata pelos ensinamentos druidas de autocontrole. — E se eu preferir não me casar? Quando me mandaram para Mona, não foi com o entendimento de que eu poderia decidir ficar lá?

— Mas... voltaste...

Vendo a expressão da mãe entristecer, Boudica estendeu uma mão consoladora. Dois dos seus irmãos tinham seguido Togodumnos até ao Tamesa e tinham morrido. A mãe ainda os chorava e não precisava que a filha lhe desse mais desgostos naquele momento.

— Prometo-te que darei uma oportunidade a essa questão. Não te envergonharei no banquete desta noite e ouvirei todas as propostas que forem feitas.

— Chamávamos-te “potra” quando eras pequena, de tão rebelde que eras. — A mãe abanou a cabeça com um suspiro. — Tinha a esperança de que tivesses mudado. Mas ao menos *tens* o aspecto que uma Mulher Real deve ter.

Tinham de se satisfazer ambas com aquela avaliação competente. Em silêncio, Boudica seguiu a mãe até ao círculo de fogo onde panos entendidos protegiam uma sala de banquetes no exterior.

*

Boudica não foi a única Mulher Real a chegar atrasada à reunião. Naquela tarde chegara a delegação dos Brigantes e Lhiannon, achando-se supérflua entre os Icenos, abriu caminho por entre a confusão de tendas e de carroças até ao local onde estava içado o estandarte com o cavalo negro. Para estar correta, a bandeira deveria ostentar uma manada de cavalos, pois os Brigantes não eram bem uma tribo, mas sim uma federação de clãs. O casamento entre Cartimandua e Venutios como que os unira. Mas Lhiannon conhecera a rainha brigante quando ambas eram raparigas na Casa das Donzelas, em Mona. Perguntou-se se Cartimandua teria mudado.

Aparentemente não, pois quando se aproximou ouviu uma voz áspera e algo aguda dando uma rajada de ordens. Uma serva apareceu à porta como se tivesse sido disparada por um arco e desapareceu e, no instante de silêncio que se seguiu, Lhiannon entrou.

— Bem-vinda a Camulodunon, minha Senhora... — disse ela suavemente.

Cartimandua girou sobre si própria, o cabelo preto e brilhante ondulando como a crina do pônei brilhante que era o significado do seu nome. Pequena e com curvas elegantes, devia o seu sangue real às tribos que reinavam sobre estas terras na época em que os primeiros príncipes belgas tinham vindo da Gália.

— Lhiannon, por tudo quanto é sagrado! Sempre conseguiste saber tudo quanto os poderosos andavam a fazer. Devia ter calculado que estarias aqui.

Lhiannon deu por si envolta num abraço perfumado e depois afastada enquanto ambas as mulheres procediam a uma inspeção mútua.

— Vejo que te mantiveste elegante — disse a rainha —, se é que isso te serve para alguma coisa, ou continuarás a lutar com Helve pelo privilégio de te sentares na cadeira do oráculo?

Lhiannon sentiu-se corar contra vontade. Era óbvio que Cartimandua continuava a falar da mesma forma direta depois de se ter tornado rainha.

— A Senhora Mearan morreu no princípio do Verão. A Helve é agora a alta sacerdotisa.

— Ah... e aposto que adora! Lembras-te do Verão em que a perseguimos com rãs? Rãs na cama e rãs nos sapatos e rãs por todo o lado. Acho que ela nunca chegou a perceber qual de nós, santas donzelas, era a responsável. Então agora quem manda é ela e tu e o Ardanos estão no exílio, hem?

— Fomos enviados para ajudar Caratac — disse Lhiannon com alguma rigidez.

— Ah, esse assunto lamentável — a disposição de Cartimandua alterou-se e ela suspirou. — Tantos belos homens perdidos. Mas não vale a pena lutar contra um furacão. Os Romanos são demasiado fortes e temos de fazer a paz o melhor que pudermos.

— Então tu e o Venutius tencionam render-se?

— Tencionamos tornarmo-nos num reino cliente, se conseguirmos — corrigiu a rainha. — Pagaremos por isso, mas ao menos conservaremos alguma liberdade. E também receberemos favores dos Romanos... — deu uma gargalhada repentina. — Posso viver com esse acordo. Afinal é o mesmo que fiz com o Venutios!

Lhiannon pestanejou. — Ele ama-te?

Cartimandua ergueu uma sobrancelha escura. — O amor não é uma palavra muito usada entre os príncipes. E enérgico na cama quando a situação o requer. O resto do tempo... respeita-me.

Ela tem amantes, pensou Lhiannon. Mas isso não constituía nenhuma surpresa. Em Oakhalls Cartimandua levava para a sua cama todos os rapazes que lhe agradavam, mesmo antes de lhe ser oficialmente reconhecida a idade que permitia ir às fogueiras de Beltane. Na altura isso causara algum escândalo, mas toda a gente sabia que os Brigantes tinham costumes muito próprios e alguns dos seus clãs ainda mantinham a descendência real através das suas rainhas. Ela própria suspeitava que Cartimandua seguiria sempre leis muito próprias em qualquer terra.

— E que estás tu a fazer aqui? Tens o Caratac escondido por aí, disfarçado de criado? Não que eu não gostasse de o ver novamente, mas não me parece que os Romanos lhe dessem as boas-vindas.

Uma cautela súbita impediu Lhiannon de dizer a Cartimandua qual o paradeiro do rei Cantiaci. Em vez disso começou a falar de Boudica e da viagem que tinham feito de Avalon.

— Sem dúvida que a verei no banquete — disse a rainha.

— Pobre criança. Com dois filhos mortos, Dubrac irá usá-la para comprar uma aliança, em algum lugar.

*

Estou a assistir à última cavalgada da Britânia livre, pensou Boudica enquanto o seu pai conduzia o seu pequeno grupo de

cavalos e se juntava aos outros reis. Agarrou-se aos lados da carroça enquanto esta ia aos solavancos pela estrada.

Os Romanos tinham montado o seu acampamento entre a velha muralha protetora e uma nova vala tripla e uma arriba que ia direitinha ao rio, não fazendo qualquer concessão à disposição do terreno. Pela primeira vez começou a compreender a enormidade de um império que podia dedicar permanentemente tantos homens a um objetivo. E aquele era apenas um dos exércitos Romanos.

Só se viam uns quantos mastros com estandartes por cima das muralhas, mas conseguia ouvir o barulho vindo do acampamento romano, semelhante ao zumbido de uma enorme colmeia. E depois entraram pelo portão central, ladeado por legionários cujas armaduras brilhavam ao Sol de Verão. Observavam os Bretões com os olhos semicerrados. Pelo salmonete pintado nos escudos amassados perceberam que pertenciam à legião comandada pelo general Vespasiano que, na batalha do Rio do Meio, fora responsável pela vitória.

Tem calma, pensou sombriamente. Viemos para usar o jugo de Roma.

Boudica desviou o olhar quando o pai e o irmão tiraram as espadas e as entregaram a um centurião cheio de medalhas. Depois, de dentes arreganhados, cada grupo de príncipes nativos foi escoltado para o interior. Aquele campo continha 30 000 homens. Só agora, vendo as fileiras precisas de tendas de couro, estendendo-se para ambos os lados, começava a perceber o que um número daqueles devia significar. Se alguma vez se conseguissem unir, os Bretões teriam mais guerreiros, mas não conseguia imaginar um exército celta a atingir alguma vez aquele tipo de disciplina.

Estavam a ser escoltados pela avenida principal em direção a um pavilhão tão grande como o salão de banquetes de Cunobelin, construído com um tecido resistente tingido de púrpura escura e debruado a ouro brilhante. O terreno fronteiro estava protegido por soldados altos com armaduras enfeitadas a ouro e cujas expressões revelavam mais orgulho do que ódio. Aqueles escudos azuis-escuros nunca tinham visto uma batalha. Os raios dourados, que partiam das asas prateadas por cima e por baixo do centro do escudo, e as estrelas e luas prateadas aos cantos não tinham qualquer esfoladela.

— A Guarda Pretoriana... — murmurou o seu irmão Dubnocoveros. — Assassinarão o antecessor de Cláudio, Calígula.

São os únicos a quem é permitido matar um imperador, ao que parece...

Um olhar de um dos oficiais silenciou-o, fosse porque o homem falava Celta fosse por não ser permitido falar. Supunha que a primeira hipótese era possível... o homem tinha ar de Gaulês.

Um a um os pequenos grupos de realeza foram sendo conduzidos ao interior para que se submetessem ao imperador. A Rainha Cartimandua, resplandecente num vestido verde bordado que fazia com que Boudica se sentisse mal vestida, marchou com o marido, de maxilares pesados e ar austero, a seu lado. Compreenderiam os Romanos que os governantes brigantes só podiam falar pelos clãs daquela vasta região nortenha que, devido às mudanças nas teias das alianças, estavam de momento a seu lado? Ou estaria Cartimandua a contar com a ajuda romana para desfazer o equilíbrio do poder?

Bodvoc dos Dobunni do Norte estava à parte dos restantes, com um ar todo convencido devido à consciência da vantagem que tinha por se ter submetido aos Romanos *antes* de estes os terem conquistado. Agora teria que se manter em paz com o seu primo sulista Corio. O outro colaborador precoce, o rei Veric, já fora apresentado. Ele e o seu herdeiro togado, Cogidumnus, tinham o

privilégio de se juntar aos senadores e assistir à humilhação dos outros reis. Não havia ali ninguém para apresentar a submissão dos Cantiaci, dos Trinovantes ou dos Catuvellauni. Estes eram povos conquistados e as suas terras seriam administradas diretamente pelo governador romano.

E depois chegou a vez dos Icenos. Antedios, com as têmeoras grisalhas e encurvado pelas ansiedades recentes, avançou seguido por Dubrac que era agora o seu parente masculino mais próximo e por Prasutagos, que a morte do irmão tornara senhor dos clãs nortenhos dos Icenos.

O meu potencial futuro marido... pensou ela olhando-o com um novo olhar. Ao menos já o conhecia e achava-o bondoso. Recordava-o como homem de poucas palavras. Naquele momento estava tão calado que parecia nem sequer estar presente. Quando iam a entrar na tenda imperial os seus olhos encontraram-se e Boudica percebeu que ele devia estar a lembrar-se das fanfarrônicas orgulhosas em Mona.

No entanto aqui estamos nós os dois e tu não irás dizer-lhes que eu fui educada pelos druidas e eu não lhes direi que eras aliado de Caratac. Talvez devessem casar-se para garantir o silêncio mútuo. Mas primeiro teriam que sobreviver à hora seguinte.

Uma luz fraca, púrpura como o crepúsculo invernal, filtrava-se através do tecido pesado. Quando os seus olhos se ajustaram começou a distinguir os perfis sombrios e batidos pelos elementos dos guardas, os rostos barbeados dos senadores, calculistas ou entediados e o imperador, Tibério Cláudio César Augusto Germânico em pessoa, envolto numa seda bordada tingida da mesma púrpura que a tenda, o que fazia com que o seu rosto parecesse pairar como se fosse uma aparição divina.

Um deus tenso e cansado, pensou ela, com um rosto enrugado e orelhas espetadas numa cabeça que parecia demasiado grande para o pescoço. As enfermidades físicas de que ouvira falar estavam ocultas pelas vestes amplas. Mas os seus olhos escuros pareciam surpreendentemente bondosos. Que confortante, pensou, saber que o que quer que fosse que ele decidisse fazer-lhes não teria por fundamento a malícia mas sim a necessidade política.

Ajoelhou juntamente com os restantes sentindo-se grata pelo tapete suntuoso que cobria o chão. Se tinham que se humilhar, ao menos que o fizessem luxuosamente.

Um dos servos do imperador começou a declamar um texto onde reconheceu os nomes Icenos e que ia sendo traduzido frase a frase pelo intérprete.

— Estais aqui para vos submeterdes ao Senado e ao Povo de Roma, para vos oferecerdes e às vossas famílias, aos homens das vossas tribos e aos vossos servos como súbditos voluntários e obedientes do império. Concordais com esta ligação?

Antedios, Dubrac e Prasutagos pousaram as palmas das mãos no chão. — Que a terra se abra e nos engula, que o mar nos leve, que o céu tombe sobre nós, se não mantivermos a fidelidade ao rei supremo das tribos romanas.

O tradutor falou novamente. — Este é Lúcio Júnio Polião... — Um dos Romanos, togado mas sem a faixa púrpura dos senadores, avançou. Seco e moreno, tinha um aspecto marcial apesar do manto pregueado. — Será ele quem receberá os vossos impostos às ordens do procurador, mas podereis manter as vossas leis e governar os vossos povos na medida em que essas leis e governo não violem as leis de Roma. Os nossos aliados serão os vossos aliados, e os vossos inimigos serão os nossos inimigos.

O imperador curvou-se para murmurar qualquer coisa a um dos conselheiros que, por sua vez, falou com o tradutor.

— O imperador pergunta se tendes herdeiros.

— O Rei Prasutagos só se tornou rei recentemente e não tem mulher nem filhos — foi a resposta. — O Rei Antedios é o seu suserano e o seu herdeiro é Dubrac que está ajoelhado ao seu lado.

Boudica viu o irmão a ficar hirto quando o imperador falou novamente.

— Os vossos povos não podem tornar-se bons súbditos do Império até compreenderem Roma. É por isso nossa política educar herdeiros reais na nossa corte, como fizemos com o Príncipe

Cogidumnus. Dubnocoverus filius Dubraci irá conosco e com outros jovens de boas famílias quando regressarmos.

O espasmo convulso de Dubi foi reprimido pela mão do pai. Aquilo não fora discutido, mas a tomada de reféns era uma política romana. Compreendia agora a razão pela qual fora ordenado aos reis que trouxessem a família. O homem do governador, Polião, estava a olhar para ela como se desejasse que fosse ela a refém. Esforçou-se por ficar invisível, grata por a decisão não estar nas suas mãos.

— Erguei-vos, aliados de Roma!

Primeiro Antedios e depois Prasutagos receberam uma corrente dourada com um medalhão com a esfinge do imperador. Um a um foi-lhes permitido que beijassem a mão imperial.

E depois foram conduzidos ao exterior para a luz de um dia que parecia ter sido destituído de todo o calor, como se os Romanos tivessem levado a luz do Sol juntamente com a sua liberdade.

*

— Até nos roubaram as estrelas... — disse Boudica. Lhiannon ergueu os olhos, sobressaltada pela amargura do tom da mulher mais nova. Não era preciso perguntar quem eram *e/es*. Por cima do acampamento romano o céu estava vermelho com a luz de um milhar de fogueiras. Sabia que eram as nuvens que refletiam a luz, mas havia algo de enervante naquele brilho sangrento. Tinham ido para os campos por trás do acampamento iceno para conversar, mas ali não havia paz.

— Por trás das nuvens as estrelas continuam a brilhar — disse ela numa voz reconfortante. — E vê-las-emos novamente um dia.

— Isso é alguma espécie de profecia druida? As tuas previsões revelaram-se bastante verdadeiras... deverias ter-lhes dado ouvidos. — A voz de Boudica tremia de dor.

— A situação parece desesperada, mas os Romanos controlam apenas um canto da Britânia. Se Caratac conseguir juntar as outras tribos...

— Lutará com mais esperança se não o deixares ouvir as previsões do oráculo — respondeu Boudica e depois: — Tu não viste o acampamento romano, fileira após fileira de homens vestidos de metal. Como pode alguém defrontá-los?

Lhiannon estremeceu, recordando-se de quão belos pareciam os guerreiros trinovantes quando corriam para lançar os corpos nus contra as fileiras Romanas.

— Regressa comigo a Mona. Ficarás a salvo na ilha dos druidas.
— O caminho levava-as em torno da sebe espinhosa. Quando passavam, uma lebre saltou das sombras e foi aos pulos pela erva.

— Acreditas mesmo nisso? Ambas ouvimos as palavras da Senhora Mearan no leito de morte. — Os Romanos sabem que, até eliminarem os druidas, o seu controlo sobre a Britânia nunca estará seguro. Encontrarão Mona. E apenas uma questão de tempo.

Lhiannon afastou-se um pouco, erguendo instintivamente escudos mentais contra o desespero da jovem. — Tenho de acreditar que existe esperança — disse numa voz baixa. — Mesmo que esteja errada. Não posso trair os homens que vi morrer no Tamesa e no Meio desistindo agora.

— Ah, lamento! Não era minha intenção magoar-te! — Boudica abraçou-a. — Quando aqui chegamos, desprezei o meu pai por se render tão facilmente. Mas agora acho que ele tem razão. Cooperar é a única forma de conseguir manter alguma independência!

— E então vais ficar e casar com Prasutagos?

— Com Dubi como refém a nossa família necessita de uma aliança com outra linhagem real icena. Em Mona, eu nunca seria mais do que uma sacerdotisa pouco importante. Talvez possa ajudar o nosso povo como rainha.

Caminharam em silêncio e descobriram que os seus passos as tinham levado até à abertura que conduzia a Camulodunon. As trevas amigáveis escondiam a parte pior da destruição mas, até mesmo à noite, o forte nunca estivera tão profundamente silencioso.

— E ele amar-te-á? — perguntou Lhiannon suavemente passados alguns minutos.

— E isso importa? — ripostou Boudica. — O Ardanos *ama-te*, o que não fez mais feliz nenhum dos dois, isso vejo eu!

Lhiannon deteve-se, a desolação apertando-lhe a garganta ao ter de admitir que aquilo que Boudica dizia era verdade. Cambaleou e sentou-se numa carroça partida.

—Ah, agora magoei-te outra vez! — Também havia lágrimas na voz de Boudica. — Mas tens de compreender... da última vez que aqui estive, esta era a casa de um grande rei. Não quero que o mesmo aconteça ao forte do meu pai!

Como Lhiannon não respondesse ela sentou-se a seu lado. — Confio que Prasutagos trabalhará pelo nosso povo. Estou a fazer uma aliança. Mas será mais fácil se souber que ainda me amas...

— Rezarei à Deusa para que encontres alegria no teu dever... — murmurou Lhiannon. *Embora ela me tenha dado pouca no meu...*

Sentia Boudica assentir enquanto choravam nos braços uma da outra.

NOVE

Vivendo na comunidade fechada de Oakhalls, Boudica esquecera a sensação de galopar pelos espaços abertos sob o céu infinito. Naquele momento precisava da fuga mais do que nunca. Até mesmo Helve, nos seus piores momentos, não tinha sido tão maçadora como a tagarelice interminável da mãe sobre a espantosa quantidade de coisas e de utensílios que toda a gente esperava que Boudica levasse para a sua nova casa. No dia seguinte partiriam para Dun⁵ Garo no Rio da Enguias. O Rei Antedios tinha reclamado a honra de ser o anfitrião do casamento entre o seu rei vassalo mais importante e a filha do seu herdeiro.

Permitirá Prasutagos que a sua mulher galope pelas colinas? As terras do clã dele ficavam a norte, perto do mar. Ir para lá seria como chegar novamente à ilha dos druidas, mas esta mudança seria para toda a vida.

Os seus lábios contorceram-se com ironia quando se apercebeu do que a estava a incomodar verdadeiramente. O povo dela criava cavalos e ela sabia, aproximadamente, o que era preciso para a reprodução humana. Umas quantas explorações com Rianor tinham-lhe até mostrado a razão porque tal poderia ser agradável. Apercebeu-se de que não receava propriamente o ato em si mas sim a ideia de se submeter a um estranho.

O cavalo que fora seu no forte atirou a cabeça para trás e deteve-se quando uma lebre cinzenta, sobressaltada pela sua forma projetada nos arbustos, atravessou o campo aos saltos. Boudica susteve a respiração e fez um sinal de reverência quando o bicho desapareceu.

Havia gerações que o Clã da Lebre apascentava ovelhas e cavalos naquelas terras onduladas onde a terra arenosa retinha apenas a água suficiente para alimentar as ervas que cresciam entre os arbustos de mimosas e as plantas espinhosas, se bem que o pai tivesse recentemente decidido tirar proveito da localização das suas terras e, no local onde um caminho antigo atravessava dois rios, tivesse instalado um centro de tecelagem onde os fios fiados pelas mulheres eram transformados em tecidos.

À medida que a estação das colheitas se aproximava do fim, as terras brilhavam com o roxo da urze e o amarelo escuro das flores do tojo. As árvores nas margens dos rios que corriam para oeste, para os pântanos, iam do verde a todos os tons das cores outonais. Era ali que ficava o bosque sagrado que albergava o santuário de Andraste, que era adorada naquelas terras desde os tempos anteriores à chegada dos príncipes belgas vindos do outro lado do mar.

Boudica pressionou a montada com os joelhos para a forçar a pôr-se novamente em movimento e desceram a trote pelo caminho que serpenteava por entre os antigos túmulos. Desceu da montada e prendeu as rédeas a um abrunheiro onde o cavalo poderia pastar a erva ressequida.

A Viragem do Outono acabara de passar. Sobre um dos túmulos estava um ramo de urze e flores do campo já secas. Devia ter sido a velha Nessa que ali pusera as flores ... era ela quem conhecia as histórias antigas. Boudica começou a percorrer o caminho entre os velhos túmulos seguindo o padrão que a velha mulher lhe ensinara, acabando no túmulo que ficava ao centro: o único a que era permitido trepar.

A quatro milhas para noroeste avistava as cabanas do forte do pai, sobranceiras ao vau onde o rio era atravessado pelo caminho antigo. A horta da mãe ficava nas traseiras da casa do chefe da tribo, os estábulos para as ovelhas e os cavalos e o telheiro da tecelagem, mais ao fundo. Dali parecia tudo enganadoramente pacífico.

No dia seguinte partiriam para o forte de Antedios onde se realizaria o seu casamento; quando voltaria a ver novamente a sua casa? Tinha concordado em casar-se, mas naquele momento sentia-se como a lebre sacrificial que se debatera nas mãos de Helve.

Tirou um pedaço de bolo de aveia de dentro do saco e pousou-o numa fenda entre duas pedras no topo do túmulo.

— Velha, a tua terra e água criaram o meu sangue e os meus ossos. Aceita esta oferenda. Guarda este local como fizeste durante tantos anos e, embora tenha que te deixar, lembra-te de mim...

Gradualmente, o seu pânico diminuiu. Coventa, pensou ironicamente, teria ouvido a resposta. Para Boudica havia apenas uma sensação de paz, até que a luz começou a diminuir e soube que era tempo de regressar a casa.

*

A égua abanou a cabeça, soltando um relincho agudo que revelava o desdém que sentia pelo rapaz agarrado à guia. O seu pelo castanho brilhou quando o Sol rompeu por entre as nuvens, um pouco mais escuro do que o cabelo de Boudica. O rapaz fincava os

calcanhares para a controlar, mas naquela manhã chovera e o moço escorregava na lama.

— Não me parece que aquela potra queira ser selada — disse um dos guerreiros do Rei Antedios.

— E preciso um homem capaz para a montar — respondeu-lhe o companheiro.

— Dizem que o Prasutagos tem boa mão para os cavalos...

Boudica corou quando os homens olharam para ela de relance e começaram a rir. Mas o cavalo era mesmo lindo e era dela, um presente de casamento do seu futuro marido.

A mãe puxou-a pelo cotovelo e ela deixou-se conduzir até uma cabana. Vestida com o vestido vermelho, a capa de xadrez e as joias que usara em Camulodunon, movia-se com cautelas receando desfazer as tranças do penteado requintado que as criadas da mãe lhe tinham feito. Uma grinalda de tojo dourado e espigas de trigo encimavam o penteado prendendo um véu vaporoso de linho carmim.

Estava com uma disposição esquisita desde o acordar, num estado suspenso, deixando que as mulheres a vestissem e a adornassem como se fosse uma imagem de um deus. O que, pensou sentindo-se distante, era quase verdade. Hoje era a Noiva, não era Boudica. Aquela cerimônia celebraria a união de dois descendentes reais que fortalecia a tribo, a união de macho e fêmea que renovava o mundo. O simbolismo estava presente em qualquer casamento, mas os reis e as rainhas eram os depositários da sorte da tribo. Tinha sido apanhada no fluxo de emoções que corriam das pessoas para o rei quando o pai celebrara os rituais da sementeira e da colheita. Os druidas tinham-lhe dado a educação suficiente para entender o que se estava a passar. Mas agora era ela quem tinha que transportar esse poder. Era diferente quando se fazia parte do ritual.

O ruído das vozes das mulheres mais adiante disse-lhe que estava a formar-se a procissão das mulheres. Boudica ficou surpreendida ao ver a rainha brigante, Cartimandua, entre elas. Desejou que Lhiannon e Coventa pudessem ali estar.

A sua mãe conseguiu estabelecer alguma ordem entre as mulheres e um bardo começou a tirar acordes rítmicos de uma pequena harpa. Anaveistl pôs um feixe de cereais nos braços de Boudica e empurrou-a para o seu lugar, atrás das raparigas tagarelas com os seus cestos de ervas e flores outonais. As restantes ocuparam os seus lugares atrás dela e começaram a andar através dos campos.

Em algum lugar soavam as batidas de um tambor, vibrações graves que sentia tanto quanto as ouvia. Ou talvez fossem as batidas do seu próprio coração. A harpa e o tambor silenciaram-se quando a procissão dos homens se aproximou, vinda dos bosques a nordeste, conduzida pelos rapazes que empunhavam ramos verdes e por um jovem transportando uma tocha acesa. Rodearam um círculo de terra muito antigo, com mais ou menos a altura de um homem e criado por valas baixas, para se encontrarem com as acompanhantes da noiva junto à entrada.

Quando a mãe de Boudica a levou para diante, os rapazes começaram a cantar:

És a lua entre as estrelas,

És a espuma sobre as ondas,

És o lírio entre as flores,

És a faúlha que acende a chama,

És a amada.

Prasutagos, envergando uma esplêndida capa num xadrez de sete cores e orlada com franjas, sobre uma túnica azul e calças às riscas azuis e vermelhas, emergiu do grupo dos homens e pôs-se a

seu lado, enquanto as donzelas que acompanhavam Boudica respondiam:

És o sol sobre as nuvens,

És a vaga que golpeia a praia,

És o carvalho no meio do bosque,

És a tocha que ilumina o salão.

És o amado.

No interior do anel o Rei Antedios e a sua rainha, o druida e o pai de Boudica, aguardavam. Quando passou pela entrada teve a estranha sensação de que a terra se movera. Prasutagos amparou-a quando tropeçou e ela respirou fundo, olhando em torno de si. Ali não havia pedras antigas que testemunhassem o passado, mas a terra era ainda mais antiga. Durante quantas vidas de homem tinha aquela construção de terra definido o solo sagrado?

Quando vivia entre os druidas pensara ser completamente destituída de vidência, mas ao caminhar em torno do fogo que ardia no centro do círculo, percebeu que o tempo passado na ilha a transformara. Quando visitara aquele local, em criança, não sentira nada de especial, mas agora, quando olhava através da abertura que enquadrava os telhados do forte e uma colina baixa do outro lado do rio, sentiu a corrente de energia que os ligava. Para lá das paredes de terra parecia tudo esborratado, como se estivesse a ver as coisas através do ar quente por cima de uma fogueira. Pensou se teria sido assim que Lhiannon se sentira quando estivera no mundo das Fadas. Por um instante pareceu-lhe que todos os tempos eram simultâneos, como se através de uma alteração do seu olhar pudesse *ver*.

Sentiria Prasutagos o mesmo, pensou quando se detiveram em frente do fogo. As suas feições habitualmente agradáveis pareceram-lhe austeras, o olhar um tanto introspectivo. Ou talvez estivesse a recordar a sua primeira mulher e a lamentar a necessidade que o fazia casar com Boudica.

O druida, com vestes ainda mais coloridas que as de Prasutagos, virou-se para os restantes. A sua barba branca caía até ao peito como lã cardada, agitando-se ao de leve com o vento.

— De que famílias vêm este homem e esta mulher?

— Eu respondo por Prasutagos pois o seu pai já não é vivo — disse Antedios. — Ele é o chefe do seu próprio clã. Que se case com esta mulher com as bênçãos dos seus parentes.

— Eu respondo por Boudica — disse então o pai dela. — Liberto a minha filha dos laços do clã e dos direitos do clã para que possa tornar-se parte da família do marido. Que se case com este homem com as bênçãos dos seus parentes.

O druida andou à volta do fogo com uma corda na mão. Era um homem pequeno, um pouco curvado pela idade, mas havia um brilho nos seus olhos que a faziam recordar Lugovalus.

— Prasutagos e Boudica, viestes aqui com as bênçãos das vossas famílias para serdes unidos perante o povo, os antepassados e os deuses. Sereis unidos na carne e no espírito. Consentis ambos nesta união?

O que aconteceria se eu dissesse "não"?, pensou ela desvairadamente. Ouviu o assentimento murmurado do homem juntar-se ao seu próprio assentimento quando o druida passou a corda sobre os pulsos de ambos. Mas ela tinha-se comprometido quando dissera a Lhiannon que não regressaria à Ilha dos druidas.

— Através de que votos vos unis?

Prasutagos olhou-a a direito pela primeira vez desde que tinham entrado no círculo. Os seus olhos eram cinzentos, mas em torno das íris viu pintas douradas. *Com o tempo, pensou, ficarei a saber tudo*

sobre este homem, e depois, com um tremor, e ele saberá tudo de mim...

— Eu Prasutagos, prometo-te, Boudica, que viverei como teu marido...

Ela respirou fundo e respondeu:

— Eu, Boudica, prometo-te, Prasutagos, que viverei como tua mulher.

Juntos continuaram com os votos.

— O teu fogo será o meu fogo, a tua cama será a minha cama. Pela tua lealdade dar-te-ei amor e pelo teu amor dar-te-ei a minha

lealdade. Sobre o círculo da vida o juro, pela terra e pelo fogo, pelo vento e pela água e perante os deuses sagrados.

— Sou o teu bastão e a tua espada... — disse Prasutagos.

E Boudica replicou: — Eu sou o teu escudo e o teu caldeirão.

A rainha estendeu-lhes um pão feito com grãos cultivados na Casa da Lebre misturados com outros colhidos nas terras de Prasutagos.

— Da terra que vos criou foi feito este pão — proclamou o druida, — com muitas sementes desfeitas e juntas num só pão. Que a vossa união seja frutuosa; e que essa fertilidade se estenda aos campos e à floresta, às terra aradas e aos pastos e a todas as terras sobre as quais reinardes. — Apesar da idade a sua voz era sonora e forte.

Boudica partiu um pedaço do pão, deixou cair umas migalhas no chão e nas chamas e deu o resto a Prasutagos.

— Ao partir este pão ofereço a minha vida para te alimentar — disse.

— Ao recebê-lo, o meu corpo tornar-se-á uno com o teu — respondeu ele.

O pão foi entregue a Prasutagos que fez o mesmo. Quando Boudica engoliu o pão feito com os grãos pouco moídos, sentiu-se subitamente consciente da presença física dele.

O druida pegou no resto do pão e o desfez sobre as cabeças de ambos. Pareceu-lhe que sentia cada grão.

O rei avançou com uma taça esculpida em madeira negra e encheu-a com água.

— Esta água é o sangue da terra, colhida em duas fontes sagradas — disse então o druida. — Tal como estas águas se tornaram uma só, que os vossos espíritos possam unir-se, e que as fontes que regam as vossas terras corram sempre puras e limpas.

O rei ofereceu a taça a Prasutagos que verteu um pouco de água por terra e lançou uma gota ao fogo. Tal como os grãos, era uma fusão das terras de ambos.

— Tal como esta água é vertida, verto o meu espírito no teu.

— Ao beber desta água, o meu espírito mistura-se no teu — respondeu ela.

Prasutagos chegou a taça aos lábios de Boudica e esta bebeu. Depois o druida estendeu-lhe a taça. Ao repetir as palavras sentiu que os olhos se lhe enchiam de lágrimas e tentou reprimir a emoção que sentia pestanejando para as secar.

Quando terminou o druida pousou a taça e virou-os, pondo-os frente a frente. — O ar livre dos céus é a respiração dos antepassados. Respirai fundo, deixai que o espírito vos preencha e devolvei-o novamente.

Era verdade, pensou ela enquanto enchia os pulmões de ar. Se a terra era feita do pó de todos quantos já tinham vivido, o ar continha a sua respiração, geração após geração, mudando, transformando-se, inspirando e expirando cada nascimento e cada morte.

Entre as mulheres Boudica era alta, mas Prasutagos era um palmo mais alto. Com a mão livre ele ergueu-lhe o queixo. Ela controlou um estremecimento involuntário e o bigode dele fez-lhe

cócegas quando pousou os lábios sobre os dela. Estes eram secos e frios, firmemente exigentes. *Muito em breve ele terá direito a muito mais do que um beijo*, disse a si própria forçando-se a abrir os lábios por baixo dos dele.

— Pela terra e água e o ar fostes unidos. Deixai que o fogo do coração e que as chamas testemunhem os vossos votos. — O velho druida recuou.

Ainda unidos, Prasutagos e Boudica andaram em torno da fogueira uma, duas e três vezes e ficaram novamente na frente do druida. Estaria mais quente ou seria o calor do corpo de Prasutagos que estava a incendiar o seu?

— Agora já está feito. Agora estais unidos perante a terra e os céus. Rei e Rainha, Sacerdote e Sacerdotisa, Senhor e Senhora sereis um para o outro e para a vossa terra. — Virou-os e juntos saíram pela abertura do anel de terra com os restantes atrás. Quando emergiram os rapazes e os homens começaram a cantar:

És a brisa que refresca a testa,

És um poço de água doce,

És a terra que embala a semente,

És o forno que coze o pão,

És a amada.

E, mais uma vez, as mulheres responderam:

És o vento que abana o carvalho,

És a chuva que enche o mar,

És a semente no interior da terra,

És o fogo sob a forja

És o amado.

*

— Pensaste que isto era tudo em *tua* honra? — Cartimandua virou-se para Boudica apontando para a fogueira em torno da qual uma roda de rapazes, com a coordenação apenas ligeiramente afetada pelas quantidades de cerveja de urze que tinham bebido, girava. Sendo uma rainha reinante fora-lhe dado o lugar de honra ao lado da noiva.

Em cima do pano comprido, estendido na frente dos convidados reais, havia comida em abundância: veado assado e javali, carne de vaca das suas pastagens e salmão e enguias do rio, pão e feijões e cevada, frutos secos e frescos queijos cheirosos. Se o objetivo do banquete do casamento era fazer com que o acontecimento ficasse impresso na memória das pessoas, aquele seria bem recordado.

— O Romanos chegaram... — continuou a rainha. — E, apesar de todas aquelas belas palavras em Camulodunon, ninguém sabe

realmente o que acontecerá agora à Britânia. — Por instantes os seus olhos escuros pousaram no jovem Epilios que arrastara o irmãozinho de Boudica, Braci, para a dança.

Até ao momento toda a gente conspirara para manter os Romanos na ignorância do fato de que um outro filho de Cunobelin sobrevivera. Mas agora, que eram clientes de Roma, ele era muito bem capaz de não estar a salvo nas terras dos Icenos e seria um refém muitíssimo valioso para garantir o bom comportamento de Caratac. Ao pensar nisso Boudica lembrou-se do seu irmão mais velho, que ia agora a caminho de Roma. O pai já começara a educar o pequeno Braci para ser o seu herdeiro. Dubrocovernos poderia nunca regressar e, se regressasse, poderia vir mais romano do que celta, como aquele rapaz arrogante, o Cogidumnus que Boudica conhecera em Camulodunon.

Cartimandua encolheu os ombros.

— Um casamento é uma promessa de que a vida continuará e embebedarmo-nos é uma forma segura de libertar a frustração de não ser capaz de dar conta do inimigo.

Boudica pousou o pedaço de javali assado que fingia estar a comer e deu mais um golo do copo de prata. Uma confusão de conversas erguia-se à sua volta e, de vez em quando, ouvia um nome: Morigenos... Tingetorix... Brocagnos, que achava que devia conhecer. Aqueles eram os principais homens do reino Iceno com quem ela teria que lidar como rainha. Tinha sido servido hidromel, ardente como a tocha nupcial e doce como o amor deveria ser.

E então a minha frustração?, pensou ela.

Prasutagos estava a conversar com um rei sobre a reprodução do gado. Na realidade, desde que tinham trocado os votos nupciais no anel de terra, mal tinham trocado uma palavra. E, no entanto, apesar de a corda já não os ligar, ela sentia uma consciência aguda da presença do seu corpo e do seu calor a seu lado.

Eu estou ligada a ele, pensou ressentida. *Mas ele, estará ligado a mim?* Estendeu a taça para que lha enchessem e bebeu novamente. A meio do céu a Lua brilhava, enviando raios prateados que desafiavam o brilho do fogo.

— E como é que celebram os casamentos na tua terra? — perguntou à rainha.

O olhar de Cartimandua passou pelas filas de celebrantes até chegar ao marido e ela riu-se. — Não de uma forma tão suave como vocês aqui! Há os votos e as bênçãos, claro, mas primeiro o homem tem que conseguir arrancar a mulher de entre os seus parentes. O homem vem até à casa da noiva e esta finge que se esconde, ou então ataca a procissão nupcial e ela enfia os calcanhares na barriga do cavalo e ele tem que a apanhar.

— Mesmo no casamento de um rei com uma rainha?

— Especialmente nesse caso... — disse Cartimandua nostalgicamente. — Na minha terra temos muito orgulho nos nossos cavalos. O garanhão não é autorizado a reproduzir-se a não ser que apanhe uma égua.

— Os Icenos também criam belos cavalos! — exclamou Boudica.

— É verdade. — Cartimandua lançou-lhe um olhar especulativo. Apostaria em como aquela égua vermelha que o teu marido te ofereceu é muito rápida...

Os criados tinham parado de trazer novos pratos, mas continuavam a servir hidromel. Os músicos calaram-se e o murmúrio das conversas diminuiu quando o Rei Antedios se levantou.

— Bebamos a esta feliz ocasião... um brinde aos noivos! — Ergueu o cálice. — Os dois ramos dos Icenos estão novamente unidos! Para selar o negócio, Dubrac oferece ao seu novo filho quarenta ovelhas brancas e seis éguas para criação...

...E a mais bela de todas é aquela potra que está sentada ao lado de Prasutagos! — O comentário foi feito em voz suficientemente alta para ser ouvido. Ouviu-se um rugido das gargalhadas masculinas em toda a volta e Boudica sentiu-se corar. Sentira-se ofendida por ter sido ignorada, mas aquele não era o tipo de atenção por que ansiava. Estendeu a taça para que lha enchessem.

Onde estavam agora os nobres votos que tinham trocado no círculo? Por mais que o fato fosse disfarçado pelos rituais, a verdade era que tinha sido dada em casamento a um homem com quase o dobro da sua idade para cimentar uma aliança e, o que não era menos importante, Prasutagos fora pago com gado vivo para ficar com ela. Em troca Dubrac receberia cabeças de gado e várias quintas a norte da costa ficariam na posse de Boudica.

Pestanejou, ensonada, quando os criados trouxeram os presentes dos convidados do casamento para serem apreciados: rolos de lã e de linhos e um belo tear de madeira trabalhada para que ela pudesse ocupar-se a tecer mais peças, um conjunto de pratos rosados de Samos feitos na Gália, várias ânforas de vinho romano.

Muito bonitos, pensou Boudica, mas valerão a nossa liberdade?
Ao menos a égua vermelha, adornada com os seus ricos arreios e que caminhava nervosamente por entre os convidados, tinha sido criada em casa. Boudica bebeu o resto do hidromel.

As mulheres da rainha estavam a formar em frente da casa que fora preparada para a cama da noiva. — Não é de dia ainda não é dia — cantavam. — Não é dia, ainda não é de manhã: não é de dia ainda não é dia, pois a Lua brilha no céu...

E brilhava mesmo, pensou Boudica semicerrando os olhos enquanto tentava focar a visão. Parecia que estavam duas luas a dançar lá em cima, ou talvez fossem três. Haveria muita luz para os bêbados idiotas que bateriam em tachos junto à porta e que gritariam sugestões brejeiras quanto à forma como Prasutagos deveria cobrir a sua nova égua.

— Está na hora de te preparares para a tua noite de núpcias, minha filha — disse Cartimandua estendendo-lhe uma mão para a amparar quando Boudica tentou levantar-se. — E é uma pena desperdiçar uma noite destas debaixo de um telhado. Com a Lua tão cheia a noite está tão brilhante como o dia.

Boudica pôs-se de pé e cambaleou quando o mundo girou à sua volta.

— Oh meu deus — disse a rainha. — Bem, só o marido é que não se arrisca a ficar incapacitado. Se és virgem até és capaz de preferir estar embriagada na primeira vez... — A mãe de Boudica encaminhou-se na direção delas e Cartimandua afastou-a com um gesto.

— Preciso... da casinha... — disse Boudica com toda a dignidade que conseguiu arranjar.

— Tenho a certeza que sim, minha filha — Cartimandua agarrou-a pelo cotovelo e levou-a para longe da fogueira.

Para servir todos aqueles convidados tinham sido abertas novas covas ao longo do sítio onde estavam presos os cavalos. A égua vermelha, ainda coberta pela manta bordada, estava presa pelas rédeas a um poste. Atirou a cabeça para trás e relinchou quando Boudica e a acompanhante passaram por ela.

A caminhada ao ar frio tinham desanuviado a cabeça de Boudica o suficiente para poder ir sozinha para trás do biombo de juncos e, depois de se ter aliviado de tanto hidromel quanto foi capaz, já só havia uma lua no céu. Uma pena, pensou sombriamente. Cartimandua tinha razão. Estava prestes a ser desflorada, praticamente em público, por um homem para quem não passava de mais uma égua de cobrição. Teria sido muito mais fácil através de um nevoeiro de hidromel.

Levantou-se finalmente, ajeitando as saias e apertando melhor a capa de lã. Agora que o álcool estava a sair-lhe do sistema, o ar estava a ficar frio. Cartimandua estava à espera. Começaram a subir o caminho em silêncio.

— Espera um pouco... — disse quando passaram pelo local onde a égua estava presa. — O cavalo é meu e ainda nem lhe dei um nome. —Avançou em silêncio.

A égua virou a cabeça e resfolegou quando Boudica esticou o braço para a acariciar por trás das orelhas, no sítio que a cabeçada a apertava. Baixou as mãos para agarrar a cabeça do animal e soprou-lhe nas narinas.

— Olá, minha linda menina. Achas que te chame Roud, minha linda vermelha? E deixaram-te presa? — Passou a mão pelo pescoço brilhante e a égua esfregou a cabeça para cima e para baixo no ombro dela. — É uma pena, numa noite destas em que devias andar a correr livre pelas colinas...

Num local perto da fogueira os homens gritavam: — Tragam a noiva! Tragam a égua... o garanhão está pronto! Onde é que ela está? Rapazes, vão buscá-la! Mostrem-nos a noiva!

— Sabes... — disse Boudica a Cartimandua por cima do ombro. — Não me apetece ser o divertimento desta gente toda esta noite. A tua gente não é a única que acredita que uma rainha deve ser respeitada. — Suspirou, recordando os conselhos de Lhiannon em

Avalon. Passou a mão pela sela e viu que a correia ainda estava apertada.

— Mas achei aquilo que me contaste dos costumes dos Brigantes muito interessante. O Rei Prasutagos terá que merecer a sua noiva, não achas? — Passou a mão por baixo do pescoço da égua e deu um puxão ao nó. Tal como esperara, este soltou-se facilmente. O cavalo deu um passo em frente quando a corda se soltou ficando entre Boudica e a rainha.

— Oh, realmente... — ofegou Cartimandua, a voz abalada pela consternação e, possivelmente, pelo riso.

— O Prasutagos não me cortejou — continuou Boudica no mesmo tom sereno, dando a volta ao animal — nem me comprou. — Pôs as mãos no dorso da égua. — Apanhar-me é o mínimo que pode fazer... — De um salto pôs a barriga em cima do dorso macio, esforçando-se por passar a perna com as rédeas ainda na mão.

E depois ficou sentada, apertando a barriga da égua com as pernas compridas e fazendo com que esta saltasse para a frente. Boudica debruçou-se sobre o pescoço brilhante, sem querer saber para onde iam desde que fosse para longe dali. Quando descia pelo caminho à desfilada ouvia os gritos soarem atrás de si e, por cima dos gritos, as gargalhadas sonoras de Cartimandua.

DEZ

A desfilada inicial da égua levava-as para fora do forte e a atravessar o vau do Tas. Quando trepou a outra margem Boudica virou-se e viu que o forte estava iluminado pelas tochas que se moviam de um lado para o outro. Prasutagos teria que ir atrás dela ou ficar envergonhado para sempre, mas os outros cavalos estavam todos soltos nas pastagens e, por aquela altura, a maior parte dos homens estava demasiado embriagada para os conseguir apanhar. Do vau partiam vários caminhos, brancos ao luar. Rindo, soltou a cabeça da égua perguntando-se qual dos caminhos o animal escolheria.

Escolheu o caminho do norte. A medida que iam galgando milhas tornava-se claro que a égua se dirigia para os campos que conhecia. Quando Prasutagos as encontrasse já elas estariam a meio caminho de casa. De tempos a tempos refreava a montada, pondo-a a passo, à escuta. Mas com exceção do ladrar ocasional dos cães

quando passavam junto a uma quinta, a terra permanecia silenciosa sob a lua.

Os druidas tinham feitiços para confundir um perseguidor e para ocultar um trilho, mas ela não os aprendera. E, em qualquer caso, ela queria que Prasutagos a encontrasse... mas ainda... não.

Tinha que atravessar mais dois rios, o último dos quais suficientemente profundo para a égua ter de o atravessar a nado. Quando chegaram a terra firme Boudica tremia com o fio da madrugada. Ainda assim estava mais quente em cima do cavalo do que estaria a pé e os conhecimentos que recebera dos druidas tinham-na ensinado a ignorar o desconforto físico. Por essa altura já a égua estava disposta a ir a passo e assim continuaram até o sol outonal ter secado a roupa de Boudica.

Quando refreou a montada para a fazer sair da estrada e entrar num bosque onde havia uma fonte e a erva crescia espessa por entre as árvores, já tinham percorrido quase vinte milhas. Esfregou o cavalo e usou o cinto para improvisar umas peias para que o animal pudesse pastar, depois pôs a manta do bicho no chão, enrolou-se na capa e deitou-se a descansar, pensando quanto tempo levaria Prasutagos a chegar.

Quando acordou já passava do meio-dia e lamentou ter comido tão pouco no banquete do casamento. A égua, por seu turno, banqueteara-se com a erva suculenta e estava pronta para partir de novo.

A terra naquela região era suavemente ondulada, num misto de florestas e de campos abertos salpicados por quintas rodeadas por campos retangulares e compridos. Por essa altura Boudica já não se importava de deixar pistas para os seus perseguidores e aventurou-se a parar numa das quintas e a trocar uma das fitas do cabelo por uma refeição e uma cama junto ao fogo. Temera ter de arranjar respostas para as perguntas que lhe fizessem, mas as pessoas falavam vagarosamente e eram pacientes, cuidavam da sua própria vida e pareciam estar dispostos a deixar que ela cuidasse da sua. Foi só mais tarde que se lembrou de ter visto os sinais de proteção que tinham feito, e em que estivera demasiado cansada para reparar, e percebeu que eles deviam ter pensado que ela era uma criatura perdida do Mundo das Fadas.

Boudica ficou surpreendida ao acordar na manhã seguinte sem ver qualquer sinal do rei. Por aquele andar, pensou exasperada, chegaria ao forte antes de ele a apanhar e estaria à espera para lhe dar as boas vindas... se a deixassem entrar. Ser apanhada no meio

do mato poderia ser romântico, esperá-lo junto à sua porta, como uma pedinte, seria embaraçoso.

Partiu com maçãs e pães de aveia na dobra do vestido que lhe dariam para um dia ou mais, deixando que a égua vermelha caminhasse ao seu ritmo ao longo da estrada. Aquela região era mais plana do que a que rodeava o forte de Antedio e, a julgar pelo feno que havia nos campos, mais bem drenada e mais fértil. As ansiedades e ressentimentos que tinham atormentado Boudica no casamento pareciam agora muito distantes. Aquela era uma nova terra e, tal como fizera em Mona, teria que aprender os seus costumes.

A não ser, evidentemente, que Prasutagos repudiasse o casamento e a devolvesse, em desonra, à casa do pai. Aquela ideia foi suficiente para mergulhar Boudica numa contemplação sombria durante o resto da tarde. Nessa noite não teve coragem para procurar abrigo noutra quinta e deitou-se novamente nos bosques, olhando por entre os ramos para as estrelas que, no céu, pareciam indicar-lhe o caminho.

Foi acordada pelo aroma de salsichas a assar. Por instantes pensou que fosse um sonho, mas depois ouviu o crepitar do fogo. Franziu o sobrolho e virou-se esfregando os olhos. A luz da manhã

transformava o fumo numa bruma dourada através da qual só conseguia distinguir os contornos do homem ajoelhado junto às chamas. Mas reconheceu a altura e a largura dos ombros. Um assomo de emoção, composta por partes iguais de alívio, exaspero e desilusão, despertou-a completamente.

— Dois dias... — disse ela sentando-se. Os irmãos sempre lhe tinham dito que o ataque era a melhor defesa. — Levastes muito tempo, meu senhor.

— Não havia pressa. A terra está em paz e eu sabia para onde a égua iria. — Prasutagos virou as salsichas e olhou para ela. Tinha o cabelo e o bigode muito bem penteados e até mesmo os cabelos grisalhos estavam dourados à luz do sol. Trazia vestidas umas calças resistentes e uma túnica de um verde baço, roupa adequada para a viagem. E estava limpo.

— Espero bem que sim. — Tirou uma erva do cabelo.

— Não fostes difícil de seguir. Os campos estão cheios de rumores de uma mulher ruiva num cavalo vermelho, se bem que os relatos divirjam; nuns é uma das deusas, noutros é uma refugiada das guerras com os Romanos; nuns é um bom presságio, noutros é um mau presságio.

Boudica sentiu-se corar por baixo da sujidade e do pó. Pigarreou.

— E qual é a vossa opinião?

— Eu acho que é uma divindade outonal — respondeu ele secamente. — Prometi encontrá-la e garanti-lhes que a magia do rei era suficiente para contrariar qualquer encantamento. — Tirou as salsichas do fogo e espetou no chão mole os ramos em que tinham estado a assar.

— Perdoai-me — disse ela com a dignidade possível. — Vou lavar-me no riacho.

— Excelente ideia. No pacote junto ao salgueiro tendes roupas limpas — disse ele gravemente e depois: — Não fujais outra vez de mim. Acho que a minha reputação não iria agüentar perder a noiva pela segunda vez...

*

Boudica seguiu o seu novo marido durante a tarde dourada de Outono. No pacote que ele lhe trouxera encontrara uma túnica com mangas de uma lã leve da cor dos campos ceifados. Suspeitava que passaria muito tempo antes de se atrever a vestir novamente roupas carmins nas terras de Prasutagos. Também lhe trouxera as calças

que costumava vestir para montar e que as suas pernas esfoladas muito agradeceram depois de dois dias passados sem mais proteção do que as dobras de uma túnica de linho.

O grande cavalo baio do rei tinha uma passada mais larga que a da égua e deu por si a ficar sempre um pouco para trás. Pensou em como ele teria conseguido escapar aos membros da sua casa.

Mas também, sendo o filho mais novo, nunca esperara herdar um exército e talvez estivesse acostumado a cavalgar sozinho pelos campos. Certo era que os habitantes da quinta onde pararam para descansar e beber leite acabado de mugir não pareciam surpreendidos por ver o seu rei a passear pelos caminhos com a sua noiva.

Prasutagos estava habituado a estar sozinho, pensou à medida que iam galgando milhas. Apesar do embaraço daquela manhã, tivera a esperança de que o constrangimento entre ambos desaparecesse. Mas suspeitava agora que no banquete ele se mantivera silencioso por ser esse o seu hábito e não com qualquer outra intenção.

Se Coventa ali estivesse teria preenchido o silêncio com tagarelice. Boudica nunca sentira necessidade de o fazer e agora não se atreveria.

— Onde é que vamos passar a noite? — perguntou ela depois de uma hora em que não fora proferida uma única palavra. — Ou tencionais cavalgar sem parar até ao vosso forte?

— Os cavalos precisam de descansar — diminuiu um pouco o passo para lhe responder. — Um pouco mais acima nesta estrada há uma fonte sagrada onde as pessoas vão rezar à Deusa por uma cura ou pela satisfação de desejos. Dou alguma ajuda às pessoas da quinta para que possam alimentar os viajantes. Ficaremos lá.

Chegaram à fonte da Senhora quando as primeiras estrelas apareciam no céu. Ouviam as águas que brotavam da fonte a correr por um desfiladeiro pouco profundo por entre as colinas arborizadas. Mas o caminho estava bem marcado, a área por baixo da fonte fora limpa e a erva continuava verde. Os abrigos com telhados de colmo, usados pelos primeiros peregrinos erguiam-se entre as árvores. Não havia mais ninguém ali numa época tão tardia do ano, mas era evidente que aquele era um santuário muito popular.

Prasutagos deixou Boudica a fazer a cama e foi à quinta buscar comida. Ela pensou se aquela divisão do trabalho fora fruto do tato, permitindo-lhe escolher consumir ou não o casamento naquela altura. Se ele a tivesse pressionado, pensou com ironia, era capaz de ter resistido, mas tinha que admitir que a distância dele era um desafio e que a ligação que lhes fora imposta no círculo sagrado tinha que ser completada. Estendeu os dois cobertores no chão, um por cima do outro.

Como o marido ainda não tinha regressado quando terminou, agarrou nos cantis e numa das fitas do cabelo que lhe restavam e entrou no caminho que conduzia à fonte sagrada. Tinha sido escavado um lago para reter a água que escorria pela encosta de uma pequena colina. A luz que esmorecia era apenas suficiente para vislumbrar os pedaços de tecido atados aos ramos da aveleira que a protegia. Na base da árvore fora cravado no chão um pedaço de madeira, com dois olhos muito abertos gravados e, por baixo, o buraco representando a vulva de uma mulher. Sorrindo, atou a fita junto aos outros pedaços de tecido e ajoelhou-se à beira.

— Senhora — murmurou —, por seja qual for o nome que preferis nesta terra eu vos honro. Ajudai-me a ser uma boa mulher para Prasutagos e a dar-lhe filhos... — e depois, mais baixinho: — Ajudai-me a conquistar o seu amor... — Apanhou água com as mãos em concha e bebeu, depois enfiou os cantis na água para os encher.

Sentou-se sobre os calcanhares, afastando um a um os pensamentos da sua mente, como lhe tinham ensinado na ilha dos druidas, até se concentrar apenas na doce música da fonte. Mas daquela simples melodia vinha uma consciência que permaneceu na sua memória como se fosse constituída por palavras.

Podes chamar-me Santa Mãe, pois há sempre leite nos meus seios, este corre sempre, sempre correu para os meus filhos em amor eterno. Vai em paz. Nas tuas alegrias e tristezas estarei aqui...

Boudica tirou mais um pouco de água e deitou-a no orifício da figura, sentindo o interior das suas próprias coxas pulsar em antecipação.

Ergueu-se em paz e pegou nos cantis que enchera. Quando regressou ao abrigo Prasutagos acendera uma fogueira e havia frutos e pão fresco junto ao fogo. Ainda hipnotizada pela calma da fonte, Boudica sentiu-se à vontade com o silêncio dele. Quando ele se retirou depois da refeição ela tirou as roupas e enfiou-se debaixo dos cobertores.

Ele esteve ausente durante o que lhe pareceu muito tempo, e quando regressou trazia consigo a frescura da fonte sagrada. Ela pensou se teriam ambos pedido a mesma coisa nas suas orações. Mas uma condição para que tais milagres se realizassem era nunca falar deles em voz alta.

O fogo esmorecera e, mais uma vez, ela viu a sua silhueta recortada a ouro. Ficou tensa quando ele entrou para dentro dos cobertores a seu lado e ele apoiou-se sobre um cotovelo e, com a outra mão, brincou com um caracol dos seus cabelos. Murmurou palavras calmantes que ela não conseguiu distinguir.

Queria dizer-lhe que não tinha medo, mas ele continuava a murmurar e a acariciar-lhe os cabelos e ela não conseguiu encontrar as palavras adequadas. Lembrou-se de como ele acalmara o garanhão branco na lagoa sacrificial. Era magia dos cavalos, pensou, para amansar a égua vermelha...

Prasutagos curvou-se para a beijar e, desta vez, os seus lábios estavam quentes. As mãos dele moveram-se sobre o seu corpo, acariciando, guiando, até ela se abrir em aceitação, todo o seu ser correndo para o abraçar, acolhedor como as águas da fonte sagrada.

*

— Boudica! — A voz de Nessa soou no pátio. — Anda lá amor... o teu senhor disse que não podes levantar nada tão pesado... anda lá daí!

Boudica suspirou e pousou a braçada de lenha que se preparara para levar para a cabana. Pouco depois de ela e Prasutagos terem chegado a Eponadunon, tinha aparecido uma caravana de carroças com todos os presentes do casamento e, juntamente com estes, vinha a velha Nessa, enviada pela mãe para a servir na sua nova casa. Ou talvez fosse para a guardar... Assim que se tornara evidente que Boudica estava grávida, Nessa e Prasutagos tinham conspirado para a tratar como se fosse feita de vidro romano. O que não tivera importância durante o Inverno, quando a chuva gelada fazia com que toda a gente se mantivesse dentro das cabanas, mas agora já passara Beltane e o bom tempo levava toda a gente para o ar livre. Em retrospectiva achava que devia sentir-se grata por a mãe não ter mandado a velha mulher com ela para Mona, apesar de a ideia de Nessa a confrontar Lhiannon a fazer sorrir.

Sentia a *falta* de Lhiannon, cujo bom senso tranquilo teria sido muito útil quando se instalara na sua nova casa. Eponadunon ficava na curva de um pequeno rio a meio dia de viagem do mar ou, melhor dizendo, dos pântanos, pois a costa norte avançava gradualmente por zonas de pântanos salgados e areias movediças, com um canal estreito por onde os barcos conseguiam chegar a terra firme. Para sul, um dia a cavalo levá-los-ia até à fonte sagrada, se bem que desde a sua chegada tivesse estado demasiado ocupada para lá voltar. Teria gostado de levar lá Lhiannon.

— Anda lá minha querida, vem para casa... — Nessa pareceu atrás dela.

Boudica virou-se para ela. — Sou jovem, saudável e nunca me senti melhor na minha vida! E também não me vou derreter com o Sol da Primavera!

— Um dos rapazes que toma conta do gado regressou. Viu cavaleiros na estrada... é melhor ires trocar esse vestido velho.

Quando Boudica, soltando um suspiro de rendição, seguiu Nessa para o interior da maior das três cabanas, sentiu um arrepio de excitação. Eponadunon era quase tão remoto como Mona, e Prasutagos não dispunha da rede de informadores do druida-chefe para o manter a par das novidades, se bem que agora, que o primeiro choque da conquista romana tinha passado, os mercadores e comerciantes recomeçassem a aparecer.

E, de vez em quando, havia bisbilhotices. Quando Cláudio regressou a Roma, tinha-se gabado de ter recebido a submissão de onze reis. Como é evidente, o seu Triunfo representara a conquista de Camulodunon como a tomada de uma cidade amuralhada. No que respeitava às notícias domésticas, os homens diziam que a Legião que fora deixada para controlar os Trinovantes estava a construir uma fortificação na colina por cima das ruínas do forte.

Mas os viajantes não eram mercadores. Quando Boudica estava a apertar a túnica, uma das raparigas que estivera a lavar roupa no rio veio a correr informá-las de que um grupo de Romanos vinha a subir a estrada.

— O rei partiu para o novo forte na costa esta manhã... podemos mandar um dos rapazes à procura dele, mas teremos que entreter estas pessoas até que ele chegue — disse ela à rapariga. — O nosso pão ainda está a cozer. Rapariga, depois de enviares o mensageiro, corre às quintas mais próximas e vê o que eles têm por lá. Entretanto os nossos convidados terão que se contentar com carne e queijo.

Enquanto o forte explodia em atividade ao seu redor, ela pegou no guarda-joias para acrescentar um colar e braceletes à indumentária. O rei vivia ali com simplicidade e o forte não impressionaria os visitantes, mas ela ao menos podia ter o aspecto de uma rainha.

Quando os desconhecidos entraram pelo portão de madeira a casa já fora varrida e as tralhas escondidas. Boudica aguardava com um corno na mão contendo as últimas sobras de vinho do seu casamento. Em tempos de paz Prasutagos não mantinha mais que meia dúzia de guerreiros no forte. Calgac, um jovem desengonçado que fora designado para a escolta, e os outros três que não tinham acompanhado o rei formaram atrás dela quando os Romanos chegaram.

Contou-os automaticamente — um *contubérnio* de dez soldados, escoltando três homens com túnicas civis e calções de montar pelos joelhos e um homem de calças aos quadrados que devia ser o guia.

— *Salutatio...* — estendeu o corno ao homem mais bem vestido, abrindo muito os olhos quando reconheceu o nariz grande e os olhos escuros que vira nas sombras purpúreas do pavilhão do imperador. Certamente que não chegara já a altura de pagar os impostos aos Romanos! O seu sorriso ficou tenso enquanto continuava: — Lúcio Júnio Polião, *salvei* — Aquele era todo o Latim de que se recordava dos anos passados no forte do Rei Cunobelin.

— Saudações... — respondeu Polião na língua dela. — Bebo à vossa saúde, minha rainha... — Falava com sotaque atrébate.

Boudica ergueu uma sobrancelha. Não estivera à espera que os Romanos tivessem o bom senso de enviar um homem que falasse a língua dos Britânicos.

Os minutos seguintes foram passados a desmontar toda a gente e a arranjar sítio para acomodar homens e animais. Dirigiu um olhar calmante ao mais jovem dos seus guerreiros. Alguns deles eram novos no serviço do rei, substitutos daqueles que tinham tombado no Tamesa e olhavam com hostilidade para os legionários romanos. Depois de ela instalar e alimentar toda a gente Prasutagos ainda não regressara. Em vez de ficar sentada a olhar para Polião por cima do fogo, sugeriu que dessem uma volta pelo forte.

Tinham sido talhados degraus na parte interior da muralha de terra coberta de erva que rodeava o forte. No exterior a muralha era complementada por uma paliçada. — A família do meu marido está na posse deste forte desde os tempos do seu trisavô — disse ela quando chegaram ao topo —, mas os clãs desta região há muitos anos que vivem em paz.

— E, no entanto, o Rei Prasutagos está a construir um novo forte? — Não era bem uma pergunta. — Um novo forte para guardar o porto onde atracam os navios que atravessam o canal?

— Acho que ele gosta de construir coisas... — encolheu os ombros. Tinha feito um passeio a cavalo para ir admirar a muralha imponente reforçada por blocos de pedra, mas o único alojamento disponível eram as cabanas dos trabalhadores e o rei estivera

demasiado concentrado no trabalho para reparar se ela estava ou não presente e por isso não se demorara.

— Pois gosta... — concordou Polião. Os seus olhos pousaram brevemente sobre o seu ventre dilatado e depois afastaram-se. — A muralha oferece uma posição vantajosa.

Ela sorriu ao de leve, como fazia sempre que ali ia e olhava para os campos. Naquela estação os campos estavam verdejantes com a erva nova, salpicados pelo castanho rugoso dos campos recentemente arados e semeados. Um bando de corvos pousara no campo mais próximo procurando grãos. Uma criança atravessou o campo a correr, seguida por um cão a ladrar e os corvos levantaram voo numa explosão de gritos.

Cathubodva, leva as tuas galinhas, rezou. Aqui não há carne nem bolotas para ti! Apesar de preferir partilhar com a deusa a fazê-lo com os Romanos, pensou, dirigindo um olhar de soslaio ao homem que estava ao seu lado. Desconcertantemente, ele olhava-a a ela e não os campos.

— É verdade que não temos montes altos onde construir os nossos fortes como há nas terras dos Durotriges — disse em tom neutro. Até mesmo ali tinha chegado o relato de que a campanha romana no sudoeste esmorecera e se arrastava enquanto o general Vespasiano cercava um forte de cada vez.

Se a observação o irritara ele não deixou transparecer. — Cultivam aqui cevada e criam gado? — Os seus olhos escuros desviaram-se.

— E trigo e criamos ovelhas nas colinas — acrescentou ela afastando-se um pouco dele. — Os nossos campos não são tão férteis como os das terras dos Trinovantes mas, na maior parte dos anos, conseguimos alimentar a nossa gente. Quando os Invernos são rigorosos há cheias e temos sorte se conseguirmos uma colheita que seja.

— Compreendo — disse ele suavemente. — Mas é nisso que beneficiam em fazer parte do Império. Em anos desses podemos fazer-vos empréstimos para que se remedeiem e, quando tiverem excedentes, poderão pagar. E também não precisam de recear que outra tribo cujas sementeiras tenham falhado tente ficar com as

vossas colheitas. O nosso general Vespasiano já tomou muitas colinas fortificadas — continuou. — Em breve todo o ocidente terá sido também conquistado.

Ela teria gostado de lhe tirar o sorriso convencido da cara, mas infelizmente ele dizia a verdade. *Que a Deusa guarde Lhiannon!*, pensou então. Mas certamente que as sacerdotisas não entrariam na guerra. Continuou a andar ao longo da muralha e ele seguiu-a.

— Falais bem a nossa língua — comentou quando chegaram aos fortes barrotes que suportavam o portão.

— O Imperador designou-me companheiro do jovem Cogidumnus, quando ele foi para Roma, e ordenou-me que aprendesse a língua dele enquanto lhe ensinava a nossa. Cláudio, como é evidente, sabe a língua dos tempos da juventude passados na Gália — respondeu ele.

Há quanto tempo estaria o Imperador a pensar na conquista da Britânia?, pensou desvairada. Os seus esforços para evitar o ataque

teriam feito alguma diferença? Respirou fundo. — Falar a língua daqueles que nos rodeiam é sempre útil. Na verdade já pensei que seria bom ter aqui alguém que me pudesse ensinar o Latim.

— Sois sensata. Se vos ireis tornar cidadãos do Império, então tereis que falar a língua, embora não haja dúvida de que ainda há muitos que consideram o Grego como a única língua civilizada.

Boudica não gostou da superioridade inconsciente que pressentiu nas palavras de Polião. Mas já avistava cavaleiros na estrada. Até mesmo àquela distância havia algo na postura do primeiro cavaleiro, descontraído sobre a montada, que ela reconheceu. *Passou menos de um ano, pensou. Já estarei assim tão ligada a ele?* Talvez devesse ter previsto que tal aconteceria, apesar de na maior parte do tempo ele se manter tão silencioso como sempre. Talvez fosse por estar grávida de um filho dele.

Esticou-se e acenou quando Prasutagos galopou na sua direção, sentindo-se tão grata por ser resgatada como se estivesse estado sob um cerco.

ONZE

Lhiannon estava sentada, em frente de Ardanos do outro lado da fogueira, as suas vozes entrelaçadas no cântico com a coluna de fumo a subir para o céu. Os muros de terra que protegiam os túmulos dos antigos estavam cobertas de erva e gastas pelos anos. O topo da colina do outro lado do vale, para sul, seria o seu refúgio. Os homens da tribo dos Durotriges estavam naquele momento a labutar, subindo as encostas com cestos cheios de terra e de pedras para reforçar as defesas construídas por pessoas cujos nomes já tinham desaparecido da terra.

Nos tempos de paz o Equinócio da Primavera tinha sido uma época de trabalho para uma abundante época de colheitas. Mas naquele ano seria o sangue dos homens que fertilizaria os campos. Através das ondas de calor via as feições de Ardanos exaltadas e concentradas como acontecia sempre nos rituais. *Aquele devia ser o seu ar quando fazia amor...* tentou afastar a imagem, mas andavam tão próximos um do outro naqueles dias que ele sentia o que ela

pensava e, quando os olhos de ambos se encontraram, ela sentiu o corpo quente de desejo. O seu primeiro instinto foi reprimir o desejo, mas também ele poderia constituir uma oferenda.

Quando o círculo começou a rodar no sentido do Sol, permitiu que a energia crescesse, brotando da sua mão esquerda para os druidas e os sacerdotes da aldeia que se tinham juntado a eles para celebrar o ritual.

Igualdade entre dia e noite,

Ponto de equilíbrio entre trevas e luz...

E o dia, é a hora,

De escolher o objetivo, fazer crescer o poder...

Desde o Verão anterior que ela e Ardanos se moviam continuamente na frente do avanço romano para ocidente, sempre juntos mas nunca sozinhos. O Rei Veric morrera pouco depois de o imperador romano ter deixado a Britânia. Enquanto Vespasiano andava atarefado a esmagar os últimos apoiantes de Caratac na ilha de Vectis e a instalar Cogidomnus no trono do seu avô, Lhiannon e Ardanos tinham ido para junto do Rei Tancoric. As terras dos Durotriges eram ricas em colinas fortificadas nos tempos antigos e reconstruídas durante as intermináveis guerras tribais do ocidente do país. Certamente que os Romanos não conseguiriam tomá-las a todas...

O vento soprou no topo da colina e as chamas subiram repentinamente, lambendo os ramos de junípero que tinham sido entrançados entre as cavacas de carvalho formando esculturas de fogo. Os ramos de pinheiro incendiaram-se com um crepitar de resina, juntando o seu cheiro aromático ao fumo que era soprado para leste pelo vento onipresente. Para leste... na direção do inimigo que avançava.

O fogo ateava-se e assobiava quando um e depois outro dançarino avançava de um salto para lançar uma oferenda de óleo, ou de hidromel ou de sangue, para as chamas. O fumo tornou-se

mais espesso subindo em espirais por cima da colina. Lhiannon sentia a energia a crescer no interior do círculo enquanto dançavam à volta do fogo.

Pelas nossas palavras e pela nossa vontade, Aqui na colina sagrada, Abençoamos todos quantos vemos, Lançamos um feitiço para a vitória!

O vento soprou novamente, lançando-lhe para o rosto os cabelos que deixara soltos por causa do ritual. Abanou a cabeça para afastar as madeixas soltas e o seu sorriso desvaneceu-se quando se apercebeu de que o vento mudara de direção. Ardanos puxou a sua parte do círculo para a frente, os braços erguidos para soltar a energia e os outros seguiram-no algo desordenadamente. A coluna de fumo que voara para leste desviara-se para norte, indo na direção da colina de pedras.

Lhiannon sentou-se num banco e puxou um pé para cima, secando-o com a capa pesada e rica em lanolina. A pele estava pálida e engelhada pela água, cortada e magoada por ter andado descalça na lama. Ao menos quando o nosso refúgio é um forte numa colina, a maior parte da água da chuva, que não fica retida nas cisternas, escorre encosta abaixo. O povo dos pântanos à volta de Avalon tinha fama de ter pés de pato. Quem lhe dera tê-los. Desejou estar agora na ilha de Avalon e não encurralada naquela colina. Espreitou para cima, com esperança de que a bruma que se estava a formar indicasse uma abertura nas nuvens, mas só viu cinzento.

Os Romanos tinham chegado pouco depois do festival de Beltane e tinham escavado as suas valas e feito as suas muralhas na base do monte. Com eles chegara a chuva. Um guerreiro de cabelos escuros escorregou pela muralha até chegar a uma pilha de pedras para ir recolher mais munições para a sua funda, guardando-as numa bolsa presa ao cinto e ela dirigiu-lhe aquilo que, esperava, fosse um sorriso alegre. Os defensores do forte da colina tinham reunido mantimentos suficientes para um cerco prolongado, mas os trabalhos de construção tinham-se concentrado em tornar mais

robustas as muralhas e em escavar mais profundamente o fosso entre elas e não em reparar as casas no interior. Mas não lhes faltava água nem pedras.

Agora, como era evidente, não podiam ir recolher palha para os telhados nem cair as paredes de adobe para as proteger. Os círculos de cabanas, erguidas apressadamente, amontoavam-se sobre a terra lamacenta do topo do monte e eram menos seguras do que as casas onde as pessoas guardavam os animais na sua terra e não havia ramos de junco para remendar os cercados onde estavam presos os animais que tinham trazido. A comida fora guardada na casa mais segura e, ainda assim, alguma tinha-se estragado. Esperava-se que os humanos fossem mais resistentes. Com um suspiro começou a tratar do outro pé, fazendo uma careta quando pousou o outro na lama fria.

A razão por que recusara ficar com Boudica estava de pé em cima da fortificação, espreitando por entre duas das estacas pontiagudas que formavam a paliçada. O manto branco de Ardanos já estava da cor da lama, mas a túnica azul de sacerdotisa de Lhiannon estava da mesma cor. Do que precisavam naquele sítio era de um bom cinzento natural. Mas roupa nova era algo de que teriam de abdicar durante algum tempo.

Alguém gritou e ela olhou para cima, com os olhos semicerrados, seguindo a trajetória de um projétil de pedra com o olhar cansado. As catapultas romanas eram bastante potentes, mas a área protegida pelas fortificações duplas, que rodeavam um quadrado bastante amplo no topo do monte, era suficientemente grande para que, para além do desgaste provocado nos nervos de todos, raramente provocassem dano. Os pedregulhos que se abatiam sobre a paliçada já eram uma questão diferente, mas ainda dispunham de estacas suficientes para reparar durante a noite aquilo que era destruído durante o dia e usavam também os pedregulhos do inimigo para reforçar as defesas.

Porque seria que os poemas épicos, que os bardos gostavam tanto de recitar, nunca mencionavam o profundo sofrimento de suportar um cerco debaixo de chuva? Esperava que os Romanos se sentissem igualmente desconfortáveis. Esperava que as suas proteções peitorais e dorsais estivessem a enferrujar, que as proteções metálicas das balistas se estivessem a desfazer e que as tendas de couro estivessem a apodrecer e a cair aos bocados.

Lhiannon levantou-se com um suspiro e puxou a capa por cima da cabeça enquanto a chuva se intensificava novamente.

*

— Conseguimos defender este forte durante mais tempo do que quaisquer outros — disse Caratac tossindo quando uma corrente de ar soprou o fumo da lareira e o espalhou pela cabana onde os chefes tribais se tinham reunido. Lhiannon puxou o véu para a cara para servir de máscara e tirou mais chá de ervas do caldeirão. A chuva no colmo tinha uma batida monótona que, em conjunto com o assobio do fogo, era tão familiar que só em momentos como aquele, em que toda a gente aguardava que o fumo se dissipasse, é que se tornava notada.

— Mais tempo não é para sempre — disse Antebrogios, o chefe que Tancoric pusera no comando das defesas. Tossiu, fosse por causa do fumo ou devido ao catarro que afetava todos quantos ali se encontravam. — Os mantimentos começam a faltar-nos e temos homens doentes.

— O Romanos também — resmungou um dos outros. — A noite conseguimos ouvi-los a tossir nas tendas. Amaldiçoam o clima da Britânia e amaldiçoam o imperador que os mandou para aqui.

— Então que vão para casa para a ensolarada Itália — resmungou alguém. — Se esta chuva se mantiver durante muito mais tempo vou desejar poder ir também.

— Se ficarem sem comida ou sem homens podem reabastecer-se ou pedir reforços — comentou um chefe. — Nós não.

— Estás a tentar dizer que devíamos desistir? — Desafiou-o Caratac. Estendeu o copo a Lhiannon para que esta o enchesse. Tal como os outros estava encurvado e sujo reduzido, pelas privações, ao músculo e à pele. Se no conselho em Mona tivesse previsto aquele dia teria falado com tanta bazófia? Pensou ela enquanto lhe devolvia a taça. Algum deles teria?

O seu olhar encontrou o de Ardanos, que estava sentado na sombra junto à porta, e pensou se ele estaria a pensar no mesmo. Ele tinha emagrecido nas últimas semanas, as faces estavam encovadas e os olhos febris. Anteriormente tivera sempre um comentário irônico ou uma palavra animadora, mas nas últimas semanas ficara estranhamente silencioso. Já não tentava persuadi-la a deitar-se com ele e isso era o mais perturbador. Mas ela também se tornara silenciosa.

Desviou os olhos. *Se falarmos, temos medo de ter de reconhecer que não existe qualquer esperança de vitória...*

— Os Romanos lá fora são mais do que nós cá dentro — Caratac falou com uma intensidade calma. — As legiões deles são mais numerosas do que os Durotriges, tal como foram mais numerosas do que os Trinovantes quando combatemos no Tamesa. Mas eles *não são* mais numerosos do que os Bretões da Britânia! Se não desistirmos, se os fizermos pagar com sangue cada colina fortificada, cada travessia de rio, cada metro de terra, chegará a altura em que o ouro e os cereais que nos conseguem tirar não chegarão para pagar as vidas dos seus homens. É por *isso* que temos de agüentar o mais que pudermos e, se formos expulsos

desta fortaleza, teremos que retirar para outra. Nós *podemos* sobreviver-lhes. Esta é a nossa terra!

Talvez até mesmo Caratac tivesse tido receio, um ano antes, se soubesse o que estava para vir, mas era evidente para Lhiannon que agora não podia fazê-lo. Os outros poderiam render-se mas ele continuaria a resistir. Já tinha pago um preço demasiado alto para desistir.

Mas e se os Romanos sentissem o mesmo? E se cada legionário que alimentava os corvos de Morrigan reforçasse a determinação do General Vespasiano de destruir aqueles que o tinham matado?

Lá fora alguém deu o alarme. Praguejando, os chefes agarraram nas espadas e saíram em tropel pela porta. Tropeçando e escorregando na lama, erguendo os escudos com uma mão, formando uma parede para repelir os mísseis lançados de cima, os Romanos estavam a assaltar novamente as paliçadas.

*

A chuva parará finalmente.

Grandes fortalezas de nuvens brilhantes vogavam lentamente para leste, tendo despejado todas as suas reservas de chuva, deixando o Sol vitorioso no campo azul. No Forte das Pedras, sitiados e sitiante fizeram uma pausa nos seus trabalhos, virando-se para a luz como se fossem flores enquanto o Sol, cada vez mais forte, sugava a umidade do chão encharcado do forte, provocando nuvens de vapor. Os pulmões de Lhiannon ainda estavam pesados com ar úmido, mas ela sabia que em breve este secaria e que a lama nas encostas do forte secaria e que os Romanos atacariam novamente.

No céu os corvos voavam em círculos, escuros ou brilhantes, conforme as suas asas refletiam a luz do Sol. *Sejam pacientes, pensou, em breve terão comida!*

Despiu-se até ficar só com a túnica interior de linho e passou o manto azul por cima do telhado de colmo da cabana e começou a desfazer as trancas.

— O teu cabelo parece luz do Sol entretecida...

Sentiu um toque e virou-se, quase caindo nos braços de Ardanos.

— E pareces uma filha das fadas, com o teu manto pálido e os braços brancos a brilhar ao Sol. — Sorrindo ao de leve, ele começou a desembaraçar os nós com que ela estivera a debater-se.

— Mas cor de lama junto à bainha, embora sejas simpático ao dizer isso... — respondeu ela com a voz mais firme que conseguiu. — Mas, se a morte vier, ao menos enfrentá-la-emos com as roupas secas.

— Provavelmente... quase de certeza, acho — respondeu ele numa tentativa de recuperar o seu antigo distanciamento irônico. — Quando espreitei por cima da paliçada, pareceu-me ver uma imensa atividade no sopé do monte. Os Romanos estão a pôr as balistas em posição de assalto e não fazem qualquer tentativa de passar despercebidos. E porque haveriam de fazer? Quando decidirem atacar nós só poderemos responder com aquilo que temos. Que não é muito. Quase não temos setas e até mesmo o fornecimento de pedras para as fundas está a acabar.

— E uma fortaleza não pode fugir — concordou ela. — *Nem podem fugir aqueles que estão presos lá dentro.* Mas não havia necessidade de o dizer em voz alta.

Ele terminou a segunda trança penteando as madeixas com os dedos, deixando-as cair, soltas e macias sobre os ombros, brilhando ao Sol.

— Porque será que a falta de comida ainda te faz mais bonita? — disse ele então. — Antes já eras quase magra de mais, mas agora o teu espírito brilha como uma lâmpada através da tua pele... — Na última semana a ração, que nunca fora muito abundante, fora reduzida. Os Romanos podiam não estar à espera de que eles resistissem tanto tempo, mas Antebrogios nunca esperara que os Romanos tivessem paciência para um cerco tão longo.

Ardanos também estava magro. Ela via agora como seria o seu aspecto quando fosse velho, isto se algum deles sobrevivesse e chegasse a velho. Naquele momento isso não tinha qualquer importância. Ouvir aquele tom gentil na sua voz, ver a luz nos seus olhos, era do que ela estava a precisar. Se ele estava frágil ela também estava. Já não era apenas a fome que a fazia sentir-se tonta quando se deixou abraçar por ele.

A atividade no acampamento romano continuou durante toda a tarde. No forte, a refeição da noite foi silenciosa, mas os cozinheiros serviram a melhor comida que lhes restava. Para beber só havia

água, mas os chefes brindaram uns aos outros como se bebessem vinho.

— Se estivermos destinados a cair esta noite, então partiremos alegres — disse Ardanos quando o copo chegou às suas mãos. — Os Romanos que matarmos poderão partir para o sombrio Hades, mas as Ilhas Abençoadas esperam por nós até chegar a altura de entrarmos no Caldeirão e renascermos.

As Ilhas dos Abençoados ou o Outro Mundo que a mulher das fadas me mostrou... pensou Lhiannon. Se aquela senhora lhe abrisse uma porta ali, naquele momento, passaria por ela? Sozinha não, pensou, olhando para Ardanos. Nunca entraria se tivesse que entrar no caminho sozinha.

— Por todos os deuses, vocês os Durotriges certamente que festejarão entre os heróis — exclamou Caratac. — Ninguém jamais lutou tão bravamente ou se agüentou tão bem...

— Nunca ninguém foi liderado por tão nobres chefes... — foi a resposta dos homens.

Quando a refeição terminou, Lhiannon e Ardanos passaram pelos currais vazios olhando para as estrelas. Os homens que caminhavam pelas fortificações cantavam. Quando se calavam ouvia-se um murmúrio distante lá em baixo, como o ribombar de um trovão. Mas ali, no monte de palha que Ardanos cobrira com a sua capa, parecia tudo muito calmo.

Lhiannon pousou a cabeça no ombro dele, segura no seu abraço. Estavam ambos completamente vestidos e ele não fez qualquer gesto para alterar esse estado de coisas. Ela sentia um pulsar debaixo da sua mão, como se sentisse o bater do coração dele.

— Nunca pensei que fosse num lugar destes e numa altura como estas que iria finalmente deitar-me contigo nos meus braços — disse Ardanos por fim. — Ou que me bastaria abraçar-te simplesmente e saber que este é o local onde escolheste estar.

Os mais ascéticos entre os druidas passavam fome para alcançar um estado em que a carne deixava de sentir necessidades. Talvez fosse isso o que lhes acontecera, a ela e a Ardanos, ou talvez no local onde se encontravam agora, fora do alcance da vida quotidiana, pudessem falar de alma para alma.

— Quando eles vieram — murmurou ele passados instantes. — Quando romperem as defesas, virás comigo para as Ilhas Abençoadas. Reconhecer-nos-ão como druidas e, se nos apanharem vivos, arrastar-nos-ão acorrentados pelas ruas de Roma e acabarão por nos lançar às feras, na arena.

— Sim meu amor. Mas ainda não. Há aqui homens valentes e não estaria certo abandoná-los tão cedo.

Ele soltou uma risadinha e beijou-a na testa.

— Nunca duvidei da tua coragem, Lhiannon.

As estrelas empalideciam à medida que a Lua cheia subia no céu. Numa noite assim parecia impossível que em breve homens fossem morrer. Os Romanos chamavam à Lua a deusa casta. Não perceberiam que perturbar a paz daquela noite com violências seria uma blasfêmia?

Lhiannon sentou-se erguendo as mãos para os céus...

— Deusa sagrada, Deusa sagrada — cantou.

Neste mundo de homens em guerra Olhai para baixo e fazei cessar o ódio. Oh Deusa sagrada, escutai-nos agora, Ouvi a nossa prece e dai-nos a paz...

Como que numa resposta uma bola de fogo ergueu-se no céu descrevendo um arco de fogo sobre o rosto da Lua. Caiu sobre um

telhado de colmo que se incendiou.

— Deusa — murmurou ela —, tende misericórdia de nós. Começou!

Caíam mais bolas de fogo, algumas sobre casas, outras extinguindo-se a assobiar por terra. A maior parte do barulho parecia vir do portão. Quando ela e Ardanos se encaminharam nessa direção um guerreiro passou por eles aos gritos com as roupas em chamas. Ela própria gritou quando uma estaca disparada por uma balista passou por ela e empalou outro homem numa parede.

Mais longe, junto ao muro, os homens gritavam. As chamas erguiam-se no local onde as estacas da paliçada se tinham incendiado e havia homens a fugir das chamas. *Era disto que as tempestades nos protegiam*, pensou Lhiannon atordoada. *Lamento ter amaldiçoado a chuva...*

A sua volta a confusão era total, com grupos de homens correndo de um lado para o outro à medida que o alarme era dado

em diferentes secções da muralha. Ela e Ardanos separaram-se para irem buscar as arcas onde tinham guardado o resto das ligaduras e os instrumentos cirúrgicos; quando ia a sair da cabana viu um dos chefes a agarrar o braço de Ardanos. O homem apontou para o outro lado do forte e ele assentiu, lançou-lhe um olhar desesperado e partiu a correr.

Começaram a trazer os feridos para o terreno fronteiro à casa de Antebrogios e a deitá-los sobre cobertores trazidos das cabanas que ainda não estavam a arder. Ela correu para o mais próximo, que tinha uma estaca disparada por uma balista cravada na coxa. Um pedaço de madeira endurecida, com cerca de sete metros, os três espigões da extremidade saíam-lhe da carne. Uma flecha poderia ser partida, mas a estaca era demasiado grossa; teria que a arrancar. O homem não estava a sangrar muito; provavelmente não tinha sido atingida nenhuma artéria.

— Agarra-o... — disse ao homem do lado cuja perna seria metida em talas a seguir. Fazendo uma careta ele assentiu e apoiou todo o seu peso no companheiro enquanto ela agarrava na estaca por baixo dos espigões e dava um forte puxão. O doente gritou e desmaiou. Lhiannon cerrou os dentes e voltou a puxar usando toda a sua força. Sentiu qualquer coisa ceder e soltar-se a malvada ponta quadrada sujando de sangue as suas saias. Quando a madeira se soltou da carne, o orifício sangrou ainda mais e ela agarrou num pedaço de lã e pressionou com força e depois atou-o firmemente com uma faixa de tecido.

A ferida deveria ter sido lavada com vinho. O homem deveria ser levado para um sítio calmo e deveria beber infusões de salgueiro-branco para aliviar a dor. Era até capaz de vir a fazer tudo isso se ele sobrevivesse — se algum deles sobrevivesse — nas próximas horas. No estado em que as coisas estavam ele era bem capaz de sobreviver até de manhã e morrer a seguir de uma infecção. Poderia sobreviver para viver na escravidão e desejar ter morrido naquele dia.

Mas já estavam a pôr na sua frente um homem com o ombro atravessado por um pedaço de estaca e já lá vinha outro com o joelho esmagado por uma pedra lançada por uma catapulta. Concentrou-se apenas na decisão seguinte, na incisão seguinte, no sangue vermelho e na luz do fogo e na dor. Homens gritavam e sangravam nas suas mãos, alguns desmaiavam e alguns morriam. A certa altura ergueu os olhos e viu a lua a brilhar vermelha devido ao fumo que enchia o ar. Aquela não era uma deusa casta... aquele era o escudo sangrento de Cathubodva, a lua da guerra.

A batida oca que estremecia a terra por baixo dos seus pés poderia ser a batida de um coração. Foi só quando os homens começaram a passar por ela a correr que se apercebeu de que os Romanos estavam a atacar o portão. Apesar dos mísseis que os

defensores despejavam sobre eles, os escudos juntos na formação a que chamavam de “tartaruga” protegiam os homens que manobravam o aríete.

Viu Caratac em todo o seu maltratado esplendor gritar a um grupo de guerreiros, pondo-os em posição no cimo da encosta íngreme que descia na direção do portão.

— Sai do caminho! — um dos guardas pessoais de Antebrogios pô-la de pé com um puxão e empurrou-a na direção de uma cabana. —Abriga-te! Agora não os podes ajudar!

Onde estava Ardanos? Hesitou, olhando desvairadamente para a confusão dos homens que corriam de um lado para o outro. Ouviu-se um gemido estridente quando a grande tranca atravessada no portão cedeu e caiu. Os barrotes estremeceram sob o impacto do aríete; fixos pelas rochas empilhadas na sua base, desfizeram-se sob o impacto de uma terceira investida violenta. Os defensores cambalearam sob uma nova chuva de mísseis quando os primeiros inimigos de armadura se esgueiraram pela abertura.

Recuou até ficar aninhada por baixo do telhado pendente de uma cabana, mas tinha que ver! Mais Romanos entravam pela abertura. Ouvia-se o embater dos ferros quando se lançavam sobre os Bretões que os aguardavam. Ouviu o grito de guerra de Caratac. Uma espada deslizou pelo chão até junto dos seus pés e ela agarrou-a e depois deixou-a cair novamente. Era uma curandeira; o seu coração estava desfeito pela angústia, mas mesmo naquele momento não havia nela nada que reagisse à fúria de Morrigan.

A confusão dos homens que combatiam estava a mover-se na sua direção. No momento em que se apercebeu disso os defensores cederam e fugiram. Viu Caratac erguer-se no meio do tumulto, desferindo em seu redor grandes golpes com a espada comprida. Os Romanos recuaram, aterrorizados pela lâmina enorme e, por instantes, o espaço em seu redor ficou desimpedido. Ele deu um salto em frente, viu-a escondida e puxou-a para as sombras nas traseiras da casa.

— Eles não me vão apanhar e a ti também não, sacerdotisa! A paliçada do lado oeste está derrubada. Vem comigo!

O braço dele parecia de ferro à volta da sua cintura. Meio arrastada, meio a correr, foram saltando de casa em casa enquanto a batalha continuava. Quando se aproximavam da paliçada pareceu-lhe ver o manto branco de Ardanos no meio de um grupo de guerreiros em fuga. Tentou chamá-lo mas não tinha forças. Depois Caratac lançou-a pela abertura entre os postes; ela tropeçou e rolou pela rampa abaixo. Ele deslizou atrás ela, puxou-a sobre a segunda muralha de terra e, juntos, deslizaram para as trevas mais adiante.

Lhiannon olhou para trás. Pela dimensão do brilho que cobria a colina, a maior parte das cabanas devia estar a arder. Uma bruma de calor e de fumo obscurecia o céu. Ou talvez fosse a sua visão que estava desfocada pelas lágrimas.

*

Uma confusão de cães, malhados, listados e cinzentos, saíram em tumulto pelo portão da quinta quando Caratac levou o grupo pelo caminho acima, numa cacofonia de latidos. Lhiannon despertou quando o cavalo parou, sobressaltada e atenta pela primeira vez nos últimos dias. Ardanos teria sabido dizer uma Palavra de Poder para acalmar os animais, pensou ela com tristeza. O Rei Caratac, contudo, dispunha da voz da autoridade. Os cães recuaram e depois, quando alguém mais os chamou, calaram-se, com as caudas a abanar e as cabeças baixas. O coração de Lhiannon deu um salto quando viu um manto branco por trás dos animais. Era o manto de um druida, mas o corpo alto que o envergava tinha o rosto de um rapaz e a barba preta de um jovem.

— Senhora Lhiannon! Que fazeis aqui? — exclamou ele e, ouvindo-lhe a voz, reconheceu Rianor que estudara com Boudica. Ele olhou para o grupo de homens exaustos e a sua expressão alterou-se.

Eram um grupo esfarrapado, muitos deles com ligaduras, guerreiros escapados à queda do Forte das Pedras e reunidos por Caratac durante os primeiros dias frenéticos em que tinham andado fugidos às patrulhas romanas. O rei já não era o jovem agradável que os visitara em Mona e também já não era o guerreiro exausto

que chorara sobre o corpo do irmão nas margens do Tamesa. Por cima do torque real, o rosto de Caratac estava reduzido a uma moldura para os olhos que brilhavam de determinação. A energia desvairada que a conseguira tirar do Forte das Pedras estava agora controlada e posta ao serviço da causa comum.

— Santos deuses, vocês estavam no forte... todos ouvimos falar da bravura com que foi defendido — disse Rianor. — Na ilha rezávamos por vós. A minha mãe pertencia aos Belgas e mandaram-me para aqui...

— Como vês temos feridos — disse Caratac. — Alguns recuperarão o suficiente para combater de novo e outros não podem viajar mais.

— Os Romanos vêm aí? Estás aqui para comandar a defesa de Camadunon? — Rianor apontou para uma colina a sul da quinta.

Desde a última vez que a colina fora usada como local de refúgio, havia muitos anos, a floresta tinha crescido à sua volta, mas

alguém já começara a abater as árvores e a usá-las para reconstruir a paliçada. Com uma espécie de dormência desesperada, Lhiannon deu por si a calcular em que local um inimigo tentaria escalar a colina.

Caratac abanou a cabeça. — O Rei Maglorios vai mandar homens para a defender. Tenho que ir até ao país dos Silures. As tribos do norte e do ocidente serão a nossa melhor defesa se o sul cair. — Virou-se para Lhiannon. — Senhora, eu irei viajar a toda a velocidade e sem descanso, pelo que devo deixar-vos. Este forte guarda os caminhos do País do Verão e aqui conseguireis arranjar uma escolta para Mona ou para Avalon.

— Obrigada — foi só o que ela conseguiu dizer, embora tivesse havido muitas noites em que o amaldiçoara no seu coração por não a ter deixado morrer com Ardanos.

Rianor ajudou-a a desmontar e, juntos, ficaram a ver o rei e três homens da sua tribo que tinham sobrevivido, a afastarem-se. Pensou se o voltaria a ver.

— O Ardanos não está convosco? — aventurou-se Rianor a perguntar enquanto lhe indicava um local para dormir até mais cabanas serem construídas no forte.

— Fomos separados quando o inimigo rompeu as defesas. A última vez que vi Ardanos ele estava com um grupo de homens do Antebrogios. Caratac trouxe-me, mas não tivemos notícias dos outros. O mais provável — conseguiu, com esforço, manter a voz calma — é que tenha sido morto ou capturado. — Procurara-o nas estradas do espírito sem qualquer sucesso. No seu atual estado de fraqueza isso poderia não querer dizer nada. Certamente que se tivesse sido morto ela teria sentido a sua morte. Mas porque não teria tentado comunicar com ela, se estava vivo?

— Oh minha senhora, lamento muito! — exclamou Rianor. — Todos sabíamos o quanto o amáveis e o quanto ele vos amava a vós. Se não fosse isso teríeis sido alta sacerdotisa em vez de Helve.

Lhiannon fechou os olhos de dor. Teriam todos partido do princípio de que ela e Ardanos eram amantes? Parecia-lhe duro ter a reputação sem ter tido o prazer. E, no entanto, isso não era inteiramente assim, pensou ao recordar a forma como se tinham

deitado juntos sob a Lua. Alma com alma, tinham-se unido numa plenitude que poucos daqueles que só conheciam a doce união dos corpos alguma vez tinham logrado.

— Minha senhora — disse ele então —, tivestes alguma notícia de Boudica? Eu... tínhamos a esperança de que regressasse depois da vossa visita a Avalon.

— Ela escolheu regressar à sua tribo — disse Lhiannon numa voz firme. — Foi-lhe arranjado um casamento com o Rei Prasutagos para unir os dois ramos dos Ieenos. Suponho que ela será tão feliz quanto é possível sê-lo nos tempos que correm. Ele pareceu-me um bom homem.

— Se ele for bom para ela isso já é suficiente para mim! — disse Rianor ferozmente. — Mas é estranho pensar nela casada com um dos que ajoelharam perante Roma. Ao menos estará a salvo nas terras dos Icenos. — Levantou-se. — Quem me dera que pudéssemos dizer o mesmo... se os Romanos continuarem como até aqui, passarão por cá.

DOZE

As tempestades que tinham fustigado as terras dos Durotriges tinham-se deslocado para norte e para leste para as terras dos Icenos. Enquanto a água encharcava os campos, afogando os rebentos dos cereais que despontavam, houve momentos que Boudica pensou se as palavras que dissera ao Romano teriam sido proféticas, já que naquele ano haveria pouco para ceifar. E também não podia esperar ajuda do Dun Garo, pois as terras aí eram ainda mais baixas e os rios mais largos. Todos os chefes Icenos iriam implorar aos Romanos os cereais de que necessitavam para alimentar a sua gente durante mais um ano.

As chuvas continuavam a cair e a cabana cheirava permanentemente a fumo e a estrume e à roupa de lã pendurada a secar nos barrotes. O gado reprodutor mais valioso fora levado para as terras mais altas do forte e guardado dentro de casa, mas todos os dias, era o que parecia, vinha alguém a chafurdar de uma das outras quintas, pedindo ajuda para salvar ovelhas isoladas ou para

reforçar o dique que protegia a casa do rio que subia. E, rapidamente, a doença da tosse começou a alastrar pelos campos e Nessa e Boudica mantinham-se atarefadas a fazer tisanas e caldos.

*

Nos dias que se seguiram à sua chegada a Camadunon, Lhiannon percebeu que o melhor tratamento para os tormentos do espírito, contrariamente aos do corpo, era a atividade. O trabalho que exigia completa concentração era melhor do que cavalgar. Não tinha qualquer desejo de passar mais dias como passageira, a ver passar imagens imaginárias de Ardanos acorrentado ou a morrer, enquanto um cavalo a transportava por uma estrada e, fosse como fosse, não podiam dispensar nenhum homem para a escoltar até Avalon. Ali havia homens feridos que necessitavam dos seus

cuidados, comida para preparar para os trabalhadores e, quando não havia outro trabalho, um par de mãos extra era sempre útil no forte.

De tempos a tempos, um pastor ou um rapaz da quinta entrava nos estábulos com notícias do avanço romano. Vespasiano deixara engenheiros a construir fortificações romanas no Forte das Pedras e continuara a sua campanha. De acordo com os boatos, os Romanos marchavam para norte ou para sul ou tinham parado completamente, mas quando chegou a festa de Lugos já se sabia que eles vinham a caminho.

Tinham feito tudo o que podiam em Camadunon. As valas entre as quatro muralhas de pedra e madeira que rodeavam o forte da colina tinham sido mais escavadas e a muralha de cima recebera uma nova paliçada. Junto às ameias do lado nordeste e sudoeste dos portões, havia pedras amontoadas. Fora sacrificado um boi aos deuses no novo santuário e os mantimentos tinham sido armazenados e os homens tinham acorrido dos campos em redor.

Camadunon ficava na fronteira entre os campos das quintas e o País do Verão. Se caísse, Avalon ficaria sem mais nenhuma defesa para além dos pântanos. A noite, Lhiannon ficava deitada, insone, recordando o Forte das Pedras. Começou a aperceber-se de que não suportaria passar novamente pelo desespero crescente de um cerco

e pelo terror do assalto, mas poderia desertar de junto daqueles que agora dependiam dela?

Na noite da Lua cheia Lhiannon ficou de pé nas muralhas olhando para o outro lado do emaranhado de pântanos e lagoas.

No dia seguinte, diziam os batedores, os Romanos estariam ali. A noite estava fria e limpa, mas a ocidente aproximavam-se nuvens vindas do mar carregadas de chuva. Quanto tempo passaria até aquela lua ficar também manchada de vermelho, a paz destruída pelos gritos de homens moribundos? Sobressaltou-se com um toque no ombro, virou-se e viu Rianor a seu lado.

— Olhai... — apontou para nordeste onde um monte pontiagudo se recortava nitidamente contra as nuvens do pôr do Sol. — Consegue ver-se o Tor e, em manhãs particularmente límpidas, vê-se também o monte da pirâmide na costa. A energia da terra flui desse monte e espalha-se para diante. Conseguis senti-la aqui?

Ela fechou os olhos, procurando com sentidos há demasiado tempo inativos, permitindo que a consciência mergulhasse até profundezas que não eram completamente físicas e sentiu a vibração da corrente por baixo do casco de um barco no mar e, com ela, veio a recordação vivida do Outro Mundo por onde viajara no Tor de Avalon. Se lá tivesse ficado quantos sofrimentos teria evitado... e *quantas alegrias...*

A mulher do povo das fadas dissera-lhe que todos os mundos estavam ligados. Rianor acabara de lhe recordar que a energia fluía de Avalon para aquele forte. Poderia esse poder ser usado? Seria a fada ou a Deusa que lhe enchia agora a mente com imagens?

— Rianor... durante as últimas semanas tu e eu trabalhamos até rebentarmos as costas e ficamos com as mãos a sangrar, não fazendo mais do que aquilo que estaria ao alcance de qualquer trabalhador e, pelo menos no meu caso, com metade da sua competência. Esquecemo-nos de quem somos.

Ele pestanejou e ela percebeu que também ele estivera demasiado concentrado nos barrotes e nas pedras para pensar no que quer que fosse.

— Se os Romanos nos atacarem aqui, acabarão por tomar este sítio tal como tomaram o Forte das Pedras. Não achas que seria melhor que nunca aqui chegassem?

— Seria melhor, minha senhora, se nunca tivessem atravessado o Mar Estreito... — ficou muito sério quando viu que ela não estava a rir. — O que quereis dizer?

— Temos nuvens... — apontou para as nuvens que se acumulavam a ocidente. — Nuvens e chuva e as brumas que cobrem tão freqüentemente os pântanos em torno de Avalon. Se as atrairmos pelos canais do poder poderemos enrolá-las em torno desta colina.

Aquele momento, apercebeu-se, era o indicado para pôr em ação esse poder. Com uma certeza onírica apertou a capa ao corpo e deitou-se junto da paliçada, cobrindo o rosto e fechando os olhos para reter a imagem das nuvens que vira.

— Guarda-me. Não deixes que ninguém me perturbe até eu regressar. Empresta-me a energia que poderes...

Teria sido mais fácil com Ardanos a seu lado, equilibrando a energia dela com a dele, mas à medida que Lhiannon mergulhava num transe mais profundo, sentia a jovem energia de Rianor a apoiá-la. Abrandou o ritmo da respiração, recorrendo a uma disciplina há muito dominada, para separar a mente do corpo e deixá-la vogar livremente.

Como uma carícia sentiu o toque de uma outra mente.

— *Então, minha irmã, regressaste... passou muito tempo no teu mundo?*

— *Mas eu não regressei! Não estou no Tor!* — Com um sentido mais agudo que a visão reconheceu a Senhora com quem falara no reino das fadas, mas como podia ela estar ali?

— *Nem eu...* — veio a resposta. — *estamos entre os mundos, onde todos os mundos se encontram e todos os poderes se juntam numa dança grandiosa. Canta o feitiço irmã, compõe a música que servirá o teu propósito...*

Porque nunca recorrera antes àquele poder? Percebeu então que nunca estivera suficientemente desesperada e acreditara na sensatez de Ardanos e dependera das decisões dele. *Agora tenho de confiar na minha própria sabedoria...*

Bruma e nevoeiro, nuvem e chuva, ouvi a minha chamada, vinde de novo... No mundo dos homens estava silenciosa, mas no seu interior compunha uma música poderosa. Com a visão interior distinguia as camadas de ar quente e frio a reunirem-se aos espíritos. *Calor e frio misturam-se nos céus... onde se tocarem a bruma erguer-se-á...* Rindo, acenou aos espíritos do ar, trazendo-os para a dança.

No local distante onde a sua carne jazia, estava a ficar escuro e frio, mas no local onde agora se encontrava, o tempo tinha um outro significado. Foram os seus sentidos interiores que se alegraram quando os espíritos das nuvens começaram a libertar uma chuva leve e fresca; chamou o ar quente e a chuva transformou-se em nevoeiro antes de cair.

Era bruma e não chuva o que se precipitava do ar úmido, fantasmas de bruma que pairavam sobre a colina e o vale, adensando-se com o avançar da noite. O nevoeiro cobria Camadunon, perolando a lã grossa que envolvia Lhiannon e a barba encaracolada de Rianor. A bruma brilhava em torno das tochas que iluminavam o acampamento provisório dos Romanos e condensava-se sobre as armaduras e as lanças.

Na madrugada seguinte não se avistava o Sol, apenas o manto espesso e cinzento do nevoeiro. O exército romano, iniciando a marcha com a sua habitual organização perfeita, seguiu pelo caminho que lhe pareceu mais limpo e chegou, ao cair da noite, a um velho forte rodeado por muralhas em ruína e meio invadido pela floresta. Não havia ali selvagens celtas ululantes, apenas os fantasmas de guerras antigas. Os rumores, decidiu o general, deviam estar errados. Na manhã seguinte deu ordens para que marchassem para sudoeste na direção das terras dos Dumnoni, nunca chegando a suspeitar da existência de um forte que o

aguardava, envolto num silêncio feito de brumas, a apenas cinco milhas de distância.

Lhiannon abriu os olhos quando o Sol cada vez mais forte começou a dissipar o véu de brumas que cobria a terra.

*

Boudica saiu da cabana de Rosic e aconchegou melhor a capa de lã. Naquela época do ano ainda deveriam restar algumas horas de luz, mas as nuvens da tempestade da tarde ainda cobriam o céu sugando a cor dos campos encharcados. Esfregou os rins quando o

bebê lhe deu um pontapé. Quando estivera dentro da cabana com as crianças não dera pela dor. Pelo menos o seu próprio filho estava quente e seguro no aconchego da sua barriga e os três de Rosic tinham engolido a sopa que lhes dera e, provavelmente, sobreviveriam.

Semicerrou os olhos na direção do firmamento, demasiado acostumada aos bastiões de nuvens cinzentas que cobriam os céus para reparar na sua beleza. Um pouco de amarelo avançava do ocidente. A luz deveria durar o suficiente para ela chegar a casa. Se tal não acontecesse, já andara tantas vezes por aqueles caminhos nos últimos dias, que dificilmente se perderia. Enfiou debaixo do braço a tigela de madeira em que trouxera a sopa e começou a descer o caminho.

Era uma tarefa demorada, pois as poças tinham ficado maiores. Uma mudança na direção do vento cobriu-lhe os olhos com uma névoa fina e praguejou, mas durante as últimas semanas habituara-se à umidade. Um pouco mais do mesmo não lhe faria mal. Seria mais fácil caminhar, pensou enquanto escorregava na lama, se tivesse trazido um bastão. Mas à ida precisara de ambas as mãos para segurar a tigela. A dor nas costas estava a aumentar, o que a surpreendeu, pois geralmente diminuía com o exercício físico.

Boudica pestanejou e puxou a capa por cima da cabeça quando a chuva ficou mais forte. A lã gorda repeliria a maior parte da água e, mesmo úmida, continuava a ser quente. A água acumulou-se à volta dos seus tornozelos e tropeçou. Ali o caminho passava junto àquilo que em tempos normais era um pequeno ribeiro. Agora a água cobria o caminho. Talvez devesse ter ficado na cabana. Mas agora seria igualmente perigoso recuar ou avançar.

Uma nova onda fê-la desequilibrar-se, deu mais um passo, sentiu o chão fugir-lhe debaixo dos pés e caiu pesadamente no chão. Quando se levantou tinha as saias encharcadas e apercebeu-se gradualmente de que o líquido quente que lhe encharcava a saia de baixo não era água da chuva. Parou, estremecendo, quando a barriga se contraiu com uma dor súbita e aguda. Só estava grávida de sete meses... era demasiado cedo!

Boudica deu mais uns passos e parou novamente. A água que subia escondera todos os vestígios do caminho. Sem luz poderia ser facilmente arrastada pela corrente. Mas os terrenos mais elevados brilhavam suavemente na sua frente. Chafurdou nessa direção, parando quando sentia as dores e trepou de gatas até ao topo. Quando o coração se acalmou olhou à sua volta e percebeu onde estava.

Há muito tempo aqueles que tinham construído o forte tinham enterrado os seus chefes naquele local. Apesar do seu nome ter sido esquecido, o povo de Eponadunon trazia-lhe oferendas na Véspera de Samaine. Certamente que esse velho espírito não lhe regatearia aquele refugio até Prasutagos vir salvá-la. Os primeiros bebês levavam sempre algum tempo a nascer... todas as mulheres velhas que a tinham tentado assustar com histórias de partos difíceis ao longo da gravidez tinham concordado nesse ponto. Ainda tinha tempo...

Mas, à medida que as contrações foram ficando menos espaçadas, lembrou-se de que o rei fora para uma das quintas mais distantes nessa manhã. Como um tempo daqueles sem dúvida que passaria a noite onde estava e era mais do que provável que Nessa e os outros pensassem que ela faria o mesmo. Um gemido irrompeu por entre os seus dentes cerrados quando percebeu que ninguém viria à sua procura.

E as velhas tinham-se enganado quando ao tempo da gravidez e ao tempo que o parto duraria, pelo menos o bebê chegaria demasiado cedo. E ela estivera errada ao pensar que poderia andar sem companhia com um tempo daqueles. Estava tudo a correr mal! Pôs-se de gatas com as contrações a sacudirem-lhe o corpo, gritando de ultraje e dor.

Quando as dores lhe deram um momento de descanso cortou duas faixas da saia de baixo com o punhal e pô-las de lado. Quando sentiu que as dores estavam a ficar diferentes pôs a capa por baixo de si e acocorou-se, chorando, enquanto a barriga se contraía repetidamente. Apanhou a coisa vermelha que, finalmente, saiu a contorcer-se do seu corpo e conseguiu cortar e atar o cordão umbilical. Era um filho. Ao sentir o ar frio o bebê soltou um vagido fraco. Ofegando, Boudica conseguiu abrir o decote o suficiente para pôr o bebê entre os seus seios e atou o cinto logo por baixo, para o segurar. Pequeno como era cabia ali facilmente.

— Deita-te em cima do meu coração, pequenino, pois já estás dentro dele — gaguejou ao sentir o útero contrair-se mais uma vez expulsando os restos ensanguentados do parto.

Durante a última hora parara de chover. O ribeiro começava a baixar. Um vento frio empurrava as nuvens e uma lua aguada mostrava-lhe os contornos da terra. Tinha as coxas escorregadias de sangue. Demasiado sangue? Não sabia. Mas era mais importante do que nunca chegar a um abrigo. Levantou-se a cambalear, apertou a capa ao corpo e desceu o monte funerário aos tropeções.

Na sua base cresciam pequenas árvores; ao agarrar-se a uma delas para recuperar o equilíbrio, esta ficou-lhe na mão. Com a ajuda do pau conseguiu ir apalpando o terreno e atravessar o ribeiro. Dali até ao forte, só teria que andar uma milha através dos campos. Se não fosse a criança ela ter-se-ia deixado cair a meio do caminho e não teria feito um esforço para se levantar. Assim, após cada queda, levantava-se novamente e encontrava-se um pouco mais próxima de casa.

O portão, evidentemente, estava fechado. Teria o guarda procurado abrigo no interior? Seria uma grande ironia, comentou uma vizinha no seu interior, expirar junto ao seu próprio portão depois de ter andado tanto. Com as forças que lhe restavam, Boudica encheu os pulmões de ar como os druidas lhe tinham ensinado e soltou um grande grito para que a deixassem entrar. Seguiu-se uma confusão de vozes e de tochas e de calor mais do que abençoado.

— Levem-no... — murmurou quando a deitaram na sua cama. — Cuidem do meu filho... — Alguém exclamou qualquer coisa, mas ela não percebeu as palavras. Sentia apenas o calor e o conforto da escuridão.

*

Boudica ergueu a mão surpreendida pela dificuldade em movê-la. A sua memória era uma confusão de pesadelos e oblévio. Prasutagos estava ali, com as feições habitualmente calmas contorcidas pela angústia. Lembrava-se até do toque escaldante das suas lágrimas. Devia ter sido numa das ocasiões em que sentira frio.

Estive doente, pensou. Mas eu nunca estou doente. Que estranho...

— Ela está acordada! — disse alguém. Ouvia todos os sons familiares do forte: o queixume de uma vaca, alguém a assobiar, o cacarejar de galinhas junto à porta.

— Bebei isto minha senhora... — Um braço forte rodeou-lhe os ombros, erguendo-a. Obedientemente, engoliu o líquido que lhe encostavam aos lábios. Era leite quente com um sabor a casca de salgueiro. Lembrava-se vagamente de ter sentido antes aquele sabor.

Quando pensou em leite, os seus seios começaram a pulsar. A barriga flácida estava dorida; todos os seus membros doíam com a sensibilidade que sobrevém à febre. Abriu de repente os olhos ao aperceber-se do que não ouvira. Não ouvira o choro de um bebê.

Tentou falar, engoliu e tentou novamente. — Onde está o meu filho?

O silêncio que se seguiu foi demasiado comprido. O rosto da velha Nessa pairava sobre o seu, as faces cobertas de lágrimas.

— Ele era demasiado pequeno, minha querida e estava demasiado frio. Só viveu um dia.

— Que Brigantia seja abençoada por terdes sobrevivido — acrescentou uma das criadas alegremente. — Pensamos que vos iríamos perder também.

— Prasutagos? — perguntou numa voz fraca.

— Chamou Cunomaglos à criança em honra do seu irmão. O bebê jaz no cemitério com os seus parentes.

— Onde está o rei agora? — conseguiu perguntar.

O silêncio não foi tão prolongado. — Quando soubemos que sobreviveríeis, senhora, ele pegou em dois homens e foi ver quem mais precisava de ajuda.

Deixando-me num silêncio ainda maior do que o habitual, pensou Boudica. Mas isso já não interessava. Que poderiam dizer um ao outro agora?

*

— Minha senhora... para vós...

Lhiannon virou-se a tempo de ver uma pequena mão a estender-lhe um ramo de margaridas um tanto murchas. Quando espreitou pelo outro lado do poste para sorrir ao ofertante, a criança corou, deixou cair o ramo e fugiu.

— Porque será que nunca ficam e não me deixam agradecer-lhes? — Suspirou ela procurando uma vasilha onde pudesse pôr as flores.

— Deixai-me fazer isso! — Rianor tirou-lhe as flores da mão, retirou a oferenda do dia anterior de um copo de barro e pôs as margaridas no seu lugar. Apercebeu-se subitamente de que ele também não a olhava nos olhos.

Após o trabalho mágico que salvara Camadunon, ela despertara apenas para comer antes de cair novamente num sono sem sonhos. Quando ficou capaz de se aperceber novamente do que se passava à sua volta já tinham passado semanas. Mas desde então, as oferendas apareciam todas as manhãs e, se calhar, já apareciam

antes, tanto quanto lhe era dado saber. No dia anterior tinha sido um ramo de folhas cor de bronze e ocre. Enquanto ela jazia naquilo que os camponeses claramente consideravam ser um sono encantado, o Verão passara.

Ela própria diagnosticara as causas do seu colapso como o efeito acumulado da fome e do medo por que passara no Forte das Pedras. E do desgosto... Não sabia que o desgosto podia transformar-se numa doença que sugava a força do corpo e da alma. A dor da perda de Ardanos continuava presente, mas se tivesse cuidado conseguia passar meio dia sem chorar.

— Diz às crianças que lhes estou grata... — A medida que recuperava as forças dava por si a concentrar-se nos prazeres simples: o sabor do leite novo, as cores das folhas a mudar. — Se quiserem visitar-me serão bem-vindas.

— Elas respeitam-vos demasiado, senhora... — disse ele baixinho. — Para elas vós sois a senhora branca que se transformou numa nuvem para nos salvar dos Romanos e têm medo.

— Bem, deverias reconfortá-las — disse ela bruscamente. — Nós, os druidas, somos servos, não somos deuses!

— Claro Senhora Lhiannon... — respondeu ele corando e olhando-a nos olhos. Nos dele ela viu a mesma expressão de admiração com que tinham olhado para a alta sacerdotisa quando esta era possuída pelo poder da Deusa nos rituais.

Oh, meu Deus. Ela partira do princípio de que haveria rumores sobre as brumas mágicas que tinham salvo o forte, mas não se apercebera de que a sua longa convalescença permitira que estes ganhassem raízes tão profundas.

— Os camponeses das redondezas vieram ter comigo — disse ele então. — Querem construir-vos uma casa na encosta do forte, perto da Fonte de Cama. Ficariam honrados se fizésseis aí o vosso lar...

Como deusa local e espírito tutelar, pensou Lhiannon ironicamente, com Rianor como sacerdote chefe do meu culto!

Abanou a cabeça. Precisava de paz e não de ser adorada. Ficar ali seria absurdo. Mas só a ideia de regressar a Mona, onde seria recordada de Ardanos a cada volta do caminho, fazia com que o seu espírito recomeçasse a sangrar.

— Não posso ficar aqui — disse suavemente. — Enviamos aqueles que precisam de sarar para o Tor. Gostaria de passar o Inverno num retiro em Avalon e depois veremos...

— Precisamos de juntar provisões. A casa vai precisar de reparações. Mas não é muito longe. —A sua expressão alegrou-se. — Vou tratar de tudo senhora, em vosso nome.

*

Os dias passaram e Boudica recuperou as forças, apesar de os seus seios continuarem a verter leite e as lágrimas continuarem a cair. Teria o espírito do túmulo roubado a vida ao seu bebê? Ou teria sido simplesmente uma daquelas coisas que acontecem? Como toda a gente estava ansiosa por lhe recordar, em todas as famílias era maior o número de crianças que morriam do que o número das que sobreviviam e chegavam a ter os seus próprios filhos. Dizerem-lhe que era nova e que teria outros filhos doía-lhe ainda mais. Preferiria poder culpar alguém ou alguma coisa a aceitar que a perda do filho não tinha qualquer significado.

O marido ficava no forte que estava a construir perto da costa, como se, não tendo conseguido fazer um filho, nas defesas de terra residisse a sua imortalidade.

Talvez a criança tivesse sido levada em sacrifício, pensou sombriamente, pois à medida que a estação ia avançando parecia que os espíritos do céu tinham sido apaziguados. As nuvens passavam e o chão enlameado secou. Nuns quantos montes afortunados havia até um pouco de cereais. A disposição de Boudica, contudo, não melhorou e Nessa começou a sugerir que fizesse uma visita à fonte sagrada.

A sua primeira reação foi de repulsa. Regressar no seu atual estado ao local onde o seu casamento se iniciara verdadeiramente, ao local onde sentira tanta esperança e conhecera tanta paz, parecia-lhe um sacrilégio. Mas quando pensou no assunto começou a aperceber-se de que a senhora da fonte sagrada a tinha enganado ao prometer-lhe tanto e ao falhar no cumprimento da promessa. Devia ir, pensou sombriamente. Tinha umas quantas coisas a dizer ao espírito da fonte.

Partiram do forte para sul num dia ensolarado com os primeiros sinais de Outono no ar. Boudica não fez qualquer esforço para desencorajar a vinda de acompanhantes. Naquela época as outras pessoas pareciam-lhe fantasmas ou sombras. Se desejassem segui-la ela não conseguia arranjar energia para as dissuadir.

Meio dia de viagem levou-os ao santuário. O local estava repleto de peregrinos, alguns dos quais foram despejados sem cerimônia dos seus abrigos quando chegou a comitiva da rainha dos Icenos do Norte. A Boudica pouco lhe interessava onde dormia, desde que não fosse no abrigo que tinha partilhado com Prasutagos. Enquanto os outros arranjavam as camas ela foi dar um passeio por entre as árvores. Comeu a comida que cozinharam para ela mas foi só na manhã seguinte que foi à fonte.

A manhã era um tempo de esperança, pensou quando o caminho descreveu uma curva e ela atravessou o caminho de pedras que atravessava o terreno pantanoso por baixo da fonte. Mas aos seus olhos a luz do Sol parecia fraca e o rumor das águas ridículo. Pedacos de tecido, alguns deles velhos, outros novos, ainda flutuavam presos nos ramos da aveleira. Esticou o braço e desatou a fita que ali deixara quase um ano antes.

A brisa fresca da água não mudara e a própria água continuava a surgir vinda de profundezas desconhecidas, doce e limpa.

— Preferia ter vindo aqui agradecer-te um parto bem sucedido — disse calmamente. — Se é que há alguma coisa aqui a quem agradecer... — a sua voz falhou. — Se é que te importas que te

deem uma fita ou que ta tirem, que te deem graças ou que cusпам para a tua lagoa!

Mas nem mesmo na sua fúria Boudica conseguia ir tão longe. Aquilo poderia não ser mais do que água, mas não era menos do que isso, um elemento que devia ser respeitado, até mesmo agora, quando a tinham em tanta abundância. Os druidas teriam tomado aquilo como uma deixa para um sermão místico. Mas naquele momento a sabedoria dos druidas parecia-lhe também destituída de qualquer valor. Tudo o que tinham conseguido com a sua magia tinha sido trazer os Romanos mais rapidamente para as praias da Britânia. Na verdade, naquele momento, não conseguia pensar em nada em que acreditasse. Como se juntamente com a esperança tivesse também perdido a capacidade locomotora, deixou-se cair sobre um pedaço de tronco que servia de banco ali perto.

— Odiar-te-ia se tivesse energia para isso — disse à lagoa. — Dizem que as tuas águas são tão generosas como os seios da Mãe. Os *meus* seios estão secos. Dizem que a tua lagoa é o ventre da vida. O *meu* ventre está vazio! — Dizia-se também que as lágrimas da Deusa enchiam a fonte. Quando se debruçou sobre as águas escuras as suas próprias lágrimas caíram na lagoa.

Quando Boudica ali estivera antes pensara que a Senhora da Fonte lhe falara. Agora teria resistido a qualquer ideia semelhante. Mas não conseguia resistir à única coisa que as águas lhe ofereciam... um local onde, finalmente, ficar quieta. Aquilo não era nem conforto, nem perdão, nem paz, mas sim um local que ficava para lá de tudo isso. O Sol movia-se inexoravelmente para ocidente; a água acumulava-se continuamente e depois descia pela colina abaixo; juncos e erva e árvores continuavam a crescer. Ela vivia.

Durante algum tempo ficou ali sentada sem pensar, mas acabou por se aperceber de um som que não pertencia à harmonia daqueles bosques: um gemido intermitente que saía de um feixe de juncos. Com o primeiro assomo de curiosidade que sentira desde a morte do bebê, levantou-se para ir ver o que era. Um pedaço de linho sujo mexia-se meio enfiado na água. Puxou o pano e viu aquilo que parecia um rato afogado, se é que alguma vez existira um rato branco com orelhas vermelhas e patas absurdamente grandes.

Um cachorro... alguém tentara afogar um cachorro na fonte sagrada. Ora aquilo era definitivamente uma blasfêmia! Sentiu as entranhas apertadas quando a criaturinha se debateu nas suas mãos. Apetecia-lhe vomitar e matar quem quer que tivesse sido o autor de tal ato. Mas já estava a arrancar o pano encharcado e a esfregar o pelo molhado com o xale. Aninhou a criatura que tremia contra o peito e a cabecinha virou-se e uma língua muito cor-de-rosa lambeu-lhe a mão.

Boudica embrulhou o cachorrinho no xale e começou a descer o caminho. Depois deteve-se, apanhou a fita do chão e voltou a prendê-la no ramo da aveleira.

Quando regressou ao abrigo o alívio estampado nas caras dos criados fê-la perguntar-se durante quanto tempo teria estado ausente. Se algum deles sentiu curiosidade em saber o que ela trazia tão cuidadosamente embrulhado no xale, nenhum se atreveu a perguntar.

— Desejais ficar aqui esta noite, minha senhora? — Perguntou Calgac. — Se partíssemos imediatamente, conseguiríamos chegar ao forte antes de cair a escuridão...

Ela ficou a olhar para ele. Regressar a Eponadunon onde cada coisa a recordaria do que perdera? Não conseguia fazê-lo. Queria espaço e luz e uma cama onde nunca se tivesse deitado no abrigo enganador dos braços do marido. Havia uma quinta a ocidente dali que visitara uma vez com Prasutagos, quando ele a andava a

apresentar ao seu povo e à sua terra. Segundo o acordo nupcial, a quinta pertencia-lhe.

— Não farei nada disso... — disse ela lentamente. — Prepararemos uma carroça e iremos pela estrada que leva a Ramshill. Regressem a Eponadunon... — disse para os guerreiros. — Podem dizer ao meu marido para onde fui e que ele já pode regressar ao seu forte. Não estarei lá para o censurar... — *ou para ser censurada...*

Não esperava encontrar a felicidade, mas talvez o tempo trouxesse melhoras. Mas primeiro, pensou com o cachorro aninhado contra o peito, teria que encontrar leite para dar ao cãozinho.

TREZE

A neve espirrou para todos os lados quando o cachorro chegou à margem, a sua forma pálida desaparecendo e depois saltando livremente como se fosse um espírito invernal que se manifestasse em forma canina. Deslizou uns metros e depois deu outro salto, deixando uma série de marcas pela colina abaixo.

— Como ele gosta da neve! — disse Temella. Com um xale enrolado à cabeça só eram visíveis os grandes olhos cinzentos e a ponta do nariz vermelho da rapariga.

— O Bogle gosta de tudo — respondeu Boudica divertida. Quando se tinham instalado na quinta de Ramshill no Outono anterior, sacos e cestos e tudo o que ficasse ao alcance dos seus

dentinhos se transformava num brinquedo. Quando o cachorro começou a crescer e a corresponder às expectativas criadas pelas suas patas enormes, tinha encontrado um divertimento imenso nas folhas outonais caídas por terra. Pela cor deduziam que um dos pais era um cão de caça, mas o outro devia ser um bicho muito maior. E agora que já lhe dava pelos joelhos e continuava a crescer, descobrira a neve.

A égua ruiva bateu os cascos e relinchou quando o cachorro escorregou por baixo das suas patas, ladrou e partiu de novo. Mas por aquela altura já a Roud estava acostumada com as suas traquinices, pois a cavalo ou a pé, para onde quer que Boudica fosse, o cão estava sempre à distância de um assobio. Temella era uma companhia quase tão constante como a do cão. A criança era a mais velha dos três meninos a quem Boudica levava sopa no dia em que tivera o bebê. Aparecera em Ramshill cerca de um mês depois de Boudica se ter mudado para ali e lá ficara como criada, mensageira e sombra.

Boudica inspirou o ar fresco. Era de esperar alguma neve naquela estação, mas uma tempestade daquele tamanho, que mantivera toda a gente dentro de casa durante os últimos três dias, era pouco habitual. Os campos e as pastagens tinham sido transformados pela queda de neve, todas as irregularidades suavizadas por um manto branco e limpo. Até mesmo os ramos despidos da árvore que dava sombra à lareira ritual estavam cobertos de branco e o caminho antigo, que levava até à costa, não passava de uma depressão na neve. Por baixo do manto branco

muita coisa dormia, desde o corpo do seu filho às sementes dos cereais do ano seguinte.

Nos meses passados desde a sua chegada a Ramshill, houvera ocasiões em que lhe apetecera deitar-se debaixo de uma coberta assim obliterante, sem pensar nem se mover, até todos os sentimentos desaparecerem. Até mesmo as raras visitas do marido não tinham perturbado a sua letargia. Era Bogle que, ao enfiar a cabeça peluda debaixo da sua mão para que lhe fizesse festas ou ao deixar cair qualquer objeto lambuzado no seu colo para que lho atirasse, a tinha mantido em contacto com o mundo dos vivos. Ocasionalmente até se ria.

Às vezes observava-o, sorrindo, enquanto ele passava a correr pelos carvalhos desfolhados estrada abaixo, ladrando furiosamente.

— Vem aí alguém — disse Temella quando o cão voltou para o pé delas aos saltos.

— Bogle! Quietos! — Boudica refreou o cavalo e assobiou e o cão abrandou, com um rosar baixo na garganta, a cauda peluda a abanar suavemente. Estava desconfiado mas não alarmado embora, pensou ela, com a sua idade, como poderia distinguir o perigoso daquilo que era meramente desconhecido? Ainda assim era pouco provável que qualquer inimigo andasse lá por fora com aquele tempo, especialmente agora que estavam a salvo debaixo da mão protetora de Roma.

Mal acabara de formular aqueles pensamentos quando surgiram os desconhecidos, Romanos, a julgar pelo equipamento, movimentando-se ordenadamente por entre as árvores. Quando eles se aproximaram reconheceu Polião e a sua escolta, todos montados em cavalos nativos cujos mantos peludos repeliam a neve.

— Que belo encontro, minha senhora! — chamou ele, a respiração formando nuvens brancas no ar gelado. — Mas não esperava ver-vos tão cedo! Ia a caminho do barco — tenho uma missão a desempenhar nas terras dos Brigantes — e lamentei não poder interromper a minha viagem em Eponadunon. Estais com o vosso marido a visitar a região? — Deteve-se ao lado de Boudica.

— O rei está em Eponadunon — disse ela em voz neutra.

— Eu vivo aqui em Ramshill.

Os seus olhos escuros ficaram mais atentos. — Verdade? Então a fortuna acompanha-me.

Ela ergueu uma sobrancelha, pensando o que poderia ele preferir dizer-lhe a ela em vez de dizer ao rei. — Temella, vai até à quinta e diz-lhes que temos convidados. —A rapariga assentiu e pôs o cavalo a trote. Bogle correu atrás dela, fez um círculo em torno do cavalo e depois veio a escorregar novamente para o pé de Boudica.

— Acompanhais-me até um pouco mais acima na estrada? — perguntou ele chegando a montada para mais perto da dela. — Os nossos cavalos não devem ficar parados com este frio.

Era verdade. Soltou as rédeas e deixou que Roud se pusesse ao lado do seu cavalo cinzento.

— O Inverno fica-vos bem, senhora.

— Também não me pareceis sofrer... — observou ela. O frio pusera-lhe uma cor pouco habitual nas faces encovadas e um brilho nos olhos, se bem que já tivesse reparado que até mesmo os Romanos deixavam a barba crescer quando estava assim frio.

— Suponho que isto deva ser muito diferente da vossa casa.

— Não tanto como podeis pensar... Nasci na Dácia e os Invernos lá são por vezes muito rigorosos.

— Isso explica porque andais a viajar com um tempo destes. Pensei que vocês, os Romanos, passavam os Invernos britânicos a atirar lenha para as fornalhas dos vossos hipocaustos e a amaldiçoar o frio.

Daquela vez ele deu uma gargalhada, um som surpreendentemente agradável. — Sem dúvida que é o que estão a fazer em Camulodunum, mas até o vosso cão sabe que nos podemos divertir no Inverno...

O olhar dela seguiu Bogle que espantara uma lebre nos bosques e a perseguia pela neve, ladrando extasiado, se bem que não fosse claro se estava a tentar caçar ou brincar.

— A minha mãe era uma nobre da Dácia — os olhos de Polião pousaram no rosto dela e depois desviaram-se. — O meu pai casou com ela quando lá estava destacado. E assim que as novas províncias se tornam parte do império.

Eu já tenho marido... porque estará ele dizer-me isto? Mas fora ela que lhe dissera que vivia separada de Prasutagos. Ouvira dizer que o divórcio era uma coisa simples entre os Romanos. Talvez ele não considerasse o fato de ela ser casada como um impedimento. Olhou-o de relance, vendo-o pela primeira vez como um homem nada mal parecido e que, era evidente, apreciava a sua companhia. Como se tivesse sentido o olhar dela ele virou-se novamente e ela desviou os olhos.

Quando atravessavam o bosque, os cavalos, pressentindo a intenção dos cavaleiros, abrandaram. Polião esticou o braço e pegou-lhe na mão.

— Boudica, sois como uma chama que arde no meio da neve. Pensei isso mesmo da primeira vez que vos vi, brilhando como uma tocha nas imperiais sombras purpúreas, mas éreis ainda uma criança. Sois agora uma mulher e sois magnífica!

Desde esse dia ela já tivera e já perdera um filho. Se era isso o que fazia dela uma mulher, perguntava-se como iria a raça sobreviver. E como poderia ser uma chama quando se sentia gelada por dentro?

Ou não estaria? Polião descalçara a luva e enfiava agora os dedos pela mitene de lã que lhe cobria a mão. O toque foi surpreendentemente íntimo. Sentiu um calor súbito, como se ele lhe tivesse enfiado a mão por baixo do vestido.

— Sois uma princesa do vosso povo tal como eu sou um senhor no meu. Juntos poderíamos fazer muito por esta terra...

Os cavalos tinham parado. Ela tremeu quando ele começou a traçar pequenos círculos na sua sensível palma da mão.

— Sonhei convosco, minha senhora — disse ele baixinho. — Doce e madura como as maçãs que crescem nas terras do sul. Sonho provar essa doçura, tal como sonho aquecer-me no vosso fogo. Abençoada Boudica, a mais bela das mulheres, dai-me as boas-vindas à vossa lareira...

Bogle estava a ladrar, mas o som parecia vir de muito longe. Polião inclinou-se para a frente, o seu outro braço estendido para a puxar para si. Os lábios dela abriram-se esperando o seu beijo.

E o cão, soltando latidos alegres, enfiou-se debaixo das barrigas dos cavalos. A montada de Polião empinou-se, escoiceando e a égua vermelha recuou.

Boudica agarrou-se às crinas e equilibrou-se. O Romano estava meio tombado sobre o cavalo, praguejando enquanto tentava segurar as rédeas. Bogle, aparentemente na crença de que encontrara finalmente um companheiro de brincadeiras, corria para trás e para a frente, evitando os cascos e depois afastou-se novamente a correr, ladrando num tom que significava: *Vem aí gente, venham ver, venham ver!*

Ela endireitou-se, semicerrando os olhos devido ao brilho da neve, quando um grupo de cavaleiros se aproximou da direção oposta. Eram liderados por um homem grande sobre um cavalo também grande. Com um sentido que ia para além da visão, Boudica reconheceu-o. Endireitou-se, tentando fazer com que o coração abrandasse.

Quando Prasutagos chegou perto deles já Polião conseguira controlar também a sua montada. Acenou com a cabeça numa cortesia fatigada. — Saudações, meu senhor.

Boudica olhava-os com uma mistura de divertimento e de consternação. Durante quanto tempo teriam estado sob o olhar de Prasutagos antes de o Bogle ter reparado nele e ter começado a ladrar? E o que é que, à distância, ele poderia ter visto?

O que havia na realidade para ver? Eu teria mesmo deixado que o Romano me beijasse? Não sentia nada por Prasutagos, mas ao seu lado o Romano parecia... pequeno.

— Está um dia frio para montar — comentou o rei. — E raro termos uma tempestade assim. — Virou-se para Boudica. — Estive na quinta de Coric, perto do porto. O telhado de uma das casas caiu devido ao peso da neve. Pensei que era melhor vir aqui para saber se precisavam de ajuda.

Era uma pergunta razoável. Ramshill estava em muito mau estado quando ela lá chegara. E sabia que nos últimos seis meses Prasutagos passara a maior parte do tempo a viajar de uma quinta para outra. Para reforçar os laços entre o rei e o seu povo, diziam, mas era possível que também achasse insuportável viver em Eponadunon. Certamente que fora por acaso que estava naquela parte das suas terras quando a tempestade rebentara, mas se era uma coincidência feliz ou infeliz ela não o sabia.

— Parece estar tudo em segurança — respondeu ela numa voz neutra.

— Isso são boas notícias — disse Prasutagos. Virou-se para o Romano. — Para alojar os vossos homens e os meus iremos precisar da segunda cabana e é melhor abrigar também os cavalos.

— Oh, não há necessidade de os vossos guerreiros ficarem apertados... — Os lábios de Polião abriram-se num sorriso igualmente educado. — Se nos apressarmos, chegaremos ao barco

ao cair da noite. Tenho mensagens para o rei Brigante que não podem esperar e tenho de aproveitar a calmaria para fazer a travessia, antes que volte o mau tempo.

Antes de Prasutagos chegar, pensou Boudica, ele parecera bastante disposto a passar a noite com ela.

— Talvez sejais sensato — disse o rei pensativamente. — Chegou um navio mesmo antes da tempestade, por isso não tereis que esperar muito tempo. Saudai Venutius e Cartimandua da minha parte.

— Lamento não termos o prazer da vossa companhia. — Boudica deixou que o Romano entendesse as palavras como lhe aprouvesse. — Mas compreendo o chamamento do dever. — *Incluindo, pensou fatigadamente, o do meu próprio dever?*

Prasutagos visitara-a de tempos a tempos quando estava nas redondezas, demorando-se o suficiente para tomar uma refeição mas partindo novamente antes do cair da noite, olhando por ela

como fazia com as suas outras propriedades, pensou ela com amargura. Das primeiras vezes que ele ali viera ela mal dera pela sua presença, mas ultimamente achara aquele distanciamento um tanto enervante.

Bogle sentou-se na neve com a língua de fora, enquanto Polião chamava os seus homens e o pequeno grupo partia estrada fora no meio da neve.

— Deviam agradecer-nos por lhes termos aberto o caminho — observou Bituitos, o mais velho dos dois guerreiros que eram a principal guarda do rei. Era tão grande como Prasutagos, mas dez anos mais novo e era uma espécie de primo, partilhando o tamanho, a força e a cor dos membros da família.

— Mas é melhor que se apressem — acrescentou Eoc, igualmente alto mas com o cabelo castanho e os olhos cinzentos da raça mais antiga. Estivera-lhe destinada uma vida de camponês até alguém ter reparado o quão mortalmente rápido era a manejar uma espada. — Se o Romano não sabe ler os sinais do tempo, eu sei e as nuvens que se estão a acumular para leste trarão mais neve antes da madrugada!

Era verdade que o vento estava a soprar mais forte, com um frio úmido que se infiltrava mais fundo do que o frio cortante da manhã.

— Talvez devêssemos pôr-nos a caminho — sugeriu ela. — Quando encontramos os Romanos, mandei a Temella avisar lá em casa que teríamos convidados. Ainda bem que chegastes... teria sido uma pena estragar a comida.

*

Bituitos tivera razão no que respeitava ao tempo. Ao pôr do Sol já o vento soprava os primeiros flocos de neve nas encostas dos montes. A estrutura de barrotes e juncos entrelaçados que suportava o colmo do telhado envergava-se e gemia a cada rajada e a alteração da pressão fazia com que o fumo se acumulasse no ponto mais alto. Ninguém sugeriu que o rei e os seus homens partissem no meio daquela tempestade, se é que Prasutagos tivera sequer essa intenção. Ela estava consciente da presença dele de uma forma que antes não estivera e não sabia se fora ele quem mudara ou se fora ela. Ele parecia-lhe mais magro, pensou, reduzido, pelas cavalgadas duras, a músculos resistentes e ao osso. O fogo brilhava nos seus bigodes e acentuava-lhe os malares e o queixo fortes.

Havia duas cabanas na quinta, bem como outras casas que serviam de estábulos e de arrecadações. Quando acabaram de comer o resto da carne de carneiro, a maior parte dos homens do rei foi enviada para a segunda casa juntamente com os homens que trabalhavam na quinta. Desatar a pele que cobria a porta durante o tempo suficiente para que saíssem deixou entrar um vento gelado que deixou Boudica a tremer de frio. As peles e mantas de lã espessa penduradas no interior das paredes das casas evitavam algumas correntes de ar, mas a mesma permeabilidade que deixava que o fumo saísse pelo colmo também deixava entrar algum ar.

Temella foi buscar mais peles e cobertores e Bituitos e Eoc enrolaram-se nelas junto ao fogo onde Bogle já estava deitado a rressonar, com a cabeça pesada pousada num osso. Habitualmente, numa noite fria como aquela, Temella e Boudica partilhavam uma cama, mas a rapariga estava a fazer a sua numa divisão que pertencia à velha Nessa. Aquilo parecia responder à questão do local onde Prasutagos iria dormir. Boudica sentia o seu olhar segui-la quando foi cobrir o fogo.

— Senhora do fogo sagrado, guardai esta chama até de manhã. Brigantia, abençoada, que sejas o fogo na lareira tal como sois o fogo no coração. Contra todos os males que caminham na noite, sede o nosso escudo e a nossa proteção. — Desenhou o sol-cruz da Senhora nas cinzas e levantou-se sacudindo as mãos.

Quando fez menção de se virar o rei levantou-se e pôs-se a seu lado. Ela controlou um estremecimento... esquecera-se de como ele era alto. Passaram juntos através das cortinas de lã que Boudica tecera no castanho-avermelhado e no amarelo do seu próprio clã e que pendurara nos pilares para demarcar o local onde dormia. Rapidamente ela tirou o xale e despiu a túnica, tirou os sapatos e deitou-se com a camisa e a túnica interior, enrolando-se para se defender do frio e para se afastar do homem que ouvia a despilar a roupa. A palha por baixo das peles de carneiro e dos panos de linho restolhou quando Prasutagos entrou na cama a seu lado. Ela não

disse nada, mas certamente que as costas viradas tornavam claros os seus desejos.

Boudica esquecera que, para algumas coisas, ele não precisava de palavras.

Estivera preparada para resistir à sua corte, mas desta vez não houve os murmúrios doces de quando lhe tirara a virgindade, apenas o som da sua respiração na orelha dela. Contraindo-se quando ele lhe puxou a camisa e a túnica e as enrolou à volta do corpo, aquelas mãos fortes, calejadas pela espada e pelas rédeas, apoderando-se de tudo o que estava por baixo da roupa. Com uma fúria silenciosa ela tentou libertar-se, mas as pernas que conseguiam prender o dorso de um cavalo imobilizavam-na, um braço musculoso prendia-lhe os seus braços enquanto a outra mão reaprendia a forma dos seus seios.

— És a minha mulher... —As palavras escaparam-se-lhe por entre os dentes cerrados com a mesma força que lhe dava energia para quebrar as barreiras que o mantinham em silêncio. Ela sentia cada estremecimento que lhe percorria o corpo, tão comprimido contra o seu. — Poderás viver sem um homem... mas não te deitarás com nenhum... homem... sem... ser... eu!

Aquilo respondia à questão de saber se vira Polião tentar beijá-la.

Ela ainda estava a pensar numa resposta quando, num movimento ágil, ele a tomou e, tal como acontecera antes, quando o seu corpo estava preso, a sua fúria explodia para dentro, expulsando a parte de si que pensava. O Romano chamara-lhe chama e ela estava a incendiar-se.

Eu sou o forno que coze o pão... disse uma voz no seu interior. Sou o forno que coze a chávena... Sou a forja que molda a lâmina. Arde!

Quando Boudica acordou na manhã seguinte, a neve parará e Prasutagos partirá. Poderia pensar que a sua visita fora um sonho, mas na Viragem da Primavera soube que estava novamente grávida.

A Primavera chegou ao Tor trazendo um tesouro dourado de flores e anunciada pelo cantar dos pássaros que regressavam. A Lhiannon parecia que os dias maiores se transformavam numa única e longa manhã que a libertava das sombras que a tinham envolvido desde a queda do Forte das Pedras. Os ciclos longos e lentos do Inverno tinham estado de acordo com o estado de espírito de Lhiannon, mas com a chegada da Primavera a vida tornava-se frenética e, ao sentir aquela energia a queimar-lhe as suas próprias veias, percebeu que, tanto quanto lhe era possível, estava curada.

Sabia que em breve teria que deixar o Tor, mas enquanto o mundo pairava em torno da chegada da Primavera, deu por si tão indecisa como a própria estação. Um ano antes por aquela altura, ela e Ardanos tinham estado a preparar-se para defender o Forte das Pedras. Agora nesse local erguia-se um forte romano e a maior parte do sul e do ocidente estavam em mãos romanas. O Governador Pláucio dirigia-se para ocidente atravessando as regiões centrais, Caratac refugiara-se, em algum lugar, nas montanhas mais distantes. Mesmo que Lhiannon estivesse disposta a enfrentar mais batalhas, não havia nada que pudesse fazer.

No primeiro dia depois do Equinócio, a energia acumulada levou-a até ao Tor. Daquela vez não caminhou em espiral, mas isso não tinha importância. A sua consciência do Outro Mundo acompanhava-a agora em permanência. O vento agitou a erva nova. Lá em baixo, as lagoas dos pântanos, ainda cheias com as chuvas da

Primavera, estendiam-se pelas planícies num mosaico de cambiantes azuis e prateados. Mas o sol primaveril aquecia-lhe os ombros e quando chegou ao topo deitou-se a descansar.

Lhiannon nunca teve a certeza se aquilo que lhe aconteceu a seguir foi um sonho ou uma visão, mas pareceu-lhe que estava num local de campos abertos e vastos céus onde o ar trazia o aroma do mar. Boudica estava com ela, mais bela do que nunca, mas com os seios mais cheios e o rosto mais magro, revelando os belos contornos dos maldres e da testa. Nos seus olhos Lhiannon via um desgosto igual ao seu,

— *Lhiannon...* — ouviu o grito através da distância. — *Lhiannon, estou com medo. Preciso de ti... vem ter comigo!*

*

Boudica ajoelhou junto ao poço das oferendas, tateando as ondas que ornamentavam a taça que tinha nas mãos. Era uma bela peça de cerâmica de cor creme, ao estilo gaulês, que o seu povo trouxera do outro lado do mar, uma das peças do conjunto incluído no tesouro do casamento que lhe fora enviado de Eponadunon quando fixara residência em Ramshill. A taça estava cheia de flores primaveris, apanhadas quando atravessara o bosque que rodeava uma parte do caminho para o Santuário do Cavalo no sopé da colina. Do outro lado do santuário os campos eram abertos, descendo até ao caminho que bordejava o ribeiro. No centro da cerca o crânio do mais recente sacrifício equídeo contemplava-a do poste.

— Oh antigos que aqui estivestes antes de mim — murmurou.
— O vosso pó é parte da terra cujos frutos me alimentam e ao meu filho. Concedei-nos a vossa bênção. Os fantasmas desta terra já me levaram um filho, certamente que não precisam de outro! Por favor aceitai esta oferenda!

Quando se debruçou para esvaziar a taça, desequilibrou-se e a cerâmica lisa escorregou-lhe das mãos, caiu sobre uma pedra e partiu-se. Ela caiu de gatas ficando a olhar para a água que se escapava e se embebia no solo. Veio-lhe à memória a imagem dos reis a partirem as espadas e a dobrarem os escudos antes de os oferecerem à Lagoa Negra. Seria um sinal de que os antepassados tinham aceite a oferta ou um presságio de que o seu ventre era inútil como uma taça quebrada?

Não era druida para o poder interpretar! Recusara tornar-se sacerdotisa e abandonar os seus deveres de esposa e rainha... seria alguma vez mãe? Agarrou-se à barriga, a chorar.

— Boudica? Quem te magoou, filha? O que se passa?

Por instantes pensou que a voz fosse uma ilusão provinda da sua memória. Depois ouviu um cavalo relinchar e o ranger dos arreios. Virou-se, ficando com a visão turvada pela imagem de uma mulher de azul e cabelos dourados. Lentamente pôs-se de pé.

— Lhiannon? És real? Eu desejei tanto que aqui estivesses! Estás mesmo aqui? — Quando a sacerdotisa deslizou de cima do cavalo, Boudica correu para diante, abraçando-a numa confusão de riso e lágrimas.

— Não perdeste nenhuma da tua força, lá isso não... — disse Lhiannon quando Boudica finalmente a largou. — E estás a florescer. Mas que estás a fazer aqui? Disseram-me que o forte de Prasutagos fica ainda a dias de viagem. Só vim por este caminho para ver se arranjava uma refeição na quinta.

— Tenho a certeza de que o Paios e a Chandra te receberiam muito bem, mas não há necessidade de os incomodar porque a minha casa fica no topo da colina! — exclamou Boudica. — Na quinta estão muito atarefados com os preparativos para o Beltane, mas podemos antecipar a matança de um dos borregos para um banquete de boas-vindas! Segue-me!

Talvez enquanto caminhavam conseguisse encontrar as palavras adequadas para contar a Lhiannon tudo o que lhe acontecera desde que se tinham separado, em Camadunon. Os deuses sabiam que

ensaiara a história inúmeras vezes em noites de insônia quando desejava que a outra mulher viesse para junto de si.

— Acredito em ti — disse Lhiannon. — Quando a necessidade é grande, esse tipo de grito tem muito poder. Eu ouvi o teu chamamento do outro lado da Britânia...

Calou-se para puxar a rédea do cavalo quando este tentou desviar-se para um campo com erva nova e particularmente succulenta. Nos pastos de ambos os lados do caminho as ovelhas estavam a aproveitar toda aquela abundância rodeadas por borregos titubeantes. Pareceu-lhe que a fertilidade da terra e dos seus animais era um bom presságio para a gravidez de Boudica.

Agora compreendia a radiância trágica da jovem mulher, mas ainda não decidira o que ela deveria fazer. Em grande parte, pensou, isso dependia de o rei ser um homem violento ou de ter simplesmente lidado mal com a sua jovem potra.

— Estavas em Avalon? — exclamou Boudica. — Santa Deusa, há quanto tempo andas na estrada?

Lhiannon franziu o sobrolho. — Parti pouco depois do Equinócio, quando a Lua estava cheia e ela já está novamente cheia. Foi uma viagem difícil até ter apanhado o caminho antigo, perto de Carn Ava, mas depois andei bem, salvo quando um destacamento romano se atravessou no meu caminho.

— Correste perigo?

— A nossa gente ainda não está acobardada ao ponto de deixar de honrar a minha Ordem e havia sempre alguma casa onde arranjar abrigo em troca de uma bênção ou de um feitiço.

Na verdade a viagem recordara-a da razão por que era sacerdotisa. Tal como dissera a Rianor, os druidas mereciam as honras que as pessoas lhes davam porque as serviam. E era evidente que ela era desesperadamente necessária ali.

O caminho por onde Boudica as levava passava através de um bosque e ao lado de um campo. O sol mergulhava a ocidente e os seus raios oblíquos pintavam de luz cada folha e lâmina de erva. Aquele era um local pacífico, adequado para procurar a cura. A cura de ambas, ocorreu-lhe então.

Quando chegaram ao topo da colina a paz foi perturbada pelo som de latidos. Agarrou-se às rédeas do cavalo quando uma criatura do tamanho de um pequeno bezerro saiu pelo portão da cerca de juncos que rodeava a quinta e veio, aos saltos, na sua direção.

— Bogle! Para baixo! — Boudica apanhou o animal no ar e prendeu-o ao solo quando este tentava alcançar a sacerdotisa.

— O que, em nome de An-Dubnion, é *isso*?

— E o meu cachorrinho... — Por um instante o sorriso de Boudica lembrou-lhe a rapariga que conhecera em tempos. — Para baixo, Bogle, tem maneiras! E uma amiga!

Deve ser um cão, pensou Lhiannon quando o animal lhe lambeu a mão, apesar de ser de uma raça que nunca vira. Ondas de pelo crespo de cor creme cobriam a forma esguia de pernas compridas com uma cauda felpuda que abanava perigosamente. Mas a cabeça pousada sobre os ombros poderosos era larga, com um nariz vermelho e as orelhas caídas, uma branca e a outra avermelhada.

— Impressionante — disse Lhiannon em voz neutra quando o cão lhe deu uma última lambidela e partiu aos saltos a anunciar a sua chegada.

— Acho que a deusa mo enviou para me salvar o juízo — respondeu Boudica.

QUATORZE

Lhiannon vigiou Boudica cuidadosamente enquanto o mês de Beltane terminava e o ano amadurecia com a chegada de Junho. Foi um alívio quando o tempo se manteve seco: mesmo sem chuva, aquele mês tinha recordações dolorosas para ambas. E não apenas para elas, apercebeu-se certa manhã quando os latidos de Bogle anunciaram a chegada do Rei Prasutagos e dos seus homens.

Ele só ali viera por duas vezes desde a visita em Janeiro, visita essa em que, segundo Boudica lhe contara, ficara apenas o tempo suficiente para dar de beber aos cavalos e certificar-se de que a mulher estava bem. Certamente que isso não era para admirar se o encontro fora tão... intenso... como Boudica lhe dissera. Mas Lhiannon sabia muito bem que a sua relação com Ardanos dificilmente lhe servia de preparação para avaliar um casamento. Ficou muito satisfeita com a oportunidade de ver por si própria com que tipo de homem o clã de Boudica a tinha casado.

— Minha senhora, saúdo-vos... — disse Prasutagos quando Lhiannon saiu da cabana para o cumprimentar. Por instantes o olhar dele demorou-se na porta, mas como esta permanecesse vazia, virou-se para ela com um sorriso. Não parecia surpreendido por a ver, mas também a notícia da sua chegada devia ter-se espalhado rapidamente pelos campos. — Ficamos satisfeitos por vos oferecer refúgio aqui.

Era evidente, pensou Lhiannon, que ele não se apercebera ainda da *razão* da vinda da sacerdotisa. Percebeu pelo aumento da tensão nos seus ombros que Boudica aparecera, trazendo em sinal de boas-vindas um corno com cerveja. Envergava uma túnica de linho presa nos ombros e atara um cinto com força por baixo dos seios e o volume da sua barriga era evidente. Por instantes o rosto de Prasutagos ficou completamente inexpressivo. Lhiannon esperou pelo que se seguiria: alegria ou ira? Em vez disso o que viu foi medo.

— Que as bênçãos dos deuses estejam convosco, meu marido. ..
— disse Boudica em voz neutra.

Prasutagos assentiu e aceitou o corno. Mas bebeu e devolveu-lho sem dizer palavra.

O silêncio do rei foi disfarçado pelo barulho feito pelos outros homens que cuidavam dos cavalos e depois se sentaram para comer a refeição que as mulheres lhes trouxeram, pois num tão belo dia de Junho seria um crime acotovelarem-se dentro de casa. Tinham posto troncos a servir de assentos à volta da fogueira onde um caldeirão estava pendurado sobre as chamas baixas. Prasutagos sentou-se num banco esculpido, que fora um presente de casamento, com Boudica na sua frente do outro lado do fogo. Lhiannon ficou satisfeita por estar ao ar livre, onde havia luz suficiente para os poder observar a ambos, pois continuava a não ter a certeza do que se estava a passar.

O que quer que fosse, os últimos meses também tinham sido difíceis para ele. O príncipe que conhecera em Mona fora calado mas suficientemente loquaz quando as palavras eram necessárias. O rei que vira em Camulodunum era tão contido que se tivesse enviado uma estátua sua em pedra o resultado teria sido parecido. Lhiannon não ficou surpreendida por Boudica ter reagido mal. Sempre fora uma rapariga direta. Mas o que a sacerdotisa via nele agora era algo de mais profundo. Aquilo não era apenas reserva, era constrição, era como se o seu silêncio fosse uma barreira para reprimir emoções obscuras que ele não se atrevia a revelar. Podia ver a tensão na

posição da cabeça, nos movimentos abruptos e via a dor nos seus olhos quando olhava para Boudica.

Depois da refeição Prasutagos foi dar a volta à quinta com o velho Kitto. A maior parte dos homens ficou ali mesmo, a provocar a pequena Temella e a trocar insultos fingidos com Nessa, mas Bituitos atravessou o quintal e pôs-se em sentido na sua frente, obviamente a tentar encontrar as palavras indicadas.

— Posso ajudar-te em alguma coisa? — Lhiannon acabou por se apiedar dele.

— Senhora — disse Bituitos —, é evidente que a rainha tem muita consideração por vós. Poderíeis falar com ela em nome do meu senhor? Ele não se queixa, mas nós sabemos que sofre. Outro homem tê-la-ia levado para casa pelos cabelos, mas ele não fará nada nem dirá nada até ela lhe dar um sinal.

Lhiannon assentiu.

— Ele foi sempre assim tão silencioso?

Bituitos franziu o sobrolho. — Comparado com os irmãos sempre foi mais calado. Mas não assim, não. Perdeu a alegria quando a primeira mulher morreu com o filho. E depois perder todos os irmãos... foi duro.

— Seria de esperar que a dor partilhada pela perda do filho os tivesse aproximado... — disse Lhiannon.

— Eu acho que o desgosto os separou — murmurou o guerreiro.

Ela ficou a olhar para ele em silêncio. Valia a pena saber que o rei era um homem cujos guerreiros ajuramentados o serviam, não apenas por dever, mas também por amor.

— Lamento... — acabou por dizer. — Sei que verterias o teu sangue para o proteger. Mas não o podes proteger das feridas que inflige a si próprio. Nem eu posso proteger a rainha dessa forma. Talvez as coisas melhorem entre eles quando a criança nascer.

— Que os deuses o permitam. Acho que se as coisas correrem mal outra vez isso o matará — disse Bituitos em voz baixa. — Eu vi a sua expressão quando ele pensou que ela estava a morrer, como a outra.

Endireitou-se e Lhiannon apercebeu-se de que Prasutagos vinha a entrar pelo portão ainda a conversar com o homem idoso.

O seu rosto ficava muito diferente quando se ria. Mas quando os homens começaram a preparar os cavalos ele aproximou-se de Lhiannon e a sua expressão ficou novamente inexpressiva.

— Sacerdotisa, fico satisfeito por estardes aqui. Nunca forçaria Boudica a regressar a Eponadunon, mas receava por ela, sem ninguém por perto com autoridade suficiente para cuidar dela e das casas se lhe acontecesse alguma coisa. Mandai-me dizer se houver alguma coisa de que ela precise aqui.

Teria pensado que aquelas palavras eram apenas as do dever se não tivesse falado com o seu homem; se não tivesse visto o aspecto de Prasutagos quando sorria. Sendo assim sorriu. Mas eleja não a olhava. Boudica saíra novamente da cabana trazendo na mão a taça da despedida.

— Que façais uma viagem segura meu senhor — disse em voz alta.

— Que as bênçãos da Grande Mãe sejam convosco, minha senhora — respondeu ele numa voz baixa — e com a criança...

Depois de os homens partirem a quinta pareceu muito silenciosa e descolorida, como se uma parte da vida tivesse abandonado o mundo. Ou talvez fosse só Boudica quem parecia subitamente pálida.

Nessa noite a rainha foi cedo para a cama, mas por volta da meia-noite Lhiannon acordou e ouviu-a chorar. Silenciosamente afastou as cortinas e ajoelhou junto à cama.

— Pronto minha querida, que se passa? Estás com dores? Boudica calou-se, deu um soluço e virou-se. — Só no coração — murmurou. — E eu já devia estar habituada a isso.

Cuidadosamente, Lhiannon deitou-se e passou um braço por cima dela, puxando-a até a cabeça de Boudica estar pousada no seu ombro.

Vai correr tudo bem... vai correr tudo bem, minha querida.

Alguma da tensão abandonou o corpo de Boudica juntamente com um longo suspiro. Eu da outra vez que estive grávida estava tão feliz. Mas desta vez, quando engravidei, fiquei com medo. E se eu perder este também?

Era também isso o que Prasutagos temia. Lhiannon acariciou o cabelo que se encaracolava tão vigorosamente na testa de Boudica. — O teu marido... — começou ela mas Boudica afastou-se imediatamente.

— Veio inspecionar a sua égua. Talvez me deixe em paz agora que sabe que estou novamente prenha.

O oposto era o mais provável, pensou Lhiannon, mas era evidente que aquela não era a altura mais propícia para o dizer.

— Não te rales então. Eu tomo conta de ti.

Boudica suspirou e acomodou-se novamente a seu lado. O coração de Lhiannon doía-lhe com pena dela e também do marido dela, mas era estranhamente doce abraçar aquele corpo forte e jovem que começava agora a amadurecer com a gravidez.

E amar-te-ei, jurou em silêncio, e em nome de Brigid, interpor-me-ei entre ti e o que quer que ameace a tua vida ou a do teu filho!

*

O Verão era dourado. Enquanto os grãos amadureceriam nos campos, Boudica sentia o seu próprio corpo inchar e florescer. E à medida que os meses se iam sucedendo, os seus receios começaram a esmorecer. Sentia o amor de Lhiannon como um escudo protetor à sua volta. Abençoou os campos quando os homens trouxeram as colheitas, modelo vivo da imagem da Mãe do Milho que moldavam com as últimas folhas apanhadas nos campos. Quando o nono mês da gravidez se iniciou percebeu que esperava o nascimento com alegria.

Atravessava o quintal com um cesto de restos para as galinhas

— o objeto mais pesado que a deixavam carregar — quando sentiu a dor familiar nos rins. Parou mordendo o lábio — já tivera dores daquelas antes e toda a casa se reunira em pânico à volta dela e depois as dores tinham parado. Lhiannon dissera-lhe que aquela era a maneira que o ventre tinha de se preparar, praticando como um guerreiro para batalhas futuras. Se soubessem o que estava a sentir obrigá-la-iam a deitar-se e ela sentia uma imensa vontade de caminhar, não para longe, sabia que não devia fazê-lo, mas se ficasse ao alcance da voz poderia dar a volta à quinta. Acabou de dar de comer às galinhas e saiu o portão para os campos.

Boudica já dera três voltas, parando de tempos a tempos à espera que a dor passasse, quando se apercebeu de que Lhiannon caminhava a seu lado.

— Já começou? — perguntou a sacerdotisa.

Boudica assentiu, arfando quando outra contração lhe atingiu a barriga.

— Por favor, não me obrigues a ir para dentro...

— Posso nunca ter tido nenhum bebê, mas já ajudei em muitos partos — respondeu Lhiannon um pouco bruscamente. — Apoia-te no meu ombro se precisares e caminha até te cansares.

Aquilo ajudou, mas quando chegou a hora ela não conseguia dar dois passos sem se dobrar ao meio e deixou que a levassem para dentro. Quando Nessa estava a ajudá-la a despir-se virou-se para Lhiannon.

— Manda... buscar o meu marido. Ele deve estar aqui... para ver... o que fez.

— Ele está lá em baixo no Santuário do Cavalo — disse Temella ansiosamente. — Tem estado na quinta do Paios e da Chandra.

— Raios o partam! — murmurou ela. — A espiar-me! — Depois sentiu um aperto enorme na barriga e não conseguiu dizer mais nada.

No parto do seu filho as dores tinham sido agudas, mas apercebia-se agora de que não tinham durado muito. Aquele parto nunca mais acabava. A consciência ia e vinha com as dores. Durante uma das pausas nas contrações ouviu a voz de Prasutagos e chamou o seu nome. Quando a contração seguinte passou ele estava sentado ao seu lado. A luz tremeluzente do candeeiro romano que estava pendurado dos barrotes conseguia ver o seu rosto, imóvel como o da imagem de um deus.

— Foste tu quem me fez isto! Tu, com a tua cara de pedra! Não queres saber? — Apercebeu-se de que estava a falar compulsivamente e que não conseguia parar nem conseguia controlar as palavras. Debateu-se e ele agarrou-lhe nas mãos. Ela agarrou-se a ele, ofegante e, quando a dor passou, começou a amaldiçoá-lo novamente. Estava vagamente consciente da presença de Lhiannon e das outras mulheres que entravam e saíam do quarto, mas Prasutagos era o rochedo a que se agarrava.

— Porque não vieste? Eu tinha frio e estava com dores e tu não vieste... — murmurou num momento de alívio e viu que ele fechava os olhos de dor. Mas quando a olhou novamente já recuperara a calma.

— Eu estou aqui... — disse calmamente. — Boudica, eu estou aqui.

— Sim — disse ela com espanto. — Fica comigo... — Depois arfou. Continuava com dores, mas agora era diferente. Tentou sentar-se.

— Chegou a hora... — disse Nessa que vira ainda mais bebês entrarem neste mundo do que Lhiannon. Mas foi a sacerdotisa que se meteu na cama por trás dela, apoiando-lhe as costas enquanto Prasutagos lhe segurava nas mãos.

Ela gemeu e subitamente corpo e mente ficaram novamente emparelhados. Fez força repetidamente; estava a partir-se ao meio, mas isso não lhe importava. Com um grito, que era um grito de guerra, lançou-se em direção ao seu objetivo. E a criança, de cabelos ruivos, ensanguentada e já aos gritos, escorregou para as mãos de Nessa que a aguardavam.

Por um instante o alívio foi tal que Boudica nem se interessou pelo que estava a acontecer desde que continuasse a ouvir os fortes vagidos do bebê. Mas quando as mulheres acabaram de a lavar, vestir e de mudar a cama, os vagidos tinham sido substituídos por uma canção de embalar.

Quando se concentrou apercebeu-se de que era Prasutagos quem cantava, sentado a seu lado com o bebê adormecido nos braços. Tinha as mãos esfoladas e magoadas e olheiras negras por baixo dos olhos. Pelo menos, pensou ela com ressentimento, ele também sofrerá.

— Gostava de lhe chamar Rigana — disse ele com um ar pensativo. — Parece-se com a minha mãe depois de velha.

— Estavas à espera que fosse parecida com quem? Com o Polião?

— Pensei que talvez fosse possível — manteve os olhos fixos no bebê. — Não te recriminaria.

— Ai não? — ripostou-lhe ela. — Não foi isso o que disseste na noite em que ela foi concebida. Mas a filha é tua — acrescentou —, se isso te interessa...

Ele ficou corado desde o pescoço até à testa e depois empalideceu de novo. Olhou para a criança.

— Que estranho que um milagre destes seja fruto da minha loucura. Mas talvez seja por isso que esta é uma lutadora... — a sua voz reduziu-se a um murmúrio — e sobreviverá...

— E não tens nada para me dizer a *mim*? — *Não pedes desculpa?*, continuou a sua voz interior. Pensou como é que ele não conseguia ouvi-la.

— Lamento... muitas coisas. Nunca to disse... — Fechou os olhos e ela soube subitamente o que ele ia dizer: — Eu estava com medo. Sabes que tive uma mulher que morreu... a dar à luz um filho meu. Quando vi que estavas grávida, endureci o meu coração o mais que pude para não sofrer novamente.

— E depois o bebê morreu — disse Boudica numa voz átona. Ainda não era capaz de lhe perdoar, mas começava a compreender. *Mas eu também sofri e ainda não estou pronta para baixar o meu escudo.*

— O silêncio torna-se um hábito — disse ele então. — Mas vou tentar.

*

Soltando uma risada de triunfo, Rigana prendeu os dedos rechonchudos ao pelo de Bogle e levantou-se, vigiada de perto por Nessa que continuava sem se convencer de que o cão enorme não se viraria contra a criança e não a desfaria. Ainda no ano anterior o próprio Bogle fora muito cachorro, mas quando o bebê chegara ele decidira que ela era uma extensão de Boudica e, portanto, tinha direito a uma paciência infinita. Assim que os seus pequenos dedos tinham conseguido agarrar, tinham-se fechado sobre o pelo de Bogle. Ele tornara-se algo a que trepar assim que a criança começara a gatinhar. E agora, que estava prestes a começar a andar, o cão transformara-se num apoio muito conveniente que mostrava os dentes para desencorajar qualquer estranho que tentasse aproximar-se dela.

E naquele dia havia muitos estranhos, pensou Lhiannon, enrolando mais lã em torno do fuso e continuando a fiar. Para lá da cerca o campo ceifado produzira uma nova colheita de tendas e de abrigos com a chegada dos Icenos do Norte para o conselho de Outono e para uma feira de cavalos. Os Romanos queixavam-se de que os Bretões não eram civilizados por não terem cidades. Mas apercebia-se agora de que aquelas reuniões eram o equivalente celta das cidades, produzindo-se nos locais e ocasiões em que eram necessários. Havia ali comerciantes a vender panos e joias e sapatos de couro e vasilhas de cobre e vidros romanos. Ferreiros e

carpinteiros apregoavam o seu ofício. Gado para abate e vacas leiteiras pastavam juntamente com os cavalos, que eram a razão da vinda de todos até ali.

Era a primeira vez que o conselho dos clãs se realizava naquele local. Desde que Rigana nascera que Prasutagos passara a viver na quinta junto ao Santuário do Cavalo. Não estava disposto a regressar a Eponadunon, nem mesmo para o conselho, deixando ali a mulher e a filha. Viam-no freqüentemente e, apesar de Boudica ainda não o ter convidado para partilhar a sua cama, ninguém esperava que tal acontecesse, pois ela continuava a amamentar a criança. Estavam agora sentados ao lado um do outro escutando a mensagem que o Rei Antedios enviara de Dun Garo.

— Então é certo que o Governador Pláucio vai regressar a Roma? — perguntou o rei.

— O tempo da sua nomeação terminou e eles não gostam de deixar os homens muito tempo no mesmo sítio, não vão eles começar a pensar que a terra lhes pertence a eles e não ao Império.

— Este sol é forte demais para a minha cabeça velha — disse Nessa. — Minha senhora, desejais que leve o bebê para dentro? — Rigana e o seu servo canino já tinham conseguido atravessar metade do pátio. A criança estava sentada entre as patas do animal, reunindo energias para mais uma tentativa de dominar o equilíbrio que permitia aos adultos andarem de um lado para o outro com tanta facilidade.

— Ela está bem onde está... — disse a rainha. Nós estamos aqui para olhar por ela. Vai para a sombra.

— Hmmm — resmungou a velha mulher quando se virou na direção da cabana. — Destes o nome de uma rainha a essa criança e ela vai crescer a pensar que é rainha. Ela tem que aprender que não pode ser sempre tudo à sua vontade ou, ouvi os que vos digo, um dia ainda arranjareis um sarilho!

O que podia muito bem acontecer, refletiu Lhiannon passando o fio por entre os dedos hábeis, mas como a Nessa profetizava desastres de um ou outro tipo todos os dias, as suas palavras raramente mereciam atenção.

— Quem virá para o substituir? — perguntou Boudica.

— Um homem chamado Públio Ostório Escapula vai ser enviado, mas não conseguirá chegar muito antes do Inverno e isso não é altura para iniciar uma campanha, pelo que somos capazes de ter paz por uns tempos...

— Aqui certamente... — Prasutagos suspirou. — Pagamos o suficiente para que eles nos deixem em paz...

Na verdade o dia estava demasiado belo para se pensar em guerras. Os céus pareciam sempre mais abertos por cima das montanhas, uma vastidão de azul salpicada por farrapos de nuvens, como se alguma da lã se tivesse escapado do cesto para o céu. Do outro lado da sebe ouviu-se o trovejar das patas de cavalos quando alguns dos homens mais novos começaram a praticar para as corridas que se realizariam no dia seguinte. Na véspera tinham feito corridas com os carros de guerra. Lhiannon não assistira — a sua recordação da última carga dos carros de guerra dos Trinovantes

ainda lhe provocava demasiado sofrimento. Supunha que deveria ter assistido. Os Bretões eram o único povo que ainda usava aqueles carros e não sabia quando aquele espetáculo voltaria a realizar-se.

Alguém gritou e os cascos tornaram-se subitamente mais ruidosos. O fuso e a roca saltaram das mãos de Lhiannon quando um cavalo desgovernado atravessou o portão. O animal ergueu-se sobre as patas de trás com o cavaleiro a tentar controlá-lo, os cascos aguçados atingindo o solo a dois passos da criança. Os adultos levantaram-se de um salto e correram para a criança e o cão atacou o cavalo.

O cavaleiro foi cuspidado para a cerca e o cavalo caiu, aos gritos. O sangue jorrou quando os dentes afiados lhe rasgaram a garganta. Prasutagos apanhou a filha e passou-a a Lhiannon que correu para a casa. Boudica, vendo que a filha estava salvo, virou-se para o cão que rosnava horrivelmente tentando apanhar a jugular.

— Bogle! Para! Ela já está a salvo, rapaz! Para com isso!

Lhiannon, parada junto à porta com Rigana nos braços, ergueu uma sobranceira. Não se tratava de tirar um brinquedo da boca de um cachorro. Conseguiria a voz de Boudica penetrar a fúria que motivava o animal naquele momento? O salto de Bogle fora espantoso. Ter soltado a presa e ficar a tremer, com os beijos a escorrer sangue quando Boudica o chamou novamente, foi um milagre.

Murmurando baixinho, ela aguardou até que a loucura abandonasse os olhos do bicho. Depois agarrou-o pela coleira e conduziu-o lentamente pela frente do ajuntamento que se formara até junto do bebedouro dos cavalos onde lhe encheu a taça de água. A água ficou vermelha assim que ele lá enfiou o focinho. Ela encheu-a novamente e despejou-lha por cima da cabeça e depois deixou-o beber e sacudir a água do pelo. Depois afastou-se na direção da cabana como que a perguntar-se por que razão toda a gente olhava para ele.

Prasutagos estava a falar com o cavaleiro que se levantara e murmurava desculpas a todos quantos estivessem dispostos a ouvi-lo. A voz do rei estava baixa e controlada, como sempre, mas Lhiannon nunca lhe ouvira antes aquela vibração de fúria. O cavaleiro afastou-se, envergonhado, e Prasutagos ajoelhou ao lado do cavalo que se contorcia e sangrava por terra.

Quando pousou uma mão no focinho macio o bicho teve uma convulsão; um dos cascos atirou o rei pelos ares até ao outro lado da quinta. Eoc correu na direção dele. Passados instantes o rei mexeu-se, fez sinal ao homem para que se afastasse e, movendo-se com extrema cautela, aproximou-se novamente do cavalo, desta vez por detrás. O cão não cortara a grande artéria, mas o pescoço do animal estava demasiado rasgado para ter salvação. O metal brilhou quando alguém lhe passou uma faca.

— Pronto, pronto... meu lindo — murmurou o rei ajoelhando-se rigidamente com Eoc a observá-lo com preocupação. — Ainda assim não tiveste culpa. Vai agora para Epona onde correrás pelos prados verdes e nenhum cavaleiro idiota te fará mal. Dorme agora meu herói... — pousou uma mão sobre os olhos do cavalo e o animal acalmou-se. A lâmina golpeou uma vez, profundamente por baixo do maxilar e depois rasgou. O rei recuou o tronco quando o cavalo saltou, soltando o sangue num repuxo carmim e depois ficou imóvel.

Por essa altura já os gritos de Rigana se tinham transformado em fungadelas ocasionais. Lhiannon entregou-a a Boudica e avançou quando Eoc estendia a mão para ajudar Prasutagos a levantar-se.

O rei deu um passo, mordeu o lábio, tentou endireitar-se e parou, respirando cautelosamente.

— Vinde cá... — disse Lhiannon.

— Eu estou bem — resmungou ele sem a olhar nos olhos.

— E claro que estais bem — disse a sacerdotisa animadamente.
— Agora vinde cá para eu vos ver... — Falou com um pouco de entoação sacerdotal e Prasutagos ergueu os olhos, surpreendido. Viu que ele estava a pensar no assunto e depois, com um suspiro, virou-se na sua direção.

— Devo ajudá-lo a entrar em casa? — perguntou Eoc. Lhiannon abanou a cabeça. — Traz um cobertor para aqui e ajuda-o a deitar-se. Vou precisar de luz.

Quando acabaram de lhe tirar a túnica e o deitaram de costas no cobertor, já o rei estava pálido e a transpirar. Uma barba rala e dourada brilhava-lhe no queixo. Boudica olhava, sem saber o que fazer, com Rigana nos braços. Do lado esquerdo, a pele por cima das costelas inferiores do rei tinha uma marca vermelha do feitio de um casco. A carne em redor já estava descolorida e inchada. Ele teria ali uma nódoa negra muito colorida dentro de pouco tempo.

Fechando os olhos, Lhiannon pôs a mão aberta com a palma virada para baixo, para identificar o ponto onde a energia do corpo tinha sido mais perturbada. Depois, usando os olhos e as pontas dos dedos, começou a apalpar as costelas.

Passados instantes afastou-se e franziu o sobrolho. — Sois um guerreiro, meu senhor e, por definição, sois corajoso. Mas não posso descobrir grande coisa se insistis em ocultar a vossa dor. Onde é que dói mais? Aqui? — Apalpou suavemente. — Aqui? — Assentiu quando ele gemeu. — Sim, foi o que pensei... Tendes uma ou duas costelas partidas e tendes sorte por as costelas estarem aí para proteger o que está por trás. Vamos ligar-vos, mas não deveis montar a cavalo durante mais ou menos uma lua. Temella — virou-se para a rapariga —, preciso do meu saco de curandeira e põe água a ferver para fazer chá de casca de salgueiro.

Quando Lhiannon acabou de ligar as costelas de Prasutagos já ele estava novamente pálido. A maior parte dos mirones, vendo que a excitação terminara, tinha-se afastado.

— Obrigado — murmurou ele quando Eoc o ajudou a levantar.
— Tendes boas mãos.

— A forma como acalmastes aquele pobre cavalo foi admirável — respondeu ela. — Se falásseis com a vossa mulher com metade do jeito com que falais com os vossos cavalos, muitas coisas teriam sido diferentes por aqui nos últimos dois anos. — O estremecimento dele ao ouvir aquelas palavras não se devia à dor física. Não era muito justo falar-lhe daquela maneira quando ele não tinha fôlego para lhe responder, mas ela conquistara esse direito. As suas palavras dar-lhe-iam algo em que pensar enquanto esperava que as costelas sarassem.

E Lhiannon também tinha algo em que refletir. O mensageiro dissera que Caratac estava nas terras dos Ordovice com os parentes da mulher, preparando-se para tirar vantagem da ausência do governador para punir os Dobunni e os Cornovii que se tinham aliado com Roma.

Pensara que a causa pela qual ela e Ardanos tanto tinham sofrido já não existia. Estaria ela a trair a sua memória ao ficar ali, em segurança, junto daqueles a quem Caratac chamava traidores? Era útil ali, mas o trabalho que fazia podia ser feito por qualquer curandeira de aldeia. Deveria regressar a Mona ou juntar-se a Caratac para, mais uma vez, retomar a luta? Não sabia.

QUINZE

— Achais que o rei virá para casa em breve? — perguntou Temella.

Boudica deu uma palmada no travessão do tear que passava por entre a teia de lã e praguejou quando o fio que estava enfiado se partiu. Não valia a pena gritar com a rapariga por ter perguntado. Na verdade a própria Boudica não tinha a certeza da razão porque a pergunta a incomodava. Deveria estar satisfeita por Prasutagos continuar ainda com o rei supremo em Dun Garo. Tê-lo sempre debaixo dos pés naquele Inverno, enquanto esperara que as costelas sarassem, tinha-a deixado meio louca apesar de ter tentado disfarçar a bem da filha.

Não ajudava o fato de os mensageiros acorreram onde quer que o rei estivesse e de as notícias perturbadoras continuarem a chegar. Aparentemente, o novo governador nunca ouvira dizer que era impossível fazer campanhas no Inverno e atacara com tal vigor, que Caratac se vira forçado a recuar para norte para as montanhas inacessíveis que alojavam os refúgios dos Ordovices. Aquilo deveria ter posto um fim ao conflito, mas logo após o festival de Brigantia, viera um cavaleiro a galope de Dun Garo a convocar Prasutagos para um conselho tribal de emergência.

E já se passara uma lua. Se tivesse havido um acidente certamente que Eoc ou Bituitos teriam vindo dizer-lhes. O que teria o conselho para discutir que levava tanto tempo? E por que razão ficava mais inquieta a cada dia de ausência do marido? Suspirou e começou a separar as pontas quebradas do novelo para poder voltar a tecê-lo. Ficaria um pouco irregular, mas a tecelagem continuaria.

Iria lembrar-se daquela observação nos dias que se seguiram ao regresso a casa de Prasutagos.

Quando os latidos de Bogle os fizeram sair a todos para saudar os cavaleiros que regressavam, de início pensou que o rei fora ferido. Nem mesmo quando as suas costelas estavam ainda muito mal ele tivera um aspecto tão sombrio e cinzento. Foi Nessa quem

Ihe trouxe um corno com hidromel e Ihe serviu um segundo quando ele bebeu o primeiro de um só trago. E, mesmo assim, foi Bituitos quem teve de lhes dar a notícia.

— Os Romanos ficaram com a nossa terra, os nossos cereais e o nosso ouro. Agora estão a ficar com as nossas espadas! — Viu a confusão nos seus rostos e riu-se sem alegria. — Querem que nos desarmemos. Este governador teme que se tivermos armas nos juntemos a Caratac. Ordenou a toda a gente deste lado da fronteira, a que chamam *limes*, que entregasse todas as armas de guerra — as tribos conquistadas e as tribos aliadas também.

— Não podem fazer isso — exclamou Boudica. — Temos um tratado. Como podemos ser seus aliados se não pudermos combater em caso de necessidade?

— Podem... — Prasutagos falou finalmente. — Já há destacamentos a revistar as quintas dos Trinovantes e a ordenar aos homens que entreguem as suas armas e, quando não ficam convencidos pela pilha de armas entregues, desfazem os telhados e espetam as lanças nos cereais armazenados. Estarão aqui antes da Viragem da Primavera.

— Os soldados que estão a construir o forte recrutaram os camponeses locais como trabalhadores para construir os muros. Alguns dos Trinovantes já estão a planear uma rebelião. Muitos dos nossos chefes e príncipes do sul querem juntar-se-lhes. — Disse Eoc ferozmente. — Alguns estão a juntar-se num grupo secreto para planear a resistência... chamam-lhe a Sociedade dos Corvos.

Boudica estremeceu lembrando-se de como a Senhora dos Corvos falara pela sua boca muito tempo antes. Se A quieriam como padroeira deviam estar mesmo muito desesperados.

— Vamos lutar? — Os olhos de Temella tinham ficado muito esbugalhados.

O rei olhou para ela e tentou sorrir. — Se devíamos resistir ou obedecer, foi o que discutimos durante tanto tempo...

— Não podeis entregar a espada do vosso pai... — exclamou Boudica. A espada que fora herdada pelo seu pai perdera-se juntamente com o seu irmão mais velho no Tamesa. Com ela desaparecera, não apenas o filho, mas o símbolo da honra da família.

— Não... mas não vejo esperança em combater Roma. Teremos que lhes dar o suficiente para que fiquem convencidos, mas salvaremos as armas que foram abençoadas pelos deuses.

— Ireis ceder? — gritou Lhiannon. — Não vedes que esta é a oportunidade de recuperarmos o que perdemos?

Boudica ficou a olhar para ela. Tinham vivido em paz durante tanto tempo... naqueles tempos Lhiannon já nem sequer se vestia de azul. Partira do princípio de que, tal como todos eles, a sacerdotisa se resignara a viver sob o jugo de Roma. Mas, mesmo naquela época, Lhiannon acordava por vezes aos gritos por causa dos pesadelos causados pela guerra no sul.

— Esse porco romano tem razão em ter medo! Enquanto Caratac os ataca a ocidente, o sul e o leste poderão revoltar-se. Só quando acontecer qualquer coisa que indigna todo o nosso povo de uma forma igual é que este esquecerá as velhas inimizades! Se tivéssemos conseguido que o nosso povo lutasse unido não teríamos perdido há quatro anos.

Os olhos de Lhiannon estavam orlados de branco e tinha os cabelos loiros em pé. Aquela não era a sua amada amiga, mas um espírito vingador que gritava agora junto ao fogo. O sangue pulsou nos ouvidos de Boudica, ou talvez tivesse sido o bater das asas dos corvos.

— Tenho até medo de imaginar que outro desastre será necessário para despertar o nosso espírito se deixarmos passar esta oportunidade — acrescentou Lhiannon. — E se tal vier a acontecer, o que poderemos fazer? Não teremos armas com que combater, nem jovens guerreiros treinados para as usar! Haverá sangue! Prevejo sangue e ruína se não aproveitardes esta oportunidade!

A barriga de Boudica apertou-se quando se apercebeu de que não era a máscara da sacerdotisa celebrante aquilo que via, mas sim

o rosto do oráculo a profetizar a aniquilação. Esquecera-se da formação de Lhiannon. Talvez a própria sacerdotisa a tivesse esquecido.

— Que diz o rei supremo? — perguntou.

Prasutagos abanou a cabeça. — Antedios é um homem velho e está doente. Não temos um chefe guerreiro à altura de Caratac. O rei não tem um filho e o teu pai, que é o seu sucessor, também está velho. O rei supremo ordenou-nos que obedecêssemos.

— *Vós não sois velho* — rugiu Lhiannon.

— Quereis que me rebele contra o meu rei e contra os Romanos também? Ficaríamos tão divididos como os clãs do sul.

— Deverei chamar Caratac para vos comandar? — cuspiu ela. — Sois todos umas velhas e arrepender-vos-eis de não ter dado ouvidos às minhas palavras! — Foi para dentro de casa.

Boudica reprimiu um acesso de riso histórico ao pensar na imagem de Caratac a manifestar-se ali, junto ao fogo. Lhiannon conseguiria provavelmente que esta parecesse, dado o estado de espírito em que se encontrava. Quase conseguia ouvir os discursos inflamados e a fúria da resposta da multidão.

— Talvez... — murmurou Prasutagos —, mas eu sou um rei para a paz e o que precisamos agora é de um chefe para a guerra...

*

Não posso ficar aqui..., pensou Lhiannon. Sentou-se junto ao caldeirão na cabana, com um lenço atado sobre o símbolo revelador tatuado na sua testa e um xale sobre os ombros, mexendo a sopa no caldeirão que estava pendurado por cima das chamas. As primeiras verduras da Primavera tinham sido deitadas lá para dentro: urtigas macias, ervas e flores para juntar à carne salgada das provisões cada vez mais escassas. Mas na sua alma continuava a ser Inverno.

Ouvia o bater das sandálias cardadas e as vozes graves dos homens no exterior e o barulho do metal à medida que as espadas e escudos de bronze e as lanças iam sendo amontoados.

Vim para aqui para fugir da guerra, mas isto não é a paz, é a morte...

Boudica estava sentada na sua frente a dar de mamar à filha. Rigana já fora quase desmamada, mas quando estava ansiosa ainda

procurava a mama da mãe. Estremeciam a cada pancada metálica, mas a fúria lenta de Lhiannon fervia sob uma camada de gelo. Prasutagos não tinha alternativa senão assistir ao confisco, nem que fosse apenas para controlar a fúria dos seus homens. Esperava que cada espada o atingisse no coração ao tombar por terra.

Sobressaltou-se quando a pesada pele que cobria a porta foi afastada. A luz passou pelo centro da cabana quando o agente romano, Polião, entrou seguido por um legionário com uma couraça de placas sobrepostas como uma centopeia e com um capacete romano com uma proteção para o pescoço debaixo do braço.

— Perdoai-me senhoras — disse ele num Bretão espantosamente bom —, mas as minhas ordens exigem que reviste também a casa...

Boudica levantou-se com a criança adormecida nos braços. — Compreendo — disse com voz doce, mas havia um brilho perigoso nos seus olhos. Ainda bem que tinham atado o Bogle junto aos estábulos dos cavalos. Ele era tão perigoso como qualquer arma metálica, os Romanos é que não sabiam.

Polião acenou e o soldado moveu-se hesitante em volta da fogueira, levantando cobertas e espreitando por baixo das arcas. Lhiannon continuou a mexer o guisado, criando em torno de si um véu de anonimato.

Quando o homem tocou nas cortinas à volta da cama Boudica ficou tensa. — Não esqueçam o colchão! Nós, os Celtas somos uns bárbaros tão duros que dormimos sobre lanças. E para quê limitarem-se à mobília? — acrescentou. — Procurem aqui no meu peito! Posso estar a esconder um punhal... — Puxou a parte da frente da túnica para baixo, ainda solta por ter estado a dar de mamar e descobriu um seio branco. — O soldado abriu a boca e virou as costas e Polião corou até à raiz dos cabelos. — Ou talvez queiram espreitar para dentro da fralda do meu bebê para ver se escondemos lá dentro uma lança!

— Não minha senhora, sei que vós e o vosso marido sois amigos de Roma... — disse Polião. Resmungou qualquer coisa ao soldado que se virou com uma expressão de alívio.

Não teria encontrado nada na cama, pensou Lhiannon. Seriam eles tão ingênuos que pensassem que as armas seriam escondidas

em locais tão fáceis de encontrar? O legionário não descobriria a espada de Prasutagos a não ser que conseguisse mexer nos carvões, como ela aprendera a fazer em Mona. Tinham embrulhado as espadas herdadas em cabedal oleado e tinham-nas enterrado, bem fundo, por baixo da fogueira. Que a deusa que protegia o fogo da família as conservasse até serem novamente usadas.

E esse dia virá... quando Polião e o seu acólito saíram ela olhou ferozmente para as suas costas. Estas espadas beberão sangue romano da mesma maneira que agora bebemos vinho romano...

Acreditara que para ela a guerra terminara. Pensara estar desligada da profecia. A consciência de ambas agitava-se agora dentro de si.

Fiquei aqui demasiado tempo...

*

Os desconhecidos vinham a coxear pelo caminho mesmo ao nascer do Sol. Quando chegaram ao portão já o ladrar furioso de

Bogle tinha acordado a quinta inteira. Boudica pôs um xale sobre a túnica interior e cambaleou ensonada até à porta, agarrando a coleira do cão. A sua ordem o ladrar transformou-se num rosnido subliminar.

Eram três, com os corpos e os rostos jovens prematuramente envelhecidos. Um tinha o braço ao peito. O outro trazia a cabeça enfaixada com um pano sujo. Ambos apoiavam o terceiro, cuja

perna estava enfaixada com ligaduras ensanguentadas do tornozelo até à coxa.

— Lhiannon — disse por cima do ombro —, vem depressa. Temos aqui homens feridos.

— Senhora... — disse o do braço ferido —, por misericórdia, tendes alguma comida e um local escondido onde nos possamos deitar? Não vos traríamos problemas... ao pôr do Sol pomo-nos a caminho...

— Isso é que não põem! — exclamou Boudica. — Não estão em melhor estado para viajar do que a minha menina. Entrem... aqui ninguém vos trairia, mas não sabemos quem pode andar por aí... não são os primeiros refugiados que passam por cá. — Desde que tinha sido anunciada a ordem de desarmamento, havia quem preferisse abandonar a sua casa a obedecer.

Mas aqueles não eram meros refugiados a fugir ao avanço dos Romanos, pensou com o coração pesado quando os ajudava a

entrar. Aqueles homens tinham participado numa batalha e não fora há muito tempo.

O homem do braço partido chamava-se Mandos. Vinha de uma pequena quinta, não muito longe do forte onde Boudica nascera. Dos seus companheiros, o da cabeça partida era Trinovante e o homem da perna ferida era originário de em algum lugar perto da costa. Não se conheciam antes da batalha, disse ele. Tinham acabado escondidos no mesmo bosque e desde aí andavam juntos.

Quando os três já estavam alimentados e lavados chegou Prasutagos. Lhiannon estava a cuidar do homem com a perna ferida, que tinha febre, mas os outros pareciam suficientemente recompostos para contar a sua história.

— Fico feliz por estardes aqui senhor — disse Mandos. — Os deuses sabem as histórias que circulam por aí. Sei que não acreditáveis que pudéssemos vencer e talvez tivésseis razão... — depois de lavada a sujidade mal parecia ter dezoito anos, dois anos mais velho que o irmão mais novo de Boudica que, rezava ela, esperava que o pai tivesse mantido afastado da rebelião.

— Talvez — disse Prasutagos calmamente. — Mas pode ser que tivésseis razão em ter tentado. O que aconteceu?

— Deveria ter resultado! — disse o companheiro. — O nosso chefe de guerra era um homem dos pântanos que conhecia os caminhos para um montículo, uma ilhota de terras mais altas, que lá há. Ele achou que podíamos atrair os Romanos para lá, onde o terreno não seria bom para a cavalaria deles e desgastá-los à medida que nos atacassem.

Mandos assentiu em concordância. — Mas o comandante romano também era uma raposa. Desmontou os homens e eles atacaram-nos. As muralhas transformaram-se numa armadilha assim que os Romanos lá entraram. Tropeçávamos uns nos outros, tentando sair. Alguns dos habitantes locais tinham-se refugiado conosco. Havia velhos... crianças... chacinaram-nos a todos. Foi há quatro dias. — Deu mais um golo na aguardente. — Só pudemos viajar de noite. De dia as patrulhas romanas andam à caça dos que fugiram.

— Aqui estão a salvo — disse o rei. — Encontraremos casas onde possam ficar.

Mandos abanou a cabeça com uma expressão demasiado sombria para a juventude do seu rosto. —Agradeço-vos senhor. O nosso amigo da perna ferida certamente ficará. Mas este idiota trinovante e eu próprio continuaremos até encontrarmos uma terra onde nos seja permitido usar as nossas espadas! —Acariciou a lâmina amolgada que trazia à cintura. — Talvez nesse local encontremos outros da Sociedade dos Corvos.

Boudica viu o marido estremecer e daquela vez foi ela quem ficou sem palavras.

Três dias após a partida dos jovens guerreiros o terceiro homem morreu. Ao pôr do Sol enterraram-no perto do santuário com a sua adorada espada na mão. Quando regressavam à quinta apareceu um cavaleiro no topo do monte. Não tinha sinais de ter participado na batalha, mas a sua expressão era sombria.

— Meu senhor Prasutagos, sois chamado a Dun Garo.

— O rei convocou outro conselho? Pensei que já tinha tornado clara a minha opinião!

— Meu senhor, o Rei Antedios morreu. Foi o governador romano que vos convocou e a todos os chefes sobreviventes dos clãs icenos.

— Suponho que ele deve ter morrido de desgosto — disse Boudica depois de mandar o mensageiro para a quinta de Paios para comer e descansar. Recomeçou a andar pelo caminho que levava a Ramshill e Prasutagos, que ficara em silêncio desde que soubera da notícia, seguiu-a. — O Antedios devia conhecer a maior parte dos que tombaram. Eu provavelmente brinquei com alguns deles quando era criança. — Apesar das histórias que Lhiannon contava sobre a guerra no sul, era difícil imaginar que homens novos que deveriam andar a montar a cavalo e a fazer filhos pudessem morrer tão facilmente.

Durante alguns minutos caminharam em silêncio mas ela viu o brilho das lágrimas nos olhos do rei. — Bem, não achas? Diz

qualquer coisa! Não te atrevas a transformar-te novamente em pedra!

— Achas que não tenho também o coração magoado? — Explodiu Prasutagos subitamente. — Desde que aqueles jovens entraram pelo teu portão que não parei de pensar se não me deveria ter junto à rebelião, se as coisas poderiam ter corrido de maneira diferente com algumas cabeças sensatas para os comandar ou, pelo menos, se pudessem contar com mais algumas espadas!

— E poderias ser tu quem estaria morto nos pântanos se tivesses ido... — respondeu ela. — E, nesse caso, o que faríamos?

Ele deteve-se no caminho com os olhos a seguirem um bando de corvos que sobrevoavam os campos. — Passaste bastante bem sem mim no ano passado e no ano anterior a esse... — disse ele baixinho ainda sem olhar para ela. — Sei que toleras a minha presença só por causa da criança...

— Isso não é verdade! — exclamou Boudica e perguntou-se subitamente quando é que os seus sentimentos se teriam alterado. Ele ficou muito quieto, de cabeça baixa e ela não se atreveu a quebrar o silêncio. Cruzou os braços sobre o peito sentindo um pouco de frio.

Passados alguns momentos ele recomeçou a andar. — Acho que se lá tivesse estado — disse em voz baixa —, poderia ter ajudado a vencer a batalha, mas teríamos perdido a guerra na mesma. O Caratac tinha razão: o tempo para as tribos se unirem foi há quatro anos, antes de as águias romanas terem cravado as garras nesta terra. Agora só podemos acomodar-nos o melhor que pudermos.

Parou e virou-se para ela, a silhueta recortada contra o céu que escurecia.

— Minha senhora, concordais comigo?

Boudica olhou para ele sentindo-se confusa. O que interessava o que *ela* pensava sobre o que quer que fosse? Sem dúvida que a

Lhiannon diria para continuar a luta, mas ela ainda se recordava da agonia no rosto daquele pobre rapaz ao morrer. Não seria a paz, mesmo com as consequências inerentes, melhor do que o desperdício de homens?

— Sim meu senhor, concordo.

— Tenho de ir a Dun Garo — disse ele gravemente. — O vosso pai era o sucessor de Antedios, mas está velho. Sou o seguinte nos Parentes Reais e acho que eles vão tentar fazer de mim o rei da tribo unida. Os Romanos só o permitirão se confiarem no meu compromisso com eles. Não o desejo, mas é muito bem capaz de ser a única forma de conservar a independência que temos.

Isolada na quinta, até à ordem de desarmamento, Boudica pudera fingir que era possível viver sem ser incomodada por Roma. Mas Prasutagos não pudera dar-se a tal luxo.

— Quando eu partir virás comigo, Boudica?

Ela não conseguia ver-lhe os olhos. Estendeu a mão para se certificar de que as palavras tinham sido ditas, não por uma sombra, mas por um homem vivo e sentiu o músculo firme do seu braço tremer debaixo da sua mão.

— Irei, meu marido. Prometo-te.

*

Lhiannon desatou o rolo da cama e estendeu-o ao lado da cama de Boudica. A cabana destinada à rainha e às suas mulheres quase não tinha tamanho suficiente para todas e não estava lá muito limpa, mas ela e Temella tinham conseguido torná-la habitável. Fosse quem fosse que viesse a ser o rei supremo, teriam que ali ficar até depois do Beltane.

Ergueu os olhos quando uma sombra tapou a porta aberta.

— És *mesmo* tu! — disse uma voz que ela deveria reconhecer. — Alguém me disse que foras vista... Mal posso acreditar que seja verdade!

Quando Lhiannon se levantou reconheceu Belina e a sua figura ampla, ainda que tivesse mais fios grisalhos no cabelo.

— Demos-te por perdida durante estes três anos depois de Rianor ter comunicado o teu desaparecimento de Avalon — disse a

sacerdotisa. — Pusemos um lugar para ti no Samaine, filha. Pensamos que tinhas morrido ou partido para o país das fadas — não faças esse ar surpreendido — não foste a primeira a ter conhecido a rainha dessa terra.

— Tenho estado ao serviço da rainha desta terra — Lhiannon recuperou finalmente a voz.

Belina riu-se.

— Sai dessas sombras e deixa-me ver-te, querida! Continuas magra como um fantasma... não te alimentaram, lá nos pântanos? Mas pareces saudável, que a Deusa te abençoe.

Lhiannon pestanejou quando saiu para a luz. O Dun Garo zumbia como uma colmeia à medida que os clãs continuavam a chegar. Homens arrastavam toros para construir a grande fogueira de Beltane no meio do prado. Tinham surgido tendas numa confusão de cores por todas as pastagens. Do outro lado do rio uma paliçada rodeava as fileiras ordenadas de tendas de cabedal que

alojavam o governador romano e os seus homens, um lembrete mudo mas eloquente de que, apesar de os pais do clã poderem eleger o seu novo rei supremo, era melhor não aclamarem alguém que não fosse merecedor da aprovação de Roma.

— Mas não precisas de usar essa fita a tapar-te a testa... — Belina puxou pelo lenço que Lhiannon atara à cabeça para tapar o crescente de Avalon. — Mesmo que soubessem o que isso quer dizer, os porcos romanos não ligam ao que as mulheres fazem. — Teria Belina sido sempre tão tagarela ou precisaria das palavras para disfarçar a emoção do encontro inesperado? — Devíamos ter imaginado que tu irias ter com Boudica. Ela sempre foi a tua preferida quando estava na escola.

— O que estás aqui a fazer? — Conseguiu Lhiannon perguntar finalmente. — Quem mais veio? A Helve...

— Oh não! Certamente que não achas que a nossa amada alta sacerdotisa se arriscaria entre o inimigo, apesar de estar bastante disposta a enviar-nos a nós para fomentarmos a rebelião por estas paragens... as outras sacerdotisas mais velhas, quero eu dizer.

Lhiannon riu-se. Parecia-lhe que pouca coisa mudara. — E para isso que estás aqui? Vais ter pouca sorte entre os Icenos... Os dentes deles já não mordem e Prasutagos não é homem para arriscar perder aquilo que ainda tem — acrescentou amargamente. O rei não a escutara quando os argumentos dela ainda poderiam ter servido para alguma coisa. Agora nem sequer se falavam.

— Ele está assim tão agarrado ao poder? — perguntou Belina.

— Não é ao poder... — respondeu Lhiannon com honestidade. — E à paz. A Boudica daria uma melhor chefe de guerra do que ele, se tivesse nascido homem.

Belina assentiu.

— Mas dará uma boa rainha? Para a aclamação do rei é preciso mais do que a eleição. A transferência da soberania é um assunto das mulheres. E melhor quando a rainha consegue fazer o ritual,

mas não sabíamos se Boudica estaria à altura. Ela lembra-se de alguma coisa do que lhe ensinamos na escola?

Lhiannon baixou os olhos. — Não falamos nisso.

Ultimamente Boudica e Prasutagos pareciam estar mais confortáveis na companhia um do outro, mas ela continuava sem dormir com ele, apesar de a criança já ter sido desmamada. Se Boudica não partilhasse o seu poder, poderia Prasutagos reinar verdadeiramente? Teria isso alguma importância, agora que o verdadeiro poder estava em Roma? E o que restava ali para Lhiannon, se Boudica tomasse o seu lugar ao lado do marido?

— Que outras ordens trouxeste de Oakhalls? — perguntou. Belina encolheu os ombros. — Da Helve, queres tu dizer...

O Lugovalus está enfraquecido e é ela quem dá as ordens atualmente. Fui mandada reunir todo o apoio possível a Caratac. O governador está a enviar as suas legiões para norte e para ocidente, para demasiado perto para que a situação seja confortável.

— São uma ameaça para Mona? — perguntou Lhiannon alarmada.

— Ele sabe que é o refúgio dos druidas — respondeu Belina. — Sabe que em Mona há algumas das terras mais férteis da Britânia e que poderemos sustentar, com cereais ou com magia, todos quantos estiverem dispostos a lutar. Teria que ser estúpido para não perceber que enquanto existirmos o seu controlo sobre a Britânia não estará seguro.

— Os Romanos não são estúpidos — disse Lhiannon lentamente. — Mas esta é uma ilha grande. Se continuarmos a guerra contra eles, são capazes de decidir que seria idiota continuar a desperdiçar recursos e homens...

— Não perdeste a tua sensatez... — Belina deu-lhe um abraço aprovador. — Seja eu ou Boudica a fazer as honras, deverias vir comigo depois da aclamação ter sido feita. — Ambas as mulheres

olharam para o local onde surgira uma agitação súbita, na direção do fogo do conselho em frente do salão do rei supremo.

— Depois da eleição do rei... — disse Lhiannon lentamente. — Nessa altura dou-te a minha resposta.

As pessoas começavam a passar apressadas à medida que a confusão se ia tornando mais ruidosa.

— Prasutagos, filho da aveleira, Prasutagos filho do Sol, Prasutagos filho do arado, Prasutagos Ricon, Rei Iceno! — Ecoavam os gritos.

DEZESSEIS

— Virai-vos, minha senhora e erguei o vosso braço...

Boudica obedeceu, controlando as cócegas provocadas pelo pincel de penas com que a velha mulher lhe pintava uma série de espirais de um dos lados do corpo. A sua respiração era lenta e calma. O seu pulso batia ao ritmo das vibrações que sentia por baixo dos pés, a batida do coração dos tambores de Beltane.

Raios do Sol que se punha passavam pelas cortinas toscamente tecidas com que tinham feito as paredes e o teto da tenda das mulheres, lançando reflexos de luz fosca sobre a relva. A máscara da Égua Branca estava pendurada no poste central, aguardando pela sua vez de desempenhar o seu papel na transformação de Boudica. Através das paredes de pano o ruído do festival chegava-lhe estranhamente abafado, como se aquele espaço estivesse separado do mundo.

Tal como eu estou separada do meu antigo eu... pensou lentamente. *A espera de descobrir o que irei ser...* Para suportar o tédio das pinturas no corpo, recorrera à disciplina que aprendera em Mona; estava sentada e tão imóvel como a imagem em que a pintura a estava a transformar. As suas costas e barriga nuas já exibiam as figuras da Lebre e do Javali em corrida, com uma série de cavalos escapulindo-se entre os dois, totens que os Celtas invasores tinham herdado dos povos conquistados.

No anel de Terra, Prasutagos estaria a receber as bênçãos dos druidas que tinham testemunhado o juramento dos chefes tribais ali reunidos para a sua aclamação. Mas a Rainha dos Cavalos, que abençoava os ritos de Beltane, era a sacerdotisa de uma magia mais antiga. Os druidas consagravam o rei à tribo. A Deusa ligava-o à terra em que viviam. Boudica ainda não sabia se *conseguiria* submeter-se a uma energia tão avassaladora. Belina estava preparada para a substituir, mas se Boudica falhasse tal significaria também o fim do seu casamento.

Uma parte do seu espírito estava imobilizada no interior do seu corpo, os seus queixumes reprimidos pela mesma disciplina que lhe imobilizava os membros. Desta vez, pensou, não poderia cavalgar na erva vermelha até à liberdade. Desta vez, a Égua Branca cavalgá-la-ia a *ela*.

— Está pronto... — disse a velha mulher. Lentamente, ela baixou o braço.

— Volta minha querida... — O rosto de Lhiannon apareceu na sua frente. — Já podes dominar novamente os teus membros. Expira e inspira e expira novamente. Isso... estás aqui comigo e o ritual iniciar-se-á em breve. Regressa!

Boudica pestanejou quando as sensações a percorreram em vagas, consciente da tinta dura sobre a sua pele, da tagarelice das mulheres, subitamente ruidosa nos seus ouvidos. O Sol pusera-se; estava rodeada por sombras. Estremeceu. A procissão do rei apareceria em breve.

— Não! — Estava Nessa a dizer a alguém na entrada. — Não podes vê-la. Este espaço está vedado aos homens, especialmente a ti! Vai-te embora antes que eu chame os guerreiros para te atirarem para a lixeira... para isso não precisarão de espadas!

— Quem é? — perguntou Boudica.

— Ninguém que vos interesse... — resmungou a velha mulher suspirando ao ver o olhar feroz de Boudica. — É aquele Polião... diz que tem que falar convosco.

A irritação inicial transformou-se em alarme. — Eu falo com ele — disse numa voz baixa. — Lhiannon, mantém as mulheres afastadas até eu terminar. — Aproximou-se da cortina.

— O que foi? Tendes que falar rapidamente — murmurou através do pano.

— Deixai-me ver o vosso rosto Boudica — disse a voz com o sotaque atrébate seu conhecido.

— Pela Deusa, não! — corou com uma súbita consciência do corpo nu. — Nos tempos antigos ter-vos-iam dado de comer aos corvos por vos terdes aproximado tanto do santuário das mulheres.

— Não tendes que fazer isto! — As palavras de Polião atropelavam-se. — E do conhecimento geral que não recebeis o vosso marido na vossa cama... não tendes que o deixar deitar-se convosco agora. Não fará qualquer diferença. Prasutagos é rei porque tem o apoio de Roma, não por causa de um qualquer ritual primitivo.

— De que falais? — Desde aquele dia na neve, em que ele tentara beijá-la, que mal vira o homem e nunca sozinha. Teria ele

construído uma fantasia em que ela o amara durante todo aquele tempo?

— Deixai o vosso marido! Vinde comigo! — sibilou ele. — Sois uma princesa da casa real... podeis chegar a rainha reinante como a Cartimandua!

— Estais louco! — disse ela com convicção. — E isto é um sacrilégio!

— Eu amo-vos Boudica! Sei que não vos sou indiferente!

— Na verdade não sois... — respondeu ela com uma fúria contida. — Um homem que tenta a mulher de um aliado a trair o seu casamento só merece desprezo! E essa a honra que ensinam em Roma?

O fato de ela própria se ter sentido tentada a fugir não tinha importância: nunca o teria feito com aquele porco romano! E, naquele instante, Boudica apercebeu-se de que toda a sua ambivalência desaparecera.

— Mas minha senhora... — As palavras dele foram interrompidas pelo som dourado do corno de *carynx* que reverberou pelos ares do fim de tarde.

— Eles vêm aí! Matar-vos-ão se vos encontrarem aqui. Ide e maldito sejais, Romano! Este aviso será a última palavra que ouvireis de mim!

Ouviu o roçar dos passos que fugiam quando os cornos soaram novamente e recuou, respirando rapidamente.

— Que queria ele? — perguntou Lhiannon.

— Nada que interesse — resmungou Boudica, satisfeita por a pouca luz disfarçar a vermelhidão que lhe aquecia as faces. Lhiannon era a última pessoa a quem queria revelar a proposta vergonhosa que o Romano lhe fizera.

Lá fora os tambores rufavam atraindo as atenções. As vozes graves dos druidas subiam e desciam, cada vez mais próximas, afastando-se depois quando o rei foi escoltado para o assento de honra junto ao fogo. Ali, o que estava em causa, era mais do que aquela cerimônia. Se Belina desempenhasse naquela noite o papel de sacerdotisa, ficaria ligada ao rei apenas quando a Deusa estivesse presente. Mas se Boudica assumisse esse papel, então receberia Prasutagos e Epona no seu coração. Boudica sentiu um arrepio de antecipação percorrer-lhe a pele. Lhiannon trouxe uma capa branca e pousou-lha nos ombros para protegê-la do ar que estava a ficar mais fresco. A cortina da porta moveu-se e ela viu a mãe.

— Oh minha filha, está tão bela... ainda mais bela do que no dia do teu casamento — disse Anaveistl com um sorriso trêmulo. — Só queria ver-te e agora vou voltar para casa, para o pé da nossa menina querida...

Boudica acariciou a mão da mulher mais velha. Ao conhecer a sua neta, Anaveistl ficara imediatamente enfeitiçada. Rigana não poderia ter uma ama mais devotada.

— O que se está a passar agora? — perguntou depois de a mãe sair.

— O rei foi sentado — respondeu Belina. —Acho que já está suficientemente escuro para poder abrir um pouco a cortina. Se te sentares aqui poderás ver...

Um dos druidas ajoelhou-se para chegar o fogo que trouxera do Anel de Terra à pilha de lenha que estava ao centro; ouviu-se um grande grito quando esta se incendiou. Os tocadores de tambor explodiram num som trovejante quando uma fila de rapazes armados com paus começou a dançar em torno da fogueira.

Deveriam ser mais, pensou Boudica com tristeza. Aqueles eram os irmãos mais novos dos homens que tinham morrido na batalha dos pântanos. Mas giravam e golpeavam o ar com valentia. Estaria

Prasutagos a pensar o mesmo? Ele parecia cansado, mas as suas feições exibiam a habitual calma controlada. Como tinha que ser, pensou, se ia reinar. Pulseiras de ouro brilhavam nos seus braços fortes e um torque de ouro envolvia-lhe o pescoço. Tinham-lhe vestido um *kilt* e uma capa ao estilo antigo. Nunca reparara que as suas pernas eram tão musculadas e bem feitas como os seus braços.

Bem, quando é que tive a oportunidade de reparar nisso?, pensou com um assomo de vergonha e de algo mais. Uma chispa de excitação aqueceu-a quando se apercebeu que podia olhar para ele tanto quanto lhe apetecesse, pois ele não a podia ver.

Algumas das raparigas escapuliram-se da tenda das mulheres e foram juntar-se à fila das donzelas que desenhavam padrões sinuosos em volta do fogo. Estavam coroadas com ramos de pirliteiro e, à medida que iam aquecendo com a dança, primeiro uma e depois outra soltaram os alfinetes que lhes prendiam as roupas nos ombros, ficando estas apenas seguras por um cinto e deixando à mostra os seios brancos.

Alguém trouxe a Boudica um copo de vinho; sentiu o calor nos membros e, na cabeça, um pulsar rítmico que acompanhava a batida dos tambores.

Os rapazes regressaram para fazer círculos em volta das donzelas, dançando na direção delas até quase as tocarem e depois afastando-se novamente a girar sobre si próprios. Os olhos ficavam mais brilhantes e os rostos corados e não só devido ao calor do fogo. Prasutagos sorria. Seria a imaginação que a fazia pensar que a pulsação na base da sua garganta estava mais rápida ou seria apenas o pulsar que sentia na sua própria garganta?

Aquele festival não se destinava apenas a honrar o novo rei mas também a dar as boas-vindas ao Verão e a fazer tudo quanto estivesse ao alcance dos homens para encorajar um ano generoso. Boudica lançou um olhar a Lhiannon, recordando como a mulher mais velha tivera a esperança de encontrar Ardanos nos fogos de Beltane. A criança que ela fora não compreendera a mensagem enviada pelos tambores. A sua carne compreendia-a agora.

Os tambores rufaram num floreado final; homens e mulheres tinham dado as mãos e fugido a rir para a escuridão. Subitamente o círculo ficou imóvel.

— Chegou a hora... — disse Lhiannon numa voz neutra como se também ela estivesse a tentar controlar-se.

— Pois chegou... — Belina virou-se para Boudica. — Estás pronta, minha querida?

Boudica não teria conseguido falar, mas o seu corpo respondia por ela. Levantou-se. Estendeu o braço para tirar a máscara da Égua Branca das mãos da sacerdotisa. Enfiou o cabedal moldado na cabeça, sobre o cabelo que fora enrolado para a segurar e Lhiannon apertou os cordões. O pescoço da máscara descia pela sua nuca até aos ombros, a cabeça escondia-lhe o rosto, as peças da frente moldando-se às suas faces e o focinho espetado para a frente. A crina fora feita com pelos verdadeiros.

— Agora... — A voz de Lhiannon pareceu-lhe vir de um lugar muito distante. — Agora és a rainha...

Boudica quase não dava pelo peso do cabedal. Quando a máscara se fechou sobre a sua cabeça sentiu uma pressão

corresponder no interior do seu crânio que empurrou o eu, que tinha como sendo seu, para um qualquer local de onde podia apenas observar com terror e espanto enquanto o seu corpo se retesava como o de um cavalo jovem que se debatesse contra os arreios. Quantas rainhas teriam usado aquela coroa? Estavam todas presentes, murmurando, as suas vozes fundindo-se numa única Voz.

Chegou a hora de correr? — surgiu a pergunta. — Chegou a hora de dançar?

A sua espinha foi percorrida por tremores que se espalharam pelos braços que se agitavam e pelas pernas fortes que calcavam e batiam na terra. Cambaleou e foi amparada por mãos suaves. A crina agitava-se quando abanava a cabeça e o ar explodia-lhe nos pulmões com um som que era meio gargalhada meio relincho. Tentou resistir, tal como tentara resistir a Morrigan. Esta deusa era simultaneamente mais selvagem e mais benigna, mas era igualmente forte.

Tu já Me conheces, minha filha, de que tens medo? Não te lembras de como cavalgaste a égua vermelha?

E quando Boudica recordou essa cavalgada ao luar, o passado e o presente, cavaleira e montada transformaram-se num só. Quando era pequena implorara um cavalo ao seu pai e galopara com ele em volta do forte até o domar. O seu corpo já conhecia os movimentos. Deixando cair a capa que tinha nos ombros, correu a cortina para um lado e avançou na direção do fogo.

Um murmúrio de espanto percorreu o círculo, mais alto do que as flautas e as pandeiretas que tinham começado finalmente a tocar. —A deusa está entre nós... Epona veio até nós... a deusa veio até ao rei...

Os totens de todos os clãs moviam-se quando os seus músculos se contraíram por baixo da pele branca. Virou-se, de braços estendidos, abraçando-os a todos. As mulheres choravam, os olhos dos homens brilhavam com uma esperança que ali não estiveram antes. Ela levou o seu tempo, pois aquelas pessoas tinham sofrido e precisavam do Seu amor. Uma vez, duas vezes, três vezes, percorreu o círculo, abençoando a Sua tribo e depois, finalmente, deve-se na frente do rei.

A calma de Prasutagos desaparecera. Nas suas faces brilhavam vestígios prateados de lágrimas e nos seus olhos o espanto e a alegria. A máscara moldada fez uma vénia na sua frente e ergueu-se com um abanar da crina. Um arrepio percorreu-lhe o corpo; ela virou-se, oferecendo-se como uma égua. Mas também era uma mulher: virou-se novamente para ele, oferecendo-lhe os seios firmes que tinham amamentado a sua filha, passou as mãos pela barriga, realçando o ventre que recebera a sua semente.

— Vem! — soou a ordem numa voz que simultaneamente era e não era a sua.

O rei levantou-se, debatendo-se com o fecho de ouro do cinto deixando depois cair o *kilt*. O seu pênis já estava inchado e ereto. Seria do ritual ou seria ele verdadeiramente mais dotado do que os outros homens? O povo gritou em aprovação quando ele se aproximou dela. Tal como Ela era a deusa, ele aparecia perante eles como a imagem do deus.

— Vem e serve-Me — murmurou ela. A energia vibrou através de ambos quando ele lhe pegou na mão.

Abria-se um caminho por entre a multidão na frente de ambos. Mais adiante o campo arado aguardava para se tornar no seu leito.

*

— Quem me dera que não nos deixasses... — disse Boudica pegando na capa de viagem que Lhiannon acabara de abrir e dobrando-a novamente. No Dun Garo a rainha e as suas mulheres tinham uma casa-solário para as suas atividades, construída num anel cujo centro era aberto para o céu. A luz era bem-vinda, mas a companhia de tantas mulheres tagarelas irritava os nervos de Lhiannon. Ali havia mais espaço para empacotar todas as coisas que a rainha insistira para que ela e Belina levassem na viagem.

— Precisamos de ti aqui, Lhiannon. Precisamos das tuas capacidades curativas e da tua sabedoria — continuou Boudica.

— Se tivesses dito, “Eu preciso de ti aqui, Lhiannon”, eu era capaz de ficar... *pensou com tristeza*. — Já não estás sozinha na quinta — disse em voz alta. — Tens curandeiros e homens sábios e guerreiros em quantidade aqui em Dun Garo. Já é tempo de eu voltar a ser sacerdotisa. — Resgatou a capa dos dedos nervosos da rainha e pô-la no braço.

— A maior parte dos druidas vivem nos fortes dos chefes tribais e não na Escola... — respondeu Boudica. — Se queres enfiar sabedoria na cabeça dos jovens, fica aqui e enfia algum juízo na cabeça da Rigana! — Naquela manhã a menina conseguira iludir as suas guardiãs. As suas pequenas pernas tinham-na levado até junto da oficina do ferreiro antes de ouvirem Bogle a ladrar e a terem encontrado a chorar porque o cão não a deixava chegar ao fogo.

— Para o tipo de cuidados de que ela precisa agora o Bogle é um guardião melhor do que eu alguma vez seria — respondeu Lhiannon. Curvou-se para fechar o saco. — Minha querida, isto não é para sempre. Eu visitar-te-ei e, quando ela for mais velha, poderás enviar a Rigana para ser educada como tu foste educada. .. — *Se ainda houver uma Escola para onde ela ir,* veio o pensamento. Mas não partia para poder fazer o que estivesse ao seu alcance para preservar a vida que sempre tinham conhecido?

— Sim, mas... — As palavras de Boudica esmoreceram. Lhiannon ergueu os olhos e viu que o rei entrara. A rainha virou-se para ele como uma flor se vira para o sol. Desde Beltane que aquilo acontecia. O casamento fora finalmente consumado, não apenas na carne mas também no espírito. A rapariga transformara-se numa mulher, sacerdotisa para o seu marido bem como rainha.

Não, eu parto porque ela já não precisa de mim, reconheceu Lhiannon quando Boudica se aninhou no braço de Prasutagos. O que é que esperara? Que tendo perdido o homem que amava fosse encontrar uma substituta em Boudica, preservando assim a sua virgindade? Lhiannon sabia muito bem que não era o contato físico mas o laço emocional que este gerava que constituía uma distração para um oráculo. Só o fato de ter aquele tipo de pensamentos a desqualificava. *Tenho de recuperar a minha soberania.*

— Lhiannon, estás pronta? — chamou Belina da porta. Pegou no saco. Prasutagos e Boudica vieram abraçá-la — juntos — agora ficariam sempre juntos.

— Minha senhora, agradeço-vos tudo o que fizestes... — murmurou o rei.

— Lhiannon... — A voz de Boudica tremeu. — Tem cuidado! Tem cuidado!

Ela não tinha palavras. Beijou-os a ambos e saiu para a luz brilhante do Sol.

*

Boudica encostou-se à trave de cima da cerca que rodeava o prado doméstico de Dun Garo, observando Roud a mover-se graciosamente sobre a erva, o pelo castanho avermelhado brilhando à luz do Sol. Parava para mastigar um pouco de erva e depois, abanando sedutoramente a cauda, virava-se para confirmar se o garanhão cinzento do rei a seguia. Boudica não se apercebera de que a égua vermelha estava com o cio. Pensou quanto tempo levaria o garanhão a cobri-la.

E quanto tempo levará Prasutagos para me fazer o mesmo? Ao pensar nisso, sentiu o calor inundar-lhe a pele. As suas recordações do ritual de Beltane eram fragmentadas, mas a lembrança da autoridade com que o seu marido a possuía todas as noites desde então deixava-a úmida de desejo. E como se a ideia o tivesse chamado, um sentido que Boudica não soubera possuir avisou-a de que o rei se aproximava.

Virou a cabeça e sorriu-lhe dando as boas-vindas, pensando como pudera alguma vez ter visto aquele passo gingado sem desejar que o seu corpo forte estivesse junto ao dela, ou olhado para as feições irregulares sem desejar fazê-lo sorrir.

— Ainda bem que vos vejo, minha senhora... — Os seus lábios abriram-se num sorriso quando se apercebeu do que se estava a passar. — Espera-se que o rei e a rainha tragam fertilidade ao reino, mas não pensei que o efeito fosse tão imediato.

Rindo, ela meneou as ancas como a égua estava a fazer e recuou encostando as nádegas às virilhas dele. Sentiu-o endurecer contra o seu corpo e afastou-se rapidamente. Dançara nua na frente de toda a tribo nos rituais de Beltane, mas não poderia fazer o mesmo ali.

— Isso foi... sensato — disse ele um pouco ofegante. — O rei deve demonstrar autocontrole bem como virilidade e, se te tocar outra vez, vou pôr-te de joelhos na erva...

— Sim... — disse ela numa voz insegura, sentindo mais do que desejo. Ele respirou fundo e olhou-a nos olhos. Já não estavam a tocar-se, mas ela sentia-o tão fortemente como se estivesse dentro de si. Aquilo não era luxúria, não era apenas luxúria. — Que aconteceu conosco?

Prasutagos engoliu em seco. Fosse o que fosse, ele também estava enfeitiçado.

— Entre um rei e uma rainha deve existir consideração e respeito — disse como se aquilo fosse uma lição aprendida de cor. — Nunca me atrevi a ter a esperança...

— Do amor... — respirou ela, permitindo-se reconhecê-lo e aceitá-lo finalmente. Viu a expressão dele ficar radiante quando se apercebeu de que aquilo era para ambos o perdão do que acontecera antes e uma promessa do que estava para vir.

Devo desculpas, pensou Boudica, ao espírito da fonte sagrada...

*

Lhiannon curvou-se para encher o cantil reprimindo a vontade de tirar os sapatos e mergulhar os pés na lagoa. O cavalo tinha ficado coxo naquela manhã e ela viera a pé, com o animal à rédea, durante o resto do dia. Uns quantos pedaços de tecido flutuavam nas árvores em torno da água. Os habitantes locais que lhes tinham dado leite e queijo chamavam àquele sítio Vernemeton, o bosque sagrado. Não seria bom ofender o espírito da nascente.

Recostou-se, inspirando profundamente o ar fresco e úmido. Havia ali uma grande paz. Gostava de poder demorar-se algum tempo. Tentou convencer-se de que era por estar cansada da viagem, mas quanto mais viajava na companhia de Belina e dos outros druidas que se tinham juntado ao grupo enquanto atravessavam a Britânia, mais se recordava da razão porque ela e Ardanos tinham ficado satisfeitos por poderem partir.

A Lua, que estivera no quarto minguante quando o pequeno grupo de druidas saíra de Dun Garo, já tinha ficado cheia e estava novamente minguante. Nos tempos antigos teria sido uma viagem ligeiramente mais curta, mas os Romanos andavam a patrulhar com mais frequência do que seria de esperar o território dos seus aliados da zona central, com receio de que Caratac e os guerreiros Ordovices atacassem novamente.

Suspirou e levantou-se quando Belina chamou o seu nome. Os outros já tinham acendido uma fogueira. Lhiannon deitou a água para o caldeirão e Belina despejou o saco de tecido grosseiro que continha carne seca e cereais. Dois dos druidas estavam a discutir as formas de cálculo das datas dos festivais. Eram ambos homens idosos que abandonavam os clãs que tinham servido com medo da proibição romana. O que fariam as pessoas para obter acompanhamento espiritual se todos os druidas procurassem refúgio em Mona? O que fariam os Romanos, pensou com apreensão, se se apercebessem da quantidade de druidas que lá havia?

Quando a comida ficou pronta já estava bastante escuro. As muralhas cheias de ervas do forte abandonado na colina por cima deles recortavam-se contra as estrelas. Naquela época era o local usado na região para a celebração de feiras e festivais sazonais. Lhiannon esperava que nunca fosse preciso para mais nada. Os últimos anos tinham-na feito desgostar das fortalezas nas colinas. .. era demasiado fácil para aquelas paredes transformarem-se em armadilhas para aqueles que deviam proteger.

— E o Lugoalus tem a certeza de que os Romanos não chegarão a Mona? — perguntou um dos homens.

— Será alguma coisa certa com exceção, talvez, das profecias de Helve? — perguntou Belina. — Mas só poderão alcançar-nos pelo caminho costeiro e será difícil fazê-lo com tantos homens.

— Mas se o fizerem — insistiu o homem —, conseguirá o druida-chefe defender-nos? Ouvi dizer que a sua saúde está muito fraca.

— Os últimos anos foram difíceis para ele como o foram para todos nós — disse Belina pacientemente servindo as papas de aveia.

— Mas se ele morrer quem lhe poderá suceder? O Cunitor é o mais graduado, mas não é muito vigoroso, se bem me recordo.

— Suponho que a escolha recaia sobre Ardanos, mas esperemos que essa necessidade seja adiada...

Lhiannon pestanejou quando o mundo se transformou num turbilhão de sombras perfuradas pelo fogo. Uma forte queimadura na coxa despertou-a e apercebeu-se que despejara metade das papas que tivera na taça. Limpou as papas atabalhoadamente com a manga.

— Lhiannon, estás a sentir-te bem? — Belina estava a seu lado com um pano.

— Desculpa... — disse atordoada. — Não queria estragar comida. Ardanos... — Respirou com dificuldade. Não iria admitir que durante todo aquele tempo pensara que ele estava morto. — Vi-o pela última vez na queda do Forte das Pedras... Fico... feliz por ter escapado.

— Oh, claro, estiveste tão incontactável que não poderias saber disso. Ele foi ferido e deixado como morto, é verdade, mas agora está bem. Vai ficar contente por te ver... — acrescentou alegremente. — Andou durante meses com cara de maçã azeda a pensar que estavas perdida. Tinha-me esquecido de que vocês trabalharam juntos durante algum tempo quando o Caratac andava a combater com as tribos do Sul. Devem ter-se tornado bastante próximos... — continuou ela a tagarelar.

Próximos... pensou Lhiannon. Tão próximos como o sangue e a respiração. Ele está vivo e vê-lo-ei em breve!

*

Quando deram a volta ao penhasco de granito Lhiannon susteve a respiração estremeando quando, por um instante, o odor frio e salgado deu lugar ao aroma doce e verdejante da ilha mais além, uma promessa de santuário no cinzento dominante do mar. Para lá das árvores conseguia avistar as águas azuis do estreito e a ilha de Mona, uma ilha mágica rodeada por magia, brilhando dourada ao sol da tarde.

Estremeceu novamente quando o vento ficou mais forte. Ataques de tremuras acometiam-na de tempos a tempos desde que soubera que Ardanos estava vivo. Belina dera-lhe remédios para as febres e Lhiannon não a contradissera, apesar de saber que aquilo

não se devia a qualquer doença do corpo sendo apenas um sintoma da sua agitação interior.

Teria Ardanos mudado? Pareceria mais velho? E ela? Tinham perdido tanto tempo, desperdiçado tantas oportunidades. Vira na realização que Boudica encontrara finalmente o que um verdadeiro casamento podia ser. Ela seria a Deusa para Ardanos e renovariam o mundo.

Como se se movesse num sonho conduziu o cavalo atrás dos outros pelo caminho. Uma chata estava junto ao cais. Lhiannon atravessou com o segundo grupo. Quando franquearam os portões de Oakhalls já se reunira toda a comunidade. Eram em maior número do que ela recordava, sacerdotes e sacerdotisas que tinham fugido ao avanço dos Romanos. Não invejava o trabalho que Helve devia ter para os manter a todos bem alimentados e ocupados.

Ainda a cavalo, Lhiannon procurou a cabeça ruiva de Ardanos na multidão. Esta estava a abrir caminho para que a alta sacerdotisa viesse, em pessoa, dar-lhes as boas-vindas com

Coventa, mais alta mas pouco mais mudada do que isso, um pouco atrás. E atrás dela mais um grupo, mas apenas uma face com significado para Lhiannon. Quando Helve avançou ele deteve-se, ergueu os olhos e encontrou o seu olhar interrogador.

Os lábios dela moveram-se mas não produziu qualquer som. Toda a cor desaparecera do rosto dele. Uma mulher amparou-o quando ele cambaleou. Mas nessa altura já Lhiannon saltara do cavalo e corria na sua direção.

— Lhiannon... — ouviu-se a voz de Helve nas suas costas. — Mas que milagre ter-te novamente entre nós! Como podes ver a nossa comunidade adquiriu muitos novos membros. Ardanos... tens que apresentar a tua mulher e a tua filha...

Pela primeira vez Lhiannon olhou para a mulher que o amparava. Os cabelos longos e loiros estavam atados por baixo do lenço. Uma túnica verde cobria um corpo que se tornara provavelmente mais cheio desde o nascimento da criança de dois anos, com cabelos claros, que se agarrava às suas saias.

— Não, o meu homem está demasiado espantado para dizer o que quer que seja e é ele um bardo profissional! — exclamou a mulher com o sotaque da tribo dos Durotriges. — Sou Sciovana e esta é a nossa filha, Pdieis. Ele falou-me muito de vós, minha senhora... Sei que deve ser maravilhoso para ele ver-vos viva!

Aquele discurso salvara-os a ambos, pensou Lhiannon desviando o olhar de Ardanos, que recuperava a compostura, para Helve que os observava com o que parecia ser um sorriso malicioso. Não podia gritar com aquela mulher que lhe sorria tão amavelmente nas boas-vindas, e não daria a Helve a satisfação de saber que a sua pequena surpresa magoara Lhiannon tão profundamente como ela desejava.

Coventa apareceu ao seu lado. — Lhiannon, deves estar exausta da viagem — disse suavemente. — Vem, vamos guardar as tuas coisas... depois do jantar terás tempo de conversar com os velhos amigos...

*

Era verdade que era mais fácil enfrentar a maior parte das coisas de barriga cheia, pensou Lhiannon, ainda que não esperasse que Coventa o soubesse.

— Fico surpreendida por continuares a usar linho cru — indicou a túnica de linho cru de donzela que a rapariga envergava. — Pensava que por esta altura já te fosse ver a usar o azul das sacerdotisas.

Coventa encolheu os ombros. — Estou pronta, mas a Helve achou que as estradas estavam demasiado perigosas para a viagem

até à minha terra depois da cerimônia em Avalon. Talvez no próximo ano, se as coisas acalmarem.

Bem, essa podia ser a razão. Mas poderia haver outras razões. Coventa sempre fora delicada. Agora tinha um aspecto positivamente etéreo, como se não precisasse de entrar em transe para visitar o Outro Mundo.

— Tens passado bem, filha? — perguntou.

— Oh, segura como tenho estado aqui na ilha, como poderia não ter passado bem? — perguntou Coventa alegremente. — Foste tu quem andou metida em aventuras perigosas...

Fizera uma cama para Lhiannon na Casa das Sacerdotisas e ajudara-a a guardar as suas poucas coisas e trouxera-lhe uma taça com carne e vegetais da figueira central para que pudesse comer em paz.

— Quando estamos no meio da história o perigo torna-se mais evidente do que a aventura... — disse Lhiannon ironicamente. — Esse tipo de momentos é mais agradável quando experimentados em segunda mão, através de uma balada de um bardo junto a uma fogueira.

— Nem todas as boas histórias são sobre terrores... — comentou Coventa. Sentou-se de pernas cruzadas aos pés da cama de Lhiannon. — Fala-me da Boudica. Tenho tantas saudades dela. E mesmo verdade que fugiu do marido na noite do casamento?

Lhiannon abanou a cabeça, maravilhada por a história ter chegado tão longe. — Fugiu sim, mas agora estão muito felizes...

Suspirou, recordando os poucos dias em que tivera a esperança de vir a encontrar uma felicidade semelhante e, como se o tivesse invocado, ouviu a voz de Ardanos no exterior.

— A Lhiannon está aqui? Sente-se suficientemente descansada para vir dar um passeio comigo?

Coventa olhou interrogativamente para Lhiannon que se levantou e pegou num xale. Soubera que teriam que ter aquela conversa, mais cedo ou mais tarde. E, quando isso acontecesse, ela poderia esquecer os seus sonhos ou, se tal se revelasse impossível, atirar-se ao mar.

O Sol pusera-se, mas tão perto do pino do Verão, o céu continuava brilhante apesar de não haver nenhuma fonte de luz visível. Fazia-a lembrar-se da luz no mundo das fadas. Quando atravessaram o círculo da fogueira Lhiannon viu que tinham sido construídas mais cabanas em seu redor. Os pilares esculpidos dos portões eram os mesmos, bem como as árvores que sombreavam o caminho para o Bosque Sagrado. E, no entanto, pareciam estranhas aos seus olhos, tal como o homem que caminhava a seu lado era um estranho, coxeando um pouco ao descer o caminho.

— A tua filha é muito doce e a tua mulher parece ter bom feitio e ser bondosa — disse educadamente.

— Lhiannon, pensei que tinhas morrido! — Ardanos respondeu à pergunta oculta nas suas palavras. — As espadas golpeavam o ar à tua volta e depois eu fui atingido. Pensei que eu próprio estava morto. Os Romanos pensaram o mesmo, ou por esta altura eu seria escravo na Gália. Atiraram-me para uma pilha de cadáveres e, se não tivesse sido encontrado pelas pessoas da quinta mais próxima, que andavam à procura de alguns dos seus homens, teria servido de alimento aos corvos.

Ela não disse nada. O Bosque Sagrado estava na frente de ambos. Por acordo tácito detiveram-se mesmo no exterior.

— A família da Sciovana recebeu-me — continuou ele. — Eu perdera uma grande quantidade de sangue. Ela cuidou de mim e quando eu delirava, de desgosto e dor, embalava-me nos seus braços.

A dor não era suficiente para te impedir de te aproveitares da sua generosidade, pensou Lhiannon.

— Eu não sabia o que fazia, mas quando recuperei o juízo e percebi que engravidara a rapariga, estava disposto a casar com ela. Que importância tinha, se estavas perdida para mim?

Poderia culpá-lo, pensou ela, lembrando-se de como procurara conforto junto de Boudica. E se Boudica a tivesse amado como Sciovana amara Ardanos, ela nem sequer estaria ali. Mas aqui estava ela, e a sua dor não a deixava condoer-se da dele.

Ele ficou a olhá-la, com os olhos cheios de lágrimas. — O meu amor é uma rapariga com o cabelo como uma bandeira amarela — murmurou. — Macio como o peito de um cisne... — Engoliu em seco e pegou-lhe na mão. — És uma sacerdotisa, Lhiannon e a Sciovana nunca poderá sê-lo. Nos grandes rituais poderemos ficar juntos, sacerdote e sacerdotisa, convocando o poder!

— Tens tudo planeado, ao que vejo! — Lhiannon arrancou a mão das dele. — Uma mulher para o altar e uma para a casa... Mas que conveniente! Mas eu não fiquei virgem estes anos todos para me tornar na tua amante mágica! Regressa para a tua mulher, Ardanos! Ela parece ser uma boa mulher e merece melhor, mas parece que te ama...

Ele tentou segurá-la mas, com um puxão rápido, ela desceu o caminho a correr. Não se deteve até chegar à Casa das Sacerdotisas onde se deixou cair, em pranto, nos braços de Coventa.

DEZESSETE

— A Helve pergunta se a servirás esta tarde... — disse Coventa. A Primavera chegara finalmente à ilha e um vento suave agitava-lhe os cabelos claros.

— Minha filha, estás a mentir... — Lhiannon ergueu os olhos do moinho com que estava a moer cereais e sorriu. — A Helve não envia pedidos às suas subordinadas. Tu devias trazer-me a sua *ordem...*

— Bem, sim... —; Coventa corou. — Mas ela fala assim porque acha que a sua dignidade o exige. De verdade que ela consegue ser muito bondosa.

Contigo, talvez, pensou Lhiannon. Se a crença na bondade de Helve fazia com que a mulher mais nova se sentisse melhor com a posição que ocupava na ilha, teria sido cruel privá-la disso, em especial agora que Helve transferira as suas atenções para uma nova rapariga chamada Nodona. Com a exceção de ter o cabelo negro, lembrava a Lhiannon vivamente Coventa quando era muito nova.

— Podes dizer à alta sacerdotisa que irei.

Enfiou outra mão cheia de grãos no buraco da mó de cima, agarrou o cabo polido pelo uso que servia de pega e começou a girá-lo novamente. Era o tipo de trabalho árduo que deveria ter delegado em alguém como Sciovana, mas os movimentos repetitivos tinham um efeito anestésico que ajudavam a passar os dias.

Antes de ir ter com Helve, contudo, Lhiannon tirou o tempo necessário para se lavar e vestir uma túnica limpa. Ficou satisfeita por o ter feito quando viu que a alta sacerdotisa não estava sozinha. Lugovalus e Belina, Cunitor e Ardanos e alguns escolhidos entre os

druidas mais velhos refugiados em Mona também estavam presentes.

A Coventa não me disse que isto era um conselho... talvez porque Helve temesse que eu recusasse participar, pensou ironicamente, apesar de não ser verdade ela evitar completamente a companhia de Ardanos, limitava-se apenas a recusar-se a vê-lo a sós. Sentou-se ao lado de Belina com um sorriso de ferro.

— Bem-vinda, minha irmã... completamos o nosso círculo — disse Lugoalus bondosamente. Se estava consciente das correntes subterrâneas não deu sinais disso. — Soubemos que o governador está a planear atacar os Deceangli.

— Atacarmos, queres tu dizer — disse Divitiac que fora o druida-chefe dos Durotriges antes da chegada dos Romanos. Tinha sido retirado quando as legiões marchavam pelo forte de Tancoric adentro e os seus membros tremiam, apesar de o seu espírito continuar forte. — Os Deceangli guardam o caminho da costa norte que qualquer invasor terá que percorrer para aqui chegar.

— Temos de fugir! — murmurou uma sacerdotisa que estivera com os Belgas e que por vezes acordava de noite a soluçar devido aos pesadelos provocados por aquilo a que assistira. — Temos de apanhar um barco para Eriu. Os druidas irlandeses são fortes e receber-nos-ão bem.

— E para onde iremos depois disso... para as Ilhas Abençoadas?
— perguntou Cunitor com humor negro.

— De uma maneira ou doutra será lá que acabaremos no fim...
— murmurou Belina.

— Se fugirmos agora nunca mais pararemos — objetou Cunitor.
— Caratac continua a lutar e ainda há tribos que não ajoelharam perante Roma. Se conseguirmos fazer com que se revoltem, os Romanos deixarão os Deceangli em paz.

Por agora..., pensou Lhiannon, mas não o disse em voz alta.

— Os meus parentes dos clãs dos Brigantes não estão satisfeitos com a amizade de Cartimandua com os Romanos — disse então Cunitor. — Talvez eu consiga persuadi-los de que esta é a altura de darem a conhecer os seus sentimentos...

— Caratac tem que saber que o apoiamos — disse Lugovalus.

— Irei ter com ele — disse Ardanos. — Já trabalhei com ele antes.

— Ainda te estás a recuperar dos teus ferimentos e tens família — disse Helve com firmeza. — És necessário aqui.

Estou a ver o caminho que isto está a levar, pensou Lhiannon. Sem dúvida que ela e Lugovalus já decidiram o que fazer antes de nós termos aqui chegado. Mas não tinha vontade de resistir à sua

manipulação. Tinha suportado o peso do Inverno, mas não lhe parecia que conseguisse estar no mesmo local de Ardanos quando o mundo se alegrasse com a chegada da Primavera.

— Enviem-me a mim... — sorriu inexpressivamente a Helve. — Caratac salvou-se da morte ou de pior. Devo-lhe toda a ajuda que lhe puder dar.

— Eu irei com ela — ouviu outra voz. Ergueu os olhos surpreendida e reconheceu Brangenos, um pouco mais grisalho e mais magro, mas de resto inalterado. — Um bardo vagabundo passa por todo o lado e também sou curandeiro.

Lhiannon franziu sobrolho. Recordava-se de como ele cantara para o Rei Togodumnos antes da batalha do Tamesa. E ouvira-o entre os Durotriges quando Vespasiano semeava a devastação nas suas terras. *Que desastres esperas vir a celebrar quando estivermos com Caratac, oh bardo?*

— Está combinado então. E pediremos aos sacerdotes mais novos que espalhem a mensagem pelos outros locais... — continuou Lugoalus.

Quando os outros se levantaram para sair, Helve chamou Lhiannon.

— Nunca fomos amigas — disse a alta sacerdotisa quando ficaram sozinhas. — Mas acredita quando te digo que não te estou a enviar nesta missão para me ver livre de ti...

Não?, pensou Lhiannon. Pensei que talvez fosse por ameaçar a influência que tens sobre a Coventa. Continuou a sorrir.

— Quaisquer que tenham sido as rivalidades que nos separaram no passado, temos de trabalhar juntas agora — continuou Helve. — Tens grandes capacidades e a Deusa sabe o quão desesperadamente necessitamos de todos os homens e mulheres de poder! Não tenho alternativa se não usar todas as ferramentas de que disponho, seja qual for o preço. Nem tu nem eu temos

importância, nem Ardanos, nem Coventa, nem Lugoalus, se com o nosso sacrifício pudermos salvar a nossa Ordem

Lhiannon abriu ligeiramente a sua consciência e ficou surpreendida por detectar apenas sinceridade. Helve acreditava no que dizia e era até capaz de ser verdade. Talvez estivesse a ficar à altura do cargo que desempenhava.

— Compreendo... — Pela primeira vez dirigiu à alta sacerdotisa uma vênua respeitosa.

— Mantém-te a salvo, Lhiannon e regressa para junto de nós quando tiveres terminado a tua missão.

*

Boudica sonhou que caminhava por um caminho estreito através de colinas densamente florestadas, rodeada por homens que empunhavam espadas. As roupas estavam cobertas de lama e de sangue e nos seus olhos havia um brilho fanático. Na sua frente marchava Lhiannon, tão suja como qualquer dos outros, mas parecendo endurecida e em boa forma.

No vale mais abaixo havia uma quinta. Em silêncio os guerreiros cercaram-na. Vislumbrou Caratac no meio deles. Quando alguém acendeu uma tocha o seu torque de ouro brilhou. Lançaram-se ao ataque, uivando gritos de guerra Silures. Os homens saíram das casas a correr. As mulheres gritavam quando os telhados se incendiaram. Em breve havia mais sangue a jorrar e corpos jazendo por terra. E depois os atacantes bateram em retirada, alguns levando animais ou sacos de cereais. Quando iam a passar Lhiannon virou-se e pareceu ver finalmente Boudica.

— Este é o tratamento que daremos a todos quantos ajoelharem perante Roma...

*

Boudica apercebeu-se de que estivera a chorar quando abriu os olhos e viu o rosto preocupado do marido. Devia ser de manhã. A porta da cabana estava aberta e o sol filtrava-se pelas cortinas às riscas vermelhas e amarelas que rodeavam a cama.

— Gritaste... estás com dores?

— Foi um pesadelo — tartamudeou ela limpando os olhos. — Já passou... — mentiu, pois sabia que aquele sonho lhe ficaria na memória. O seu irmão mais novo, Braci, e o irmão de Caratac, Epilios, tinham-se juntado aos rebeldes um ano antes. Mas no sonho os Bretões pareciam estar a ganhar. Se Lhiannon ali estivesse ter-lhe ia pedido uma interpretação do sonho. Teria sido a sacerdotisa quem lhe enviara o sonho e, nesse caso, seria uma reprimenda ou um aviso?

— Vem cá e manda o pesadelo embora com beijos... — Puxou-o para a cama encaixando o corpo no dele da forma a que se acostumara nos dois anos em que fora verdadeiramente a sua rainha. Ele riu-se e esfregou o nariz no pescoço dela, com uma das mãos deslizando sobre o seu seio. Ela sentia a sua satisfação e o seu desejo. Porque lhe teria levado tanto tempo a compreender que Prasutagos era mais eloquente quando estava silencioso?

— Mama, Papá! O Bogle apanhou uma lebre! Prasutagos rolou para um dos lados quando as cortinas foram afastadas com um puxão e um tumulto de cabeça ruiva saltou para o meio deles. Boudica pestanejou e estendeu uma mão tentando fazer com que a filha ficasse quieta.

— Ele apanhou-a no meio dos arbustos e trouxe-a para casa. Os cachorros estão a lutar por causa dela!

Boudica trocou um olhar exasperado com o marido que se riu e saiu da cama, tateando à procura da túnica que despira tão precipitadamente na noite anterior. O que significaria ter o totem do nosso clã calado pelo nosso cão? Era inevitável que tal acontecesse, supunha, se deixasse Bogle e a sua numerosa prole vagarear pelos campos quando estavam a viver no velho forte do pai.

— Rigana! Rigana... a criança está convosco? Prasutagos puxou a túnica precipitadamente para baixo quando

a mãe de Boudica entrou apressadamente.

— Desculpem, meus queridos, ela acordou-vos? — disse a mãe.
— Ela corre muito depressa, sabem.

— Sim. Não tem importância, Mama — disse Boudica. — Eu de qualquer forma ia levantar-me.

— Pensei nisso... — disse a mulher mais velha. O ferreiro já aqui está com as moedas novas para o rei aprovar. — Desde a morte do pai de Boudica, Anaveistl adaptara-se bem, mas às vezes esquecia-se de que já não era a rainha.

Boudica abraçou Rigana, deliciando-se com a firmeza do seu corpo e o cheiro a flores do seu cabelo. — A tua irmãzinha já acordou, minha flor? — As duas meninas dormiam com a avó e as amas na cabana do lado, suficientemente perto para Boudica as ouvir se alguma delas chorasse.

Como se a pergunta fosse um sinal, Nessa entrou pela porta com Argantilla, que dava os primeiros passos, pela mão. Com um sorriso luminosos, a menina mais pequena, tão dourada e gentil

como a sua irmã era ruiva e ativa, trepou para a cama para se juntar a Rigana nos mimos matinais antes de os pais serem distraídos pelas exigências do dia.

O pequeno-almoço, tomado debaixo dos ramos compridos do carvalho, era a ocasião em que se recebiam relatórios e se planejava o dia. Naquela manhã tinham recebido moedas de prata juntamente com as papas de aveia: as primeiras cunhadas ao estilo romano, com a imagem do rei numa das faces e o lema "*Subri Esvprasto Esico Fecit*" com o totem cavalo dos Icenos na outra.

Um número demasiado grande daquelas moedas teria que ser entregue aos Romanos no pagamento de impostos. Outras teriam que ser pagas a chefes tribais que tinham recolhido produtos nos seus clãs para alimentar a infundável necessidade de mantimentos dos Romanos.

Esico, o cunhador de moedas, um homenzinho de cabelos escuros desdentado e com um ar confiante que provinha do fato de saber que a sua competência seria sempre necessária, fosse quem fosse que estivesse no poder, também comerciava informações. A sua primeira oferta foi a notícia de que o governador, achando que os seus recursos estavam demasiado desperosos, ia transferir a

vigésima legião de Camulodunum para um local próximo da boca do estuário do Sabrina, onde poderia manter os Silures debaixo de olho.

— Vão retirar todas as suas forças das terras dos Trinovantes?
— perguntou Prasutagos.

— Não exatamente — ciciou Esico. — Querem transformar o forte numa cidade ao estilo romano e povoá-la com veteranos. “Colônia Vitória”, chamam-lhe... — cuspiu as palavras. — Já recrutaram homens para ajudar na construção... e com as colheitas à porta... — abanou a cabeça. — Os Trinovantes não estão nada satisfeitos, mas o que podem fazer?

O que podemos nós fazer, pensou Boudica, senão continuar em frente?

— Os Romanos dão grande importância a edifícios impressionantes... — disse Prasutagos lentamente quando Esico se foi embora. — Consideram-nos um sinal de civilização. — Boudica

olhou-o com suspeição, reconhecendo o brilho entusiasmado dos seus olhos.

— Os Romanos nunca nos deixarão construir fortificações. O que é que tinhas — acrescentou cuidadosamente — exatamente em mente?

— Nada em pedra... — disse ele rapidamente. — Nada que eles pudessem considerar uma ameaça. Mas estava a pensar na forma como os Romanos constroem um segundo andar nas suas casas e acho que podíamos construir uma cabana assim, com dois andares. — Boudica pestanejou. Não conseguia sequer imaginar aquilo de que ele estava a falar, mas era óbvio que Prasutagos conseguia ver a coisa com toda a clareza. — Vamos tirar alguns dos edifícios que há dentro do recinto... passamos os telheiros dos teares para o pátio adjacente e erguemos um recinto próprio para a cunhagem de moedas. E construámos uma bela muralha com fosso em torno da casa.

— Queres competir com o Rei Cogidumnus? — riu-se ela. — Ele está a construir um palácio romano em Noviomagus.

Ele abanou a cabeça. O monte sobre o qual fora construído o forte era suficientemente alto para lhes proporcionar uma boa vista do rio, com os arbustos a brilharem dourados pelo sol da manhã. Aquela cena pacífica fazia com que a violência das suas visões noturnas parecessem mais irreais... ou seria este o sonho? Quando suspirou, Bogle ergueu a grande cabeça que estivera pousada sobre um dos seus pés e pousou-a sobre o outro. Ela mexeu os dedos do pé para restabelecer a circulação. O cão, tendo feito a sua contribuição para o fornecimento de alimentos da comunidade, sentia-se claramente com direito ao descanso.

No entanto, passados alguns instantes, Bogle levantou novamente a cabeça, com as orelhas espetadas e depois saiu de debaixo da mesa e deu alguns passos na direção do portão.

— Estamos à espera de visitas? — perguntou Prasutagos. O cão demonstrara ter uma estranha capacidade de distinguir a aproximação de estranhos da de pessoas da região.

— Parece que são amigos... — observou Boudica quando a cauda felpuda começou a abanar suavemente.

Passados poucos minutos um dos guerreiros que estava de guarda entrou a correr pelo portão e anunciou que vinham três mulheres e um homem a cavalo a subir o caminho.

— Isso não me parece muito perigoso — disse Prasutagos afagando o bigode para disfarçar um sorriso. — Porque não vamos dar-lhes as boas-vindas?

A curiosidade foi substituída pelo espanto quando as três mulheres apareceram junto do portão. Boudica tivera a esperança de ver Lhiannon, mas os caracóis louros da primeira mulher foram quase igualmente bem-vindos.

— Coventa! — Calou-se ao reconhecer Belina e, atrás dela, Helve, imagine-se, e abrandou o passo para um ritmo mais adequado a uma rainha.

— Minha senhora! — O aceno de cabeça foi cuidadosamente calculado para transmitir a igualdade das suas posições. — Honraí-nos! — Enquanto dava ordens para que fosse servida comida e bebida observava-as disfarçadamente, vendo que Coventa crescera e ficara bastante alta e que Helve estava mais rechonchuda. A alta sacerdotisa continuava bela, mas no seu rosto havia rugas novas. *E não é para admirar, pensou silenciosamente, os últimos anos não foram fáceis para ninguém.* Sorriu novamente quando viu que o acompanhante das mulheres era Rianor. Tal como as mulheres vestia roupas normais.

— Deves estar a pensar no que estamos aqui a fazer... — disse Belina quando se sentaram em frente a uma travessa com bolos de aveia e uma garrafa de vinho romano. — Com os Romanos atarefados a construir o novo forte perto do Sabrina, as estradas pareceram-nos suficientemente seguras para que a Coventa pudesse ter a sua cerimônia de mulher adulta em Avalon...

Boudica assentiu, lembrando-se da sua própria iniciação às mãos de Lhiannon. Pensou se Helve conseguiria invocar a mesma magia, mas a Coventa tinha em si magia suficiente para as duas.

— E agora vamos levá-la a visitar os seus parentes nas terras dos Brigantes antes de ela fazer os seus votos — disse Helve. — Tem sido uma viagem interessante.

E tu tens andado a recolher informações por onde passas..., observou Boudica. Parecia-lhe que o tipo de raciocínio necessário a uma alta sacerdotisa não era muito diferente do necessário a uma rainha.

— Disse-lhes que não tinha importância — disse Coventa. — Ninguém me propôs um grande casamento e eu recusá-lo-ia, se mo tivessem oferecido... apesar de as tuas meninas serem tão doces que me fazem pensar novamente na maternidade!

Boudica sorriu. “Doce” não seria bem o termo que usaria para classificar Rigana, mas as duas crianças tinham-se portando muito bem ao conhecer as sacerdotisas e percebia que estas pudessem ser enganadas.

— Estamos a planear poupar algum tempo de viagem apanhando um barco na costa norte das vossas terras — disse Helve. — Ficaremos em casa da Rainha Cartimandua, em Briga, durante algum tempo antes de regressarmos a casa. Pensei que, se o teu marido o permitir, talvez gostasses de nos acompanhar...

— Oh por favor, vem Boudica — implorou Coventa. — Só podemos cá ficar uma noite e isso não é tempo que chegue para tudo o que tenho para te contar!

— Não sei... — disse Boudica indecisa. O bebê estava desmamado e às raparigas não faltavam protetores, mas não dormira separada de Prasutagos mais de uma noite desde que ele se tornara rei supremo, exceto quando parira Argantilla e durante a semana em que ele tivera uma febre, no ano anterior. Sem ele na cama, a seu lado, ela não dormia bem.

Por fim foi Prasutagos quem a aconselhou a ir, se bem que fosse evidente que a perspectiva da separação não lhe agradava a ele mais do que a ela. Mas havia algum tempo que não falavam com Cartimandua e, desde que os Brigantes ocidentais se tinham revoltado no ano anterior, tornara-se importante saber qual era a posição dela e do marido em relação a Roma.

— No casamento a Cartimandua pareceu simpatizar contigo — observou o rei secamente. Boudica apercebeu-se pela primeira vez de que ele tinha consciência de que a rainha brigante a encorajara a fugir a cavalo. Ele nunca falara nesse assunto antes. — Ela é muito voluntariosa, mas talvez se passarem juntas algum tempo ela fale à vontade.

Foi só depois de estarem na estrada há vários dias que ocorreu a Boudica que o convite de Helve se devera às mesmas razões.

Três dias de viagem levaram-nos até a um pequeno porto em Wash, na costa norte das terras icenas. Aí encontraram dois barcos de fundo largo, que poderiam levar as quatro mulheres e o acompanhante, numa viagem de quatro dias pela costa acima e até ao grande estuário. Ao desembarcar compraram cavalos de pelo comprido para os transportar para montante até chegarem a Lys Udra, onde a Rainha Cartimandua tinha a sua casa.

*

— Simpatizamos com o Caratac, como é óbvio — disse a rainha.

Continuava a ser a criatura polida e de língua mordaz que Boudica recordava, com o seu cabelo negro a brilhar à luz do Sol. Coventa estava a passar uma semana com a família do irmão, deixando a rainha brigante a entreter as visitas inesperadas no seu salão junto ao rio. Ali as terras eram boas para a lavoura, mas a ocidente ficavam pântanos e montanhas onde só os pastores conseguiam viver.

— Ele e o irmão estavam no bom caminho para unificar todo o sul, se os Romanos não tivessem vindo. — Serviu o vinho em taças de louça samiana avermelhada e passou-as às visitas. — E é também um homem bem parecido, apesar de ser deprimentemente fiel àquela mulher ordovice com quem se casou. — Sorriu.

Boudica ergueu uma sobrancelha. — *Tentaste então a tua sorte com ele e foste recusada?* Cartimandua era conhecida por ter olho para os homens bem parecidos. O marido não levantava objeções, mas Briga era uma terra selvagem onde o povo se mantinha fiel a costumes mais antigos do que os dos Celtas da Gália, seus conquistadores. O Rei Venutios estava a passar o Verão em Rigodunon, perto do estreito de Salmaes na costa noroeste. Era evidente que a natureza da sua relação com Cartimandua era muito

diferente da união que ela e Prasutagos tinham finalmente conseguido. Boudica pensou se ele teria tido algum papel na revolta.

— Dizem que o Caratac levou o seu exército para as terras dos Ordovices — disse Helve.

— Ele pode levá-los para onde lhe apetecer desde que se mantenha longe de Briga —, Cartimandua falou com súbito veneno. — Não vou permitir que persuada mais nenhum dos nossos clãs a participar numa revolta que só poderia ser esmagada trazendo para cá as Legiões.

— Eu, por outro lado, só posso estar grata por eles se terem revoltado. Essa rebelião salvou Mona — comentou Helve.

— Estais à espera que vos diga que sois bem-vinda? — Cartimandua respondeu à pergunta que ela não fizera. — Não tenho qualquer diferendo com a vossa Ordem, mas gosto muito mais dos Romanos quando os seus cobradores de impostos, por mais

irritantes que sejam, são os únicos representantes que eles precisam de enviar para as minhas terras.

Os lábios de Helve apertaram-se mas, mesmo ela, tinha dificuldade em contrariar as palavras da rainha quando estava a beber do seu vinho. Era útil para a alta sacerdotisa ser bem-educada para uma soberana sua igual, pensou Boudica. Gostaria que Lhiannon estivesse ali para presenciar a cena.

— Dizem que Caratac tem com ele uma sacerdotisa da vossa Ordem, uma Senhora Branca com poderes mágicos — acrescentou Cartimandua como se Boudica tivesse dado voz aos seus pensamentos. Coventa dissera-lhe que Lhiannon partira em auxílio dos rebeldes. Ficou satisfeita por ter a confirmação dos seus sonhos.

— Verdade? — perguntou Helve rigidamente.

— Sem dúvida que os Romanos também já ouviram falar no assunto. Isso não os tornará mais tolerantes para com o vosso

poder. — Cartimandua recostou-se e fez sinal a uma das suas mulheres que trouxesse mais vinho.

— Se não lhes fizermos frente não *teremos* poder — disse Helve com mais franqueza do que Boudica previra.

— Ora bem, jogamos o jogo de formas diferentes — sorriu Cartimandua. — Será interessante ver quem vencerá...

*

Na noite anterior à sua partida de Lys Udra, a rainha brigante chamou Boudica quando as outras se encaminhavam para as suas camas, após o jantar na cabana grande que era o salão real.

— Que queria ela? — perguntou Coventa quando Boudica se lhes juntou.

— Queria avisar-me em relação a vocês! — Boudica tentou rir-se. — Ela acredita que os Romanos tentarão destruir os druidas quando tiverem pacificado as tribos.

— Sei que não podes fazer muito para nos ajudar, na tua posição — disse Coventa muito séria —, mas será um conforto saber que ainda me tens no coração...

— Oh minha querida, como poderia não ter? — exclamou Boudica. Mas não queres reconsiderar a tua decisão? Acredito que estarias mais segura comigo do que com a Helve.

Coventa abanou a cabeça com o seu habitual sorriso doce. — Sei que não gostas dela, mas ela deseja mesmo servir o povo e os deuses. E tem sido boa para mim.

Ela usou-te, pensou Boudica. Mas não serviria de nada dizê-lo em voz alta.

— Esta viagem revelou-me o quão infeliz eu seria se tivesse que viver com pessoas que veem e ouvem apenas com os olhos e os ouvidos. Em segurança ou não, ser sacerdotisa em Mona é a única coisa para que sirvo — disse Coventa.

— Então sê-lo e sê feliz... — Boudica abraçou os ombros magros. *O tempo que conseguires*. Mas, na verdade, poderia ela, ou alguém, desejar mais do que isso?

*

As colheitas eram a época mais esperançosa do ano. Nos tempos antigos as guerras paravam quando chegava a altura de fazer as colheitas. Mas agora, exceto quando era necessário perseguir ocasionalmente uma vaca que vagueava para o outro lado da fronteira tribal, já não tinham que se preocupar com guerras... talvez o único dos benefícios prometidos pelos Romanos e que era verdadeiramente bem-vindo. Quando os grãos ficavam dourados, toda a gente, importante ou não, aparecia para ajudar nos campos.

Boudica curvou-se, apanhou as espigas empilhadas na sua frente e juntou-as ao molho que tinha no braço. Mais à frente a fila de ceifeiros movia-se ao ritmo do tambor da ceifa, apanhando, cortando e deixando cair as espigas de cereais. Acocorou-se para juntar mais espigas ao braçado, achou que já tinha o suficiente para um feixe, atou-o com um pedaço de palha e recomeçou o processo.

Uma grande parte das terras dos Icenos era constituída por pastagens e terrenos pantanosos, o que fazia com que os terrenos onde os cereais cresciam fossem duplamente preciosos e, os melhores de entre eles, encontravam-se nas terras altas em volta de Ramshill. Boudica fora para ali após a visita a Cartimandua e o rei trouxera as meninas para ficarem com ela enquanto viajava pelo reino. Regressariam todos para Dunford quando as colheitas terminassem.

Esperava sempre com ansiedade por aquela estação e pelas suas festividades, mas naquele momento desejou que já tivesse terminado. No céu o Sol brilhava e o suor escorria-lhe pelas costas, fazendo com que o linho da túnica se pegasse à pele das costas e provocando comichão nos locais onde o onipresente debulho se tinha enfiado. As mangas compridas protegiam-lhe os braços do Sol, nas naquela noite a sua cara estaria vermelha e dorida, apesar do óleo com que ela se untara antes de começar a labuta e do chapéu de palha de abas largas que tinha na cabeça.

Mas não podiam parar agora. As nuvens estavam a juntar-se por cima do Estreito e perderiam a maior parte do trigo se chovesse. As famílias cujas quintas ficavam perto do Santuário do Cavalo ceifavam em conjunto, passando de um campo para outro à medida que os cereais iam ficando maduros. Naquele dia estavam nos campos de Paios e Chandra. No princípio do Verão, Paios estivera doente mas agora parecia recuperado, com a pele bronzeada e o cabelo castanho queimado pelo Sol.

Ao lado dele Prasutagos ceifou e atirou para o lado mais uma mão cheia de espigas. O rei despira a túnica. Boudica deteve-se por um instante apreciando o movimento dos músculos nas suas costas quando ele estendeu o braço para mais uma mão-cheia, depois apanhou as espigas que ele ceifara e fez mais um feixe de trigo.

— Tens aqui água, mãe... — disse Rigana. Boudica esticou-se para aliviar a dor nas costas e agarrou no cantil cheio de água. Sabia-lhe melhor do que o vinho romano. Ao menos aquele era o último campo. Da quinta vinha o cheiro dos cozinhados... estariam a festejar dentro de pouco tempo.

Muito em breve, apercebeu-se, pois os ceifeiros estavam a aproximar-se da extremidade do campo. Uma onda de antecipação passou pelos espectadores. As foices brilhavam enquanto os homens se apressavam em direção ao fim e depois detiveram-se, afastando-se de Prasutagos, que estendia a mão para as últimas espigas que ainda se erguiam no campo. Ouvindo o silêncio este parou, apercebeu-se de que chegara ao fim e olhou à sua volta, soltando uma gargalhada constrangida.

“A Mulher Velha!” “A Mãe do Milho” “Cuidado, ela apanha-te!”
Ouviram-se os gritos.

— Paios, este campo é teu... deixarei que sejas tu a fazeres as honras — disse o rei, esperançado, estendendo a foice ao outro homem.

— Não meu senhor... — Paios sorriu. — É por vós que ela tem estado à espera. Não me intrometerei no vosso caminho! — A sua mulher de cabelos loiros agarrou-lhe num braço, como que para se certificar disso mesmo.

Prasutagos soltou um suspiro dramático. — Bem, tu estiveste doente, por isso encarregar-me-ei dela... — endireitando-se deu um passo em frente, agarrou nas espigas com a mão esquerda e, com um golpe rápido, cortou-as. Quando recuou uma coisa castanha e veloz saltou do meio da palha e atravessou o campo aos saltos.

— Uma lebre! — murmurou alguém fazendo um sinal de proteção. Boudica sentiu os braços arrepiarem-se. Subitamente a oferta risonha de proteção do rei adquiria um sentido mais profundo. O olhar dele encontrou o do camponês que empalidecera um pouco.

— É o dever do rei interpor-se entre o perigo e o seu povo — disse Prasutagos suavemente e sorriu.

— Um pescoço! Um pescoço! Ele tem a Mulher Velha! Gritavam os outros.

Prasutagos entregou as espigas a Chandra que começou a atá-las rapidamente de forma a formar braços e pernas e a dotar a figura de uma grinalda e de uma coroa. Assim que ela pôs as mãos nas espigas as outras mulheres agarraram o rei enfiando-lhe palha nas roupas e no cabelo. Depois carregaram-no até ao rio e atiraram-no à água.

Quando os tempos eram verdadeiramente maus, pensou Boudica um tanto sombriamente, o soberano, ou o seu substituto, tinha que morrer mesmo pelas suas terras e não apenas de brincadeira. Seria esse sacrifício exigido a Caratac? Mas, apesar das suas ambições, ele nunca fora rei de toda a Britânia. A aceitação teria que vir antes do sacrifício.

Agora tiravam Prasutagos novamente da água. Por cima das cabeças das mulheres os seus olhos risonhos encontraram os dela. *Vão levá-lo para a quinta para o banquete, pensou enquanto a custo lhe retribuía o sorriso, e obrigá-lo-ão a dançar com a Mãe do Milho e a comer tanto como Devodaglos e a prometer mais cerveja a toda a gente. Não é um sacrifício assim tão grande...*

— Ei-ei, ei-ei... — A Mãe do Milho era levada de regresso à quinta e os gritos soavam triunfantes através dos campos.

Boudica seguiu a multidão e ocorreu-lhe que os maus tratos dados ao ceifeiro eram apenas um símbolo, mas a cada Primavera, a Deusa do Milho, nos grãos com que era feita a imagem da última ceifa, era desmembrada e espalhada para abençoar os campos.

DEZOITO

Fora uma longa guerra. Da porta da tenda de comando, Lhiannon olhava para as fogueiras que tremeluziam nos prados que bordejavam o rio onde os homens da grande coligação forjada por Caratac tinham afogado as suas rivalidades do passado por ódio a um inimigo maior. Os Silures, veteranos dos combates no sul de dois anos antes e os sobreviventes Durotriges, das campanhas de Vespasiano, estavam lado a lado com os Ordovices e com os Deceangli, que tinham suportando o fardo de batalhas mais recentes, e de homens dispersos de outras tribos. A última vez que se reunira uma tão grande hoste de Bretões fora nas margens do Tamesa.

Por trás dela Caratac estava reunido com os chefes de guerra, desenhando mapas no chão. Brangenos instalara-se nas sombras mais atrás, tocando uma música suave e melodiosa, que aliviava a alma sem requerer atenção.

— Dizem que o governador quando cá chegou estava doente e não me parece que a sua saúde tenha melhorado com as perseguições que me fez por essa colinas. Por todos os deuses, estou tão cansado de lhe fugir como ele está de me perseguir!

— Tencionas então defrontá-lo? — perguntou Tingetorix, um campeão iceno que Lhiannon conhecia dos tempos passados com Boudica.

— Tenciono dar-lhe batalha... num local da minha escolha... — Caratac mostrou os dentes num sorriso. — Duvido que ele seja capaz de resistir ao convite. — Oito anos de guerra tinham transformado a raposa dos Cantiaci num lobo velho, o cabelo ruivo estava agora grisalho e a pele, tisonada pelos elementos, semeada de cicatrizes. Mas o fogo nos seus olhos ardia com a intensidade de sempre.

E o de Lhiannon? Também ela deixara a sua juventude naquelas montanhas. Para os homens do exército de Caratac, de quem

cuidara e a quem confortara quando estavam feridos ou doentes, era a Senhora Branca. Naqueles dias vestia-se com linho cru caseiro. A sua túnica azul de sacerdotisa havia muito que se gastara. Mas a sua verdadeira aparência deixara de ter importância: apesar de não ser o único druida do exército, tal como Caratac, transformara-se num talismã vivo. E havia alturas, mesmo ali, em que o transe da visão descia sobre ela, não como acontecia nos rituais organizados de Mona, mas como uma intuição súbita que a deixava numa confusão de esperança e de medo.

— Os nossos batedores dizem que o governador trouxe a Décima Quarta legião de Viroconium e a Vigésima de lá de baixo, do sul... — disse um dos homens dos Ordovices.

— A Vigésima que costumava estar estacionada em Camulodunum? — ecoou Epilios. — Mal posso esperar por os encontrar de novo... — O seu sorriso era um reflexo juvenil do de seu irmão — os dois últimos filhos de Cunobelin estavam juntos, comandando na guerra os homens da Britânia.

— Estão acantonados em acampamentos de campanha perto dos vaus onde os rios se juntam. Cerca de vinte mil homens num dos acampamentos e a cavalaria noutra.

— Somos quase tantos como eles e a cavalaria não vai servir de grande coisa no local para onde estou a pensar levá-los. — Caratac fez sinal a Lhiannon. — Contai-lhes, donzela, a visão que partilhastes comigo...

Todos os olhos se viraram para Lhiannon quando esta avançou para a luz da fogueira afastando o véu. — Foi um sonho... cabe-vos interpretá-lo, mas foi isto o que eu vi. Eu era como um pássaro, olhando para baixo para a terra da Britânia. Por baixo de mim vi águias em voo, seguindo Caratacus do oceano até ao rio através de pastos de terras cultivadas. Mas quando ele entrou na floresta elas tentaram segui-lo e quando ele subiu as montanhas elas ficaram cansadas. A visão falhou nessa altura e não vi o fim da batalha. Mas se lutardes num monte tereis hipótese de vencer. E isso o que eu vejo.

— A própria terra combaterá por nós, compreendem... — Caratac debruçou-se sobre o mapa desenhado no solo e começou a apontar para os montes e rios ali marcados. — Os Romanos combatem como leões em terrenos planos, mas os nossos homens são como gatos selvagens nos seus montes natais. Atraí-los-emos com alguma resistência no atravessamento do rio e depois

retiraremos para este monte... — Espetou no chão o pau que lhe servia de ponteiro.

— O velho forte do monte? — perguntou um guerreiro duro-trige que o acompanhava desde a campanha de Vespasiano. — Não estás a pensar encurralar-nos aí!

Lhiannon estremeceu. Ainda havia noites em que acordava a gemer devido às memórias da queda do Forte das Pedras.

— Não, se bem que nos possa servir de último reduto se as coisas correrem mal — respondeu Caratac. — Vamos ocupar as nossas posições nas encostas do monte, onde o relevo da terra os apertará e, onde a subida for mais fácil, poderemos tapar o caminho com paredes de pedra.

— Pedras não nos faltam — disse um dos Ordovices e toda a gente se riu.

Pedras e ventos frios, pensou Lhiannon quando a brisa, que se tornava sempre mais forte ao pôr do Sol, entrava por todas as imperfeições do tecido da sua capa de lã. O Sol pusera-se por trás das montanhas ocidentais e o crepúsculo descia um véu de sombras sobre os montes mais baixos. No dia seguinte estariam novamente em movimento.

Os homens estavam a discutir as posições que as tribos deveriam ocupar no monte e tinham-na esquecido. Lhiannon percorreu o acampamento na direção da tenda que partilhava com a mulher e com a filha de Caratac e com algumas outras mulheres cujo valor como potenciais reféns era demasiado elevado para serem deixadas onde poderiam correr o risco de serem capturadas. De vez em quando um homem levantava os olhos quando ela passava junto à sua fogueira. Ela sorria-lhes em saudação. Não lhe custava nada dar-lhes esse conforto. *Mas quem, pensou, me confortará a mim?*

Afastou aquele pensamento. Nos primeiros meses que passara com o exército as marchas diárias deixavam-na demasiado cansada para pensar fosse no que fosse a não ser em dormir quando a noite caía. Mas depois de dois anos passados no terreno, era tão forte como qualquer um dos homens. O sono vinha com dificuldade com

uma batalha em preparação. Mas teria que tentar. Se tivesse sorte não sonharia.

*

Alguns homens sonhavam com a riqueza ou com a glória. Prasutagos, apercebera-se a sua mulher, sonhava com edifícios. Quando o olhar de Boudica seguia o fumo que subia em espirais, ainda tinha que pestanejar de espanto pela altura adicional criada pelo segundo piso da cabana. A área em volta da fogueira era suficientemente ampla para sentar todos os chefes tribais. Tinham sido criados quartos espaçosos para a família através de divisões que iam dos pilares principais até às paredes exteriores. Não havia nada de semelhante ao salão de dois andares do rei em todas as terras celtas.

Só se tinham mudado no mês anterior. Por baixo dos odores a fumo e a guisado de carneiro ainda se sentia o cheiro a cal e a palha fresca. Mas, para as crianças, para quem o mundo inteiro era feito de maravilhas, a nova casa do pai tornara-se num milagre vulgar. Naquele momento adiar a inevitável ordem de irem para a cama era a sua preocupação.

— Uma história, Mama! — implorou Rigana. — Conta-nos uma das histórias que aprendeste na ilha mágica! — A pequena Tilla bateu as palmas.

Boudica sorriu ao pensar que o principal uso que dava às artes que os druidas lhe tinham ensinado com tanta solenidade era a criação de histórias para as crianças. E, no entanto, aquelas histórias eram o produto da sua religião. Era mais importante do que nunca que as crianças as aprendessem agora, quando tantos se viravam para os vitoriosos deuses romanos.

— Bem... como estamos no Verão, tenho de vos falar de um dos deuses que faz as coisas crescerem. Ele toca a harpa para ordenar as estações e no seu pomar há sempre frutos nas árvores. Chamamos-lhe Dagdevos ou o Deus Bom, o Pai de Tudo, ou O Vermelho que Tudo Sabe, ou O Bom Batedor e ele pode fazer tudo. E um dos reis dos Seres Brilhantes.

— Como o Papá... — disse Tilla sensatamente.

— *Mesmo* como o Papá — concordou Boudica, fazendo um esforço para se manter séria ao ver o marido corar. — Quando o povo dos monstros atacou a sua terra teve que passar nos testes que eles lhe fizeram. Teve de comer uma papa feita com litros e litros de leite, e ele comeu-a, apesar de ficar com a barriga tão cheia que a túnica nem a conseguia tapar.

Ao ouvir aquilo o olhar que as meninas lançaram ao pai foi francamente especulativo e Temella e Bituitos desataram a rir.

— A barriga dele não era a única coisa que estava inchada, segundo ouvi dizer — murmurou Eoc e as gargalhadas soaram novamente.

— Está a falar no seu cacete? — perguntou Boudica inocentemente. — Quando ele bate, a morte é instantânea, mas se nos tocar com a outra extremidade regressamos novamente à vida.

— E essa a extremidade que ele usa com a Senhora dos Corvos — retaliou Prasutagos. — Apesar de ser a deusa da batalha, ele tem uma arma capaz de a vencer...

— Mas o seu bem mais precioso é um caldeirão mágico — disse Boudica, se bem que agora também ela já estivesse corada. — Há quem diga que é o mesmo em que se metem guerreiros mortos para recuperarem a vida, mas outros dizem que o caldeirão conseguiria alimentar um exército inteiro e que nos dará a nossa comida preferida.

— Dava-nos bolos de mel? — perguntou Rigana.

— E bagas com natas? — disse a irmã. — Quero ir para lá!

— Para onde deviam ir agora era para a cama — disse Prasutagos com uma careta cômica. — Podem banquetear-se com Dagdevos nos vossos sonhos...

Depois de ambas as meninas serem beijadas e abraçadas e entregues às amas, Prasutagos virou-se para Boudica. — Não lhes contaste a história de como Dagdevos faz amor com Morrigan todos os Samaine para Lhe acalmar a fúria e restaurar o equilíbrio do mundo —, murmurou ele com um olhar que lhe enrubesceu novamente a pele.

— Acho que essa pode esperar até as meninas serem mais velhas — disse ela pudicamente. — E nunca percebi bem como até mesmo os deuses o conseguem, de pé num ribeiro...

— Preferes a cama, então? Porque se preferes eu tenho uma...
— Pegou-lhe na mão e Boudica sorriu, sabendo-se abençoada pelos deuses.

*

Juntamente com os outros druidas, Lhiannon fizera as ofertas a Lenos, que era o nome que davam naquelas paragens ao deus da guerra, vertendo no solo o sangue de um boi e pendurando a carcaça num velho carvalho. Teria sido aceite? Não se tinha ouvido o rugir de nenhum trovão, apenas os corvos, crocitando como sempre faziam quando havia um exército em movimento. Não era preciso nenhum druida para interpretar os sinais: onde quer que os humanos lutassem, os corvos alimentavam-se.

Mas naquela noite Lhiannon voltara a sonhar. Mais uma vez sobrevoava o campo de batalha e desta vez os Romanos, como insetos de armadura, avançavam colina acima. O deus-águia caminhava na sua frente com passos como trovões e os Bretões tombavam diante deles e o sangue regava as pedras como se fosse chuva. Acordara a chorar, sabendo que aquele fora um sonho a prever a desgraça. E percebera também que não podia fazer nada. Os Romanos já vinham a caminho. Qualquer rumor de derrota desfaria o exército britânico antes mesmo de ser desferido um único golpe. Caratac poderia ter fugido para o mato se estivesse acompanhado de um pequeno grupo, mas uma força daquele tamanho não tinha alternativa senão agüentar firme. Até mesmo dizer ao rei aquilo que vira poderia privá-lo da esperança que poderia negar a sua visão. Só lhe restava observar e rezar e esperar que os deuses da Britânia a ouvissem.

Ou estaremos nós a rezar pelas coisas erradas?, pensou subitamente.

A colina de onde observavam o desenrolar da batalha não lhe dava as vantagens da sua visão, mas também não lhe dava o mesmo distanciamento. Depois de terem dificultado o atravessamento do inimigo, atirando pedras com as fundas e

disparando setas, os Britânicos tinham retirado ordenadamente para a encosta do monte, juntando-se para resistir ao avanço romano quando este se tornou mais forte, disparando e atirando lanças de trás das barricadas de pedras que os protegiam dos projéteis disparados pelas balistas do inimigo.

A meio da manhã, a mulher e a filha de Caratac tinham começado a soltar vivas ao ver os auxiliares romanos a recuar perante a intensidade do fogo dos defensores. Mas as legiões já estavam a formar na retaguarda, e os escudos sobrepostos já estavam erguidos para cobrir os grupos de homens em marcha e neles ressaltavam, inócuos, os mísseis dos Britânicos. E, apesar da fúria dos defensores, eles não paravam de avançar, passo a passo, metro a metro, até chegarem às paredes de pedra e as demolirem e depois foi espada contra espada e escudo contra escudo e o sangue corria pela colina abaixo.

— *Morrigan, deusa das batalhas, sede com eles agora!* — rezou ela. A angústia que ouvia no choro das mulheres de Caratac ao verem as linhas britânicas cederem e desaparecerem, era a mesma exultação de dor que ouvia nos gritos dos corvos que sobrevoavam o monte. *A deusa está com eles.* Lhiannon estremeceu de espanto e compreensão. *Até à morte e para além dela. Mas ela não pode, ou não quer, salvá-los.*

Alguém gritou que havia soldados a aproximarem-se. Demasiado atordoada para se mexer, Lhiannon ficou imóvel no meio da confusão enquanto os outros se preparavam para fugir, deixando-a sozinha no meio das árvores.

*

Uma escuridão semelhante à de milhares de asas de corvos cerrara-se em torno do mundo. As forças romanas tinham passado, em perseguição de um grande grupo de homens da tribo dos Silures que tinham conseguido descer o monte, deixando o campo de batalha abandonado àqueles com coragem suficiente para procurar algo de valioso entre os mortos. Lhiannon era como um fantasma entre eles. Uns quantos desgraçados conseguiram beber a água que

lhes oferecia. Para outros um golpe firme do punhal era a única misericórdia possível. Anestesiada pelo horror dos corpos desfeitos à sua volta, fazia uma coisa e outra com igual calma.

E assim, vagueando pelo campo de batalha com a túnica branca, encontrou o rei.

Foi só pelo torque de ouro que tinha ao pescoço que o reconheceu. Caratac estava coberto de sangue, a maior parte das roupas rasgadas. Estava sentado com o corpo de um guerreiro nos braços. Lhiannon não reconheceu o homem morto. Talvez isso não interessasse. Ele era todos os outros.

Quando se aproximou, Caratac levantou a cabeça. — A Senhora Branca... — murmurou. — Viestes para me levar também?

— Meu senhor — o choque quebrou a alheamento de Lhiannon.
— Não devíeis estar aqui!

— Não... Não devia. Isso é muito verdade... — Olhou em torno de si. — Oh, meus guerreiros! Vede como estão por terra... Porque continuo vivo? Combati bravamente... Não fugi... Sabes disso, não sabes? — Falava com o homem morto. — Diz-lhes, lá onde festejam com os heróis, que tentei... —A cabeça tombou-lhe novamente.

— Caratac levantai-vos! Os Romanos foram embora mas vão regressar e não podem encontrar-vos aqui.

— Isso interessa?

Era uma pergunta que ela estava a tentar não fazer. — Pode interessar àqueles que escaparam deste campo — disse ela cuidadosamente. — Eles vão querer que os comandeis novamente...

— Como comandei estes? — perguntou ele amargamente. Mas ao menos pareceu aperceber-se de que o homem que segurava já não o conseguia ouvir. Fez-se um longo silêncio. Depois, muito suavemente, pousou o corpo. — Os Ordovices estão desfeitos — disse ele num tom mais normal. — E os porcos romanos vão concentrar aqui toda a sua atenção. A nossa única esperança é procurar apoio numa direção para que eles não estejam a olhar. — Ficou novamente em silêncio, mas a tensão habitual estava a regressar ao seu corpo. Começava a parecer-se com o homem que ela conhecia. — Os Brigantes já estavam dispostos a rebelar-se contra eles. O que me dizeis, Senhora Branca?

Lhiannon abanou a cabeça. — Não me olheis à procura de respostas, meu senhor. Estou vazia. Há dois anos o druida-chefe queria que eu fosse estudar em Eriu. Diz-se que lá eles têm conhecimentos que nós já perdemos. Devia ter ido... não vos servi de grande coisa aqui...

— Somos realmente um par triste — disse Caratac baixinho. — Mas estais enganada senhora. Destes-me uma razão para viver.

Ide para ocidente, para Eriu e encontrai alguma sabedoria para o nosso futuro, que eu irei para leste ter com Cartimandua.

*

— Ides ter com Cartimandua? — Boudica franziu o sobrolho ao homem que tinha na sua frente. — Tendes a certeza de que isso é sensato?

Fora encontrá-lo junto aos portões de Dunford, coberto por uma capa de capuz, tão anônimo como qualquer outro homem ferido e usado pelas guerras. Quando parará para lhe dar um bolo de aveia do saco que trazia sempre para ocasiões como aquela, vislumbrara o brilho do ouro junto ao pescoço por baixo de um lenço esfarrapado.

Ele afastara o lenço. Ela empalidecera ao reconhecer o colar e depois o olhar feroz do rei.

— Meu senhor Caratac! Sede bem-vindo! Vinde para o forte e deixai-me servir-vos uma refeição decente! —*E um banho... e ligaduras para esses ferimentos...* acrescentou em silêncio.

— Não... — dedos fortes cerraram-se sobre a mão que lhe estendia. Os seus olhos olharam fugidamente para a estrada onde uma carroça carregada com rolos de panos de lã dos seus teares passava ruidosamente a caminho de Colônia.

— Tendes aqui demasiada gente que é amiga de Roma. Para meu e vosso bem é melhor que ninguém saiba que estive aqui.

— Mas temos de falar... Soubemos da batalha. Alguns dizem que fostes capturado, outros que fostes morto... — Calou-se ao ver a dor que lhe ensombrava o olhar.

— Talvez tenha sido e seja só o meu fantasma o que vedes aqui. Nas últimas semanas senti-me um fantasma, atravessando a terra sem ser visto. Muitos — demasiados — dos meus homens jazem mortos naquela colina. — Hesitou e depois olhou-a. — O vosso irmão Bracios era um deles. Tombou defendendo-me.

— Obrigada por mo dizerdes. — Boudica respondeu passados uns instantes. Mal vira o irmão desde que ambos eram pequenos, supunha que a dor que sentira era mais pela morte da infância do que pela morte dele. — Mas vós estais vivo e vejo que precisais de vos alimentardes... Se seguides o caminho do rio ireis dar ao bosque de Andraste. Aguardai-me lá.

E agora, com um cesto cheio de comida e de vinho e de ligaduras, estava sentada na frente dele à sombra do círculo de carvalhos que rodeava o santuário.

— Já há muito tempo que não bebia vinho deste. — Bebeu mais um trago do odre. — Ultimamente só tenho bebido água e, antes disso, cerveja. Rejeitei tudo o que é romano menos isto. — Suspirou. — O nosso povo já poderia ser livre se tivéssemos esquecido o nosso gosto pelo vinho romano.

— O meu marido e eu não vos trairemos, mas também não vos podemos ajudar — disse então Boudica. — Já ouvi histórias do deserto que os Romanos deixam atrás de si quando impõem a sua “paz” às terras conquistadas. E, na verdade, acho que nem vos seríamos de grande utilidade de nos atrevêssemos a ajudarmos. Os homens com coragem para combater os Romanos fizeram-no no forte dos pântanos, há quatro anos, e morreram.

— Desejo-vos sorte com a paz que os Romanos vos deixaram — disse Caratac secamente. — Espero que seja duradoura.

— Deu uma pequena dentada num pedaço de pão e pousou-o.

— Transformaste-vos numa bela mulher — disse. — Quando passastes o copo de hidromel no salão de Mona éreis como uma jovem potra, só pernas e energia nervosa. — Bebeu mais um golo de vinho.

— E agora sou a Égua Vermelha dos Icenos... Não devia saber que as pessoas me chamam assim... — sorriu. — Mas é a égua negra dos Brigantes que vos deve preocupar.

— Posso ao menos ter a esperança de que ela me ouvirá. A Cartimandua tinha simpatia por mim há muito tempo.

— *Ela desejava-te* — corrigiu-o Boudica com um suspiro interior. Naquela época Prasutagos engrossara bastante à volta da barriga, mas ela podia aquecer-se nas suas chamas constantes. O homem na sua frente ainda tinha o corpo musculado de um guerreiro, mas o fogo que atraía para si homens e mulheres estava reduzido a cinzas.

— Tenho de fazer alguma coisa — continuou ele. — Os porcos romanos capturaram o meu irmão Epilios e a minha mulher e a nossa filha, a pequena Eigen, a única filha que me resta. Tendes filhas... podeis compreender como me sinto!

Boudica assentiu. — A Rigana já tem seis anos e o seu primeiro cavalo. A Argantilla tem quase quatro. — Se ela e Prasutagos não tinham mais filhos não era por não tentarem, mas não engravidara novamente. Naqueles dias a única coisa que tinha o poder de despertar a sua fúria era a ideia de perigo para as suas filhas espertas e por vezes exasperantes, que pareciam ser as únicas filhas que alguma vez teria.

— Se me entregar agora, não poderei fazer mais do que ficar acorrentado ao lado deles. Mas poderei negociar a sua libertação se os Romanos me virem novamente como uma ameaça — continuou Caratac.

Havia não muito tempo, pensou Boudica, aquele homem jurara defender toda a Britânia. Agora a sua ambição limitava-se à liberdade de um homem, de uma mulher e de uma criança. Mas não acabava tudo por se resumir sempre a isso mesmo? Por mais palavras que os homens usassem para vestir as suas ambições, a

abstração por que combatiam tinha sempre um rosto e um nome humanos.

— Tudo o que vos posso oferecer são mantimentos para o caminho e a minha bênção... — começou a dizer.

— Não... há mais uma coisa que podeis fazer por mim... — Levou as mãos ao torque, agarrou no fecho de anéis ornamentados e começou a abrir a corda espiralada de fios de ouro entre -tecidos. —Aceitarei este vosso conselho. Este colar foi feito por um artífice iceno. — Estremecendo tirou-o, deixando à vista uma semicírculo branco na base do pescoço no local onde o colar es-tivera. — Guardai-o para mim, Boudica. Se as coisas correrem bem voltarei para o reclamar. Se correrem... mal, não envergonharei o ouro ao usá-lo com as correntes romanas.

*

Se Mona era chamada de ilha dourada, envolta em magia, o rochedo separado do resto por um estreito criado pelas marés era considerado ainda mais sagrado. Lá do cimo, na ponta ocidental de Mona, via-se o oceano prateado e meio toldado pelas brumas. Havia quem dissesse que aquele era o último porto de onde se podia navegar para as Ilhas dos Abençoados. Lhiannon partia apenas para Eriu.

Mas parecia-lhe a morte, isso era certo, deixar a Britânia. Agarrou-se à amurada do pequeno barquinho quando este saiu das águas abrigadas do porto e começou a subir e a descer ao ritmo do mar. Partia com a satisfação relativa de saber que o governador romano Ostório morrera e com a dor de saber que a Rainha Cartimandua enviara Caratac, acorrentado, aos Romanos. Naquela altura também ele devia navegar em mar aberto em direção a Roma. Ter com ele a mulher, a filha e o irmão certamente que não era um conforto, quando qualquer um deles só podia esperar a morte ou o cativo.

A instabilidade debaixo dos seus pés refletia bem a sua confusão interior. Tudo o que sempre conhecera desaparecia atrás de si, não tinha quaisquer fundações firmes onde se apoiar e o seu futuro estava envolto em brumas tão cinzentas como o nevoeiro que cobria o mar.

Ainda via na praia a silhueta azul de Helve.

Lhiannon não esperara que a alta sacerdotisa a acompanhasse. Só quando já estavam na estrada é que se apercebera de que a outra mulher quisera ter a oportunidade de falar com ela longe dos ouvidos de toda a comunidade druida.

— Os Romanos vão tentar destruir-nos — disse Helve sombriamente. — Já o vi e a Coventa também viu. Apesar da nossa resistência, os fortes que eles constroem aproximam-se todos os anos. Descobriram que há ouro no coração das montanhas e prata nas terras dos Deceangli. Vão explorar esses metais e depois descobrirão a estrada costeira que vem até aqui. Estas montanhas já não nos protegerão.

— Então porque me mandas embora? — perguntara Lhiannon.

— Já provaste ser adaptável. Acredito que és a melhor candidata a aprender tudo aquilo que os druidas de Eriu têm para ensinar. A Mearan acreditava que eras a mais talentosa das jovens sacerdotisas... caber-te-á a ti preservar a nossa tradição, se tomarmos.

O choque daquela afirmação deixara Lhiannon sem palavras. — Pensei que me desprezavas... — disse finalmente.

E Helve olhara-a com uma expressão entre a exasperação e a ira. — Tu eras a minha rival. Mas se estes ornamentos alguma vez forem teus... — tocou o ouro que trazia ao pescoço —, descobrirás que o trabalho tem precedência sobre os sentimentos que possas nutrir. O amor e o ódio são luxos que já não posso ter. E se te tomares alta sacerdotisa isso significará que eu morri e que estou para lá de todo o ciúme... — deu uma gargalhada amarga. — Por isso toma bem conta de ti e aprende tudo o que puderes...

DEZENOVE

— Quero que mantenham os olhos bem abertos... — Boudica dirigiu-se às filhas com um olhar de aviso. — A cidade romana será uma grande novidade e muito estranha. Devem ficar sempre à vista da Temella ou do guarda da casa... perceberam? — O olhar fixou-se em Rigana que, com sete anos, juntara à independência de espírito uma estranha habilidade para enganar os seus guardiães. Por um momento a rainha desejou ter trazido Bogle, mas o cão estava a ficar velho para uma viagem daquelas e estremeceu ao pensar como ele poderia reagir aos sons e odores novos da cidade romana.

Pensou em quão estranha Camulodunum, ou Colônia Victricensis — a Cidade da Vitória — como lhe deviam chamar agora, seria. — Tinha visto o forte que eles tinham construído na colina por cima do velho dun, mas não tinham vindo tanto para sul há alguns anos e só conhecia da cidade aquilo que ouvira dizer.

— Eles estão confiantes — comentou Prasutagos quando começaram a subir a colina.

Um conjunto desordenado de cabanas e de jardins alinhava-se ao longo da estrada, e o fosso e o talude que tinham suportado as muralhas, já não estavam encimados por uma paliçada. Muitos dos antigos edifícios dos legionários tinham sido convertidos em lares e em lojas, mas havia também uma grande quantidade de novos edifícios a serem construídos. Os soldados veteranos tinham-se adaptado bem, mas também uma legião era como uma cidade móvel, com homens treinados em todos os ofícios. Alguns tinham mandado vir as mulheres da sua terra natal e outros tinham casado com raparigas das tribos. Boudica pensou como se sentiriam os Trinovantes por ter tantos estranhos instalados bem no meio do seu território. Mas, como tribo conquistada, não havia muito que pudessem fazer a esse respeito. Mais uma razão, pensou ela sombriamente, para os Icenos manterem o seu estatuto protegido de aliados.

— Têm razões para isso — respondeu. O novo governador, Aulo Dídio Galo, forçara os Silures à rendição. Com Caratac feito prisioneiro, não restava nenhum chefe britânico com estatura para liderar uma rebelião.

— Olha Mamã... um rochedo grande com portas!

Podia desculpar-se a Argentilla não ter reconhecido no portão a obra de um homem, nunca vira um edifício feito de pedra e aquela estrutura com arcos geminados e uma cimalha esculpida, não tinha qualquer função a não ser afirmar o orgulho romano. A luz do Sol deu lugar às sombras quando passaram por baixo do arco e entraram na cidade.

*

A luz do Sol brilhava na fonte no meio do jardim de Júlia Póstuma, o marulhar das suas águas um barulho de fundo para o murmúrio das vozes das mulheres. Lembrou a Boudica as águas da fonte sagrada. Apesar de aquela ser mais sofisticada e mais ordenada do que qualquer tipo de santuário amado pelos seus deuses, anda assim era uma mudança bem-vinda nas linhas direitas e ângulos retos das esquinas da cidade romana. No jardim não havia nada de tão prático como couves ou feijões. Era um santuário à Beleza, tendo até um pedestal de pedra onde uma imagem da deusa sorria às flores. Os deuses que tinham levado os Romanos até à Britânia eram Júpiter e Marte. Aquela senhora adorável parecia uma divindade de natureza mais gentil.

— Quem é a deusa? — perguntou. O seu Latim ainda era hesitante e ela falava-o com o sotaque do escravo gaulês que tinham comprado para professor e que tinham libertado, mas servia para comunicar. Póstuma tinha ficado visivelmente aliviada por descobrir que podiam falar sem precisar de tradutor.

— Aquela é Vênus, a senhora do amor. Têm uma deusa assim, nas tribos?

— Uma deusa só para o amor? Não. — Boudica abanou a cabeça. — Mas todas as nossas deusas são sensuais — sorriu ao de leve lembrando-se de algumas das histórias que ouvira contar de Morrigan —, até mesmo a nossa deusa da Guerra.

Póstuma riu-se. — Diz-se que Vênus combateu na guerra de Troia, mas não muito bem. Desde aí o quarto de cama tem sido o seu único campo de batalha.

— Sem dúvida que os vossos homens preferem assim — respondeu Boudica. — Parecem sentir-se desconfortáveis com mulheres no poder, até mesmo com rainhas... — Ainda a irritava o fato de Prasutagos ter sido convidado para o conselho de chefes tribais e ela não. A sua única consolação era o fato de a mesma proibição se aplicar também a Cartimandua. Que também estava sentada do outro lado do jardim. *Ao menos confio em Prasutagos para me contar o que se passar e ele pedir-me-á o meu conselho,* pensou então. Toda a gente dizia que desde que Cartimandua traíra Caratac ela e Venutios mal trocavam palavra.

— E muito simpático da vossa parte receber-nos enquanto os nossos maridos estão ocupados — disse educadamente. — *Enquanto o teu marido recorda aos nossos quem manda realmente na Britânia*, pensou ainda.

— Oh, acho que somos nós quem tem melhor sorte — respondeu a mulher do governador. — Podemos ficar confortavelmente sentadas a apanhar ar fresco enquanto eles têm que estar enfiados a transpirar naquele salão abafado. Mas se seguirmos o exemplo do imperador isso é capaz de mudar. Disseram-me que Caratac e a sua família foram exibidos pelas ruas de Roma. Agripina estava sentada no trono ao lado do marido.

— Ouvistes contar mais alguma coisa do que se passou por lá?
— perguntou Boudica em tom neutro.

— Ele é um homem corajoso, o vosso Caratacus. Os outros, disseram-me, curvavam as cabeças, desesperados, mas o rei usava as correntes como se fossem joias reais. Perguntou para que é que os Romanos queriam a Britânia se já tinham uma cidade tão magnífica. Depois disse a Cláudio que as dificuldades que nos causara só aumentavam a nossa glória ao conseguir capturá-lo e disse que, se fosse morto, seria esquecido, enquanto que se vivesse seria um testemunho da magnanimidade do imperador. Os Romanos

apreciam sempre um bom discurso e ele tinha razão. Então Cláudio permitiu que vivesse e deu-lhe uma casa em Roma.

Mas Caratac nunca mais verá a Britânia..., pensou Boudica. *Acho que preferia morrer a suportar o cativo, mesmo um cativo suave como o dele.*

Póstuma ergueu os olhos quando um dos seus escravos apareceu ao portão seguido de perto por Temella.

— Domina... — começou, mas Temella passou-lhe à frente.

— Minha senhora, as meninas desapareceram!

Mas Boudica já estava de pé, murmurando uma desculpa à anfitriã antes de Póstuma ter oportunidade de reagir. *Devia ter*

trazido o Bogle, pensou enquanto saía apressadamente.

Foi o liberto gaulês, Crispus, quem se revelou mais útil devido ao seu conhecimento das cidades romanas.

— Receio que tudo isto possa ser culpa minha, senhora — disse enquanto caminhavam apressadamente estrada abaixo. — Falei das lojas às meninas e elas não conseguiram esperar para as ir ver.

A própria Boudica quisera visitar as lojas e prometera levá-las. Visões das suas filhas, assustadas e a sangrar, alternavam com cenários do que lhes iria fazer quando as encontrasse sãs e salvas.

Mais à frente ouviu gritos. Aquilo pareceu-lhe prometedor. Trocou um olhar com Temella e começou a correr com Calgac, o guerreiro que lhe fora destinado para a escolta, correndo pesadamente atrás de si.

A cena com que se deparou fê-la parar, as lágrimas de alívio competindo com uma enorme vontade de rir. Rigana, com uma expressão furiosa e agarrada a um poste que, aparentemente, servira de apoio ao toldo que estava agora caído por trás dela, mantinha à distância um grupo de adultos vociferantes. Aparentemente, a qualidade das roupas e ornamentos usados pelas crianças tinha feito com que os habitantes locais pensassem duas vezes antes de tomar medidas mais drásticas. Por trás dela estava Argantilla, com os braços fechados protetoramente em torno de um rapazinho de cabelos escuros, pouco mais velho do que ela e que parecia igualmente aterrorizado pelos adultos aos gritos e pela sua pequena protetora. Havia cestos de feijão entornados pelo chão.

— Ela é sem dúvida vossa filha, minha senhora — murmurou Calgac. — Maneja bem aquela, hm, lança.

Boudica transformou o sorriso num franzir de cenho real, ajeitou a túnica e avançou. Os homens afastaram-se para a deixar passar, igualmente impressionados, ela assim o esperava, pelo seu ar autoritário e pela lança na mão do homem que a seguia.

— Mama — gritou Rigana quando ela apareceu. — Eles iam *matar* o rapaz!

— Não senhora... nobre rainha! — disse um homenzinho baixo e gordo com uma cara muito vermelha, que tentava simultaneamente fazer uma vênia e manter o ar fanfarrão. — Bati no rapaz porque ele é estúpido e preguiçoso e estas meninas começaram a gritar comigo, e a do cabelo ruivo *bateu-me* e veja bem a confusão que fizeram na minha banca!

Boudica observou-o mais de perto e viu que uma grande nódoa negra começara a aparecer na cara do homem. *Bem feito, Rigana!* — Compreendo... — disse em voz alta. Infelizmente o homem estava no seu direito e ela não tinha qualquer desejo de dirimir aquele conflito num tribunal romano. — Suponho que o rapaz seja teu escravo?

— E, para mal dos meus pecados, e um estúpido e inútil...

— Então sem dúvida que terá pouco valor — ela interrompeu-o.
— Será esta uma compensação suficiente pelo insulto à tua honra, pelos estragos causados na tua loja e por este rapaz inútil? — Tirou um dos braceletes de ouro e estendeu-lho.

— Sim, mas o rapaz custa... — o seu protesto esmoreceu quando olhou bem para o ouro. — Sim, grande rainha, sois muito generosa!

— Pois sou, pois esse bracelete vale mais que tudo o que tens na loja incluindo-te a ti próprio. — Os homens endireitavam-se e curvavam a cabeça quando ela varreu a multidão com um olhar real. — Perante todos os deuses, sois testemunhas de que foi oferecida e aceite uma compensação e tereis que atestar esse fato se tal vos for exigido.

— Sim, senhora — ouviram-se os murmúrios e, da parte daqueles que a reconheciam, ouviu: — Sim, minha rainha!

— Crispus, fica com uns quantos nomes para o caso de ser necessário, enquanto eu e Calgac levamos estas poderosas guerreiras para casa para enfrentarem a sua própria justiça — murmurou Boudica avançando para ir buscar as filhas e o seu prêmio.

— Qual de vocês teve esta ideia? — perguntou quando entraram na casas ao estilo romano que lhes fora destinada para a estadia.

Rigana lançou-lhe um olhar duvidoso, tentando claramente decidir se reivindicar a liderança lhe traria elogios ou recriminações.

— A Riga queria ver as lojas — disse Argantilla muito bem explicada —, mas eu salvei o rapaz!

— Ah sim... — por um instante ficou a observar a menina mais nova. Rigana sempre fora mais agressiva, mas era evidente que a Tilla também era corajosa. Depois suspirou e olhou para o rapaz. — Bem, vamos lá dar-te uma vista de olhos, criança. — Levantou-lhe o

queixo e olhou para os olhos escuros muito abertos numa atitude de desafio e de medo. — Como te chamas?

— *Ele* chamava-me “bastardinho” — tartamudeou o rapaz —, mas havia uma mulher que me chamava Caw. — Via agora que ele estava horrivelmente magro e viu marcas de chicote por baixo da túnica esfarrapada que trazia vestida.

— Era a tua mãe? — perguntou Boudica com mais gentileza. O rapaz falava com o sotaque dos Trinovantes, mas isso seria de esperar. Com aquela cor de cabelo e de olhos podia ser um bastardo romano ou filho de uma mulher Silure capturada na guerra.

— Não sei... — Caw baixou os olhos.

— Bem, não interessa, agora pertences-nos a nós. Legalizaremos a tua liberdade quando cresceres. E nós não espancamos os nossos servos, sejam escravos ou livres! — Virou-se para o guerreiro. — Calgac, levas a nossa nova criança e arranjas-lhe comida, um banho e roupas? Quando estiveres recuperado, Caw,

tratarás das minhas filhas. Espero que as ajudes, mas não podes deixar que elas mandem em ti. E vocês as duas... — virou-se para as raparigas, — devem tratá-lo com cortesia.

— Sim Mama — disseram elas em coro, muito bem comportadas, pelo menos de momento.

*

A praça estava quente. Enquanto a fila de homens e mulheres ricamente vestidos ia avançando lentamente, Boudica puxou o véu para a frente para fazer um pouco de sombra. Prasutagos olhou-a

com inveja. Estava a ficar com o cabelo ralo no cocuruto e já o teria todo vermelho quando aquilo terminasse. Os cidadãos romanos do grupo tinham puxado as pontas das togas por cima das cabeças. Ela sempre pensara que as pregas volumosas da toga se destinavam a demonstrar que não se esperava de quem as usava que fizesse nada de muito prático, mas era evidente que, na sua terra natal, também serviam para proteger os homens que tinha que estar ao sol italiano durante horas nas cerimônias oficiais. Sentia o suor a escorrer-lhe pelas costas por baixo da túnica de linho.

Um fumo doce pairava no ar, velando as telhas das coberturas dos edifícios que rodeavam a praça. Aquele local era o mais enfaticamente romano da cidade de Colônia. Fora construído na ponta leste da cidade, onde as muralhas com ameias tinham sido derrubadas para criar o espaço necessário. De um dos lados as paredes meio construídas do novo teatro brilhavam, alvas, à luz do Sol. Apesar de não vislumbrar qualquer imagem de Júpiter, a sua presença sombria pairava sobre o local como uma nuvem invisível. Mas a figura de Vitória sobre a sua alta coluna olhava complacentemente para aqueles que tinham vindo ao altar cívico oferecer incenso ao *gênio* do imperador. Boudica não tinha qualquer objeção a participar na cerimônia, se bem que o ritual parecesse rígido e rotineiro depois do poder dos rituais druidas. Tudo o que aumentasse a virtude do soberano só poderia melhorar a forma como este lidava com a Britânia.

Prasutagos soltou um suspiro paciente à medida que, passo a passo, reis e chefes tribais iam avançando. Ao menos pudera

divertir-se a olhar para os edifícios. Ela aprendera a interpretar os seus suspiros da mesma maneira que interpretava os seus silêncios. Aquele expressava uma série de coisas que ele era demasiado hábil para dizer, como a sua opinião acerca das togas usadas por alguns dos Catuvellauni. Os Bretões que se tinham passado para o lado dos Romanos tinham sido recompensados com uma cidade própria, Verulamium, e com a cidadania. A Paz de Roma exigia que fosse simpática para com eles assim como a impedia de dizer o que pensava a Cartimandua.

Encontrou os olhos escuros da rainha brigante através do fumo. *Desprezas-me como traidora, pareciam dizer-lhe. No entanto somo-la as duas. Caratac foi ter contigo em segredo, mas comigo veio ter abertamente. Poderias jurar que se tivesses estado na minha situação não terias feito o mesmo?* E Boudica, reconhecendo que ela própria poderia ter traído Caratac se esse fosse o preço da segurança das suas filhas, foi a primeira a desviar os olhos.

As suas narinas estremeceram com o odor forte quando chegaram junto ao altar. Curvou a cabeça e lançou um pedaço de resina esmagada para o fogo. Ficaram despachados e puderam reunir-se ao grupo conversador que se reunira à sombra num dos lados da praça.

— Eles acham mesmo que fazerem-nos participar nesta encenação nos fará amar Roma? — murmurou.

— Acho que não tem importância — respondeu Prasutagos. — Os Romanos estão sempre mais preocupados com as aparências das coisas. Desde que façamos os gestos, eles não parecem estar interessados no que acreditamos verdadeiramente. Eu acho que eles revelam a *sua* fé nas coisas que constroem... — O seu olhar voltou à praça. — Até mesmo as paredes das casas são altas e direitas, como muralhas, escondendo o que está no interior.

Boudica sorriu, pensando em que construção estaria ele a matutar agora e deixando que a levasse para a sombra.

Debaixo do telheiro estava mais fresco. Escravos de túnicas verdes moviam-se por entre a multidão, transportando tabuleiros com acepipes condimentados e vinho em copos de vidro azul.

A expressão de interesse agradado de Boudica tornou-se um pouco rígida quando viu Polião vir na sua direção.

— Uma tarde adorável, não é verdade? Quase suficientemente quente para que nós, Romanos, nos sintamos em casa... — O seu tom era descontraído, mas ela estremeceu sob a intensidade do seu olhar e passou o véu pelos ombros e sobre o peito num escudo protetor. — Tenho a honra de lhes apresentar o meu novo assistente... Lúcio Cloto de Noviomagus, das terras dos Atrébates.

Boudica pestanejou, retirando mentalmente gordura e pelos faciais da cara daquele homem de olhos juntos, para o fazer parecer-se com o rapaz que Ardanos arrastara para longe, aos gritos. Infelizmente Cloto estivera certo quanto ao poder de Roma e, era evidente, que fora recompensado, apesar de aparecer ir tropeçar a qualquer momento na toga mal enrolada. A julgar pelo novo nome devia ter-se tornado cliente de Polião ao obter a cidadania romana.

— O Rei Prasutagos, como é evidente, já conheces, mas podes não ter tido oportunidade de conhecer a sua adorável esposa, Boudica... — continuou Polião.

— Oh, conheci a Boudica quando era uma menininha magricela, há muito tempo — disse Cloto. Ele e Boudica trocaram sorrisos tensos.

— Desde esse tempo muitas coisas mudaram... — disse ela brandamente. Provavelmente não seria muito oportuno nem muito digno lembrar-lhe que lhe ganhara no campo de jogos.

Na verdade, minha adorável esposa, dizia a sobancelha erguida de Prasutagos, pressinto uma história que ainda não ouvi.

— Sem dúvida que nos encontraremos novamente este Outono, quando fizermos a ronda depois da colheita — disse Cloto. *Eu tinha razão... e agora pagar ás,* sorriu ele.

— Sabes que as pessoas daqui chamam-lhe “Cloto”, o nome de uma das Parcas gregas? — perguntou Prasutagos quando os dois coletores de impostos se afastaram. — Ele mede a quantia devida.

— Era estudante em Mona quando eu lá estava — disse Boudica, — e era um rapaz tão desagradável como o homem que agora é. Será perigoso... em tempos foi um de nós e sabe o que é provável que as pessoas tenham e o que tentarão esconder... Isto afetará o projeto de construção em Dunford? — continuou. A cabana de dois andares não satisfizera o rei por muito tempo. O novo plano de Prasutagos contemplava agora um novo grupo de edifícios num recinto muito ampliado.

— Não me parece — disse ele pensativo. — Estou a dar trabalho a pessoas que, desocupadas, seriam potenciais rebeldes. Os Romanos deviam agradecer-me por os tirar das estradas. — Encolheu os ombros. — Os Romanos dizem que ao destino, tal como à morte e aos impostos, ninguém consegue escapar.

Prasutagos sorriu, mas Boudica não. Certamente que tudo o que os druidas tinham feito para evitar o destino previsto pelas videntes só contribuíra para que este viesse a acontecer. Quais dos seus esforços para preservar o seu povo provocaria, em vez disso, um desastre? Sentiu um arrepio apesar do calor do dia.

*

O dia amanhecera claro, mas um vento frio empurrava as nuvens pelo céu. A chegada da Primavera trazia sempre um tempo inconstante, pensou Boudica apanhando um monte de roupas de cama para levar da cabana de dois andares para a casa nova, que fora construída de um dos lados para acomodar as mulheres. Os gansos voavam para norte e a família real estava a mudar-se da cabana de dois andares. Seria um alívio, pensou ela ironicamente, não ter de adormecer ao som das discussões dos homens à volta da fogueira.

— Mama! O Bogle desapareceu!

Boudica virou-se quando Argantilla correu na sua direção.

— Ele é um cão velho, querida. De certeza que está deitado num sítio escondido a fazer uma sesta. — Embora fosse difícil imaginar onde ficaria um tal sítio, com o forte virado do avesso com os homens a escavarem o novo fosso e a fazerem o novo talude agora que tinham terminado as cabanas que flanqueariam o que passaria a ser a sala do conselho.

— Mas eu procurei por *toda* a parte! — Com oito anos, Argantilla estava a tornar-se uma criança robusta e responsável, com o cabelo farto e loiro do pai e agora estava corada pela fadiga. Era um alívio ter uma filha que sabia sempre onde deixara os sapatos na noite anterior, mas a convicção de Tilla de que era a única pessoa responsável da família era, por vezes, muito irritante.

— Não, não procuraste — disse Boudica asperamente —, ou tê-lo-ias encontrado. Hoje em dia ele está demasiado coxo para se afastar muito. Pede à tua irmã que te ajude a procurar, ou ao Caw.

— A Rigana saiu a cavalo e foi ajudar os homens a trazer as vacas — disse Tilla reprovadoramente. —Acho que o Caw está a ver o ferreiro a trabalhar.

Criado numa cidade romana, Caw não tinha o mesmo à vontade das raparigas a cavalo, que já montavam antes de saberem andar, mas tinha muito jeito de mãos. Argantilla continuava a encará-lo como uma descoberta sua e o rapaz reverenciava-a como sua salvadora. Boudica não tinha qualquer dúvida de que ele largaria o que estivesse a fazer se Tilla lho pedisse.

— Vai ter com ele, minha flor — disse em voz alta —, e vai procurar o cão e depois podes vir cá para *me* ajudares.

Prasutagos também deveria estar a ajudá-la, mas descobrira convenientemente que tinha que ir ter com Drostac em Ashe Hill. Agora que as duas cabanas junto ao Salão do Conselho já estavam prontas, Boudica e as meninas estavam a transportar todos os seus pertences para a casa destinada à rainha. Com exceção de umas

poucas coisas de que precisaria à noite, as coisas do rei tinham que ser mudadas para a Casa dos Homens, que ficava do lado oposto. Só os deuses sabiam como ele e os guardas organizariam as coisas por lá, mas esse não era um problema dela.

O que ela teria preferido, pesou Boudica bem-humorada, era uma casa separada com tamanho adequado para os dois. Já era tempo de o rei e a rainha fazerem mais uma viagem pelos territórios tribais, apesar de agora, que ele era rei supremo, ela achar que nunca conseguiriam ficar tão completamente sós como quando ela fugira da festa do casamento e acordara com ele a cozinhar o pequeno-almoço na fogueira. Sorriu com a recordação e depois deu a si própria um abanão mental e agarrou novamente nas roupas de cama.

Tinha arrumado todas as suas coisas e ela e Temella estavam a fazer a cama grande quando Caw apareceu à porta. A cama era nova e estava desejosa de a experimentar quando o marido chegasse a casa.

— Minha senhora — disse Caw com a formalidade que continuava a usar mesmo depois de já ter passado três anos naquela casa. — Encontramos o cão. — Aguardou.

— Está ferido? — perguntou Boudica.

— Acho que se passa qualquer coisa. Ergue a cabeça mas não se levanta. A Argantilla está com ele ao fundo do novo fosso. Senhora, ele é demasiado pesado para o conseguirmos trazer para casa.

— É claro que é... — Ultimamente o cão perdera corpulência, mas mesmo assim provavelmente ainda pesava o mesmo que uma das raparigas. Argentilla não teria hesitado em ordenar aos homens que os ajudassem, mas conseguia perceber porque é que a rapariga ficara com o cão. Era sempre a ela que traziam os pássaros com asas feridas.

— Se está ferido, tem de ser movido com cautelas. Vai ter com os trabalhadores que estão a construir a paliçada e diz-lhes que usem postes para fazer uma padiola. Diz-lhe que fui eu que mandei — acrescentou quando viu o seu ar duvidoso.

Deixando Temella a acabar de fazer a cama, Boudica cheirou o ar, pegou num xale e atravessou o pátio. O céu estava completamente cinzento e a atmosfera estava pesada com a promessa de chuva. Quase desejou que Prasutagos não tivesse concebido o novo recinto retangular para ser tão *grande*. Caberia lá dentro um forte romano inteiro. O talude e fosso originais tinham sido nivelados e, à medida que cada secção dos novos ia sendo completada, os carpinteiros iam acrescentando a paliçada enquanto os cavadores prolongavam um pouco mais o fosso.

Quando se encaminhava apressadamente para o canto mais distante do recinto, avistou a cabeça loira de Argantilla e depois o corpo de cor creme do cão, por terra. Bogle ergueu a cabeça quando ela se aproximou, com a cauda a estremecer dando-lhe as boas-vindas.

— Olá velho amigo — murmurou ela ajoelhando-se ao seu lado e pousando a cabeça enorme no seu colo. — Como é que estás?

O cão soltou um suspiro entrecortado quando ela lhe começou a afagar as orelhas. O coração de Boudica contraiu-se de pena ao sentir os ossos por baixo da pele lassa. Sabia que o Bogle estava a envelhecer, mas como era um cão branco o seu focinho não ficara grisalho para lhe lembrar de como estava velho.

— Onde é que te dói, meu rapaz? — Suavemente foi passando as mãos ao longo da espinha do cão, apalpou os músculos das costas e das coxas. O cão não se queixou nem se mexeu, com exceção do bater vagaroso da cauda.

— Mama, o que é que ele tem?

Boudica encolheu os ombros, impotente. — Não encontro nenhum ferimento, Flor. Acho que está simplesmente velho e cansado.

— Como a Avó ficou? — perguntou a menina.

— Sim, querida. — A mãe de Boudica morrera no ano anterior e fora Argantilla quem lhe fizera companhia nos últimos dias. — Os corpos gastam-se nos cães e nos humanos também.

— Mas ele só tem mais dois anos que a Rigana! — exclamou Tilla.

— Os anos dos cães são diferentes — disse Boudica. — Para um cão grande o Bogle é muito velho... — Da mesma idade que o seu filhinho teria se tivesse sobrevivido. Que estranho já ter passado a vida inteira de um cão quando a morte do seu bebê parecia ter acontecido no dia anterior.

Onde estariam os homens com a padiola? Estava a ficar frio.

— Mas eu não quero que ele morra... — murmurou a criança. Por trás dela Caw ficara pálido e perfeitamente imóvel. *Ele já viu mortes, pensou Boudica, e sabe como é. E eu, saberei?*

Quando a mãe morrera, ela estivera fora de casa e a concha que restara parecera-lhe irreal. Se tivesse visto o corpo do filho, talvez não tivesse sido assombrada durante tantos anos por sonhos nos quais ouvia um bebê a gritar que ela o abandonara, ou se tivesse sentido a sua pequena vida extinguir-se debaixo das suas mãos, como sentia agora a vida de Bogle a extinguir-se.

Debruçou-se mais perto, tentando confortar o cão enquanto este tremia e estremecia nos seus braços.

— Vão ter de ter muito cuidado quando o levantarem — estava Argantilla a dizer quando o Bogle se retesou, relaxou e recomeçou a tremer novamente.

— Oh, meu pobre cachorrinho — murmurou Boudica, — descontrai-te, fica em paz. Os campos de Na-Dubnion estão cheios

de lebres, segundo dizem, e Arimanes adora um bom cão...

A morte rodeara-a naqueles anos em que os Romanos tinham morto os seus irmãos e tantos outros homens, mas nunca estivera presente. Agora não tinha alternativa senão encará-la.

— Foste um bom cão, Bogle, um *bom* cão... — Conseguiu dizer com a garganta apertada. *Obrigada por todo o amor que me deste...*

A cauda felpuda bateu no chão. Ela abraçou-o com força quando ele teve mais uma convulsão e depois ficou quieto.

— Fizemos uma padiola, Senhora. Quereis que levemos o cão para casa?

Boudica endireitou-se para reconhecer a sua presença, se bem que naquele momento não se lembrasse dos seus nomes.

— Não. Temos de arranjar um sítio para o enterrar... — murmurou e Tilla começou a chorar. — As fundações para os postes dos portões já foram abertas? — Quando os homens assentiram, Boudica acrescentou: — Vamos pô-lo lá, onde poderá continuar a guardar-nos e vamos esculpir a sua cabeça na parte de cima do poste.

Gotas úmidas salpicaram o pelo branco do cão e ela pensou que começara a chover, mas eram apenas as suas lágrimas.

VINTE

Durante o Samaine, as portas ficam abertas entre o ano velho e o ano novo, entre os vivos e os mortos, entre os mundos. Naquele ano os portões novos de Dunford também estavam abertos, com tochas enterradas no chão em frente aos postes onde estavam expostas as cabeças dos animais sacrificados para o banquete. O talude e fosso interiores tinham sido terminados apesar de a paliçada ainda estar em construção. Agora Prasutagos estava com a ideia de acrescentar mais uma parede exterior com uma floresta de estacas entre as muralhas. Só o Deus Bom saberia quanto tempo levaria *isso* a ser construído.

Aquela era estação em que os rebanhos eram trazidos para as pastagens ao pé de casa. Na semana seguinte começariam a selecionar os animais que não poderiam manter durante o Inverno e o cheiro do sangue pairaria, pesado, no ar. Mas agora, enquanto Boudica via o Sol esmorecer a ocidente, o vento trazia-lhe os odores da carne assada e do fumo e a promessa de mais chuva.

— Mãe, o que estás a fazer? Estamos à *tua* espera! — Rigana acabara de fazer onze anos e parecia que ficava mais alta à passagem de cada lua. Juntamente com a altura aparecera a convicção aparente de que os pais eram seres inferiores que se tornavam, alternadamente, maçadores e divertidos. Boudica disse a si própria que aquilo lhe passaria com o tempo, mas lembrava-se de também ter sido assim.

Bem, mama, aqui tens a tua vingança... pensou com um sorriso interior. E talvez, naquela noite, o espírito da mãe a ouvisse.

— Sim querida, vou já — disse em tom pacificador e seguiu a filha até ao salão de dois andares.

Prasutagos já estava sentado na cadeira esculpida do outro lado da fogueira. O banco dela estava ao lado do dele, mas depois seguiram-se duas cadeiras que ficariam vazias, para a sua mãe e o seu pai. A guarda do rei e o resto da casa estavam a instalar-se nos seus lugares. Também entre eles haveria lugares vazios; um dos

guerreiros morrera quando o seu cavalo caíra e a mulher de um outro morrera no parto.

Um ano vulgar, pensou, não como o do Outono que se seguira ao seu casamento, quando metade dos lugares do festim tinha sido reservada para o irmão de Prasutagos e todos os homens mortos na batalha do Tamesa. Se os deuses fossem bondosos ela nunca mais veria um banquete do Samaine como aquele.

Prasutagos olhou-a com um ar preocupado e ela conseguiu sorrir-lhe. O banquete era sagrado, mas na maior parte dos anos não era uma ocasião triste. Os druidas ensinavam que o Outro Mundo ficava apenas a uma respiração de distância deste. Os mortos não partiam e no Samaine o véu entre os mundos ficava muito fino.

A comida começou a ser servida em tabuleiros de madeira: pão e bolos de mel e cevada quente, maçãs silvestres secas e costeletas de vaca e fatias de carne de javali assado. Tinham andado a destilar cerveja durante semanas para aquela noite e as taças e os cornos mantinham-se cheios.

— Saúdo a minha mãe Anaveistl — disse Boudica. — Dunford mudou muito desde os tempos em que foste a sua senhora, mas espero que não fiques muito desapontada com os nossos cuidados domésticos! —Aquilo arrancou gargalhadas ao que se lembravam dos esforços heroicos da sua mãe nas limpezas de Primavera. Boudica despejou o corno e os brindes continuaram

Arrancou o último pedaço de carne que dentes humanos conseguiriam tirar de uma costeleta de vaca, estendeu a mão para dar o osso ao Bogle e depois parou, com os olhos a arder cheios de lágrimas quando se lembrou da razão para ele ali não estar. Mas certamente que o cão fora um membro estimado da família, tanto como muitos dos outros que estavam a saudar... com uma prece silenciosa pousou o osso no chão, no local onde ele se deitara tantas vezes.

Os brindes continuaram, às vezes acompanhados de uma cantiga ou de uma história fazendo com que os mortos vivessem novamente na memória. Mas à medida que a noite ia avançando, Boudica reparou que as filhas olhavam com uma frequência cada vez maior para a porta aberta.

— Acho que há alguém que quer ficar de vigia lá fora... — disse a sorrir. — Eoc Mor, importas-te de ir com elas até ao portão?

E, como estava à escuta, mesmo antes de as raparigas regressarem aos gritos, Boudica apercebeu-se da vibração grave dos tambores distantes.

— A Égua Branca vem aí! A Égua Branca!

Toda a gente saiu para a noite iluminada por tochas. No céu, umas quantas nuvens jogavam à apanhada com a Lua e erguia-se um pouco de nevoeiro do chão úmido. Para lá dos postes dos portões, do outro lado do recinto, viu o brilho das luzes. Não era a luz da grande fogueira que ardia junto aos portões, pois aquela luz movia-se. O ar úmido dava uma auréola àquela luz que lhe provocou arrepios nos braços. A luz movia-se ao mesmo ritmo do barulho das bexigas cheias com cascalho e do assobio das flautas e da batida dos tambores. Boudica sentiu o seu coração acompanhar o ritmo e riu-se.

Via agora os seres que traziam as tochas entrarem aos saltos dentro do recinto, mascarados e com peles a imitar os animais que eram os totens das famílias ou criaturas fantásticas do Outro Mundo. Das capas e das mangas estavam pendurados fios de lã coloridos e pedaços de metal e ossos que batiam, barulhentos. Alguns tinham a forma de homens, mas tinham-se pintado como os guerreiros da raça antiga, cujo sangue lhes corria nas veias. Alguns não tinham mais disfarce do que a pasta de giz que lhes transformava os rostos em caveiras, com os olhos brilhantes de uma intensidade enervante.

E, erguendo-se no meio daquela turbamulta tagarela e ruidosa, vinha Ela, a Égua Branca, o crânio branco pousado com o maxilar móvel por cima da capa feita com a pelagem branca e macia. Discos de cobre tinham sido enfiados nas órbitas, polidos para refletirem a luz das tochas com um brilho ominoso. Aquela não era a viva e amável deusa equina cuja máscara Boudica usara na aclamação do rei. A Epona do Samaine exibia o rosto da Vida para lá da vida, para a qual a Morte era a passagem.

No Samaine, Ela caminha ao lado da Senhora dos Corvos, pensou Boudica, e este é um aspecto que ninguém no seu juízo pediria para ter...

Os invasores formaram um semicírculo com a égua no meio e começaram a cantar.

Vede, aqui estamos, Vindos de longe

Os vossos portões, amigos, destrancai, E ouvi-nos cantar!

Cada distrito tinha a sua versão própria do festival. Dunford fora o lar da infância de Boudica, por isso foi ela quem avançou para responder:

Oh sábios, dizei-me a verdade, Quantos sois vós

E dizei-me os vossos nomes também Para que os saibamos.

Provavelmente ela conhecia os homens que lhe respondiam, mas através das máscaras as suas vozes soavam estranhas e abafadas.

Tendes de nos dar de comer Cevada e trigo,

Da forma como tratardes os espíritos Assim prosperareis!

Boudica manteve o diálogo enquanto as meninas corriam a casa para irem buscar pães e cerveja. Poucos minutos depois já a comida e a bebida estavam a ser distribuídas aos mascarados.

*A Égua Branca cantará: Os espíritos trarão Nova vida e bênçãos
A toda a gente...*

A cabeça imponente curvou-se. Boudica recuou, atordoada como se tivesse sido ela a beber a cerveja, vendo não um crânio e uma pele mas o animal inteiro, completo, desde a pele brilhante aos ossos.

— Um presente teu recebe um presente Meu... O que me pedes... Rainha dos Icenos?

Estaria a ouvi-la com os ouvidos ou com o coração?

— Devolve-me o meu filhinho... — murmurou em resposta.

— Ele regressará, mas não para ti. Não será através dos teus filhos que alcançarás a imortalidade. Mas devolver-te-ei o teu guardião.

Depois a multidão moveu-se entre elas e a ligação quebrou-se. Pestanejando, Boudica deu por si nas franjas da multidão.

— Minha senhora...

Virou-se e reconheceu Brocagnos com uma máscara de javali pendurada na mão. Tinha do outro lado qualquer coisa branca a mexer-se. Ela curvou-se um pouco para ver o que era.

— Quando visitastes o meu forte, no Outono passado, a minha cadela branca estava com o cio e aquele vosso cão... bem, podeis ver que o cachorro é igualzinho e ele. Pensei em ficar com ele, senhora, mas acho que pertence a esta casa...

Boudica quase não o ouvia. — Bogle... — murmurou quando uma cabeça branca enorme com um nariz rosado e uma orelha

vermelha apareceu mais ao menos ao nível da anca de Brocagnos.
— Bogle — repetiu —, és tu?

As orelhas sedosas levantaram-se. Depois, como um latido de felicidade, o cão lançou-se nos seus braços.

*

Os grãos que amadureciam nos campos em torno de Ramshill ondulavam como o pelo de um animal sob o vento frio que soprava todos os dias ao pôr do Sol vindo do mar. Prasutagos fora a Colônia para o encontro anual dos chefes tribais, mas já se tinham passado

cinco anos desde que Boudica o acompanhara a última vez. Preferia passar o Verão ali, na terra que aprendera a amar, onde as meninas, uma agora com dez anos e a outra com quase treze, podiam correr tão livres como as suas montadas.

Durante o dia estava demasiado ocupada para sentir a falta de Prasutagos, mas quando as sombras se alongavam e a noite começava a espalhar-se pelo mundo, tomara-se seu costume assobiar aos cães e ir dar um passeio pelo caminho que atravessava os montes. Os cães eram agora uma boa meia dúzia, descendentes do velho Bogle, filhos de várias cadelas espalhadas por todas as terras icenas. Depois de Brocagnos lhe ter trazido o jovem cão, outros lhe tinham oferecido cachorros com muito sangue dele e agora os seus passeios eram seguidos por uma quantidade de cães brancos com manchas vermelhas.

Corriam para trás e para a frente, perseguindo uma lebre escondida nos arbustos, ladrando aos corvos que se erguiam em bandos tagarelas e voavam, sobre os campos, para irem pousar numa árvore. E no entanto, sob todo aquele ruído, havia um silêncio profundo na terra que acalmava a alma de Boudica. Foi dar a uma estrada e olhou para sul, na esperança de avistar um grupo de homens e de cavalos que anunciasse o regresso do marido.

Boudica não via nada na estrada, mas os cães tinham ficado imóveis, as cabeças erguidas, cheirando a brisa. Ficou à espera, acariciando uma cabeça peluda e depois outra, quando estas se encostavam à sua mão, até que apareceu uma única silhueta. Era um homem, jovem a julgar pelo vigor da sua passada, com uma túnica gasta de lã crua, uma mochila às costas e um chapéu de palha puxado para a testa.

— Que sejas bem-vindo, caminhante — disse ela quando ele se deteve na sua frente. — Olha, é o Rianor! — exclamou quando ele tirou o chapéu. Viu pela sua testa rapada e pela barba que já era um sacerdote. — Espero que viesses visitar-nos a Ramshill. Se não os meus cães e eu levamos-te na mesma.

— Desde que não sejas a matilha de Arimanes o que aí tens...

— disse ele ainda a sorrir. — Parecem cães das fadas, mas amigáveis. Mas esse não pode ser o teu velho Bogle, a não ser que tenha ido para o País da Juventude e tenha regressado...

— Quase. Este nasceu depois de o primeiro ter morrido e, como podes ver, as suas manchas são praticamente iguais. — O cão adaptara-se tão bem à sua vida que, mesmo sem a profecia da Égua Branca, ela teria acreditado ser o mesmo cão.

— Parece-me que as lições de Lugovalus nunca mencionaram a reencarnação de cães, mas suponho que possa acontecer...

— sorriu Rianor.

— Mas diz-me, que andas a fazer por aqui? — perguntou Boudica quando começaram a percorrer o caminho que levava à quinta.

— Como sou ainda jovem e suficientemente forte para o fazer, ando sobretudo a distribuir notícias e mensagens. E, quando o solo parece favorável, planto umas quantas sementes que poderão despontar em rebelião quando as estrelas forem favoráveis. Toda aquela prática de memorização, sabes... — sorriu. — De qualquer forma é por isso que aqui estou.

— Não para me persuadir a revoltar-me, espero... — começou ela, mas ele abanou a cabeça.

— Não... tenho uma mensagem para ti... da Senhora Lhiannon.

— Viste-a? Onde está? Está bem?

Rianor ergueu uma mão para a calar. — Viajei até Eriu e espero nunca mais o fazer. O oceano e eu não nos damos bem. Mas vi realmente a senhora e ela está bem. Vive numa comunidade de druidas no reino de Laigin e os druidas são mesmo um espanto, tão numerosos e poderosos que podem dar-se ao luxo de lutar entre si, quando não estão a usar a magia para ajudar os seus reis. Ainda são como nós fomos, acho eu, antes da vinda dos Romanos.

— E ela mandou-me uma mensagem? O melhor é dares-me. As meninas estão mesmo na idade indicada para acharem que és uma figura muito romântica. Assim que se aperceberem da tua presença mais ninguém conseguirá falar contigo até as encheres com histórias das tuas viagens.

— Muito bem. — Tinham chegado a um bosque um pouco abaixo da quinta e Rianor sentou-se sobre um tronco caído e fechou os olhos. — Estas são as palavras da sacerdotisa Lhiannon para a Rainha Boudica... — A sua voz adquiriu um timbre mais ligeiro, como se Lhiannon o tivesse imbuído do seu espírito bem como das suas palavras.

«Minha querida, aproveito esta oportunidade para te mandar uma mensagem por alguém que conheces bem. Ele dir-te-á que estou bem e sou feliz. Foi muito difícil deixar a Britânia, mas estou satisfeita por ter vindo. Aprendi muitas coisas que espero poder partilhar contigo, um dia. Mas a notícia principal é que tenho uma filha... não, não do meu corpo, mas uma menina que encontrei a chorar um dia no mercado, com o cabelo tão brilhante como a asa de um pássaro negro e os olhos azuis como o mar. Os pais tinham uma casa cheia de pequeninos que não podiam alimentar e ficaram muito satisfeitos por ma venderem.

A minha pequena Cailleán (que significa rapariga na língua de Eriu) não sabe quando nasceu, mas acho que deve ter mais ou menos a idade da tua menina mais nova. É difícil de dizer, pois ela estava subnutrida quando a encontrei, apesar de estar a crescer depressa, agora que tem os cuidados e a alimentação devida. É uma menina muito esperta e desejosa de aprender. Acho que percebo o prazer que tens nas tuas filhas ao vê-las mudar de dia para dia.

Penso em ti muitas vezes e espero voltar a ver-te, apesar de não saber quando isso acontecerá. Podes enviar uma mensagem através do Rianor que me disse que estavas bem e eras feliz — e que estavas linda — quando te viu há sete anos. Se os deuses forem bondosos, ele poderá entregar-me.

Tens sempre o meu amor, minha querida. Sempre tua Lhiannon.»

O druida ficou silencioso por instantes depois abanou-se e abriu os olhos.

— Obrigada — disse Boudica e depois: — De que parte é que te lembrás?

— Não compreendes... quando uma mensagem me é entregue durante um transe, eu não me lembro e é frustrante quando as pessoas querem mais informações e eu não faço ideia do que lhes disse.

Bem, isso explicava a razão de Lhiannon ter sido tão franca.

— Sim, deve ser difícil, mas tenho a certeza de que entregaste a mensagem fielmente. Parecia que ela estava a falar comigo.

— Ainda bem — sorriu calorosamente.

— Agora vem, o jantar deve estar pronto e tenho a certeza de que deves estar com fome. Vieste do Sul? Enquanto caminhamos podes dar-me notícias de Colônia.

Rianor era bom observador, com um dom para descrever as coisas que vira. Todos se tinham interrogado sobre o que aconteceria quando ao Imperador Cláudio sucedesse o seu enteado Nero, mas tanto quando o druida pudera ver, o principal reflexo local parecia ser a construção de um templo em nome do imperador morto. Era estranho que um homem que em vida fora desprezado por tantos, fosse honrado como um deus depois de morto, especialmente quando corriam rumores de que a sua mulher o envenenara. Mas só eram recordadas as qualidades dos mortos, como se o espírito divino a que tinham oferecido incenso fosse tudo o que restava. Os reis antigos, cujos túmulos estavam espalhados por toda a Britânia, ainda eram honrados, por isso talvez as crenças dos Celtas e dos Romanos não fossem tão diferentes nesse aspecto. Mas por muito benigno que pudesse ser o espírito do imperador, parecia-lhe violento que os Trinovantes, a quem Cláudio privara de rei e de reino, tivessem que pagar pela deificação do seu conquistador.

— Não vi o teu marido, mas ouvi dizer que estava lá. É muito respeitado. Chamam-lhe o “próspero Rei Prasutagos”, sabias? — Rianor calou-se. Estavam quase a chegar à quinta. Por cima da cerca os telhados das cabanas erguiam-se como pontos negros contra o céu que escurecia, mas a luz saía pelas portas e havia um apetitoso cheiro a cozinhados de carne no ar.

— Antes de entrarmos, tenho de te dizer uma coisa. Quando éramos mais novos — disse num tom subitamente desafiador — tive a esperança de que ficasses em Mona e que talvez dançasses comigo nas fogueiras.

E depois imaginaste que estavas apaixonado por Lhiannon, pensou Boudica.

— Mas quando aqui estive com a alta sacerdotisa e com a Coventa, vi a forma como o teu marido te olha. Não é muito ardente, mas é evidente que tem sido bom para ti. Algumas mulheres envelhecem, mas tu ficaste mais bonita.

Aquilo era uma declaração ou uma renúncia? Boudica reprimiu a vontade de rir. Agora que as filhas estavam quase a ficar casadoiras, era um consolo saber que ela própria era agradável à vista dos homens. — Temos sido muito felizes — disse finalmente. — Mas sinto-me honrada com as tuas atenções.

Quando entraram pelo portão, os cães regressaram a correr para junto deles, num tumulto de línguas caídas e de caudas agitadas, seguidos pelas suas filhas.

— Onde *estavas* Mama? Já voltamos há imenso tempo e o jantar está *feito!*

*

Boudica engoliu uma última colher de carne e de feijões e olhou para o marido que terminava a sua própria tigela do outro lado do fogo. Pela primeira vez desde que o conheceu, Prasutagos pareceu-lhe velho. Ele e os seus homens tinham chegado cedo, nessa tarde, e tinham estado todos atarefados a descarregar sacos e caixas com mantimentos e presentes que tinham trazido de Colônia. Para Rigana havia arreios de cabedal vermelho com aplicações em bronze para o seu cavalo e para Argantilla linhas de bordar em todas as cores imaginárias. A menina mais nova já era mais habilidosa com a agulha do que a irmã, melhor, na verdade, do que Boudica alguma vez seria.

Desejou que Rianor tivesse ficado com eles até à chegada do rei. Teria sido interessante comparar as suas informações com aquilo que Prasutagos tivesse sabido no Conselho...as más notícias que ele estava a guardar até ficarem a sós. Tinha que ser qualquer coisa política, pensou ela sentindo-se infeliz. Se fosse alguma coisa pública, já teriam ouvido os homens fazer comentários. Os outros podiam pensar que o rei estava assim calado por estar cansado. Prasutagos estava com um ar mais fatigado do que seria de esperar, mesmo depois de uma longa cavalgada, mas após dezesseis anos de casamento os silêncios diziam-lhe mais do que as palavras de muita gente.

*

Boudica sempre gostara do brilho difuso que iluminava o quarto de cama quando a luz dos carvões se filtrava através das cortinas. Não era luz nem escuridão, fazia com que a cama conjugai parecesse um local protegido e separado do mundo. Apoiou-se sobre um cotovelo, olhando para o marido, afastou cuidadosamente uma madeixa do cabelo que rareava e beijou-o na testa.

— Senti a tua falta... — disse baixinho e beijou-o nos lábios. Ele puxou-a para baixo e o beijo tornou-se mais profundo.

Quando pararam para respirar ela aninhou-se como de costume, com a cabeça sobre o seu ombro e um braço por cima do seu peito,

ouvindo-o respirar.

— E eu a tua... — murmurou ele. — Senti a falta de te ter nos braços e senti a falta de discutir as questões contigo, depois do fim das reuniões.

— Sim? Então o que é que tens tido tanto cuidado para não dizer desde que chegaste a casa? — Passou a mão sobre o músculo do seu ombro reaprendendo os seus contornos.

— E assim tão óbvio?

— Para mim é... — puxou-lhe os cabelos do peito e ele encolheu-se e riu-se.

— Dinheiro...

As suas carícias pararam. — Que queres dizer? A colheita foi boa este ano...

— Para reunirmos a riqueza de que precisamos precisaríamos que todos os grãos de todos os anos fossem de ouro... — suspirou. — Estão a pedir o pagamento de todos os empréstimos imperiais... Lembras-te? Aqueles fundos tão convenientemente oferecidos por Cláudio e pelos seus amigos patrícios, no ano das cheias, e o dinheiro que pedimos emprestado para construir o salão em Dunford. Os homens que governam em nome do jovem Nero querem o dinheiro de volta. Dizem que Sêneca emprestou quarenta milhões de sestércios aos chefes britânicos. Manter aqui um exército tão numeroso sai caro e as minas não se revelaram tão ricas como eles esperavam. O novo procurador, Deciano Catus, parece ter sido escolhido por ser da linha dura.

— Mas o governador não o pode refrear? — Fitou o teto sem ver.

— O Verânio morreu. Um homem chamado Paulinus vem a caminho, mas não sabemos qual será a sua política. De momento o Catus é quem manda.

— Catus e Cloto... — estremeceu, lembrando-se do significado do nome do Procurador. — Um para descobrir como nos há-de enganar e o outro para estabelecer o preço. Devem dar-se muito bem. — Mentalmente estava a fazer contas ao gado e aos mantimentos guardados, pensando naquilo que poderia ser vendido e o que poderiam salvar. As cortinas em torno do seu pequeno mundo já não pareciam uma barreira tão segura.

— Suponho que o Rianor teve juízo suficiente para não falar de rebeliões aqui, mas encontrou ouvidos atentos noutros lugares — disse então Prasutagos. — Por enquanto, toda a gente continua com a esperança de que o golpe não os atinja a eles, mas assim que começarem as propriedades a ser confiscadas, qualquer faísca será suficiente para incendiar a terra. O estado de espírito do conselho era pouco agradável lá para o final.

— Havemos de arranjar o dinheiro. Temos de arranjar... a rebelião agora só nos pode trazer desastres... — Boudica sentou-se e pôs-lhe as mãos nos ombros, tentando distinguir-lhe as feições. Os olhos dele brilhavam na obscuridade. — E no próximo ano irei ao

Conselho contigo. Não quero que me voltes a aparecer em casa a parecer uma daquelas coisas que o Bogle traz do pântano. — Afagou os músculos fortes do peito e da barriga dele, como se o seu toque o pudesse sarar.

— Já me sinto a reviver... — Ele tentou rir, mas a sua respiração tomara-se irregular. Ela sorriu e tocou-o mais abaixo, segurando-lhe no peso quente da sua virilidade. Quando ele se ergueu ao seu encontro ela sentou-se sobre ele e deu-lhe as boas-vindas a casa.

VINTE E UM

Desde o Festival de Brigantia que não parava de chover, uma precipitação branda e persistente que deixava tudo úmido, como se a terra e o céu estivessem ambos a dissolver-se numa bruma primeva. Se isto continua assim, pensou Boudica, o Dun Garo ainda desliza para o rio. O frio cortante do Inverno seria mais bem-vindo.

Quando chegou à porta do telheiro dos teares olhou para a estrada enlameada. Mas as árvores ocultavam-se na bruma por trás dela. Com aquele tempo não conseguiria ver Prasutagos a aproximar-se até ele chegar aos portões. Malvado homem... já deveria estar de regresso! Drostac de Ash Hill estivera à espera dois dias por um julgamento numa disputa de terras e, apesar de aceitar a sua autoridade de rainha, ela queria o conselho do seu marido.

Naquela manhã um pequeno grupo chegara das terras dos Trinovantes, gente expropriada da sua quinta por um oficial romano que a ia entregar a um dos seus lacaios. Era muito difícil ser-se despejado da terra onde conhecíamos o nome dos espíritos que habitavam cada pedra e cada ribeiro... mais difícil ainda era fugir para o território de outra tribo. Mas eles já não tinham o seu próprio rei para proteger aquela relação sagrada. Abrigá-los-ia Prasutagos sob a sua asa? *Poderia* fazê-lo? Pensou Boudica, sabendo que os seus próprios recursos já eram tão limitados? Entre os projetos de construção do rei e os impostos romanos, não restava muito nos cofres.

A cobiça dos Romanos parecia não ter limites. Já vendera uma grande parte das suas joias para ajudar o povo. Das peças maiores só o torque de Caratac se mantinha escondido, como um desafio secreto, no fundo da sua arca. Os Romanos tinham o direito legal ao pagamento, apesar de entre a sua própria gente ser muito mal visto o governante que não perdoava o tributo ao seu povo quando os tempos eram difíceis. Até mesmo os Romanos distribuíam pão pelos seus cidadãos. Era essa a diferença, pensou amargamente. Os Romanos alimentavam o seu próprio povo, mas apesar de todas as belas palavras sobre os benefícios de pertencer ao Império, os Bretões continuavam a ser o inimigo.

Boudica deixou cair a cortina da porta e regressou ao trabalho. Temella ergueu os olhos inquiridoramente, mas sabia que era melhor não fazer perguntas quando a rainha estava com aquela disposição. Por instantes ficou a olhar para o padrão de verdes e azuis e depois

afastou-se, inquieta. Tecer requeria paciência e calma e, atualmente, não tinha nem uma coisa nem outra. Queria estar lá fora a *fazer* qualquer coisa e, até ao regresso de Prasutagos, não havia nada que pudesse fazer.

Foi com uma sensação de profundo alívio que ouviu o som dos cavalos a chegar ao pátio. Quando os cães começaram a ladrar saiu a correr da cabana. Crispus já empunhava a taça de cerveja. Ela pegou-lhe e aguardou.

A porta abriu-se e deixou entrar uma rajada de vento úmido. Prasutagos vinha a entrar, meio apoiado em Eoc, com Bituitos mesmo atrás. As suas palavras de boas-vindas e as de reprimenda, que planeava dizer a seguir, ficaram esquecidas.

— O que foi? — exclamou quando o rei afastou o ajudante. — Houve algum acidente?

— Eu estou bem! Velhas maricás... — Prasutagos ficou a cambalear, sem parecer reparar na mão de Bituitos que lhe apoiava

o cotovelo. Franzindo o sobrolho, ela estendeu-lhe a taça. Seria aquela careta uma tentativa de sorriso de agradecimento? Começou a beber e teve um ataque de tosse. Ela devolveu a taça a Crispus e depois pegou na cabeça do marido com ambas as mãos.

— Ele está a arder em febre. — Olhou acusadoramente para os homens. — Que estavam a pensar ao deixá-lo viajar com este tempo? Ele está doente!

— Senhora, eu sei, mas ele *quis* vir! — disse Eoc desesperado.
— E ele é o rei...

— Disse que o vosso toque lhe fazia bem — acrescentou Bituitos.

— O meu toque vai metê-lo na cama que é onde ele deve estar
— resmungou ela passando um braço em torno do marido.

— Ajudem-me a levá-lo para a cama!

Assim que despiu as roupas molhadas a Prasutagos, ele pareceu ficar melhor. Sentou-se junto à cama a dar-lhe colheres de sopa até ele se recusar a comer mais.

— Muito bem então, se não queres comer conta-me o que se passou!

— Sim minha senhora... — disse ele com o seu velho sorriso, apesar de continuar a respirar com dificuldade. — Bem... consegui que Morigenos concordasse em emprestar cereais a Borcagnos para a sementeira da Primavera... Vão partilhar o trabalho e a colheita.

Boudica assentiu. Assim mais um clã sobreviveria. — E há algumas notícias de Colônia?

Ele assentiu. — Paulinus conseguiu subjugar os Deceangli. Correm rumores de que... — parou para respirar — ele tenciona marchar sobre Mona para acabar com a interferência dos druidas de uma vez por todas.

— Não vai ter muita sorte — respondeu ela desejando que fosse verdade. — Metade dos druidas da Britânia está lá. Mona será defendida por uma magia poderosa. — Também recebi notícias...

— continuou ela. —A Cartimandua não só se separou do Venutios, como fez do escudeiro dele, o Velocatos, seu amante.

Prasutagos ergueu uma sobrancelha. — Isso é algum tipo de aviso? Vou ter de manter o Bituitos debaixo de olho... — A gargalhada dele acabou noutra ataque de tosse e, desta vez, quando parou, havia gotas de sangue no pano.

— Então vais ficar de vigia aqui da cama — disse ela bruscamente. — Tens a garganta arranhada de tanto tossires. — Pôs-lhe a mão na testa e achou-o um pouco menos febril do que antes.

— Tens os dedos frescos... — murmurou ele fechando os olhos. — Agora já posso descansar. Não durmo bem... quando não estás ao meu lado...

— *Nem eu, meu amor* — curvou-se para lhe beijar a testa. Parecia-lhe estranho vê-lo ali deitado, tão quieto, ainda de dia. Tivera que cuidar das filhas em várias doenças infantis, mas Prasutagos sempre fora agressivamente saudável. Os homens fortes eram sempre os doentes mais difíceis. Esperava que a doença não fosse muito longa.

Desejou que Lhiannon ali estivesse.

— Dorme, meu querido... e cura-te — disse em voz alta. Tenho de ir tratar da comida dos teus homens. — Ele iria dormir e a febre baixaria e ele ficaria bem. Não havia outro resultado possível.

*

— Por que é que o Pai não melhora? — Rigana bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo pondo-o ao lado da égua cinzenta que substituíra Roud como montada habitual de Boudica.

A égua chamava-se Branwen e considerava-se a si própria a rainha da estrada. Boudica viu-a pôr as orelhas para trás e deu-lhe

uma palmada no pescoço antes que ela pudesse morder o cavalo. Estava um lindo dia, mesmo antes da chegada da Primavera, e ambos os cavalos estavam irrequietos. Os homens que Prasutagos insistira que a acompanhassem trotavam atrás de si.

Conseguiria dizer palavras de conforto quando a mesma pergunta lhe martelava a cabeça? Passara-se um mês desde que Prasutagos caíra à cama. Continuava a tossir e, quando tentava levantar-se, a febre voltava. Boudica olhou de lado para a filha.

Rigana tinha quase quinze anos... idade mais do que suficiente para o seu ritual de passagem a mulher adulta. Boudica adiara-o, fantasiando que poderia levar a menina a Avalon para ser iniciada, tal como ela fora. Mas era evidente que não poderiam fazer uma viagem tão longa estando Prasutagos incapaz de governar. No entanto Rigana tinha idade suficiente para ser considerada mulher e merecia a verdade.

— Estás preocupada com ele... — disse Rigana em tom acusador. — Não dormes. Tens olheiras. Se tens de fazer o trabalho do rei... — apontou para a quinta —, devias deixar que eu e a Tilla te ajudássemos no teu.

— Isso é muito atencioso da tua parte, querida, mas...

— Mãe! Não me insultes. Eu não preciso de ser protegida... *Exceto, talvez, de ti própria...*, pensou Boudica desconfortavelmente recordada de si própria naquela idade. Trouxera Rigana consigo por ter a vaga sensação de que a rapariga deveria aprender as responsabilidades de um chefe tribal uma vez que, provavelmente, se casaria um dia com um governante. A rainha não se permitiu pensar no fato de Rigana ser provavelmente a única herdeira que Prasutagos alguma vez teria.

— Talvez não — disse calmamente —, mas quando tiveres filhos compreenderás que os pais sentem que devem tentar...

— E o Pai quem precisa de ajuda — disse Rigana reprovadoramente. — Se não consegues curá-lo devias encontrar alguém que consiga.

—A Lhiannon está em Eriu e os druidas de Mona estão escondidos por trás das suas proteções à espera da chegada dos Romanos.

— Mesmo assim podes perguntar... talvez haja algum que prefira estar a salvo aqui!

— Muito bem — respondeu Boudica. Podia dizer a si própria que iria pedir ajuda para agradar à filha e não devido ao terror que a mantinha acordada nas horas de escuridão, deitada ao lado do marido, a ouvir cada inspiração difícil. Calgac era um homem de confiança. Falar-lhe-ia no assunto quando regressassem ao forte.

A quinta de Drostac ficava numa pequena elevação. Gado e cavalos pastavam nos campos. Quando se aproximaram da quinta apareceu uma matilha de cães vinda do pátio a ladrar furiosamente. Um soldado montava guarda junto a alguns cavalos... aparentemente os Romanos já tinham chegado.

— Ali minha senhora... — Calgac apontou para um grupo de homens que discutiam no campo ao lado. Um deles, viu ela com desagrado, era Cloto.

Boudica considerou a hipótese de fazer Branwen saltar por cima da cerca e de ir a cavalo até junto deles, mas isso teria assustado o gado que eles pareciam estar a discutir tanto como perturbaria Cloto e, além disso, não seria digno.

— Eu devo-vos três vacas... — exclamava Drostac. — Não o nego. Já as separei ali. Este animal é um boi e não mo vão levar! — O animal em apreço, um boi castanho com cornos pesados e um brilho de desconfiança no olhar, estava a poucos passos de distância.

— Sou eu e não tu quem decide que animais é que levo... — disse Cloto. — Selecionei este. — Sorriu e Boudica teve a súbita certeza de que ele sabia o quanto Drostac se orgulhava daquele boi.

As cabeças viraram-se quando ela se aproximou com Rigana um pouco atrás. Olhou para Cloto e para o oficial romano que o acompanhava, um homem pequeno que não parava de saltitar de um pé para o outro, como se tivesse medo de se enterrar na lama e que estava obviamente incomodado com a presença do boi.

— Queres o *boi*? — Boudica desatou às gargalhadas. — Ora Cloto, já esqueceste tudo o que aprendes sobre a lavoura? — Abanou a cabeça tristemente e virou-se para o Romano. — Suponho que quereis cobrar impostos a este homem para o ano? Como é que achais que nascerão bezerros se levardes o boi?

Drostac cerrou os lábios para não dizer aquilo que estava prestes a dizer quando o Romano franziu o sobrolho. A expressão de

Cloto fechou-se. Quando ele se virou para lhe responder, Boudica deu um pequeno grito e recuou.

— Rigana, querida, quero-te por trás daquela cerca — disse em voz alta. — E, meus senhores, acho de devíeis fazer o mesmo. Esse animal não me parece de confiança...

A indignação de Rigana por ter sido mandada para trás da cerca desvaneceu-se quando viu a mãe piscar-lhe o olho. O oficial romano não precisou de mais encorajamento para ir atrás dela. Boudica e Drostac foram no encalço dele, deixando Cloto a enfrentar o boi que, agora, estava realmente perturbado e começou a escoicear no chão.

Assim que passaram o portão Boudica pegou no braço do Romano. — Se matásseis aquele animal, ele não serviria nem para dar pele para sapatos — disse em tom confidencial. — As vossas tropas agradecer-vos-ão a carne de três vacas tenrinhas, acreditai no que vos digo, mas amaldiçoar-vos-ão se lhes tentardes dar boi para comer.

*

Nos campos por onde passavam os jovens borregos brincavam com uma energia que ninguém conseguia imaginar que as suas mães já tivessem tido. De vez em quando uma das ovelhas erguia a cabeça e soltava um balido de aviso. Boudica compreendia-as. Imediatamente após a chegada da Primavera, Argantilla fora ter com a mãe e anunciara que começara a sangrar “do sítio das mulheres” e quando é que podia ter a sua cerimônia? Embora Rigana considerasse a hemorragia mensal como um aborrecimento, Argantilla sempre se sentira muito mais confortável com a sua feminilidade. Mas agora, que estavam na estrada, as duas faziam galopar os cavalos para cima e para baixo com igual entusiasmo.

— Acalmem-se as duas... — gritou quando a filha mais nova passou por ela. — Se cansarem as montadas antes de chegarmos ao destino, terão de caminhar ao seu lado.

Boudica sentia-se satisfeita ao manter a égua cinzenta numa passada lenta, a ansiedade por ter deixado Prasutagos em Dun Garo rivalizando com um alívio culpado por estar livre e em campo aberto. Deveria ter ficado com ele? Ele insistira para que levasse as raparigas à fonte sagrada.

Teriam podido fazer a viagem em dois dias, mas as carroças que transportavam algumas das outras mulheres moviam-se lentamente. Temella seguia com elas, bem como algumas das mulheres dos chefes. A sua mãe morrera havia muito, mas tinham mandado buscar Nessa a Ramshill e a filha de Drostac trazia a sua própria filha, Catuera, para participar no ritual.

— O teu ritual também foi assim? — perguntou Argantilla quando se instalaram nos abrigos por baixo das árvores.

Boudica passou o braço pelos ombros da filha. A Tilla ainda não acabara de crescer, mas a sua figura já era docemente arredondada. Devia ter herdado aquele corpo feminino e a natureza calma do lado

da família do pai, pensou a rainha. Não tinha nada da energia esgalgada que ela própria partilhava com Rigana. Essa não teria estado pronta para aquele ritual aos treze anos, mas para Argantilla chegara o momento.

— Não, porque eu estava com os druidas em Mona. Quando comecei a ser menstruada fizemos uma celebração, mas o ritual era sempre adiado até a rapariga estar pronta a decidir se desejava tornar-se sacerdotisa. Portanto eu era muito mais velha... — *E nalguns aspectos muito mais nova*, pensou dando mais um abraço à menininha. Em Mona os druidas viviam numa separação distante das exigências do mundo, ou pelo menos tinham vivido assim até agora, pensou apreensivamente. Crescer na casa do rei supremo dera às suas filhas uma sofisticação que não condizia com as suas idades.

Nessa noite, contudo, as risadinhas que vinham do abrigo onde as três raparigas deveriam estar a dormir eram perfeitamente apropriadas às suas idades. Boudica ficou acordada, recordando como Prasutagos viera ter com ela na escuridão, tocando-

-se como ela a tocara, imaginando que ele estava ali ao seu lado. Não tinham feito amor desde que ele adoecera. Não se apercebera da falta que lhe fazia o alívio que encontrava nos seus braços.

Na hora de escuridão que antecedia a madrugada foram acordadas e seguiram a sacerdotisa que cuidava da fonte sagrada, que ficava ao fundo do caminho, com archotes brilhando nas mãos. Quando chegaram à lagoa dispuseram as luzes à sua volta e aguardaram.

As mãos de Boudica estavam atadas às mãos das filhas. Quando se aproximavam a sacerdotisa barrou-lhes o caminho.

— Quem vem à fonte sagrada?

— Sou eu, Boudica, filha de Anaveistl e estas são as minhas filhas Rigana e Argantilla. Protegi-as e alimentei-as nos seus anos de crescimento. Tenho o direito de as acompanhar agora.

— As crianças que amaste já não existem — disse a sacerdotisa.
— Agora o seu próprio sangue corre vermelho ao chamamento da Lua. Na jornada que se inicia terão que caminhar sozinhas.

Virou-se para as raparigas. — Rigana, Argantilla, a Deusa chamou-vos para assumirem as responsabilidades de mulheres adultas. Estão dispostas a separar-vos da vossa mãe e a obedecerem?

— Eu estou — responderam-lhe.

A sacerdotisa virou-se para Boudica. — E tu, estás disposta a deixá-las partir?

Quando deu o seu assentimento o seu coração gritou: *Não! Elas são apenas crianças. E demasiado cedo!* Mas o ritual, tal como os anos que as tinham levado até àquele local, tinha um ritmo que a envolveu.

— Corto então as cordas que vos ligaram. A partir deste momento caminhareis livres. — Com uma pequena lâmina em forma de foice a sacerdotisa cortou os laços.

Quando a corda cedeu, Boudica sentiu a perda de uma outra ligação de cuja existência não se apercebera conscientemente. *Eu não devia ter feito isto às duas meninas ao mesmo tempo, pensou freneticamente. Não estou pronta para perder os meus bebês de uma só vez!*

Ficou a assistir enquanto o processo se repetia para cada mãe e cada rapariga e seguiu-as, sentindo-se infeliz e sabendo que a sua única função ali era servir de testemunha. Três das mulheres mais jovens tinham despido as roupas e estavam a ajudar as raparigas a despirem-se antes de as conduzirem à lagoa. Boudica viu as suas peles arrepiarem-se e estremeceu em solidariedade. Mesmo no pico da Primavera o ar era frio àquela hora e a água estava sempre gelada.

Pedaços de tecido suspensos dos ramos, uns novos e outros velhos, flutuavam no vento da madrugada. Supunha que aquele que ela ali deixara tantos anos antes já se transformara em pó, tal como o corpo do seu filho. Mas a imagem da deusa continuava lá... ou talvez fosse uma nova do mesmo modelo. Boudica imaginou uma sequência de estátuas como aquela, substituindo-se umas às outras à medida que iam apodrecendo, tal como uma nova geração de filhas ocupava os lugares das suas mães na fonte sagrada.

— Agora deixai que a água leve todas as manchas e sujidades...
— entoavam as jovens mulheres, apanhando água e despejando-a sobre as raparigas. — Deixai que dissolva todos os laços que vos prendiam, deixai que tudo o que ocultava o vosso verdadeiro ser seja lavado... Senti a água a acariciar-vos os corpos e recordai as águas das quais nascestes.

Ruivas e morenas e loiras, as raparigas viravam-se para receber a bênção. A luz tremeluzente os seus corpos pareciam feitos de marfim, brilhando onde a água fazia pequenos remoinhos sobre os membros arredondados. Boudica susteve a respiração, maravilhada pela beleza dos seios que despontavam e pela doce união das coxas esbeltas. Em locais como aquele e a Fonte do Sangue, em Avalon, sentia uma energia sagrada. E houvera ocasiões em que a sentira dentro de si. Mas quando as três raparigas se abraçaram viu a Deusa Donzela manifestar-se em toda a Sua infinita variedade, radiante e promissora e as suas lágrimas correram, misturando-se com as águas da fonte sagrada.

— Rigana, Argantilla, Catuera, limpas e brilhantes, reveladas na vossa beleza, levantai-vos, oh minhas irmãs e juntai-vos a nós agora...

As raparigas saíram da lagoa com mais celeridade do que tinham entrado, ofegantes por causa do frio e do riso, secaram-se umas às outras e enfiaram as túnicas. Entretanto as mulheres tinham-se virado umas para as outras ao longo do caminho, dando as mãos aos pares e formando um túnel que as raparigas tinham que atravessar para chegar à refeição que as aguardava numa clareira mais à frente.

Da flor vem o fruto e do fruto vem a semente, cantavam as mulheres. — Ao morrer nascemos de novo e, sepultadas, libertamo-nos...

Boudica e a mãe de Catuera abriram os braços para apanhar Rigana puxando-a contra si.

— Com este abraço nasces para o círculo das mulheres — murmurou Boudica.

— Com este abraço nasces para uma nova vida... — respondeu a outra mulher.

Depois passaram-na ao par seguinte e abriram os braços a Catuera. Mais à frente a canção continuava.

Nascendo e renascendo, passando, regressamos, Libertando, tudo nos é dado, abdicando aprendemos...

A medida que as iniciadas iam passando a fila desfazia-se nas suas costas e o resto das mulheres ia-as seguindo. A luz do Sol recém erguido passava por entre os ramos em raios longos tomados visíveis pelo vapor do caldeirão que fervia sobre o lume. As raparigas

tinham sido dados os lugares de honra e tinham-nas coroado com grinaldas floridas. Risonhas e coradas, ouviam as palavras sensatas e os conselhos, muitos deles brejeiros, que as mulheres estavam ali para lhes dar.

Boudica bebericou o chá de menta que Nessa lhe entregou em silêncio. Sentira aquela mistura de alegria e de perda depois dos partos. E porque haveria de se sentir surpreendida? Estivera à espera da dor quando dera à luz os corpos das suas filhas, mas aquela segunda separação rasgava-lhe o coração com uma dor nova e inesperada.

Mas as filhas continuavam junto de si. Os druidas ensinavam que a morte era um tipo diferente de nascimento. Se o marido fizesse essa passagem que faria ela? Depois daquele dia continuaria a poder abraçar as filhas, ainda que a natureza da sua relação com elas se tivesse alterado. Mas e se Prasutagos morresse...

Deusa! Senhora da Fonte Sagrada! Dar-lhe-ei as vossas águas para beber e se ele recuperar construirei um templo aqui, no vosso santuário. Senhora da Vida! Deixai o meu marido viver!

*

Prasutagos estava na cama, completamente imóvel.

Santa Deusa, estará morto? Boudica deteve-se, com a cortina meio erguida, a olhar para ele.

Com certeza, pensou com uma certeza cega, que ele teria esperado... não poderia deixá-la sem se despedir... e depois, mais sensatamente, pensou que certamente lhe teriam dito se ele tivesse

morrido. Viu o peito dele subir e descer e o seu coração recomeçou a bater. E, apesar de ela não ter feito barulho, os olhos dele abriram-se e saudou-a com o seu velho e doce sorriso.

Boudica forçou os lábios a retribuírem-lhe apesar de o seu coração bater descontroladamente.

— *Está tão magro! Não devia ter ido!*

— Então as nossas filhas já são mulheres...

— O ritual correu bem — disse ela deixando a capa cair por terra. As correias da cama gemeram quando se sentou ao lado dele.

Ele suspirou. — Sem dúvida que os anos voam, não me parece ter passado mais de uma estação desde a primeira vez que tive

Rigana nos braços... E tu não pareces mais velha do que nessa altura, minha mulher... quando me começaste a perdoar por te ter engravidado dela...

Boudica pestanejou para reprimir as lágrimas. — Vi cavalos desconhecidos na cerca — disse com uma brusquidão forçada.

— Temos visitas?

— Uma para ti... uma para mim... — os seus lábios estremeceram. — Ou suponho que sejam ambas... para mim, apesar de eu só ter mandado chamar uma... — Ficou subitamente sem conseguir respirar e o seu peito assobiou quando tentou recuperar a respiração.

Respira! Boudica debruçou-se sobre ele, transmitindo-lhe força e foi recompensada por uma inspiração entrecortada.

— Chiu... não tentes falar.

— Isso já passa, minha senhora — disse uma voz desconhecida. As cortinas mexeram-se e um homem alto e magro, com um manto branco, entrou. Pegou no pulso do rei procurando a pulsação.

Boudica ficou a olhar para ele, com a memória a fazer corresponder gradualmente as feições magras e as mãos graciosas ao homem que vira pela última vez em Mona, havia metade da sua vida. Pouco mais prata havia nos seus cabelos do que nessa altura.

— Brangenos! Que estás a fazer aqui?

— A responder à vossa chamada, minha senhora — respondeu ele. — Estudei para ser curandeiro... uso os remédios para curar o corpo e as canções para recuperar a alma. — Olhou para Prasutagos que parecia ter adormecido e puxou Boudica de parte. — Posso

aliviar a dor do rei, mas a música é o melhor tratamento que lhe posso oferecer agora.

— Ele está a morrer? — Fechou os olhos para não ver o seu assentimento.

— Não vos recrimineis, minha rainha. Não teria servido de nada ter vindo mais cedo. Isto não é doença da tosse, é uma doença mais grave. Ele disse-me que um cavalo lhe deu um coice no peito há anos. Essa pode ter sido a primeira causa ou um outro qualquer mal de que não saibamos.

— Mas ele parece tão alegre... — disse ela com uma voz fraca.

— Ele sabe o que lhe está a acontecer, mas não vos mostra a sua dor. Ainda não. Mas vós estudastes em Mona... em breve tereis que recordar a vossa formação. Ele vai lutar... e sofrer até lhe dardes licença de partir. Tereis que ser a Deusa para ele, minha senhora, e facilitar-lhe o nascimento para o Outro Mundo...

Boudica abanou a cabeça. *Não me recordo... Não sou uma sacerdotisa... Não sou capaz de o deixar partir...*

— Mas ainda não... — ouviu-se um murmúrio vindo da cama. Boudica e Brangenos viraram-se os dois. — Primeiro... temos trabalho para fazer.

— Sim meu senhor... — o druida fez uma vénia. — Desejais que o Romano entre?

— Enquanto cuidavas dos espíritos das nossas filhas... tentei salvaguardar... a sua herança — disse Prasutagos e Boudica ergueu as sobrancelhas, surpreendida.

Sentou-se novamente a seu lado quando as cortinas foram afastadas e Brangenos regressou seguido por Bituitos, Crispus e um

homem careca com uma túnica romana que a olhou com uma mistura de admiração e de apreensão.

O que poderá ele ter ouvido a meu respeito? Obrigou-se a adotar uma expressão mais agradável. Eu não te faço mal, homenzinho, por muito pouco bem-vindo que sejas.

— Este é Júnio Antônio Calvus, um advogado de Londinium — disse Crispus em Britânico e depois, em Latim: — Senhor, esta é a rainha.

— Ela fala a nossa língua? — perguntou Calvus como se achasse a possibilidade remota.

Boudica mostrou-lhe os dentes num sorriso.

— Fala, mas aqui o Bituitos não fala. Portanto, eu traduzirei para que ele possa servir de testemunha.

O advogado pigarreou. — Muito bem então. *Domina*, o vosso marido pediu-me que fizesse um testamento à nossa maneira, dado ele ser um cliente do imperador e um amigo de Roma. Normalmente isto deveria ter sido feito há muito tempo e o documento deveria ter sido enviado para Roma para ser registrado no templo de Vesta, mas podemos guardá-lo no Gabinete do Procurador, por agora. — Abriu a pasta de cabedal que tinha ao lado e retirou de lá de dentro um pergaminho.

Boudica tentou prestar atenção enquanto ele declamava num Latim pomposo, com o eco melodioso em Britânico a dar-lhe sentido. As terras do dote que já estavam registradas no nome de Boudica continuariam a ser suas, mas as propriedades do rei eram divididas entre as filhas e o imperador. A medida que Calvus lia, Prasutagos escutava, com a expressão de teimosia determinada que Boudica tão bem conhecia.

— Na lei Romana, é costume as mulheres herdarem da sua família, não da do seu marido — disse o advogado apologeticamente quando terminou a leitura. — Um homem deixa a sua riqueza aos filhos. As filhas podem herdar quando não existem filhos.

— Mas... e o imperador? — perguntou ela.

Calvus ficou ligeiramente corado e desviou o olhar. — Deveis ter consciência de que há homens... próximos do imperador que exercem grande influência...

Boudica assentiu. Sêneca e os outros anciãos que controlavam o rapaz imperador tinham roubado à Britânia as suas riquezas durante os últimos anos.

— Pensamos que... se Nero for co-herdeiro das vossas filhas, eles não se atreverão a impugnar o testamento. Foi a única forma legal que conseguimos encontrar... — A sua voz esmoreceu. Continuava a olhá-la, pensou Boudica, como se achasse que ela era capaz de o comer. Virou-se para o marido.

— Meu amor, é mesmo isto o que desejas?

— O meu *desejo* é viver... — ofegou ele. — Mas se não puder ser... este é o meu testamento. Peço ao Conselho que te confirme... para reinares...

— Até Rigana ser crescida e escolher um marido — acrescentou Bituitos. — Os Romanos apoiaram Cartimandua porque ela os serviu, mas não se sentem confortáveis com rainhas reinantes.

Prasutagos fechara os olhos. Brangenos, que para um homem tão alto tinha uma espantosa habilidade de se confundir com as paredes quando o desejava, levantou-se. O Romano deu um salto, pois aparentemente não se apercebera da sua presença.

— O rei exauriu as suas forças... agora tem de dormir. — O cenho franzido do druida era uma ordem.

Calvus apressou-se a reunir as suas coisas e foi escoltado por Crispus para fora do quarto. Bituitos seguiu-os. Mas Boudica manteve-se de pé. O seu olhar de desafio encontrou o olhar compassivo do druida que lhe fez uma vênia. Depois de ele sair ela ficou a olhar para as feições de Prasutagos, memorizando a curva do seu nariz, as linhas das suas sobrancelhas. Havia uma pequena ruga entre elas, como se mesmo durante o sono sentisse dor. Os seus bigodes já estavam completamente prateados.

Ficou com a visão desfocada e caiu de joelhos ao lado da cama, chorando silenciosamente. Muito tempo depois sentiu um toque na cabeça e levantou-se de um salto tentando secar as lágrimas.

— Vá, chora... — arfou ele. — Os deuses sabem que também chorei. Achas que é mais fácil para mim partir do que para ti ficar?

— Sim! — Limpou mais lágrimas. — Não foi pior para ti quando a tua primeira mulher morreu? E só tinhas vivido com ela durante um ano. Tu e eu estivemos ligados durante quase metade da minha vida e vais deixar-me sozinha!

Prasutagos fechou os olhos. Boudica susteve a respiração, horrorizada com as suas próprias palavras. Nunca tinham falado da primeira mulher que lhe chamara marido. Que loucura a fizera mencioná-la agora?

— Quando ela morreu... chorei por não a ter podido salvar — murmurou ele por fim. — Agora... porque não poderei *proteger-te*...

*

Boudica gostava de caminhar até ao recinto dos cavalos quando Brangenos insistia que deixasse Prasutagos e fosse apanhar ar. Agora era apenas ali que se permitia o luxo das lágrimas. Bogle e os outros cães seguiam-na num silêncio incharacterístico, pois sentiam o seu estado de espírito. A tarde estava a escurecer. A égua cinzenta veio até à cerca, dando-lhe com o focinho no ombro na esperança de uma guloseima e Boudica passou os braços pelo pescoço forte e enterrou a cara nas crinas brancas da égua. Não rezou. Não era capaz de rezar desde que regressara da fonte sagrada, mas a força sólida da égua era reconfortante.

As celebrações de Beltane tinha sido um velório em vez de uma festa, apesar de Prasutagos continuar vivo. Os chefes, chocados com a perspectiva de irem perder o seu rei, estavam dispostos a concordar com tudo o que ele pedia. O Verão abençoava a terra com um crescimento alegre, mas a cada hora que passava as forças do rei diminuía e os seus pulmões debilitados perdiam a batalha ao tentar encher-se de ar.

Com a cara encostada à crina áspera de Branwen, Boudica sentiu mais do que viu a luz a extinguir-se. Depois a égua bateu os cascos e abanou a cabeça e Boudica apercebeu-se de que alguém a chamava.

— Mamã... — disse Rigana muito tensa. — Brangenos diz que deves vir.

Um estremeamento que não conseguiu evitar percorreu o corpo de Boudica, mas quando se virou tinha os olhos secos. Estendeu o braço e pegou na mão da filha. Quando se aproximaram da cabana ouviu as notas da harpa, doces como a memória. As poções do druida já não serviam de grande coisa, mas a música parecia aliviar as dores do rei. Quando entraram a porta ela parou, preparando-se para o cheiro da doença.

Rigana juntou-se à irmã do outro lado da cama. Bituitos e Eoc também lá estavam, bem como os outros. Boudica não os viu.

O rosto de Prasutagos ficara ainda mais encovado no curto espaço de tempo que se ausentara, com a pele a murar sobre os ossos. Cada inspiração irregular era uma luta. Estaria ele inconsciente ou apenas de tal forma concentrado em manter-se vivo que não lhe restava atenção para dar ao mundo exterior? Agora as

lágrimas que lhe embaciavam os olhos eram de pena e não de mágoa por si própria.

O que Brangenos dissera tornou-se subitamente real para si. Prasutagos não podia viver. Cada hora que passava apenas prolongava o seu sofrimento. Teria sido assim que Prasutagos se sentira quando a vira lutar para dar à luz a filha dele? Ele lutava agora para libertar o espírito e a ela cabia a responsabilidade de ser a parteira da sua alma.

Não sou capaz de o fazer, pensou.

Tenho de o fazer...

Avançou e os olhos do seu marido abriram-se. Os seus lábios moveram-se, tentando dizer o seu nome.

— Prasutagos... — falou como ele lhe falara havia tanto tempo.
— Prasutagos, estou aqui... — Ajoelhou e pegou-lhe nas mãos, transmitindo-lhe força através dos dedos entrelaçados e a sua agonia pareceu diminuir.

Os seus lábios moveram-se novamente, as palavras quase silenciosas. — Cuida do meu povo, Boudica. Protege as minhas meninas...

— Sim meu amor — respondeu numa voz firme. — Assim farei.

Com esforço ele inspirou mais uma vez, o corpo ainda a lutar para se manter vivo. Ela debruçou-se sobre ele. Os seus lábios roçaram-lhe a testa.

— Fizeste tudo o que podias — murmurou. — Nenhuma mulher jamais teve melhor marido. Agora acabou, meu amado. Avança... liberta-te...

Quando ela se endireitou os lábios dele curvaram-se no sorriso doce e familiar. Não voltou a falar.

Boudica esperou, lembrando-se subitamente de como fora embarcar no navio para ir para Avalon, como lhe parecera que era a margem e não o barco, que se afastava. Muito tempo depois apercebeu-se de que a respiração difícil cessara. Os dedos dele estavam a ficar frios nos seus. Libertou-os suavemente e cruzou-lhe as mãos sobre o peito.

Depois levantou-se. Se os outros lhe falaram ela não os ouviu. Prasutagos estava imóvel. Em todos os anos que reclamara dos seus silêncios, nunca houvera um silêncio como aquele. Por mais que praguejasse ou implorasse, ele nunca lhe responderia.

Boudica virou-se, afastando todos quantos tentaram detê-la. Os seus passos levaram-na ao cercado dos cavalos onde a égua branca a aguardava. Para que precisava ela de uma sela ou de um freio?

Saltou para o dorso da égua e um instante depois saía o portão e afastava-se.

A rainha cavalgou a égua branca como outrora cavagara a vermelha, com os cães selvagens ladrando no seu encalço e os homens fugiam para dentro de casa e trancavam as portas. — E Epona quem cavalga... — murmuravam. — Epona chora o rei.

Mas, por mais loucamente que galopasse, ela agora nunca mais o ultrapassaria.

VINTE E DOIS

Lhiannon agarrou-se à borda do barquinho que a transportara do navio até à praia e desembarcou cuidadosamente. A areia gemeu debaixo dos seus pés. Ela curvou-se e recolheu uma mão cheia.

— Ligo-me a esta terra da Britânia — murmurou —, ao seu solo e às suas pedras, aos rios e às fontes. A cada coisa que cresce e que caminha e que voa, com o povo desta terra me comprometo a não voltar a deixá-la.

A direita erguia-se a grande massa do monte sagrado. Algumas casas agarravam-se às encostas e havia barcos de pesca nas areias da praia, onde os corvos disputavam com as gaivotas os restos da última pescaria que tinham feito.

— Isto é Oakhalls? — perguntou o druida irlandês que a acompanhava, olhando em torno de si com um ar duvidoso. Os seus superiores, reagindo aos rumores de um potencial afluxo de refugiados da Britânia, tinham-no enviado para que avaliasse, com os seus próprios olhos, o que se estava a passar.

Lhiannon riu-se.

— Isto não passa do rosto vazio e pedregoso que Mona exhibe ao mar. Sem dúvida que esta boa gente nos dará alguma comida em troca de uma bênção e, depois, dois dias de caminho levar-nos-ão à aldeia. Mas se eu não tiver perdido toda a minha magia, alguém é capaz de vir buscar-nos antes com animais para montarmos.

Aquela ideia não fazia com que o homem se sentisse muito satisfeito, mas não perguntou mais nada. Lhiannon suspirou. *Se eu não tiver perdido toda a minha magia, pensou, e se os druidas de Oakhalls não estiverem demasiado distraídos com medo dos Romanos para ouvirem o meu chamamento.* A tripulação que as

trouxera de Eriu levara rumores inquietantes de um avanço romano. Tivera esperança de poder trazer Cailleán com ela, mas com a situação tão instável isso não lhe parecera sensato. A rapariga ficaria em segurança com a família a quem pagara para cuidar dela até Lhiannon a mandar chamar.

Era o sonho que a despertara logo após o Beltane que a preocupava. Ouvira Boudica chorar e depois vira uma deusa montada que cavalgava, ululante, através dos céus.

*

Os lamentos das mulheres erguiam-se sobre os murmúrios da multidão. Após três dias de luto público, Boudica já nem as ouvia. Agora que a voz de Prasutagos se silenciara, não havia muita coisa que lhe interessasse ouvir. Quando os chefes tinham começado a chegar ela falara com eles, mas instantes depois já não se lembrava de quem ali estivera.

Na manhã seguinte à morte de Prasutagos, a égua, sentindo-se esgotada, trouxera Boudica para casa. Nessa altura já os preparativos do funeral iam adiantados. Mulheres idosas tinham aparecido no forte para lavar e preparar o corpo. Os homens já estavam a cavar uma sepultura e a juntar madeira para a pira funerária. E sozinhos e aos pares e em família, os chefes dos Icenos iam chegando.

— Mãe... temos de ir... — A mão quente de Argantilla cerrou-se sobre a dela.

Pestanejando, Boudica concentrou-se no que se passava à sua volta, nos rostos sombrios pouco condizentes com o esplendor das roupas de cerimônia — Temella, Crispus, Caw como de costume ao lado de Argantilla. Todos aguardavam que ela montasse a égua cinzenta e os conduzisse ao local do enterro. Rigana já estava montada no seu cavalo baio, com o rosto pálido devido às noites

passadas a chorar. Memórias fragmentadas diziam-lhe que fora a doce Argantilla quem mantivera a casa a funcionar durante os últimos dias. Um murmúrio do ressuscitado instinto maternal perguntou-lhe porque deveria surpreender-se. *A Rigana é demasiado parecida comigo...* pensou atordoada. *E uma espada sem bainha.*

Obedientemente, permitiu que Calgac a ajudasse a montar e ajeitou-se na sela. Também Brawen se estava a portar bem, caminhando calmamente ao longo da estrada como se nem conseguisse imaginar o que era galopar desvairadamente pelos pântanos.

Uma extensão de terra não cultivada para norte de Dun Garo continha vários montículos redondos, os túmulos de reis antigos. Agora uma nova sepultura estava aberta ao seu lado. Os seus olhos evitaram a câmara fúnebre construída em madeira onde a carne que Prasutagos deixara para trás repousava em peles de cordeiro em cima de uma urna. Durante os dias que ele ali jazera o seu povo viera despedir-se. Agora mantinham-se ali, uma multidão silenciosa, aguardando. *Agora é a minha vez...*, pensou.

Deveria haver ricos deuses-tumulares em torno do corpo, mas muito do que poderia ter sido oferecido fora vendido. A riqueza do “próspero Rei Prasutagos” tinha sido usada para ajudar o seu povo.

Mas outros objetos tinham sido acrescentados àqueles que ela reconhecia — pequenas coisas cujo valor era medido pelo coração e não pelo dinheiro — uma peça de tecido bordado, uma taça de madeira polida de tanto uso, até mesmo um infantil cavalo de brincar. Aqueles tesouros nunca poderiam ser taxados pelos conquistadores romanos.

Brangenos estava junto da pira. A seu lado um tocha acesa estava fixa no chão. Arranjara em algum lugar um manto limpo. As suas pregas níveas agitavam-se na brisa. Era um druida com muitos talentos, pensou ela sobriamente. Quer se necessitasse de música, de remédios ou de rituais, ele estava sempre presente. Teria gostado de poder odiá-lo por não ter conseguido salvar o rei. Mas isso teria exigido que ela sentisse.

Desmontou e ocupou o seu lugar ao lado das filhas, em frente à pira. Bituitos e Eoc tinham-se mantido ali de vigia desde que o seu senhor fora depositado na câmara funerária. Tinham estado ao lado do rei desde que eram rapazes. Boudica supunha que a dor deles devia ser quase tão grande como a sua. A chorar saltaram para dentro da câmara e ergueram o seu senhor para que outros o pudessem transportar para a pira.

— Este é o corpo do homem que amamos... — o druida contemplava a urna. — Mas Prasutagos não é esta carne. Esta carne é feita de terra e dos alimentos da terra, pedida emprestada durante algum tempo. Agora teremos que a devolver novamente. Das águas que são o ventre da Deusa veio este homem. Tal como o sangue, estas águas corriam nas suas veias. Agora a terra é alimentada pelo sangue do rei. Através deste corpo passou o sopro da vida. Ele libertou-o no vento. Respirando esse vento recebemos o seu espírito... e deixamo-lo partir mais uma vez. No interior deste corpo ardeu um fogo imortal. Que essas chamas o libertem!

Arrancou a tocha do solo e enfiou-a nos toros embebidos em óleo. As chamas impacientes ergueram-se imediatamente com fúria. Boudica sentiu os dedos das filhas enterrarem-se com força nos seus braços e só então é que se apercebeu de que avançara na direção da pira. *Porque me detêm?*, pensou ressentida. *Se eu arder com ele também ficarei livre...*

Rigana começou a soluçar e com um instinto que transcendia a sua mágoa, Boudica abraçou-a. Argantilla abraçava-as a ambas. Boudica teve uma consciência súbita do calor da pele delas contra a sua. *Ele vive nelas... enquanto eu tiver as nossas filhas ele não terá partido completamente...* E subitamente aquele calor derreteu o gelo que lhe entorpecera o espírito e as lágrimas da cura começaram também a correr dos seus olhos.

Enquanto o corpo ardia, as pessoas iam descendo à câmara funerária, retirando cerimoniosamente cada objeto e quebrando-o.

Rasgando os tecidos, o metal quebrado em sacrifício, para jazerm junto com as cinzas do rei quando a cremação tivesse terminado. Bituitos trouxe a espada com copos de ouro que fora escondida quando da vinda dos inspetores romanos, encostou a ponta contra uma rocha e fez força até a lâmina de ferro se partir. Eoc dobrou o escudo coberto de bronze, cujo centro espiralado era esmaltado a vermelho, o brilho das joias embotado pelas suas lágrimas. Como podia o Sol brilhar daquela maneira num dia assim? Até mesmo os céus deveriam chorar a perda de um homem como ele.

Brangenos pegou na harpa e começou a cantar.

O rei que reina em paz é o escudo do seu povo...

Os seus elogios são a sua glória, a sua riqueza é o seu amor,

Até terminar o seu tempo.

O rei que protege o seu povo é bem-vindo pelos deuses...

Festeja com os abençoados e caminha na luz.

Até regressar de novo...

O fumo erguia-se, azul na luz do Sol, o cheiro da destruição misturando-se com o odor pungente das ervas na pira, Ela não queria olhar, não seria testemunha do encarquilhamento das mãos que a tinham tocado com tanta doçura, da destruição do seu rosto... gemendo, Boudica virou-se para as chamas, pois certamente a

realidade não podia ser pior do que as imagens que a sua mente criava.

— Fogo arde! — gritou o druida. — Vento sopra! Carne consome-te! Espírito Vai!

A visão dela estava encandeada pelo fogo. O fogo, diziam os druidas, libertava o espírito, reduzindo a carne que o confinara aos elementos que a compunham. Não era para admirar que o mundo se alegrasse... Prasutagos era agora parte de tudo.

De tudo... Por um único momento eterno Boudica uniu-se a tudo o que a rodeava, às suas filhas, à terra, às pessoas que choravam o seu rei. Prasutagos amara-os. Por um momento sentiu novamente a sua presença envolvê-la.

Ergueu a cabeça com uma consciência arrepiante percorrendo-a como um choque. Teria sido o calor da pira que provocara aquele estremeamento no ar ou seria ela que só agora se apercebia de que

o mundo era apenas um véu de luz que escondia uma realidade mais perene?

Oakhalls parecia mais pequeno do que Lhiannon recordava. Ou talvez lhe parecesse assim porque havia muito mais gente lá dentro. Não deveria sentir-se surpreendida: a chegada de refugiados começara mesmo antes da sua partida para Eriu, mas era estranho.

— Obrigada por nos terem enviado os cavalos — disse enquanto seguia Coventa pelo caminho até à sala do Conselho.

— Depois das minhas visões mais recentes, essa foi muito bem-vinda — Coventa olhou para trás com um sorriso triste.

Parecia-lhe estranho ver Coventa com o manto azul-escuro das sacerdotisas, mas ela agora já devia ter mais de trinta anos. *Bem*, pensou Lhiannon com tristeza, *todos nós envelhecemos*.

— Regressaste por causa da Boudica? Dizem que o marido dela morreu. O Rianor foi ver se podia ser-lhe útil. Se soubesse que vinhas talvez tivesse ficado... — Virou-se quando Lhiannon parou abruptamente.

— Senti... que ela estava com problemas — murmurou. — Obrigada por me teres dito.

— Não me surpreendo. Vocês sempre foram chegadas. Dizem que ele era um bom homem.

Era verdade mas, após treze anos, a relação que fora forjada entre rei e rainha no ritual em que Boudica tomara o poder da

Deusa para abençoá-lo, podia ter-se esbatido e transformado no afeto que existia geralmente entre os casais. E, no entanto, Lhiannon sentira a angústia de Boudica. Ela teria que estar

devastada, mas... Prasutagos fora-se. Onde procuraria conforto agora a sua rainha?

Vindo do salão mais adiante ouvia o ruído das conversas, de uma discussão, apercebeu-se quando se aproximaram.

As paredes de junco tinham sido removidas para deixar entrar o ar e os bancos por baixo do telhado de colmo estavam cheios de gente. Helve estava sentada no grande cadeirão à cabeceira, junto da fogueira, com os olhos tão brilhantes como os de uma ave de rapina. Mas os seus cabelos estavam generosamente salpicados de cinzento. E o homem a seu lado... Lhiannon tropeçou quando viu que era Ardanos.

Até mesmo em Eriu Ihe chegara a notícia de que Ardanos fora escolhido para druida-chefe quando Lugoalus morrera. Mas não estivera à espera de que ele tivesse *mudado*. Estava sentado como se fosse uma imagem, com um manto branco e, até mesmo o cabelo, estava penteado em caracóis rígidos. Mas talvez o seu coração não estivesse tão endurecido como parecia, pois foi ele quem se virou primeiro e, quando os seus olhares se cruzaram, houve qualquer coisa que se incendiou no seu olhar.

Fosse o que fosse que ela pensara ter visto, foi imediatamente ocultado. Ele curvou a cabeça numa saudação e Helve virou-se, com uma expressão que era um estranho misto de exasperação e de alívio quando viu Lhiannon.

— A nossa irmã Lhiannon regressou de Eriu... — disse numa voz agradável. — Tenho a certeza de que terá muita coisa para nos contar quando terminarmos as nossas deliberações. Entretanto demos-lhe as boas-vindas. — O seu olhar passou pela assembleia de druidas, homens e mulheres, e um murmúrio adequado ergueu-se entre eles. Lhiannon reconheceu Belina e Cunitor e alguns dos outros e seria aquele jovem robusto, de barba castanha, o pequeno Bendeigid? Mas muitos dos que ali estavam sentados eram sacerdotes e sacerdotisas mais idosos que ela não conhecia.

Seguiu Coventa e foi sentar-se num dos bancos.

— E esta a situação... — A voz de Ardanos era firme e controlada. — O Governador Paulinus passou o Inverno na sua

fortaleza de Deva, a construir barcos e a reunir mantimentos. Os mantimentos poderiam ser para ir para qualquer lado, mas os barcos — barcos de fundo chato que podem navegar em baixios de lama ou em praias arenosas — só podem servir para trazer soldados até aqui. E agora a estação das tempestades já terminou. Há muito que sabemos que isto poderia acontecer. Talvez devêssemos sentir-nos gratos aos deuses por nos terem protegido durante tanto tempo.

— Esta ilha está cheia de guerreiros Silures, Ordovices e Deceangli que fugiram quando os Romanos conquistaram as suas tribos — disse Helve. — Na outra margem não existe nenhum rei britânico com força suficiente para nos defender. Convocamo-vos para que, juntos, decidamos se devemos dispersar, resistir com todos os nossos poderes ou entregarmo-nos à misericórdia de Roma.

— A última hipótese não é viável, certamente — disse alguém.
— Eles não têm amor nenhum por gente como nós.

— Eles odeiam o que temem... então provemos-lhes que têm razão para isso! — Fora palavras de um velho imponente com uma longa barba branca que fora obviamente o druida-chefe de um qualquer rei tribal. — Para os guerreiros que para aqui vieram não há sítio nenhum para onde possam fugir e quando é que já houve

uma vez tantos druidas com a nossa experiência reunidos num só lugar? Lancemos sobre as cabeças deles a ira dos deuses!

Doce Deusa, pensou Lhiannon, para o que é que eu voltei? Será outra vez como andar em campanha com Caratac. Nos seus pesadelos continuava a vaguear por aquele último campo de batalha, apesar de as memórias se terem esbatido durante a sua estadia em Eriu.

— Primeiro, certamente, que teremos que procurar o seu favor...
— disse uma das sacerdotisas. — Quando fugimos para aqui trouxemos os nossos tesouros. Espadas e carros de guerra não são armas para os druidas. Entreguemo-los aos deuses!

— E melhor serem afundados do que exibidos num triunfo romano... — resmungou alguém nas suas costas.

— O guerreiro prepara-se para a batalha praticando as suas técnicas — disse Ardanos austeramente. — Vós, que servistes em fortes e aldeias, tivestes mais necessidade dos rituais de crescimento

e de cura do que da alta magia. E o nosso propósito aqui em Oakhalls tem sido alimentar os espíritos. Se queremos enfrentar os Romanos, cada um de vós deverá passar o tempo que nos resta em oração e rituais de purificação, disciplinando a mente e preparando a alma.

Lhiannon pensou se isso serviria para alguma coisa. Já vira batalhas suficientes para saber que o camponês, cujas mãos estavam mais habituadas a manejar o arado do que a lança, servia sobretudo para compor a frente de batalha. Para usar uma espada com eficiência era preciso um treino constante. Em Eriu, os druidas eram freqüentemente chamados para lançar tempestades ou espíritos contra os exércitos com quem os seus reis estavam em guerra, mas apenas uns poucos druidas ali — *como Ardanos... e eu* — pensou sombriamente, tinham realmente visto um combate.

Perdida nos seus pensamentos ficou surpreendida quando a reunião terminou. Antes de conseguir protestar já Coventa a puxava para o círculo que se formara em torno de Ardanos e de Helve.

— A tua família está aqui? — perguntou educadamente quando o druida-chefe se virou para ela. — Espero que estejam todos bem.

As feições de Ardanos adoçaram-se. — Estão bem sim, graças aos Deuses e em segurança, com a família da Sciovana nas terras dos Durotriges. A minha pequena Rheis casou-se com Bendeigid no ano passado e está à espera de um filho.

Lhiannon pestanejou, fazendo mentalmente as contas, pois parecia-lhe ter sido apenas ontem que regressara a Mona e encontrara Ardanos casado e com uma filha pequena. Mas o mundo não ficara imóvel enquanto ela estivera em Eriu. Por esta altura as filhas de Boudica também já deviam estar casadoiras.

Ao ouvir o seu nome, Bendeigid ergueu os olhos. Lhiannon apercebeu-se de que no interior do corpo musculado continuava a habitar o rapazinho que costumava trepar às árvores para espreitar os ninhos dos corvos, tal como em algum lugar dentro dela ainda habitava a rapariga que amara Ardanos. *E, apesar daquela concha que ele construiu para se proteger, há uma parte de Ardanos que ainda gosta de mim...*

Não ficou surpreendida quando ele veio ter com ela depois do jantar.

— Vem dar um passeio comigo, Lhiannon...

Ela olhou-o duvidosa, lembrando-se da última ocasião em que tinham estado sozinhos. Vendo a sua expressão Ardanos desviou o olhar.

— Não precisas de ter medo — disse com a voz embargada. — Não te direi nada de pessoal que não pudesse ser dito à vista de toda a comunidade druida, mas também quero conversar contigo abertamente sobre assuntos que lhe dizem respeito e que preferiria que não fossem ouvidos.

— Muito bem meu senhor — respondeu ela. — Assim que a criança estiver preparada para dormir virei ter convosco.

Desta vez ele levou-a pela estrada que ia dar à costa. As águas escuras do estreito estavam calmas sob a Lua nova, ocultando a força da corrente mais abaixo, mas a maré subia em pequenas ondas, cada uma mais próxima do que a anterior, que marulhavam suavemente na areia. Os penhascos da outra margem eram densamente arborizados. Lá bem em cima um ponto de luz assinalava a fogueira de um pastor. Era difícil acreditar que aquelas águas poderiam vir a ficar vermelhas de sangue.

— Fizeste bem em chamar-me “senhor” ainda há pouco — disse Ardanos agradavelmente. — O coração do homem que te ama diz-me que te mande embora enquanto ainda é possível, mas o druida-chefe responde a outros imperativos. Viste o meu “exército” — acrescentou amargamente. — Bons sacerdotes e sacerdotisas, na sua maioria, mas não propriamente adeptos. A Helve, por pouco que gostes dela, tem realmente poder. E a Coventa também, se houver alguém que a dirija. A maior parte daqueles que eram suficientemente jovens para se lembrarem do que estudaram foram em auxílio dos guerreiros e morreram. Mas tu, Lhiannon, eras a sacerdotisa mais poderosa da tua geração. Vamos precisar muito de ti. Para bem da nossa Ordem, peço-te que fiques.

— Que hipóteses temos? — perguntou ela.

Ardanos suspirou. — Este Governador Paulinus preocupa-me. Receio que ele seja um Romano da mesma cepa de César. Corre riscos e vence. Os seus deuses devem amá-lo. Devia ter morrido cem vezes quando andou nas montanhas... — apontou para as formas negras que se erguiam para lá das águas —, mas conseguiu sempre salvar-se.

Lhiannon assentiu. O fato de Paulinus ter conseguido subjugar finalmente os Ordovices, que tinham continuado a lutar depois do desaparecimento de Caratac, era um testemunho disso mesmo.

Como podia ela comparar a necessidade de uma mulher — mesmo a de uma mulher que amava — com as necessidades de uma comunidade que era a guardiã das tradições de todo um povo? Era a velha discussão de novo. Para que servia preservar o corpo quando se perdia a alma? E se aquele inimigo fosse realmente demasiado forte, se os deuses da guerra das tribos, todos juntos, não conseguissem competir contra Júpiter e Marte Ultor, suportaria viver em segurança junto de Boudica, sabendo que nem sequer tentara?

*

— Estamos aqui reunidos para nos aconselharos relativamente ao futuro da tribo icena... — disse Morigenos com o tipo de grandiloquência sóbria que adotava até mesmo em ocasiões menos importantes. Como mais velho entre os chefes dos clãs, tornara-se o porta-voz dos homens que estavam reunidos em torno da grande fogueira em frente da casa do rei.

O grupo de casas no interior da paliçada não mudara muito desde que ela ali viera para o seu casamento, pensou Boudica melancolicamente. Com exceção do pequeno templo junto ao forte, até mesmo Prasutagos, com a sua paixão pela construção, não se aventurara a alterar as características do lar ancestral da sua linhagem. Mais uma vez os anciãos dos clãs icenos estavam reunidos em Dun Garo para escolher um rei.

— Sepultamos um nobre senhor, Prasutagos filho de Domarotagos, descendente, através de uma longa linhagem, de Brannos que nos trouxe para estas terras. Não resta agora nenhum homem com o sangue dos nossos reis. Morigenos puxou a barba encaracolada.

Boudica suspirou, lembrando-se do seu filho morto. Se tivesse sobrevivido seria praticamente da mesma idade do jovem imperador.

— Foi vontade do nosso senhor que as suas filhas herdassem juntamente com o imperador... — O lábio de Morigenos arreganhou-se ao proferir aquelas palavras, mas não disse nada que pudesse ser usado contra si. Foram os outros chefes que olharam com desagrado para Cloto, que chegara no dia a seguir ao funeral, sem se ter feito anunciar, sem ter sido convidado e sem ser bem-vindo.

Ao menos era só Cloto, pensou Boudica. Receara que Polião viesse ao funeral. Ela própria só ali estava por amor às suas filhas vivas que estavam sentadas uma de cada lado. Quando aquilo

terminasse levá-las-ia para Ramshill. A exaltação que a acometera no funeral desaparecera com a mesma rapidez com que viera. Sem Prasutagos o mundo era um lugar vazio, mas por causa delas ela teria que continuar a viver nele.

— Não disputamos esse fato. Um homem pode deixar os seus bens a quem lhe aprouver... — *E a quem for politicamente mais conveniente*, era a adenda silenciosa. — Mas cabe-nos escolher quem chefiará a tribo...

— Estás errado em relação aos dois aspectos... —A voz de Cloto sobrepôs-se à dele. — Prasutagos era um cliente do imperador. Essa relação morre com ele. Cabe ao imperador escolher outro homem para governar as terras como rei cliente ou para as administrar diretamente como território conquistado.

— Nós nunca fomos conquistados!

— Somos aliados de Roma!

A reunião entrou em efervescência com uma quantidade de protestos.

— E quem és tu para falares em nome do imperador, seu sapo?
— rugiu Bituitos.

— Sou um homem de confiança do procurador de Nero. Enquanto o governador estiver no ocidente é à palavra de Deciano Catus que terão que obedecer. Nem a vossa vontade nem a de Prasutagos tem qualquer significado até ser confirmada pelos verdadeiros governantes da Britânia.

— Se não o fizerem, trairão a Lei Romana que tanto prezam! — ripostou Drostac com os bigodes a tremer.

— E revelar-se-ão sem honra e indignos da nossa obediência — acrescentou Morigenos.

Cloto encolheu os ombros. — Estou a dizer-vos isto para vosso bem, não para meu.

Boudica levantou-se de um salto... surpreendida por ser capaz de se sentir irada.

— Como te atreves a dizer essas coisas com as cinzas do meu marido ainda quentes? Ele confiava em Roma. Volta para os teus amos para que te ensinem o significado da honra, se forem capazes!

— Pensas que és outra Cartimandua? — zombou ele. — Eles não confiam *nela* e farão ainda menos fé em *ti...*

Das gargantas dos homens sentados à volta da fogueira saiu um rosnido rouco, semelhante aos dos cães quando cheiravam o inimigo. Pela primeira vez Cloto pareceu aperceber-se de que poderia estar em perigo. Levantou-se e aconchegou a capa aos ombros com a dignidade de que foi capaz.

— A responsabilidade é vossa — repetiu. — Foram avisados.

— Ouvimos-te. — Boudica endireitou-se. Os homens riram-se quando ele mirrou sob o seu olhar furibundo. — Agora desaparece... enquanto podes!

Quando Cloto se fora ela voltou a sentar-se e acenou a Morigenos com a cabeça. — Peço desculpa pela interrupção. Continua.

— Agradecemos-te por nos teres livrado daquele rafeiro... — Por um instante avaliou-a e depois virou-se novamente para os restantes. — Não que eu acredite nele. Os Romanos têm apoiado fortemente a rainha brigante. Porque não haveriam de aceitar uma

rainha nas terras icenas? Não há nenhum homem com o sangue antigo, mas Boudica e as suas filhas são dessa linhagem e ela governou ao lado do marido. Proponho que a aclamemos agora. Quando as suas filhas tiverem maridos teremos tempo de pensar na eleição de um rei.

— Era disto que eu estava à espera! — Rigana apertou-lhe a mão. — Mãe, porque estás tão surpreendida? Era a decisão óbvia.

Boudica não estivera à espera daquilo. Mas quando os homens da tribo começaram a dar vivas, ouviu novamente a voz de Prasutagos a pedir-lhe que protegesse o seu povo. *Por ti fá-lo-ei...* Disse silenciosamente, *Por ti...*

*

Boudica estava no interior do anel de terra onde ela e Prasutagos tinham sido unidos um ao outro. O corpo ao qual o ritual do casamento a ligara já não existia, mas ele continuava a fazer parte da sua alma. Ali de pé, com os campos verdes a estenderem-se de ambos os lados, quase conseguia senti-lo a seu lado. Ele amara aquela terra e ela amara-o a ele. Se tomasse o seu lugar ele acompanhá-la-ia e ela poderia arriscar sentir novamente.

Os druidas que tinha presidido ao ritual de Prasutagos havia muito que tinham desaparecido, empurrados para o exílio ou para a clandestinidade quando os Romanos tinham começado a perseguir a sua Ordem, mas Brangenos, com a surpreendente ajuda de Rianor, que aparecera inesperadamente junto aos portões, uns dias depois do conselho, era perfeitamente capaz de celebrar o ritual.

— Boudica, filha de Dubrac, da linhagem de Brannos, filho da Égua Branca, aceitas ser a Rainha do povo e a Senhora da Terra?

— Aceito.

Já a tinham purificado com fogo e com água, com terra e com ar. Sentiu-se subitamente pesada, como se tivesse criado raízes no solo.

— E juras que serás uma mãe para os Icenos, apoiando-os nos tempos de paz, protegendo-os na guerra, defendendo os direitos dos fracos e punindo as malfeitorias dos fortes?

Subitamente ficou muito consciente das pessoas à sua volta, os chefes tribais no interior do anel de terra e todos os outros no exterior. O ar vibrava com a sua energia. A sua própria voz tremeu quando respondeu:

— Juro.

— E juras por quê, filha de Dubrac?

— Juro pelos deuses do nosso povo. — Engoliu quando o ar à sua volta pareceu ficar mais pesado. As pessoas passavam a vida a jurar pelos deuses. Nunca antes tivera tanta certeza de que Eles ouviam. — Juro por Epona Senhora dos Cavalos, por Brigantia do Fogo e por Cathubodva, Senhora dos Corvos. Juro por Lugos das muitas competências, por Taranis da Roda que Gira e por Dagdevos o Bom Deus. — Testemunhas invisíveis amontoavam-se à sua volta e sentiu os pelos dos braços arrepiarem-se.

Respirou fundo e continuou: — Juro pelos espíritos dos meus antepassados e, se quebrar este juramento, que o céu possa cair sobre mim e cobrir-me, que a terra se abra debaixo dos meus pés e que as águas engulam os meus ossos.

O druida aguardou como se desse tempo ao juramento para chegar ao Outro Mundo.

— E qual será o teu penhor, Senhora dos Icenos? — perguntou então.

— Ofereço o sangue do meu coração como penhor —, respondeu ela sacando o punhal e fazendo rapidamente um corte na carne junto à base do polegar. Estendeu a mão para que o sangue pingasse num corte aberto na erva verde que cobria o anel. Pestanejou quando a abertura na terra pareceu tremeluzir de energia.

— Ofereço-o agora a esta terra que representa toda a terra, tal como ofereci o meu serviço a vós, que sois testemunhas em nome do povo que aqui vive. E, se tal for necessário, oferecerei também a minha vida. — *Tal como a Mãe do Milho oferece os seus grãos para fazer a colheita crescer...*, pensou recordando o ritual.

O druida virou-se para os circundantes. — A vossa Senhora presta-vos assim o seu juramento; prometeis-lhes também o vosso

serviço? A vossa comida para a sua mesa, os vossos guerreiros para que a sigam, a vossa obediência a todas as ordens legais?

A resposta surgiu num rugido em toda a sua volta: — Sim! Sim! Sim!

*

— Pela nossa fé e pelo nosso povo fazemos esta oferenda. Olhai para nós com bondade, oh santos deuses... — A voz de Helve vibrava clara, apesar de a sua forma quase não se distinguir na escuridão brumosa. Chovera intermitentemente toda a noite e

apesar de em algum lugar o Sol estar a nascer, o fogo dos druidas parecia ser a única luz do mundo.

Lhiannon aconchegou-se à sua capa de lã, ouvindo as tosses e os espirros das pessoas à sua volta. *Reza para que o clima tempestuoso se prolongue, Helve,* pensou com um humor sombrio. *E talvez os Romanos não venham...*

No malfadado ritual em que os reis ali tinham feito as suas oferendas, a madrugada estivera límpida. Naquele dia não havia gaivotas a nadar sobre as águas. Talvez aquele céu pesado fosse um bom presságio.

Queria chorar, ao pensar nos tesouros que tinham sido lançados à lagoa: espadas de lâminas brilhantes e pontas aguçadas de lança e escudos de bronze. Também fora sacrificado um maravilhoso corno *carynx* de Eriu, grandes caldeirões e foices que tinham cortado visco. Colares e correntes de ferro outrora usados em prisioneiros seguiram os outros objetos para dentro de água. Ornamentos mais pequenos tinham brilhado à luz do fogo antes de mergulharem nas profundezas. Mas ela não sentia qualquer diferença na atmosfera.

Todos quantos tinham forças para fazer a viagem tinham seguido a carroça cheia de oferendas. Os muito idosos tinham sido enviados para longe por mar ou, se estivessem demasiado fracos para viajar, levados para fazendas e quintas noutras locais da ilha onde poderiam passar por avós e tios velhos se os Romanos viessem. As três dúzias de sacerdotes e sacerdotisas que restavam estavam agora de pé, com tochas apagadas nas mãos, nas margens da lagoa negra.

Do local onde encontrava na ponta ocidental, Lhiannon conseguia ver Ardanos do outro lado das águas escuras. A sul estava Helve e na sua frente Cunitor.

A Helve sempre foi fogo e eu água, pensou Lhiannon. Não é para admirar que tenhamos tido dificuldade em dar-mo-nos bem.

Ardanos acendeu a tocha e tocou com ela na do homem que estava a seu lado e este na da sacerdotisa que estava a seu lado e por assim adiante até a lagoa estar cercada de chamas. Pontos de fogo dançavam nas águas com se os espíritos da lagoa se tivessem juntado ao ritual. Lhiannon sentiu um arrepio na espinha quando o

circuito se fechou e os druidas espetaram as tochas no solo. Talvez os deuses afinal os ouvissem.

Pela terra e pela água, pelo ar e pelo fogo,

Lançamos o ciclo do desejo.

Entre a escuridão e o dia,

Entre os mundos encontramos o caminho!

Quando as vozes se juntaram no cântico, Lhiannon sentiu o mergulho interior e a expansão do transe que se aproximava e soube que a magia se iniciava.

Pelo sacrifício alimentamos os deuses,

Em oferenda o nosso sangue vertemos...

Cathubodva, escuta a nossa chamada

Faz com que os guerreiros Romanos falhem!

E, um a um, todos os sacerdotes e sacerdotisas avançaram, passaram uma faca afiada pela base do polegar e deixaram o sangue pingar na lagoa. Aquela era a alteração do ritual decretada por Helve: não deveriam sacrificar um cavalo, nem um boi nem mesmo uma lebre, mas sim o seu próprio sangue como uma dádiva de energia.

*

Que os seus braços enfraqueçam e as suas armas se quebrem,

Que a sua coragem esmoreça e a sua força seja nossa!

Ao alvorecer do dia,

Eles hesitam, viram-se e fogem!

O cântico foi repetido uma e outra vez. A Lhiannon pareceu que se estava a formar uma bruma sobre as águas. Era o tipo de coisa que se via acontecer freqüentemente sobre lagos gelados, quando o ar aquecia com a aproximação do dia, mas aqueles vapores pulsavam como trevas entrecortadas por lampejos de fogo. Estendeu as mãos para a esquerda e para a direita quando o poder que estavam a invocar começou a pressionar as fronteiras do círculo, sentiu a paixão de Helve e a força fiel de Cunitor e, do outro lado do lago, a inteligência aguda de Ardanos, equilibrando o impulso do seu amor.

O círculo aguentou-se e a energia, contida, subiu no ar. Em torno da lagoa rompia o dia, mas lá em cima as trevas agitavam-se como uma nuvem de asas negras.

— Que o medo os gele e o fogo os queime! — gritou Helve.

— Que possam ver destruído tudo o que construíram — ecoou Lhiannon.

— Morrigan, Grande Rainha, enviai-os rapidamente para longe!
— gritou Cunitor.

— Cathubodva, viajai para leste, levai a morte ao nosso inimigo!
— Ardanos abriu os braços e as trevas emplumadas voaram na sua direção. E com um só movimento ágil, ele recebeu-as, virou-se e soltou-as, aladas, vogando para leste na direção da madrugada.

Quando as trevas passaram Lhiannon sentiu, com sentidos que estavam para além da audição, um som que era simultaneamente o grito de um corvo e a gargalhada de uma mulher.

VINTE E TRÊS

Como podia ter pensado que sentiria menos a falta de Prasutagos em Dunford?

Boudica reprimiu as lágrimas enquanto ouvia o barulho dos últimos postes a serem postos no lugar. Duas semanas tinham passado desde que o marido fora cremado na sua pira e continuava dar por si, a todo o momento, a pensar em algo que tinha para lhe contar e depois lembrava-se, e vinha a dor. Ali era pior, no local onde só o conhecera saudável e forte. Certamente que a qualquer momento o rei entraria pelo portão a passos largos, resplandecente de orgulho por mais um grande feito e chamando-a para que o fosse admirar.

Certamente que nunca um rei celta tentara uma coisa assim. O recinto retangular fora alargado até ter a dimensão de dois campos de jogos postos lado a lado, com o talude e o fosso rodeando duas novas casas, que flanqueavam a sala do conselho de três andares que construía anteriormente. Eram os postes no exterior do dique que tornavam o local único. Nove filas de troncos de árvores e, mais à frente, outro talude e outro fosso rodeavam o recinto, duplicando o seu tamanho. Desejava que pudessem ser árvores vivas, mas os solos ali não suportariam uma tal floresta. Os construtores romanos tinham ajudado a executar a obra, mas a concepção fora sonhada pelo seu marido.

Oh, meu amor, está exatamente como tu querias, pensou quando regressou através do circulo vedado com uma cerca e que servia de pátio à cabana na qual ela e as raparigas agora viviam. E, por um instante, sentiu-o tocar-lhe na face como costumava fazer, ou talvez tivesse sido o vento.

Mas alguém a estava *mesmo* a chamar. Virou-se novamente. Um cavaleiro e o seu cavalo transpirado passaram pelos postes altos do portão, esculpido com os totens dos clãs icenos. Sentiu o coração apertado. Os homens não cavalgavam tão desesperadamente quando eram portadores de boas notícias. Mas acabara de ver as filhas em segurança dentro de casa... por quem mais podia temer agora que Prasutagos tinha partido?

O cavaleiro deteve-se quando a viu dirigir-se na sua direção e desceu do cavalo com uma contorção apressada que não chegava a ser uma vênia. Já havia mais gente que tinha dado pela agitação e vinha ver o que se passava.

— Minha rainha! — Calou-se e obrigou-se a respirar. — Tendes que fazer alguma coisa... os Romanos... — inspirou novamente. — Os porcos romanos enviaram homens para confiscar a quinta do Brocagnos.

— Mas ele pagou os impostos — disse ela espantada. O ouro do bracelete da sua mãe tinha sido sacrificado para pagar essa dívida, lembrava-se bem.

— Ele não é o único, senhora... — continuou o homem. Começou a dizer uma lista de nomes, na sua maioria de camponeses que viviam perto da fronteira sul. — Estão a levar o gado e as pessoas também.

— Para o exército? — O sangue começava a pulsar-lhe por trás dos olhos, irado. Muitas famílias tinham dado filhos ao recrutamento militar. Os rapazes eram habitualmente enviados em serviço para locais muito distantes da Britânia. Ocasionalmente chegava um presente de uma qualquer terra distante, mas a maior parte deles perdia-se, como o seu próprio irmão, que morrera refém em Roma.

— Estão a levá-los como escravos, senhora... homens e mulheres!

— Eles não podem fazer isso, pois não? — perguntou Argantilla que saíra da casa. O pátio enchia-se de gente à medida que iam passando a palavra.

— Crispus, preciso de ti... — gritou Boudica. — Vai buscar as tuas tabuinhas... temos de mandar uma mensagem para Colônia. O Polião saberá como resolver isto.

— Talvez algum oficial romano ache que pode enriquecer depressa enquanto o governador está ausente — disse um dos

homens.

Boudica esperava que fosse esse o caso. Mas mesmo enquanto ia ditando a mensagem, tentava não pensar se Cloto, afinal de contas, não soubera do que estava a falar.

*

Boudica caminhava com Prasutagos num bosque de aveleiras. Pelas flores cremosas que cobriam o chão pensou estar perto do Beltane. Alegrou-se ao vê-lo tão forte e saudável: maior e mais musculado do que alguma vez fora. Aquelas recordações em que o

vira alquebrado deviam ser produto de um sonho mau. Tinha um grande cacete apoiado no ombro e vestia uma túnica sem mangas e tão curta que ela lhe via as nádegas. Caminhou mais rapidamente, pensando se o que veria da parte da frente seria mais interessante.

— Aqui está a clareira onde irei construir o novo forte... — disse ele quando saíram para a luz do Sol. Descreveu uma forte pancada circular com o cacete que fez um grande roço no solo, lançando terra dos dois lados numa grande pilha. Virou-se para ela, com um sorriso radioso que se alargava à medida que se ia aproximando dela, com o cacete enorme na mão...

A cena dissolveu-se à sua volta quando o solo se moveu, mas era a cama que estremecia quando Bogle lhe saltou para cima a ladrar. Acordou sobressaltada, com as virilhas a pulsar e começou a chorar quando se apercebeu de que Prasutagos fora um sonho e de que estava sozinha.

Mas ao menos aquela fora uma ilusão melhor do que os pesadelos em que perseguia interminavelmente a sua forma que se desvanecia através de uma terra árida. Abraçou o cão procurando conforto no seu calor e afagou-lhe os pontos sensíveis por trás das orelhas. Mesmo a chorar a memória do prazer de Prasutagos com a perspectiva de uma nova construção fê-la sorrir.

*

Passava pouco do meio-dia quando os Romanos chegaram. Pouco depois da madrugada as nuvens tinham começado a juntar-se, tapando a luz do sol do sonho de Boudica. Naquela luz cinzenta as capas dos soldados eram da cor de sangue velho; até mesmo as suas armaduras tinham um brilho baço. Era Polião quem os comandava. Bogle, que não gostava de Romanos, ladrava furiosamente. Disse a Crispus que atasse o cão nas traseiras e que trouxesse a taça das boas-vindas com um sorriso lúgubre. Se Polião achava que ela enfraquecera por já não ter o marido a seu lado iria descobrir que estava enganado. Agora ajustariam contas e os subalternos que eram responsáveis por aquelas ignomínias sofreriam as consequências dos seus pecados.

— Júnio Polião, salve! — ofereceu-lhe a cerveja.

O retorcer de lábios com que ele retribuiu a saudação mal poderia ser chamado sorriso, mas também o seu rosto comprido parecia sempre sombrio. Os seus olhos escuros examinaram-lhe o rosto como sempre faziam quando se encontravam, como se tivesse a esperança de que os sentimentos dela por ele tivessem mudado. Quando Polião estendeu a mão para a taça o cavalo recuou repentinamente e esta escorregou-lhe dos dedos e desfez-se no chão. Por um instante Boudica ficou a ver o líquido escuro a embeber-se na terra. Depois abanou-se mentalmente e conseguiu sorrir.

— Não tem importância... entrai no Salão do Conselho que eu mando vir mais.

— Onde estão os vossos guerreiros? — perguntou ele quando a seguiu para a cabana central.

— A percorrer os campos e a reunir provas dos crimes dos Romanos... — Sentou-se no grande cadeirão em frente ao fogo cuja luz quente era menos intensa devido à luz que entrava pelas aberturas no terceiro andar. Polião olhou desconfortavelmente para o lado enquanto se sentava na cadeira mais baixa ao lado dela. Do fogo, até ao cimo do telhado, o interior da casa era da altura de quatro homens altos uns em cima dos outros. Ali não havia colunas de mármore nem estátuas de bronze, mas as imagens bordadas nos tapetes que cobriam as paredes pareciam mover-se à luz inconstante do fogo. As casas romanas ostentavam o poder do seu proprietário; o salão de Prasutagos ocultava o seu com mistério.

— Mandai-os regressar, Boudica — disse em voz baixa.

— Não podeis fazer nada.

— Que quereis dizer? — ripostou ela. — Tenho o dever de proteger o meu povo. Sou a rainha dos Icenos e cliente do Imperador.

— Não. Não sois. Roma não faz tratados com rainhas.

Por um longo instante ela limitou-se a olhar para ele. — Mas a Cartimandua...

— ...foi legitimada pelo juramento do marido, apesar de ele se ter rebelado. O vosso marido morreu.

As palavras penetraram-lhe no coração como uma espada. Boudica tivera que aprender a viver de novo. Agora já conseguia passar horas seguidas sem pensar no seu desgosto, quando estava ocupada com outros assuntos, até que uma palavra incauta, como um ramo seco lançado sobre os carvões, provocava uma ressurgir das chamas da dor.

— Prasutagos era aliado de Roma — disse ela finalmente.

— Algumas das propriedades que os vossos homens andam a confiscar foram deixada às suas filhas em testamento. Têm de ser devolvidas.

— O testamento não tem qualquer significado. Prasutagos não era um cidadão.

Boudica abanou a cabeça, incrédula. — Foi o Governador Paulinus quem disse isso?

— E o Procurador quem o diz. Deciano Catus di-lo — respondeu Polião na mesma voz átona. — A aliança e o reino morreram com Prasutagos. Acabou-se, Boudica...

Que estranho, pensou ela atordoada. Ele parece que está a implorar...

— Este salão... tudo... pertence a Roma...

Sem perceber como é que o fizera, Boudica deu por si de pé. Polião também se levantou estendendo-lhe a mão.

— Boudica! —A sua voz tremia. —Amei-te desde que te vi pela primeira vez! Em tempos, ofereci-te a minha proteção e recusaste. Faço-te a mesma oferta agora. Sei que não te sou indiferente, Boudica...

Ele referia-se àquele beijo abortado na neve, pensou ela, quando não soubera o que um beijo podia significar... Para ela essa memória era vaga, de tão longínqua, mas para ele ainda era real. Como a vida dele devia ser árida.

— Não. — Afastou o braço e tentou demonstrar alguma simpatia, sorrindo.

— Não compreendes! Eu caso contigo! — agarrou-a novamente puxando-a para si.

— És *tu* quem não percebe... — a voz dela soou grave e perigosa. — Eu fui mulher de um rei, de um homem tão bom como o próprio Bom Deus! Não entraria na tua cama, porco romano, nem que a alternativa fosse a escravatura! — cuspiu-lhe na face.

— E pode ser! — sibilou ele, agarrando-lhe o outro braço. — Não tens escolha, cadela... precisas de um amo e, com Júpiter por testemunha, juro que se não te deitares na minha cama, te possuo aqui, no chão! — Polião puxou-a com força, a sua respiração quente na cara dela tentando beijá-la.

Por um instante o choque rivalizou com o riso histórico. O alfinete soltou-se do ombro da sua túnica quando ele tentava apalpar-lhe o seio. Depois recuperou o controlo, libertando-se.

Achará ele que eu sou uma mulher romana mole que não mija sem autorização de um homem?, pensou ultrajada. — O Cloto podia explicar-lhe que não é bem assim!

Praguejando, ele agarrou-a novamente. Cambalearam perigosamente perto da fogueira e uma das cadeiras tombou com estrondo. O sangue pulsava nos ouvidos de Boudica; agarrou-o pelos pulsos e depois ergueu o joelho com uma força brutal atingindo-o entre as pernas e, com ele aos gritos e a contorcer-se, atirou-o para cima do fogo.

A mistura do fedor a lã queimada e a merda encheram o ar. Boudica riu-se e soltou-o, recuando quando a sala se encheu de homens armados.

— Agarrem-na! — Polião libertou-se da capa fumegante, ainda dobrado com dores. — Tirem-me daqui!

Mais homens entraram pela porta. Aqueles eram soldados e não cobradores de impostos. Os que arrastaram Boudica para o pátio

tinham músculos que pareciam cordas e mãos de ferro. Seguiam-se outros que apoiavam Polião. Este tinha o rosto cinzento quando tentou endireitar-se.

— Se não gostas da minha pila tenho outras armas... — arfou.
— Atem-na ali... — apontou para a cerca que rodeava o pátio da Casa dos Homens. — Chicoteiem-na até sangrar!

Ainda a debater-se, Boudica foi arrastada até ao portão, atada de pernas e braços abertos aos postes com os pulsos e os tornozelos presos por cordas. Alguém agarrou na parte de trás da túnica e rasgou-a e depois usou um pedaço de junco para lhe atar o cabelo. Nua até à cintura contorceu-se, olhando, incrédula, enquanto o decano que comandava os soldados se aproximou dela trazendo na mão um chicote com nós.

Os escravos eram chicoteados, não as mulheres livres... nem as rainhas.

As pessoas estavam a reunir-se, murmurando com os olhos muito abertos. Boudica ouviu o bater de cascos quando um cavalo foi posto a galope. Um dos soldados começou a dirigir-se à montada, mas Polião chamou-o. Ela puxava pelas amarras; a corda esfolava-lhe os pulsos, mas os nós mantinham-se seguros.

A primeira vergastada queimou-lhe os ombros. O choque surpreendeu-a e fê-la gritar. Cerrou os dentes para não voltar a fazê-lo. As cordas gemeram, de tensão, quando a vergastada seguinte a lançou para a frente.

O decano contava lentamente em Latim: Unus, duo, três...

Ela tentou concentrar-se nas suas palavras. *Eu consigo suportar isto, pensou, e depois vingar-me-ei...*

Pelo canto do olho viu Rigana sair a correr da Casa das Mulheres brandindo uma lança. — Larguem-na! — gritou, acorando-se com a lança pronta.

— Olhem, uma gladiadora! — Riu-se um dos homens quando Argantilla apareceu atrás da irmã com um escudo.

— Para trás! — A palavra saiu-lhe como um grunhido. — Vão para dentro!

Os soldados estavam a rir demasiado alto. As raparigas não a ouviam.

— Quattor, quinque...

Rigana avançou na direção do decano brandindo a lança. Ainda a sorrir, um dos legionários sacou da espada e desviou a lança com uma pancada. No instante seguinte outro homem agarrava-a por trás enquanto o primeiro lhe tirava a arma das mãos.

— Senhor, o que faço com esta cria de leão? — perguntou.

— Arranca-lhe as garras... — disse Polião com raiva, o olhar ávido ainda pousado em Boudica. —A leoa está acorrentada! Faz o que quiseres com a cria... e com a irmã... que as cadelas abram as pernas para Roma!

— Não! — Boudica gritou como não gritara devido à sua própria dor. Argantilla gemeu quando um soldado a agarrou por um braço e lhe arrancou o escudo. — As minhas filhas não, elas não, por favor... — Ficou sem ar quando o decano, que parará para assistir, retomou o seu trabalho.

Prasutagos!, gritou o seu espírito. Mas ele deixara-as. Não voltaria para a salvar agora.

— Octo... umdeim... tredecim...

As costas e os ombros de Boudica estavam em fogo.

— Façam-no! — repetiu Polião ao ver que os soldados hesitavam. — Tomem-nas agora!

Já tinham rasgado a túnica de Rigana; esta debateu-se, com os jovens seios a agitarem-se e deu pontapés violentos quando um soldado despiu o resto da túnica e lhe meteu a mão entre as coxas.

As minhas filhas não, os meus bebês não, não as minhas meninas...

— Sedecim... viginti...

A carne maltratada retesava-se em vagas nauseantes. Fogo e sombras pulsavam-lhe por detrás dos olhos.

— Por favor, porque estão a fazer isto? — soluçou Argantilla. Uma das servas correu para a ajudar e foi atirada ao chão. Agora os homens já tinham as duas raparigas por terra. Alguém tirou à sorte quem seria o primeiro.

— Vingtiquinque...

Boudica debateu-se, gemendo, quando as filhas começaram a gritar. Não as podia proteger... não conseguia libertar-se!

— Ajuda-me! Ajuda-me! — reprimida, a sua fúria virara-se para dentro, destruindo os limites da identidade.

De profundezas para lá do seu conhecimento veio uma Voz que ela ouvira havia muito tempo. *Deixa-Me...*

— Triginta...

O chicote desceu dividindo o ser do Ser. Boudica caiu, inerte, presa pelas cordas quando a carne ferida soltou o espírito.

E com um grito semelhante ao dos corvos do campo de batalha, a Morrigan entrou.

Endireitou-se. Um a um quebrou os nós. O sangue jorrava das costas feridas de Boudica quando Ela se virou. Os homens recuaram, abrindo e fechando a boca. Os soldados que seguravam as raparigas recuaram. Ela agarrou no homem que estava em cima de Rigana e

atirou-o para o lado e desfez também o que estava em cima de Argantilla. Os outros correram para os cavalos.

Polião recuou aos tropeções quando Ela se virou, com o rosto contorcido num esgar de medo. Ela estendeu os braços e puxou-o para Si.

— Misericórdia... — grasnou ele. — Deixa-me...

— Como as deixaste a elas? — A Morrigan indicou as raparigas que choravam. — Mas serei mais bondosa do que tu... não te obrigarei a viver...

Polião debateu-se quando lhe agarrou na cabeça e a torceu. Ouviu-se um clique agudo. Ele ficou inerte e Ela deixou-o cair.

Ouviram-se cascos de cavalos no exterior do forte. Bituitos e os guerreiros estavam de volta. Os soldados, aterrorizados, tentaram escapar-lhes.

Não foram longe.

*

Os corvos crocitavam, vozes ásperas ecoando para trás e para a frente em algum lugar, muito próximas...

Boudica apercebeu-se de que estava deitada sobre algo macio; começou a virar-se e gemeu quando a dor generalizada nas costas explodiu, abruptamente, na cacofonia das dores individualizadas. E sentia uma estranha pressão na cabeça, como se o seu cérebro não fosse o único a habitar o seu crânio.

— Minha senhora... como vos sentis?

A voz era sonora e calma. Porque seria que a associava à mágoa?

— Sinto-me como se tivesse sido espancada com... — A sua garganta apertou-se quando recuperou a memória... números em Latim, e agonia e um tormento metal que transcendia tudo o que o seu corpo pudesse sentir. — As minhas filhas! — Sentou-se subitamente com o olhar fixo. As cortinas da sua cama continham o mundo obscuro que a rodeava. Brangenos estava sentado ao lado da cama, o rosto comprido iluminado pelo brilho do pequeno candeeiro romano que tinha na mão.

O druida pousou o candeeiro na mesa. Ela encolheu-se quando ele fez menção de lhe pegar nas mãos.

— Não me toques... — disse ela numa voz rouca. As marcas das cordas em torno dos seus pulsos ainda estavam em carne viva. — Nunca mais ninguém me vai atar! — O olhar dela procurou o rosto dele. — Onde estão as minhas filhas?

— Estão a dormir senhora — disse ele suavemente. — As feridas delas foram tratadas. Não tenteis ir ter com elas... — deteve o movimento que ela fizera involuntariamente. — O sono é o melhor remédio para elas neste momento. Não ficaram muito feridas ... não houve tempo para que mais de dois ou três as possuíssem — o seu olhar ficou mais sombrio —, antes que vós... as salvásseis.

Boudica respirou fundo ao sentir o repentino aumento da pressão no interior da sua cabeça. — Ela deteve-os, então...

Os olhos dele encontraram os dela novamente. — De que parte vos lembrais?

— *Ela* estava ali, no interior da minha cabeça e depois eu... deixei de ser. Penso que era Cathubodva. Ela falou através de mim uma vez, há já muito tempo.

A alteração da expressão no rosto do druida foi rapidamente suprimida, mas ela reconheceu uma mistura de curiosidade, excitação e medo.

— Isso explicaria... muita coisa — disse ele secamente. Subitamente, ouviram claramente as vozes dos corvos no exterior. Ele olhou para ela com uma expressão lúgubre. — Ela matou Polião e os violadores. Os nossos guerreiros trataram dos restantes.

Boudica ficou a olhar para ele, alarmada. — Os Romanos vão querer vingar-se!

— Primeiro terão de encontrar os corpos. — Suspirou. — Poderemos até fingir que eles nunca aqui chegaram, mas a deusa também quer vingança. — Olhou-a novamente. — Ela ordenou aos vossos guerreiros que levantassem os campos. Já estão a chegar homens.

— Tenho que lhes falar...

— Ainda não, Senhora... por favor. Estais a sarar depressa... muito mais depressa do que seria de esperar... — acrescentou, como se estivesse a falar sozinho. — Mas precisais de dormir e não há necessidade de enfrentar a tribo até terem chegado todos. Os corvos também estão a chegar — acrescentou pensativa-mente. — Os primeiros chegaram quando estávamos a enterrar os corpos... Estive tentado a deixá-los banquetear-se... e não param de chegar mais.

— Fazem tanto barulho... Não vou ser capaz de dormir... — Os tormentos da mente e do corpo zuniam na sua cabeça.

Ele tirou da bolsa uma pequena garrafa de vidro romano e deitou um pouco do seu conteúdo numa colher. — Vou dar-vos tintura de papoula. Isso separar-vos-á da dor.

*

— Onde vamos comer? Onde vamos comer? — gritavam os corvos.

Com uma parte do seu cérebro, Boudica sabia que o clamor tinha palavras porque ela vagueava em sonhos provocados pela papoula. Não se importava... sempre quisera saber o que os pássaros diziam nas suas conversas infundáveis através das árvores.

— No bosque está um texugo maduro de três dias — gritou outro pássaro.

— Na lixeira há cevada queimada — disse um terceiro.

— E o que iremos comer amanhã, amanhã? — crocitou o primeiro corvo.

Boudica sabia que o seu corpo estava deitado na cama grande, mas o seu espírito estava desperto, com sentidos que habitualmente não possuía.

— Nos fortes, os ferreiros estão a forjar espadas e a afiar lanças
— respondeu outro.

— Em breve a Senhora nos dará carne de homem para comer...
— crocitou o terceiro.

No seu atual estado, parecia perfeitamente justo a Boudica que os corvos tivessem o seu alimento.

— Achas que sim, minha filha? — Ouviu-se outra voz, doce como o mel com um eco de gargalhadas amargas. — Isso é ótimo, pois temos trabalho a fazer.

Aquela voz não pertencia a nenhum corvo. Boudica tentou abrir os olhos e descobriu que não se conseguia mexer. — Onde estais?

— Estou tão perto de ti como o bater do teu coração —
respondeu a Outra.

— Quem sois? — murmurou Boudica apesar de os seus lábios
não se moverem.

— Sou a Raiva — a Voz ressoou pela sua alma. — Sou a
Destruição, sou O Corvo da Batalha...

— Sois a Morrigan... — respondeu Boudica. — Vingastes as
minhas filhas!

— Mas quem vingará o teu povo? — perguntou a deusa e
Boudica não encontrou resposta.

Polião tivera razão... a paz de Prasutagos terminara. A sua única escolha era, agora, entre a escravatura e a rebelião. A primeira seria uma morte em vida. A outra poderia conduzir à morte... mas teria glória.

— Se me deres um corpo para eu usar — disse então a deusa,
— Eu dar-te-ei o poder...

— Punireis os Romanos por tudo o que nos têm feito? — perguntou. Os homens que tinham atacado as suas filhas podiam estar mortos, mas aqueles que os tinham enviado ainda estavam no poder. Se não fossem punidos, quantas mães chorariam a inocência perdida das suas meninas?

— Uivarão de terror e chamarão em vão pelos seus deuses...

— E sairemos vitoriosos?

— Tu és a Vitória e o teu nome permanecerá!

Ela tivera que tomar aquela decisão antes, quando fora até Prasutagos como Égua Branca. Nessa altura concordara alegremente. Agora acedia, na dor, mas devido a uma necessidade igualmente premente.

— Entrego-me então a Vós como um cavalo ao cavaleiro — disse Boudica. — Usai-me como Vos aprouver!

— És uma égua muito voluntariosa e desobediente... — veio a resposta —, mas forte. Dorme agora, minha filha, e sara... — a gargalhada que Boudica ouviu enquanto mergulhava na escuridão foi suave.

*

Boudica estava sentada na casa escurecida com Argantilla nos braços, vendo Rigana andar de um lado para o outro. Gostaria de a abraçar também, mas a rapariga estava tensa como a corda de um arco e não queria ser tocada. Argantilla limitava-se a tremer, os olhos cheios de lágrimas silenciosas. Boudica mordeu o lábio e apertou com mais força a rapariga mais nova contra si. Os ferimentos nas costas não lhe provocavam metade do sofrimento da dor das filhas.

No exterior da Casa das Mulheres a voz da multidão subia e descia como o vento.

— Terei de sair para lhes falar dentro em breve — disse suavemente. — Virão comigo?

Argantilla estremeceu e enterrou a cara no ombro da mãe. Rigana virou-se, respirando pesadamente.

— Como podes pedir-nos isso? São homens! Olharão para nós e *saberão...*

— Olharão para vocês e verão as suas próprias filhas — respondeu Boudica. — Olharão para mim e verão as suas mulheres. Sentirão a mesma vergonha que eu senti quando não vos pude proteger e que vocês sentiram quando não me conseguiram ajudar, e quererão vingança...

— Mais do que a que já tiveste? — O olhar de Rigana tornou-se mais penetrante. — Eu vi o teu rosto quando tiraste aquele animal de cima de mim... mas não eras tu, pois não Mãe?

— Era... a Morrigan — a voz de Boudica embargou-se. Só o fato de pronunciar o nome fazia com que ficasse consciente da Presença dentro de si.

— Ela virá novamente? Liderar-nos-á contra Roma? — Rigana parou finalmente, olhando avidamente para a mãe. Argantilla ficou tensa e parou de chorar.

— Ela virá... — Boudica ouviu a sua voz tornar-se mais grave. — Está aqui... — Os ferimentos das suas costas arderam com um fogo frio quando a sua consciência foi suavemente afastada. *Em breve, veio o pensamento, se transformarão em asas...*

Sentiu o arrepio da Outra percorrer-lhe o crânio e descer pelo seu corpo, esticando-se e torcendo-se quando a deusa tomou posse dele. Exatamente da mesma maneira, pensou com um divertimento íntimo, como ela própria testaria uma nova montada até ter a certeza de que lhe obedeceria. Bogle, que estivera deitado em frente

à porta, levantou-se de repente, com o pelo do pescoço eriçado e os olhos escuros muito atentos.

— Vêm Comigo? — Levantou-se erguendo Argantilla com facilidade e estendeu a mão. Quando Rigana se recolheu no abrigo do Seu outro braço, Boudica sentiu apenas gratidão pelo fato de a deusa conseguir dar às raparigas o conforto que ela não conseguira dar. — Serão as Minhas ajudantes e tu... — a deusa estalou os dedos e o Bogle agachou-se aos Seus pés —, serás o Meu cão...

A consciência de Boudica apareceu e desapareceu quando saíam da Casa das Mulheres e atravessavam o pátio. A noite caíra e ardiam tochas por todo o recinto. Por trás do talude, as linhas de troncos de árvores erguiam-se como uma floresta protetora, escura contra as estrelas.

Os homens tinham erguido um palanque na frente do Salão do Conselho flanqueado por uma fila de postes. Bogle rosnou quando passaram pelo primeiro e ela viu que a coisa escura no seu topo era a cabeça de Polião. Os seus legionários sorriam de outros postes a seu lado. Brangenos não lhe dissera que tinham decapitado os corpos antes de os enterrarem. Talvez não soubesse. A maioria já não tinha olhos... sentiu uma satisfação lúgubre ao constatar que os corvos, afinal, tinham tido o seu festim.

Quando subiram ao palanque a multidão murmurante ficou em silêncio. Prasutagos concebera o recinto para aquele tipo de reuniões, mas graças aos deuses não imaginara qual seria a sua primeira utilização. A luz tremeluzente das tochas apareceram e desapareceram rostos familiares: Brocagenos e Drostac e o velho Morigenos. Viu Rianor, que chegara imediatamente antes do funeral do rei, com Brangenos. Tinham estado fora a cuidar de uma criança doente quando da vinda dos Romanos. Tingetorix, que combatera às ordens de Caratac, estava perto de Carvilios e de Taximagulos. Reconheceu, com alguma surpresa, o rosto de Segovax e dos seus filhos Beric e Tascio. Ele era um dos Icenos mais ricos e ela achara que ele apoiaria os Romanos... mas lembrou-se de que ouvira dizer que a sua riqueza se baseava em subsídios romanos. Catus devia ter tentado cobrar os empréstimos.

— Homens dos Icenos... —A voz que ecoou através da noite era a de Boudica, mas os homens ficaram tensos, a olhar, quando sentiram o seu poder. — Filhos de Epona... escolhestes-me para rainha, para vossa sacerdotisa perante os deuses, para guiar e proteger esta terra! —Vestira-se cuidadosamente, enrolando o cabelo vermelho entrançado no topo da cabeça e segurando-o com ganchos de ouro. Brincos de ouro pendiam-lhe das orelhas e, em torno do seu pescoço, brilhava o torque de ouro que Caratac confiara à sua guarda dez anos antes. — Jurei cumprir as leis que o bom rei Prasutagos fez e cumprir o seu juramento ao Imperador de Roma.

Mas vede como os Romanos traíram a sua honra! Muitos de entre vós já sofrestes a sua ganância... Drostac, levaram-te o gado... Brocagnos e Taxinagulos, confiscaram as vossas terras! Tiraram-vos as armas que eram o símbolo da vossa virilidade! Roubaram provisões e ferramentas, levaram os nossos jovens para morrer longe da sua terra natal, venderam as nossas mulheres para a escravatura. Mas agora passaram da ganância à blasfêmia! — Virou-se e apontou para Rigana, que ostentava um olhar de desafio, protegendo a irmã com os braços.

— Violaram a castidade das filhas do rei, da flor desta terra e trataram a vossa rainha como se fosse uma escrava. — Os homens encolheram-se ao sentir a ira no Seu olhar. — Vede!

Abriu um grande pregador de ouro que lhe prendia a capa e deixou-a cair. Trazia uma saia mas não envergava qualquer túnica. Boudica teria hesitado em despir-se perante tantos olhos, mas Cathubodva exibia os seus seios, ainda cheios e eretos, apesar de Boudica já ter trinta e quatro anos, com orgulho. Ouviu os homens, lá em baixo, sustarem a respiração e depois, quando se virou para exhibir as costas arruinadas, o murmúrio de horror que percorreu a multidão como o suspiro das árvores antes de uma tempestade.

Boudica sentiu a consciência a recuar quando Morrigan se virava para enfrentar a tribo. — Durante demasiado tempo — gritou Ela —, os Romanos corromperam a nossa terra! Temos que os expulsar! Os soldados deles devem perecer; as cidades deles têm que arder!

Gritos fizeram eco das Suas palavras, mas havia outros que argumentavam que os Romanos os tinham derrotado treze anos antes e o que é que os levava a crer que se sairiam melhor agora?

— Se os vossos braços esqueceram o peso da espada, poderão aprendê-lo novamente! — gritou. — Os vossos corações são fortes! Se os Icenos não são suficientes para lançar os Romanos ao mar, teremos que convocar toda a Britânia! — Tocou no tor-que que lhe brilhava ao pescoço. — Este é o torque do Rei Cunobelin que Caratac tirou do corpo de Togodumnos, seu irmão, e usou quando liderou a revolta das tribos!

— Mesmo por ele, eles não vieram todos — gritou Segovax. — Porque haveriam de se revoltar por ti?

— Porque Eu sou a Grande Rainha! Sou o Corvo da Batalha e comandar-vos-ei! Abanou a cabeça e os ganchos voaram como faúlhas e o seu cabelo flamejou, livre. — Porque Eu sou a Vitória!

— Que faremos? Que faremos? — ouviram-se os gritos.

— Este é o lar do clã da Lebre... que o animal sagrado de Andraste nos mostre o caminho! — saltou do palanque.

Os homens recuaram na sua frente quando ela avançou na direção dos portões esculpidos, ficando para trás numa turbamulta ululante. Bituitos seguia-a de perto. Segurava um saco com algo que se debatia e guinchava. Passaram por baixo do lintel e por entre as cercas que delimitavam a estrada. Aguardou que a multidão saísse pela abertura atrás de si e que ficasse silenciosa enquanto se espalhava pelos dois lados do caminho. E, quando já tinha um número suficiente de testemunhas, Ela enfiou a mão no saco e tirou de lá de dentro uma lebre que ficou inerte, a tremer, nas Suas mãos predadoras.

— Não receies, pequenina — murmurou Ela, afagando a pele cinzenta —, os corvos dormem, esta não é a noite em que morrerás...

A terra jazia quieta em redor, afastando-se, ondulante de matos e pastos, para lá da elevação onde se erguia o forte, salpicada com as sombras agrupadas das árvores. Inclinou a cabeça, sentindo a tensão regressar aos músculos do animal e o seu pelo crepitar de energia.

— Andraste! Andraste! Irmã, Chamo-vos, Senhora desta Terra! Mostrai-nos o caminho Senhora! Levai-nos à vitória! — Aninhou a lebre ao peito e murmurou junto à sua orelha comprida. .. — Corre agora e mostra-nos o caminho, corre depressa e livre!

Dobrou-se, pôs a lebre no chão e abriu as mãos. Por um instante o animal ficou agachado, a tremer. Depois, com um poderoso salto, lançou-se estrada abaixo... para sul... na direção de Colônia.

O grande grito dos Icenos empurrou a lebre para a frente com uma onda de som. Os homens foram buscar os cavalos, enfiando no cinto as setas de guerra pintadas de vermelho e agarrando em tochas. A uma palavra Sua lançaram-se para a frente, correndo como estrelas cadentes através da noite para levar a mensagem ao povo de todas as tribos do que os Bretões iriam marchar para reclamar a sua terra natal.

VINTE E QUATRO

A Grande Rainha cavalga uma boa égua cinzenta, Sobre ela voam os corvos, Por onde viaja a águia treme, Onde ela vai os homens morrem!

A égua abanou a cabeça e relinchou quando Boudica a refreou. Os Icenos tinham partido para sul dois dias depois do Conselho e Brangenos começara a cantar para lhes alegrar a marcha. Os corvos acompanhavam-nos, pontos negros voando em círculo por cima do pó, as vozes ásperas penetrando o rumor dos cascos e das rodas das carroças. Atrás dela vinha uma maré irregular e implacável de gente e de cavalos e de carroças, que começava a abrandar e refluir à medida que iam saindo da estrada para acampar durante a noite. Bogle, que trotara junto à égua, deitou-se com um suspiro e os outros cães, com as patas doridas do dia de marcha, instalaram-se junto dele.

— Ei... Tingetorix! — gritou ela quando o guerreiro grisalho e o seu cavalo malhado apareceram. Ele coxeava devido a um ferimento que sofrerá nas guerras de Caratac, mas ainda conseguia cavalgar mais depressa que a maioria dos homens mais novos. — Quantas espadas nos mandaram hoje?

Em Dunford os ferreiros estavam a trabalhar arduamente, a forjar espadas novas e a reparar as espadas velhas. Todos os dias um cavaleiro vinha ter com a coluna para entregar mais um fornecimento.

— Uma dúzia... — pôs o cavalo ao lado da sua égua — e muitas pontas de lança.

— Isso significa mais uma dúzia de rapazes que podem parar de praticar com paus e transformá-los em lanças —, disse ela satisfeita.

Alguns tinham chegado a Dunford com provisões e com as armas que tinham escapado ao confisco romano, mas muitos mais dispunham apenas dos arcos e das fundas ou, por vezes, de uma lança de caça. Mas Prasutagos não fora o único a esconder armas. A força principal estava obrigada a avançar ao passo dos carros de bois e o tempo chegava e sobrava para que um cavaleiro galopasse até a casa, recolhesse um espada ou um escudo e um capacete, usado por um antepassado na guerra, e para persuadir os vizinhos a juntarem-se-lhe enquanto ali estava.

— O Brangenos diz que tenho as costas suficientemente recuperadas para começar a praticar com a espada... — disse-lhe Boudica. Sempre fora forte e ativa, mas nunca precisara de desenvolver os músculos específicos necessários ao uso de uma espada e de um escudo. Até mesmo os homens, cujos troncos tinham sido robustecidos por anos de trabalho no campo, davam por si doridos em sítios inesperados quando começavam a praticar.

— Ai disse? — comentou o guerreiro. — Então encontramos-nos depois da refeição da noite.

Boudica riu-se. Os balanços do cavalo tinham-lhe deixado as costas doridas, mas isso não chegava para lhe esmorecer o espírito. — Então é melhor chamares os chefes para que se reúnam comigo agora. Temos de enviar alguém à cidade... — ouviu a voz a ficar mais grave e fechou os olhos por um instante, quando sentiu a vertigem que significava que Morrigan estava a assumir o controlo. — Precisamos de saber se eles sabem da nossa vinda, que defesas têm e se pediram ajuda.

Pelo brilho inquieto do seu olhar percebeu que Tingetorix pressentia a presença da sua Conselheira interior. Ele, e os outros homens experientes, tinham ficado surpreendidos ao descobrirem os seus conhecimentos relativamente às questões do aprovisionamento e do treino. A cada hora que passava a parceria entre a rainha icena e a Grande Rainha tornava-se mais fácil.

Quando a Morrigan estava com ela, não sentia o vazio deixado por Prasutagos na sua alma.

— Sim minha rainha... — Curvou a cabeça e pôs o cavalo a meio galope para ir cumprir as suas ordens.

Quando se virou para a estrada viu as suas filhas. Tal como ela, tinham recuperado bem fisicamente.

Rigana observava-a de cenho franzido. — Ele vai ensinar-te a combater? — perguntou abruptamente. — Eu também quero aprender. Nunca mais quero sentir-me impotente perante um homem.

Boudica começou a abanar a cabeça, mas havia algo de muito pouco infantil nos olhos de Rigana. Entre os que se tinham juntado à rebelião havia rapazes que não eram mais velhos, nem muito maiores do que ela, e tinham muito menos razões para querer matar Romanos.

— E então tu? — Olhou para Argantilla.

— O Caw diz que não tenho tamanho suficiente para fazer mais do que transportar setas de reserva para os arqueiros — disse numa

voz um pouco trêmula —, mas farei o que puder...

A criança que Tilla resgatara em Colônia crescera muito durante o último ano e prometia vir a ser um homem grande. Tornara-se no seu protetor mais devotado.

— Nem sequer *penses* em enviar-nos para um lugar seguro... se é que tal sítio existe no atual estado de coisas! — disse Rigana numa voz perigosa.

Boudica suspirou. Aquilo era verdade. Se aquela rebelião falhasse, não encontrariam segurança em sítio nenhum. Olhou para as filhas e sentiu a fúria de Morrigan ampliar-lhe o amor e a dor.

— Muito bem... encontraremos juntas o nossos destino, aconteça o que acontecer...

*

Andavam na estrada há três dias quando um homenzinho com uma túnica romana esfarrapada se aproximou do acampamento a coxear. Boudica deixou Rigana a tentar manter a espada firme com o braço estendido enquanto contava até dez e seguiu Crispus até à fogueira, em frente da carroça que transportava o seu equipamento. Um pano de lã tecida e muito espessa tinha sido esticado a partir da carroça e presa com lanças para oferecer alguma proteção da chuva fina que caía.

Tingetorix já estava a interrogar o homem quando ela chegou.

— Minha senhora... — virou-se para ela: — Este homem traz-nos boas e más notícias.

Os olhos do homem abriram-se muito quando luz da fogueira a iluminou e ela pensou que histórias teria ouvido contar. Fez-lhe uma vênha.

— Grande Rainha, fui em tempos um fazendeiro e um homem importante entre os Trinovantes. Agora chamo-me Tabanus e sou escravo, devido a uma dívida em Colônia. Somos muitos... ajudaremos no que pudermos.

Ela assentiu. — Eles sabem que nós vamos a caminho, então?

— Sim senhora e estão com medo. Têm tido maus presságios... a estátua de Vitória caiu do pedestal e no teatro e na casa do senado ouviram-se gritos horrendos. Alguém teve a visão de uma cidade devastada junto ao mar e as águas pintadas de vermelho.

— Os nossos deuses são mais fortes do que os dos Romanos porque pertencem a esta terra — disse ela baixinho. Pelo ligeiro atordoamento que sentia soube que a deusa estava com ela e sentiu-se grata. Cathubodva saberia melhor o que dizer agora.

Tabanus assentiu.

— Há umas poucas centenas de homens na fortaleza construída no velho forte e, na cidade, há homens que já serviram nas legiões, mas já estão velhos e a cidade não tem muralhas. Mandaram avisar o Procurador em Londinium, mas outro mensageiro partiu para o forte que fica a norte de Durovigutum.

Boudica assentiu. Os Romanos tinham construído um posto avançado para proteger a estrada que estavam a construir através dos pântanos.

— Não sei que força o procurador lhes irá enviar, mas Petillius Cerealis tem com ele parte da Nona Legião e alguma cavalaria.

— Ele é o tipo de comandante que aguarda as suas ordens ou partirá imediatamente assim que receber a mensagem? — perguntou a rainha.

— Dizem que é um exaltado. Acho que assim que conseguir reunir os homens, virá.

Boudica conseguia sentir a deusa a refletir.

— Quantos são os guerreiros experientes entre nós? — perguntou. Apesar de Morrigan poder saber tudo no Seu reino, a parte do Seu ser que agia através de Boudica dependia das informações de que a rainha dispunha. — Junta-os e também aos bons caçadores. Tingetorix quero que pegues nos nossos cavalos mais velozes e os conduzas para norte. Envia batedores para

descobrir qual o caminho por onde eles vêm e ataca-os numa emboscada. Isto é importante... não podes permitir que eles vos apanhem em campo aberto. Escondam-se e ataquem com dardos e com setas e com fundas, disparem a coberto das árvores.

— Compreendo — o seu olhar de lado registrou o espanto causado no escravo pela competência da rainha e sorriu por baixo do bigode grisalho. — Não precisais de recear nenhuma surpresa por parte da Nona Legião, minha rainha.

*

— Os Romanos construíram um campo nos montes por cima do estreito... — disse Ardanos. — Paulinus trouxe homens de duas legiões. Vão passar um dia a descansar, talvez dois, e depois tentarão a travessia. Enviei corredores a todas as quintas. Todos os homens capazes de empunhar uma arma estarão aqui em breve.

— Mas seria muito melhor se os soldados nunca chegassem às nossas praias — comentou Helve. Alguém reprimiu um riso nervoso. — Não temos poder para convocar os senhores das Terras Afundadas que conseguiam usar o som para mover pedras enormes, mas temos aqui trinta cantores treinados. Ergueremos uma barreira de som contra o inimigo. Vão e descansem, enquanto podem...

Quanto a assembleia se dispersou, Lhiannon sentiu que as suas pernas falhavam. Estaria o telhado de colmo, que cobria a sala do conselho, em chamas muito em breve ou seria aquele local transformado no abrigo dos curandeiros onde ela se esforçaria a tratar dos homens feridos? Olhou à volta com um suspiro. A primeira visão era a mais provável. Se os Romanos conseguissem atravessar o estreito, não lhe parecia que o exército de refugiados que tinham reunido lhes conseguisse resistir.

Para que serviria o ritual que tinham feito junto à lagoa negra? O poder tinha sido invocado e lançado para leste mas, quanto muito,

servira apenas para empatar o inimigo. As canções conseguiriam um resultado melhor?

Deveria ir para a cama como Helve ordenara, mas a tensão retesava-lhe todos os nervos. Não haveria descanso na Casa das Sacerdotisas, onde teria que bloquear o espírito para se proteger dos pesadelos de Coventa e do pranto da velha Elin. O seu rosto descontraíu-se quando se apercebeu de que o seu espírito já tomara uma decisão e partiu na direção do Bosque Sagrado.

Um vento suave murmurava nas folhas dos carvalhos; em algum lugar, ao longe, um corvo gritou. Até mesmo nos seus momentos de maior angústia encontrara paz naquele local. — *Santa deusa... santa deusa...* — a melodia cantava na sua memória apesar de ainda ser de tarde. Fechou os olhos, abrindo a consciência ao espírito do Bosque.

Mas foi um outro espírito, mais familiar mas infinitamente menos pacífico, que encontrou. Pestanejou e viu um homem de manto branco sentado ao lado de um altar de pedra. Hesitou, resistindo à vontade de fugir, mas ele estendia-lhe a mão. Quando o vira pela primeira vez com as vestes de druida-chefe, parecera-lhe um estranho. Agora, pela primeira vez desde que o conhecia, parecia-lhe *velho*.

— Mais uma vez sentamo-nos juntos na véspera da batalha — murmurou ele. — E mais uma vez desejo apenas saber que estás por perto...

Não tinha importância, pensou ela desafiadora, pois se ele lhe pedisse que se deitasse com ele agora, ela dir-lhe-ia que não. Se nele o fogo ainda ardia, aprendera a mantê-los sob controlo, quanto a ela, a armadura que construía em torno do coração não podia ser destruída numa única tarde.

— Que achas que acontecerá quando eles vierem? — perguntou-lhe.

— Será a nossa magia contra o espírito de Roma... — disse Ardanos pensativamente. — Não paro de pensar nas histórias de Vercingetorix que Brangenos nos contou e que não conseguiu derrotar César, apesar de ter todos os druidas da Gália para o ajudarem.

— E receias que a vontade deste comandante possa transformar os seus homens numa entidade que nos consiga resistir?

— E possível. Se eles atracarem, receio que os nossos guerreiros não os consigam deter. Lhiannon, quero que te salves. Disseste que tornar-me druida-chefe me tinha mudado e é verdade. Tenho que fazer planos para a derrota bem como para a vitória. A Coventa teve visões de uma casa de sacerdotisas do outro lado do estreito, no interior de um bosque sagrado, contigo como chefe, mas para que tal aconteça terás que sobreviver.

Lhiannon tremeu apesar de o vento ter acalmado. Raios dourados do sol vespertino brilhavam por entre as árvores. — A Mearan viu qualquer coisa desse gênero quando estava a morrer. — A velha alta sacerdotisa também vira Mona afogada em sangue. — Mas dificilmente me atrevo a acreditar nesta profecia quando todas as outras nos falharam...

— Talvez... — pegou-lhe na mão. — Mas, Lhiannon, é a única esperança que nos resta!

— E então tu? — Virou-se para o encarar. — Também fugirás?

— Enquanto os nossos sacerdotes resistirem, eu e a Helve somos obrigados a ficar a seu lado — disse com um suspiro. — Neste momento, minha querida, a minha sobrevivência não parece muito provável. Mas conseguirei enfrentar o meu próprio fim com mais tranquilidade sabendo que tu estás livre.

E como enfrentarei a vida sabendo que partiste?, pensou ela. Subitamente o escudo em torno do seu coração já não lhe parecia tão impenetrável. De uma árvore do bosque um corvo chamou e em algum lugar, do outro lado dos campos, um seu irmão respondeu.

*

Os corvos estavam empoleirados na paliçada do acampamento que os Romanos tinham construído junto ao talude que outrora protegera Camulodunom. Os portões estavam abertos e a guarnição fugira. Tinham-se passado apenas cinco dias, pensou Boudica, desde que tinham partido de Dunford. Agora via o seu exército improvisado a espalhar-se pela estrada que passava pelo talude romano, que em tempos protegera o acampamento do imperador, e a acampar nas ruínas do forte de Cunobelin. Tendas e carroças cobriam a terra em volta da cidade cujos telhados vermelhos brilhavam no topo do monte a duas milhas de distância.

Reconheceu Tabanus a abrir caminho por entre a multidão e fez sinal a Eoc para que o deixasse aproximar-se.

— Folgo em ver-te são e salvo... — Ficara surpreendida quando o escravo trinovante se oferecera para regressar a Colônia e achava espantoso que ele tivesse conseguido escapar outra vez.

O homem encolheu os ombros. — O meu amo anda a correr de um lado para o outro como uma galinha destinada à panela e, de certeza, que mais ninguém presta atenção a nada. Alguns dos veteranos queriam bloquear as estradas principais, mas nós espalhamos o boato de que isso vos iria encorajar a atacar as casas das ruas secundárias e os vizinhos impediram-nos.

— Quantos deixaram a cidade? — perguntou Morigenos juntando-se à conversa.

Tabanus encolheu os ombros. — Uns quantos... os outros receiam ser apanhados mais facilmente se fugirem.

— Que estão eles a pensar? — perguntou Boudica sentando-se numa saca de cereais. — Sem muralhas devem saber que não conseguirão resistir-nos...

— *Os chefes deles estiveram em tempos nas Legiões* — disse a Deusa dentro de si. — *Acham que nenhum bárbaro consegue derrotar Roma. Acreditam que os seus irmãos soldados virão em seu socorro...*

— *E Virão?*

— *Escuta... O que dizem os corvos?*

Boudica sorriu, lembrando-se de como os ouvira durante os seus sonhos da papoula. Um gritava agora no forte e, em algum lugar, um outro respondeu. Quando ergueu o olhar o corvo voou por cima do seu ombro direito e viu umas quantas penas brancas na sua asa direita.

— Os corvos dizem que alguém nos traz boas notícias... — disse em voz alta e, no momento seguinte, ouviram o bater rápido dos cascos de um cavalo que descia a estrada a galope. Eoc lançou-lhe um dos olhares desconcertados, que se tinham tornado a reação normal às suas proclamações e depois virou-se, com os restantes, quando o cavaleiro apareceu. Foi seguido por aplausos.

— Os esmagamos! — O mensageiro escorregou do cavalo ainda a falar. — Fizemos o que ordenastes, minha senhora, e apanhamos a maior parte dos homens apeados. O comandante fugiu com a cavalaria e não parou até chegar ao posto avançado e não se atreve a pôr o nariz de fora das muralhas. Tingetorix e os outros estão de regresso, mas ele queria que soubésseis a notícia imediatamente. Atacai Colônia quando vos aprouver, minha rainha... não há ninguém que vos possa impedir agora!

Boudica aquiesceu quando o murmúrio de antecipação irada que se espalhou pelo acampamento ecoou dentro dela. Quando se aproximaram de Colônia, Trinovantes esfarrapados começaram a juntar-se-lhes, armados apenas com enxadas e chuços. Tinham sofrido muito mais do que os Icenos e durante mais tempo, e nos seus olhos ardia o fanatismo. Segura nas suas próprias terras, Boudica não compreendera até que ponto os Romanos tinham obrigado os Trinovantes a pagar a sua subjugação.

Polião está morto, mas os homens que o enviaram, os homens que violaram o meu povo, ainda estão na cidade. Também têm que morrer.

Todos os dias chegavam mais homens e mais armas. Agora vinham também homens importantes que traziam provisões e artesãos da madeira, e do cabedal e do ferro e mais comida. Seria preciso um dia ou mais para os organizar, mas qualquer Romano que mudasse de ideias quanto à fuga da cidade, agora não iria longe.

O exército da Grande Rainha enche a planície,

Ela os conduz para a guerra...

Cem mil vêm com ela

E a cada dia chegam mais.

Olhou para a cidade com os olhos semicerrados.

Contem as nossas fogueiras, Romanos.

Escutem as nossas canções...

Não os faremos esperar muito tempo!

*

— De que estão à espera? — murmurou Coventa. Lhiannon franziu os olhos na direção do outro lado da água onde o Sol brilhava nos capacetes romanos. Murmurou com os lábios secos: — Deve ser preciso tempo para organizar tantos homens. — Sem dúvida que eram muitos; a encosta do outro lado do estreito brilhava com pontos de luz refletida.

As primeiras fileiras tinham sido avistadas logo após a madrugada e, ao meio-dia, os Bretões tinham formado para os enfrentar no local onde os pastos desciam para as areias movediças, a pouco mais de meia milha do outro lado da água. Veteranos das guerras dos Durotriges e dos Silures, esperavam ao lado de homens de toda a ilha de Mona e, na frente deles, estavam os druidas, os mantos brancos dos sacerdotes misturados com os azuis-escuros das sacerdotisas.

De vez em quando alguém espreitava para o lado do pontão onde tinham colocado um rapaz com bons olhos. Mesmo assim foi um choque ouvir o som do seu corno depois de tanto tempo de espera. Lhiannon abanou-se mentalmente. Todas as coisas, fossem elas boas ou más, acabavam por ter um fim. Pensara que iriam ali ficar, como um exército saído das lendas, até se transformarem todos em pedra?

Conseguia agora aperceber-se dos movimentos junto à água. Ardanos estava a caminhar ao longo da fila dos druidas. Se tivesse havido nuvens poderiam ter tentado provocar uma tempestade e lançá-la contra os Romanos, mas desde há uma semana que em Mona só havia céus azuis. Lhiannon deu um golo de água do cantil mantendo o líquido na boca antes de engolir.

Ardanos estava de olhos fechados e com os braços abertos na direção da barreira invisível. Contra um homem, ou poucos homens, esta aguentaria, mas não contra a vontade unida de milhares. Sombras negras moviam-se nas águas quando as embarcações dos Romanos começaram a afastar-se da praia. O druida-chefe virou-se.

— Docemente agora, meus caros... — murmurou. — Cantem agora como cantam os Filhos de Lir sob as ondas e ergam a muralha de som!

Suavemente, como ele ordenara, as primeiras vibrações soltaram-se de trinta gargantas. Respirando lenta e facilmente,

Lhiannon deixou fluir o som e, quando o ritmo se firmou, começou a moldá-lo em palavras e vontade.

Era um feitiço antigo, pelo que os significados precisos das palavras antigas não eram claros. Só permanecia o seu sentido geral. Das vozes para a água a vibração ia passando... a água a estremecer, a brilhar... as partículas a moverem-se, erguendo-se quando atingiam a barreira e formando uma bruma mágica que se enrolava e espalhava sobre as águas em formas de terror.

Perdida no som, Lhiannon sentiu que os barcos dos Romanos estavam a desviar-se do seu curso e a vogar impotentes ao ritmo da corrente. Registrou, sem compreender, o arco lento desferido pelo

Sol na direção do Ocidente. Mas por trás da barreira que os druidas erguiam conseguia sentir a pressão pulsante de uma outra vontade.

A medida que o dia caminhava para o fim as forças dos druidas diminuíram e a oposição tornou-se mais forte. Lhiannon tentou cantar mais alto à medida que uma, e depois outra voz, se silenciou. Já era quase de noite. Um a um os druidas que restavam deixaram de cantar. Com um grito baixo Coventa caiu contra ela. Lhiannon engasgou-se e também a sua voz se calou. Um momento depois as últimas vozes masculinas calaram-se. Ela pestanejou quando viu um guerreiro amparar Ardanos quando este cambaleou.

Uma luz vermelha brilhou quando alguém chegou fogo aos troncos empilhados. A luz mostrou-lhe as formas caídas dos druidas e os guerreiros com as espadas desembainhadas mais atrás. A ondulação refletia a luz em brilhos vermelhos, como se o sangue já jorrasse e, através da bruma que se desvanecia mais além, ouviu o bater dos tambores e viu as proas dos barcos romanos a virem na sua direção.

Lhiannon engoliu alguma água e pôs um braço em volta de Coventa. Alguns dos druidas estavam a levantar-se. Os homens transportavam outros para o abrigo das árvores. Ela estava

totalmente esgotada, mas isso não tinha agora qualquer importância.

— Coventa, levanta-te, rapariga! Recorda o treino que tiveste! Respira! — Estaria a falar com Coventa ou consigo própria?

Estendeu o cantil com água à outra mulher e pegou em duas tochas que estavam amontoadas junto à fogueira, entregou-as a Belina e a Brenna e foi buscar mais. Das doze sacerdotisas, só nove se mantinham de pé. Teriam de chegar. *Os Romanos temem as nossas sacerdotisas... pois que nos vejam e que tremam!*

Mergulhou as tochas no fogo e ergueu-as bem alto. Helve arreganhou os dentes num sorriso e, juntas, levaram as outras para a frente dos guerreiros numa linha bem espaçada.

O bater do tambor hesitou quando os primeiros barcos avistaram as sacerdotisas de mantos escuros. Mas a pressão das multidões que os seguiam empurraram-nos para a frente. Lhiannon já distinguia os rostos por baixo dos elmos brilhantes. Por trás das

sacerdotisas, Ardanos juntara os druidas que restavam e, com voz rouca, amaldiçoava o inimigo. A sua própria garganta também estava dorida, mas já não precisava de cantar, apenas de gritar...

Quando as primeiras proas pousaram sobre os baixios de lama, as sacerdotisas lançaram-se para diante, ululando como as fúrias que os Romanos temiam. Os primeiros Romanos a saltarem dos barcos recuaram e enterraram-se, aos gritos, na lama. Mas um qualquer comandante engenhoso antecipara o problema e, momentos depois, já estavam a pôr tábuas no chão macio. A segunda leva de homens enfrentou uma chuva de dardos celtas com os braços firmes e os escudos erguidos. Começaram a avançar em fileiras cerradas e, enquanto outros os empurravam para a frente, os barcos que os tinham trazido afastavam-se da praia e atravessavam novamente o estreito.

Quando os primeiros legionários chegaram a terra firme, os Bretões lançaram-se ao seu encontro.

— Lhiannon! Helve! Fugam! —A voz de Ardanos ergueu-se acima da confusão. —Agora o trabalho é das espadas!

Lhiannon atirou as tochas a arder para a cara dos inimigos mais próximos e fugiu.

*

O fedor dos edifícios incendiados pairava pesadamente no ar. Boudica já sentira aquele cheiro uma ou duas vezes antes, quando o colmo de uma das cabanas se incendiara... era um cheiro pesado, acre, muito diferente do cheiro da madeira limpa a arder. Ordenara o ataque de madrugada, quando os habitantes da cidade, cansados de esperar que os Bretões avançassem, eram capazes de estar menos alerta, mas podiam ter dormido até mais tarde... houvera pouca resistência.

Estava agora no átrio do grande edifício onde ficavam os escritórios da cidade e do governador, quando este ali vinha. A luz vespertina mostrou-lhe uma massa de azulejos partidos, de estuque enegrecido e de barrotes fumegantes. Os corpos dos servos a quem tinha sido entregue a sua defesa jaziam entre as ruínas. Fragmentos de pergaminho queimado flutuavam, empurrados pelo vento. Mas o jardim onde a mulher do governador a recebera mantinha-se intacto e a deusa continuava a olhá-la do seu pedestal com um sorriso secreto.

Um guerreiro passou uma corda pela estátua para a derrubar e ela afastou-o com um gesto. *De uma deusa para outra, agradeço-te.* .., disse a Voz no seu interior.

Tascio caminhava por entre os destroços e fez uma vênha quando a viu. — Senhora, o Bituitos pede-vos que venhais...

O fumo erguia-se agora sobre toda a cidade. Boudica esperava que os homens se lembrassem de revistar as casas em busca de

armas e de comida antes de as incendiarem. Não precisavam de encorajamento para tirarem quaisquer ornamentos ou joias que vissem. As ruas estavam pejudadas de caixas abandonadas, de destroços dos incêndios, e de uns poucos corpos, alguns dos quais ainda não estavam bem mortos.

Não sentia grande pena. Enquanto marchavam para sul, tinha ouvido relatos de centenas de injustiças e de brutalidades dos Romanos que rivalizavam com aquilo que lhe acontecera a ela própria. A única surpresa era não haver mais corpos por terra. Aquela cidade tinha mais de dois mil habitantes. Como era evidente, os escravos e os servos celtas tinham-se posto em fuga mal os Icenos tinham aparecido às portas da cidade... muitos deles tinham-se juntado à horda, mas os Romanos e os escravos estrangeiros deveriam ali estar. Pensou para onde teriam ido.

Um grupo de Trinovantes de ar macambúzio passou a correr. Quando passaram por um edifício que ainda estava intacto, um homem com uma túnica romana apareceu à porta seguido por dois escravos assustados que brandiam cacetes. Ele tinha uma espada, enquanto que os Trinovantes estavam armados apenas com enxadas e forquilhas, mas o medo não era adversário para a sua fúria. Com um grito feroz, os Bretões saltaram-lhe em cima e, passados instantes, tanto o Romano como os escravos tombaram por terra. Ela via os braços dos atacantes subindo e descendo muito depois de os gritos terem cessado. Quando finalmente pararam, o chefe dos Trinovantes tinha uma espada.

Rindo, os homens entraram na casa e passados momentos ouviu-se o grito de uma mulher. Boudica reprimiu um estremeamento, mas sabia que não devia tentar detê-los. Desejá-los sequear? Os Romanos tinham violado as suas filhas. Que as mulheres deles sofressem agora. Quando se virou, um movimento junto a uma porta despertou-lhe a atenção. Gritou, erguendo o escudo, quando meia dúzia de homens armados irrompeu na estrada interpondo-se entre ela e a sua escolta.

— Oh, uma Gladiadora! — gritou um, saltando na sua direção, enquanto outros dois se viravam para defrontar Tascio e os outros homens.

Aquilo fora o que o soldado romano chamara a Rigana.

Um acesso de fúria levou consigo a consciência de Boudica e a Morrigan entrou, brandindo a espada num movimento fluido que arrancou a arma do homem da sua mão. O riso mal teve tempo de

se transformar em medo antes de a espada girar, voltear e descer, cortando-lhe a cabeça.

Quando saltou em frente para cair sobre os outros, o som que irrompia da Sua garganta era meio grito de raiva meio grito de corvo. Atingiu um homem com um golpe pelas costas e usou o escudo para empurrar outro contra a espada de Tascio. Naquela altura já os companheiros tinham tratado dos restantes.

Ficaram ali, a ofegar, escutando os gritos distantes e os gemidos quando o último dos seus assaltantes morreu. Lentamente, como se subisse de águas profundas, Boudica recuperou o controlo. O braço tremia-lhe como a corda de um arco depois de soltar uma seta. A sua lâmina escorria, vermelha. *Obrigada...* pensou atordoada, dobrando-se para limpar o sangue na túnica de um dos homens que matara e sentiu a aprovação da deusa dentro de si. Tascio e os outros olhavam-na, de olhos arregalados. Não lhe apeteceu explicarlhes que a semana de treinos lhe fortalecera os músculos, mas que era a deusa que os usara.

— Bom trabalho... — disse com voz firme. — Agora vamos embora...

Desviaram-se quando destroços incendiados tombaram de outra casa e chegaram a um cruzamento. Os homens tinham passado cordas em volta da grande estátua de bronze que ali estava e que representava o Imperador Cláudio a cavalo. Tendo conhecido o imperador, Boudica duvidava que este tivesse montado um cavalo daqueles mais do que umas poucas vezes em toda a sua vida, e ainda mais que o tivesse feito com o equipamento completo. Tudo naquela imagem, com exceção das orelhas protuberantes, era mais uma mentira romana. Sorriu com uma satisfação lúgubre quando os homens começaram a puxar as cordas. A coisa estava construída com grande solidez, mas não podia resistir à raiva deles, especialmente depois de terem encontrado um ferreiro para soltar os parafusos que a prendiam ao pedestal.

Boudica recuou com um salto quando a estátua tombou com estrondo. Soltando gritos de triunfo alguém ergueu um machado e, instantes depois, já tinham a cabeça, que continuava a contemplar a cena com uma expressão benigna, enfiada numa estaca. Enquanto admirava o espetáculo, Tascio dobrou uma esquina, avistou-a e sorriu.

— Os encontramos... — gritou. — Os soldados e o resto das pessoas refugiaram-se no Templo de Cláudio. Vai ser preciso algum

tempo para os tirar de lá... aquilo é feito de pedra.

— Controla o resto da cidade... — respondeu-lhe. — Deixa-os ficar lá a suar durante mais um dia à espera que as Legiões os venham salvar... e imagina o que acontecerá se não aparecer ninguém — arreganhou os dentes num sorriso.

VINTE E CINCO

Oakhalls estava a arder. As chamas erguiam-se no céu com uma luz terrível, como se os fogos tivessem consumido as estrelas. Em baixo, luzes moviam-se nos prados à medida que legionários com tochas controlavam os campos. O seu comandante tinha enviado vários destacamentos para que formassem um perímetro exterior a partir do qual avançavam para o centro, empurrando os fugitivos na sua frente como caçadores batendo caça.

Lhiannon estava deitada num buraco, por baixo de uma sebe espinhosa, onde uma toca de texugo abatera. De tempos a tempos ouvia gritos e sabia que mais um fugitivo tinha sido apanhado. Por vezes era uma mulher e os gritos duravam mais tempo. Enquanto fosse noite o seu manto escuro ocultá-la-ia... quando o dia nascesse a questão seria diferente. Estava muito bem o Ardanos ordenar-lhe que se salvasse, pensou sombriamente. Se queria que ela se pusesse a salvo, não a deveria sequer ter deixado ficar ali.

Mas poderia não haver nenhum lugar seguro em Mona para uma sacerdotisa druida. Os Romanos faziam o seu trabalho de uma forma atterradoramente metódica. Quando tivessem acabado de revistar a área em redor de Oakhalls, sem dúvida que revistariam a ilha inteira. Agora já deviam saber qual o significado de um crescente azul tatuado na testa de uma mulher. A tatuagem marcava-a como sacerdotisa mesmo que se visse livre do manto azul.

Doce Deusa, protege a Caillean, rezou, se eu não conseguir voltar a Eriu para a ir buscar, mantém-na segura... mantém-na livre! Ter-se-ia lançado no meio da batalha e procurado um fim rápido se não fosse pela filha.

Vira Cunitor ser abatido quando fugia da praia e vira Brenna a ser arrastada. Parecia-lhe pouco provável que Ardanos pudesse ter sobrevivido. Tantos homens e mulheres que conhecera estavam mortos e, ainda que não tivesse gostado de todos, mesmo assim era-lhes leal. Mas teria tempo suficiente para se sentir culpada por lhes ter sobrevivido se chegasse viva à madrugada.

Ouviu passos de sandálias cardadas e um resmungo em Latim e ficou ainda mais quieta. *Sou a noite... sou a sombra...*, pensou abrandando ritmo da respiração, lutando para acalmar a alma. *Não vê aqui nada... continua a andar...*

Ouviu dois pares de passos, um suspiro e uma pancada surda, a intervalos regulares, que não conseguia identificar. Aproximavam-se. Através das ervas viu um brilho metálico e percebeu que era a ponta de uma lança um momento antes de esta se cravar ao lado da sua cabeça.

Mesmo o treino dos druidas não evitou que arfasse. Um dos Romanos praguejou, virou-se e, no instante seguinte, uma lebre saltou da sebe e partiu aos saltos pela erva. O outro homem riu-se e o par afastou-se.

Santa Andraste!, pensou Lhiannon lembrando-se da deusa e do totem do clã de Boudica. *Se sobreviver devo-Vos um sacrifício!*

Passou-se muito tempo até se atrever a mexer-se novamente. Quando finalmente levantou a cabeça os fogos de Oakhall já ardiam mais baixos. Mas um pouco para leste erguiam-se novas chamas. Com um aperto no coração apercebeu-se de que tinham incendiado o Bosque Sagrado. Por uma qualquer razão, a visão das árvores a arder trespassou-lhe o coração com uma dor que não se tinha permitido sentir pelos seres humanos. Chorando silenciosamente, ficou a ver as chamas e esperou a madrugada.

*

As cinzas de Colônia fumegavam. De vez em quando o barrote queimado de um telhado caía ou um último pedaço de combustível explodia em chamas. Tinham sido necessários quase vinte anos para transformar aquela colina trinovante numa imitação grosseira de Roma. Os Bretões tinham destruído tudo em dois dias. Colônia

Victricencis já não era vitoriosa, com exceção do último símbolo do imperialismo, aquela arrogância suprema, o templo que deificava Cláudio. Este erguia-se, rodeado pela devastação, com as colunas de pedra brilhando à luz das tochas.

Boudica sentiu um assomo de divertimento da deusa no seu interior ao refletir que seria a última pessoa a negar que um humano pudesse ser um veículo para a divindade, ou mesmo que cada alma humana continha uma centelha divina. Mas era o deus que devia ser adorado e não o homem. Mesmo os antepassados, em cujos túmulos o seu povo deixava oferendas, levavam tempo a atingir o estatuto de divindades. Que os Romanos prestassem os seus tributos ao Divino Cláudio no seu túmulo e que lhe construíssem lá um templo, se as suas preces fossem ouvidas. Adorá-lo ali era um insulto e uma blasfêmia.

O edifício estava intacto com exceção das marcas nas portas de bronze onde o aríete tinha raspado. De uma forma distanciada, Boudica conseguia apreciar a elegância das suas proporções. Supunha que Prasutagos teria chorado perante a ideia da sua destruição... mais uma razão para se alegrar por ele não estar presente para assistir. Ela própria não tinha desses pruridos. A única forma de chegar à gema de um ovo era partir-lhe a casca e aquela casca abrigava metade da população de Colônia: homens, mulheres, crianças, os soldados do forte e os miseráveis duzentos legionários que o procurador lhes enviara de Londinium.

— Não há maneira de o incendiar a partir do exterior, compreendeis... — disse um homenzinho retorcido a quem faltava um dente na frente e que fora obrigado a participar na construção do templo. Boudica virou-se para o olhar, tendo a noção vaga de que ele estava a falar com ela havia algum tempo. — Por fora é todo revestido com pedra, certo? E as portas são revestidas com bronze. Mas já o telhado... — olhou para cima, — por cima dos barrotes do telhado só há telhas. Eu sei, senhora, parti as costas a pôr telhas naquele telhado. Arrancai-as e tereis belos barrotes robustos de madeira para queimar. Podemos sufocá-los com o fumo, como se faz quando se larga fogo à toca de um texugo. Eles próprios abrirão as portas quando a alternativa for enfrentar-nos ou deixar de respirar!

Os homens à sua volta faziam sinais de concordância com as cabeças. Boudica sentiu a excitação de Cathubodva. Um corvo gritou, pousando no topo da águia de bronze no cimo do telhado do templo, como se lhes indicasse o caminho.

— Estou a ouvir-vos... — murmurou ela e depois virou-se para os homens que a rodeavam. — Sim... façam-no agora! — Enquanto os homens iam buscar as escadas que tinham estado a construir e amarinhavam por um dos lados do edifício, disse a si própria que não havia nenhuma obra humana que outros humanos, desde que

suficientemente motivados, não conseguissem destruir. As telhas tiniam quando os homens começaram a martelá-las para as soltar e depois as lançaram ao chão, arrancando uma grande área de terracota até o telhado começar a parecer-se com uma capa de lã atacada pelas traças. Em breve viu os longos barrotes expostos.

Ouviram-se gritos vindos do interior quando alguns dos homens dispararam pelas aberturas. Mas os homens começaram a içar jarros com azeite saqueado e a despejá-lo sobre a madeira, cravando estacas cobertas com pez e cera e pegando-lhes fogo. Atiraram o resto dos jarros pelos buracos e dispararam setas incendiadas, como um anúncio do que estava para vir.

Os atacantes desceram as escadas apressadamente quando as colunas de fumo branco foram escurecendo e apareceram as línguas de fogo.

— Arde Cláudio — murmurou Boudica —, pois certamente o teu próprio povo nunca te fez uma pira tão nobre nem te fez tantos sacrifícios! —Aquela era uma fogueira de Meio do Verão como a Britânia nunca vira.

Por cima do ruído das chamas conseguia ouvir os gritos.

— Já não falta muito — disse um dos homens.

Lá dentro devia estar a ficar quente e perigoso, à medida que pedaços incendiados do teto começavam a despenhar-se. Fumo preto erguia-se do telhado, mas uma grande parte descia pelas partes de baixo dos barrotes ainda cobertos com telhas. Aqueles que morressem sufocados seriam os mais afortunados.

Um grito chamou-lhe a atenção para a parte da frente do templo. As portas de bronze estavam a abrir-se.

— Finalmente! — exclamou Bituitos lançando-se para a frente.
— Saiam para virem morrer como homens!

Os soldados apareceram junto à porta, o escudo de cada homem protegendo-lhe metade do corpo e o braço do companheiro que empunhava a espada. As lâminas estendiam-se e recolhiam-se como a língua de uma víbora. Por instantes conseguiram suster os atacantes, mas a pressão das pessoas nas suas costas empurrava-os para diante. Já conseguia ver espaço entre eles e minutos depois, os Bretões tinham-nos rodeado para os atacar pelas costas e, pela força dos números, tinham-nos suplantado. Outros atacavam a massa dos corpos que os seguiam. Alguns tentaram recuar, espezinhado quem vinha atrás, mas foram novamente empurrados para a frente.

— Para trás — gritou alguém —, não os podemos matar se não nos derem espaço! — Lá em cima no céu os corvos voavam em círculos, pairando no ar quente. Nuvens brilhavam à luz do Sol que se punha, como se os céus se tivessem incendiado. Mesmo na parte exterior da praça, Boudica sentiu o calor quando as chamas ficaram mais altas. Os atacantes começaram a recuar deixando uma confusão de corpos atrás de si. O sangue que cobria os degraus brilhava num carmim ainda mais vivido à luz do fogo.

Mais uns quantos Romanos apareceram à porta. Por um instante uma mulher com um bebê nos braços ficou recortada contra as chamas e depois entrou novamente.

Depois disso não apareceu mais ninguém. Boudica esforçou-se por limpar aquela imagem da sua memória... eram Romanos! Mereciam morrer. Uma mudança no vento trouxe-lhes o cheiro do fumo e o odor sufocante da carne queimada; puxou a capa para cima do rosto para filtrar o ar e, por um momento horrível, pensou que estava novamente em Dun Garo, vendo Prasutagos a ser cremado na sua pira. Os homens e as mulheres no interior do templo eram esposas e maridos... eram Romanos... a angústia tomou conta dela, mas no meio da confusão ninguém a ouviu gemer.

Uma multidão exaltada erguia-se à sua volta. Não podia fugir.

— Ajudai-me... — murmurou, mas mesmo Eoc, que estava a seu lado, não a ouviu.

Só a deusa, erguendo-se como uma maré negra dentro dela, reconheceu a sua agonia e partilhou-a e absorveu-a, estendendo um véu macio entre Boudica e o mundo. Como alguém que observa a

grande distância, viu pedaços de pedra estalarem e soltarem-se para o exterior caindo das paredes, deixando a arder no interior o esqueleto do edifício. E depois até mesmo isso desapareceu e ela estava num país dourado a ver Prasutagos construir uma muralha.

Em Colônia, Cathubodva observava o Templo de Cláudio a arder. Agora só a fachada do edifício se mantinha de pé. Os homens começaram a dar vivas quando esta vacilou. Por mais um momento a águia no cimo do telhado recortou-se negra contra as chamas, depois uma volta de fumo girou em torno dela e estátua caiu.

Cornos celtas soaram, triunfantes, mas a sua música foi afogada pelos gritos da multidão. De pé no meio deles, a deusa chorou as lágrimas de Boudica.

*

Lhiannon acordou sobressaltada. Continuava deitada debaixo da sebe espinhosa. Com o coração aos saltos, tentou identificar que novo perigo a acordara. Era dia, mas o Sol ainda não se erguera sobre as montanhas do outro lado do estreito. Da direção de Oakhills chegaram-lhe gritos e, mais uma vez, o som áspero de uma trombeta romana. Tocou repetidamente. Encolhendo-se quando o movimento despertou uma séria de dores e de arranhões, espreitou por entre as folhas.

O fumo preto ainda subia de Oakhills e do Bosque Sagrado. Os legionários estavam a reunir-se no campo de jogos dos estudantes, cada vez em maior número, à medida que as trombetas continuavam a tocar. Lhiannon voltou a encolher-se no seu buraco quando um par de soldados passou em passo de corrida, talvez os mesmos dois que quase a tinham encontrado na noite anterior. Agora não andavam à caça. Pelo som dos seus resmungos estavam tão confusos como ela.

Havia uma beleza perturbante na velocidade com que a confusão de homens se transformava em fileiras ordenadas. Nunca se viam os Bretões a porem-se em sentido como se fosse estátuas quando um oficial aparecia. Enquanto observava, os homens continuavam a chegar. Deviam estar a chamar também os guardas dos perímetros. Mas porquê? Certamente que quereriam fazer mais uma busca à luz do dia para encontrar fugitivos.

Lhiannon ficou de vigia o resto da manhã, mas não se aproximaram mais soldados. Um pouco antes do meio-dia as trombetas voltaram a soar e, ainda formados nas suas fileiras rígidas, os Romanos marcharam até à praia. Quando o último desapareceu, Lhiannon começou a chorar, libertando todas as lágrimas que guardara dentro de si ao longo daquela noite comprida e terrível. Quando terminou, rastejou para fora do esconderijo e atravessou os campos na direção do que restava do santuário dos druidas.

O fedor a colmo queimado pairava pesadamente no ar. Lhiannon atou o véu sobre a cara, mas de pouco lhe serviu. Quando se aproximou mais sentiu o cheiro enjoativo a carne queimada e o odor ferrugento do sangue. Os barrotes do portão estavam queimados, mas antes de terem sido incendiados alguém martelara os sigilos sinuosos que lhes conferiam poderes mágicos. A devastação no interior escarnecia do brilho do dia.

Doce Deusa tende misericórdia, pensou atordoada, terei sido a única sobrevivente? Ficou tensa quando qualquer coisa se moveu, mas era apenas um corvo a levantar voo com uma bater das asas negras de cima do cadáver de um dos cães da comunidade.

Quando retomou a respiração, qualquer coisa se mexeu naquilo que lhe parecera um monte de trapos. Era Belina. Lentamente, a sacerdotisa mais velha concentrou-se em Lhiannon e a humanidade regressou ao seu olhar. Havia uma nódoa negra na sua face e as marcas lívidas de dedos nos seus braços.

— Lhiannon... estás viva... — Os seus lábios contorceram-se numa tentativa de sorriso.

— E tu, como estás? — Lhiannon ajoelhou ao seu lado.

— Não estou pior do que seria de esperar, com exceção de uma pancada na cabeça. — Belina estremeceu quando Lhiannon a ajudou

a pôr-se de pé. —Ajuda-me a lavar esta porcaria. Graças à Deusa que eu não era virgem.

E aquelas que o eram?, pensou Lhiannon. Seria uma morte rápida o melhor que poderia esperar para elas?

Uma vaca morta estava com o corpo meio submerso pelo rio, mas a água que corria por cima dela era fria e limpa. Ambas as mulheres se sentiram melhor depois de se terem lavado e de terem bebido. Lhiannon pensou mesmo se teria restado alguma comida. Regressaram às casas e deram início à penosa tarefa de identificar os mortos. Alguns dos druidas mais velhos tinham escolhido arder com as casas. Elin morrera ao lado da cabana onde guardava as ervas. Mandua parecia ter encontrado uma faca e ter-se matado depois de os Romanos a terem largado.

E, espantosamente, alguns ainda estavam vivos.

Lhiannon estava a ligar um corte profundo na perna de um dos druidas mais jovens quando um novo som a fez virar-se. O sangue

fugiu-lhe da cabeça quando viu Ardanos apoiado no braço de Bendeigid. Ou talvez fosse o seu espírito, pois ela nunca vira tanta mágoa nos olhos de um homem vivo.

Tinha nódoas negras e arranhões, mas parecia não ter grandes ferimentos. Abriu os lábios mas não emitiu qualquer som.

— Sentai-vos meu senhor — disse Bendeigid suavemente, conduzindo-o até a um banco que escapara à destruição. — Como vedes não fostes o único a sobreviver... — O seu olhar desolado encontrou os olhares das mulheres. — E foi um milagre ter sobrevivido... — disse. — Queria lançar-se sobre as espadas dos Romanos. Arranquei-o da luta... passamos a maior parte da última noite dentro de água. Ele estava a amaldiçoar-me, mas obriguei-o a viver. Precisaremos que nos conduza quando combatermos de novo...

— Não... — murmurou Ardanos. — Nunca mais. Não podemos combater Roma.

— Quando estiverdes recuperado, senhor, sentireis as coisas de forma diferente — respondeu Bendeigid, mas Ardanos continuou a abanar a cabeça.

— Os soldados foram-se todos embora? — perguntou Lhiannon.
— Vi-os formarem e afastarem-se...

Bendeigid assentiu. — Pouco depois da madrugada vimos outro barco atravessar o estreito com um correio agarrado à amurada. Desatou a correr estrada acima mal o barco tocou na areia e, pouco depois, ouvimos as trombetas. Foram-se embora, se bem que só a Deusa saiba porquê.

— Aconteceu qualquer coisa... — disse Belina numa voz calma.
— A nossa magia funcionou. Só que... não foi a tempo...

— Foi a tempo de salvarmos alguma coisa! — disse Lhiannon na voz mais animada de que foi capaz. — Eles ter-nos-iam encontrado antes do fim do dia.

— Onde *estão* os outros? — Bendeigid ficou com uma expressão lúgubre quando viu a fila de corpos. — Onde está a alta sacerdotisa? A escumalha romana não levou prisioneiros... não podem ter morrido todos...

*

Encontraram Coventa por trás dos ramos de salgueiro onde as raparigas tinham construído um santuário a Brigantia, junto à curva do rio. Estava nua, enrolada contra o altar, a tremer. Ao ver o sangue nas suas pernas brancas Lhiannon estendeu a mão para deter Bendeigid.

— Vai à procura de qualquer coisa para a cobrir... Lentamente, ajoelhou ao lado de Coventa.

— Está tudo bem, minha querida, estás a salvo... nós estamos aqui...

Os olhos de Coventa abriram-se e lá conseguiu esboçar um sorriso. Belina chegou-lhe aos lábios o cantil com água. Ela bebeu sofregamente e depois recostou-se, com um suspiro.

— Porque é que eles o fizeram? — murmurou. —Nunca quis um amante, mas via como as mulheres iam, ansiosas, para as fogueiras de Beltane... pensei que quando os homens e as mulheres se juntavam houvesse alegria. Isto foi como ser atacada por *animais*]

— Coventa, é o que eles são...

— Quando me magoaram o corpo obriguei-me a não sentir... mas não consegui fechar a minha mente à raiva e ao medo deles. E durante todo o tempo gritaram... os animais não praguejam, Lhiannon! — exclamou. — Não é verdade o que dizem sobre a capacidade de ter visões depender da virgindade... — continuou. — Desde então que não consigo parar de ver imagens, mas são más... sangue e uma cidade a arder, corpos por todo o lado...

Lhiannon estremeceu. Seria por isso que diziam que o Oráculo tinha que ser virgem, não por causa da intimidade do corpo mas porque, para um adepto, as relações sexuais tinham que trazer também a intimidade da mente?

— Essas imagens estavam nas mentes dos homens que te violaram — disse Belina. — Deixa-as ir...

— Não podiam estar... — Coventa abanou a cabeça. — Os homens que eu vi eram do nosso povo e Boudica estava com eles, empunhando uma espada coberta de sangue.

— O desejo dá forma aos seus sonhos — murmurou Belina. — A Boudica protegeu-a quando eram jovens e ela invoca novamente a sua imagem.

Lhiannon não estava assim tão certa, mas não podia fazer nada por Boudica e havia quem precisasse desesperadamente da sua ajuda, ali e naquele momento.

— Era Boudica mas não era... — continuava Coventa a tagarelar. — Vi a forma de um grande Corvo a erguer-se por trás dela, com sangue no bico e nas garras...

*

A Senhora dos Corvos caminhava, ativa, pelas ruínas de Colônia dirigindo o armazenamento do produto do saque, a distribuição das armas capturadas e a distribuição do espaço para acampamento aos homens que não paravam de chegar. Rainha, ícone, ninguém questionava o Seu direito a comandá-los, apesar de os membros da casa de Boudica terem começado a sugerir que Ela deveria parar para comer e dormir quando a noite passou e o dia seguinte se aproximou.

Era perto do pôr do Sol quando Brangenos veio ter com Ela, com Rianor a seu lado. Atrás deles, Rigana e Argantilla observavam cautelosamente.

— Minha Senhora, como passais? — perguntou cautelosamente o druida mais velho.

Era evidente que sabia com Quem estava a falar. Porque não diria o que queria?

— Estou muito bem... como poderia não estar, depois de um festim destes? — riu-se. — Ou querias perguntar pelo Minha montada?

Alguns dos outros olharam-nos, confusos, pois a rainha estivera apeada durante todo o dia, mas Brangenos respondeu.

— Sim, minha Senhora, como bem sabeis, sois uma cavaleira demasiado boa para cavalgar uma boa montada até à exaustão.

— Suponho que deva ser verdade... — Enviou a consciência para o seu interior e registrou pés magoados e dores nas costas. Tinham-na mantido abastecida de cerveja, mas o que os corvos

comiam não punha nada na barriga de Boudica. Um olhar em torno do campo mostrou-lhe que estava tudo em ordem, tanto quanto era possível para aquela gente. Via que a qualquer momento ele ia passar do pedido à ordem e, com o corpo tão cansado, Ela poderia não ser capaz de manter o controlo.

— Gostarias que a deixasse agora? — Sorriu.

— Por favor Senhora, vinde para a vossa tenda... — Brangenos lançou um olhar preocupado aos rostos que o observavam.

Talvez ele tivesse razão. Por mais divertido que fosse deixar a montada ali mesmo, seria provavelmente melhor deixar os Bretões pensarem que era Boudica quem os comandava.

— Mãe... precisamos de ti — disse então Argantilla e, ao som daquela voz, Boudica começou a despertar dentro de si.

— Sim... são horas... — Apoiou-se no druida mais velho e deixou que o mais jovem lhe pegasse no outro braço, retirando-se um pouco mais a cada passo e, quando chegaram ao acampamento de Boudica, já eram os druidas que a transportavam.

— E isto o que desejam? — Riu-se suavemente. Depois fechou os olhos e foi-Se.

*

Depois de levarem Coventa para o abrigo do Salão do Conselho e de ela adormecer pacificamente, deixaram Belina a vigiá-la e foram à procura de Helve. Encontraram a Alta Sacerdotisa no Bosque Sagrado.

O anel exterior de árvores tinha ardido, mas no centro os troncos dos grandes carvalhos estavam apenas chamuscados e as folhas amarelecidas pelo calor. Helve estava sentada encostada ao altar de pedra, com um dardo romano enterrado num flanco. Ainda usava o torque de ouro e os braceletes do seu cargo. Sangue escuro ensopava o manto azul.

— Tiveram medo de lhe tocar... — disse Bendeigid baixinho. — Ela defendeu-se aqui e aposto que os amaldiçoou. Foi por isso que o seu corpo não foi profanado.

Recuou, agitando os dedos num gesto protetor quando os panos escuros se mexeram. Mas Lhiannon ficou tensa e apontou...

— Olhem... aquele sangue ainda é vermelho... ela está viva! Bendeigid aproximou-se chamando-a pelo nome, mas não obteve resposta.

Ardanos endireitou-se, adotando mais uma vez a autoridade do druida-chefe. Ajoelhou ao lado de Helve.

— Helve... chamo-vos. Do local por onde vagueia o vosso espírito chamo-vos de volta. Abri os olhos, minha senhora e respondi-me...

Um estremecimento percorreu a forma imóvel quando a sacerdotisa abriu os olhos. Mais sangue saiu pela ferida. Lentamente o seu olhar fixou-se em Ardanos.

— Meu senhor... — era apenas um murmúrio, mas ela contraiu-se, como se até mesmo aquele pequeno movimento lhe causasse dor. — Sabia... que viríeis.

Mesmo naquele momento não havia gratidão na voz de Helve mas sim orgulho.

— Helve, estás ferida. Temos de extrair esta lâmina.

A sacerdotisa ergueu uma sobrancelha. — Estou a morrer — corrigiu-o. — Deixa-me... falar, depois... tira lança. — Ficou em silêncio respirando penosamente. — Dei a Nodona o beijo da bênção... será alta sacerdotisa... — Mexeu no torque —, até

Lhiannon regressar... de Eriu. — Respirou fundo e os seus olhos fecharam-se.

— Helve, estou aqui. — Lhiannon pegou na mão fria da mulher.

— Ela pensa que a... odeio — os lábios pálidos contorceram-se.
— Ela era demasiado... boa. Tive medo.

— Não... eu compreendi... — Lhiannon impediu-se de tagarelar.
— Saíste-te bem.

Aquilo estava errado. Uma alta sacerdotisa devia morrer com todas as suas mulheres à volta. Mas, com exceção de Belina, nem uma única estava em condições de vir ao Bosque Sagrado, nem mesmo Nodona, que ainda estava histérica apesar de o seu corpo, à parte a violação, parecer ter sofrido pouco.

— Salvei... a pedra sagrada...

Aperceber-se-ia Helve de que Lhiannon ali estava? Por trás delas Bendeigid começara a entoar o cântico que facilitava a passagem de

um adepto para o Outro Mundo.

Os olhos de Helve abriram-se e, fazendo um esforço, concentraram-se em Ardanos. — Meu senhor... estou pronta. Tirai... a lança... maldita!

Ardanos tremia, mas quando cantou fê-lo com voz firme. — Não és esta dor... não és este corpo... De todos os juramentos que te obrigavam, sê livre. És a Luz, és a Alegria que não morre. Ergue-te, sagrada, nas asas da manhã. Parte para ocidente até encontrares as Ilhas dos Abençoados. Ali descansarás até que seja tempo de, mais uma vez, tomares um corpo. É o druida-chefe da Britânia quem te liberta. Fica em paz Helve. Tens licença para partir...

Os olhos de Helve estavam fechados. O rosto de Ardanos empalidecera, mas a sua mão estava firme quando agarrou no cabo do dardo, mesmo por baixo da ponta, e o soltou lentamente da ferida. Seguiu-se um jacto de sangue brilhante. O corpo de Helve saltou, debatendo-se e depois ficou inerte. Por um instante pareceu a Lhiannon que vira uma bruma brilhante por cima da forma imóvel, mas talvez tivesse sido o brilho do sol a passar por entre as árvores. Depois desapareceu.

— Eu devia fazer ali a seu lado —, disse Ardanos. — Para que nos serve toda a nossa sabedoria e toda a nossa magia?! Oakhills desapareceu. Falhamos. — E depois, finalmente, começou a chorar.

*

De Colônia restava apenas entulho e uns quantos vestígios de fumo onde continuava a arder uma chama mais persistente. A maior parte dos seus habitantes fora reduzida a cinzas, mas alguns tinham sido pregados contra os barrotes queimados das suas casas, como uma forma de aviso, e os postes dos portões do pequeno forte estavam agora adornados por cabeças. Os Bretões tinham celebrado

a vitória durante quatro dias, tão embriagados pelo sangue romano que tinham vertido como pelo vinho romano que tinham bebido.

Boudica estava sentada na frente da tenda numa cadeira curule, com aplicações de marfim e de ouro, escutando os chefes que estavam sentados em vários tipos de cadeiras à volta da sua fogueira. A cadeira era surpreendentemente confortável... o que era bom, dada a quantidade de músculos que ainda lhe doíam.

— A Cidade da Vitória, chamavam-lhe! — exclamou Segovax. — Agora é a Cidade das Vítimas!

— Esta é a cidade romana mais antiga da Britânia — disse o Rei Corio. — Bem, *era...* — sorriu. O senhor dos Dobunni chegara enquanto ela dormia, juntamente com vários chefes das terras dos Catuvellauni. — Os outros não vão ter hipótese!

— Se todo o povo se revoltar — disse Boudica —, nenhum conquistador consegue segurar a terra. Mas *todos* nós temos de

atacar os Romanos —, e temos de tomar os fortes, para além das cidades.

Quando Boudica acordara, depois de ter dormido uma noite e parte do dia seguinte, deparara com meia dúzia de chefes tribais dos Cantiaci e dos Catuvellauni à sua espera. Escutavam-na com respeito e isso surpreendeu-a. O que quer que fosse que a deusa andara a fazer durante o dia seguinte ao incêndio do Templo de Cláudio, não causara aparentemente danos à sua reputação.

Fez sinal a Rigana para que passasse o jarro do vinho reprimindo o impulso de pedir cerveja. Ainda se sentia como se a cabeça tivesse sido esvaziada, como uma praia depois da maré alta... a pressão que sentira da parte da deusa quase desaparecera, mas Boudica tinha a sensação de que certas coisas, como a cerveja ou o sangue, A trariam novamente de volta. Aquele dia de ausência assustara as suas filhas. Não podia ceder à tentação de se perder na deusa quando tal não era necessário. Pelo menos Cathubodva parecia ter deixado ficar alguma da Sua sabedoria.

— Temos um número suficiente de setas de guerra para enviar a todas as tribos, e estas setas já provaram o sangue romano. Precisamos de mais quatro hostes como esta para imobilizar as legiões e convencer os Romanos de que a Britânia é um poço, onde

poderão verter ouro e homens durante um século, que não o conseguirão encher.

— Um poço de sacrifício — murmurou Brangenos —, uma oferenda para os deuses...

Ao ouvir aquelas palavras, Boudica sentiu um bater de asas de corvos dentro de si. — *Ela continua com fome...* Quando a ideia lhe ocorreu, o cheiro a carne em putrefação, trazido pelo vento, tornou-se mais forte.

Quando o vento soprava no Bosque Sagrado ainda se sentia o cheiro a queimado, apesar de terem passado quatro dias, mas o cheiro a madeira queimada era um cheiro limpo, quando comparado com o fedor que ainda pairava sobre aquilo que em tempos fora Oakhalls. Dos druidas que tinham ficado no santuário, mal chegava a metade os que tinham sobrevivido para entoar os hinos fúnebres enquanto os restantes eram cremados. Dos sobreviventes, alguns poderiam vir a recuperar fisicamente, pensou Lhiannon observando Coventa a olhar com ar ausente para o jogo da luz por entre as folhas; já não se sentia tão segura relativamente à recuperação das suas mentes.

— Oakhalls já não existe — disse Ardanos. — A magia foi-se. — Ele certificara-se de que isso aconteceria ao ordenar-lhes que derrubassem o que restava das casas para alimentar as piras funerárias. — Não deixaremos nada que possa servir de pretexto para um triunfo dos Romanos quando regressarem, como certamente regressarão...

Pestanejou duas vezes, um tique facial que aparecera no dia a seguir ao ataque. Apesar da energia com que supervisionara a demolição e os funerais, Lhiannon pensou se ele não deveria ser também incluído no número dos feridos que conseguiam andar.

— E para onde queres que vamos? — perguntou-lhe suavemente. Olhou à volta do círculo. No dia seguinte à partida dos Romanos, alguns dos vizinhos tinham aparecido com mantimentos, pelo que ao menos estavam vestidos e alimentados, apesar de ser estranho ver druidas vestidos com as cores naturais da lã e do linho e não de branco ou de azul-escuro.

— Teremos de nos dispersar por uns tempos. Vimos de muitas tribos... teremos de procurar os membros da nossa Ordem que continuam junto aos clãs para encontrar abrigo nas quintas mais remotas onde os feridos poderão recuperar.

E as nossas sacerdotisas poderão esperar, para ver se a semente que os Romanos plantaram germinará nos seus ventres, pensou Lhiannon sombriamente. Belina já falava em criar quaisquer filhos que viesse a ter para se vingarem e, de todas as mulheres violadas, era a que conservara maior sanidade mental. *Todos ficamos feridos de uma maneira ou de outra... resta saber se conseguiremos sarar.*

Um a um, os sobreviventes começaram a falar de locais onde poderiam encontrar refúgio.

— Já não tenho família nas terras dos Cornovii — disse Lhiannon quando chegou a sua vez —, mas no País do Verão há quem me dê refúgio. Levarei a Coventa e a minha filha adotiva para Avalon.

— E talvez possamos aqui regressar um dia — disse Belina. — Um dos pescadores ouviu as conversas dos soldados quando partiam. Há uma rebelião no leste... nas terras dos Icenos e dos Trinovantes. Foi por isso que a Legião partiu tão repentinamente. Talvez esta seja a revolta por que aguardávamos, quando todas as tribos da Britânia se ergueriam como uma só.

Lhiannon ficou tensa e a compreensão inundou-a. Boudica estava de alguma forma envolvida naquilo. Mexeu-se, sentindo-se subitamente exasperada com todas aquelas pessoas feridas. Ardanos tinha razão: Oakhills deixara de existir e, com ela, o poder dos druidas. Talvez o seu lugar fosse agora junto daqueles que ainda não tinham desistido de lutar...

— Será possível que o nosso sacrifício tenha ganho o tempo necessário para que a rebelião deflagrasse? — perguntou o velho Brigomaglos. — Acreditar que conseguimos *qualquer coisa* apaziguaria a minha alma.

— Não vou negar a possibilidade de um milagre — disse Ardanos numa voz seca. — Mas não nos atrevemos a partir do princípio de que, desta vez, o nosso povo alcançará a unidade que nunca conseguiu alcançar antes. — Abanou a cabeça. — Não... esconder-nos-emos e faremos o que for necessário para sobreviver.

Deixemos os Romanos pensarem que nos destruíram até descobrirmos uma forma de viver em segurança no meio deles.

— Deixaremos de ser druidas? — perguntou Belina. — A nossa alta sacerdotisa morreu. — Os seus olhos desviaram-se para a pedra sagrada onde ainda se via uma mancha de sangue.

— Ela disse que Nodona lhe sucederia — disse Brigomaglos.

— Mas estará ela em condições de servir? — perguntou Belina.

Lhiannon manteve-se em silêncio. Muitos dos que ali estavam conheciam a tensão que existira entre ela e Helve. Tudo o que pudesse dizer agora seria suspeito. E não conseguia esquecer como os braceletes de ouro nos braços de Helve lhe tinham pesado como grilhões. Sonhara durante tantos anos ser alta sacerdotisa e nunca se apercebera de como gostava de ser livre.

— Até termos novamente um local onde possamos celebrar as nossas cerimônias, isso tem alguma importância? — perguntou Brigomaglos. — Quando tal acontecer, a rapariga já terá recuperado. Se sobreviver à provação e for capaz de suportar o poder da deusa, então a vontade de Helve poderá ser satisfeita. Se não... faremos uma nova escolha.

Alguns dos outros homens concordavam. Ardanos olhou para Lhiannon, como se estivesse prestes a falar, mas ela abanou a cabeça. Com o tempo poderia vir a lamentar ter cedido tanto poder aos sacerdotes, mas naquele momento não conseguia ralar-se com isso. Não veriam eles que tudo dependia da revolta dos Ice-nos? Compreendia agora a visão de Coventa. Boudica transportava o poder da Morrigan. Se fosse bem sucedida ninguém questionaria o poder das sacerdotisas. E poderia muito bem não haver esperança para nenhum deles se ela falhasse.

VINTE E SEIS

Boudica riu-se e agarrou-se ao lado do carro quando este balançou sob os seus pés, brandindo loucamente o dardo com a outra mão. O carro era muito velho, um dos vários que tinham sido trazidos após o ataque a Colônia. As correias de cabedal estavam a precisar de ser reparadas urgentemente, mas era uma recordação inspiradora das glórias do passado.

Tascio, o condutor, desviou-se soltando uma praga e virando violentamente as cabeças dos cavalos para evitar o carro de Rigana, atirando com Boudica para um dos lados. O equilíbrio era difícil... com Tascio sentado na plataforma à sua frente e com o escudo e as lanças presos aos lados de junco, quase não tinha espaço para pôr os pés.

As pessoas aplaudiram quando deram uma volta a meio galope. A visão dos carros de guerra evocava glórias passadas... razão suficiente para pôr novos raios de ferro nas rodas de madeira e para substituir as correias de cabedal. Para Boudica, aparecer no carro de guerra, confirmava o seu lugar de comandante. Tinha entregue um dos veículos recuperados à sua filha, na presunção de que Calgac, que o conduzia, a levaria para longe ao primeiro sinal de verdadeiro perigo. Mas, a não ser que conseguissem usá-los convenientemente, ninguém iria levar os carros para a batalha.

Boudica dispôs de um momento para invejar a resistência de Rigana quando esta passou a toda a velocidade. As constantes caminhadas e cavalgadas tinham-na mantido em forma, mas não podia competir com a flexibilidade dos quinze anos da filha.

— Equilibra-te! Não te agarres! — gritou Tingetorix. A sua perna magoada obrigava-o a montar a cavalo, mas se não podia dar o exemplo, sem dúvida que podia dizer aos outros o que estavam a fazer mal.

As correias de cabedal que suspendiam a plataforma basculante gemeram quando as rodas ressaltaram no solo pedregoso. Boudica achara instável o convés do navio, mas aquilo era como tentar manter-se de pé sobre areias movediças. Mais uma viragem e foi

atirada contra uma das proteções laterais e sentiu Cathubodva a rir. A deusa dançava no caos enquanto os Seus corvos dançavam no vento. Para os humanos a estabilidade do solo era a única certeza. Mas, por mais tentador que fosse deixar que a deusa assumisse o controlo, Boudica treinara um número suficiente de cavalos para saber que, quantos mais reflexos inculcasse nos músculos através do treino, menor seria o papel que a sua cavaleira teria que assumir.

Em pequenina adorara ver os irmãos mais velhos a treinar com os carros de guerra. Dubi fora capaz de correr ao longo do eixo até à armação que unia os dois cavalos, lançar um dardo e regressar ao seu lugar. E, além disso, costumava acertar nos alvos. Isso numa batalha não seria problema — desde que se lançasse o projétil na direção certa, este estava condenado a atingir alguém.

Tascio deu a volta ao carro e por instantes ela conseguiu, equilibrando-se na ponta dos pés, manter a mesma relação com a terra qualquer que fosse a direção em que a plataforma saltasse. Depois a dor na perna transformou-se subitamente numa câibra.

— Ai... — Arfou ela, enfiando o dardo na bainha e dobrando-se para massagear a perna.

Quando conseguiu levantar-se novamente viu o carro de Rigana vir, disparado, na sua direção. Quando se cruzaram a rapariga soltou um grito de fazer estourar o crânio e fez um floreado com o dardo, exibindo um sorriso havia muito desaparecido. Boudica correspondeu ao aceno e depois virou-se quando alguém a chamou.

— Já chega por agora, Tascio... leva-nos para dentro. — Endireitou-se quando ele encaminhou os cavalos na direção de um grupo que se tinha formado próximo da multidão, e fazendo os possíveis para dar a imagem de rainha guerreira corajosa, sem deixar transparecer o quanto se sentia agradecida pelo pretexto para acabar com o treino.

De cima do carro Boudica conseguia ver a maior parte do acampamento que, desde a queda de Colônia, começara a parecer-se com a reunião dos clãs para a feira de Lughnasa⁶. Os guerreiros continuavam a chegar, mas agora traziam as famílias e os bardos e os mercadores vinham também. Por onde quer que se andasse ouvia-se cantar ou encontrava-se uma competição improvisada de força ou de habilidade. Uma atmosfera alegre, de férias, pairava no ar.

Mas os homens que a aguardavam não estavam com disposição para festivais.

— Os batedores já regressaram? — perguntou olhando para eles. Após a derrota da Nona Legião enviara homens para vigiar todos os fortes romanos, especialmente no Leste, onde o governador estacionara a Vigésima Quarta e no Sudoeste, onde estacionara a Segunda Legião. Uma hoste da dimensão do seu exército improvisado não conseguia mover-se sem ser visto — estava surpreendida por ainda não ter havido uma reação dos Romanos.

O grupo afastou-se para dar passagem a um homem cansado. — Cavalguei para leste, minha Senhora, tal como ordenastes. Não tive que ir mais longe do que o novo forte a que chamam Letocetum, na Grande Estrada, Ouvi muitas notícias na taberna que lá há.

— A Vigésima vem a caminho?

— Sim, com a Quarta logo atrás, mas ainda demorarão algum tempo no caminho. Estiveram em Mona, minha Senhora! Queimaram completamente o santuário e mataram todos os druidas que encontraram!

— Sacrilégio! — Ouviu-se o grito. — Os deuses castigá-los-ão...

Boudica fechou os olhos, agarrando-se ao carro enquanto os murmúrios horrorizados percorriam a multidão. Acabara de testemunhar a devastação que o fogo podia causar numa cidade. A sua imaginação pintava imagens vividas das chamas a erguerem-se nas casas em círculo de Oakhalls e no Bosque Sagrado. O que teria acontecido a Belina e a Coventa e aos outros que amara? Rezou aos deuses para que Lhiannon ainda estivesse a salvo em Eriu.

— Os deuses castigá-los-ão, sem dúvida... — repetiu com lágrimas nos olhos. Arrancou o dardo do suporte e ergueu-o bem alto. — O meu braço será a sua arma! E o vosso também... — Agitou o dardo por cima da multidão. — Toda a mão que puder

empunhar uma arma será uma mão dos deuses. E vingar-nos-emos!
— Sentiu o rosto corar com o rugido de fúria que lhe respondeu.

— A Vigésima ainda viajará durante algumas semanas... —
continuou o mensageiro. — As minhas notícias são da tropa de
cavalaria que chegou com o Governador Paulinus há três dias. Mal
tiveram tempo de comer e de dormir antes de montarem cavalos
frescos e partirem para sul, para Londinium.

— Ele vai tentar defender a cidade? Onde arranjará os homens?
— Vieram as perguntas.

Boudica sentira-se indecisa quanto à direção em que deveria
levar as suas forças. Aquela era a notícia de que precisava.

— Eu não sei o que *ele* fará — disse ferozmente —, mas o que
nós temos de fazer é claro! Espalhem palavra por todo o
acampamento, todos vós! Deem uma boa dose de ração aos animais
e carreguem as carroças. Amanhã marcharemos sobre Londinium e,
se tivermos sorte, apanharemos lá o carrasco de Oakhalls!

*

O barco rolou e ergueu-se e mergulhou novamente quando o vento forte o empurrou na direção do País do Verão. Tinham-se passado três dias desde os funerais e foi só quando saíram para o estreito que o vento fresco afastou os últimos odores a queimado que pairavam no ar. Só então é que Lhiannon se apercebeu de como se acostumara àquele fedor. Até mesmo Coventa, apesar de ter estado enjoada durante a manhã, parecia reviver.

Mas estaria ela própria melhor? As montanhas, enormes e roxas para lá da costa, deslizavam como num sonho. O mar brilhava na

atmosfera luminosa e o céu estava de um azul agradável. Nos velhos tempos Lhiannon teria dito que os deuses do mar tinham abençoado a viagem, mas naquela altura achava difícil acreditar que eles quisessem saber disso.

— Quem me dera poder ficar no mar para sempre... — murmurou Coventa — entre os mundos. — Continuava silenciosa e pálida, mas as visões agora só lhe chegavam durante a noite sob a forma de sonhos. — Ninguém sabe onde estamos... ninguém nos pode dizer o que fazer. Pensei que estavas no exílio e tinha pena de não poderes estar em segurança conosco. Mas começo a perceber porque passaste tanto tempo longe.

— Não foram tudo férias — observou Lhiannon pensativamente. — Muitas vezes tive fome ou frio ou estive em perigo, mas é verdade que não tinha os druidas a dizerem-me o que fazer de cada vez que me virava.

— Fui muito ingênua — disse Coventa calmamente. — Sou como um pássaro selvagem criado em cativeiro, numa gaiola, e quando a porta para a liberdade se abriu não soube voar. Não sirvo para este mundo em que sou forçada a viver. Mas tu serves, Lhiannon. Espero que não permitas ao Ardanos que te enfie numa gaiola. Ele tem tanto medo — e talvez tenha razão para isso — de que o mundo

seja pior do que eu posso imaginar. Se alguma vez houver um local onde as nossas sacerdotisas possam viver juntas novamente, acho que ele tentará transformá-lo numa fortaleza.

O Ardanos nunca... a ideia desvaneceu-se. O Ardanos que ela amara nunca tentaria governar com mão tão pesada, mas os Romanos tinham feito qualquer coisa à sua alma.

— O mundo vive à sua maneira e não como nós desejaríamos — continuou Coventa —, e nós só podemos tentar servir os deuses...

— Os deuses! Se acreditasse que tudo isto se deve à vontade dos deuses amaldiçoá-los-ia... — Lhiannon calou-se, só então se apercebendo de como recusara, durante tanto tempo, enfrentar o seu desespero. — Tal como as coisas são... ou eles nos odeiam ou não têm poder. Tudo o que fizemos para lhes agradar só tornou piores as coisas, pelo que vejo...

Falara baixinho, mas Coventa olhava-a, surpreendida e chocada. *Sou sacerdotisa*, disse a si própria, *para bem dela devia fingir que*

acredito... Era o que fizera desde que o crescente da Deusa lhe fora tatuado entre as sobrancelhas.

— Que querem que eu diga? — explodiu repentinamente. — Querem que vos diga que irá correr tudo bem? Não vai! Não é...

A garganta doía-lhe demasiado para conseguir dizer mais. Na guerra e nos desastres estivera sempre demasiado ocupada a lidar com as crises para refletir sobre as suas implicações... mas naquele mar sorridente e banhado pelo sol baixara as defesas e agora estava perdida. Tapou a cara com as mãos e foi sacudida por soluços.

Passado o que lhe pareceu muito tempo sentiu braços macios à sua volta. Coventa abraçava-a, embalando-a como o mar embalava o navio. E acabou por secar as lágrimas.

— Obrigada... — murmurou. — Já parei de chorar. — Retribuiu o abraço e viu a mulher mais nova descontraí-la. Mas para ela o dia perdera o brilho.

Lhiannon compreendia agora porque havia druidas que se retiravam para o mato para viverem numa gruta junto a uma fonte sagrada. Apesar de a mudança das estações trazer os seus próprios desastres, na natureza havia uma ordem subjacente em que se conseguia encontrar alguma certeza. Mas não tinha esperança de que tal acontecesse no mundo dos humanos.

*

Da rua ao lado chegou aos ouvidos de Boudica um uivar que parecia mais animal do que humano. A égua branca dançou debaixo dela, agitando nervosamente as orelhas e Bogle rosnou um aviso

quando mais um grupo passou a trote. Dois dos homens levavam cabeças romanas espetadas nas lanças. Os outros transportavam sacos com o produto do saque e mantimentos. A confusão de casas e de lojas e de armazéns, que se amontoara na margem norte do Tamesa, parecia encolher-se sob um céu carregado. Podia traçar-se o progresso dos atacantes Bretões através dos corvos que os seguiam pela cidade.

Londinium, tal como Colônia, estava indefesa. Deciano Catus fugira para a Gália quando da queda de Colônia e o seu pessoal, incluindo Cloto, partira com ele. Tinham-se desencontrado do governador por dois dias. Paulinus, ao menos, fizera uma tentativa para evacuar a cidade, mas os habitantes, que estavam teimosamente decididos a proteger os seus bens, ou que eram demasiado velhos ou estavam demasiado doentes para fugir, tinham ficado. Morriam, em vez daqueles que mais mereciam ser mortos, à medida que os Bretões passavam de rua em rua.

Boudica dera ordens para que a cidade não fosse queimada até ter sido despojada de tudo quanto pudesse ter valor. A maior parte daqueles que se tinham juntado à hoste trouxera comida, mas não podiam correr o risco de ficar à míngua antes de apanharem o governador e muito daquilo que se encontrava dentro dos armazéns fora o produto dos impostos romanos. A reciprocidade da recuperação das mercadorias dava-lhe uma satisfação sombria.

Quando viraram uma esquina os gritos tornaram-se mais fortes. A escolta de Boudica cercou-a protetoramente quando avistou um grupo de homens envolvidos num combate. Um grito de mulher perfurou o ruído como uma espada no coração. Sem pensar, Boudica incitou a égua. Viu o brilho das espadas quando os atacantes dispersaram na sua frente. As feições eram de homens que conhecia, mas naquele momento os rostos estavam marcados por uma única identidade.

Um Romano estava de pé por trás da porta desfeita da sua casa, segurando uma mesa que lhes servia de escudo. Um Bretão atacava-o, com um machado, arrancando pedaços de madeira que voavam como palitos, enquanto outros o atacavam com lanças. Boudica reconheceu o homem do machado. Fora um pequeno agricultor que se endividara e que resistira quando os Romanos tinham vindo confiscar-lhe as terras. Escapara no meio da confusão, mas a mulher fora capturada e vendida como escrava.

O homem cambaleou quando uma das lanças lhe rasgou a perna; o golpe seguinte do machado arrancou-lhe a mesa das mãos. Várias mãos puxaram-no para o meio da rua e as lâminas vermelhas subiram e desceram repetidamente. Fazendo a madeira ranger os outros desfizeram o que restava da porta e entraram. A mulher recomeçou a gritar.

Um rapazinho saiu a correr pela porta, os seus gritos fracos silenciados de imediato por uma pancada que atirou o corpo para o lado. Os homens arrastavam a sua mãe para a rua, rasgando-lhe a túnica e forçando-a por terra. Boudica viu os seus olhos desesperados e brancos por cima da mão que lhe tapava a boca *Se tentares detê-los virar-se-ão contra ti...*, ouviu a voz da deusa dentro da sua cabeça quando abria a boca para gritar. Os membros brancos que se debatiam perante os seus olhos confundiam-se com o corpo de Argantilla, quando o Romano a deitara por terra.

Não somos melhores do que eles? Gritou o seu espírito.

Isto não tem nada a ver com desejo mas sim com poder...

Ajuda-a! A sua visão desfocou-se quando o conflito fez com que perdesse controlo da consciência. Boudica sentiu o cavalo mover-se debaixo de si quando agarrou na lança de um dos seus homens, mas a pontaria eficaz era a de Cathubodva, tal como era dela a força

que fez passar a lança sobre o ombro do violador e atravessar o coração da sua vítima.

Este é um trabalho vosso, Senhora... pensou desesperadamente. *Se tem que ser feito não quero ser testemunha.* Daquela vez cedeu voluntariamente a consciência e a misericórdia de Morrigan atravessou as suas asas negras entre ela e a sua dor.

Até mesmo a escolta da rainha dava algum espaço Aquela que seguia pelas ruas onde o sangue corria nas valetas e os corvos gritavam, pois a voz calma e clara que lhes dizia onde procurar os valores tinham uma ressonância que era mais do que humana, e a mente que os dirigia revelava uma paciência mortífera que não compreendiam.

Mas Boudica deu por si a caminhar num bosque de carvalho com folhas outonais e salpicado com aquilo que lhe pareceram ser bolotas. Quando se aproximou mais viu que eram cabeças humanas. Os seus rostos estavam contorcidos, mas não percebia se era de exultação ou de raiva.

— Esta é a Minha colheita... o seu sangue alimentará a terra —
ouviu-se a voz rouca vinda de cima.

Ergueu os olhos. Equilibrado num dos ramos estava um Corvo
de olhos vermelhos.

— Os homens não são diferentes de qualquer outra criatura. ..
— disse o Corvo. — Quando um grupo é mais forte conquista e,
quando enfraquece, vem outro e alimenta-se dele por sua vez. O
conflito e a competição são necessários. A fúria passa como um
grande incêndio, queimando a fraqueza e, à sua luz, é revelada a
essência. Os mais fortes de ambos os grupos sobreviverão. O
sangue e o espírito fundem-se e o que cresce a partir deles torna-se
ainda mais forte.

— É esta a única forma? — gritou Boudica.

— É o caminho que deves seguir agora — veio a resposta. — A Britânia já é uma mistura de muitos sangues, de povos que se combateram ao chegarem a estas praias. Com o tempo mais virão e o vencedor de hoje falhará, deixando a sua própria força na terra.

— É uma lição muito dura — disse então Boudica.

— E a minha verdade... o Caminho do Corvo. De uma maneira ou de outra o ciclo tem que continuar. O equilíbrio tem que ser mantido. E há mais do que um gênero de vitória....

*

Quando Boudica recuperou a consciência estava de regresso ao acampamento a desmontar da égua. Brangenos amparou-a quando os joelhos cederam e Eos agarrou nas rédeas para levar Branwen. O pelo branco estava salpicado e sujo de vermelho. O fedor do sangue rodeava-a. Boudica baixou os olhos e viu que tinha as pernas sujas de sangue até aos joelhos. Bogle ganiu e sentou-se. Também estava coberto de sangue.

— E uma mulher vermelha num cavalo branco quem nos conduz... — ouviam-se os murmúrios — e com ela veem os caçadores do Outro Mundo, os cães brancos de orelhas vermelhas. ..

— A minha égua está bem? — A voz parecia vir de uma grande distância.

— Precisa de ser limpa, tal como vedes, mas ela é Branwen, o corvo branco. Que montada melhor para a Senhora dos Corvos?

Mas eu era a montada, pensou Boudica entontecida. Pensou no que teria acontecido depois de a deusa a ter separado da sua identidade.

Os rostos à sua volta estavam aquecidos pelo brilho do pôr do sol, mas o horizonte estava escuro. Lentamente, percebeu que a luz que se refletia nas nuvens era a da cidade em chamas. Terminara, então... por agora... e os mortos tinham a sua pira.

— Vinde — disse Brangenos. Quando ela recuperou o equilíbrio ele pôs-lhe uma mão debaixo do cotovelo. — Precisais de água. Precisais de descanso.

— Sim, mas não para beber. Primeiro tenho de me lavar. Tinham instalado o acampamento junto a um dos ribeiros que corria para o Tamesa. Ignorando as exclamações alarmadas dos membros da sua casa, Boudica passou os juncos e atirou-se à água com Bogle aos saltos atrás de si. A água fria fê-la regressar completamente ao seu corpo enquanto lava o sangue. Quando regressou esforçadamente

para terra estava a tremer devido à reação. O chão furou por entre os juncos e abanhou-se, lançando uma chuva de gotas em toda a volta.

Temella correu na sua direção com um cobertor. Quando já estava seca e tinha uma tigela de sopa quente nas mãos, Brangenos sentou-se a seu lado. Para lá das estacas da tenda os homens faziam-lhe vênias ao passar.

— Vi aquele homem na cidade... — disse ela quando passou uma figura robusta com um machado enfiado no cinto. — Estava a matar um Romano que defendia a sua casa. Mas tinha um aspecto diferente... — fez um gesto na direção da multidão. — Tinham todos. Agora já se parecem novamente consigo próprios. Foi imaginação minha? O que é que eu vi?

O druida suspirou. — Outro espírito pode possuir homens que estão ligados por uma grande emoção. Não sei se é uma praga ou se é uma misericórdia.

— A misericórdia de Morrigan... — disse ela amargamente. — E como aquilo que acontece comigo?

— De alguma forma sim, só que é um êxtase partilhado, criado quando muitas almas se transformam numa só sob uma grande pressão.

— Recordarão aquilo que fizeram?

— Nesse estado os homens são capazes de grandes atos de bravura... ou de crueldade. — O seu rosto magro estava sóbrio. — Ser incapaz de recordar os primeiros poupa-lhes o desejo de atingir um nível que nunca mais conseguirão alcançar. Esquecer os segundos... credes que seriam capazes de encarar as suas próprias esposas e filhos se recordassem completamente o que fizeram?

— Mas se não se lembram, voltarão a fazer o mesmo... — disse, sabendo que não tinha o direito de os julgar depois de ter abdicado da sua própria vontade perante uma força igualmente implacável. — E se o Corvo da Batalha me cavalgar novamente, eu farei o

mesmo... — Engoliu em seco. — Não haverá uma forma de fazer a guerra com honra?

— Com soldados perfeitos... com uma disciplina perfeita — respondeu ele. — Nos tempos antigos, os campeões combatiam no campo entre os dois exércitos e a vontade de ambos os lados estava com o seu defensor e todos saíam enobrecidos pelo seu combate. Os Romanos não nos permitirão esse tipo de guerra. O que aqui temos não é um exército, minha rainha. É uma multidão, uma criatura concebida pelo ultraje e pela dor e que atravessa a terra, queimando-a.

— Ela disse qualquer coisa como isso — murmurou Boudica e viu o olhar dele ficar mais atento. — Enquanto combatia Ela continuava a falar comigo num bosque de carvalhos onde havia cabeças de homens espalhadas pelo chão. — Hesitante, tentou lembrar-se das palavras de Cathubodva.

— É realmente uma lição dura — concordou o druida quando ela terminou. — Mas é tudo o que temos. Se este fogo que ateastes conseguir despertar o valor das tribos, ainda poderemos expulsar os Romanos destas terras. Se não, o nosso sangue irá alimentar a terra. Não podeis parar agora, minha rainha, só podeis atizar as chamas e esperar que estas ardam rápidas e puras.

Boudica engoliu a sopa mas o seu calor não a aquecia. Agora, mais do que nunca, compreendia porque é que Prasutagos procurara tão denodadamente a paz. Teve subitamente uma necessidade dolorosa de sentir os braços dele, de criar vida naquele deserto. Afastar-se-ia ele, horrorizado, se visse o que ela fazia agora? Mas a paz com os Romanos ter-lhes-ia dado a morte em vida, destruição sem esperança de renovação.

— Minha senhora, se desejardes, poderei misturar-vos uma poção que vos faça dormir... — disse Brangenos.

Ergueu os olhos e, de repente, viu-o como homem, ainda forte apesar do branco nos cabelos. Se lhe pedisse, deitar-se-ia com ela? Os seus olhos encontraram-se e teve a sua resposta.

— Não... — Abanou a cabeça recusando a sua oferta, negando a si própria o alívio por que ansiava. — Se aqueles que morreram hoje puderam suportar a dor, o mínimo que posso fazer é suportar os meus sonhos...

*

A viagem por mar decorrera como num sonho, mas o País do Verão pouco mais próximo parecia do mundo de mortes e batalhas que Lhiannon deixara para trás. Quando o barqueiro fez a chata passar através dos pântanos, os juncos e os salgueiros fechavam-se em torno deles e os seus únicos inimigos eram os mosquitos que se erguiam, em nuvens zumbidoras, à sua passagem.

Todas as manhãs a bruma elevava-se da água cobrindo os pântanos de mistério. Lhiannon deu por si a desejar que quando a bruma se dissipasse se encontrasse no Outro Mundo, mas os raios

longos do sol da tarde mostravam-lhe a mesma paisagem de sempre. Mas a cada dia o cume pontiagudo do Tor aparecia mais claramente por cima das árvores emaranhadas, até que chegaram com os últimos raios do pôr do Sol às praias de Avalon.

A casinha onde Lhiannon vivera perdera uma parte do telhado de colmo — os druidas não tinham tido muito tempo para iniciações nos últimos anos e só lá ficara uma velha sacerdotisa chamada Nessa — mas tudo o resto parecia inalterado. O povo moreno e esguio dos pântanos fornecia-lhes comida e trazia os doentes para serem tratados. A medida que o País do Verão vivia, adormecido, os dias compridos, Lhiannon sentia o coração ficar mais leve. Se Avalon não tinha respostas, ao menos ali conseguia por vezes esquecer as perguntas.

A sua única fonte de ansiedade era Coventa, que continuava a sentir-se doente durante o dia e a ser atormentada durante a noite por sonhos maus. Uma semana após a sua chegada à ilha, Coventa acordou de manhã a chorar. Com um suspiro Lhiannon levantou-se e abraçou-a até os soluços acalmarem.

— Nessa, acendes o fogo e enches o caldeirão com água para fazermos chá de camomila?

— Obrigada... — disse Coventa quando a mulher idosa lhe trouxe o chá. — Lamento ser um incômodo tão grande para vocês.

— Foi outro sonho mau? — perguntou.

Coventa suspirou. — Sonhei que tinha tido um filho que se desenvolvia, alto e forte, de cabelos dourados. Mas quando cresceu transformou-se em corvo e voou para longe.

— Era por isso que estavas a chorar?

Coventa abanou a cabeça. — Era um rapaz lindo. Vê-lo tornava-me feliz. Chorei porque quando crescer vai ser guerreiro.

— No teu sonho... — disse Lhiannon franzindo o sobrolho.

— Neste mundo... — Coventa olhou para ela com um sorriso estranho. — Nunca esperei saber estas coisas, mas vivendo entre mulheres não se pode evitar aprender algumas coisas. Os meus seios estão doridos e não me tem vindo a menstruação e, de manhã, sinto-me enjoada. Acho que estou de bebê.

— Dos Romanos... — suspirou Lhiannon.

— De um deles — corrigiu-a Coventa —, mesmo entre os Romanos acredito que só exista um pai desta criança.

— Conheço ervas que poderão expulsar essa abominação do teu corpo... — disse Lhiannon. — Vou pedir ao povo dos pântanos que me mostre onde crescem.

— Não. Aquilo que tenho na barriga ainda não é uma criança, mas não consigo negar-lhe a vida. Acredito que terá um papel a desempenhar no futuro.

Lhiannon ficou a olhar para ela, sem perceber. *Eu rasgaria o meu ventre antes de ter um filho de um Romano! Coventa não será a única a carregar um tal fardo, pensou então. Talvez as outras mulheres sejam mais sensatas e, se não puderem matar os bebês antes de nascerem, os destruam depois.* Mas não o disse em voz alta.

Coventa estava com melhor aspecto do que tivera durante muito tempo e Lhiannon não queria desfazer qualquer crença que a pudesse levar à felicidade.

*

— É evidente que o nosso próximo objetivo devia ser Verlamion — disse Vordilic. — Ou antes, Verulamium — acrescentou a terminação latina com um esgar maldoso. Grisalho como um texugo, era um homem dos Catuvellauni e ainda era parente de Caratac. — O recinto real nas margens do Ver era o centro sagrado da minha tribo. A cidade que agora lá está acorada é uma blasfêmia romana.

Do círculo de chefes tribais e de reis, reunidos em torno da fogueira de Boudica, ergueu-se um murmúrio de concordância. Os panos estendidos que mantinham afastado o orvalho da noite eram tecidos caros, que tinham em tempo servido de cortinas em portas romanas. A discussão fora lubrificada por uma ânfora de vinho romano.

— Mas eles são Bretões... — alguém objetou.

— São traidores — cuspiu Vordilic. — Em tempos foram Catuvellauni, mas renegaram o seu nome e a sua raça para envergarem a toga e gabarem-se de serem cidadãos romanos.

— Isso toma-os piores do que inimigos honestos — respondeu outro homem. — Mostram-nos aquilo em que nos transformaremos se não vencermos. Temos que fazer deles um exemplo para toda a Britânia.

— A grande estrada que os Romanos abriram através da nossa terra sagrada ao menos toma as viagens mais fáceis. Se partirmos amanhã, poderemos estar em Verlamion dentro de dois dias! — Vordilic tinha-se juntado a eles quando tinham chegado a Londinium. A pele pendia-lhe dos ossos e o pano de boa qualidade da túnica estava gasto até ao fio. Tudo nele evocava uma prosperidade perdida.

Boudica recuou. As roupas gastas de Vordilic eram apenas a representação visível do ódio que lhe corroía a alma. Estar perto dele era como estar perto de um pântano fétido. O problema de convocar todas as tribos era que os mais motivados para combater os Romanos eram também os mais afetados, no corpo ou na mente, e os menos dispostos a fazerem uma campanha inteligente.

— Podíamos — disse ela numa voz cordial —, mas não devíamos levar mais tempo para atacar? Ao contrário de um exército, uma cidade não pode fugir. As Legiões estão em movimento e devíamos prepararmo-nos para as defrontar.

— Esmagamos a Nona com metade dos homens de que dispomos atualmente — gabou-se Drostac. — Porque haveriam os homens da Vigésima e da Quarta de nos causar mais problemas?

— A Segunda Legião não os reforçará — disse alguém provocando uma risada geral. — Segundo as notícias que recebemos dos Durotriges, o Perfeito do Campo deles acha a situação “demasiado incerta para operações seguras”. Vão manter-se em Isca.

— Enquanto que nós recebemos mais guerreiros todos os dias!
— Disse o Rei Corio. — Não precisamos de nenhuma estratégia complicada... podemos esmagá-los com a simples força dos números!

Lá números tinham eles. As fogueiras salpicavam os campos que se estendiam para norte do que fora Londinium, como papoulas num trigal. Tinha capturado carne e vinho em quantidade suficiente para toda a gente ficar satisfeita. O vento noturno estava cheio da música dos risos e das canções.

Boudica trocou um olhar com Tingetorix. Era o melhor comandante de que dispunham e dera o seu melhor para que ela compreendesse como os homens faziam a guerra.

— Os números não chegam. Derrotamos os soldados da infantaria da Nona Legião porque fizemos com que o terreno jogasse a nosso favor — disse o velho guerreiro reprovadoramente. — Se conseguirmos apanhar o Governador Paulinus durante a marcha, teremos uma boa hipótese de desgastar a sua força. Mas não nos atrevemos a forçá-lo a uma batalha em campo aberto.

— E isso significa que temos de marchar para norte e rapidamente — disse Boudica —, mesmo que isso signifique que algumas das carroças, especialmente as que transportam mulheres e crianças, sejam deixadas para trás. — Talvez ela conseguisse persuadir as filhas, enquanto representantes da Casa Real, a ficar com elas.

— Partiremos de manhã... — continuou. — Tingetorix, quero que leves os teus melhores cavaleiros e partas com um grupo de batedores. Morigenos, trabalharás com os homens que acabaram de se nos juntar? Mostra-lhes que lugares deverão ocupar na marcha e certifica-te de que têm armas. Drostac, ficas encarregue das carroças com os mantimentos. Temos de ter cuidado com a comida... não sabemos o tempo que terá que durar.

As cidades tinham armazéns. Juntar mantimentos para a hoste fora outra das razões que a levava a atacar Londinium.

— Há comida em Verlamion... — resmungou Vordilic.

— Que continuará a estar no mesmo sítio quando tivermos tempo para lidar com a cidade tal como ela merece — disse Boudica de cenho franzido e o Catuvellauniano desviou o olhar.

Nos tempos dourados dos heróis fora tudo muito mais simples, pensou ela enquanto os chefes terminavam o vinho e se preparavam para partir. Quando celebravam as batalhas antigas, os bardos limitavam-se a ignorar os desafios da estratégia e dos mantimentos? Os jovens tinham crescido sem ter tido a oportunidade de ter as experiências que lhes poderiam ter ensinado as realidades da guerra, e os velhos pareciam ter memórias seletivas. As responsabilidades com que arcava tinham pouco a ver com as glórias cantadas pelos poetas mas, apesar de poderem ter uma escala mais alargada, não eram muito diferentes do planeamento quotidiano que qualquer mulher fazia para governar uma casa com muita gente.

Mas combater os Romanos não era como matar ratos numa arrecadação. Estes eram lobos. Como se tivesse pressentido os seus pensamentos, Bogle ergueu a grande cabeça e soltou um uivo grave.

VINTE E SETE

Os corvos dançavam, as asas negras lançando sombras sobre a estrada romana. Boudica observava-os a erguerem-se a mergulhar, rolando e descendo num êxtase alado, o seu próprio corpo moldando-se facilmente aos balanços do carro de guerra.

Em algum lugar, mais à frente nas fileiras, ouviu cantar:

A Grande Rainha semeia a terra de chamas O fumo negro ergue-se alto

Onde os guerreiros moribundos invocam o seu nome E os corvos enchem o céu.

— Aquilo é uma celebração ou uma dança guerreira, o que eles estão a fazer ali? — perguntou em voz alta.

— Alimentamos bem os corvos em Londinium — disse Tascio seguindo o seu olhar. — Devem estar a desejar outra batalha para breve.

Londinium não foi uma batalha, foi um massacre, pensou Boudica, mas duvidava de que Tascio compreendesse a sua falta de entusiasmo pela matança. No entanto, nem mesmo a Morrigan gostava do sangue em si próprio, apenas o apreciava por aquilo que podia comprar.

— Talvez se estejam a divertir enquanto esperam que os alcancemos — disse em voz alta.

— Teriam que esperar mais tempo se tivéssemos de passar montes e vales — disse Tascio. — Os Romanos constroem boas estradas...

Boudica concordou. A Grande Estrada cortava a direito, como o golpe de uma espada, através dos campos a norte de Londinium, onde um trilho celta teria seguido os contornos do terreno.

*A Grande rainha espezinha os cereais, Caminha sobre as vinhas,
O seu alimento é a dor dos heróis, Transforma o seu sangue em
vinho.*

Atrás dela continuavam a cantar. Em dois dias a horda avançara mais do que pensara ser possível. Mas uma legião romana conseguia andar ainda mais rapidamente. Enquanto os condutores e os carros se moviam para norte, seguidos pela multidão desorganizada de homens e carroças, Boudica tinha a sensação de ouvir o eco ritmado das sandálias cardadas a bater na pedra.

Os Romanos vinham aí. O último batedor dissera-lhes que Paulinus reagrupara o seu exército. Colocá-lo-ia no forte em Letocetum, ou continuariam para sul? A estrada romana era o canal através do qual Bretões e Romanos se deslocavam em direção a um confronto inevitável. Boudica pensou na turbulência junto às praias, onde as águas que corriam dos ribeiros das montanhas colidiam com as águas das marés que subiam — duas correntes fortíssimas, cada uma delas obedecendo às leis da sua própria natureza. Quando se encontravam geravam um caos em que nenhuma delas podia vencer.

A estrada é uma armadilha..., pensou, olhando para a fita de pedra que a atraía na direção do horizonte. *Antes de encontrarmos os Romanos teremos que a abandonar e ir para o mato, onde teremos alguma proteção.* Mas entretanto os cavalos e as carroças continuavam a avançar a bom ritmo.

O Sol já estava a descer na direção das colinas ocidentais. A distância, vislumbrou o brilho da água por entre as árvores.

Aquele poderia ser um bom sítio para acampar. Naquela noite reuniria os chefes e obrigá-los-ia a traçar um caminho que contornasse Verulamium.

Os cavalos abanaram a cabeça, relinchando e Tascio refreou-os quando ouviu o barulho dos cascos do outro lado das árvores. Passados instantes apareceu um cavaleiro, aproximando-se a toda a velocidade.

— Verulamium! — gritou. — Fica do outro lado do rio e está indefesa!

Os homens deram vivas à medida que a notícia se ia espalhando pelas fileiras. Momentos depois já havia cavaleiros a galope. Boudica vislumbrou Tingetorix, mas o tumulto já era demasiado para que conseguisse perceber as suas palavras. Fechou os lábios e não deu a ordem que estivera prestes a dar. O velho guerreiro tinha-lhe dito que uma ordem que não pudesse ser, ou não fosse obedecida, era pior do que inútil. A Estrada já a apanhara. Homens e cavalos seguiam os corvos em direção à cidade, os olhos brilhantes com a perspectiva de mais um massacre. Quer quisesse quer não, iam atacar Verulamium.

*

A luz do pôr do Sol passava, oblíqua, por entre as árvores, intensificando a cor vermelha que manchava as pedras em torno do lago. O dia fora quente, mas havia sempre uma brisa fresca junto à Fonte do Sangue. Lhiannon bebeu mais um pouco da água rica em ferro e sentou-se, com um suspiro.

— Já me sinto mais forte — disse Coventa olhando para o lago enquanto as águas escuras se acalmavam.

Ferro para alimentar a criança romana..., pensou Lhiannon com a água a amargar-lhe na língua e tentou afastar aquele pensamento. Não permitiria que os Romanos lhe roubassem também o Tor. Mostrar a Coventa os seus locais preferidos na ilha tinha-a alegrado. Como a mulher mais nova dissera, quando se viajava com a Helve não se tinha muito tempo para escutar a terra.

Naquela tarde tinham-se banhado na Fonte do Sangue e Lhiannon observara, com uma mistura de dor e de encantamento, o novo brilho que a gravidez dera à sua amiga. Desde que descobrira que estava à espera de um filho, Coventa deixara de chorar de noite. Poderia ser possível que um tal horror deixasse uma bênção no seu rasto? Lhiannon não queria acreditar nisso, mas não era tão cruel que fosse questionar a felicidade que Coventa conseguisse encontrar.

Fechou os olhos, esforçando-se por se perder no murmúrio musical que a água fazia ao passar pelo canal da fonte e ao cair no lago.

— Sangue... — murmurou Coventa.

Por instantes Lhiannon pensou que ela estava a fazer um comentário à fonte. Abriu os olhos, o alarme fazendo-a endireitar-se ao ver a mulher agachada e rígida a olhar fixamente para a água. Mearan dissera-lhe que as águas da Fonte do Sangue podiam ser usadas para a vidência... devia ter avisado Coventa para não olhar para o lago.

— Coventa... — controlou a voz e sussurrou em tons calmantes.
— O que estás a ver?

— Um rio num vale... sangue na água... pôr do Sol vermelho, chamas vermelhas, vermelho por todo o lado... — O tom de Coventa era distante e Lhiannon agradeceu à Deusa por lhe ter dado aquele conhecimento sob a forma de uma visão de oráculo e não num sonho.

— Onde é? — perguntou Lhiannon. Era evidente que a virgindade não era necessária para a vidência, embora pudesse

haver outros efeitos que não podia prever. Mas os danos já tinham sido causados, portanto o melhor era tirarem proveito do que acontecera.

— A terra é suave. Vejo cabanas dispersas e casas com paredes direitas e estranhos telhados vermelhos, que parecem escamas.

Há casas ao lado da estrada. Quando os homens atacam, uma delas cai e espalha pedaços de gelo pela estrada... não, são pedaços de vidro.

Casas romanas, pensou Lhiannon começando a suspeitar do que se tratava, ainda que não pudesse saber exatamente onde acontecia.

— Há um estranho recinto quadrado com casas compridas lá dentro. São de madeira e ardem bem.

— Quem é que ateou o fogo? — perguntou Lhiannon.

— O nosso povo... — veio a resposta. — Arrastam os homens de dentro das casas e matam-nos.

Lhiannon aprendera que um druida devia reagir tanto à alegria como à tristeza com igual distanciamento, mas não conseguiu reprimir um impulso de satisfação cruel.

— Homens... e também mulheres... — Coventa vacilou.

— Mulheres de cabelos loiros. Também são do nosso povo... — abanou a cabeça. — Não quero ver mais isto...

— Está tudo bem, Coventa... deixa, deixa que se desvaneça — disse Lhiannon rapidamente. Lembrava-se agora de que a gente de Verlamion adotara os costumes romanos e podia calcular o que por lá deveria estar a acontecer. — Vês a estrada que atravessa a cidade? Segue-a, minha querida. Deixa as lutas para trás.

— A estrada está na minha frente... — Coventa soltou um suspiro agradecido. — A noite cai e a terra está em paz. O que queres que eu veja?

— Segue a estrada para norte e diz-me se vem lá mais alguém. Viaja para norte, vidente, e procura soldados romanos — disse Lhiannon sombriamente.

Durante vários minutos Coventa não disse nada, o cabelo loiro caindo para a frente quando se debruçou sobre o lago. Lhiannon observou-a de perto, aguardando o momento em que ficaria rígida e começaria a tremer.

— Eles não te podem ver, não te podem tocar... — murmurou.

— Sobe para os céus, olha para baixo e diz-me o que vês...

— A estrada atravessa uma planície. Para ocidente o terreno torna-se mais elevado. Há um pequeno forte, mas os Romanos não estão lá dentro. Vejo muitas fogueiras e aquelas tendas de cabedal que eles usam. Estão acampados junto à entrada, numa depressão do terreno, nas colinas, com os bosques por trás. Entre eles e a estrada há um rio ladeado por juncos.

— Sobe mais alto Coventa — murmurou Lhiannon, mas estava a pensar rapidamente. Se os Romanos não estavam a marchar, Paulinus já devia ter escolhido um campo de batalha. — Já viste o suficiente, minha querida... volta depressa para nós agora, para leste, por cima da terra, até chegares ao Tor. Tudo o que viste deixa para trás... não o recordarás, não queres saber disso... volta agora, o teu corpo aguarda-te... — Estendeu os braços quando Coventa se deixou cair.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Nessa com a testa enrugada e contraída enquanto Lhiannon deitava a sacerdotisa.

— Acordará dentro de pouco tempo e, provavelmente, não se recordará de nada. — Com suavidade Lhiannon acariciou-lhe os cabelos encaracolados.

— Achas que o que ela viu é verdade? — perguntou então a sacerdotisa mais velha.

— Temo que sim — respondeu Lhiannon. — Acho que a Rainha Boudica está a atacar Verlamion.

— Mas os Romanos estão à espera dela — disse Nessa. Lhiannon suspirou. — Sim — disse sombriamente. — E ela não sabe.

— Mas não temos maneira de lho dizer... — Nessa olhou-a, subitamente alarmada. — Ou há?

— Tenho de tentar avisá-la — disse Lhiannon tomando a decisão enquanto falava. — Dar-me-ão um cavalo e comida em Camadunon e consigo cavalgar depressa, quando é necessário.

— Mas será perigoso!

— Nenhum Bretão me faria mal e os Romanos estão todos escondidos nos seus fortes ou estão à espera de Boudica. Tu e

Coventa ficarão a salvo aqui em Avalon. Agora cala-te, ela está a acordar... — disse quando a outra mulher começou a mexer-se. — A Boudica precisa de mim, mas prometo-te que regressarei para o pé de ti!

*

Boudica entrou em Verulamium no seu carro de guerra, como um general romano no seu triunfo, mas não havia alegria no seu coração. Estes eram Bretões, por mais traidores que tivessem sido, e não tinham sido os únicos a sucumbir à tentação de macaquear os costumes dos conquistadores. Como poderia recuperar a confiança do seu povo se tudo o que tinha para oferecer era a vingança? Pelo menos tinha conseguido impedir os guerreiros de atacarem as quintas das redondezas, mas a paliçada que rodeara os edifícios cívicos ardia alegremente.

Vordilic estava na frente dos portões aos quais um homem tinha sido atado numa imitação de uma crucificação romana. Uma pilha de panos brancos, que poderiam ter sido uma toga, jaziam no chão. O seu corpo bem nutrido estava ferido e cheio de nódoas negras, mas

ainda estava vivo. O sangue ensopava-lhe o cabelo grisalho e corria-lhe da boca a que tinham cortado a língua.

Vordilic olhou à volta quando Boudica se aproximou. Não era apenas o ódio estampado nos seus olhos que identificava o homem crucificado como parente do seu carrasco.

— Contempla Caludius Nectovelius filius Bracius... — Havia veneno em cada sílaba. — Magistrado de Verulamium. Arranquei-lhe a língua com que renegou o seu povo e os seus deuses. A seguir, talvez, virão os olhos... os testículos há muito que não lhe servem de nada.

— Ele pertencia à tua família? — perguntou-lhe suavemente. Um soluço soou no pilar do portão onde estavam atadas uma mulher e duas crianças.

— Os meus antepassados renegam-no! — cuspiu Vordilic. — Que vá para o Hades com os seus amigos romanos!

— *Que assim seja então!* — As palavras ressoaram fora e dentro de si. Vordilic empalideceu quando a deusa se apoderou do corpo de Boudica. Num único movimento agarrou num dardo e trespassou a carne, o coração e a madeira onde tinham crucificado o homem.

A multidão que se juntara assobiou e deu vivas quando o corpo rechonchudo saltou e se torceu e depois ficou imóvel, com uma última convulsão, mas a parte de Boudica que observava tudo do interior do seu corpo, percebeu que aquilo fora misericórdia.

— Deem o corpo aos pássaros e purifiquem este sítio através do fogo... — A voz, simultaneamente mais dura e mais sonora do que a sua própria voz, penetrou a tagarelice da multidão.

— Portamo-nos bem, Senhora? — perguntaram uma dúzia de vozes.

— Fizeram o que tinham que fazer — veio a resposta. — Vós sois o Meu fogo, vós sois a Minha espada, vós sois a Minha fúria... Mas compreendam o seguinte — o olhar varreu os rostos virados para Si que ficaram imóveis. — O fogo que queima o vosso inimigo também vos queima a vós e o sangue e o fogo não terminarão antes de terem seguido o seu rumo através da Britânia.

A Morrigan apontou o corpo inerte preso ao portão. Do golpe no peito de Nectovellius corria um fio de sangue que atravessava a pele pálida até verter para o chão. — O vosso sangue ou o deles... tudo alimenta o solo.

— Então que corra livremente! — rosnou Vordilic, frustrado e sedento de sangue, lançando-se na direção da mulher junto ao portão. Um grito ergueu-se na multidão e espadas e paus ergueram-se no ar. Em poucos instantes a família de Nectovellius juntou-se-lhe.

— *Isto também é a tua misericórdia?* — balbuciou Boudica interiormente.

— *Não a ferias dado por bem-vinda depois de teres perdido o teu rei?* — foi a resposta. O acesso de angústia que se seguiu fez com que Boudica regressasse ao seu corpo com um soluço.

Respirou fundo e olhou em volta. Uma deusa com cabelos de fogo e vermelha de sangue estava a afastar-se dos corpos desfeitos presos ao portão. Um sobressalto de reconhecimento fez correr o fogo pelas veias de Boudica. *E assim que eles Me veem antes de morrer...* disse a deusa dentro dela. Boudica fechou os olhos, estonteada pela dupla visão.

Quando os abriu novamente já era novamente ela própria. Com a certeza horrorizada de mãe, reconheceu a figura na sua frente como sendo Rigana.

— Que estás a fazer? Sai daqui... — Engoliu as palavras ao ver os vestígios da fúria da batalha ainda nos olhos da filha e percebeu que estava a ser hipócrita, ao querer negar à filha o alívio por que ela própria ansiava. — Rigana... — a voz soou estranha nos seus ouvidos. — Rigana, acabou... volta para mim, minha filha...

A ideia fora dela, mas foi a deusa quem emprestou poder às suas palavras. Continuou a murmurar enquanto o fogo esmorecia nos olhos de Rigana até que esta voltou a ser apenas uma rapariga, com os olhos muito abertos de inquietação, quando se apercebeu de quem era e de onde estava. Mas aquele sacrifício final parecia ter saciado também a sede de sangue da multidão que agora se concentrava mais no saque do que na vingança.

Nessa noite o Ver correu vermelho por baixo da cidade.

*

— Rigana, tenho de falar contigo... — Boudica agarrou a filha pelo braço e fê-la sentar-se ao lado e Argantilla, ao pé do fogo. Os Bretões tinham-se instalado num agrupamento desordenado de tendas e de carroças muito perto das cinzas de

Verulamium. Estavam a empanturrar-se com a comida saqueada e a embebedar-se com o vinho confiscado. — Em breve estaremos a combater os Romanos.

— E o que é que temos feito na última lua? — Rigana libertou-se com um repelão e olhou à volta, rindo à gargalhada.

— Massacres... — disse Boudica sombriamente. — Destruímos três cidades, nenhuma das quais era defendida por soldados. As Legiões serão um assunto muito diferente. Quando os combatermos não te quero na batalha. Tu e a Argantilla ficarão nas carroças.

— *Tu* queres? — Os olhos de Rigana brilharam. — E o que é que te dá o direito de nos negar uma escolha que é livre para todos os outros que aqui estão?

— Vocês são crianças... — começou Boudica.

— Os Romanos não acharam o mesmo... — resmungou Argantilla.

— Nós somos *mulheres!* Lembra-te de que o cordão umbilical foi cortado na fonte sagrada! — exclamou Rigana. — Se temos idade suficiente para nos arriscarmos a morrer no parto, temos idade suficiente para correremos o risco de morrer na batalha!

— Que queres dizer? — Boudica olhou-as, alarmada. — Aqueles vermes deixaram-vos grávidas?

Rigana fixou a mãe com um olhar brilhante e amargo. — Não, mãe. O nosso sangue da lua continua a fluir e o meu continuará a fazê-lo, pois não vejo por que razão alguma vez hei-de querer um homem. Mas se não sabes que nas duas últimas semanas a tua pequena Tilla tem andado a partilhar os cobertores com Caw, então és mesmo cega!

O sangue que manchou a pele clara de Argantilla quando esta lançou um olhar furioso à irmã, revelou a Boudica tudo o que precisava de saber.

— Tu tiras a vida... — protestou a rapariga virando-se novamente para a mãe. — Eu prefiro dá-la. Amo o Caw desde que éramos crianças e quando eu estava a chorar por os porcos romanos me terem desonrado, ele confortou-me. Quando os seus braços estão à minha volta sinto-me perfeita e completa.

Boudica olhou-a, impotente, abalada por uma enorme saudade ao lembrar-se de como se sentira completa nos braços de

Prasutagos. Se Argantilla encontrara um amor assim deveria proibi-lo? *Poderia* fazê-lo?

— Tu és uma Mulher Real dos Icenos... — disse em voz fraca. — Não nos casamos segundo os nossos caprichos...

Mas Rigana estava a rir-se. — São só os Icenos que ouço aqui à volta? Depois de combatermos os Romanos serás senhora da Britânia ou de nada. Se vencermos, os chefes não contrariarão a tua vontade. Se perdermos, os teus desejos não terão qualquer importância.

— Sou tua filha... — Argantilla endireitou-se e secou as lágrimas. — Se podes comandar um exército então eu posso ao menos escolher o meu homem. E juro-te que não terei mais nenhum, portanto se queres dar continuidade à linhagem de Prasutagos, terás que aceitar a minha vontade!

— Depois de combatermos os Romanos voltaremos a este assunto... — disse Boudica asperamente. Mas as suas filhas estavam

a sorrir.

VINTE E OITO

Ao olhar para os campos pensar-se-ia que a terra estava em paz. As espigas maduras do trigo e da cevada pendiam, pesadas, nas espigas aguardando a colheita. Nos campos virados a sul os ceifeiros já tinham iniciado a labuta, com as lâminas das foices a brilhar à luz do Sol de Verão. Tal como as espadas brilhariam quando chegasse o momento de a Morrigan dar início à sua colheita, pensou Lhiannon amargamente quando passava pelos campos. De vez em quando um trabalhador erguia a cabeça e depois voltava a curvar-se sobre o trabalho, com paciência e perseverança, da mesma forma que os seus antepassados tinham servido aqueles campos muito antes de os druidas terem chegado àquelas terras.

E tal como continuarão a fazer quando não passarmos de uma recordação, refletiu incitando o cavalo para que avançasse.

Corriam rumores de que os soldados da Segunda Legião continuavam abrigados por trás das suas muralhas, em Isca. A estrada que deveriam percorrer para levar reforços ao governador permitia a Lhiannon viajar mais velozmente do que poderia ter imaginado, apesar de o seu coração correr ainda mais veloz. Quando entrou nas terras médias da Britânia as quintas onde parou estavam cheias de rumores da destruição de Verulamium.

Mais para norte, no entanto, as conversas eram mais cautelosas. Lhiannon viajava há pouco mais de uma semana quando um camponês, cujos campos abençoou a troco de uma cama e de uma refeição, lhe disse que se estava a aproximar do local onde a estrada de Isca se cruzava com a de Londinium. A um ou dois dias de viagem para norte ficava o novo forte romano de Letocetum, apesar de os Legionários o terem abandonado cerca de uma semana antes.

Mas não tinham passado pelo cruzamento. Estavam à espera, pensou Lhiannon, na encosta onde Coventa os vira. Sabê-lo-ia Boudica?

— A Grande Rainha vem a subir a outra estrada, que fica a leste daqui, com guerreiros de toda a Britânia na sua hoste — disse ele

com uma mistura de orgulho e de medo. — Se quiserdes juntar-vos a ela o meu filho Kitto irá convosco. Tem suplicado a minha autorização para se juntar ao exército e entendo a vossa chegada como um sinal de que ele está destinado a partir...

A Grande Rainha... Fazendo um esforço, Lhiannon manteve uma expressão serena. Não era a primeira vez que se perguntava Quem estaria realmente a comandar o exército e com que objetivo.

*

A Grande Rainha reúne todos os bravos Para que juntem as suas forças

Para que ataquem com a lança e a espada e o bastão E ponham o inimigo em debandada!

Os ocupantes da carroça mais próxima estavam a cantar. Aquela canção era entoada de tempos a tempos desde o início da rebelião, mas naquela noite vinha de várias direções, à medida que novos grupos entoavam o refrão. Boudica ouvira os pássaros fazerem o mesmo nos bosques, com a canção a crescer e a mudar de uma árvore para outra, quando um bando de aves migratórias ali se instalava.

Passara pouco mais de uma semana desde a destruição de Verulamium. Os Bretões tinham alcançado a planície junto ao pequeno rio quando o sol começava a descer, refletindo-se no brilho das armaduras romanas na colina mais acima, onde o governador tomara posição para esperar por eles. Boudica tivera a esperança de os apanhar durante a marcha. Atacá-los colina acima seria difícil, mas se os Romanos quisessem manter-se em segurança ter-se-iam refugiado nos seus fortes. Naquela noite os Celtas banquetearam-se com os bois que os druidas tinham sacrificado aos deuses que governam a guerra. Quando se defrontassem com as legiões

romanas no dia seguinte, os Romanos teriam que descer a colina e, de uma forma ou de outra, a canção terminaria.

Ela é o Corvo e é a Pomba

O êxtase da batalha e do amor...

Seguiu-se o coro. Brangenos começara a cantar, mas nem todos os versos que os homens cantavam eram seus. *A canção fugiu-lhe ao controlo*, pensou Boudica, *tal como o exército foge ao meu. Não sou a sua comandante, sou antes o seu ícone, o seu talismã*. Há já algum tempo que isso se tornara claro para ela. Um general romano podia comandar as tropas a partir da retaguarda, mas enquanto viajavam para norte, Boudica refletira. A sua única esperança de poder comandar aquilo que os guerreiros fariam no dia seguinte era ser a sua ponta de lança.

E se tinha que estar na linha da frente da batalha, quais seriam as suas probabilidades de estar viva quando esta terminasse? A questão pôs-se-lhe com uma claridade fria que a surpreendeu, mas

sem medo. A sua vida seria um pequeno preço a pagar pela vitória. Tendo em consideração o seu número, tinha dificuldade em duvidar da confiança dos seus homens. E se fossem derrotados? O mundo que os Romanos então faziam era um mundo em que ela não queria sobreviver. Mas seria difícil separar-se daqueles que amava.

Boudica olhou-os, enquanto passavam o odre de vinho, os rostos aquecidos pelo brilho do fogo. Alguns tinham feito parte da sua vida com Prasutagos. Aproximara-se de outros durante aquela viagem. Argantilla estava sentada ao lado de Caw, a cabeça brilhante junto da cabeça escura enquanto trocavam murmúrios. Rigana estava sentada aos pés de Tingetorix, escutando histórias de guerra de que ele tinha um repertório ilimitado. Brangenos conversava calmamente com Rianor.

O velho corvo tempestuoso já vira muitas batalhas. Esta seria apenas mais um verso na sua canção. Mas assim que a ideia lhe ocorreu reprimiu-a como indigna. Durante as últimas semanas o druida mais velho fora uma fonte de conselhos muito bem-vinda. Como se tivesse sentido os seus pensamentos, Brangenos ergueu os olhos. Perante o seu olhar calmo ela desviou o seu e pousou-o em Eoc e Bituitos, que ficariam a seu lado até ao fim, acontecesse o que acontecesse.

Daqueles que amara, de quem sentia mais falta era de Prasutagos e de Lhiannon. Mas se o marido ainda fosse vivo nenhum deles aqui estaria. Tentou não pensar nele. O rei caminhava agora nas Ilhas dos Abençoados. Reconheceria sequer a pessoa em que ela se transformara?

Lhiannon, esperava devotamente, continuava na Ilha de Eriu. Em tempos, a angústia de Boudica atraía a amiga da distante Avalon. Mas passara demasiado tempo e o laço que as unia certamente que enfraquecera. Tentou sentir-se satisfeita por a sacerdotisa viver agora numa paz e segurança que Boudica não mais conheceria e, ao pensar nisso, sentiu o coração apertado com a vontade de ver os olhos luminosos da amiga do outro lado da fogueira.

Todos ergueram o olhar quando um rapaz apareceu junto à fogueira e se curvou para murmurar à orelha de Tingetorix. Era o filho de Drostac que saía em patrulha. Boudica levantou-se.

— Quais são as notícias?

— Parece que os Romanos não têm mais de dez mil homens, a julgar pelo número das fogueiras.

— É muito simpático da parte deles facilitarem-nos a contagem —riu-se Bituitos.

— Eles não precisam de enviar batedores para tentar calcular os *nossos* números — comentou Eoc. — Podem ver-nos de cima da colina!

Boudica sorriu. Durante a marcha tinham chegado ainda mais homens. Ela própria não fazia uma ideia exata de quantos Bretões estavam acampados na planície, mas certamente que eram em maior número do que os Romanos, eram pelo menos dez para um.

— Vejam-nos e tremam — respondeu Bituitos.

— Nem precisamos de os atacar com a espada... — disse Drostac com um sorriso. — Podemos correr direitos a eles e espezinhá-los e esmagá-los no pó.

Boudica trocou um olhar com Tingetorix. Os números podiam ser prejudiciais se não fossem bem usados, mas não ia dizer àquela gente para ir para casa.

— Vai descansar, rapaz — disse ao batedor. — Seja para usares a espada ou os pés, amanhã vais precisar das tuas forças.

— Devíamos ir todos dormir — disse Argantilla muito séria,

— incluindo tu, Mãe. — Drostac pegara no braço do filho. Outros começaram a levantar-se.

— Eu sei. — Boudica deu um abraço à filha mais nova.

— Mas as minhas pernas estão demasiado inquietas para ficarem imóveis. Vou dar um passeio e depois prometo que me vou deitar.

Argantilla fez um ar duvidoso, mas Caw pegara-lhe na mão. *Ela será amada*, pensou Boudica agarrando na capa escura, *aconteça o que me acontecer*. De ali de perto vinha o som de mais canções e ela sorriu.

O corno soa e a trombeta toca

Quando a Grande Rainha cavalga,

Branco e de orelhas vermelhas, os seus sete cães

Correm ladrando a seu lado.

Como se a canção o tivesse despertado, Bogle levantou-se do seu lugar junto ao fogo e enfiou a cabeça enorme por baixo da mão dela. Os outros cães ficavam presos durante a noite, mas tinha aprendido que eram fúteis todas as tentativas de impedir que Bogle a seguisse.

— Vês, não fico sozinha...

Caminhou por entre as carroças, parando de vez em quando para trocar uma palavra com alguns dos homens que conhecera durante a viagem. De junto das fogueiras vinham canções e risos, ou o ranger ritmado que indicava alguém a afiar melhor a espada.

As orelhas do cão estremeceram. Das sombras por baixo de uma carroça vinham os sons abafados de pessoas a fazer amor. Algumas das mulheres eram esposas, mas os homens, quando estavam em campanha, deitavam-se com qualquer uma que estivesse disposta a fazê-lo. Era bastante natural — quando as pessoas enfrentam a morte, sentem um impulso irresistível de afirmar a vida.

Mesmo a Morrigan, no dia antes da batalha, fez amor com Dagodevos, pensou Boudica reprimindo um estremecimento de excitação que não era nada bem-vindo. Mas Ela não tinha ali um companheiro que compensasse os seus poderes destruidores com amor. Em algum lugar, ali perto, uma mulher gritou ao atingir o clímax. A rainha deteve-se, tocando o seu próprio seio. Mas aquilo não era solução... já a tentara nas noites longas em que dormia sozinha. Não era apenas do corpo do marido a seu lado que ela sentia a falta, mas também do espírito dele abraçando o seu.

Os amantes convocam a energia e oferecem-na um ao outro, disse a si própria sombriamente. Eu posso apenas oferecer a minha necessidade aos deuses. Obrigou-se a avançar.

No centro do acampamento as pessoas tinham construído um altar votivo, rodeado de tochas e de postes de onde pendiam as cabeças e as peles dos animais que tinham sido oferecidos aos

deuses, enquanto a sua carne era cozida em mil caldeirões e assada num milhar de fogueiras. O odor a sangue pairava, pesado, no ar.

O próprio altar era uma construção feita com postes e barrotes cobertos com tecidos ricos do saque de Londinium. Nas suas pregas as pessoas tinham posto travessas de prata e vasos e pratos de louça samiana, bancos de madeira esculpida, ânforas de vinho e estatuária e roupa bordada. No cimo estavam as cabeças de dois batedores romanos que tinham sido apanhados pela vanguarda celta e, sobre elas, uma confusão de postes sobre os quais estavam pousados três corvos com os peitos negros manchados com o sangue das feridas mortais dos romanos.

— Reconheço-vos —, disse Boudica baixinho. — São as três aves agourentas, perpetuamente abatidas e perpetuamente recebedoras dos sacrifícios...

Alguns morrem para que outros possam viver..., disse a deusa dentro de si — *e o seu sangue alimenta o solo.*

— Eu sei... — respondeu a rainha. Não era de um homem que ela precisava mas sim de respostas e, viessem elas da deusa ou do seu próprio coração, para as ouvir tinha que estar sozinha.

Afastou-se das carroças e atravessou os campos na direção das margens cobertas de juncos do ribeiro.

*

A água brilhava no local onde o ribeiro atravessava a fita pálida da estrada. O cavalo de Lhiannon puxou as rédeas e ela afrouxou-as para que o bicho pudesse beber.

— Senhora, está a fazer-se tarde — disse o filho do camponês.
— Não era melhor acamparmos para passar a noite? Aqui há água e podíamos abrigar-nos naquelas árvores.

Lhiannon esticou as pernas, tentando aliviar os músculos fatigados pela cavalgada que começara cedo naquela manhã. A sugestão dele era tentadora, mas a urgência que a impelia era ainda maior do que fora no dia anterior.

— A que distância daqui fica o forte romano? — perguntou.

— Devemos estar a umas cinco milhas de Manduessedum, mas não queremos acampar lá por perto....

— Não, Kitto, eu *quero* acampar no local onde está o exército da rainha. Os sinais da sua passagem são tão recentes que não podem

estar longe. — Mesmo de noite os rastos deixados pela passagem de tantos homens e animais eram evidentes.

No meio do silêncio, quando o cavalo ergueu a cabeça, pareceu-lhe ouvir um murmúrio esbatido, como o do mar distante.

— Continuaremos até à meia-noite, mas acho que os encontraremos antes disso. — Encurtou as rédeas, enterrou os calcanhares nos flancos do cavalo e partiram.

— Sim senhora — disse o rapaz assumindo, de uma forma óbvia, que aquela certeza provinha da magia druida. Lhiannon não lhe disse que o que a empurrava era o receio de que a batalha fosse travada antes de lá chegarem e de nunca mais ver Boudica.

Mas os deuses pareciam sorrir-lhe finalmente. Antes de terem percorrido uma milha apercebeu-se de que na sua frente o brilho das estrelas era diminuído por um clarão laranja e, naquele momento, na colina à esquerda da estrada, viu as fileiras bem ordenadas das fogueiras romanas.

— A gente da Grande Rainha está à nossa frente na planície — apontou para a estrada. — Podemos puxar mais pelos cavalos agora, pois em breve eles descansarão.

Pouco depois um homem apareceu de um lado da estrada como se fosse um fantasma e barrou-lhes o caminho com uma lança.

— És o Carvilios, não és? — Lhiannon perscrutou a escuridão. — Onde poderei encontrar a rainha?

— No centro do acampamento, Senhora, do lado direito da estrada. — Sorriu. — Ela ficará satisfeita por terdes vindo.

Mas foi Crispus e o resto dos membros da casa de Boudica quem lhes deu as boas-vindas.

— Ela saiu há pouco tempo para passear pelo acampamento — disse Temella. — Faz isso muitas vezes antes de dormir, mas acho que já devia estar de volta.

— Talvez eu devesse ir à procura dela — disse a sacerdotisa. — Tenho as pernas doridas de tantas horas passadas na sela e preciso de andar um pouco para as soltar.

— Ficaríamos gratos. — Crispus pareceu aliviado. — Ela disse que estava demasiado tensa para dormir. Bem, estamos todos, mas nem todos nós iremos entrar na batalha amanhã. Ela tem que descansar, minha senhora. Ela dar-vos-á ouvidos quando lhe *disserdes* para vir para a tenda.

*

Estava tudo muito calmo na terra de ninguém, entre amigos e inimigos. Os patos que nadavam nas águas durante o dia estavam a dormir entre os juncos, mas um mocho passou a voar silenciosamente. Sobre o murmúrio da corrente Boudica conseguia ouvir um barulho ritmado que quase reconheceu. Olhou para o cão, mas a cauda de Bogle estava a abanar. Seguiu o caminho ao longo das margens na direção do vau e deteve-se ao ver uma figura ajoelhada à borda de água.

O que ouvira fora o som de alguém a lavar roupa. Mas porque razão haveria alguém de o fazer durante a noite que antecedia a batalha... o seu raciocínio interrompeu-se quando a mulher se virou. Pálido à luz das estrelas, o rosto que ali via era o seu.

— Que estás a fazer? — A pergunta teria vindo de dentro ou de fora?

— Limpo as roupas da matança... O sangue corre como água... Os corvos pinicam os pescoços dos homens, o sangue espirra num jorro violento, a carne é golpeada pela fúria da batalha e as lâminas mordem os corpos, numa guerra vermelha. Os heróis, no calor da batalha, atacam os inimigos com golpes violentos. A guerra está declarada, os inimigos espezinhando-se... Não lutes amanhã. Será a tua perda. — Nas faces macias brilhava o rastro prateado das lágrimas.

— Não tenho alternativa senão pagar esse preço... — respondeu Boudica. — Não o fazer seria trair o meu povo... — indicou as fogueiras dispersas. — Exibis o meu rosto mas eu conheço-vos, Agitadora, Corvo-Sangrento, Corvo da Batalha. Regozijai-vos com os conflitos. Porque fingis chorar? Fostes vós quem trouxeste esta gente até aqui.

A mulher abanou a cabeça. — Eles diriam que seguiram Boudica.

— Mas sois Vós que tendes o poder!

— O Meu coração é o teu coração. A Minha ira é a tua ira. Tu és a deusa...

Boudica apercebeu-se de que, enquanto a mulher falava, ela também proferia as mesmas palavras. Abanou a cabeça, desesperada. Aquilo seria uma ilusão ou ter-se-ia iludido a si própria durante todo aquele tempo?

— E as minhas mãos são as Vossas mãos? — Gritou.

A mulher pôs-se de pé e Boudica viu o seu reflexo nos olhos da outra.

— Só quando Me permites que as use — foi a resposta suave. — Tu moldas os deuses assim como Nós te moldamos. Mas as formas através das quais nos vês foram sendo aperfeiçoadas através de muitas vidas humanas. Através de Nós passas da mortalidade para a eternidade. Através de Nós, o Divino manifesta-se em ti.

Boudica apercebeu-se de que tremia e não percebeu se aquilo que sentia era terror ou êxtase.

— Então Usareis as minhas mãos amanhã? — Boudica refugiou-se num medo que compreendia. — Conduzir-nos-eis à vitória?

— Tudo terminará como deve terminar em prol de um bem maior — foi a resposta. — Dar tudo pela causa da vida é uma das formas de crescimento, mas o conflito é outra. Na guerra és testada pela destruição. Tanto os vencedores como os vencidos podem falhar, cedendo à ganância ou ao medo. E tanto os vencedores como os vencidos podem transcender a mortalidade. Mas só aqueles que tombam, batendo-se com valentia, recorrem às últimas reservas da bravura. Só aqueles que dão tudo por tudo alcançam a glória que vive nas canções e alimenta as gerações vindouras. Esse é um prêmio que os vencedores não podem reclamar.

— E para alcançar essa vitória serão muitos os que morrerão? —
perguntou então Boudica.

—A morte é apenas uma porta, mas a forma como se atravessa
essa porta altera aquilo que se encontrará do outro lado...

*

Lhiannon deteve-se ao ver a figura de pé junto ao rio, a pele arrepiada pela presença do poder. O cão enorme estava ao lado dela.

Quando Crispus lhe pedira para ir à procura da rainha, Lhiannon pensara se o poder tomara Boudica teimosa. Mas se tal acontecera, pensava agora, o poder e a vontade não eram os da rainha. A figura na sua frente erguia-se para lá da altura dos mortais, rodeada por uma luz que não provinha das estrelas. Destituído de cor pela noite, o cabelo caía-lhe em ondas de sombras. Por detrás das pálpebras cerradas corria um infindável rio de lágrimas.

A sacerdotisa respirou fundo obrigando-se a falar numa voz calma. — Grande Rainha... a noite está a passar e o corpo que usais tem que descansar.

A deusa virou-se, abrindo uns olhos que continham uma mágoa mais velha do que o mundo.

— Tens tão pouco tempo e tanto que aprender... Lhiannon resistiu à tentação de usar aquela oportunidade para fazer umas quantas perguntas do seu interesse pessoal.

— Pouco tempo — concordou —, se a mulher vai poder dormir alguma coisa. Em nome de Dagodevos, Senhora, deixai-a ir.

Após um momento de reflexão, as feições imóveis foram transformadas por um sorriso. — Em nome Daquele que ama quem Boudica amou, eu...

Mais uma vez os olhos se fecharam, mas agora a expressão alterava-se e a energia fluía para longe. Lhiannon estendeu os braços quando as pernas de Boudica cederam e, cambaleando um pouco, pois desde a última vez que a vira a rainha ganhara peso e músculo, deitou-a sobre a erva.

— Lhiannon... — Boudica tentou sentar-se. — Sonhei que virias... — olhou à sua volta, confusa, com Bogle a ganhar a enfiar-lhe o focinho na mão. — Ou será isto o sonho?

— Isto — disse a sacerdotisa com uma acrimônia nascida do alívio — é a véspera da batalha e todos temos de ir para a cama.

— Estava ali uma mulher a lavar roupas ensanguentadas...

— Eu sei Quem encontraste aqui — disse Lhiannon sombriamente e suspirou. — Achas que consegues caminhar ou chamo os teus homens para que te levem?

— De manhã combateremos — continuou Boudica como se não a tivesse ouvido. — Olha pelas minhas filhas, Lhiannon. Mantém-nas em segurança para mim!

— Sim, Boudica... — *Se puder...*

Boudica susteve a respiração e, pela primeira vez, olhou atentamente para a sacerdotisa. — Oh Lhiannon, graças aos deuses por estares aqui! Precisei tanto de ti durante tanto tempo! — Virou-se, a chorar, e Lhiannon recebeu-a nos braços.

VINTE E NOVE

Os deuses tinham-lhes ofertado uma bela manhã. A luz do Sol enchia o céu transparente e as papoulas brilhavam, como gotas de sangue, nos campos maduros. Na planície entre o rio e a encosta os Bretões estavam agrupados por tribo e clã. Aquela luz clara, as suas roupas axadrezadas e às riscas e os escudos pintados eram uma orgia de cores garridas. Alguns estavam despídos até à cintura, as voltas e espirais das pinturas de guerra berrantes sobre as peles claras. Outros usavam cotas de malha cujos anéis metálicos brilhavam ao Sol. A luz do Sol refletia-se nos reforços metálicos dos escudos e nas lâminas brilhantes. E a mesma luz refletia-se nas armaduras dos Romanos que os aguardavam na colina.

O terreno mais elevado dava vantagem ao inimigo, mas estavam de frente para o Sol, pensou Boudica ao saltar para o carro de guerra para trás de Tascio. Mexeu os ombros para trás e para a frente para distribuir o peso da cota de malha. Esta fora feita para um homem grande e, com exceção da zona do peito, estava-lhe

larga. Aquele peso extra parecia dar-lhe maior estabilidade no carro de guerra, apesar de, depois de todas as milhas que já percorrera naquela coisa, o equilíbrio ter deixado de ser um problema. As dobras avermelhadas da sua capa arrastavam-se atrás de si enquanto Tascio conduzia os cavalos para a linha. Sentia as asas de corvo presas ao capacete cônico agitarem-se ao vento. Um segundo carro, transportando Rigana e Argantilla, seguiu-a. Quando a batalha se iniciasse Calgac levá-las-ia de volta para as carroças, dispostas em semicírculo, na outra extremidade do campo. Pelo menos podia confiar em Argantilla para lá ficar.

Quando o carro passou em frente às linhas os homens aclamaram-na. — Boud! Vitória! Bou-di-ca! — Um bando de corvos levantou voo das árvores, soltando gritos exultantes.

Senhora, ouço-Vos... respondeu o coração de Boudica. Ouviste-me? Trouxeste-nos até aqui... ajudai-nos agora! Ajudai-me!

Estremeceu quando a primeira onda de som reverberou através da sua carne e dos seus ossos. Via agora os rostos. Ergueu a espada para saudar Brocagnos e os seus filhos. Segovax e o filho mais velho, Beric e os seus homens, agrupavam-se junto ao clã de Morigenos. Mais abaixo na fileira estava Drostac de Ash Hill com os guerreiros da sua casa.

— Bou-di-ca! — Ouviu-se o grito e com ele veio a descarga de energia carregada de poder que anunciava a chegada de Cathubodva. Outros rostos emergiram da confusão na sua frente: Mandos, que regressara do seu exílio nas terras brigantes quando soubera da rebelião, empunhando a espada que se recusara a entregar, Tabanus, que fora escravo em Colônia, Vordilic e o seu sombrio bando de Catuvellauni, Corio dos Dobunni com os homens da sua tribo. Viu Icenos e Trinovantes, Catuvellauni e Dobunni e grupos mais pequenos de uma dúzia de outras tribos. Havia até alguns Silures, que tinham combatido com Caratac, e que saudaram o torque de ouro que ela trazia ao pescoço. No extremo mais distante das linhas, Tingetorix comandava um grupo misto de guerreiros montados. Todos gritavam, soltando ondas de som que rolavam pelo ar luminoso.

— Bou-di-ca ! Vitória!

Se aquele não era todo o poder da Britânia, havia ali homens de mais tribos do que, até mesmo Caratac, conseguira alguma vez reunir. Na noite anterior Boudica chorara por tantos irem ser mortos, mas hoje, com toda aquela horda na sua frente, parecia-lhe que poderiam perder metade dos homens e, ainda assim, esmagar o inimigo aninhado lá em cima na colina.

Fez sinal a Tascio para que parasse o carro numa pequena elevação.

Enquanto a multidão ia ficando silenciosa, Boudica lutava para conter a energia que lhe faiscava nas veias. O torque de Caratac em volta do seu pescoço estava quente, como se absorvesse a energia. Tinha pensado onde iria buscar a força para chegar àqueles guerreiros, mas o poder era deles — o seu espírito, a sua alegria feroz em poderem finalmente defrontar-se com o inimigo — e ela só tinha que encontrar as palavras. Não sabia se aquela era a resposta de Morrigan, mas servia.

— Homens... não, *guerreiros* da Britânia! — Corrigiu enfrentando o olhar de Rigana. — Os Romanos desprezam-vos por seguirem uma mulher, mas eu não sou a primeira rainha a conduzir Bretões à vitória. Perguntem aos homens de Colônia e de Londinium se uma mulher não sabe vingar as suas feridas! — Calou-se para deixar que os gritos de incentivo se erguessem e morressem.

— Finalmente enfrentamos o nosso inimigo de espada na mão. Vós, cujos filhos foram levados para morrer noutras terras, defendei agora a vossa terra. Vós, que fostes expulsos das vossas casas, reclamai-as agora! Vós, cujas mulheres e filhas foram violentadas, tal como eu e as minhas filhas o fomos... — apontou para o outro carro e um novo rugido fez tremer os céus — restaurai a nossa honra!

A cada palavra o poder que os guerreiros lhe tinham dado era-lhes devolvido, a raiva incoerente transformada em propósito e concentrada no inimigo. Quando parou para respirar ouviu um barulho ténue, vindo da encosta, e percebeu que o general romano também devia estar a dirigir-se às suas tropas.

— Olhem para eles, acobardados na colina! — Apontou a espada ao inimigo. — Destruímos uma legião com uma pequena parte da força que temos agora. Erguei as vossas vozes e Taranis, o trovejador, esmagá-los-á com o som! — Um novo grito fez estremecer os céus quando golpeou o ar. — Eles nem conseguem resistir aos nossos gritos, quanto mais resistir às nossas espadas e lanças! — Quando parou para respirar, as pragas tinham-se transformado num riso lúgubre.

Nas árvores, os corvos faziam eco dos seus gritos. Boudica sentiu os pelos dos braços arrepiarem-se e sentiu que Morrigan estava por perto.

— Vede o belo dia que os deuses nos ofertaram! — gritou. Sentia a sua voz a ficar cada vez mais ressoante e percebeu que o brilho da deusa acrescentava-se ao poder concedido pelos homens. — O sangue romano será uma boa oferenda em sacrifício! Vede como a glória do Outro Mundo brilha através da superfície das coisas... vejo a mesma glória brilhar-vos nos olhos. Avante para a batalha e que os deuses vos acompanhem, pois que estão dentro de vós.

E dentro de mim... veio o pensamento silencioso quando os seus últimos receios se desvaneceram.

— Aqueles que viverem terão honras sem fim; aqueles que tombarem festejarão com os deuses abençoados. Nesta batalha conquistarei ou cairei... é esta a determinação de uma mulher! E quanto a vós... lutai como homens ou vivei como escravos!

Ergueu os braços como que para os abraçar a todos. Tendo deixado de ser o boi paciente sob a canga de Roma, os homens escavavam o chão como garanhões. Naquele instante Boudica amou o seu povo como nunca o amara antes.

Sê a Minha espada, Boudica... — ouviu-se a voz da deusa dentro de si —, *e Eu serei o teu escudo.*

— Boudica! Vitória! — Gritou a hoste. — Grande Rainha! Boudica!

*

O chão tremeu quando os guerreiros da Britânia se lançaram para a frente. Os seus gritos de guerra faziam tremer os ares. Do outro lado do campo, Lhiannon sentia a vibração nos seus ossos. Os pelos dos seus braços arrepiaram-se devido à energia libertada. Mesmo quando Caratac se dirigira às suas tropas ela nunca sentira tanto poder, mas Caratac tivera apenas a Senhora Branca para o proteger. Naquele dia o Corvo da Batalha em Pessoa comandaria a Britânia. Lhiannon vira o seu povo lutar em Durovernon, nas margens do Tamesa e nas colinas dos Ordovices. Mas, pela primeira vez desde que chegara a Manduessedum, Lhiannon começou a acreditar que, daquela vez, tinham possibilidades de ganhar.

Ficou em cima de uma carroça, protegendo os olhos com a mão, quando o carro que transportava Argantilla e Rigana abriu caminho por entre os grupos de guerreiros, atravessou o ribeiro e correu na direção das carroças em semicírculo. Caw, a quem a rainha ordenara expressamente que ali ficasse para as proteger, andava inquieto de um lado para o outro e Bogle gania e puxava pela corda. Lhiannon compreendia a frustração de ambos. O poder que Boudica invocara pulsava-lhe nas veias; também ela ansiava por ter uma espada na mão.

O resto da hoste começou a avançar na direção do inimigo. De vez em quando um campeão individual corria para a frente, brandindo a lança e gritando invectivas. Como seria para os Romanos, forçados a aguardar, suando dentro das armaduras, enquanto esperavam que aquela horda humana rolasse sobre eles? Seria como tentar deter o mar.

O carro deteve-se e Argantilla saltou e correu para os braços de Caw. Rigana ficou onde estava, observando-os com um sorriso de superioridade. Depois agarrou no capacete, sem qualquer adorno e com a parte de cima arredondada e enfiou-o sobre as trancas ruivas. Já envergava uma cota de malha sem mangas.

Bem, aquilo respondia à questão de saber se a filha mais velha de Boudica iria ficar junto às carroças. Lhiannon tentou encontrar a determinação necessária para a tentar persuadir, mas era-lhe necessária toda a sua autodisciplina para não ir com ela. Em vez de a tentar impedir ergueu as mãos numa bênção.

— Que a força de Sucellos te proteja, que a perícia de Lugos guie o teu braço e que a ira de Cathubodva te leve à vitória!

Rigana retribuiu com um sorriso tão parecido com o da mãe que o coração de Lhiannon se apertou. Ela e Boudica tinham-se separado naquela manhã quase sem dizer nada uma à outra, a mente da rainha já concentrada nas exigências do dia e a da sacerdotisa demasiado cheia de palavras. E certamente que já tinham dito tudo o que era preciso na noite anterior. Só agora, vendo a criança a quem mudara as fraldas quando não passava de um bebê chorão, armada e pronta para defrontar o inimigo, é que Lhiannon percebeu que mesmo que tivesse ficado junto de Boudica durante todos aqueles anos, nunca teria tido tempo de lhe dizer tudo o que desejava.

Rigana tirou um dos dardos enfiados na bainha de um dos lados do carro e brandiu-o. Depois Calgac abanou as rédeas sobre os pescoços dos cavalos e partiram a toda a velocidade.

*

Boudica agarrou-se quando o carro começou a andar, com os outros cinco carros de guerra que os Bretões tinham conseguido reparar no seu encaço. Para aquilo não precisava de procurar o oblvio nos braos de Morrigan. A sua ansia pela batalha era a mesma. Um rpido olhar para a retaguarda mostrou-lhe o capacete de Rigana no fim da coluna. Noo tinha tempo para remorsos nem sequer para a surpresa. A medida que se aproximavam, o borrão formado pelos homens da formao romana estava a definir-se rapidamente numa srie de escudos regularmente espaados e de capacetes a condizer, cada homem com um *pilum* na mo. Mas qualquer esperana que pudesse ter tido de que a carga dos carros lanasse o pnico entre o inimigo desvaneceu-se à medida que a encosta se tomava cada vez mais íngreme e os cavalos abrandavam.

O general romano dispusera os homens em trs blocos. Ao centro via os odiados legionrios, distribuídos por coortes, com uma profundidade de oito fileiras, com um espao ligeiramente superior ao da largura de um homem entre os legionrios e o dobro dessa largura entre as fileiras. Nos blocos dos dois lados havia tropas auxiliares com um armamento mais ligeiro. A cavalaria devia estar escondida nos bosques, mais atrs.

— Vira... — disse a Tascio. — Faz-nos passar ao longo da linha...

Invocando Caratac, tirou um dardo do suporte, puxou o braço atrás e lançou-o. O seu primeiro míssil não atingiu o alvo, mas o segundo descreveu um arco por cima da primeira linha e atravessou o pescoço de um homem na segunda fila.

— O primeiro sangue é para mim! — dirigiu-lhes um sorriso feroz.

Um estremeamento percorreu as fileiras inimigas, mas uma ordem brusca, dada em Latim, susteve-as. Boudica atirou repetidamente. Alguns dos dardos eram detidos pelos escudos, mas foram mais aqueles que conseguiram passar até que ficou sem projéteis e Tascio levou os cavalos pela colina abaixo. Passados instantes ouviu os carros virem no seu encalço, mas não ouviu qualquer som do avanço dos Romanos.

Quando se aproximou das suas próprias linhas empunhou a espada e, ao sinal, as setas celtas encheram o céu numa nuvem sibilante. Talvez aquilo levasse os Romanos à ação. O número dos Bretões teria pouca utilidade, a não ser que conseguissem afastar o inimigo das encostas arborizadas que lhe protegiam os flancos.

Os guerreiros afastaram-se para deixar os carros passarem. Na orla dos campos os homens aguardavam para tratar dos cavalos. Quando Boudica agarrou no escudo e recomeçou a dirigir-se para a linha da frente, Bituitos e Eoc seguiram-na na tradicional formação em tríade. Era um conforto ter nas suas costas aqueles homens que tinham protegido o seu marido, era como se o próprio Prasutagos ali estivesse.

Quando chegou à frente das fileiras dos Bretões um dos tocadores de *carynx* avistou-a e soltou um som triunfante. No instante seguinte todas as trombetas tocavam, com as peças de madeira batendo sobre as cabeças de dragão em bronze, zumbindo como abelhas enlouquecidas. Tascio passou a correr por ela para se ir juntar ao pai e ao irmão. Sentiu a raiva da batalha dos guerreiros transportá-la quando a hoste dos Bretões se lançou para diante, aos gritos.

*

Quando Lhiannon estava nas montanhas com Caratac ouvira, certa vez, o rugido de uma avalanche longínqua. O som que se erguia agora do campo de batalha transportava a mesma sensação explosiva da tensão a ser libertada. A luz despedaçava-se nas pontas de uma miríade de lanças erguidas.

A carroça de Boudica fora estacionada no fim da linha onde o terreno se erguia, do lado norte do campo, para que pudesse servir de enfermaria para os feridos. Por detrás da massa de Bretões que avançava, Lhiannon via os guerreiros mais fortes a subirem a encosta na direção da silenciosa linha de aço. Cada vez mais próximos.. . mais um instante e o inimigo seria certamente arrastado.

Quando as linhas estavam separadas por uns quarenta metros, um movimento percorreu as linhas romanas. Quando cada um dos homens ergueu o *pilum*, um borrão brilhante encheu o ar. Cinco mil lanças foram lançadas sobre os Bretões que avançavam; passado um momento um segundo lançamento seguiu-se ao primeiro. Subitamente, a encosta estava coberta por uma confusão de corpos. Sobre os gritos de guerra conseguia ouvir uma horrenda cacofonia de gritos.

A exultação transformou-se em horror quando a carga celta vacilou. Lhiannon obrigou-se a respirar. Vira os carros serem levados para os flancos. Teria Boudica tempo suficiente para voltar ao centro das linhas? Seria dela um dos corpos que ali jaziam?

As trombetas romanas soaram em desafio. Com um grande grito, o centro da linha dos legionários estendeu-se e o bloco das tropas transformou-se uma cunha agressiva cravada na confusão de gente mais abaixo.

E, ainda assim, os Bretões ultrapassavam aos milhares os seus inimigos. Agora que os Romanos estavam em movimento, podiam cercá-los. Lhiannon apercebeu-se de que estava a enterrar as unhas nas palmas das mãos. Obrigou-se a abrir as mãos e a ir verificar as ligaduras que tinha preparado. Brangenos e Rianor não tardariam a trazer feridos.

Senhora dos Corvos!, gritou o seu coração, protegei Boudica!

*

Boudica estremeceu quando as lanças dos Romanos escureceram os ares e uma onda sombria desceu pela encosta. Ligada em espírito aos seus guerreiros, o seu corpo foi abalado pelo choque quando os mísseis atingiram os alvos fazendo-a cair contra o escudo de Eoc.

— Senhora, fostes atingida?

Só em espírito, pensou ela abanando a cabeça e endireitando-se. Tinham que carregar agora, antes que os Romanos pudessem tirar partido da vantagem momentânea.

— Ataquem! — gritou. — Matem! — Brandiu a espada e correu na direção da massa confusa de homens. Quando se aproximou os Celtas lançaram-se para diante e depois recuaram. Viu os homens a esforçarem-se para se manterem de pé ou a caírem, ao serem empurrados para os lados. Onde estavam os Romanos? Queria sangue na sua espada.

Os homens hesitaram quando um grito agudo explodiu na sua garganta. Através de uma abertura momentânea vislumbrou capacetes romanos por cima de escudos vermelhos e o brilho de espadas a serem brandidas. Ela e os companheiros começaram a abrir caminho pelo meio da multidão enquanto a linha romana ia avançando. As espadas compridas dos Celtas brilhavam, mas apertados uns contra os outros, os Bretões não conseguiam desferir golpes eficazes.. Viu o rosto de Morigenos contorcer-se quando a espada de um Romano se enterrou no seu peito.

— Abram caminho e cerquem-nos — gritou Boudica, mas nem mesmo os gritos de Morigan se conseguiam fazer ouvir naquela confusão. Mais e mais Bretões se atiravam para diante, tropeçando nos corpos dos camaradas caídos e, com uma deliberação implacável, a cunha romana enterrava-se neles, um milhar de *gladü* espetando-se num milhar de corpos celtas desprotegidos e, a cada passo, conquistavam terreno.

Boudica viu uma abertura e atacou, apoiada por Eoc e Bituitos, as espadas deles desviando as lâminas romanas. Atacou novamente, apontando por baixo de um escudo; o Romano cambaleou e houve uma abertura momentânea nas fileiras. Movendo-se como um só os três atacaram, fazendo girar as lâminas compridas. Mais Romanos caíram, mas depois os companheiros recompuseram as fileiras e Boudica recuou novamente, com o escudo a gemer sob uma chuva de golpes.

Com o braço do escudo dorido, deteve-se um momento para recuperar o fôlego e viu Rigana com Calgac atrás, perto de Drostac e de Brocagnos e dos seus homens. Começou a avançar na direção deles. Mais Bretões estavam a formar grupos, lançando-se contra as fileiras dos legionários mas, ainda assim, a máquina de triturar carne dos Romanos continuava a avançar.

As trombetas romanas soaram novamente. Um tumulto atrás de si fez com que se virasse. As tropas auxiliares estavam a formar uma cunha e iniciavam também o seu avanço. *Ótimo*, pensou Boudica, *talvez estes fiquem ao alcance da minha espada!*

Por trás deles viu homens a cavalo. A cavalaria romana saíra do seu esconderijo e provocava escaramuças na orla da hoste, as lanças atingindo aqueles que tentavam fugir. Soltando um grito agudo, Tingetorix conduziu os seus cavaleiros colina acima para os defrontar.

— Senhora — gritou Bituitos —, eles vão apanhar-nos entre os dois grupos. Temos que recuar.

Ela olhou-o sem perceber. Os Romanos estavam na sua frente. Trocando olhares, os dois homens enormes aproximaram-se levando-a colina abaixo.

Corio e os seus Dobunni atacavam furiosamente os auxiliares, mas também ele caiu. Depois foram novamente apanhados numa confusão de guerreiros que se lançavam contra as linhas romanas.

E a batalha continuou sempre da mesma forma, numa luta sem fim que progredia tão lentamente como o sol através do céu. Boudica viu o antigo escravo Tabanus cair e Carvilios e outros que também conhecia, mas não havia tempo para o luto. A sua concentração estava focada na linha de espadas, que iam abrindo caminho através dos seus homens, à medida que a batalha descia a encosta na direção da planície.

Os combates abrandaram quando chegaram ao ribeiro. Quando o campo se alargou, soaram novas trombetas e as três cunhas com que os Romanos tinham iniciado a batalha transformaram-se numa dúzia, alargando a linha da frente, rasgando como dentes a horda celta. Em breve o canal estava entupido de corpos e as águas corriam, vermelhas, quando os Romanos reiniciaram o seu ataque.

O inimigo mantinha-se em formação, mas as cunhas mais pequenas podiam ser momentaneamente quebradas. Com Bituitos e Eoc atrás de si, Boudica tinha peso suficiente para abrir caminho e a sua espada sedenta bebia, em grandes tragos, nos golpes que desferia. Recebera vários golpes mas não tinha nenhum ferimento grave. Movia-se agora num estado que estava para lá da exaustão e em que só conhecia a necessidade de matar.

*

A vida esvaía-se do rosto do homem ferido enquanto o sangue ensopava as ligaduras com que Lhiannon tentara tapar o ferimento que ele tinha num dos flancos. Tocou-lhe no pescoço e sentiu a pulsação falhar e desaparecer e recostou-se, com um suspiro. Ao seu sinal Caw levou o corpo para junto dos outros que não pudera salvar.

A única vantagem de cuidar dos feridos era estar demasiado ocupada para se preocupar com o que acontecia no campo de batalha. Lhiannon permitiu-se dar uma olhadela e apercebeu-se, chocada, de que a luta estava agora situada, maioritariamente, do seu lado do ribeiro. Os corpos jaziam amontoados na encosta, do outro lado, como cereais acabados de ceifar. Os corvos já se esgueiravam entre eles. Era uma enorme colheita de heróis, na sua maioria Bretões, apesar de aqui e ali se ver o brilho de armaduras romanas. Quantos daqueles corpos ainda teriam vida em si? Até a batalha terminar não havia forma de poderem fazer uma busca para o saber.

Do outro lado das carroças os poucos que tinham alguma hipótese de recuperação estavam deitados à sombra das árvores. Argantilla e algumas outras jovens andavam entre eles, oferecendo água ou um pouco do precioso xarope de papoulas aos que

padeciam de dores mais fortes. Para alguns a visão do rosto doce da rapariga já era remédio suficiente. Para muitos não havia nada a fazer... e os homens que tinham tratado eram apenas aqueles capazes de se arrastarem para fora do campo de batalha, onde Brangenos e Rianor e algumas das mulheres mais fortes os podiam ir buscar.

— A batalha está a aproximar-se... — disse Caw. Tinha a túnica suja com o sangue de outros homens. Teria, no máximo, uns dezesseis anos, mas naquele momento um homem muito mais velho parecia espreitar dos seus olhos escuros.

— Sim. —A batalha já se aproximara muito mais do que ela esperara e durara também mais do que fora a sua expectativa.

O combate estava quase suficientemente próximo para se poderem distinguir os indivíduos. Observou a massa que se debatia, mas não conseguiu distinguir o capacete de Boudica, coroadado com penas de corvo, no ar brilhante.

— Continuamos a recuar — disse ele.

— Eles têm estado a empurrar-nos o dia todo — respondeu ela bruscamente. — Mas os nossos homens continuam a resistir. — No entanto, da massa de homens que se tinha lançado pela encosta acima, restava pouco menos de metade.

— A rainha disse que se nos parecesse que íamos perder devíamos levar a Argantilla para longe...

Enquanto os Bretões que continuavam a enfrentar o inimigo se recusavam a admitir que tinham sido derrotados, era difícil abandoná-los, apesar de a Deusa saber que já vira um número suficiente de batalhas perdidas para saber reconhecer os sinais. Lhiannon dissera a si própria que se a batalha atravessasse o rio começaria a preparar-se, ou então quando passasse o extremo do círculo das carroças. Era agora evidente para ela que se o combate alcançasse as carroças, na extremidade do campo, todos quantos ainda estivessem de pé ficariam encurralados. Seria um massacre.

Já estava a ser um massacre.

— Junta as tuas coisas — disse através dos lábios cerrados. Boudica insistira para que todos fizessem pacotes com mantimentos para a viagem. — Leva a Argantilla para o mato por trás das árvores e leva também o cão.

— Mas isso fica na direção do forte — disse ele. Lhiannon aquiesceu. — Se houver uma perseguição, não vão estar à espera que ninguém fuja nessa direção.

— E então vós?

Ela olhou novamente para o campo de batalha. — Tenho de esperar um pouco mais. Até que os druidas regressem... —*Até saber o que aconteceu a Boudica...*

*

Boudica cambaleou quando o gládio de um legionário lhe atingiu o escudo e ali ficou enterrado. Por um instante o homem ficou a olhar, com os olhos muito abertos, ao aperceber-se de quem ela devia ser. Ainda estava agarrado à espada quando ela o atacou, girando a espada e atingindo-o no espaço entre o capacete e a proteção dos ombros da sua lorica. O choque fez-lhe vibrar o braço quando a lâmina penetrou no músculo e desfez o osso. O sangue jorrou sobre ela quando libertou a espada.

Quando o homem tombou, o seu peso arrancou-lhe o escudo partido do braço. Eoc Mor avançou para a proteger com o seu. Ouviu um grunhido, virou-se e viu-o dobrar-se sobre si próprio quando um legionário soltava a sua espada. A sua reação instintiva decepcionou a mão do homem.

— Apanhai o escudo dele! — Ouviu a voz de Bituitos junto ao seu ouvido. Olhou para baixo e viu Eoc enrolado, agonizante, com o sangue a jorrar de um golpe enorme no sovaco. Mas continuava a erguer o escudo. Quando ela o agarrou os seus dedos soltaram-se e ele tombou, com um sorriso feroz.

Boudica respirou com dificuldade, tomando consciência pela primeira vez de que estava a ficar cansada. A primeira linha romana ondulava quando os homens da frente recuavam dando lugar a outros, menos cansados, que tomavam os seus lugares.

Do outro lado dos guerreiros mais próximos, avistou Rigana junto ao vértice da cunha, próxima do local onde começara a combater. O capacete e o escudo tinham desaparecido, apesar de Calgac continuar a seu lado. Mas no momento em que os avistou, viu que o guerreiro alto tombava. Avançou na direção da filha, tropeçou num corpo, saltou sobre ele e pisou um outro.

Teria Rigana sequer notado o desaparecimento do seu protetor? Uivando, agarrou a espada com ambas as mãos e fê-la girar num golpe de moinho que ceifou um legionário. Boudica estava à distância de um braço quando um Romano na orla da cunha, do outro lado, atacou a rapariga por trás com um golpe por cima da cota de malha. Rigana continuou a voltar-se e, a espada ensanguentada soltou-se dos dedos inertes e caiu sobre os inimigos, desferindo um arco brilhante.

— Não podeis ajudá-la! — gritou Bituitos quando Rigana desabou. — Ficaremos cercados! Vinde!

Mas acompanhou-a quando Boudica empurrou outro Bretão e cobriu o corpo convulso da sua filha. Os Romanos estenderam-se, de ambos os lados, enquanto as duas cunhas avançavam. Asas negras ribombaram nos ouvidos de Boudica, mas a sua visão era completamente vermelha, tão vermelha como o sangue da sua filha que empapava o chão.

Os seus lábios arreganharam-se e Morrigan gritou.

*

O grito continha toda a angústia, fúria e perda do mundo. Homens de ambos os lados deixaram cair as armas ao ouvir o grito. Lhiannon sentiu o coração parar-lhe no peito. Por um longo instante ninguém se mexeu no campo de batalha.

Depois, lentamente, as cunhas romanas retomaram o seu avanço. Só naquele ponto havia um nó de resistência, no local onde os flancos das cunhas se juntavam. Os homens, amontoados, ondulavam e giravam; mesmo dali conseguia ouvir os seus gritos mas, naquele momento, os combates abrandaram e percebeu que, quem quer que tivessem sido os valorosos guerreiros que ali combatiam, tinham sido vencidos.

E, nesse momento, a resistência celta começou a desenrolar-se como um pedaço de fio embaraçado quando se puxa a ponta central. Quando o avanço romano recomeçou, os Bretões que restavam dispersaram, largando os escudos. E, finalmente, os Romanos desfizeram a formação para os perseguir.

— Acabou... — Brangenos agarrou-a por um braço. — Temos de ir.

— Mas os feridos... — disse ela distraidamente. — Não podemos deixá-los...

— Estão a salvo — a resposta brusca dele silenciou-a. — Os Romanos já não lhes tocarão.

E, olhando para trás dele, ela viu o sangue no sítio onde cada homem recebera o golpe de misericórdia. Sentiu como se ele a tivesse atingido também no coração.

— Que a Deusa na Sua misericórdia os receba... — murmurou —, se é que tem alguma misericórdia... Se é que quer saber...

Quando Brangenos a arrastava pela encosta acima, Lhiannon ouviu gritar. Os Bretões que tinham conseguido passar a linha das carroças gritavam pelos campos, perseguidos pela cavalaria romana. Mas a grande massa de homens estava encurralada, esmagada pelos pés dos seus companheiros ou caindo sob as espadas romanas. E, não se contentando com a matança dos homens, os legionários arrastavam as mulheres e as crianças para fora das carroças e matavam-nas também.

Lhiannon sentiu-se grata pela mão forte de Brangenos, pois quando chegaram à floresta chorava tanto que não conseguia ver absolutamente nada. Quando se deixou cair Argantilla veio ter com ela e, apesar de Lhiannon saber que deveria encontrar algumas palavras de conforto, foi a rapariga quem embalou a sacerdotisa nos braços. Ouvia os druidas a cantar ao lançarem um feitiço de ocultação. Seria por isso que o bosque escurecia tão rapidamente à

sua volta ou teria a morte das suas esperanças levado toda a luz do mundo?

TRINTA

Os corvos tinham partido ao pôr do Sol. Quando a noite caiu sobre Manduessedum chegou a vez dos lobos. Os predadores de quatro patas esgueiravam-se da floresta quando a Lua, em quarto minguante, se erguia sobre a planície. Os lobos romanos percorriam o campo de batalha com tochas, acabando com quaisquer Bretões que ainda respirassem e despindo os corpos de equipamento e de ouro.

Ainda ninguém revistara os bosques sobranceiros ao campo de batalha, mas se os fugitivos queriam estar em segurança pela manhã, o melhor seria que partissem imediatamente.

— Não vou até saber o que aconteceu à minha mãe e à minha irmã! — disse Argantilla teimosamente.

— Morreram, Tilla... — A voz de Caw tremeu de dor. — Podes ver como as coisas estão lá em baixo!

— Não morreram todos, ou quem andam os Romanos a matar agora? Mas mesmo que tenhas razão, queres que aqueles monstros profanem os seus corpos? Se ninguém as for procurar, irei eu.

Ao ouvir aquilo Lhiannon despertou do seu desespero. — Prometi à rainha que te poria em segurança e ficarás segura com Brangenos e com Caw. Eu e Rianor iremos à procura delas... sabemos tomar-nos invisíveis.

— Levem o cão... — disse Argantilla. — Bogle conseguiria seguir o rasto da dona até às portas de Nadubnion.

— E pode muito bem ter de o fazer — resmungou Rianor, mas tirou-lhe a corda da mão.

— *Por onde andar, a minha sombra se há-de ocultar...* — o druida começou a murmurar o feitiço. O manto azul de Lhiannon confundia-se com as sombras e Rianor cobrira o manto branco com uma capa de quadrados verdes e azuis que se confundia com a paisagem. Ao murmurarem o feitiço Lhiannon sentia-se a tornar-se uma só com a noite, até não passarem de duas sombras que seguiam a forma pálida do grande cão.

— *Nada devo temer... não existe aqui ninguém...*

Só os mortos, pensou Lhiannon. Esses havia-os em abundância, jazendo de olhos muito abertos e membros dobrados dos dois lados da linha que marcara o avanço dos Romanos. O carro que transportara orgulhosamente Boudica ainda estava de um dos lados do campo, apesar de os cavalos há muito terem desaparecido.

Ajoelhou ao lado do cão. — Encontra a Boudica, Bogle... encontra-a. Encontra a Boudica agora...

O cão soltou um latido ansioso, olhando à volta como se esperasse que a rainha aparecesse e depois começou a cheirar o chão. Pela primeira vez Lhiannon sentiu uma ligeira esperança.

Tendo o cão por guia não precisavam de identificar todos os corpos, apesar de não poderem evitar encontrar homens conhecidos... Mandos, ainda agarrado à sua amada espada e Tingetorix, esmagado por baixo do seu cavalo, Brocagnos e Drostac, vizinhos na morte tal como tinham sido em vida. Espantosamente, alguns ainda estavam vivos. Kitto, o filho do camponês, tinha sido abatido por uma pancada na cabeça e estava a recuperar a consciência quando o encontraram. Lhiannon manteve-o ao seu lado enquanto avançavam.

Tinha dificuldade em acreditar que Bogle fosse capaz de distinguir um cheiro no meio do intenso fedor a sangue, mas o cão continuava a passar pelos corpos e, quando Lhiannon reconheceu Eoc, soube que Bogle os levava na direção certa.

— Que os deuses te recompensem... sei que a defendeste — murmurou a sacerdotisa dobrando-se para fechar os olhos muito abertos. Segurando a trela de Bogle com uma mão e o braço de Kitto com a outra, continuou.

— Aqui... — disse baixinho quando o cão se deteve a ganir. Na sua frente havia uma enorme pilha de corpos, Romanos misturados com Bretões. Atou o cão à perna de um homem morto e ela e Kitto começaram a afastar corpos frios.

Encontraram Bituitos primeiro, com a armadura fendida e uma enorme ferida no peito e, mesmo por baixo dele, Boudica, enrolada sobre o corpo da filha no centro de um anel de corpos massacrados. Rigana estava morta, mas quando Lhiannon abraçou Boudica suavemente, Bogle deu um salto e começou a lambe-lhe o sangue da cara.

— Chiu Bogle, para trás, para baixo! — murmurou Lhiannon lançando um olhar aflito na direção das tochas romanas. O cão agachou-se a abanar a cauda. Por um momento Lhiannon ficou a olhar e depois pousou um dedo no pescoço da rainha, procurando o pulso. Não sabia dizer se aquilo que sentia era o bater de um

coração ou se seriam os seus próprios tremores. Mas já tocara mortos suficientes para saber que o corpo de Boudica não estava completamente frio.

— Deusa abençoada, ela está viva! Depressa Rianor, ajuda-me a levantá-la.

Kitto pegou no corpo de Rigana e, avançando com um cuidado infinito, dirigiram-se para a colina. Tiveram de se deitar por terra por duas vezes quando uma patrulha romana se aproximou demasiado, mas a magnitude do desastre estava a seu favor. Até mesmo o mais ganancioso dos legionários precisava de tempo para revistar todos os mortos.

Quando alcançaram o abrigo das primeiras árvores Lhiannon olhou para trás. Por trás do brilho das tochas romanas, outra figura movia-se por entre os mortos. Alta e graciosa, um brilho luminoso seguia os seus passos. Tocou no ombro de Rianor.

— Aquela é uma das nossas mulheres que anda ali em baixo?
Ele seguiu o olhar dela, engoliu em seco e depois, muito baixinho, murmurou o último verso da canção de Brangenos:

A Grande Rainha percorre o campo de batalha E chora todos os mortos, Ao Seu abraço eles entregam as suas almas Ela livra-os de toda a dor.

A Morrigan chora..., pensou Lhiannon e sentiu um conforto amargo ao saber que não choravam sozinhos.

*

— Ela perdeu muito sangue — disse Brangenos quando deitaram a rainha na colina.

— Sim... — O luar inconstante que passava por entre os ramos mostrava-lhes os golpes nos braços e nas pernas compridas de Boudica. Estes quase tinham parado de sangrar, mas havia um corte profundo num dos flancos que parecia grave. Só podiam ligar-lhe os ferimentos e deitá-la, bem tapada, sobre um leito de ramos. Lhiannon ergueu os olhos quando Caw apareceu entre as árvores.

— Os Romanos andam a revistar tudo para leste e para sul, ao longo da estrada. Não podemos ir por aí.

— Eu cacei em todas estas colinas — Kitto falou das sombras onde ele e Argantilla tinham estado a abrir uma campa pouco funda para Rigana. — Posso levá-los para lá do forte romano e dar a volta, até ficarmos a ocidente daqueles montes. Daí poderemos ir até à quinta do meu pai.

Parecia que a Deusa não os abandonara completamente. Pela primeira vez Lhiannon atreveu-se a ter a esperança de que, talvez, conseguissem escapar. Para quê era uma questão para depois.

*

Para Boudica a consciência regressou numa onda de dor. Estava deitada em cima de qualquer coisa que ondulava e saltava e cada movimento espalhava a agonia por todo o seu corpo. Respirou com dificuldade e sentiu uma dor tão profunda por baixo das costelas que nem conseguiu gritar. O movimento parou e qualquer coisa doce

foi enfiada entre os seus lábios. Reconheceu o sabor das sementes de papoula e do mel e perdeu o conhecimento.

Quando recuperou novamente a consciência pensou que estava a bordo do navio que a transportara para Avalon. Mas Prasutagos estava ao seu lado, a pele bronzeada e o cabelo queimado pelo sol até ficar quase branco.

Vi-te na tua pira. Também estou morta? O seu coração deu um salto quando ele lhe sorriu.

Ainda não, meu amor. Ainda te falta muito. O rosto dele começou a desvanecer-se e os movimentos por baixo de si tomaram-se mais rápidos. Agarrou-se à visão, tentando ignorar a agonia torturante e persistente.

Não me deixes outra vez!, gritou o seu espírito.

A escuridão ondulou entre ambos mas ouviu a voz dele, como através da dor a ouvira há muito tempo... *Boudica, estou aqui...*

Na vez seguinte em que acordou estava deitada à sombra sobre qualquer coisa macia e imóvel. Vozes familiares murmuravam nas proximidades. Devia ter soltado um som qualquer, pois o rosto de Argantilla apareceu por cima de si.

— Mãe! Estás acordada! Como te sentes?

Antes queria ser chicoteada de novo e sinto-me tão fraca como um cachorrinho só com um dia, pensou apercebendo-se dos inúmeros sítios que lhe doíam. — Sinto-me melhor por te ter visto... — disse em voz alta. — Onde estamos? — acrescentou quando Tilla lhe dirigiu um sorriso lacrimoso.

— Na quinta do Kitto. Eles têm sido bondosos. — A rapariga calou-se e engoliu em seco. — A Rigana...

— ... Morreu. Via-a cair. Era o que ela queria. — *E também era o que eu queria...* Boudica não permitiu que esse fato lhe alterasse o sorriso. Era um perigo para todos eles. Teria sido melhor se tivesse morrido no campo de batalha. Mas agora Lhiannon nunca lhe concederia o golpe de misericórdia.

Descobriu que conseguia lembrar-se bastante bem da batalha e pensou se os traumas sofridos pelo corpo a teriam de alguma forma protegido dos seus terrores, ou se a magnitude do desastre a ajudara a suportar a dor física.

Argantilla desviou-se e viu Lhiannon, o rosto emagrecido e os olhos encovados pela fadiga. Com uma eficiência suave, a sacerdotisa tomou-lhe o pulso e verificou a temperatura da sua testa.

— Tens um pouco de febre, mas pudemos limpar e coser as tuas feridas enquanto estavas inconsciente e parecem estar a evoluir

bem. Descansa enquanto podes. Os Romanos andam a revistar tudo. Não podemos ficar aqui muito tempo.

— Temos cavalos? — perguntou Boudica.

— Podemos arranjá-los. Suponho que podemos fazer uma maca puxada por cavalos... — disse Lhiannon com ar duvidoso.

— Amarrem-me à sela. Se cair, prendam-me melhor. Se morrer, enterrem-me como fizeram com a Rigana — disse friamente. — Se estiverem em perigo de serem apanhados, cortem-me a garganta e fujam. Não serei arrastada acorrentada pelas ruas de Roma.

Lhiannon apertou os lábios e tocou novamente na testa de Boudica. — Não deixarei que morras. Estamos a fazer sopa. Tens que beber o mais que conseguires para fortaleceres o sangue. Ficaremos aqui o tempo que pudermos.

*

A estrada romana agora estava-lhes vedada. Kitto guiou-os por caminhos sinuosos e por caminhos de cabras até à quinta do seu tio que, por sua vez, os passou a um irmão adotivo e assim, passados de um amigo para outro, percorreram as terras dos Cornovii e dos Dobunii em direção a Avalon.

Os campos estavam cheios de rumores. Dizia-se que o comandante da Legião em Isca, ao saber da grande vitória que o seu medo impedira as suas tropas de partilhar, se lançara sobre a sua espada. Se tal fosse verdade, pensou Lhiannon amargamente, então esse fora um oficial romano que tinham conseguido matar. Os

restantes estavam vivos e cheios de vigor, matando todos quantos suspeitavam alimentar simpatia pela Rainha Assassina.

Mas os Romanos ainda não tinham começado a procurar para ocidente. A maior parte do exército de Boudica era proveniente do Sul e do Leste, e eram esse os alvos da ira das Legiões. Os Icenos que tinham conseguido regressar às suas casas em breve desejariam, provavelmente, ter morrido no campo de batalha.

Os fugitivos viajavam lentamente por caminhos escondidos e não encontraram patrulhas. À medida que avançavam, Boudica ia ficando mais forte. A maior parte das suas feridas começava a fechar. Mas embora nunca se queixasse, todas as noites, quando paravam, caía imediatamente num sono exausto e a sua cor alternava entre a vermelhidão e a palidez.

Quando chegarmos a Avalon poderá descansar, pensou Lhiannon. Farei com que fique bem.

A Lua velha tinha desaparecido e estava a inchar novamente em direção à Lua cheia, quando desceram as encostas sul dos Montes Lead e viram, do outro lado dos pântanos, o cume pontiagudo do Tor.

*

E assim, após tudo o que aconteceu, estou de regresso a Avalon, pensou Boudica.

Tinham-na trazido para o pomar de macieiras para gozar a paz sonolenta da tarde. Quem lhe dera conseguir acreditar que tudo o

que acontecera, desde que ela e Lhiannon tinham saído dali, não passara de um pesadelo. Mas isso significaria não ter tido Prasutagos. Não contara a Lhiannon, que se esforçava tanto para a fazer viver, que ele a acompanhava nos seus sonhos.

A luz do Sol salpicava as ervas por baixo das macieiras que cresciam junto à Fonte do Sangue. Em Avalon o mundo parecia muito belo. Mas na sua terra as coisas poderiam estar muito feias. Seria cobardia fugir àquilo que os Romanos faziam aos Icenos? Quando a ideia lhe ocorreu, Boudica começou a levantar-se e uma onda de angústia atingiu-a novamente.

Os ferimentos nos braços e nas pernas estavam a sarar, mas havia algo de muito errado dentro de si. Talvez a decisão de viver não fosse sua. E porque estaria surpreendida, pensou quando a escuridão recuou e conseguiu ver novamente as folhas. Alguns destinos não podiam ser evitados: perder o filho, perder Prasutagos, perder a batalha pela Britânia...

Deusa, porque me trais te? Tinha os olhos a arder com lágrimas de raiva. *Prometeste-me a vitória...* Mas desde Manduessedum que o local na mente de Boudica, outrora ocupado por Morrigan, estava vazio. Talvez que o que ela pensara ser a Senhora dos Corvos não

tivesse passado de uma decisão nascida da sua própria raiva e talvez tivesse sido ela a traí-los a todos...

*

— Bituitos, cuidado! — O grito de Boudica despertou Lhiannon que ficou com o coração aos saltos. — São tantos, raios... não consigo passar pelos seus escudos!

Desde Manduessedum a sacerdotisa aprendera a ter o sono leve e a ficar alerta, pois os primeiros resmungos de Boudica significavam que a sua febre voltava a subir. Brangenos ajudava a tratar dos

ferimentos e Coventia e Argantilla podiam vigiá-la durante o dia, mas durante as noites Lhiannon batia-se pela vida de Boudica com a mesma ferocidade com que esta combatera Roma.

A luz da lamparina de azeite mostrou-lhe que Boudica esbracejava como se empunhasse uma espada. Na pequena casa que partilhavam foram necessários apenas dois passos para ficar ao lado da doente. Embebeu um pano em água fria e pousou-o sobre a testa ardente da rainha. Bogle, que se levantara ao mesmo tempo que ela, pousou a cabeça na almofada.

— Chiu, calma minha querida. A batalha terminou. Estás segura comigo agora... — Lhiannon achou que devia ser perto da meia-noite... podia dar mais chá de salgueiro à doente sem correr nenhum risco. — Acorda agora... abre os olhos e dou-te uma coisa para ficares melhor. — Levou a taça aos lábios de Boudica e a rainha engoliu. As suas pálpebras moveram-se e bebeu novamente.

— Raios partam todos os Romanos... — murmurou quando Lhiannon a deitou novamente. — Combati-os um dia inteiro. Não devia ter de os combater novamente. — Pousou a mão na cabeça do cão.

— Não te rales, querida. As memórias acabarão por se desvanecer. E preciso tempo para que os mortos nos deixem — disse Lhiannon. — A princípio vemo-los por todo o lado. Mas, à medida que o tempo vai passando e o mundo muda, eles retiram-se e nós continuamos.

— Nem sempre... — respondeu Boudica. — E não tenho só pesadelos. Prasutagos está comigo o tempo todo... — Calou-se. — Desculpa. Sei que não gostas de me ouvir falar dele.

— Ele era um bom homem... — respondeu Lhiannon bruscamente. — Mas está morto e tu tens que te concentrar em ficar boa.

— Talvez. — Boudica suspirou. — Quando estivemos aqui, da outra vez, encontrei o caminho para o mundo das fadas e eu não consegui seguir-te. Mas acho que é para lá que vou agora e tu um dia seguir-me-ás.

Boudica sempre fora uma mulher forte com bons músculos e uma estatura alta. Com o tempo e as gravidezes tinha até ficado um tanto pesada, mas perdera todas as gorduras durante a campanha. Mas agora, recortados pela luz da lamparina, os ossos bonitos da sua cara viam-se claramente. A barriga de Lhiannon apertou-se quando reconheceu como a febre lhe estava a comer a carne.

— Ainda podias ir até lá... — disse Lhiannon desesperada, tentando negar aquilo que acabara de ver. — A rainha das fadas poderia curar-te, ou manter-te viva até...

— Até nada... — interrompeu-a Boudica. — Uma vida eterna e imutável, sem nunca encontrares aqueles que amaste, sem nunca ficares mais sábia, sem nunca regressares a este mundo para viver novamente?

Lhiannon estremeceu, ouvindo nos lábios de Boudica os mesmos argumentos que dera à rainha das fadas.

— Desejadas uma coisa assim para ti própria, Lhiannon? Porque o haverias de desejar para mim?

— Nunca mais veres Prasutagos, é o que queres dizer? — perguntou Lhiannon amargamente. — Mas quando ele estava a morrer, não o terias levado para qualquer sítio onde pudesse viver um pouco mais, se tivesses essa possibilidade?

— Prasutagos era o meu... — Boudica calou-se, abrindo muito os olhos ao encontrar o olhar de Lhiannon.

Percebes agora?, pensou a sacerdotisa. *Percebes agora que te amo?*

— Ele era o teu marido — disse em voz alta. — Nunca tentei afastar-te dele enquanto foi vivo. Mas não permitirei que ele te

arraste para a morte se houver uma forma de te salvar. Raios, Boudica — acrescentou subitamente —, tu *queres* morrer?

— Neste momento não — disse a outra mulher com franqueza. — Também não queria entrar na batalha mas, quando chegou a hora, entrei. Admito que se toma mais fácil quando temos um milhar de guerreiros sedentos de sangue aos gritos à nossa volta. É difícil entrar sozinha por essa porta. Prasutagos teve que o fazer e eu tive que o ajudar. Mas tu não queres ajudar-me... tenho dores, Lhiannon — disse então Boudica. — Queres condenar-me a viver em agonia?

— Imagino que doa — disse a sacerdotisa em tom agreste. — Sempre foste tão robusta como qualquer um dos teus cavalos. Com a exceção dos partos, alguma vez sentiste dor? Tiveste boa vida durante dezessete anos e depois passaste três meses em campanha. Que sabes tu das longas lutas que deixam a alma exausta?

Horrorizada, Lhiannon viu Boudica encolher-se, atingida pelas palavras duras. Bogle estendeu as pernas compridas e ficou a olhar para as mulheres com um ar ansioso. Uma vida inteira de angústias, que a sacerdotisa nem soubera sentir, transbordava agora e não conseguiria estancar a torrente até ter terminado.

— Perdeste uma batalha... eu tive de gastar todas as minhas forças em magias inúteis e assistir ao massacre repetido dos nossos guerreiros. Falhar e morrer é duro, mas ainda é mais duro falhar e persistir, sabendo que provavelmente se perderá de novo!

Boudica chorava em silêncio. Lhiannon sentiu-se subitamente velha e doente. O ódio que sentia pelos Romanos era algo de brilhante, puro, um ódio justificado. O que ela e Boudica estavam a fazer agora uma à outra era o lado sombrio do amor.

Mas, por mais fraca que estivesse, a rainha ainda não estava vencida. Passados alguns instantes respirou fundo e fixou na sacerdotisa o olhar com que comandara o exército.

— E então as coisas que *tu* não te atreveste a fazer? — perguntou. — Quando cheguei a Mona, o teu desejo mais profundo era servir como Oráculo... pelo menos — os seus lábios arreganharam-se — quando não sonhavas com os braços de Ardanos. Helve morreu e tu és a nossa alta sacerdotisa aqui, em

Avalon. Porque não aproveitaste a oportunidade para viajar na estrada dos espíritos?

Não era justo, pensou Lhiannon, usar contra ela aquilo que tinham partilhado, mas estavam ambas desesperadas. O que a magoava tanto era a verdade das palavras de Boudica. Em Eriu, aprendera a buscar a iluminação através da privação dos sentidos numa sala escura, aprendera a adivinhar pelo toque e estudara a forma como a poesia pode levar a mente para além da razão, até aos saltos intuitivos que conduzem à verdade. Mas desde os seus tempos com Caratac que não usara a magia para fazer nenhuma pergunta para a qual a resposta lhe importasse.

Privei-me tanto do êxtase da carne como do êxtase do espírito,
apercebeu-se.

— E se eu o fizer... — disse ela lentamente —, se eu for à procura das respostas que temo, lutarás pela vida?

Desta vez, reparou com amargura, o estremecimento de Boudica não se devera à dor física.

— Lutarei — disse a rainha numa súbita decisão melancólica, — se, quando estiveres entre os mundos, me deixares fazer-te perguntas. — Fez-se um longo silêncio. Bogle, pressentindo que a discussão terminara, soltou um grande suspiro e esticou-se no chão.

— Desculpa Lhiannon, desculpa por tudo... — disse Boudica. — Quem me dera que nunca tivesses regressado de Eriu.

— Pois eu não. — Com a sensação de vazio que a fúria lhe deixara, Lhiannon vislumbrou algo que poderia ser a paz. Também aquilo, pensou letárgica, era um dom de Morrigan. — Teria lamentado eternamente não ter partilhado contigo a batalha final.

— Então é melhor dares-me alguma da tua poção mágica... — De repente Boudica ficara muito pálida.

Quando os olhos da rainha se fecharam, Lhiannon debruçou-se sobre ela com um terror súbito, mas Boudica ainda respirava. Porque teriam gasto tempo a magoar-se uma à outra, pensou a sacerdotisa desesperada, quando podiam não dispor de mais tempo?

*

Lhiannon observou Boudica desanimadamente quando pousaram a maca junto ao fogo, sentindo-se demasiado ansiosa pela amiga para rezear por si própria. A febre da rainha subira. Olhava-a com olhos demasiado brilhantes quando Lhiannon se sentou no banco de três pés que Caw construía para o ritual.

Compeliste-me a sentar-me aqui..., disse Lhiannon silenciosamente. *Que resposta tremenda quererás de mim?* Por um longo instante os seus olhos encontraram-se e Boudica ergueu a mão, na saudação dos guerreiros àqueles que partem ao encontro dos inimigos.

A bebida sagrada ardia na barriga de Lhiannon, a grinalda cingia-lhe a testa. Doía-lhe o dedo no local onde o picara para deitar sangue na água da taça das bênçãos. As respostas vinham sempre mais facilmente quando a Necessidade impelia as perguntas e os deuses sabiam que estavam bem necessitados de sabedoria. Tinham-se juntado para celebrar o ritual no sopé do Tor, entre as Fontes do Sangue e do Leite. Até mesmo ali sentia a energia que espiralava pela colina e sabia que esta a transportaria rapidamente para longe. Quando se cobriu com o véu, sentiu a consciência começar a transformar-se e reprimiu um tremor de medo.

Suave, como é suave o ar da tarde,

O pôr do Sol deixa o mundo mais belo,

A paz é uma bênção em toda a parte...

O crepúsculo cobrira o mundo com sombras frescas sob o céu salpicado de estrelas. Apesar da ansiedade, aquela paz confortou-a quando Brangenos entoou as palavras familiares.

Agora, ao morrer do dia,

A nossa estrada, um último raio brilhante,

Entre os mundos encontramos o caminho...

Lhiannon sentiu-se cair apesar de o seu corpo permanecer imóvel sobre o banco. Como se estivesse muito distante ouviu Brangenos chamar:

— Filhos de Don, porque viestes aqui?

— Procuramos as bênçãos da Deusa... — responderam os outros.

— Chamem-Na, então!

Os muitos nomes por que as tribos tinham chamado as suas deusas ecoaram no ar, uma miríade de partículas juntando-se na construção de um todo maior. Lhiannon sentiu a sua identidade estremecer, como se estivesse a ser fustigada por um vento forte. E depois Boudica ergueu-se acima dos restantes...

— Cathubodva, eu Vos invoco! Senhora dos Corvos, trouxe-nos aqui. Dai-nos agora o Vosso conselho!

Lhiannon tentou abanar a cabeça numa recusa. De todos os rostos que a Deusa podia usar, aquele não era certamente o que necessitavam agora! Mas já sentia as asas negras a baterem na sua consciência e a levarem-na para longe.

De uma grande distância apercebeu-se de que se endireitava, movendo os ombros para trás e para diante e estendendo os braços e soltando uma gargalhada rouca quando a Morrigan chegou.

— Esta montada não é tão forte como era a outra, mas servirá o teu propósito. Que queres de Mim?

Fez-se um silêncio desconfortável como se os espectadores, tendo invocado a deusa, lamentassem agora tê-lo feito. O primeiro a recompor-se foi Caw.

— Senhora, quando terminarão as represálias dos Romanos? Quando será seguro levar Argantilla de regresso a casa?

Fez-se novamente silêncio. Lhiannon tremia, sentindo que o divertimento da Morrigan se desvanecia. O que o substituiu foi a dor.

— Não verei um mundo que me agrade — lamentou-se a deusa. — Uma Primavera sem sementeiras, um Outono sem colheitas, mulheres massacradas nas suas casas e os homens nos seus campos. Ramshill arde e as muralhas de Dunford são derrubadas. Marte Ultor percorre a terra, vingando aqueles que morreram queimados nas cidades romanas.

Brangenos pigarreou. — Não existe esperança para nós, Grande Rainha? Como iremos sobreviver?

— Nem mesmo os deuses podem combater a Necessidade — respondeu a deusa. — O sangue alimenta a terra, a carne alimenta os corvos e vocês alimentam o povo, oh filho do corvo, tu com as tuas histórias... — O druida encolheu-se perante a gargalhada rouca da Morrigan.

— Hoje caem vocês, os Bretões, mas um dia chegará a vez de Roma e, quando as Legiões partirem, as vossas canções e o vosso sangue continuarão aqui. Uma e outra vez cairão, mas há sempre qualquer coisa que sobrevive. Não erraram ao fazer a guerra... obrigaram os vossos conquistadores a respeitarem-vos. Agora têm que se vergar aos golpes e usar a vossa inteligência para salvarem o que puderem.

Era o que Ardanos dissera, Lhiannon não gostava mais de ouvir aquelas palavras só por saber que Morrigan concordava.

— O sangue dos meus milhares já alimentou os campos de Manduessedum — gritou Boudica. — O que posso oferecer para

salvar os que restam?

— O teu sangue... — A resposta caiu no silêncio como uma pedra. Naquele local secreto onde o seu espírito se abrigava, Lhiannon começou a chorar enquanto a deusa usava os seus lábios para decretar o fim de Boudica. — São os teus próprios votos que te obrigam. O sangue do soberano é o sacrifício final.

Argantilla deu voz ao protesto que o coração de Lhiannon gritava, mas o grito de Morrigan soou mais alto.

— Não compreendem, nem mesmo agora, Quem Eu sou? Sou o lamento do guerreiro moribundo e o grito daquele que o matou; sou o grito da parturiente e o primeiro vagido do seu bebê. Temam a minha fúria, pois se não for compensada ela destruirá o mundo. Só do Caldeirão de Dagdevos o vosso povo poderá renascer!

*

O Caldeirão era a Fonte do Sangue. Lhiannon não podia renegar as palavras que tinham saído da sua própria boca, apesar de preferir ter cosido os próprios lábios a ter tido que as ouvir. Desta vez fora-lhe concedido, não apenas recordar o que a Morrigan dissera, como sentir as emoções que tinham acompanhado as palavras, a tremenda explosão de amor e sofrimento. Mas ao dar voz à deusa fizera tudo quanto conseguia suportar. Foi portanto Brangenos, com a sua calma disciplinada, que os conduziu nas orações de preparação do ritual.

Num silêncio gelado, Lhiannon seguiu a maca de Boudica enquanto Caw e Rianor a transportavam para o lago. Havia demasiada luz, pensou quando eles a pousaram. O reflexo do Sol na água magoava-lhe os olhos. Os cabelos de Boudica flamejavam sobre a almofada e o seu rosto parecia iluminado por dentro.

Ela parece estar tão em paz, pensou a sacerdotisa desesperadamente. A rainha tinha a mesma expressão que ostentara antes da batalha, todas as suas forças concentradas num único objetivo. *Talvez, pensou a sacerdotisa, seja eu a suportar o seu medo...* Mas se aquela era uma punição da Morrigan ou um sinal da Sua misericórdia, não sabia dizê-lo.

Coventa pegou-lhe num braço e ajudou-a a sentar-se. Caw tomara o seu lugar habitual ao lado de Argantilla e os dois druidas ficaram ali próximos, juntos.

— Tilla — disse a rainha suavemente. — Vem cá, minha querida e escuta-me. Queria tanto poder ficar contigo. Creio que tu e o Caw terão filhos lindos. Não podes regressar já a Ramshill. Mas se os deuses aceitarem o meu sacrifício um dia isso poderá ser seguro.

Poderás levar o torque contigo quando voltares... — curvou a cabeça para que a filha pudesse abrir os fios de ouro entrelaçados que formavam o fecho do colar. Estes não queriam ceder e

Brangenos teve que enfiar o punhal por baixo de um dos lados e cortá-lo.

— Talvez seja adequado — disse a rainha quando Argantilla ficou com os dois pedaços na mão. — Creio que se passará muito tempo até que um príncipe do nosso povo volte a usar, novamente, um torque como esse. Mas ele deve regressar a casa. Enterra-o em terras icenas e o meu espírito acompanhá-lo-á para cuidar de ti.

— Construiremos um túmulo sobre ele e o nosso povo trará oferendas em tua honra! — disse a rapariga apaixonadamente.

— Não! — gritou a rainha. — Se o fizerem, os Romanos encontrá-lo-ão e encontrar-te-ão a ti! O local e a forma da minha morte deverão permanecer um mistério. Esconde o torque num local secreto que ninguém conheça... Mas façam a minha pira no cume do Tor e o vento transportará as minhas cinzas por toda a terra. Fiz o juramento aos Icenos, mas combati por toda a Britânia.

Também Caratac combatera, pensou Lhiannon, mas recusara fazer o sacrifício final. Se ele tivesse oferecido o seu sangue naquela última batalha, teria Boudica que oferecer o seu agora?

Durante longos instantes a rainha aninhou a cabeça loira da rapariga contra o seu peito. Depois a sua mão caiu. Argantilla endireitou-se, a chorar, e Caw tomou-a nos braços.

— Lhiannon — murmurou Boudica e a sacerdotisa obrigou as pernas a transportarem-na até junto da rainha. — Tínhamos um acordo. Cumpriste a tua parte. Peço-te agora que me libertes da minha promessa.

— A deusa absolveu-te — disse Lhiannon numa voz tensa. — Não precisas da minha permissão.

Boudica abanou a cabeça com um pequeno sorriso.

— Não... só do teu perdão. Minha querida, foste melhor para mim do que aquilo que eu mereço. Deixo-te o meu amor...

Mas ainda assim deixas-me..., pensou Lhiannon quando os seus olhos se encontraram.

— Fazemos o que tem que ser feito — disse em voz alta. — *Tenho de te deixar partir, mas não darei o meu acordo e passar-se-á muito tempo até que perdoe os deuses.*

Boudica estendeu os braços e, pela última vez, Lhiannon abraçou-a, o coração novamente despedaçado quando sentiu o quanto emagrecera o corpo por baixo da túnica branca. Quando a soltou Boudica deu um grande suspiro e os seus olhos fecharam-se.

— Senhora, como estais? — perguntou Brangenos depois de alguns segundos.

— Sinto-me muito leve — na voz de Boudica havia encantamento — e não sinto dor. Acho melhor agirem rapidamente, ou partirei sem ter feito o meu trabalho.

— Os preceitos do ritual são muito claros... — disse Brangenos suavemente. — O sangue do soberano tem que ser vertido. Tem que ser um sacrifício voluntário. A água que vem da fonte transportá-lo-á para a terra.

— Então que assim seja... — A rainha estendeu primeiro um braço e depois o outro e, com um golpe rápido, ele passou-lhe a lâmina sobre as veias. O sangue jorrou, carmim, sobre a pele branca, correndo em espirais e gotejando sobre as pedras.

— Agora ponham-me no lago...

*

— Contemplai o Caldeirão dos Poderosos. —A voz do druida parecia vir de muito longe.

Boudica estremeceu quando a maca foi erguida e descida pelos degraus até ao lago. Os braços ardiam-lhe onde a faca os cortara, mas comparado com aquilo que suportara durante tanto tempo, quase nem era dor. Sangrava abundantemente e já se sentia estonteada, a força abandonado o seu corpo. O sangue floria numa nuvem carmim sob as águas tingidas de ferro, correndo pelo canal que saía do lago e espalhando-se como uma bruma luminosa.

Desejara ouvir uma vez mais a voz da deusa dentro de si, mas ao menos Ela falara através de Lhiannon. *Se me for permitido*, enviou um último pensamento à sua amiga, *virei visitar-te, tal como Prasutagos me visitou a mim...*

— Que as águas te recebam... — A voz de Brangenos tremia. — Este é o Caldeirão de Dagdevos no qual renascerás.

Senhora dos Corvos, acrescentou ela silenciosamente. *Sou o teu sacrifício.*

Boudica, veio a resposta, *tu és a Minha vitória.*

As águas frescas fecharam-se sobre ela e levaram-na.

*

E estava Noutro Sítio, nua no meio de uma corrente, inteira, forte e não era o Eu que conhecera.

Com um choque de reconhecimento, Boudica percebeu que se unira a Morrigan. Com um enorme alívio atirou a cabeça para trás e riu e, como num eco, ouviu uma gargalhada rouca em resposta. *Ele* estava de pé na margem, louro e robusto, apoiado no Seu cajado, o Seu outro bastão erguendo a frente da túnica absurdamente curta que envergava.

— Dagdevos... — Desafiou-O. E a parte Dela que era Boudica reconheceu Prasutagos sorrindo através dos olhos do deus.

Ela apanhou água com as mãos e despejou-a entre as coxas, o toque da água enviando uma sensação de dormência por toda a pele. Olhou-O novamente. Ele tirara a túnica e pousara o cajado. Ereto e pronto, entrou na água, enterrou os pés no leito do rio e puxou-A para os Seus braços.

— Agora chegou o momento de nos unirmos — a Sua voz rouca trovejou contra os Seus cabelos. — Que a tua raiva seja satisfeita. Liberta o corvo e transforma-te em pomba e que a destruição termine. Aceita o sacrifício da mulher.

Ergueu-a e ela abraçou-o com uma perna, dando e recebendo, a sua paixão excitando o poder dele, a paz dele transformando a sua ira em amor até estremecerem, finalmente, em equilíbrio.

E, enquanto as águas da fonte sagrada levavam o sangue da rainha para a terra da Britânia, o poder que corria de Avalon iniciou a sua cura.

EPÍLOGO

Lhiannon fala:

A escuridão caiu e o vento gane, através dos ramos nus, como os cães de Boudica. Nesta estação a Morrigan cavalga pelos campos, mas eu não lhe dou as boas vindas. Desde que a nossa comunidade se estabeleceu em Vememeton, a Deusa já falou muitas vezes através de mim, mas nunca mais abri a minha alma à Senhora dos Corvos.

E, no entanto, Ela falou com verdade. Após a morte de Boudica, mandei vir Caillean de Eriu. Vivemos algum tempo na torre de pedra da costa norte, mas mesmo àquele local solitário chegaram rumores do terror que se seguiu à batalha em Manduessedum. O Governador Paulinus procurou restaurar a honra perdida através do fogo e da espada e, no Verão seguinte, não havia praticamente uma única quinta nem forte em pé nas terras dos Icenos. Mas o procurador que substituiu Decianus Catus percebeu que tinham sido os crimes romanos que tinham levado o povo ao desespero e deteve o governador antes que ele destruísse a Britânia. E, gradualmente, a paz começou a regressar.

Ainda agora a maior parte do reino de Boudica continua entregue à desolação. Mas Argantilla e Caw acabaram por regressar e construíram uma casa perto do local onde outrora existira Ramshill e arrancam ao solo a sua sobrevivência. Os Romanos reconstruíram as cidades destruídas. Camulodunum e Londinium e Verulamium são maiores do que nunca e, tal como Caratac receava, os filhos dos nossos chefes aprendem Latim e tomam-se cidadãos.

Na Primavera seguinte, as sacerdotisas grávidas devido às violações dos Romanos pariram os seus bastardos. Algumas das meninas bebês foram afogadas, mas os rapazes foram reclamados pela Sociedade dos Corvos. Coventa deu à luz um filho, tal como sonhara, e morreu durante o parto. Bendeigid criou-o como se fosse seu.

Nos anos que se seguiram ao ataque a Mona, Ardanos não parou de viajar através da Britânia, visitando os membros sobreviventes da nossa Ordem e revelando-se, a seu tempo, a alguns dos Romanos mais liberais e tomando-se seu aliado. Pergunto-me se eles alguma vez terão percebido o rebelde que ele fora na sua juventude. A Deusa sabe que ele é um modelo do que deve ser hoje em dia um sacerdote de um povo conquistado.

Suponho que a sua submissão foi justificada. Quatro anos após o incêndio de Oakhalls, obtive permissão para estabelecer uma comunidade em Vememeton, onde as nossas sacerdotisas poderiam viver isoladas do mundo. Os Romanos parecem ter esquecido as fúrias de vestes escuras que os aterrorizaram nas praias de Mona e acham-nos semelhantes às suas Vestais.

Os sacerdotes seguiram a escolha de Ardanos e fizeram-me alta sacerdotisa, tal como a Senhora Mearan em tempos previra. Há dias em que tenho dificuldade em recordar com exatidão como isto aconteceu. Mas suponho que a Deusa aprova, pois envelheci no posto. Caillean tomou-se uma ótima sacerdotisa, tão boa como qualquer uma das que tínhamos em Mona, embora não me pareça que o Conselho dos Druidas a vá aceitar como minha sucessora. Ela pensa pela sua cabeça e não anda ao sabor da vontade de nenhum homem.

Nunca mais regressei a Avalon e agora já não tenho forças para fazer essa viagem, mesmo que o desejasse. Embora Caillean me ame demasiado para o admitir, parece-me que em breve encontrarei o caminho para seguir Boudica. Confio que ela me perdoará por ter tentado conservá-la, assim como lhe perdoei por me ter deixado. Fiz o que estava ao meu alcance para preservar a fé do nosso povo, embora houvesse ocasiões em que eu própria perdi toda a fé. Os nossos costumes não desaparecerão.

Vem aí a procissão que escolta a Égua Branca, mas mais forte do que as suas vozes, soa a canção do vento. Do vento que transportou as cinzas de Boudica através da Britânia. O nosso povo não pronuncia o seu nome em locais onde os Romanos os possam ouvir, mas ela é recordada.

Roma não dá às nossas mulheres nem mesmo a pouca liberdade que permite aos nossos homens. Mas em tempos, uma mulher fez frente ao poder de Roma e, durante um terrível e brilhante Verão, a vitória foi sua.

POSFÁCIO

Quando a saúde de Marion Zimmer Bradley começou a vacilar durante a escrita de *A Casa da Floresta*, ela pediu-me que a ajudasse a terminar o livro. A invenção de Marion da Sociedade dos Corvos, uma sociedade secreta de filhos das sacerdotisas druidas violadas por soldados romanos durante o ataque à ilha de Mona, situava a história na segunda metade do século I. Mas o contexto de *A Casa da Floresta* oferecia possibilidades ainda mais atraentes, incluindo a conquista romana da Britânia e a rebelião conduzida pela Rainha Boudica, o que fez com que eu e Marion prometêssemos mutuamente tratar um dia dessa história.

Neste livro tive finalmente a oportunidade de o fazer. Durante o processo debati-me com uma série de problemas que uma escritora de ficção pode normalmente ignorar. Por mais bravamente que Boudica se tenha batido, ou por mais poderosa que tenha sido a magia dos Druidas, a História diz-nos que falharam, tal como através dos tempos outros povos bons e corajosos acabaram também do

lado dos vencidos ou, ao resistirem, cometeram os mesmos crimes que os seus inimigos.

Por que é que os deuses permitem tais injustiças? Poderá o destino sobrepor-se tanto à virtude como ao livre-arbítrio? Não finjo ter resolvido os problemas com que os humanos se têm debatido ao longo da História. Posso apenas esperar que este livro vos leve, tal como aconteceu comigo, a pensar mais nessas questões.

Os acontecimentos desta história são baseados nas provas históricas e arqueológicas existentes. A invasão da Britânia por

Cláudio teve lugar em 43 d. C. A revolta de Boudica e o ataque romano aos Druidas ocorreu em simultâneo, em algum lugar em 60 d. C. Para ver fotos de alguns dos sítios arqueológicos e para a seqüência cronológica, bem como outras informações sobre a forma como organizei a história, bem como para obter informações sobre outros romances sobre Avalon, basta acessar ao meu site na Internet: <http://www.avalonbooks.net>.

Estamos a viver um renascimento do interesse por Boudica. Biografias recentes foram escritas por M. J. Trow, Graham Webster e Vanessa Collingridge. Para uma visão diferente da conquista romana, pode ler-se *The Heirs of King Verica*, de Martin Henig. Ao fazer pesquisas para este livro, também usei os sítios na Internet dedicados às antiguidades britânicas. No que concerne o local e a seqüência da última batalha de Caratac, recorri ao trabalho de Graham J. Morris:

www.battlefieldanomalies.com/caradoc/index.htm.

Estou grata ao pessoal do Sedgeford Historical and Archaeological Research Project (SHARP), especialmente ao Dr. Neil Faulkner, por ter tirado tempo ao seu trabalho para falar comigo quando visitei os locais a que chamei «Santuário do Cavalo» e «Ramshill». Para obter informações sobre achados naquela área pode consultar-se a produção da BBC, «Boudica's Treasure», o livro *The Sedgeford Hoard* e a página do SHARP na Internet: <http://www.sharp.org.uk/>. Os pormenores dos projetos das construções de Prasutagos baseiam-se nas *East Anglian Archaeology Publications Reports EAA 30 e 53*, que descrevem escavações em Norfolk. Quaisquer erros de interpretação são meus.

A quem desejar visitar o (mais provável) local da última batalha de Boudica, junto a Macetter, recomendo a Old House B&B (39 Watling St., Witherly, Warwickshire). O campo de batalha fica do outro lado da A-5 e desse B&B.

Samaine, 2006

¹ Hurley — Desporto de origem celta jogado com um *stick* e uma bola. (*N. da T.*)

² Carynx. Trombeta de bronze usada pelos Celtas, com cerca de três metros e meio de comprimento. (*N. da T.*)

³ Torque — Colar metálico rígido e circular usado, entre outros povos antigos, pelos Bretões. (*N. da T.*)

⁴ Pillum — Lança em ferro e madeira usada pelas legiões romanas. (*N. da T.*)

⁵ Dun — Termo gaélico que significa forte. (*N. da T.*)

⁶ Lughnasa — Festival celta habitualmente celebrado a 1 de Agosto e que festeja as colheitas. (*N. da T.*)